



**NOVELAS EXEMPLARES  
CERVANTES**

IEW

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**NOVELAS  
EXEMPLARES  
CERVANTES**

COSACNAIFY



TRADUÇÃO ERNANI SSO'

ILUSTRAÇÕES VÂNIA MIGNONE





**PRÓLOGO**

**AO LEITOR**





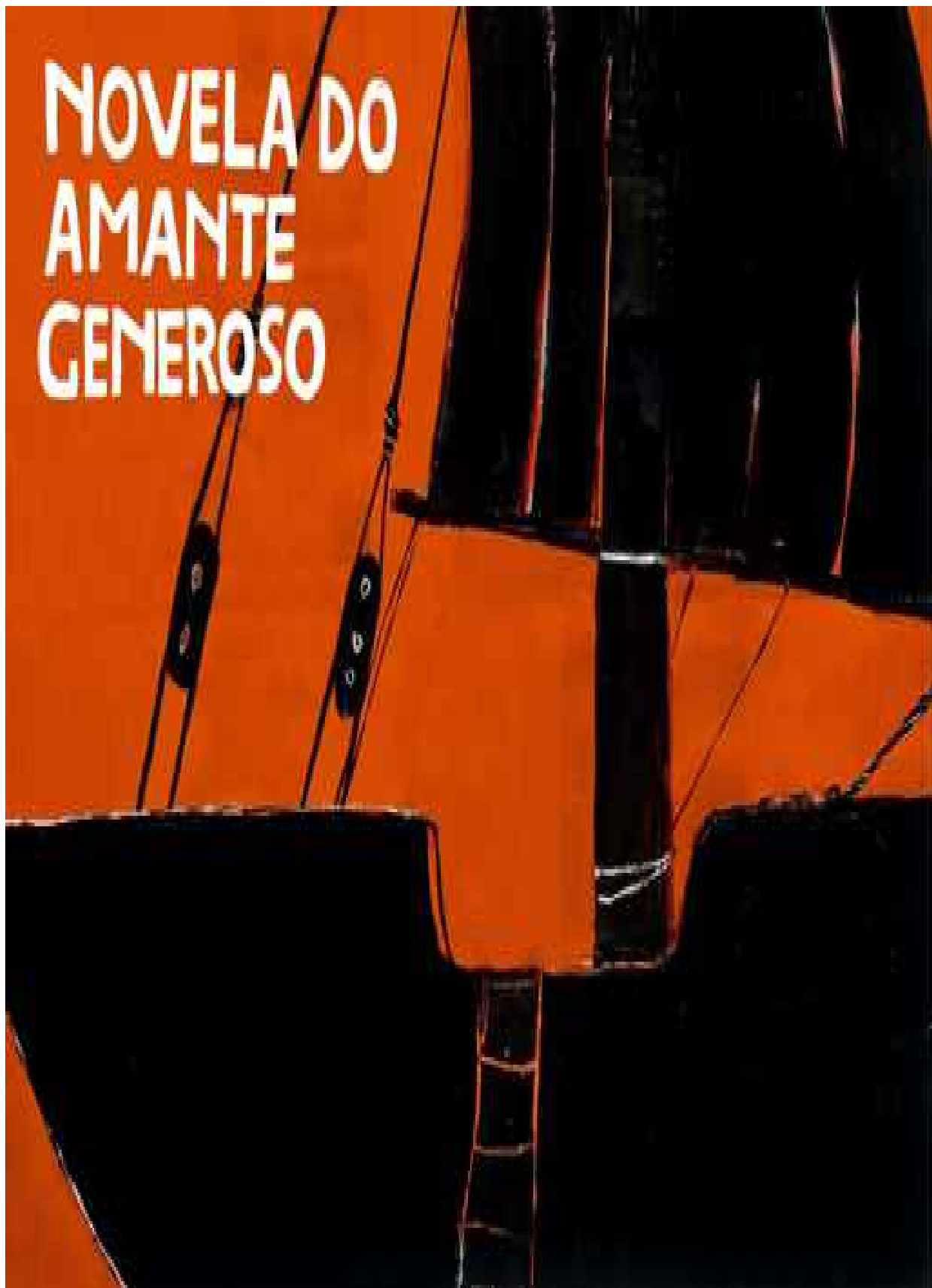


# NOVELA DA CIGANINHA





# NOVELA DO AMANTE GENEROSO







**NOVELA DE  
RINCONETE E  
CORTADILLO**





**NOVELA DA  
ESPANHOLA  
INGLESA**







**NOVELA DO  
LICENCIADO  
VIDRAÇA**



**NOVELA DA  
FORÇA  
DO SANGUE**







**NOVELA DO  
CIUMENTO DA  
ESTREMADURA**





**NOVELA DA  
ILUSTRE  
FREGONA**





NOVELA

DAS DUAS  
DONZELAS



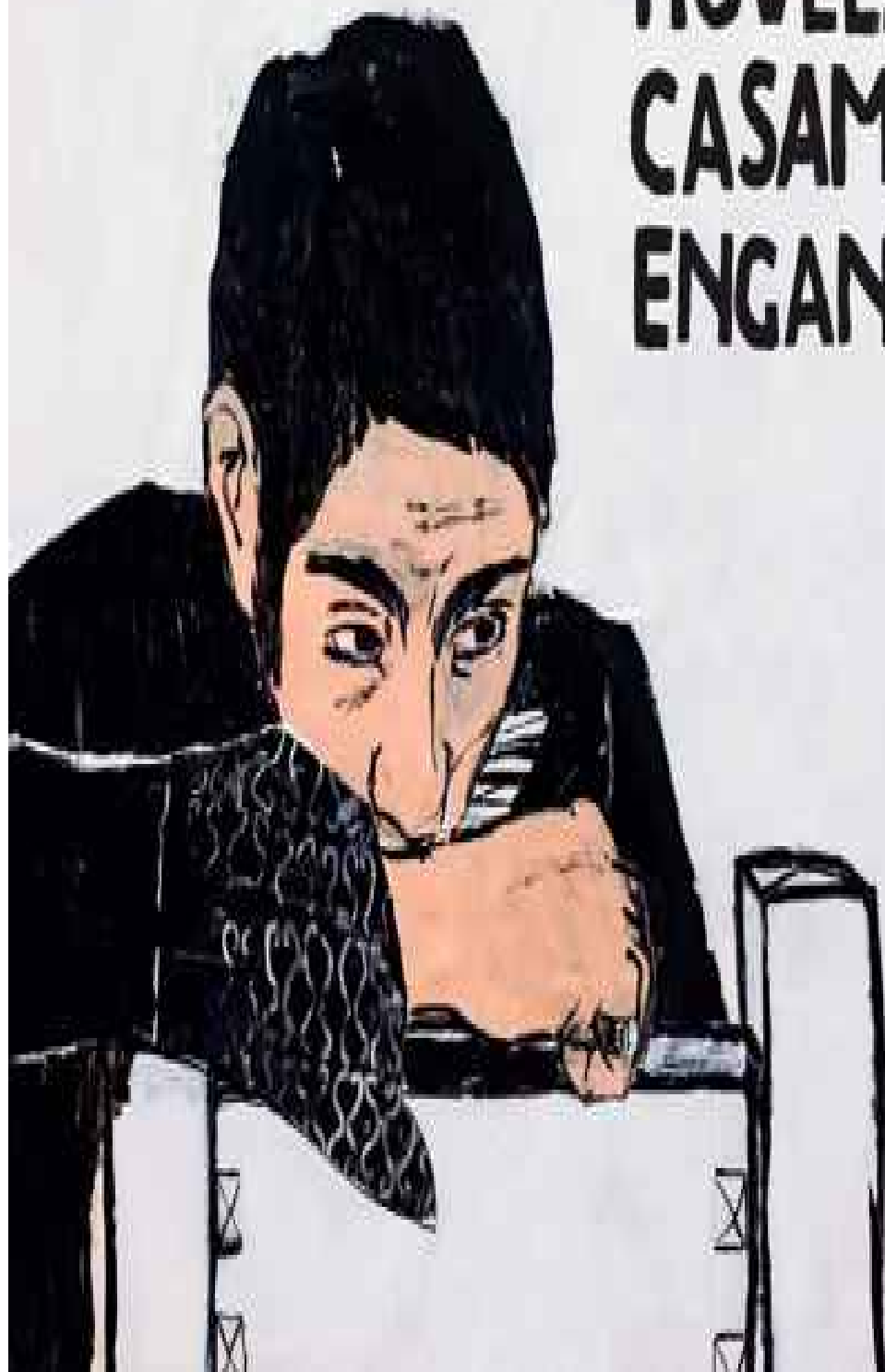




**NOVELA DA  
SENHORA  
CORNÉLIA**



# NOVELA DO CASAMENTO ENGANOSO





**NOVELA E  
COLOQUIO QUE  
HOVE ENTRE  
CIPIAO E  
BERGANZA**







# ANEXOS



# SUMÁRIO

PRÓLOGO AO LEITOR  
NOVELA DA CIGANINHA  
NOVELA DO AMANTE GENEROSO  
NOVELA DE RINCONETE E CORTADILLO  
NOVELA DA ESPANHOLA INGLESA  
NOVELA DO LICENCIADO VIDRAÇA  
NOVELA DA FORÇA DO SANGUE  
NOVELA DO CIUMENTO DA ESTREMADURA  
NOVELA DA ILUSTRE FREGONA  
NOVELA DAS DUAS DONZELAS  
NOVELA DA SENHORA CORNÉLIA  
NOVELA DO CASAMENTO ENGANOSO  
NOVELA E COLÓQUIO QUE HOUE ENTRE CIPÍÃO E BERGANZA  
ANEXOS

## PRÓLOGO AO LEITOR

Eu gostaria, se fosse possível, caríssimo leitor, de me eximir de escrever este prólogo, porque não me saí tão bem no que fiz para meu Dom Quixote a ponto de querer me arriscar neste. A culpa disso é de um amigo, dos muitos que conquistei no curso de minha vida, mais por minha índole que com meu talento. Como é uso e costume, esse amigo bem poderia me gravar e me esculpir na primeira página deste livro, pois o famoso dom Juan de Jáurigui lhe daria meu retrato,<sup>1</sup> e com isso minha ambição ficaria satisfeita, e também o desejo de alguns que querem saber qual o rosto e o porte de quem se atreve a apresentar tantas invenções nas feiras do mundo, aos olhos das pessoas, pondo embaixo do retrato: “Este que vedes aqui, de rosto aquilino, de cabelo castanho, testa lisa e desembaraçada, de olhos alegres e nariz curvo, embora bem-proporcionado; as barbas de prata, que não faz vinte anos eram de ouro, os bigodes grandes, a boca pequena, os dentes nem miúdos nem numerosos, porque tem apenas seis, e estes em más condições e piores disposições, porque não se encaixam uns com os outros; o corpo entre os dois extremos, nem grande nem pequeno, de cor viva, mais branca que morena; as costas meio castigadas e não muito ligeiro de pés – este, digo, é o rosto do autor de A Galateia e de Dom Quixote de La Mancha, e do que escreveu a Viagem do Parnaso, à imitação da de César Caporal Perusino, e outras obras que andam extraviadas por aí, talvez sem o nome de seu dono. Chama-se comumente Miguel de Cervantes Saavedra. Foi soldado muitos anos e escravo cinco e meio, quando aprendeu a ter

paciência nas adversidades. Na batalha naval de Lepanto, perdeu a mão esquerda com um tiro de arcabuz, ferida que, mesmo que pareça feia, ele considera bela, por tê-la conseguido na mais memorável e alta ocasião que os séculos passados viram, nem esperam ver os futuros, militando sob as bandeiras vitoriosas do filho do raio da guerra, Carlos V, de feliz memória". E, se à memória desse amigo de quem me queixo não ocorressem outras coisas para dizer além das que mencionei, eu poderia arranjar por minha conta, em segredo, duas dúzias de depoimentos com que difundiria meu nome e engrandeceria meu talento. Pois é um disparate pensar que tais elogios dizem piamente a verdade, já que nem as louvações nem os vitupérios têm exatidão nem fundamento.

Enfim, como essa oportunidade passou, e eu fiquei sem retrato e a ver navios, será forçoso me valer de meu próprio bico, que, embora gaguejante, saberá dizer verdades que, ditas por gestos, costumam ser entendidas. E assim te digo outra vez, caro leitor, que de jeito nenhum adianta procurar pelo em ovo nestas novelas que te ofereço, porque elas não têm cabelo, nem barba, nem bigode, nem coisa parecida; quero dizer que os galanteios amorosos que acharás em algumas são tão puros e tão medidos pela razão e pela doutrina cristã que não poderão levar a maus pensamentos o descuidado ou cuidadoso que as ler.

Chamei-as de Exemplares, e, se olhares bem, verás que não há nenhuma de que não se possa tirar algum exemplo proveitoso; e, se não fosse espichar demais este assunto, talvez te mostrasse o saboroso e honesto fruto que se poderia colher, tanto de todas juntas como de cada uma em particular.

Minha intenção foi colocar na praça de nossa república uma mesa de bilhar, onde cada um pode se divertir, sem prejuízo dos sapeadores; digo sem prejuízo da alma nem do corpo, porque os exercícios honestos e agradáveis são mais proveitosos que prejudiciais.

Sim, porque nem sempre se está nos templos; nem sempre se ocupam os oratórios; nem sempre se lida com negócios, por mais importantes que sejam. Há horas de recreação, para que o espírito aflito descanse.

Para isso se plantam as alamedas, buscam-se as fontes, aterram-se as encostas e se cultivam cuidadosamente os jardins. Mas uma coisa me atreverei a te dizer: se de alguma forma a lição destas novelas pudesse induzir o leitor a algum mau desejo ou pensamento, eu preferiria cortar a mão com que as escrevi a publicá-las. Já não tenho mais idade para zombar da outra vida, pois aos meus cinquenta e cinco anos ganho mais nove por apressado.

A isso se aplicou meu engenho, a isso me leva minha vocação, e penso, o que é verdade, que sou o primeiro que escreveu novelas em língua castelhana, porque as muitas que andam impressas nela são todas traduzidas de línguas estrangeiras, e estas são de minha autoria, não imitadas nem furtadas; meu talento as criou e minha pena as pariu, e vão crescendo nos braços da imprensa. Depois delas, se a vida não me deixar, te ofereço os Trabalhos de Persiles,<sup>2</sup> livro que se atreve a competir com Heliodoro, se por atrevido não meter os pés pelas mãos; mas primeiro verás ampliadas, e brevemente, as façanhas de dom Quixote e as graças de Sancho Pança, e a seguir as Semanas do jardim.

Prometo muito, para forças tão pequenas como as minhas, mas quem porá rédeas aos desejos? Quero apenas que consideres que, se eu tive a ousadia de dedicar estas novelas ao grande conde de Lemos, elas têm algum mistério escondido que as eleva.

De resto, desejo apenas que Deus te guarde e a mim dê paciência para suportar bem o mal que vão dizer de mim mais de quatro melindrosos e emproados. Adeus.

---

<sup>1</sup> Poeta e pintor sevilhano (1583-1641) que foi inimigo de quase todos os poetas de sua geração. O retrato mencionado, e que foi muito reproduzido, hoje é propriedade da Real Academia Espanhola, mas não há provas de sua autenticidade.

<sup>2</sup> O livro Os trabalhos de Persiles e Sigismunda foi publicado postumamente, em 1617.

A DOM PEDRO FERNÁNDEZ DE CASTRO,  
conde de Lemos, de Andrade e de Villalba, marquês de Sarrià,  
gentil-homem da Câmara de Sua Majestade, vice-rei,  
governador e capitão-geral<sup>1</sup> do reino de Nápoles, comendador  
da Encomenda<sup>2</sup> da Zarza da Ordem de Alcântara.

Em dois erros, quase sempre, caem os que dedicam suas obras a algum príncipe. O primeiro é que na carta que chamam dedicatória, que deve ser muito curta e sucinta, de propósito e lentamente, levados pela verdade ou pela lisonja, se estendem trazendo à memória não só as façanhas de seus pais e avôs como as de todos os seus parentes, amigos e benfeitores. O segundo é lhes dizer que as põem sob sua proteção e amparo para que as línguas maledicentes e mexeriqueiras não se atrevam a mordê-las e lacerá-las.

Eu, então, fugindo desses inconvenientes, passo em silêncio aqui as grandezas e os títulos da antiga e real casa de Vossa Excelência, com suas infinitas virtudes, tanto naturais como adquiridas, deixando-as para que os novos Fídias e Lísipos procurem mármore e bronzes nos quais gravá-las e esculpi-las, para que sejam exemplos à duração dos tempos.

Tampouco suplico a Vossa Excelência que receba em sua tutela este livro, porque sei que, se ele não for bom, mesmo que o ponha debaixo das asas do hipogrifo de Astolfo e à sombra da clava de Hércules, os Zoilos, os cínicos, os Aretinos e os Bernias<sup>3</sup> não deixarão de afiar seus vitupérios, sem manter respeito por ninguém. Suplico apenas que Vossa Excelência note que lhe envio, como quem não diz nada, doze histórias que, se não houvessem sido forjadas na oficina de meu entendimento, teriam a presunção de pôr-se ao lado das mais atiladas.

Tais como são, aí vão, e eu fico aqui contentíssimo por me parecer que demonstro um pouco o desejo que tenho de servir a Vossa Excelência como a meu verdadeiro senhor e benfeitor. Guarde nosso Senhor etc.

De Madri, a catorze de julho de mil seiscentos e treze.

Criado de Vossa Excelência,  
Miguel de Cervantes Saavedra

---

1 Maior patente no exército espanhol.

2 Cargo dotado de renda dado a alguns cavaleiros.

3 Referências ao retórico Zoilo (c. 400 aC- c. 320 aC), ao escritor satírico Pietro Aretino (1492-1556) e ao poeta Francesco Berni (1496-1536).

# NOVELA DA CIGANINHA





PARECE QUE OS ciganos e as ciganas vieram ao mundo apenas para ser ladrões: nascem de pais ladrões, criam-se com ladrões, estudam para ladrões e, enfim, acabam ladrões de cima a baixo, de dia e de noite, e a vontade de furtar e o próprio furto são como que traços inseparáveis neles, que apenas a morte elimina. Assim, uma desta nação, cigana velha, que podia ser aposentada na ciência de Caco, criou uma moça como neta sua, a quem chamou de Preciosa e a quem instruiu em todas as suas ciganices, formas de logro e maneiras de furtar. A tal Preciosa se tornou a melhor dançarina que se viu entre os ciganos, e a mais bela e sagaz que possa se encontrar, não entre os ciganos, mas entre quantas belas e sagazes a fama poderia proclamar. Nem os sóis, nem os ares, nem todas as inclemências a que os ciganos estão sujeitos mais que outros povos puderam macular seu rosto nem curtir suas mãos; e, mais importante, o meio tosco em que foi criada não revelava nela senão ser nascida com maiores atributos que os de cigana, porque era cortês ao extremo e bem-pensante. Apesar disso, era um tanto desembaraçada, mas não de modo que revelasse algum tipo de falta de pudor. Na verdade, por ser arguta, era tão pura que em sua presença nenhuma cigana, nem velha nem jovem, ousava cantar canções lascivas nem dizer grosserias. Enfim a avó descobriu o tesouro que tinha na neta e, por isso, a águia velha resolveu botar sua aguiazinha a voar e ensiná-la a viver com suas próprias garras.

Preciosa saiu rica de vilancicos, coplas, seguidilhas e sarabandas, e de outros versos, especialmente de romances, que cantava com especial galhardia. Porque a velhaca de sua avó percebeu que tais canções e habilidades, mais os poucos anos e a grande formosura da neta, haviam de ser felicíssimos atrativos e incentivos para aumentar seu cabedal. Assim, procurou-as por todos os meios que

pôde, e não faltaram poetas que as dessem, porque também há poetas que se dão bem com ciganos, e vendem a eles suas obras, como existem poetas para cegos, a quem fingem milagres e vão pela parte do lucro. Há de tudo no mundo, e a fome talvez lance os talentos em coisas que não estão no mapa.

Preciosa cresceu em diversas partes de Castela e, aos quinze anos, sua suposta avó levou-a de volta a Madri – ao seu antigo acampamento nos campos de Santa Bárbara, onde comumente os ciganos ficavam –, pensando em vender sua mercadoria na corte, onde tudo se compra e tudo se vende. E a primeira entrada que Preciosa fez na cidade foi num dia de Santa Ana, padroeira e defensora da vila, com uma dança em que iam oito ciganas, quatro anciãs e quatro moças, e um cigano, grande bailarino, que as guiava. E embora todas fossem limpas e bem-vestidas, o apuro de Preciosa era tal que pouco a pouco foi enamorando os olhos de quantos a olhavam. Por entre o som do tamborim e das castanholas, no auge da dança, surgiu um murmúrio que enaltecia a beleza e elegância da ciganinha, e os rapazes corriam para vê-la, e os homens para olhá-la. Mas quando a ouviram cantar, pois a dança era cantada, santo Deus! Aí sim é que ganhou alento a fama da ciganinha, e de comum acordo os mandatários da festa lhe concederam o prêmio e troféu da melhor dança; e, quando a apresentaram na igreja de Santa Maria, diante da imagem de Santa Ana, depois de todas terem dançado, Preciosa pegou uns guizos, ao som dos quais, dando longas e rapidíssimas voltas ao redor, cantou o seguinte romance:

Árvore preciosíssima  
que tardou em dar fruto  
anos que puderam  
cobri-la de luto,

e fazer os desejos  
do consorte puros,  
contra sua esperança

não muito bem seguros;

de cuja demora  
nasceu aquele desgosto  
que expulsou do templo  
o varão mais justo:

santa terra estéril,  
que por fim produziu  
toda a abundância  
que sustenta o mundo;

casa de moeda,  
onde se forjou o cunho  
que deu a Deus a forma  
que como homem teve;

mãe de uma filha  
em quem quis e pôde  
Deus mostrar grandezas  
sobre humano curso.

Por vós e por ela  
sois, Ana, o refúgio  
onde buscam remédio  
nossos infortúnios.

De certa maneira,  
tendes, não duvido,  
sobre o neto império  
piedoso e justo.

Por ser moradora  
da fortaleza máxima,

foram mil parentes  
juntos convosco.

Que filha, e que neto,  
e que genro! Agora,  
por ser causa justa,  
cantáreis triunfos.

Mas vós, humilde,  
fostes o colégio  
onde vossa filha  
fez humildes cursos,

e agora a seu lado,  
mais próxima a Deus,  
gozais da sublimidade  
que apenas pressinto.<sup>1</sup>

A canção de Preciosa causou admiração a quantos a ouviram. Uns diziam: "Deus te abençoe, moça!". Outros: "Pena que esta mocinha seja cigana! Na verdade, merecia ser filha de um grande senhor". Havia outros, mais grosseiros, que diziam: "Deixem a menina crescer que logo fará das suas! Com certeza vai se formando nela uma bela rede de arrastão para pescar corações!". Outro, mais humano, mais tosco e mais lerdo, vendo-a andar tão ligeira na dança, disse-lhe: "Vamos, filha, vamos! Basta de conversa, meu amor, e levantai a poeira!". E ela respondeu, sem deixar de dançar: "Levantarei, e vós não espirreis!".

Acabaram-se a tarde e a festa de Santa Ana, e Preciosa se cansou um pouco; mas foi tão celebrada como bela, sagaz e espirituosa, e como dançarina, que era assunto em todos os grupinhos na corte toda. Dali a quinze dias, voltou a Madri com outras três moças, com guizos e uma dança nova, todas munidas de romances e de canções alegres, mas todos honestos, pois Preciosa

não consentia que as que fossem em sua companhia cantassem canções descaradas, nem ela as cantou jamais, e muitos notaram isso e a tiveram em alta conta. A cigana velha nunca se afastava de Preciosa, com os cem olhos de Argos, com medo de que a roubassem e sumissem com ela; chamava-a neta, e ela a tinha por avó. Puseram-se a dançar à sombra na rua de Toledo, e os que as vinham seguindo logo formaram um grande grupo; e, enquanto dançavam, a velha pedia esmolas às pessoas, e na mão dela as moedas choviam mais que baba de louco, pois também a beleza tem o poder de despertar a caridade adormecida.

Finda a dança, Preciosa disse:

– Se me derem dezesseis maravedis, eu lhes cantarei sozinha um romance, lindíssimo ao extremo, que trata de quando a rainha, nossa senhora Margarita, foi à missa da purificação<sup>2</sup> em Valladolid e foi a San Llorente. Digo-lhes que é famoso, e composto não por um poeta qualquer, mas como que o porta-bandeira deles.

Mal disse isso, quase todos os que estavam na roda disseram aos gritos:

– Canta, Preciosa, e vê aqui meus maravedis!

E assim os maravedis choveram como granizo sobre ela, que à velha faltavam mãos para pegá-los. Assim, colhido mal havia plantado, Preciosa repicou seus guizos e, em tom ligeiro e desembaraçado, cantou o seguinte romance:

Foi à missa da purificação  
a maior rainha da Europa,  
no valor e no nome  
rica e admirável joia.

Como os olhos ela leva,  
leva as almas todas  
de quantos miram e admiram  
sua devoção e sua pompa.

E para mostrar que é parte

do céu na terra toda,  
de um lado leva o sol da Áustria;  
do outro, a terna Aurora.

Atrás a segue  
um astro<sup>3</sup> que fora de hora  
surgiu, na noite do dia  
que o céu e a terra choram.

E se no céu há estrelas  
que carros brilhantes formam,  
em outros carros seu céu  
vivas estrelas adornam.

Aqui o velho Saturno  
a barba bruna e remoça,  
e, embora seja lerdo, vai ligeiro,  
pois o prazer cura a gota.

O deus tagarela vai nas línguas  
lisonjeiras e amorosas,  
e Cupido em diversas iniciais,  
que rubis e pérolas bordam.

Ali vai o furioso Marte<sup>4</sup>  
na pessoa curiosa  
de mais de um jovem valente,  
que de sua sombra se assombra.

Junto à casa do Sol<sup>5</sup>  
vai Júpiter, pois não há coisa  
difícil ao privilégio  
fundado em prudentes obras.

A Lua vai nas faces  
de uma e outra deusa humana;  
Vênus casta, na beleza  
das que formam este céu.

Pequeninos Ganimedes  
cruzam, vão, voltam e retornam  
pelo cinto rebitado  
desta esfera milagrosa.

E para que tudo admire  
e tudo assombre, não há coisa  
que de generosa não passe  
ao extremo de pródiga.

Milão com seus ricos tecidos  
ali vai em vista curiosa;  
as Índias com seus diamantes,  
e Arábia com seus aromas.

Com os mal-intencionados  
vai a inveja mordedora,  
e a bondade nos peitos  
da lealdade espanhola.

A alegria universal,  
fugindo da aflição,  
ruas e praças percorre,  
descomposta e quase louca.

A mil mudas bênçãos  
abre o silêncio a boca,  
e repetem os rapazes  
o que os homens entoam.



Um diz: "Fecunda videira,  
cresce, sobe, abraça e toca  
teu olmo feliz  
que mil séculos te faça sombra

para glória de ti mesma,  
para bem da Espanha e honra,  
para arrimo da Igreja,  
para assombro de Maomé."

Outra língua clama e diz:  
"Vivas, oh, branca pomba!,  
que haverás de nos dar por crias  
águias de duas coroas,

para afugentar dos ares  
as de rapina furiosas;  
para cobrir com suas asas  
as virtudes medrosas."

Outra, mais prudente e grave,  
mais arguta e mais curiosa,  
diz, vertendo alegria  
pelos olhos e boca:

"Esta pérola que nos deste,  
nácar da Áustria, única e solitária,  
quantos artifícios rompe!,  
quantos desígnios corta!,  
quantas esperanças infunde!,  
quantos desejos malogra!,  
quantos temores aumenta!,  
quantos fecundados aborta!"

Então chegou ao templo  
do Fênix santo que em Roma  
foi queimado,<sup>6</sup> e ficou vivo  
na fama e na glória.

À imagem da vida,  
à do céu senhora,  
à que por ser humilde  
as estrelas pisa agora,

à Mãe e Virgem junto,  
à filha e à esposa  
de Deus, caída de joelhos,  
Margarita assim declara:

“O que me deste te dou,  
mão sempre dadivosa;  
pois, onde falta teu favor,  
a miséria sempre sobra.

Os tributos de meus frutos  
te ofereço, Virgem formosa:  
assim como os vês,  
recebe, ampara e melhora.

O pai<sup>7</sup> dele te encomendo,  
pois, humano Atlas, se curva  
ao peso de tantos reinos  
e de climas tão remotos.

Sei que o coração do rei  
nas mãos de Deus mora,  
e sei que podes com Deus  
quanto queres piedosa.”

Finda esta oração,  
outra semelhante entoam  
hinos e gritos que mostram  
que no chão está a glória.

Findos os ofícios  
com reais cerimônias,  
voltou a seu lugar este céu  
e astro maravilhoso.

Mal Preciosa acabou seu romance, no ilustre e grave auditório se formou, de muitas vozes, uma só, que disse:

– Canta de novo, Preciosa, pois, como a esperança, não faltarão maravedis.

Mais de duzentas pessoas estavam assistindo à dança e ouvindo o canto das ciganas, e no auge deles aconteceu de passar por ali um dos aguazis da vila que, vendo tanta gente reunida, perguntou o que era, e lhe responderam que estavam ouvindo a cigarinha bonita que cantava. O aguazil se aproximou, pois era curioso, e ouviu um instante, mas, para não desmerecer a gravidade de seu cargo, não ouviu o romance até o fim. Tendo considerado a cigarinha admirável ao extremo, mandou um pajem seu dizer à cigana velha que ao anoitecer fosse à sua casa com as ciganinhas, pois queria que sua mulher, dona Clara, as ouvisse. Assim fez o pajem, e a velha disse que iria.

Acabaram a dança e o canto, e elas foram embora. Mas então chegou um pajem muito bem-vestido que, dando um papel dobrado a Preciosa, disse:

– Preciosinha, canta o romance anotado aqui, porque é muito bom, e eu te darei outros de quando em quando, e ganharás fama de melhor romancista do mundo.

– Eu o aprenderei com muito prazer – respondeu Preciosa. – Olhe, senhor, como disse, não deixe de me dar outros romances, com a condição de que sejam honestos. E se quiser que os pague,

vamos combinar por dúzias: dúzia cantada, dúzia paga, porque pensar que tenho de lhe pagar adiantado é pensar o impossível.

– Mesmo que a senhora Preciosa me dê apenas para o papel – disse o pajem –, ficarei contente. Além do mais, o romance que não sair bom e honesto não há de entrar na conta.

– Por minha conta fica escolhê-los – respondeu Preciosa.

Depois disso, elas seguiram rua afora, e da grade de uma janela uns cavaleiros chamaram as ciganas. Preciosa se aproximou da grade, que era baixa, e viu numa sala muito bem-arrumada e muito fresca muitos cavaleiros que se entretinham, uns andando e outros jogando diversos jogos.

– Querem me dar uma gorjeta, senhores? – disse Preciosa, que, como cigana, falava chiado, e isso não é natural nelas, mas artifício.

À voz de Preciosa e ao rosto dela, os que jogavam abandonaram o jogo, e os que passeavam, o passeio, e uns e outros vieram até a grade para vê-la, pois já tinham notícia dela, e disseram:

– Entrem, entrem as ciganinhas, que daremos aqui umas gorjetas.

– Não seria gorjeta – respondeu Preciosa – se nos beliscassem.

– Não, palavra de cavaleiro – respondeu um. – Podes entrar, menina, certa de que ninguém tocará nem na sola de teu sapato. Juro pela insígnia que trago no peito.

E botou a mão sobre uma de Calatrava.<sup>8</sup>

– Se tu queres entrar, Preciosa – disse uma das três ciganinhas que iam com ela –, entra sem problema, mas eu não penso entrar onde há tantos homens.

– Olha, Cristina – respondeu Preciosa –, debes te proteger é de um homem só e a sós, não de tantos juntos, porque o fato de serem muitos acaba com o medo e o receio de sermos ofendidas. Repara, Cristininha, e esteja certa de uma coisa: a mulher que resolver ser honrada, no meio de um exército de soldados, pode ser. É bem verdade que é bom fugir das oportunidades, mas das secretas, não das públicas.

– Entremos, Preciosa – disse Cristina –, pois tu sabes mais que um sábio.

A cigana velha as animou, e entraram; e mal Preciosa havia entrado, o cavaleiro da insígnia viu o papel que ela trazia no seio e, aproximando-se dela, o pegou. Preciosa disse:

– Ai, senhor, não o pegue, pois é um romance que acabaram de me dar agora. Ainda nem o li.

– E tu sabes ler, filha? – disse um.

– E escrever – respondeu a velha –, porque criei minha neta como se fosse filha de um letrado.

O cavaleiro abriu o papel e viu que vinha dentro dele um escudo de ouro, e disse:

– Na verdade, Preciosa, esta carta traz o porte dentro: toma este escudo que vem no romance.

– Basta – disse Preciosa –, que me tratou de pobre o poeta. Pois é um milagre maior um poeta me dar um escudo que eu recebê-lo. Se com este acréscimo virão seus romances, que traga todo o Romanceiro geral,<sup>9</sup> e me envie um por um, que eu lhes tomarei o pulso, e se vierem duros,<sup>10</sup> eu serei branda ao recebê-los.

Ficaram admirados os que ouviam a ciganinha, tanto por sua argúcia como pela graça com que falava.

– Leia, senhor – disse ela –, e leia alto: veremos se esse poeta é tão sensato quanto é generoso.

E o cavaleiro leu assim:

Ciganinha, por formosa<sup>11</sup>  
podem te dar parabéns:  
pelo que de pedra tens  
o mundo te chama Preciosa.

Desta verdade me assegura  
isso, como em ti verás;  
que não se separam jamais  
a esquivez e a formosura.

Se como em nobreza elevada  
vais crescendo em arrogância,  
não boto a mão no fogo, distância!  
desde sempre foste levada

pois um basilisco se cria  
em ti, que mata olhando,  
e um império que, embora brando,  
nos pareça tirania.

Entre pobres e aduares,  
como nasceu tal beleza?  
Ou como criou tal alteza  
o humilde Manzanares?<sup>12</sup>

Por isso será famoso  
a par do Tejo dourado  
e por Preciosa apreciado  
mais que o Ganges caudaloso.

Lês a boa ventura,  
e a má dás sem jeitinho;  
pois não vão por um caminho  
tua intenção e tua formosura.

Porque no perigo forte  
de olhar-te ou contemplar-te,  
tua intenção vai desculpar-te,  
e tua formosura dar a morte.

Dizem que são feiticeiras  
todas as de tua nação:  
mas tuas magias são  
mais fortes e verdadeiras;

pois por levar os despojos  
de todos quantos te veem,  
fazes, oh, menina!, que estejam  
tuas magias em teus olhos.

Em suas forças te adiantas,  
pois dançando nos admiras,  
e nos matas se nos miras,  
e nos encantas se cantas.

De cem mil modos enfeitiças:  
fales, cales, cantes, mires,  
ou te acerques, ou retires,  
o fogo de amor atiças.

Sobre o mais isento peito  
tens domínio e autoridade,  
como o meu diz esta verdade,  
o teu império satisfeito.

Preciosa, joia abrasante,  
isto humildemente canta  
aquele que por ti morre e canta,  
pobre, embora humilde amante.

– Em pobre acaba o último verso: mau sinal! – disse então Preciosa. – Os apaixonados nunca devem dizer que são pobres, pois no começo, me parece, a pobreza é grande inimiga do amor.

– Quem te ensina essas coisas, moça? – disse alguém.

– Quem haveria de me ensinar? – respondeu Preciosa. – Eu não tenho minha alma em meu corpo? Já não tenho quinze anos? E não sou maneta, nem coxa, nem estropiada da cabeça. Os talentos das ciganas trilham outro norte que o das demais pessoas: estão sempre à frente de seus anos. Não existe cigano burro nem cigana tola, pois

suas vidas dependem de ser sagazes, astutos e trapaceiros. Exercitam seus talentos a cada passo, não deixam criar mofo de jeito nenhum. Veem estas moças, minhas companheiras, tão caladas que parecem bobas? Pois metam-lhes o dedo na boca e apalpem os sisos, e verão se há muito riso. Não há menina de doze que não saiba o que sabe moça de vinte e cinco, porque tem por mestres e professores o diabo e o costume, que lhes ensinam numa hora o que deviam aprender num ano.

Com isso que dizia, a ciganinha mantinha os ouvintes suspensos e os que jogavam lhe deram gorjeta, e até os que não jogavam. A bolsa da velha se encheu de mais de trinta reais, e, mais rica e mais alegre que pinto no lixo, a velha tocou suas cordeiras e foi à casa do senhor aguazil, dizendo que outro dia voltaria com seu rebanho para alegrar aqueles senhores tão generosos.

A senhora dona Clara, mulher do senhor aguazil, já tinha sido avisada que as ciganinhas iriam à sua casa, e estava à espera delas como da bonança depois da tempestade com suas criadas e aias, mais as de outra senhora vizinha sua, que se reuniram para ver Preciosa. E mal as ciganas entraram, entre elas resplandeceu Preciosa como a luz de uma tocha entre outras luzes menores. Então correram todas para ela: umas a abraçavam, outras a olhavam, estas a abençoavam, aquelas a elogiavam. Dona Clara dizia:

– Estes sim se podem chamar cabelos de ouro! Estes sim são olhos de esmeraldas!

Sua vizinha a esmiuçava toda e fazia um refogado de cada pedaço, de cada membro. E, elogiando uma pequena cova que Preciosa tinha no queixo, disse:

– Ai, que covinha! Nesta covinha irão tropeçar quantos olhos a observem.

Ouviu isso um lacaio da senhora dona Clara, que estava ali, de barba comprida e anos longos, e disse:

– Vossa mercê chama isso de cova, minha senhora? Pois ou sei pouco de covas ou essa não é cova, mas sepultura de desejos vivos. Por Deus, a ciganinha é tão linda que se fosse feita de prata ou açúcar não poderia ser melhor! Sabes ler a sorte, menina?

– De três ou quatro maneiras – respondeu Preciosa.



– E isso também? – disse dona Clara. – Pela vida do aguazil, meu senhor, que deves ler a minha, menina de ouro, e menina de prata, e menina de pérolas, e menina de rubi, e menina do céu, que é o melhor que posso dizer.

– Deem, deem a palma da mão à menina e algo com que possa fazer o sinal da cruz – disse a velha –, e verão quantas coisas lhes diz. Pois sabe mais que um doutor em medicina.

A senhora aguazil meteu a mão na algibeira e descobriu que não tinha meio maravedi. Pediu quatro a suas criadas, e nenhuma tinha nada, nem mesmo a senhora vizinha. Vendo isso, Preciosa disse:

– Todos os sinais da cruz, enquanto sinais, são bons; mas os de prata ou de ouro são melhores; e saibam vossas mercês que, ao fazer o sinal da cruz na palma da mão com moeda de cobre, se barateia a leitura da boa sorte, pelo menos a minha; assim, gosto de fazer o primeiro sinal com algum escudo de ouro, ou com algum real de prata, ou, pelo menos, meio real de prata, pois sou como os sacristãos que, quando a oferenda é boa, se regozijam.

– Por tua vida, menina, tens espírito – disse a senhora vizinha.

E, virando-se para o lacaio, disse:

– Vós, senhor Contreras, teríeis à mão quatro reais de prata? Dai-me, que os devolverei quando vier o doutor, meu marido.

– Tenho sim – respondeu Contreras –, mas os tenho empenhados em vinte e dois maravedis que jantei ontem à noite. Deem-me, que irei num pé e voltarei no outro.

– Não temos quatro entre todas – disse dona Clara –, e pedis vinte e dois maravedis? Ora, Contreras, sempre fostes impertinente.

Uma das criadas presentes, vendo a esterilidade da casa, disse a Preciosa:

– Haverá problema, menina, se por acaso se fizer o sinal da cruz com um dedal de prata?

– Ao contrário – respondeu Preciosa –, fazem-se os melhores sinais da cruz do mundo com dedais de prata, desde que sejam muitos.

– Eu tenho um – respondeu a criada. – Se este basta, ei-lo aqui, com a condição de que também deve ler minha sorte.

– Tantas boas sortes por um dedal? – disse a cigana velha. –  
Minha neta, acaba logo com isso, que é tarde.

Preciosa pegou o dedal e a mão da senhora aguazil, e disse:

Lindinha, lindinha,  
das mãos de prata,  
mais te ama teu marido  
que El Rey das Alpujarras.

És pomba sem fel;  
mas às vezes és brava  
como leoa de Orã  
ou como tigre de Ocaña.

Mas, num zás-trás,  
a ira te passa,  
e ficas um doce  
ou como cordeira mansa.

Discutes muito e comes pouco:  
algo ciumentinha andas;  
pois é brincalhão o aguazil,  
e quer abandonar o posto.

Quando donzela, te amou  
um de bela estampa;  
que mal existam os terceiros  
que os gostos desbaratam.

Se por sorte tu fosses monja,  
hoje em teu convento mandarias,  
porque tens de abadessa  
mais de quatrocentos traços.

Não quero te dizer...  
mas não importa; vamos lá:  
enviuvarás, e outra vez,  
e outras duas, casarás.

Não chores, senhora minha,  
pois nem sempre as ciganas  
dizemos o evangelho;<sup>13</sup>  
não chores, senhora; pare.

Com morrer primeiro  
que o senhor aguazil, basta  
para remediar a dor  
da viuvez que ameaça.

Deves herdar, e logo, logo,  
bens em abundância;  
terás um filho sacerdote;  
a igreja não consta.

De Toledo não é possível.<sup>14</sup>  
Uma filha loira e branca  
terás, que, se for religiosa,  
também será prelada.

Se teu esposo não morrer  
dentro de quatro semanas,  
tu o verás corregedor  
de Burgos ou Salamanca.

Tens um lunar, que lindo!  
Ai, Jesus, que lua clara!  
Que sol, que lá nas antípodas  
escuros vales aclara!

Mais de dois cegos, para vê-la,  
deram mais de quatro pratos.  
Agora sim um bom riso!  
Ai, que bem fez essa graça!

Cuidado com as quedas,  
principalmente de costas;  
costumam ser perigosas  
para as damas nobres.

Há mais para te dizer;  
se para sexta me aguardares,  
as ouvirás, pois umas dão gosto  
e noutras há desgraças.

Preciosa encerrou a boa sorte e com ela acendeu o desejo de todas as presentes de querer saber a sua, e assim todas imploraram a ela. Mas Preciosa deixou para a sexta-feira seguinte, e lhe prometeram que teriam reais de prata para fazer os sinais da cruz.

Nisso surgiu o senhor aguazil, a quem contaram maravilhas da ciganinha; ele as fez dançar um pouco e confirmou como verdadeiros e bem dados os elogios que haviam feito a Preciosa, e, metendo a mão na algibeira, demonstrou que queria lhe dar alguma coisa, e tendo-a examinado, e sacudido, e arranhado duas vezes, por fim tirou a mão vazia e disse:

– Por Deus, não tenho uma moeda! Dai vós, dona Clara. Dai um real a Preciosinha, que depois eu vos devolvo.

– Essa é boa, senhor, com certeza! Sim, aí está o real outra vez! Não conseguimos quatro maravedis entre todas nós para fazer o sinal da cruz, e quer que tenhamos um real?

– Pois dai a ela algum adorno ou outra coisinha, que outro dia veremos Preciosa de novo, e a recompensaremos melhor.

A isso, dona Clara disse:

– Pois, para que venha outra vez, não quero dar nada agora a Preciosa.

– Pelo contrário, se não me derem nada, nunca mais voltarei aqui – disse Preciosa. – Mas voltarei, sim, para servir tão nobres senhores; pensarei, porém, que não vão me dar nada e economizarei a agonia de esperá-lo. Suborne vossa mercê, senhor aguazil; suborne, e terá dinheiro, e não invente costumes novos, que morrerá de fome. Olhe, senhora: ouvi dizer por aí (e, embora moça, entendo que não são boas coisas) que dos ofícios deve-se tirar dinheiro para pagar as condenações na prestação de contas aos juízes e para concorrer a outros cargos.

– Assim dizem e assim fazem os desalmados – respondeu o aguazil. – Mas o juiz que trabalhou bem não terá que pagar condenação alguma, e ter usado bem seu ofício será o avalista para que lhe deem outro.

– Vossa mercê fala como um santo, senhor aguazil – respondeu Preciosa. – Continuando assim, cortaremos vossos farrapos para relíquia.

– Sabes muito, Preciosa – disse o aguazil. – Cala, que eu darei um jeito para que Suas Majestades te vejam, porque és peça de reis.

– Irão me querer para boba da corte – respondeu Preciosa –, coisa que não saberei ser, e tudo estará perdido. Se me quisessem por ajuizada, ainda poderiam me levar, mas em alguns palácios vicejam mais os bobos e velhacos que os ajuizados. Estou bem sendo cigana e pobre, e corra a sorte por onde o céu quiser.

– Ei, menina – disse a cigana velha –, não fales mais, pois já falaste muito, e sabes mais do que eu te ensinei. Não te aprofundes muito que perderás o rumo; fala daquilo que teus anos permitem e não te metas em arrogâncias, que não há nenhuma que não ameace queda.

– Estas ciganas têm o diabo no corpo! – disse então o aguazil.

As ciganas se despediram e, quando estavam saindo, a criada do dedal disse:

– Preciosa, lê minha boa sorte ou me devolve o dedal, pois não tenho com que bordar.

– Senhora criada – respondeu Preciosa –, faça de conta que eu a li e arrume outro dedal, ou não faça bainhas abertas até sexta-

feira, que eu voltarei e lhe darei mais venturas e desventuras do que tem um livro de cavalaria.

Foram embora e se juntaram a muitas camponesas que à hora da ave-maria costumam sair de Madri para voltar a suas aldeias. Assim, sempre entre muitas outras mulheres, as ciganas voltavam seguras. (Porque a cigana velha vivia com medo contínuo de que assaltassem sua Preciosa.)

Aconteceu que na manhã de um dia que voltavam a Madri para colher o alheio com as outras ciganinhas, num pequeno vale que está a uns quinhentos passos antes de se chegar à vila, viram um rapaz belo e ricamente vestido para viagem.<sup>15</sup> A espada e a adaga que trazia eram, como se costuma dizer, uma brasa de ouro; chapéu adornado de fita com pedrarias e penas de diversas cores. As ciganas repararam nele e puseram-se a olhar demoradamente, admiradas de que a essas horas um rapaz tão elegante estivesse em tal lugar, a pé e sozinho.

Ele se aproximou delas e, falando com a cigana velha, disse:

– Por vossa vida, minha amiga, dai-me o prazer de que vós e Preciosa me ouçais duas palavras, em particular, que serão de vosso proveito.

– Desde que não nos desviemos muito nem tardemos demais, seja em boa hora – respondeu a velha.

E, chamando Preciosa, afastaram-se das outras uns vinte passos, e assim, em pé, como estavam, o rapaz disse:

– Eu venho vencido pela sensatez e beleza de Preciosa, porque, depois de ter feito muita força para evitar chegar a este ponto, no fim acabei mais vencido e mais impossibilitado de evitá-lo. Eu, minhas senhoras (sempre hei de lhes dar esse tratamento, se o céu favorecer minha pretensão), sou cavaleiro, como se pode ver por esta insígnia – e, afastando a capa, descobriu no peito uma das mais prestigiadas que há na Espanha. – Sou filho de fulano – que aqui, por respeito, não se declara seu nome – e estou sob sua tutela e amparo; sou filho único, que espera uma herança razoável. Meu pai está aqui na corte pleiteando um cargo e já está à espera da decisão do rei, e tem esperanças quase certas de sair com ele. Enfim, por

ser da condição e nobreza que vos referi, a qual vós já deveis ter inferido, gostaria de ser um grande senhor para elevar à minha grandeza a humildade de Preciosa, fazendo-a minha igual e minha esposa. Eu não a cortejo para zombar dela, nem na paixão do amor que tenho pode caber algum tipo de zombaria; quero apenas servi-la do modo que ela mais gostar: sua vontade é a minha. Com ela minha alma é de cera, onde poderá imprimir o que quiser; e para conservá-lo e guardá-lo não será como impresso em cera, mas como esculpido em mármore, cuja dureza se opõe à duração dos tempos. Se acreditardes nessa verdade, minha esperança não admitirá nenhum desânimo; mas se não acreditais em mim, vossa dúvida sempre me deixará atemorizado. Meu nome é este – e o disse. – O do meu pai já vos disse. A casa onde vive é em tal rua, e é assim e assim; tem vizinhos com quem podereis vos informar, e mesmo com os que não são vizinhos, que não são tão obscuros a condição e o nome de meu pai e o meu que não os saibam nos pátios do palácio, e mesmo em toda a corte. Trago cem escudos aqui, em ouro, para vos dar como sinal e garantia do que penso vos dar; porque a riqueza não há de negar o que dá a alma.

Enquanto o cavaleiro dizia isso, Preciosa o estava olhando atentamente, e sem dúvida não devem ter lhe parecido ruins nem suas palavras nem sua aparência; e, virando-se para a velha, disse-lhe:

– Perdoa-me, avó, por tomar a liberdade de responder a este senhor tão apaixonado.

– Responde o que quiseres, minha neta – respondeu a velha. – Pois eu sei que tens bom senso para tudo.

E Preciosa disse:

– Eu, senhor cavaleiro, embora seja cigana pobre e humildemente nascida, tenho um certo espiritozinho maravilhoso aqui dentro, que me leva a grandes coisas. Não me movem promessas, nem presentes me derrubam, nem me inclinam submissões, nem me espantam delicadezas apaixonadas; e embora com quinze anos (que, segundo a conta de minha avó, completarei no dia de São Miguel), já sou velha nos pensamentos e alcanço mais que aquilo que minha idade promete, mais por inclinação natural

que pela experiência. Mas, com uma ou com a outra, sei que as paixões amorosas nos recém-apaixonados são como ímpetos insensatos que tiram a vontade de seus eixos. A vontade, então, atropelando inconvenientes, desatinadamente se atira atrás de seu desejo e, pensando dar com a glória de seus olhos, dá com o inferno de seus pesadelos. Se alcança o que deseja, o desejo míngua com a posse da coisa desejada, e talvez aí, abrindo os olhos do entendimento, possa ver bem que detesta o que antes adorava. Esse temor cria em mim um tal recato que não acredito em palavra nenhuma e duvido de muitos atos. Tenho apenas uma joia, que estimo mais que a vida, que é minha inteireza e virgindade, e não a tenho de vender a troco de promessas nem presentes, porque, enfim, será vendida, e se puder ser comprada, terá muito pouco valor; nem hão de me convencer manhas nem artimanhas: penso, antes, ir com ela para a sepultura, e talvez para o céu, que expô-la ao perigo de que quimeras e fantasias sonhadas a ataquem ou a manuseiem. Tal é a flor da virgindade que, se for possível, mesmo com a imaginação não devia deixar-se ofender. Cortada a rosa da roseira, com que rapidez e facilidade murcha! Este a toca, aquele a cheira, o outro a desfolha e, por fim, entre mãos rústicas, se desfaz. Se vós, senhor, vindes apenas por essa prenda, não a levareis a não ser atada pelos laços do matrimônio, pois, se a virgindade deve se dobrar, deve ser a esse santo jugo, porque então não seria perdê-la, mas empregá-la em feiras que prometem felizes lucros. Se quiserdes ser meu esposo, eu serei vossa; mas antes haverá muitas condições e averiguações. Primeiro tenho de saber se sois quem dizeis; depois, se isso for verdade, deveis deixar a casa de vossos pais e trocá-la por nossos acampamentos, e, tomando o traje de cigano, deveis cursar dois anos em nossas escolas, tempo esse em que conhecerei vosso caráter, e vós o meu; se, então, estiverdes satisfeito comigo, e eu convosco, me entregarei como vossa esposa. Mas até aí tenho de tratá-lo como irmã e vos servir com humildade. E deveis considerar que durante o tempo desse noviciado poderia ser que recobrásseis a vista, que agora deveis ter perdida ou, pelo menos, turvada, e vísseis que vos convinha fugir do que agora seguis com tanto empenho. E, recobrando a liberdade perdida, com um bom



arrependimento se perdoa qualquer culpa. Se com essas condições quereis ser soldado de nossa milícia, está em vossa mão, pois, faltando alguma delas, não havereis de tocar um dedo da minha.

O moço pasmou com as palavras de Preciosa e ficou como que enlevado, olhando o chão, dando mostras de que considerava o que devia responder. Vendo isso, Preciosa disse de novo:

– Este não é caso para um instante, que naqueles que o tempo nos oferece aqui possa nem deva se resolver; voltai à vila, senhor, e considerai com calma o que mais vos convenha, e neste mesmo lugar podeis me falar todos os dias de feira que quiserdes, ao ir ou vir de Madri.

Ao que o gentil-homem respondeu:

– Quando o céu me ordenou te amar, minha Preciosa, resolvi fazer por ti quanto tua vontade resolvesse me pedir, mesmo que nunca coubesse em meu pensamento que havias de pedir o que me pedes; mas, enfim, se é teu desejo que o meu se ajuste e se adapte ao teu, conta-me por cigano, naturalmente, e faz comigo todas as demais experiências que quiseres, que sempre encontrarás em mim o mesmo que agora represento para ti. Diz quando queres que eu mude de traje, pois eu gostaria que fosse logo, porque, como estou para ir a Flandes,<sup>16</sup> enganarei meus pais e pegarei dinheiro para gastar por alguns dias, e serão até oito os que poderei demorar até acertar minha partida. Saberei enganar os que forem comigo de modo que saia tudo como planejei. O que te peço (se é que já posso ter o atrevimento de te pedir e suplicar alguma coisa) é que, se não puderes hoje te informar de minha condição e da de meus pais, que não vás mais a Madri, porque não gostaria que uma das muitas oportunidades que ali podem surgir assaltasse minha boa sorte que tanto me custa.

– Isso não, senhor galanteador – respondeu Preciosa. – Sabei que comigo sempre andarás a liberdade desembaraçada, sem que a sufoque nem perturbe a aflição do ciúme. Mas entendi que não a tomarei demais, que não dê para ver de bem longe que minha honestidade anda com minha desenvoltura; e a primeira obrigação que desejo de vós é a da confiança que havereis de ter em mim. E

olhai que os apaixonados que entram pedindo ciúme ou são tolos, ou presunçosos.

– Tens o Satanás em teu peito, moça – disse a cigana velha a essa altura. – Olha que dizes coisas que não diria um aluno de Salamanca! Tu sabes de amor, tu sabes de ciúme, tu sabes de confianças: o que há, que me deixas louca? Estou te ouvindo como a uma pessoa possuída que fala latim sem sabê-lo.

– Basta, vovó – respondeu Preciosa. – Saiba que todas as coisas que me ouve dizer são ninharias e brincadeiras comparadas com muitas outras, mais verdadeiras, que trago no peito.

Tudo quanto Preciosa dizia, e toda a argúcia que mostrava, era como botar lenha no fogo que ardia no peito do cavaleiro apaixonado. Por fim combinaram que dali a oito dias se veriam naquele mesmo lugar, aonde ele viria contar em que pé estavam seus negócios, e elas teriam tido tempo de se informar da veracidade do que ele lhes havia dito. O moço tirou um saquinho de brocado em que, disse, estavam cem escudos de ouro e o deu à velha; mas Preciosa não queria de jeito nenhum que ela os aceitasse. A cigana velha disse:

– Cala-te, menina, pois o melhor sinal que este senhor deu de estar rendido é ter entregado as armas em sinal de rendição; e dar, em qualquer ocasião que seja, sempre foi indício de peito generoso. E lembra-te daquele ditado que diz: “Deus ajuda quem cedo madruga”. E digo mais: não quero que por minha causa as ciganas percam a fama, que por longos séculos têm adquirido, de cobiçosas e aproveitadoras. Queres que eu rejeite cem escudos, Preciosa, e todos de ouro, que podem andar costurados na bainha de uma saia que não valha dois reais, e tê-los ali como quem ganha uma porcentagem pela grama da Estremadura?<sup>17</sup> E se algum de nossos filhos, netos ou parentes cair, por alguma desgraça, nas mãos da Justiça, haverá favor tão bom que chegue à orelha do juiz e do escrivão como destes escudos, se chegarem a seus bolsos? Três vezes, por três delitos diferentes, quase me vi na barra dos tribunais, e de uma me livrou um jarro de prata, e da outra um colar de pérolas, e da outra trezentos e vinte reais de prata que havia

trocado por quatro maravedis, dando vinte reais mais pela troca. Olha, menina, nós andamos em ofício muito perigoso e cheio de tropeços e de ocasiões incontornáveis, e não há defesas que nos amparem mais rápido e socorram como as armas invencíveis do grande Filipo: não se passa adiante de seu plus ultra.<sup>18</sup> Por um dobrão de duas caras<sup>19</sup> se mostra alegre a cara triste do procurador e de todos os oficiais da morte, que são harpias das pobres ciganas e apreciam mais depenar e esfolar a nós que a um salteador de estradas; nunca, por mais maltrapilhas e descuidadas que nos vejam, nos consideram pobres, pois dizem que somos como os gibões de falsos mendigos: esfarrapados e sebosos, mas cheios de dobrões.

– Por sua vida, vovó, não diga mais nada, pois, ao alegar tantas leis em favor de ficar com o dinheiro, vai esgotar as dos imperadores: fique com os escudos e faça bom uso deles, e queira Deus que os enterre numa sepultura onde jamais voltem a ver a luz do sol, nem haja necessidade de que a vejam. Devemos dar alguma coisa a estas nossas companheiras, pois há muito nos esperam e já devem estar entediadas.

– Elas verão estas moedas tanto quanto veem o turco<sup>20</sup> agora – respondeu a velha. – Este bom senhor verá se lhe sobrou alguma moeda de prata ou alguns maravedis e os repartirá entre elas, que ficarão contentes com pouco.

– Tenho, sim – disse o galanteador.

E tirou da algibeira vinte e quatro reais de prata, que repartiu entre as três ciganinhas, que ficaram mais alegres e mais satisfeitas do que costuma ficar um diretor de comédias quando, em concorrência com outro, costuma ser aclamado pelas esquinas: “Bravo! Bravo!”.

Em suma, combinaram, como se disse, para dali a oito dias o encontro, e que o moço devia se chamar Andrés Caballero quando fosse cigano, porque também havia ciganos com esse sobrenome entre eles.

Andrés (que assim o chamaremos daqui por diante) não se atreveu a abraçar Preciosa; enviando-lhe a alma com os olhos, sem

ela, se assim se pode dizer, deixou as ciganas e entrou em Madri. E elas, contentíssimas, fizeram o mesmo. Preciosa, um tanto afeiçoada, mais com benevolência que com amor, pela bela presença de Andrés, já desejava se informar se ele era quem havia dito. Entrou em Madri e, depois de poucas ruas, encontrou o pajem poeta das coplas e do escudo. Quando ele a viu, aproximou-se dela, dizendo:

– Chegas em boa hora, Preciosa: por acaso leste as coplas que te dei outro dia?

Preciosa respondeu:

– Antes de te responder uma palavra, debes me dizer uma verdade, pela vida do que mais amas.

– Não me negaria de forma alguma a essa súplica – respondeu o pajem –, mesmo que me custasse a vida obedecê-la.

– Pois a verdade que espero que me digas – disse Preciosa – é se por acaso és poeta.

– Se fosse – replicou o pajem –, forçosamente havia de ser por acaso. Mas debes saber, Preciosa, que esse nome de poeta muito poucos merecem. Sendo assim, eu não o sou, mas apenas um entusiasta da poesia. E para o que necessito, não vou pedir nem buscar versos alheios: os que te dei são meus, e estes que te dou agora também. Mas nem por isso sou poeta, nem Deus o queira.

– É tão ruim ser poeta? – replicou Preciosa.

– Não é ruim – disse o pajem –, mas não considero muito bom ser poeta a sós. Deve-se usar a poesia como uma joia preciosíssima, cujo dono não a traz todo dia, nem a mostra a todas as pessoas, nem a cada passo, mas quando convenha e haja razão para que a mostre. A poesia é uma belíssima donzela, casta, honesta, sensata, arguta, retraída, e que se contém nos limites da mais alta inteligência. É amiga da solidão. As fontes a entretêm, os campos a consolam, as árvores a tranquilizam, as flores a alegram, e, enfim, deleita e ensina a quantos tenham contato com ela.

– Mesmo assim – respondeu Preciosa –, ouvi dizer que é muito pobre, e que tem algo de mendiga.

– Ao contrário – disse o pajem –, porque não há poeta que não seja rico, pois todos vivem contentes com seu estado, filosofia que

poucos alcançam. Mas o que te levou, Preciosa, a fazer essa pergunta?

– Ora – respondeu Preciosa –, porque como eu considero pobres todos ou a maioria dos poetas, causou-me espanto aquele escudo de ouro que me destes, envolto entre vossos versos. Mas agora que sei que não sois poeta, mas um entusiasta da poesia, poderia ser que fôsseis rico, embora eu duvide, por causa daquela parte que vos toca de fazer versos: por ela irão desaguar quantos bens tiverdes, pois não há poeta, pelo que dizem, que saiba conservar suas posses, nem conseguir as que não tem.

– Pois eu não sou desses – replicou o pajem. – Faço versos e não sou rico nem pobre; e sem senti-lo nem descontá-lo, como fazem os genoveses em seus banquetes, posso muito bem dar um escudo ou dois a quem eu quiser. Tomai, pérola preciosa, este segundo papel e este segundo escudo que vai com ele, sem que trateis de pensar se sou poeta ou não; quero apenas que penseis e acrediteis que quem vos dá isto gostaria de ter as riquezas de Midas para vos dar.

E então lhe deu um papel, e Preciosa, apalpando-o, achou que trazia um escudo dentro, e disse:

– Este papel deverá viver muitos anos, pois traz duas almas consigo: uma, a do escudo, e outra, a dos versos, que sempre vêm cheios de almas e corações. Mas saiba o senhor pajem que não quero tantas almas comigo e, se não tirar uma, não tenha medo de que eu receba a outra. Eu o quero por poeta, não por presenteador, e dessa maneira teremos uma amizade duradoura; pois mais facilmente pode faltar um escudo, por forte que seja, que a realização de um romance.

– Pois se quiseres, Preciosa – replicou o pajem –, que eu por força seja pobre, não te desfaças da alma que te envio nesse papel e me devolve o escudo, porque, desde que o toques com a mão, eu o terei por relíquia enquanto me durar a vida.

Preciosa tirou o escudo e ficou com o papel, mas não quis lê-lo na rua. O pajem se despediu e se foi alegríssimo, acreditando que Preciosa já estava apaixonada, pois o havia tratado com muita amabilidade.

E como ela tinha a atenção na casa do pai de Andrés, sem querer parar para dançar em nenhum lugar, em pouco tempo chegou à rua onde ficava, pois Preciosa a conhecia muito bem. Tendo andado metade dela, elevou os olhos a umas sacadas douradas de ferro, que lhe haviam indicado, e viu em uma delas um cavaleiro de uns cinquenta anos, com a insígnia da cruz vermelha no peito, de presença e seriedade veneráveis. Ele, mal viu a cigarinha, disse:

– Subi, meninas, que aqui vos darão esmolas.

A essas palavras vieram para a sacada outros três cavaleiros, e entre eles o apaixonado Andrés, que, ao ver Preciosa, perdeu a cor e esteve a ponto de perder os sentidos, tamanho foi o susto que teve à sua vista. Todas as cigarinhas subiram, exceto a velha, que ficou embaixo para se informar com os criados das verdades de Andrés.

Quando as cigarinhas entraram na sala, o cavaleiro ancião estava dizendo aos demais:

– Esta deve ser, com certeza, a cigarinha formosa que dizem que anda por Madri.

– É ela – respondeu Andrés –, e sem dúvida é a mais formosa criatura que já se viu.

– É o que dizem – disse Preciosa, que ouvira tudo ao entrar. – Mas na verdade devem se enganar justamente na metade do preço. Bonita, acho que sou, mas tão formosa como dizem, nem em pensamento.

– Pela vida de dom Juanico, meu filho – disse o ancião –, que sois mais bela do que dizem, linda cigana!

– E quem é dom Juanico, seu filho? – perguntou Preciosa.

– Este rapagão ao vosso lado – respondeu o cavaleiro.

– Na verdade, pensei que vossa mercê jurava por algum menino de dois anos – disse Preciosa. – Olhai: dom Juanico, e que mimo! Mas, em minha opinião, já poderia estar casado, e, pelas linhas na testa, não passarão três anos sem que o esteja, e conforme seus desejos, se é que daqui até lá não os perca ou os troque.

– Basta – disse um dos presentes. – O que a cigana sabe de linhas?

Nisso, as três ciganinhas que iam com Preciosa foram para um canto da sala e, aproximando a boca umas das outras, se reuniram para não ser ouvidas. Cristina disse:

– Amigas, este é o cavaleiro que de manhã nos deu os reais de prata.

– É verdade – responderam elas. – Mas não mencionemos isso nem lhe falemos nada se ele não nos mencionar: o que sabemos se quer se ocultar?

Enquanto as três falavam, Preciosa respondeu àquele que falou nas linhas:

– O que vejo com os olhos, com o dedo eu adivinho: eu sei do senhor dom Juanico, sem linhas, que é um tanto namorador, impetuoso e precipitado, e grande prometedor de coisas que parecem impossíveis; e queira Deus que não seja mentiroso, o que seria o pior de tudo. Deve fazer uma viagem agora, para muito longe daqui, e uma coisa pensa o cavalo e outra aquele que o encilha; o homem põe e Deus dispõe; talvez atire no que vê e acerte no que não viu.

A isso respondeu dom Juan:

– Na verdade, ciganinha, acertaste muitas coisas sobre meu temperamento; mas nisso de eu ser mentiroso andas muito longe da verdade, porque me orgulho de dizê-la em qualquer circunstância. Quanto à viagem longa, acertaste pois sem dúvida, com a ajuda de Deus, dentro de quatro ou cinco dias partirei para Flandes, embora tu me ameaces de me perder no caminho, e não gostaria que me acontecesse nele algum atropelo que o atrapalhasse.

– Cala, senhorzinho – respondeu Preciosa –, e encomenda-te a Deus, que tudo sairá bem. E saibas que eu não sei nada do que digo, e não é de espantar que acerte em alguma coisa, pois falo muito e a esmo. Mas eu gostaria de acertar era em te persuadir a não partires, a que sossegasses o peito e ficasses com teus pais, para lhes dar boa velhice; porque não estou de acordo com essas idas e vindas a Flandes, principalmente de moços em tão tenra idade como a tua. Espera crescer um pouco, para que possas enfrentar os trabalhos da guerra, pois além do mais tens muita guerra em tua casa: tantos combates amorosos te sobressaltam o

peito. Sossega, sossega, assanhadinho, e olha o que fazes antes que te cases, e nos dá uma esmolinha por Deus e por quem tu és, pois na verdade penso que és bem-nascido. E se a isso se soma o ser sincero, cantarei loas à vitória de ter acertado em tudo que te disse.

– Outra vez te disse, menina – respondeu dom Juan, que haveria de ser Andrés Caballero –, que acertas em tudo, menos no temor que tens de que não devo ser muito sincero, pois nisso te enganas, sem dúvida nenhuma. A palavra que eu dou no campo, cumprirei na cidade e onde quiser, sem me ser pedida, pois não pode se gabar de cavaleiro quem roça o vício de mentiroso. Meu pai te dará uma esmola por Deus e por mim, pois a verdade é que esta manhã dei tudo o que tinha a umas damas, que, se forem tão adadoras quanto formosas, especialmente uma delas, vou acabar com uma mão na frente e outra atrás.

Ouvindo isso, com o mesmo recato de antes, Cristina disse às outras ciganas:

– Ai, queridas, que me matem se não estiver falando pelos reais que nos deu de manhã.

– Não, não – respondeu uma das duas –, porque disse que eram damas, e nós não o somos. E, sendo ele tão sincero como afirma, não iria mentir nisso.

– Não é mentira tão grande – respondeu Cristina – a que se diz sem prejuízo de ninguém e em proveito e crédito daquele que a disse. Mas, enfim, vejo que não nos dão nada nem nos mandam dançar.

Nesse momento chegou a cigana velha e disse:

– Neta, vamos, que é tarde e há muito que fazer e mais que dizer.

– O que foi, vovó? – perguntou Preciosa. – Deu filho ou filha?

– Filho, e muito lindo – respondeu a velha. – Vem, Preciosa, e ouvirás verdadeiras maravilhas.

– Queira Deus que não morra após o parto! – disse Preciosa.

– Tomaremos todo o cuidado – replicou a velha. – Ainda mais que, até aqui, o parto todo correu bem, e o infante é como de ouro.

– Alguma senhora ganhou nenê? – perguntou o pai de Andrés Caballero.



– Sim, senhor – respondeu a cigana –, mas foi um parto tão secreto que apenas Preciosa e eu sabemos, e outra pessoa, de modo que não podemos dizer quem é.

– Nem queremos saber – disse um dos presentes. – Mas infeliz daquela que põe seu segredo em vossas línguas e deposita sua honra em vossa ajuda.

– Nem todas somos más – respondeu Preciosa. – Talvez haja entre nós alguma que se gabe de discreta e sincera tanto quanto o homem mais empertigado que há nesta sala. Vamos embora, vovó, que aqui fazem pouco de nós. Pois na verdade não somos ladras nem suplicamos nada a ninguém.

– Não vos irriteis, Preciosa – disse o pai. – Pelo menos de vós imagino que não se pode presumir nada mau, pois vosso bom rosto vos avaliza e sai como fiador de vossas boas ações. Por vossa vida, Preciosinha, dançai um pouco com vossas companheiras, que aqui tenho um dobrão de ouro de duas caras, embora nenhuma seja como a vossa, mesmo sendo de dois reis.

Mal ouviu isso, a velha disse:

– Eia, meninas, mãos à obra e alegrem estes senhores.

Preciosa pegou os guizos e as ciganinhas rodaram, fizeram e desfizeram todos os enlances, com tanta elegância e desenvoltura que atrás de seus pés levavam os olhos de quantos as olhavam, especialmente os de Andrés, que assim iam entre os pés de Preciosa como se ali estivesse o centro da glória. Mas turvou-se a sorte de modo que a transformou em inferno: aconteceu que, no auge da dança, caiu de Preciosa o papel que o pajem lhe havia dado, e, mal ele caiu, levantou-o o que não tinha bom conceito das ciganas e, abrindo-o no mesmo instante, disse:

– Ora, ora! Temos um sonetinho! Pare a dança, e ouçam-no, pois, pelo que se vê do primeiro verso, na verdade não é nada estúpido.

Preciosa se angustiou, porque não sabia o que ele dizia, e rogou que não o lessem e que o devolvessem, e todo o empenho que punha nisso eram esporas que fustigavam o desejo de Andrés de ouvi-lo. Por fim, o cavaleiro o leu em voz alta:

Quando Preciosa o pandeiro toca  
e fere o doce som dos ares vãos,  
pérolas são que derrama com as mãos;  
flores são que despede pela boca.

Suspensa a alma, e a prudência louca,  
resta aos doces atos sobre-humanos,  
que, de limpos, de honestos e sãos,  
sua fama ao céu elevado toca.

Pendente do menor de seus cabelos  
mil almas leva, e a seus pés tem  
Amor rendidas uma e outra flecha.<sup>21</sup>  
Cega e ofuscada com seus sóis belos,  
seu império Amor por elas lhe mantém,<sup>22</sup>  
e mais grandezas ainda em seu ser acha.

– Por Deus – disse o que leu o soneto –, o poeta que o escreveu  
leva jeito!

– Não é poeta, senhor, mas um pajem muito galanteador e  
homem de bem – disse Preciosa.

(Olhai o que dissestes, Preciosa, e o que ireis dizer, que esses  
não são elogios ao pajem, mas lanças que atravessam o coração de  
Andrés, que os ouve. Quereis vê-lo, menina? Pois volvei os olhos e o  
vereis desmaiado na cadeira, com um suor de morte; não penseis,  
donzela, que Andrés vos ama tão levemente que não o fira e  
assuste o menor de vossos descuidos. Aproximai-vos dele em boa  
hora e dizei-lhe algumas palavras ao ouvido que vão diretas ao  
coração e o recobrem do desmaio. Ou andai todo dia a trazer  
sonetos em vosso louvor e vereis o que vai acontecer!)

Tudo isso aconteceu como se disse: ao ouvir o soneto, mil  
imaginações ciumentas sobressaltaram Andrés. Não desmaiou, mas  
perdeu a cor de tal maneira que seu pai, vendo-o, disse:

– O que tens, dom Juan? Pela mudança de cor, parece que vais desmaiar.

– Esperem – disse Preciosa nessa altura. – Deixem-me lhe dizer ao ouvido certas palavras e verã como não desmaia.

Aproximando-se dele, disse, quase sem mover os lábios:

– Belo ânimo para um cigano! Como podereis, Andrés, aguentar a tortura da prisão se não suportais a de um papel?

E, fazendo-lhe meia dúzia de sinais da cruz sobre o coração, afastou-se dele, e então Andrés respirou um pouco e deu a entender que as palavras de Preciosa o tinham ajudado.

Por fim, deram a Preciosa o dobrão de duas caras, e ela disse a suas companheiras que o trocaria e dividiria com elas fidalgamente. O pai de Andrés lhe disse que lhe deixassem escritas as palavras que havia dito a dom Juan, que por força as queria saber. Ela disse que as diria com a maior boa vontade, e que entendessem que, embora parecessem brincadeira, tinham um dom especial para preservar do mal do coração e das tonturas, e que as palavras eram:

Cabecinha, não te irrites,  
deixa de anseios  
e apronta dois esteios  
da paciência bendita.

Solicita  
a confiança bonita;  
não te vás como naus  
a pensamentos maus;  
verás, o céu te abre  
a um milagre,  
Deus por diante  
e São Cristóvão gigante.

– Dizendo metade dessas palavras e fazendo seis sinais da cruz sobre o coração da pessoa com tontura – disse Preciosa –, ela ficará nova em folha.

Quando a cigana velha ouviu a reza e o embuste, ficou pasma, e mais ficou Andrés, que viu que tudo era invenção de uma mente aguda. Ficaram com o soneto, porque Preciosa não quis pedi-lo para não dar outro baque em Andrés, pois ela já sabia, sem ser ensinada, o que era dar sustos, despeitos e sobressaltos ciumentos aos amantes cativos.

As ciganas se despediram, e, ao ir, Preciosa disse a dom Juan:

– Olha, senhor, qualquer dia desta semana é propício para partidas, e nenhum funesto. Apressa a ida logo que puderes, que te aguarda uma vida ampla, livre e muito prazerosa, se quiseres se ajustar a ela.

– Não é tão livre a vida de soldado, em minha opinião – respondeu dom Juan –, que não tenha mais de sujeição que de liberdade; mas, apesar de tudo, estou pronto para o que der e vier.

– Vereis muito mais do que pensais – respondeu Preciosa. – E Deus vos leve e traga bem, como vossa boa disposição merece.

Com estas últimas palavras Andrés ficou contente, e as ciganas foram embora contentíssimas.

Trocaram o dobrão e o dividiram entre todas igualmente, embora a velha guardiã sempre levasse uma parte e meia de tudo o que se juntava, tanto por sua idade avançada como por ser ela a agulha da bússola pela qual se guiavam no mar revoltado de suas danças, graças e mesmo de suas trapaças.

Chegou, enfim, o dia em que Andrés Caballero compareceu uma manhã no lugar de seu primeiro aparecimento, montado numa mula de aluguel, sem criado algum. Encontrou lá Preciosa e sua avó, as quais, logo que o identificaram, o receberam com muito prazer. Ele lhes disse que o guiassem ao acampamento antes que nascesse o dia e à luz dele fosse reconhecido, se por acaso o procurassem. Elas, que prevenidas tinham vindo sozinhas, deram a volta e dali a pouco chegaram a suas barracas.

Andrés entrou numa, que era a maior do acampamento, e logo vieram vê-lo dez ou doze ciganos, todos moços e todos elegantes e bem-feitos, a quem a velha já havia dado conta do novo companheiro que ia chegar, sem ter necessidade de lhes pedir segredo, pois, como já se disse, eles o guardam com sagacidade e

diligência nunca vistas. Imediatamente botaram olho na mula, e um deles disse:

– Esta pode ser vendida na quinta-feira em Toledo.

– Isso não – disse Andrés –, porque não há mula de aluguel que não seja conhecida por todos os moços de mulas que andam pela Espanha.

– Por Deus, senhor Andrés – disse um dos ciganos –, mesmo que a mula tivesse mais sinais que os que devem preceder o Dia do Juízo, aqui a transformaremos de tal modo que não a reconhecerão nem a mãe que a pariu nem o dono que a criou.

– Mesmo assim – respondeu Andrés –, desta vez se irá seguir e aceitar meu parecer. Esta mula deve ser morta e deve ser enterrada onde nem os ossos apareçam.

– Grande pecado! – disse outro cigano. – Deve-se tirar a vida de uma inocente? Não diga isso o bom Andrés, mas faça uma coisa: olhe-a bem agora, de modo que tenha estampadas na memória todas as suas características, e me deixem levá-la comigo, e, se daqui a duas horas a reconhecer, me chicoteiem como a um negro fugitivo.

– Não consentirei de jeito nenhum – disse Andrés – que a mula não morra, por mais que me garantam sua transformação. Temo ser descoberto se ela não for coberta pela terra. E se o problema é o dinheiro que se pode conseguir ao vendê-la, não venho tão desprevenido a esta confraria que não possa pagar de saída mais do que valem quatro mulas.

– Como assim deseja o senhor Andrés Caballero – disse outro cigano –, morra a inocente, e Deus sabe se isso me pesa, tanto por sua mocidade, pois se vê pelos dentes que não tem sete anos (coisa fora do comum entre mulas de aluguel), como porque deve ser boa de estrada, pois não tem marcas nas ilhargas nem feridas de espora.

Adiou-se sua morte até a noite, e no que restava daquele dia foram feitas as cerimônias de admissão de Andrés como cigano, que assim foram: desocuparam logo uma das melhores barracas do acampamento e a enfeitaram com ramos e junça; e, sentando-se Andrés sobre um meio tronco de sobreiro, puseram-lhe nas mãos um martelo e umas tenazes e, ao som de dois violões que dois

ciganos tangiam, fizeram-no dar duas cabriolas; depois lhe despiram um braço e, com uma tira de seda nova e um garrote, deram-lhe duas voltas suavemente.

Preciosa assistiu a tudo, e muitas outras ciganas, velhas e moças, e umas olhavam Andrés maravilhadas, outras com amor: tal era sua elegante presença, que até os ciganos se afeiçoaram muitíssimo a ele.

Feitas, portanto, as referidas cerimônias, um cigano velho pegou Preciosa pela mão e, parando diante de Andrés, disse:

– Esta moça, que é a flor e a nata de toda a formosura das ciganas que sabemos que vivem na Espanha, nós a entregamos para esposa ou para amiga, pois nisso podes fazer o que estiver mais a teu gosto, porque nossa vida, livre e ampla, não está sujeita a melindres nem a muitas cerimônias. Olha-a bem e vê se te agrada, ou se vêes nela alguma coisa que te desgoste, e, se a vires, escolhe entre as donzelas que estão aqui a que mais te satisfizer. Nós te daremos a que escolheres, mas debes saber que, uma vez escolhida, não a podes deixar por outra, nem te enfastiares nem te meteres com casadas ou donzelas. Nós obedecemos inviolavelmente à lei da amizade: nenhum corteja o amor do outro; vivemos livres da amarga pestilência do ciúme. Entre nós, embora haja muitos incestos, não há nenhum adultério. E quando há, com a própria mulher ou alguma velhacaria com a amiga, não vamos à Justiça pedir castigo; nós somos os juizes e os verdugos de nossas esposas ou amigas; com a mesma facilidade as matamos e as enterramos pelas montanhas e desertos como se fossem animais nocivos: não há parente que as vingue nem pais que cobrem sua morte. Com esse temor e medo elas procuram ser castas, e nós, como eu já disse, vivemos seguros. Temos poucas coisas que não sejam comuns a todos, exceto a mulher e a amiga, pois queremos que cada uma seja daquele a quem por sorte coube. Assim, o que nos separa são a velhice e a morte. Aquele que quiser pode deixar a mulher velha, desde que ele seja moço, e escolher outra que corresponda ao gosto de seus anos. Com essas e com outras leis e estatutos nos conservamos e vivemos alegres; somos senhores dos campos, das plantações, das selvas, das montanhas, das fontes e dos rios. As

matas nos oferecem lenha de graça; as árvores, frutas; as vinhas, uvas; as hortas, hortaliças; as fontes, água; os rios, peixes; e os coutos, caça; sombra as rochas, casas as cavernas, e ar fresco as fendas. Para nós, as inclemências do céu são brisas, refresco as neves, banhos a chuva, música os trovões e tochas os relâmpagos. Para nós, o chão duro são colchões macios de penas; o couro curtido de nosso corpo nos serve de armadura impenetrável que nos defende; nossa ligeireza grilhões não seguram, nem barrancos a detêm, nem paredes a confrontam; nosso ânimo os apertos não dobram, nem o quebra o garrote, nem o sufocam afogamentos, nem o domam esartejamentos.<sup>23</sup> Do sim ao não, não fazemos diferença quando nos convém: sempre nos gabamos mais de mártires que de confessores. Para nós, se criam os animais de carga nos campos e se fazem as algibeiras nas cidades. Não há águia, nem outra ave de rapina, que se atire mais rápido à presa que apareça que nós nos lançamos às oportunidades que tenham algum interesse; e, por fim, temos muitas habilidades que nos prometem felizes resultados, porque no cárcere cantamos, na tortura calamos, de dia trabalhamos e de noite furtamos, ou, digamos melhor, avisamos que ninguém viva despreocupado de onde deixa seus bens. Não nos aflige o temor de perder a honra, nem nos tira o sono a ambição de aumentá-la, nem sustentamos bandos, nem nos apressamos a fazer homenagens, nem a acompanhar poderosos, nem a solicitar favores. Por tetos dourados e palácios suntuosos julgamos estas barracas e acampamentos móveis; por quadros e pinturas, o que nos dá a natureza nesses penhascos elevados e serras nevadas, campos extensos e matas fechadas que a cada passo se mostram a nossos olhos. Somos astrólogos rústicos, porque, como quase sempre dormimos ao relento, a qualquer hora sabemos quais são do dia e quais são da noite; vemos como a aurora encurrala e varre as estrelas do céu e como ela sai com sua companheira, a luz, alegrando o ar, esfriando a água e umedecendo a terra, e em seguida, atrás dela, o sol, dourando cumes (como disse um outro poeta) e ondulando montes; nem tememos ficar gelados por sua ausência quando nos fere de soslaio com seus raios,

nem ficar abrasados quando nos toca diretamente com eles: fazemos uma mesma cara tanto para o sol como para o gelo, à esterilidade ou à abundância. Em suma, vivemos por nossas manhas e lábia, e sem nos envolvermos com o antigo ditado: "Igreja ou mar ou casa real". Temos o que queremos, pois nos contentamos com o que temos. Tudo isso vos disse, generoso rapaz, para que não ignoreis a vida que viestes a adotar e o pacto que haveis de professar, o qual vos pinteí nesse esboço, pois muitas outras e infinitas coisas ireis descobrindo com o tempo, não menos dignas que as que ouvistes.

Dizendo isso, calou-se o velho e eloquente cigano, e o novo disse que se alegrava muito de ter sabido de tão louváveis estatutos, e que ele pensava aderir àquela ordem tão bem ajustada e com fundamentos tão políticos, e que só lhe pesava não ter vindo antes para conhecer vida tão alegre, e que desde aquele instante renunciava à profissão de cavaleiro e à vanglória de sua linhagem ilustre, e tudo punha sob o jugo ou, melhor dizendo, sob as leis com que eles viviam, pois com tão alta recompensa lhe satisfaziam o desejo de servi-los entregando-o à divina Preciosa, por quem ele deixaria coroas e impérios, e só os desejaria para servi-la.

Ao que Preciosa respondeu:

– Como estes senhores legisladores consideraram por suas leis que sou tua, e que como tua me entregaram a ti, eu considerarei pela lei de minha vontade, que é a mais forte de todas, que não quero sê-lo se não for sob as condições que acertamos entre nós antes que viesses para cá. Por dois anos deves servir em nossa companhia antes de gozares da minha, para que não te arrependas por impaciente, nem eu fique enganada por apressada. Condições quebram leis; sabes as que te propus: se quiseres segui-las, talvez eu seja tua e tu sejas meu, e, se não, a mula ainda não foi morta, tuas vestes estão inteiras, e de teu dinheiro não falta um vintém; tua ausência ainda não tem um dia, e do que ainda há dele podes te servir para considerar o que mais te convém. Estes senhores bem podem te entregar meu corpo, mas não minha alma, que é livre e nasceu livre, e há de ser livre enquanto eu quiser. Se ficares, te estimarei muito; se fores, não vou te querer mal; porque, em minha



opinião, os ímpetos amorosos correm à rédea solta, até que topam com a razão ou com o desengano; e eu não gostaria que tu fosses comigo como é o caçador que, alcançando a lebre que persegue, a pega e a deixa para correr atrás de outra que lhe foge. Existem olhos enganados que à primeira vista confundem ouropel com ouro, mas, em pouco tempo, reconhecem a diferença que há entre o verdadeiro e o falso. A beleza que dizes que tenho, que estimas acima do sol e mais que o ouro, que sei eu se de perto não te parecerá sombra e tocada descobrirás que é de alquimia? Dois anos te dou de prazo para que sondes e ponderes o que será melhor escolher ou será justo descartar. Se ninguém pode se desfazer da prenda, depois de comprada, a não ser com a morte, é bom que haja tempo, e muito, para olhá-la e olhá-la de novo e ver nela as falhas ou as virtudes que tem, pois eu não me governo pela bárbara e insolente licença que estes meus parentes tomaram de deixar as mulheres, ou castigá-las, quando lhes dá na veneta; e, como não penso fazer nada que leve ao castigo, não quero me ligar a quem me descarte a seu bel-prazer.

– Tens razão, minha Preciosa! – disse Andrés nesse ponto. – Portanto, se quiseres que abrande teus temores e suavize tuas suspeitas jurando-te que não sairei um ponto das ordens que me ditas, vê que juramento queres que eu faça, ou que outra garantia posso te dar, que a tudo me encontrarás disposto.

– Os juramentos e promessas que o prisioneiro faz para que lhe deem liberdade poucas vezes se cumprem com ela – disse Preciosa. – Assim são, conforme penso, os dos amantes, que, para alcançar seus desejos, prometerão as asas de Mercúrio e os raios de Júpiter, como me prometeu um certo poeta, e jurava pelas águas do Estige.<sup>24</sup> Não quero juramento, senhor Andrés, nem quero promessas; quero apenas mostrar tudo o que vos espera neste noviciado, e a mim caberá a carga de me preservar quando tiverdes a de me ofender.

– Assim seja – respondeu Andrés. – Apenas uma coisa peço a estes meus senhores e companheiros: não me forcem a furtar alguma coisa, pelo menos no prazo de um mês, porque me parece

que não conseguirei ser ladrão se antes não precederem muitas lições.

– Calado, meu filho – disse o cigano velho. – Aqui te ensinaremos de modo que saias uma águia no ofício; e, quando o souberes, irás gostar tanto dele que irás te babar todo. Já é motivo de brincadeiras sair vazio do acampamento pela manhã e voltar carregado à noite.

– Carregado de açoites eu vi voltar alguns desses vazios – disse Andrés.

– Quem sai na chuva... – replicou o velho. – Todas as coisas desta vida estão sujeitas a diversos perigos, e as ações do ladrão aos das galeras, açoites e forca; mas não é porque um navio enfrenta uma tempestade, ou se alaga, que os outros vão deixar de navegar. Seria bonito que deixasse de haver soldados porque a guerra devora os homens e os cavalos! Sem falar que, entre nós, aquele que é açoitado pela Justiça tem nas costas uma insígnia, e das boas, que lhe parece melhor do que se a trouxesse no peito. O negócio é não acabar na ponta de uma corda escoiceando o ar na flor de nossa juventude e nos primeiros delitos, pois não damos um vintém pelas cócegas nas costas, nem para espancar a água nas galés. Andrés, meu filho, repousai agora no ninho sob nossas asas, que a seu tempo vos levaremos a voar, e em lugares de onde não voltareis sem presa, e repito o que disse: havereis de lambar os dedos depois de cada furto.

– Pois, para recompensá-los pelo que eu poderia furtar neste tempo que me dão de licença – disse Andrés –, quero repartir duzentos escudos de ouro entre todos os do acampamento.

Mal disse isso, muitos ciganos se lançaram a ele e, levantando-o nos braços e sobre os ombros, cantaram:

– Bravo, bravo! O grande Andrés! – E acrescentaram: – E viva, viva Preciosa, sua formosa amada!

As ciganas fizeram a mesma coisa com Preciosa, não sem inveja de Cristina e de outras ciganinhas que se achavam presentes, pois a inveja se aloja tão bem no acampamento dos bárbaros e nas cabanas dos pastores como nos palácios dos príncipes, e isso de ver

prosperar o vizinho, que me parece não ter mais méritos que eu, cansa.

Feito isso, comeram lautamente; dividiu-se o dinheiro prometido com equidade e justiça; renovaram-se os elogios a Andrés e elevaram aos céus a formosura de Preciosa.

Chegou a noite, degolaram a mula e enterraram-na, de modo que Andrés ficou seguro de não ser descoberto por causa dela; e também enterraram com ela seus arreamentos, tanto a sela como freio e cinchas, ao modo dos hindus, que sepultam com eles suas joias mais ricas.

De tudo o que havia visto e ouvido, e da engenhosidade dos ciganos, Andrés ficou admirado e com a intenção de seguir seus empreendimentos, mas conseguiu-lo sem se misturar em nada em seus costumes, ou, pelo menos, esquivar-se por todos os meios que pudesse, pensando livrar-se da obrigação de obedecer a eles nas coisas injustas que lhe ordenassem, à custa de seu dinheiro.

No outro dia, Andrés lhes pediu que mudassem de lugar e se afastassem de Madri, porque temia ser reconhecido se permanecesse ali; eles disseram que já tinham resolvido ir para as montanhas de Toledo, e de lá saltar e afanar pelas terras todas da redondeza.

Levantaram acampamento, portanto, e deram a Andrés uma burrinha para montar; mas ele não a quis, preferindo ir a pé, como lacaio de Preciosa, que ia montada em outra, ela alegríssima de ver como triunfava sobre seu belo escudeiro, e ele nem mais nem menos, por ver junto a si aquela que havia feito senhora de seu livre-arbítrio.

Oh, força poderosa deste que chamam doce deus da amargura – título que lhe deram nossa ociosidade e nosso descuido –, com que eficácia nos avassalas, e com que falta de respeito nos trata! Andrés é cavaleiro e moço de grande discernimento, criado quase toda a sua vida na corte e com o carinho de seus pais ricos, e de ontem para cá fez tal mudança que enganou seus criados e seus amigos, frustrou as esperanças que seus pais depositavam nele, deixou o caminho de Flandes, onde havia de exercitar o valor de sua pessoa e engrandecer a honra de sua linhagem, e veio se prostrar

aos pés de uma moça (e ser seu laçao) que, embora belíssima, era cigana: privilégio da beleza, que arrasta pelos cabelos, aviltada, a vontade mais livre.

Quatro dias depois chegaram a uma aldeia a duas léguas de Toledo, onde sentaram acampamento, antes dando alguns presentes de prata ao alcaide, como fiança de que não furtariam nenhuma coisa nela nem em todo o território. Feito isso, todas as ciganas velhas, e algumas moças, e os ciganos se espalharam por todos os lugares, ou pelo menos afastados quatro ou cinco léguas de onde haviam acampado. Andrés foi com eles tomar a primeira lição de gatunagem; mas, embora tenham lhe dado muitas naquela saída, não aprendeu nenhuma; ao contrário, correspondendo a seu bom sangue, a cada furto que seus mestres praticavam, ele se arrancava a alma, e algumas vezes pagou de seu dinheiro os furtos que seus companheiros haviam feito, comovido pelas lágrimas dos lesados, coisa que desesperava os ciganos, que lhe diziam que era contrariar seus estatutos e preceitos, que proibiam a entrada da caridade em seu peito, porque, se a tivessem, haveriam de deixar de ser ladrões, coisa que não lhes ficava bem de maneira nenhuma.

Então, vendo isso, Andrés disse que queria furtar por si mesmo, sem a companhia de ninguém, porque era rápido para fugir do perigo e, para enfrentá-lo, não lhe faltava coragem, de modo que o prêmio ou o castigo do que furtasse queria que fosse seu.

Os ciganos procuraram dissuadi-lo desse propósito, dizendo-lhe que poderia haver ocasiões em que fosse necessária a companhia, tanto para atacar como para se defender, e que uma pessoa sozinha não podia fazer grandes presas. Mas, por mais que lhe falassem, Andrés quis ser ladrão sozinho, com a intenção de se afastar da quadrilha e comprar com seu dinheiro alguma coisa de que pudesse dizer que havia furtado, e desse modo sobrecarregar o menos que pudesse sua consciência.

Usando, portanto, dessa artimanha, em menos de um mês trouxe mais proveito ao grupo do que trouxeram quatro dos mais arrogantes ladrões dele, do que Preciosa não se alegrava pouco, vendo seu terno amante tão lindo e ladrão tão desembaraçado. Mas, mesmo assim, tinha medo de alguma desgraça, pois ela não gostaria

de vê-lo ultrajado nem por todo o tesouro de Veneza, obrigada a manter boa vontade com os muitos serviços e presentes que seu Andrés lhe fazia.

Estiveram pouco mais de um mês pelas bandas de Toledo, onde fizeram seu pé-de-meia, embora fosse inteira, e dali foram para Estremadura, por ser terra rica e quente. Andrés tinha com Preciosa conversas puras, inteligentes e apaixonadas, e ela pouco a pouco ia se apaixonando pela sensatez e amabilidade de seu amante, e ele, da mesma forma, se seu amor pudesse crescer mais, mais teria crescido: tais eram a pureza, inteligência e formosura de sua Preciosa. Aonde quer que chegassem, ele arrematava o prêmio e as apostas de correr e de saltar mais que ninguém; jogava boliche e pelota excepcionalmente; atirava a barra<sup>25</sup> com muita força e singular destreza; enfim, em pouco tempo sua fama voou pela Estremadura toda, e não havia lugar onde não se falasse do belo porte do cigano Andrés Caballero e de seus encantos e habilidades, e a par dessa fama corria a da formosura da ciganinha, e não havia vila, povoado nem aldeia onde não os chamassem para animar as festas do padroeiro local, ou para outras alegrias particulares. Dessa maneira, o acampamento ia rico, próspero e contente, e os apaixonados, encantados apenas de se olhar.

Aconteceu que, sendo o acampamento entre umas azinheiras, um tanto afastado da estrada real, uma noite ouviram, quase pela metade dela, seus cachorros latirem com muita obstinação e bem mais que o de costume. Alguns ciganos saíram, e com eles Andrés, para ver para quem latiam e viram que se defendia deles um homem vestido de branco, que os cachorros tinham segurado por uma perna. Aproximaram-se e o livraram, e um dos ciganos disse:

– Quem diabos vos trouxe por aqui, homem, a estas horas e tão fora de caminho? Por acaso viestes furtar? Porque na verdade chegastes a bom porto.

– Não venho furtar – respondeu o mordido –, nem sei se venho ou não fora de caminho, embora veja muito bem que venho desencaminhado. Mas dissei-me, senhores, há por aqui alguma

estalagem ou aldeia onde eu possa me recolher esta noite e tratar das feridas que vossos cachorros me fizeram?

– Não há aldeia nem estalagem aonde possamos vos encaminhar – respondeu Andrés. – Mas para tratar vossas feridas e vos alojar esta noite não vos faltará conforto em nossas barracas. Vinde conosco, que, embora ciganos, não o parecemos em matéria de caridade.

– Deus a use convosco – respondeu o homem –, e levai-me aonde quiserdes, que a dor nesta perna me abate muito.

Aproximaram-se dele Andrés e outro cigano caridoso – pois mesmo entre os demônios há uns piores que outros, e entre muitos homens maus costuma haver algum bom –, e entre os dois o levaram.

A noite estava clara com a lua, de modo que puderam ver que o homem era moço elegante de rosto e porte; vinha vestido todo de linho branco, e atravessada pelas costas e presa no peito uma espécie de camisa ou saco de linho. Chegaram à barraca ou toldo de Andrés, e com presteza acenderam o fogo e uma vela, e logo chegou a avó de Preciosa para tratar do ferido, de quem já lhe haviam falado. Ela pegou alguns pelos dos cachorros, fritou-os em azeite e os pôs, com o azeite, nas mordidas que o moço tinha na perna esquerda, depois de lavá-las com vinho, e em cima botou um pouco de alecrim verde mascado. Depois envolveu bem a perna com panos limpos e, benzendo as feridas, disse:

– Dormi, meu amigo, que, com a ajuda de Deus, não será nada.

Enquanto tratavam do ferido, Preciosa estava diante dele e o esteve olhando intensamente, e ele também a ela, de modo que Andrés percebeu a atenção com que o moço a olhava, mas achou que a grande beleza de Preciosa arrastava os olhos atrás de si. Em suma, depois de feito o curativo, deixaram o moço sozinho numa cama feita de feno seco e por ora não quiseram lhe perguntar nada sobre aonde ia nem outra coisa.

Mal se afastaram dele, Preciosa chamou Andrés à parte e lhe disse:

– Lembra, Andrés, de um papel que perdi em tua casa quando dançava com minhas companheiras e que, acredito, te fez passar um

mau bocado?

– Lembro, sim – respondeu Andrés –, era um soneto em tua homenagem, e não era ruim.

– Pois deves saber, Andrés – replicou Preciosa –, que o autor daquele soneto é esse rapaz mordido que deixamos na barraca. Não estou enganada, não, porque ele me falou em Madri duas ou três vezes, e ainda me deu um romance muito bom. Andava por lá como pajem, me parece; mas não dos comuns e sim dos favorecidos por algum príncipe. Com certeza, Andrés, o moço é sensato, e bem inteligente, e muito honesto, e não sei o que pensar de sua vinda e de seu traje.

– Não sabes o que pensar, Preciosa? – respondeu Andrés. – Nenhuma outra coisa senão a mesma força que me fez cigano fez a ele parecer um moleiro e vir atrás de ti. Ah, Preciosa, Preciosa, como vai se notando que queres te gabar de ter mais de um apaixonado! E, se isso for certo, acaba comigo primeiro, e depois matarás este outro, e não queiras nos sacrificar juntos em honra de teu engano, para não dizer de tua beleza.

– Que Deus me ajude, Andrés! – respondeu Preciosa. – Como andas inseguro, como tens pendentes tuas esperanças e minha reputação de um fino fio de cabelo, pois com tanta facilidade te penetrou a alma a dura espada do ciúme! Diz-me, Andrés: se nisso houvesse manhas ou algum engano, eu não saberia me calar e ocultar quem era esse moço? Sou tão burra, por acaso, que haveria te dar oportunidade de pôr em dúvida minha pureza e boa intenção? Cala, Andrés, por tua vida, e amanhã procura tirar do peito essa tua assombração aonde ela vai, ou por que vem. Tua suspeita poderia estar enganada, como eu não o estou de que esse moço é quem penso ser. E para maior segurança tua, pois já te assegurei com minha explicação, de qualquer maneira e com qualquer intenção que esse moço venha, despede-o logo e faz com que vá embora; pois todos os de nosso bando te obedecem, e não haverá nenhum que queira dar acolhida a ele em sua barraca contra tua vontade. E, se isso não acontecer, eu te dou minha palavra de não sair da minha, nem me deixar ver pelos olhos dele, nem de todos aqueles que tu

quiseres que não me vejam. Olha, Andrés, não me pesa ver-te ciumento, mas haverá de me pesar te ver insensato.

– Desde que não me vejas louco, Preciosa – respondeu Andrés –, qualquer outra demonstração será pouca ou nada para dar a entender aonde chegam e quanto afligem as amargas e duras conjecturas do ciúme. Mas, apesar de tudo, eu farei o que me mandas, e saberei, se é que é possível, o que é que esse senhor pajem poeta quer, aonde vai ou o que é que busca, pois pode ser que, através de algum fio que sem cuidado mostre, se desenrole todo o novelo com que temo vem me enredar.

– Nunca o ciúme, pelo que imagino – disse Preciosa –, deixa o entendimento livre para que se possam julgar as coisas como elas são: os ciumentos sempre olham com lentes de aumento, que fazem as coisas pequenas grandes; os anões, gigantes, e as suspeitas, verdades. Por tua vida e pela minha, Andrés, procede sensata e prudentemente nisso e em tudo o que diz respeito ao nosso trato. Pois, se assim o fizeres, sei que irás me conceder a palma de honesta e recatada, e de sincera ao extremo.

Com isso, ela se despediu de Andrés, e ele ficou esperando o dia para ouvir a confissão do ferido, a alma cheia de perturbação e de mil imaginações contraditórias. Não podia acreditar em nada além de que aquele pajem tinha vindo atraído pela formosura de Preciosa, pois o ladrão pensa que todos são da mesma laia dele. Por outro lado, a explicação que Preciosa havia dado lhe parecia ter tanta força que o obrigava a viver em segurança e deixar toda a sua felicidade nas mãos de sua honestidade.

Chegou o dia, visitou o ferido, perguntou a ele como se chamava e aonde ia, e por que caminhava tão tarde e tão longe da estrada, embora tenha perguntado antes como estava e se havia diminuído a dor das mordidas. O moço respondeu que se achava melhor e sem dor alguma, de modo que podia seguir seu caminho. Quanto a dizer seu nome e aonde ia, não disse nada além de que se chamava Alonso Hurtado, e que ia a Nossa Senhora da Penha de França por causa de um certo negócio, e que para chegar rápido caminhava à noite, e que na noite anterior havia perdido o rumo e por acaso



tinha dado com aquele acampamento, onde os cachorros que o guardavam haviam-no posto do modo em que se via.

Andrés não achou verdadeira essa declaração, mas muito bastarda, e de novo suas suspeitas voltaram a lhe fazer cócegas na alma, e então disse:

– Irmão, se eu fosse juiz e vós tivésseis caído sob minha jurisdição por algum delito, o que exigiria que eu vos fizesse as perguntas que vos fiz, vossa resposta me obrigaria a vos dar um aperto. Eu não quero saber quem sois, como vos chamais ou aonde ides, mas vos advirto que se vos convém mentir nesta vossa viagem, menti com mais aparência de verdade. Dizeis que ides à Penha de França e a deixastes à direita, umas trinta léguas mais atrás deste lugar onde estamos; caminhais de noite para chegar logo, e ides fora da estrada por entre matas de azinheiras que não têm nem trilhas quanto mais caminhos. Amigo, levantai-vos e aprendei a mentir, e ide embora em boa hora. Mas, por esse bom conselho que vos dou, não me direis uma verdade? Direis, sim, pois tão mal sabeis mentir. Dizei-me: sois por acaso um que eu vi muitas vezes na corte, entre pajem e cavaleiro, que tinha fama de ser grande poeta, um que fez um romance e um soneto para uma ciganinha que há dias andava por Madri e que era considerada de beleza única? Dizei-me, que eu vos prometo pela honra de cavaleiro cigano de vos guardar o segredo que vós considerardes que vos convém. Vede que me negar a verdade, de que não sois quem eu digo, não nos levaria a nada, porque este rosto que eu vejo aqui é o que vi em Madri. Sem dúvida nenhuma que a grande fama de vossa inteligência fez com que muitas vezes eu vos olhasse como homem raro e insigne, e assim me ficou na memória vossa figura, pois vos reconheci por ela, mesmo usando agora traje diferente daquele em que vos vi então. Não vos preocupeis; animai-vos e não penseis que chegastes a um povoado de ladrões, mas a um refúgio onde saberão vos cuidar e defender de todo mundo. Olhai: eu imagino uma coisa, e, se ela é como a imagino, vós haveis topado com vossa boa sorte ao ter me encontrado. O que imagino é que, apaixonado por Preciosa, aquela formosa ciganinha a quem fizestes versos, viestes procurá-la, e não vos considero menos por isso, pelo contrário, pois, embora cigano, a

experiência me mostrou até onde se estende a poderosa força do amor e as transformações que faz nos que acolhe sob sua alçada e autoridade. Se isso é verdade, como penso sem dúvida que é, vos digo: a ciganinha está aqui.

– Sim, está aqui: eu a vi ontem à noite – disse o ferido, o que deixou Andrés como defunto, parecendo-lhe que enfim confirmava suas suspeitas. – Ontem à noite a vi – disse o moço de novo –, mas não me atrevi a lhe dizer quem era, porque não me convinha.

– Então – disse Andrés –, vós sois o poeta de que falei.

– Sou, sim: não posso nem o quero negar – replicou o rapaz. – Quem sabe, onde pensei me perder tenha vindo a me encontrar, se é que há felicidade nas florestas e boa acolhida nas montanhas.

– Há, sem dúvida – respondeu Andrés –, e entre nós, os ciganos, a maior discricção do mundo. Com essa certeza podeis, senhor, desvelar-me vosso peito, e achareis no meu o que vereis, sem duplicidade alguma. A ciganinha é parenta minha, e está sujeita ao que eu quiser fazer dela. Se a quiserdes por esposa, eu e todos os seus parentes apreciaremos isso; e, se por amiga, não usaremos de nenhum melindre, desde que tenhais dinheiro, porque a cobiça jamais sai de nossas barracas.

– Tenho dinheiro – respondeu o moço. – Nestas mangas de camisa que uso em volta do corpo trago quatrocentos escudos de ouro.

Esse foi outro susto mortal que Andrés teve, vendo que trazer tanto dinheiro não era senão para conquistar ou comprar sua amada, e com língua confusa disse:

– É uma boa quantia. Apenas apresentai o dinheiro e mãos à obra, pois a moça, que não é nada boba, verá como é vantajoso ser vossa.

– Ai, meu amigo! – disse a essa altura o moço. – Quero que saibais que a força que me levou a mudar de traje não é a do amor, como dizeis, nem a de desejar Preciosa, que formosas Madri tem que podem e sabem roubar corações e render as almas tão bem e melhor que as mais belas ciganas, mesmo que eu confesse que a formosura de vossa parenta excede a todas que eu vi. O que me

tem neste traje, a pé e mordido pelos cachorros não é o amor, mas uma desgraça.

Com essas palavras que o moço ia dizendo, Andrés ia recobrando o ânimo perdido, parecendo-lhe que se encaminhava a um paradeiro muito diferente do que imaginava. E, ansioso para sair daquela confusão, voltou a reforçar a confiança com que o moço podia se revelar, e assim ele prosseguiu, dizendo:

– Eu estava em Madri, na casa de um dignitário, a quem não servia como a um senhor, mas como a um parente. Este tinha um filho único, herdeiro seu, que, tanto pelo parentesco como por sermos de uma mesma idade e condição, me tratava com grande camaradagem e amizade. Aconteceu que esse cavaleiro se apaixonou por uma donzela de família importante, a quem ele escolheria para esposa de muito boa vontade, se não a tivesse sujeita como bom filho à de seus pais, que aspiravam casá-lo mais nobremente. Mas, mesmo assim, ele disfarçadamente favorecia essa vontade com todos os olhos e línguas que pudesse para demonstrar seus desejos. Mas apenas meus olhos eram testemunhas de seus propósitos. E uma noite, que a desgraça devia ter escolhido para o caso que agora vos contarei, passando nós dois pela rua e porta dessa senhora, vimos encostados a ela dois homens, pelo visto, de boa aparência. Meu parente quis reconhecê-los, mas, mal se encaminhou para eles, levaram rápido as mãos às espadas e a dois escudos e avançaram para nós, e nós também avançamos e com armas iguais atacamos. A luta durou pouco, porque não durou muito a vida dos dois adversários, pois, com duas estocadas que guiaram o ciúme de meu parente e a defesa que eu lhe garantia, perderam-nas. Caso estranho e poucas vezes visto. Triunfando, portanto, sobre o que não queríamos, voltamos para casa e, secretamente, pegando todo o dinheiro que podíamos, fomos para São Jerônimo,<sup>26</sup> esperando o dia e que se descobrisse o que acontecera e as conjecturas que teriam sobre os matadores. Soubemos que não havia indício algum de nós, e os prudentes religiosos nos aconselharam a que voltássemos para casa e que nada falássemos nem despertássemos alguma suspeita com nossa ausência; então,

quando já estávamos decididos a seguir seu parecer, avisaram-nos que os senhores alcaides da corte haviam prendido em sua casa os pais da donzela e a própria donzela, e que, entre outros criados a quem ouviram a confissão, uma criada da senhora disse que meu parente passeava de noite e de dia para ver sua senhora; e com essa pista haviam nos procurado, e, não nos encontrando, mas sim muitos sinais de nossa fuga, confirmou-se em toda a corte sermos nós os matadores daqueles dois cavaleiros, pois o eram, e muito importantes. Por fim, por conselho do conde, meu parente, e dos religiosos, depois de quinze dias que estivemos escondidos no monastério, meu companheiro, com hábito de padre, com outro padre foi a Aragão, com intenção de passar para a Itália, e dali para Flandes, até ver no que dava o caso. Eu quis dividir e separar nosso destino, e que nossa sorte não seguisse a mesma rota; fui então por um caminho diferente do seu e, com trajes de criado de padre, a pé, saí com um religioso que me deixou em Talavera. De lá vim sozinho, afastado das estradas, até que ontem à noite cheguei a esta mata de azinheiras, onde me aconteceu o que vistes. E, se perguntei pelo caminho à Penha de França, foi para responder alguma coisa ao que me perguntastes, pois na verdade não sei onde fica a Penha de França, embora saiba que está mais acima de Salamanca.

– É verdade – respondeu Andrés –, e já a deixastes à direita, quase vinte léguas daqui. Para que vejais que caminho direto faríeis se fôsseis para lá.

– Eu só pensava ir a Sevilha – replicou o moço –, pois lá conheço um cavaleiro genovês, grande amigo do conde, meu parente, que costuma enviar para Gênova grande quantidade de prata, e tenho o propósito de que me acomode entre os que costumam levar, como um deles, e com esse estratagemas certamente poderei chegar até Cartagena, e de lá à Itália, porque logo devem vir duas galeras para embarcar a prata. Essa é minha história, meu bom amigo: vede se posso dizer que nasce mais da desgraça pura que de amores aguados. Mas se esses senhores ciganos quiserem me levar em sua companhia até Sevilha, se é que vão para lá, eu pagaria muito bem, pois me parece que em sua companhia iria mais seguro, e não com o medo que tenho.

– Sim, levarão – respondeu Andrés. – Se não fordes com nosso grupo, porque por ora não sei se vamos à Andaluzia, ireis com outro que penso que encontraremos dentro de dois dias, e, dando algo do que levais, facilitareis com eles outros transtornos maiores.

Andrés o deixou e foi dar conta aos demais ciganos do que o moço havia contado e do que pretendia, com o oferecimento que fazia de um bom pagamento e recompensa. Todos foram de opinião que ele ficasse no acampamento. Apenas Preciosa foi contra, e a avó disse que não podia ir a Sevilha nem às imediações, porque ali, muitos anos antes, havia tapeado um fabricante de gorros chamado Triguillos, muito conhecido na cidade, ao qual havia feito meter-se numa tina de água até o pescoço, nu em pelo, com uma coroa de cipreste na cabeça, esperando a meia-noite em ponto para sair da tina e pegar um grande tesouro que ela o havia feito pensar que estava em certa parte de sua casa. Disse que logo que o bom homem ouviu tocar as matinas, para não perder a oportunidade, se apressou tanto em sair da tina que deu com ela e com ele no chão, e com a pancada e com os cacos se machucou todo, derramando a água, onde ficou nadando e gritando que se afogava.

– Sua mulher e seus vizinhos acorreram com luzes e o encontraram dando a impressão de que nadava, soprando e arrastando a barriga pelo chão, e mexendo os braços e pernas com muita pressa, e dizendo aos berros: “Socorro, senhores, que me afogo!”. Tinha tanto medo que realmente pensou que se afogava. Agarraram-no, tiraram-no daquele perigo, voltou a si, contou a trama da cigana e, apesar disso, cavou no lugar assinalado quase um metro e meio de fundura, mesmo que todos lhe dissessem que era uma trapaça minha; e, se não o impedisse um vizinho seu, pois já tocava nos alicerces de sua casa, ele botaria ambas abaixo se o deixassem cavar tudo o que queria. Soube-se dessa história por toda a cidade, e até os meninos o apontavam com o dedo e comentavam sua credulidade e minha trapaça.

Isso contou a cigana velha, e isso deu como pretexto para não ir a Sevilha. Os ciganos, que já sabiam por Andrés Caballero que o moço trazia dinheiro em quantidade, com presteza o acolheram em sua companhia e se ofereceram para protegê-lo e escondê-lo todo o

tempo que quisesse, e decidiram desviar o caminho à esquerda e entrar em La Mancha e no reino de Múrcia.

Chamaram o moço e o informaram do que pensavam fazer por ele; ele lhes agradeceu e deu cem escudos de ouro para que dividissem entre todos. Com esse presente ficaram mais macios que martas; somente Preciosa não se alegrou muito com a permanência de dom Sancho, que assim disse o moço que se chamava; mas os ciganos o trocaram para Clemente, e desse modo o chamaram dali por diante. Andrés também ficou um tanto aborrecido e não muito satisfeito com Clemente ter ficado, por lhe parecer que com pouco fundamento havia deixado suas primeiras intenções. Mas Clemente, como se lesse sua preocupação, entre outras coisas lhe disse que se alegrava de ir ao reino de Múrcia por estar perto de Cartagena, onde, se viessem as galeras, como ele achava que haveriam de vir, poderia com facilidade passar para a Itália. Por fim, para mantê-lo mais sob seus olhos, acompanhar suas ações e esquadrihar seus pensamentos, Andrés quis que Clemente fosse seu amigo, e Clemente considerou essa amizade um grande favor que ele lhe fazia. Andavam sempre juntos, gastavam a rodo, choviam escudos, corriam, saltavam, dançavam e atiravam a barra melhor que nenhum dos ciganos, e eram mais que medianamente queridos pelas ciganas e respeitados ao extremo pelos ciganos.

Deixaram, pois, a Estremadura, entraram na Mancha e pouco a pouco se encaminharam para o reino de Múrcia. Em todas as aldeias e povoados por que passavam havia desafios de pelota, de esgrima, de correr, de saltar, de atirar a barra e outros exercícios de força, destreza e agilidade, e de todos saíam vencedores Andrés e Clemente, como antes ficou dito apenas de Andrés; e, em todo esse tempo, que foi mais de mês e meio, nunca Clemente teve oportunidade, nem a procurou, de falar com Preciosa, até que um dia, estando Andrés com ela, ele entrou na conversa, porque o chamaram, e Preciosa lhe disse:

– Eu te reconheci desde que chegaste a nosso acampamento, e me vieram à memória os versos que me deste em Madri; mas não quis dizer nada, por não saber com que intenção vinhas a nossos alojamentos; e, quando soube de tua desgraça, a alma me pesou e

meu peito se apertou, pois estava sobressaltado, pensando que como havia dom Juans no mundo que mudavam para Andrés, assim podia haver dom Sanchos que mudassem para outros nomes. Falote dessa maneira porque Andrés me disse que te contou quem é e com que intenção se tornou cigano – e isso era mesmo verdade, pois Andrés havia lhe contado toda a sua história para poder revelar a ele seus pensamentos. – E não penses que te foi de pouco proveito eu te reconhecer, pois por minha causa e pelo que eu disse de ti, facilitou-se tua acolhida e admissão em nossa companhia, onde queira Deus te aconteça todo o bem que puderes desejar. Quero que me pagues essa minha boa intenção não atribuindo a Andrés a baixaza de seu propósito, nem pintes o quanto fica mal para ele perseverar nesse estado; pois, apesar de eu imaginar que sob os cadeados de minha vontade está a dele, ainda me pesaria vê-lo dar mostras, por mínimas que fossem, de algum arrependimento.

A isso respondeu Clemente:

– Não penses, Preciosa única, que dom Juan se revelou com leviandade: primeiro eu o reconheci e primeiro seus olhos me revelaram suas intenções; primeiro eu lhe disse quem era e primeiro adivinhei a prisão de sua vontade, que tu apontas; e ele, dando-me o crédito que era justo que me desse, fez de meu segredo o fiador do seu, e ele é boa testemunha se elogiei sua determinação e emprego escolhido. Pois não tenho, minha Preciosa, mente tão tacanha que não alcançasse até onde se estendem as forças da formosura, e a tua, por ultrapassar os limites dos maiores extremos da beleza, é desculpa suficiente para maiores erros, se é que se devem chamar erros os que se fazem por motivos tão inevitáveis. Agradeço-te, senhora, o que disseste a meu favor, e penso te pagar desejando que estes enredos amorosos cheguem a fins felizes, e que tu desfrutes de teu Andrés, e Andrés de sua Preciosa, com a concordância e gosto de seus pais, para que de tão formoso casal vejamos no mundo os mais belos rebentos que possa formar a bem-intencionada natureza. Isso eu desejarei, Preciosa, e isso direi sempre a teu Andrés, e coisa nenhuma que o desvie de seus bem encaminhados pensamentos.

Clemente disse essas palavras com tanto afeto que Andrés ficou em dúvida se as dissera com paixão ou com cortesia, pois a infernal doença do ciúme é tão sutil e de tal maneira que se cola à poeira em réstias de sol, e dos grãos que tocam o objeto amado se aflige e se desespera o amante. Mas, apesar de tudo, não teve o ciúme confirmado, mais confiado na pureza de Preciosa que em sua sorte, pois os apaixonados sempre se consideram infelizes enquanto não alcançam o que desejam. Enfim, Andrés e Clemente eram camaradas e grandes amigos, tudo garantindo as boas intenções de Clemente e o recato e a prudência de Preciosa, que jamais deu motivos para que Andrés tivesse ciúme dela.

Clemente tinha um quê de poeta, como mostrou nos versos que deu a Preciosa, e Andrés também beliscava um pouco, e ambos tinham paixão pela música. Aconteceu, então, que estando o acampamento alojado num vale a quatro léguas de Múrcia, uma noite, para se entreterem, sentados os dois, Andrés ao pé de um carvalho, Clemente ao de uma azinheira, cada um com um violão, convidados pelo silêncio da noite, começando Andrés e respondendo Clemente, cantaram estes versos:

Andrés

Olha, Clemente, o estrelado véu  
com que esta noite fria  
compete com o dia,  
adornando de belas luzes o céu;  
e nesta semelhança,  
se tanto teu divino engenho alcança,  
aquele rosto figura  
onde assiste o extremo da formosura.

Clemente

Onde assiste o extremo da formosura  
e onde a Preciosa  
pureza formosa  
com todo extremo esgota a candura,



cabe numa efígie,  
pois não há engenho humano que a aprecie,  
se não roçar o divino,  
as alturas, o raro, o grave e peregrino.

Andrés

As alturas, o raro, o grave e peregrino  
estilo nunca usado  
ao céu elevado,  
por doce ao mundo e sem igual caminho,  
teu nome, oh, ciganinha!  
causando assombro, espanto e maravilha,  
a fama eu quisera  
que a levasse até a oitava esfera.<sup>27</sup>

Clemente

Que a levasse até a oitava esfera  
seria justo, não vou contradizer,  
dando aos céus prazer,  
quando seu nome lá fosse como primavera,  
e na terra causara,  
por onde o doce nome ressoara,  
música nos ouvidos,  
paz nas almas, glória nos sentidos.

Andrés

Paz nas almas, glória nos sentidos,  
sentimos quando canta  
a sereia, que encanta  
e adormece os mais prevenidos;  
assim é minha Preciosa,  
que o menos que tem é ser formosa:  
meu doce extravio,  
coroa da graça, honra do brio.

Clemente  
Coroa da graça, honra do brio  
és, bela cigana,  
luz da diana,<sup>28</sup>  
branda brisa no ardente estio;  
raio com que o deus do amor  
converte a neve no peito em ardor;  
força que assim a faz,  
que suavemente mata e satisfaz.

Iam dando mostras de não acabar tão cedo o livre e o cativo se não soasse às costas deles a voz de Preciosa, que as suas havia escutado. Ficaram suspensos ao ouvi-la e, sem se moverem, prestando extraordinária atenção, escutaram-na. Ela (não sei se de improviso ou se a canção que cantava tinha sido composta havia algum tempo), com graça extrema, como se tivesse sido feita para lhes responder, cantou os seguintes versos:

Nesta empresa amorosa  
onde o amor entretenho,  
por maior ventura tenho  
ser honesta que formosa.

A mais humilde planta,  
se a subida não embaraça,  
por natureza ou graça,  
aos céus se levanta.

Neste meu baixo cobre,  
sendo a pureza seu esmalte,  
não há bom desejo que falte  
nem riqueza que não sobre.

Não me causa nenhuma pena

não me querer ou não me estimar;  
pois eu penso fabricar  
minha sorte boa e serena.

Faça eu o que em mim é,  
a ser boa me encaminhe,  
e faça o céu e determine  
o que quiser, que darei fé.

Quero ver se a beleza  
tem tal prerrogativa  
que me eleve e faça diva,  
que aspire a maior nobreza.

Se as almas são iguais,  
poderá a de um lavrador  
igualar-se em valor  
com as que são imperiais.

Da minha o que sinto  
me eleva ao maior primor,  
porque majestade e amor  
têm assento distinto.

Aqui Preciosa encerrou seu canto, e Andrés e Clemente se levantaram para recebê-la. Os três conversaram espirituosamente, e Preciosa revelou em suas palavras sua prudência, sua pureza e sua argúcia, de tal maneira que em Clemente achou desculpa o comportamento de Andrés, que até ali não havia achado, atribuindo mais à juventude que à sensatez sua arrojada determinação.

Naquela manhã se levantou o acampamento, e os ciganos foram se alojar num povoado no território de Múrcia, a três léguas da cidade, onde aconteceu a Andrés uma desgraça que quase o fez perder a vida. Depois de ter dado naquele povoado alguns copos e

prendas de prata como fiança, como tinham o costume, Preciosa e sua avó, e Cristina com outras ciganinhas, e os dois, Clemente e Andrés, se instalaram na estalagem de uma viúva rica, que tinha uma filha de dezessete ou dezoito anos de idade, um tanto mais desenvolta que formosa e que, a propósito, se chamava Juana Carducha. Tendo a Carducha visto as ciganas e os ciganos dançar, ficou com o diabo no corpo, e se apaixonou por Andrés tão perdidamente que resolveu dizer a ele e tomá-lo por marido, se ele quisesse, mesmo que isso amofinasse todos os seus parentes. Assim, procurou uma oportunidade para lhe dizer, e achou-a num curral onde Andrés havia entrado para examinar dois burrinhos. Aproximou-se dele e, com pressa, para não ser vista, lhe disse:

– Andrés – porque já sabia seu nome –, eu sou donzela e rica, pois minha mãe não tem outro filho além de mim, e esta estalagem é sua, e ainda tem muitas vinhas e duas casas. Tu me pareceste bonito: se me quiseres por esposa, depende de ti. Responde-me logo e, se fores sensato, fica, e verás a vida que levaremos.

Andrés ficou admirado da resolução da Carducha e, com a rapidez que ela pedia, lhe respondeu:

– Senhora donzela, eu estou com casamento marcado, e nós, ciganos, não nos casamos a não ser com ciganas. Deus a guarde pela mercê que queria me fazer, da qual não sou digno.

A Carducha esteve a menos de dois dedos de cair morta com a resposta ácida de Andrés, a quem responderia se não visse que entravam outras ciganas no curral. Saiu envergonhada e como que perseguida, e de boa vontade se vingaria se pudesse. Andrés, prudente, resolveu botar distância entre eles e se desviar daquela oportunidade que o diabo lhe oferecia, pois tinha lido muito bem nos olhos da Carducha que, sem os laços matrimoniais, ela se entregaria à sua inteira vontade, e não quis se ver a pé e só naquela enrascada; e, assim, pediu a todos os ciganos que partissem dali naquela mesma noite. Eles, que sempre lhe obedeciam, puseram logo mãos à obra e, cobrando suas fianças naquela tarde, foram embora.

A Carducha, que viu que com a ida de Andrés se ia metade de sua alma, e que não lhe restava tempo para solicitar o cumprimento

de seus desejos, tratou de fazer Andrés ficar por força, já que de boa vontade não podia. Assim, com a destreza, sagacidade e discrição que sua má intenção lhe ensinou, pôs entre as joias de Andrés, que ela reconheceu como dele, uns ricos corais e duas pátenas de prata, com outros brincos seus, e, mal os ciganos haviam saído da estalagem, começou a gritar, dizendo que eles tinham roubado suas joias. A esses gritos, acudiram a Justiça e todas as pessoas do povoado.

Os ciganos pararam, e todos juravam que não levavam nenhuma coisa furtada e que eles mostrariam todos os sacos e provisões de sua equipagem. A cigana velha se preocupou muito, torcendo para que naquele escrutínio não aparecessem as joias de Preciosa e as vestes de Andrés, que ela guardava com grande cuidado e recato. Mas a boa da Carducha remediou tudo com muita rapidez, porque na segunda trouxa que olharam disse que perguntassem qual era a daquele cigano tão bailarino, pois ela o tinha visto entrar em seu aposento duas vezes e que poderia ser que ele as levasse. Andrés entendeu por que ela assim falava e, rindo, disse:

– Senhora donzela, estas são minhas coisas e este é meu burrinho; se achardes nelas ou nele o que vos falta, eu vos pagarei sete vezes o preço, além de me sujeitar ao castigo que a lei dá aos ladrões.

Acorreram logo os oficiais da Justiça a descarregar o burrinho e em pouco tempo toparam com o furto, do que Andrés ficou tão espantado e pensativo que não pareceu mais que uma estátua, sem voz, de pedra dura.

– Não suspeitei bem? – disse a Carducha nesse ponto. – Olhai com que bela cara se cobre um ladrão tão grande!

O alcaide, que estava presente, começou a dizer mil insultos a Andrés e a todos os ciganos, chamando-os de notórios ladrões e salteadores de estradas. Diante de tudo isso, Andrés se calava, pasmo e pensativo, e não conseguia entender a traição da Carducha. Nisso se aproximou dele um soldado arrogante, sobrinho do alcaide, dizendo:

– Não vedes como ficou o ciganinho cansado de furtar? Apostarei que se melindra e que nega o furto, mesmo pego com a

mão na massa. Ainda bem que há quem os manda a todos para as galés. Olhai se este velhaco não estaria melhor nelas, servindo a Sua Majestade, em vez de andar dançando de aldeia em aldeia e furtando a torto e a direito! Palavra de soldado que estou para lhe dar uma bofetada que o derrube a meus pés.

E, dizendo isso, sem mais nem menos, levantou a mão e lhe deu um tamanho bofetão que fez Andrés voltar de seu enlevo e lembrar que não era Andrés Caballero, mas dom Juan e cavaleiro. E, arremetendo contra o soldado com muita rapidez e mais raiva ainda, tirou dele sua própria espada da bainha e a embainhou no corpo, derrubando-o morto no chão.

Então foi a gritaria do povo, então o amofinar-se do tio alcaide, então o desmaio de Preciosa e a perturbação de Andrés ao vê-la desmaiada, então todos levando mãos às armas para prender o homicida. Cresceu a confusão, cresceu a gritaria, e Andrés, para cuidar de Preciosa desmaiada, deixou de cuidar de sua defesa, e quis a sorte que Clemente não se encontrasse no desastrado acontecimento, pois já havia saído do povoado com as bagagens. Por fim, tanto atacaram Andrés que o prenderam e lhe puseram duas correntes muito grossas. O alcaide bem que gostaria de enforcá-lo logo se isso estivesse a seu alcance; mas teve de mandá-lo a Múrcia, por ser de sua jurisdição. Não o levaram a não ser no outro dia, e naquele que ali esteve Andrés passou muitos martírios e humilhações, pois o indignado alcaide e seus oficiais e todos os do lugar se aproveitaram. O alcaide prendeu todos os demais ciganos e ciganas que pôde, porque a maioria fugiu, e entre eles Clemente, que temeu ser preso e descoberto.

Por fim, com o sumário do caso e com uma grande caravana de ciganos, entraram o alcaide e seus oficiais com outra de muita gente armada em Múrcia, entre os quais iam Preciosa e o pobre Andrés, preso por correntes, sobre um burro e com algemas e pé de amigo. Toda a Múrcia apareceu para ver os presos, pois já se tinha notícia da morte do soldado. Mas a formosura de Preciosa naquele dia era tanta que ninguém que a olhava deixava de abençoá-la, e a notícia de sua beleza chegou aos ouvidos da senhora corregedora, que por curiosidade de vê-la fez com que o corregedor, seu marido,

mandasse que aquela ciganinha não entrasse no cárcere, mas todos os outros sim, e Andrés foi posto num calabouço apertado, cuja escuridão e a falta da luz de Preciosa o trataram de tal maneira que pensou não sair dali a não ser para a sepultura. Levaram Preciosa com sua avó para que a corregedora a visse, e assim, mal a viu, disse:

– Com razão a celebram como formosa.

E, puxando-a para si, abraçou-a ternamente, e não se cansava de olhá-la, e perguntou à sua avó que idade teria aquela menina.

– Quinze anos – respondeu a cigana. – Dois meses para mais ou para menos.

– É o que teria agora minha infeliz Costanza. Ai, minhas amigas, esta menina reavivou minha desgraça! – disse a corregedora.

Então Preciosa pegou as mãos da corregedora e, beijando-as muitas vezes, banhando-as em lágrimas, enquanto dizia:

– Minha senhora, o cigano que está preso não tem culpa, porque foi provocado: chamaram-no de ladrão, e não o é; deram-lhe um bofetão no rosto, que é tal que nele se revela a bondade de seu temperamento. Por Deus e por quem sois vós, senhora, que vossa justiça o proteja, e que o senhor corregedor não se apresse a executar nele o castigo com que as leis o ameaçam; e, se minha formosura vos deu algum prazer, alegrai-a com alegrar o preso, porque no fim de sua vida está o da minha. Ele deve ser meu esposo, mas justos e honestos impedimentos dificultaram até agora a realização do casamento. Se for necessário dinheiro para alcançar o perdão, toda a nossa equipagem será vendida em leilão público e se dará ainda mais do que pedirem. Minha senhora, se souberdes o que é o amor, se alguma vez o tivestes, e agora tendes por vosso esposo, tende pena de mim, que amo terna e castamente ao meu.

Nunca, enquanto dizia isso, largou as mãos dela, nem deixou de olhá-la atentamente, derramando amargas e piedosas lágrimas com muita abundância. Também a corregedora a tinha segura pelas suas, olhando-a com a mesma insistência e com não menos lágrimas. Então entrou o corregedor e, encontrando sua mulher e Preciosa tão chorosas e tão unidas, ficou surpreso, tanto por seu choro como por sua formosura. Perguntou a causa daquele sentimento, e a resposta

que Preciosa deu foi soltar as mãos da corregedora e se agarrar aos pés do corregedor, dizendo-lhe:

– Misericórdia, senhor, misericórdia! Se meu esposo morrer, morrerei também! Ele não tem culpa; mas se a tem, deixai a mim a pena, e se isso não pode ser, ao menos se prolongue o pleito enquanto se procuram e buscam os meios possíveis para seu remédio, pois pode ser que, ao que não pecou por malícia, o céu lhe envie de graça a saúde.

Surpreso de novo ficou o corregedor ao ouvir as argutas palavras da ciganinha e já a teria acompanhado em suas lágrimas, mas não quis dar sinais de fraqueza. Enquanto isso, a cigana velha estava considerando muitas, grandes e diversas coisas e, ao fim de toda essa perplexidade e reflexão, disse:

– Esperem-me um pouco vossas mercês, meus senhores, que eu farei com que estes prantos se transformem em riso, embora a mim custe a vida.

E assim, com passo ligeiro, saiu de onde estava, deixando os presentes confusos com o que havia dito.

Enquanto ela esteve fora, Preciosa nunca deixou as lágrimas nem as súplicas para retardar o caso de seu esposo, com a intenção de avisar o pai dele para que viesse ocupar-se de sua defesa. A cigana voltou com um pequeno cofre embaixo do braço e disse ao corregedor que entrasse num aposento, com sua mulher, pois tinha grandes coisas para lhes dizer em segredo. O corregedor, acreditando que queria lhe revelar alguns furtos dos ciganos para deixá-lo mais favorável no pleito do preso, no mesmo instante se retirou com ela e com sua mulher para a recâmara, onde a cigana, caindo de joelhos diante dos dois, disse:

– Se as boas-novas que vos quero dar, senhores, não merecerem alcançar como recompensa o perdão por um grande pecado meu, aqui estou para receber o castigo que quiserdes me dar. Mas antes de confessar, quero que me digais, senhores, se conheceis estas joias.

E, mostrando um cofrinho onde vinham as joias de Preciosa, ela o pôs nas mãos do corregedor, que, abrindo-o, viu aqueles adornos



infantis, mas não se deu conta do que podiam significar. Olhou-os também a corregedora, mas tampouco entendeu, apenas disse:

- São adornos de alguma criança pequena.
- É verdade – disse a cigana –, e de que criança são diz este escrito que está neste papel dobrado.

O corregedor abriu-o com pressa e leu o que dizia:

A menina se chamava Costanza de Azevedo y de Meneses; sua mãe, dona Guiomar de Meneses, e seu pai, dom Fernando de Azevedo, cavaleiro da Ordem de Calatrava. Levei-a no dia da Ascensão do Senhor, às oito da manhã do ano de mil quinhentos e noventa e cinco. A menina usava estes brincos que estão guardados neste cofre.

Mal ouviu as palavras que constavam no papel, a corregedora reconheceu os brincos, levou-os à boca e, dando-lhes beijos infinitos, caiu desmaiada. O corregedor acorreu a ela em vez de perguntar à cigana por sua filha. Quando voltou a si, a corregedora disse:

- Boa mulher, antes anjo que cigana, onde está o dono, digo, a criança de quem eram estas joias?

– Onde, senhora? – respondeu a cigana. – Tende-a aqui em vossa casa: aquela ciganhinha que vos arrancou lágrimas dos olhos é sua dona e é sem dúvida alguma vossa filha, que eu furtei de vossa casa em Madri no dia e na hora que estão escritos nesse papel.

Ouvindo isso, a senhora, perturbada, largou os tamancos e correu desabalada à sala onde havia deixado Preciosa, e achou-a rodeada por suas aias e criadas, ainda chorando. Lançou-se a ela e, sem lhe dizer nada, com grande pressa lhe descobriu o peito e olhou se tinha um sinal de nascença, pequeno e branco, em forma de meia-lua, sob o seio esquerdo, e o viu grande, pois havia crescido com o tempo. Depois, com a mesma celeridade, descalçou Preciosa e revelou um pé de neve e de marfim, feito no torno, e viu nele o que procurava: os dois últimos dedos do pé direito estavam ligados um ao outro por meio de um pouquinho de carne, que nunca quis

cortar quando a filha era menina para não a magoar. O seio, os dedos, os brincos, a anotação do dia do furto, a confissão da cigana e o sobressalto e a alegria que haviam recebido seus pais quando a viram confirmavam com toda a veracidade na alma da corregedora que Preciosa era sua filha; assim, abraçando-a, voltou com ela para onde estavam o corregedor e a cigana.

Preciosa estava confusa, pois não sabia o que causara aquelas diligências, e mais ainda ao se ver levar nos braços da corregedora, que lhe dava mais de cem beijos. Por fim, dona Guiomar chegou com a preciosa carga à presença do marido e, passando-a para os braços dele, disse:

– Recebei, senhor, vossa filha Costanza, que sem dúvida é ela. Não duvideis, senhor, de modo algum, pois vi os dedos unidos e o sinal do seio, e além do mais minha alma me estava dizendo desde o instante em que meus olhos a viram.

– Não duvido – respondeu o corregedor, segurando Preciosa em seus braços –, pois senti em minha alma o mesmo que a vossa. E depois, com tantos detalhes juntos, como poderia acontecer, exceto se fosse por milagre?

Todas as pessoas da casa andavam pensativas, perguntando umas às outras o que seria aquilo, e todas estavam longe de acertar o alvo, pois quem poderia imaginar que a ciganinha era filha de seus senhores?

O corregedor disse à sua mulher, à sua filha e à cigana velha que mantivessem aquele caso em segredo até que ele o revelasse; e disse também à velha que ele lhe perdoava o sofrimento que lhes havia causado ao furtar sua alma, pois a recompensa por tê-la restituído merecia maiores gratificações, e que só lhe pesava que, conhecendo ela a condição de Preciosa, a tivesse casado com um cigano, ladrão e homicida ainda por cima.

– Ai, meu senhor! – disse Preciosa. – Ele não é cigano nem ladrão, embora tenha matado. Mas matou quem lhe tirou a honra, e não pôde fazer nada menos que mostrar quem era e matá-lo.

– Como que não é cigano, minha filha? – disse dona Guiomar.

Então a cigana velha contou rapidamente a história de Andrés Caballero, e que era filho de dom Francisco de Cárcamo, cavaleiro da

Ordem de Santiago, e que se chamava dom Juan de Cárcamo, e também era da mesma ordem, cujas vestes ela tinha guardadas, desde que ele se aliara aos ciganos. Contou ainda a combinação de esperar dois anos de aprovação para se casar ou não. Pôs nas alturas a castidade de ambos e a natureza agradável de dom Juan.

Admiraram-se tanto disso como do encontro de sua filha, e o corregedor mandou a cigana buscar as vestes de dom Juan. Ela assim o fez e voltou com outro cigano, que as trouxe.

Enquanto ela ia e voltava, os pais fizeram cem mil perguntas a Preciosa, que respondeu com tanta inteligência e graça que os teria apaixonado mesmo que não a tivessem reconhecido como filha. Perguntaram se tinha alguma afeição por dom Juan. Respondeu que não mais que aquela que a obrigava a ser agradecida a quem havia querido se humilhar por ela, sendo cigano; mas que o agradecimento já não se estenderia além daquilo que seus senhores pais quisessem.

– Cala, filha Preciosa, pois quero que continues com este nome de Preciosa, em memória de tua perda e de teu encontro – disse seu pai –, porque, como teu pai, eu me responsabilizo por te casar com quem não desminta quem és.

Ouvindo isso, Preciosa suspirou, e sua mãe, que era perspicaz, entendeu que suspirava de paixão por dom Juan, e disse a seu marido:

– Senhor, sendo dom Juan de Cárcamo tão nobre como é, e querendo tanto à nossa filha, não ficaria mal para nós dá-la como esposa a ele.

E ele respondeu:

– Nós a encontramos apenas hoje e já quereis que a percamos? Desfrutemos dela algum tempo, pois, casando-a, não será nossa, mas de seu marido.

– Tendes razão, senhor – respondeu ela –, mas dai ordem de soltar dom Juan, que deve estar em algum calabouço.

– Sim, deve estar – disse Preciosa –, pois a um ladrão, matador e principalmente cigano não terão dado melhor aposento.

– Eu quero ir vê-lo, como se fosse lhe tomar a confissão – respondeu o corregedor –, e de novo vos peço, senhora, que

ninguém saiba desta história até que eu queira.

E, abraçando Preciosa, foi em seguida ao cárcere e entrou no calabouço onde dom Juan estava, e não quis que ninguém entrasse com ele. Encontrou-o com ambos os pés num cepo<sup>29</sup> e com algemas nas mãos, e também não lhe haviam tirado o pé de amigo. A peça era escura; mas fez com que abrissem em cima uma claraboia, por onde entrava luz, embora muito escassa, e assim, mal o viu, disse:

– Como está este belo aposento? Que assim acorrentados como cachorros eu tivesse quantos ciganos há na Espanha, para acabar com eles num dia, como Nero quis em Roma, sem dar mais que um golpe! Sabei, ladrão escrupuloso, que eu sou o corregedor desta cidade e venho averiguar, pessoalmente, se é verdade que é vossa esposa uma cigainha que vem em vossa companhia.

Ouvindo isso, Andrés imaginou que o corregedor havia se apaixonado por Preciosa, pois o ciúme tem corpo sutil e entra pelos demais corpos sem rompê-los, afastá-los nem dividi-los. Mas, mesmo assim, respondeu:

– Se ela disse que sou seu esposo, é inteiramente verdade; e, se disse que não sou, também disse a verdade, porque não é possível que Preciosa diga uma mentira.

– É tão sincera assim? – perguntou o corregedor. – Não é pouco para uma cigana. Pois bem, rapaz, ela disse que é vossa esposa, mas que o casamento ainda não se consumou. Soube que, devido à natureza de vossa culpa, morrereis por ela, e pediu-me que antes de vossa morte a case convosco, porque quer a honra de ficar viúva de um ladrão tão grande como vós.

– Pois faça vossa mercê, senhor corregedor, como ela suplica, pois, desde que eu me case com ela, irei contente para a outra vida, desde que parta desta com fama de ser seu.

– Deveis amá-la muito! – disse o corregedor.

– Tanto – respondeu o preso – que, se pudesse dizê-lo, não seria nada. Vamos, senhor corregedor, conclua-se meu caso; eu matei aquele que quis me tirar a honra; eu adoro a cigana: morrerei contente se morrer em sua graça, e sei que não há de nos faltar a

de Deus, pois ambos guardamos honestamente e com precisão o que nos prometemos.

– Esta noite então vos mandarei buscar – disse o corregedor –, e em minha casa desposareis Preciosa, e amanhã ao meio-dia estareis na forca. Com isso eu terei cumprido com o que me pedem a Justiça e o desejo de ambos.

Andrés agradeceu, e o corregedor voltou para sua casa e disse à sua mulher o que tinha acontecido com Juan, e contou ainda outras coisas que pretendia fazer.

No tempo em que ele esteve ausente, Preciosa contou toda a sua vida à mãe, e como sempre havia acreditado ser cigana e neta daquela velha, mas que sempre tinha se estimado muito acima do que se espera de uma cigana.

Sua mãe lhe pediu que dissesse a verdade, se queria bem a dom Juan de Cárcamo. Ela, com vergonha e com os olhos no chão, disse que por ter se considerado cigana, e que melhorava sua sorte ao se casar com um cavaleiro da Ordem de Santiago e tão importante como dom Juan de Cárcamo, e por ter sabido por experiência de sua boa índole e trato honesto, às vezes o tinha olhado com olhos afeiçoados, mas que, em resumo, já havia dito que não tinha outra vontade que aquela que eles quisessem.

Chegou a noite, e, sendo quase dez horas, tiraram Andrés do cárcere, sem as algemas e o pé de amigo, mas não sem uma grande corrente que lhe prendia todo o corpo desde os pés. Chegou desse modo, sem ser visto por ninguém, fora pelos que o levavam à casa do corregedor, e em silêncio e com discrição entraram com ele num aposento, onde o deixaram sozinho. Dali a pouco, entrou um clérigo e lhe disse que confessasse, porque iria morrer no outro dia. A isso, Andrés respondeu:

– Com muito boa vontade me confessarei, mas por que não me casam primeiro? E, se vão me casar, com certeza é muito ruim o leito nupcial que me espera.

Dona Guiomar, que sabia de tudo, disse a seu marido que dava sustos demais em dom Juan, que os moderasse, porque ele poderia perder a vida com eles. Pareceu bom conselho ao corregedor, e assim mandou chamar o confessor, a quem disse que primeiro

havam de casar o cigano com Preciosa, a cigana, e que depois ele se confessaria, e que se encomendasse a Deus de todo o coração, pois muitas vezes suas misericórdias costumam chover numa época em que as esperanças estão mais secas.

Andrés foi então para uma sala onde estavam somente dona Guiomar, o corregedor, Preciosa e outros dois criados domésticos. Mas quando Preciosa viu dom Juan preso com corrente tão grande, o rosto descorado e os olhos com mostras de haver chorado, seu coração se nublou, e ela se apoiou no braço de sua mãe, que estava a seu lado, a qual, abraçando-a, lhe disse:

– Calma, menina, que tudo que vês deverá ocorrer segundo tua vontade e em teu proveito.

Ela, que ignorava tudo aquilo, não sabia como se consolar, e a cigana velha estava perturbada, e os demais, pendentos do fim daquele caso.

O corregedor disse:

– Senhor vigário, este cigano e esta cigana são os que vossa mercê deve casar.

– Não poderei fazer isso se antes não obedecerem aos requisitos necessários ao caso. Onde fizeram os proclamas? Onde está a licença de meu superior para que com ela se faça o casório?

– A inadvertência foi minha – respondeu o corregedor –, mas eu farei com que o arcebispo a dê.

– Pois até que a veja – respondeu o vigário –, estes senhores me perdoem.

E, sem dizer mais nenhuma palavra, para evitar algum tumulto, saiu da casa e deixou a todos confusos.

– O padre fez muito bem – disse então o corregedor –, e poderia ser que fosse uma providência do céu, para que se adie o suplício de Andrés, porque na verdade ele vai se casar com Preciosa, mas antes devem preceder os proclamas, quando se dará tempo ao tempo, que costuma resolver muitas dificuldades amargas. No entanto, eu gostaria de saber de Andrés, caso a sorte encaminhasse suas coisas de modo que sem esses sustos e sobressaltos se encontrasse casado com Preciosa, se se consideraria feliz sendo tanto Andrés Caballero como dom Juan de Cárcamo.

Mal Andrés ouviu ser chamado por seu nome, disse:

– Então Preciosa não quis se conter nos limites do silêncio e revelou quem sou... Embora essa boa sorte me encontrasse feito monarca do mundo, eu a consideraria tanto que poria fim a meus desejos, sem ousar desejar outro bem exceto o do céu.

– Pois, devido a essa boa disposição que haveis mostrado, senhor dom Juan de Cárcamo, a seu tempo farei com que Preciosa seja vossa legítima esposa, e agora a dou e entrego a vós cheio de esperança pela mais rica joia de minha casa, e de minha vida, e de minha alma; e estimai-a como dizeis, porque nela vos dou dona Costanza de Meneses, minha única filha, que, se vos iguala no amor, não vos desmente nada na linhagem.

Andrés ficou atônito vendo o amor que demonstravam por ela, e com rápidas palavras dona Guiomar contou a perda de sua filha e o encontro, com as pistas corretíssimas que a cigana havia dado de seu furto. Com isso, dom Juan ficou ainda mais atônito e pasmo, mas alegre com tantos enaltecimentos; abraçou seus sogros, chamou-os de pais e seus senhores; beijou as mãos de Preciosa, que com lágrimas lhe pedia as suas.

Rompeu-se o segredo, espalhou-se a notícia do caso com a saída dos criados que estiveram presentes, coisa que o alcaide, tio do morto, ao saber, viu interditados os caminhos de sua vingança, pois não havia de ter lugar o rigor da Justiça para executá-la no genro do corregedor.

Dom Juan vestiu-se com as roupas de viagem que a cigana havia trazido; a prisão e as correntes de ferro se transformaram em liberdade e correntes de ouro; a tristeza dos ciganos presos, em alegria, pois no outro dia os libertaram sob fiança. O tio do morto ganhou a promessa de dois mil ducados, que lhe fizeram para que retirasse a acusação e perdoasse dom Juan, que, não se esquecendo de seu camarada Clemente, fez com que o procurassem, mas não o encontraram nem souberam dele, até que dali a quatro dias teve notícias certas de que havia embarcado numa de duas galeras de Gênova que estavam no porto de Cartagena, e que havia partido.

O corregedor disse a dom Juan que tinha por notícia confirmada que seu pai, dom Francisco de Cárcamo, fora indicado como

corregedor daquela cidade, e que seria bom esperá-lo para que com seu beneplácito e consentimento se fizesse o casamento. Dom Juan disse que obedeceria o que ele ordenasse, mas que, antes de qualquer coisa, havia de se casar com Preciosa.

O arcebispo concedeu a licença para que com apenas um proclama se fizesse a cerimônia. A cidade festejou, por ser muito benquisto o corregedor, com luminárias, corridas de touros e cavalhadas no dia do casamento. A cigana velha ficou em casa, pois não quis se separar de sua neta Preciosa.

As notícias do caso e casamento da ciganinha chegaram à corte; dom Francisco de Cárcamo soube que o cigano era seu filho e que Preciosa era a ciganinha que ele havia visto, cuja formosura desculpou a leviandade do filho, que já dava por perdido, pois sabia que não tinha ido para Flandes; e mais ainda porque viu o quanto estava bem casar-se com a filha de tão grande e tão rico cavaleiro como era dom Fernando de Azevedo. Apressou sua partida para chegar logo e ver seus filhos, e dentro de vinte dias já estava em Múrcia. Com sua chegada, as diversões se renovaram, comemorou-se o casamento, contaram-se as vidas, e os poetas da cidade, pois existem alguns, e muito bons, se encarregaram de celebrar o estranho caso, juntamente com a inigualável beleza da ciganinha. E de tal maneira escreveu o famoso bacharel Pozo, que em seus versos perdurará a fama da Preciosa enquanto os séculos durem.

Esquecia-me de dizer como a estalajadeira apaixonada revelou à Justiça não ser verdade a acusação de roubo contra Andrés, o cigano, e confessou seu amor e sua culpa. A ela não correspondeu pena alguma, porque na alegria do encontro dos casados se encerrou a vingança e ressuscitou a clemência.

- 
- 1 Os originais dos poemas encontram-se no fim do volume (pp. 531-39).
  - 2 Ou da parida. Primeira missa a que uma mulher ia depois do parto.
  - 3 O filho, futuro rei Felipe IV.
  - 4 Alusão provável ao marquês de Falces, capitão dos arqueiros da guarda, que esteve no estribo do carro que levou a rainha à igreja de São Lourenço.



5 O Sol é o rei da Áustria (Felipe III); a terna Aurora, a filha mais velha do casamento real; Ana da Áustria, futura rainha da França; Júpiter é o duque de Lerma, favorito do rei; e o velho Saturno, mencionado um pouco antes, é o tio do duque de Lerma, cardeal arcebispo de Toledo, dom Bernardo de Sandoval y Rojas, que batizou o infante real.

6 Alude à igreja de São Lourenço em Valladolid, onde foi batizado o futuro rei Felipe IV. São Lourenço, mártir cristão, foi queimado em Roma, em 258.

7 Felipe III.

8 Os cavaleiros de Calatrava usavam como insígnia uma cruz vermelha.

9 Antologia de romances editada em Madri em 1600.

10 Talvez Preciosa brinque com o duplo sentido da palavra, a falta de flexibilidade dos versos e a moeda de cinco pesetas.

11 Na verdade, não é um romance, mas uma redondilha.

12 A pouca água do rio Manzanares foi motivo de muitas sátiras.

13 No sentido etimológico e literal de "boas notícias".

14 Provável alusão à origem de conversa da mulher do aguazil, já que em Toledo o estatuto de limpeza de sangue impedia aos descendentes de conversos ocupar cargos religiosos.

15 No original, aderezado de camino. Era costume da época que os trajes de camino, usados para viajar, fossem ricos e vistosos.

16 Referência à guerra de Flandes.

17 Os campos da Estremadura tinham as pastagens mais apreciadas, e seu arrendamento era motivo de disputa na época.

18 Plus ultra se refere ao lema de Carlos I, que levaria os navegantes a desafiar a antiga lenda de que o estreito de Gibraltar seria o limite do mundo: Hércules teria colado aí duas colunas para marcar até onde se poderia ir. Non Terrae Plus Ultra (Não há terras mais além). As armas do grande Filipo não são outras que o dinheiro.

19 Dobrão: moeda de ouro com o dobro do valor do ducado. De duas caras porque em cada face estava o busto de um dos Reis Católicos, Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão.

20 Inimigo onipresente da Espanha. Ver, mais abaixo, mudança na forma de tratamento (vós / tu). A explicação do tradutor encontra-se à p. 530.

21 São as flechas de Cupido. A de ouro acende o amor, e a de chumbo o rejeita.

22 Elas: as flechas.

23 No original, as torturas citadas, muito populares mesmo antes da Idade Média, são garrucha, touca e potro. A garrucha era um sistema de polias que suspendia a vítima, que ficava com pesos amarrados ao corpo. A touca era um pedaço de gaze com água usado na boca da vítima. O potro ou cavalete, conhecido também como cruz de Santo André, era um X de madeira em que a vítima era amarrada e tinha pernas e braços esticados em direções opostas.

24 Um dos rios que cercam o Hades, separando o mundo dos mortos do mundo dos vivos. Um juramento pelo Estige era considerado sagrado. Nem o próprio Zeus

tinha coragem de quebrá-lo.

25 Jogo camponês que consistia em atirar uma barra longa de ferro, com ponta afiada, o mais longe possível.

26 Igreja de São Jerônimo. A Justiça não tinha poder na jurisdição da Igreja.

27 Segundo Aristóteles, a Terra era o centro do universo, cercada por quarenta e sete esferas concêntricas. A oitava era a das estrelas fixas, ou stellatum.

28 Da lua.

29 Tronco com buracos onde se prendem os pés dos prisioneiros.

**NOVELA DO  
AMANTE  
GENEROSO**



– Ó LAMENTÁVEIS RUÍNAS da infeliz nicósia, onde mal secou o sangue de vossos corajosos e desafortunados defensores!<sup>1</sup> Pena que careceis de sentimento, pois se os tivésseis poderíamos agora, nesta solidão em que nos encontramos, lamentar nossas desgraças, e termos achado companhia nelas talvez aliviasse nosso tormento. Esta esperança pode ter permanecido em vós, mal destruídos torreões, pois podeis vos ver levantados outra vez, embora não para defesa tão justa como aquela em que vos derrubaram. Mas eu, desgraçado, que bem poderei esperar na miserável agrura em que me encontro, mesmo que volte à situação em que estava antes desta em que me vejo? É tamanha minha infelicidade que, livre, fui sem ventura, e na escravidão não a tenho nem a espero.

Dizia essas palavras um escravo cristão, olhando de uma encosta as muralhas derrubadas da já perdida Nicósia, e assim falava com elas e comparava suas misérias com as dele, como se elas fossem capazes de entendê-lo, condição própria de aflitos que, levados por suas fantasias, fazem e dizem coisas alheias a toda razão e bom senso.

Nisso saiu de uma barraca ou tenda, das quatro armadas naquela planície, um turco, rapaz desenvolto e de boa aparência, que se aproximou do cristão e lhe disse:

– Aposto, meu amigo Ricardo, que são teus pensamentos incessantes que te trazem a estas paragens.

– Sim – respondeu Ricardo, pois esse era o nome do escravo –, mas com que proveito se em lugar nenhum aonde vou acho trégua nem descanso para eles? Pelo contrário, pioraram à vista destas ruínas.

– As de Nicósia, dizes – disse o turco.

– Pois de quais queres que fale – repetiu Ricardo – se não há outras por aqui que se ofereçam a nossos olhos?

– Terás de chorar muito – replicou o turco – se te entregares a essas contemplações, porque aqueles que vieram há uns dois anos para esta afamada e rica ilha do Chipre, tranquila e sossegada, desfrutando nela de tudo aquilo que a felicidade humana pode conceder aos homens, e agora os vê ou contempla desterrados dela ou nela escravos e miseráveis, como poderá não se condoer de sua calamidade e desventura? Mas deixemos essas coisas, pois não têm remédio, e vamos às tuas, que desejo ver se o têm. Peço-te então, em nome da boa vontade que sempre demonstrei para contigo, pelo fato de sermos da mesma pátria e termos passado nossa infância juntos, que me digas qual a causa que o traz tão triste assim. Claro que apenas a da escravidão é suficiente para entristecer o coração mais alegre do mundo, mas imagino que de muito antes a correnteza arrasta tuas desgraças. Porque os espíritos altaneiros como o teu não costumam se render tanto às aflições comuns que deem mostras de sentimentos extraordinários: e o que me faz pensar nisso é saber que não és tão pobre que não possas dar quanto pedirem por teu resgate, nem estás nas torres do mar Negro,<sup>2</sup> como escravo importante que tarde ou nunca alcança a desejada liberdade. De modo que, não tendo a má sorte te tirado as esperanças de te veres livre, mas ainda assim te ver rendido a dar mostras miseráveis de tua desventura, não é difícil imaginar que tua pena procede de outra causa que não a liberdade que perdeste. Suplico-te que me contes que causa é essa, oferecendo-te o quanto posso e valho. Talvez, para que eu te sirva, o destino tenha usado do ardil de me fazer vestir este traje, que detesto. Já sabes, Ricardo, que meu amo é o cádi desta cidade, que é a mesma coisa que ser seu bispo. Sabes também como ele é poderoso e como tenho influência sobre ele. Juntamente com isso, não ignoras meu desejo oculto de não morrer neste estado que parece que professo, pois quando não aguentar mais terei de confessar e anunciar aos gritos a fé em Jesus Cristo, de quem me afastaram minha pouca idade e menor inteligência, apesar de saber que essa confissão vai me

custar a vida, que, em troca de não perder a da alma, darei por bem empregado perder a do corpo. Espero que, de tudo o que eu disse, deduzas e consideres que te pode ser de algum proveito minha amizade, mas, para saber que remédio ou paliativo pode ter tua infelicidade, é necessário que me fales dela como é necessária a informação do doente para o médico, garantindo-te que a manterei no mais recôndito silêncio.

Ricardo ouviu calado todas essas palavras, mas, vendo-se obrigado por elas e pela necessidade, respondeu com estas:

– Ah, meu amigo Mahamut – pois esse era o nome do turco –, se, assim como acertaste no que pensas sobre minha desgraça, acertasses em seu remédio, consideraria um bem a perda de minha liberdade e não trocaria essa desgraça pela maior ventura que se possa imaginar. Mas ela é tão grande que sei que o mundo todo poderá ver muito bem de onde procede; duvido, porém, que haja nele pessoa que se atreva a lhe achar remédio ou mesmo paliativo. E para que fiques ciente desta verdade, eu a contarei para ti com o menor número de palavras que puder; mas antes que entre no confuso labirinto de meus males, quero que me digas por que o paxá Hazán, meu amo, mandou armar nesta planície estas tendas e barracas antes de entrar em Nicósia, para onde vem nomeado vice-rei ou paxá, como os turcos chamam os vice-reis.

– Eu te explicarei rapidamente – respondeu Mahamut. – Deves saber que é costume, entre os turcos que são nomeados vice-reis de alguma província, não entrarem na cidade onde mora seu antecessor até que este saia dela e deixe que se faça livremente o balanço de sua gestão; e, enquanto o novo paxá o faz, o antigo fica acampado esperando o resultado da investigação, que é feita sem que ele possa intervir valendo-se de subornos ou amizades, se não o fez antes. Feito, portanto, o balanço, ele é dado ao que deixa o cargo num pergaminho fechado e selado, e com ele o antigo paxá se apresenta à porta do grão-senhor, que é como dizer na corte diante do Grande Conselho do Turco. O pergaminho é examinado pelo vizir e pelos outros quatro paxás menores, como se disséssemos pelo presidente do Conselho Real e ouvidores, que premiam ou castigam o vice-rei conforme o que o balanço relata. Se o consideram

culpado, paga para escapar do castigo. Se não o consideram culpado mas não o premiam, como em geral acontece, com dádivas e presentes consegue o cargo que mais deseja, porque ali não se dão os cargos e ofícios por merecimento, e sim em troca de dinheiro: tudo se vende e tudo se compra. Os que nomeiam aos cargos esfolam e roubam os nomeados; desse ofício comprado sai o dinheiro para comprar outro que prometa maiores vantagens. Tudo acontece como te digo: todo este império é violento, sinal de que não pode durar muito. Pelo que penso, mas deve ser verdadeiro, ele tem sobre os ombros nossos pecados, quero dizer, os pecados daqueles que descaradamente e à rédea solta ofendem a Deus, como eu faço: que Ele se lembre de mim, já que Ele é quem é. É por isso tudo que te expliquei que teu amo, o paxá Hazán, está nesta planície há quatro dias, e, se o de Nicósia ainda não saiu como devia, deve ser por estar muito mal, mas logo estará melhor e sairá hoje ou amanhã, sem dúvida nenhuma, e irá se alojar numas tendas que tu não viste, pois estão atrás desta encosta, e teu amo entrará em seguida na cidade. É isso o que havia para saber sobre o que me perguntaste.

– Ouve, então – disse Ricardo. – Mas não sei se poderei cumprir o que prometi antes, que te contaria em rápidas palavras minha desventura, por ela ser tão longa e desmedida que não pode caber em palavra alguma. Contudo, farei o possível e o que o tempo permitir. Mas antes te pergunto se conheces em nossa terra, Trápana, uma donzela a quem a fama intitulava como a mais formosa mulher que havia em toda a Sicília. Uma donzela, digo, de quem diziam todas as línguas zelosas e afirmavam as mais raras inteligências que era da mais perfeita formosura que épocas passadas tiveram, tem a presente e espera ter a que está por vir; uma de quem os poetas cantavam que tinha os cabelos de ouro, e que seus olhos eram sóis resplandecentes, e suas faces rosas púrpura, seus dentes pérolas, seus lábios rubis, sua garanta alabastro, e que suas partes e o todo, o todo e suas partes, formavam uma justa e maravilhosa harmonia, mas tão natural, sobretudo na suavidade simples e perfeita de cores, que jamais a inveja pôde achar alguma coisa a que atribuir uma falha. Como é



possível, Mahamut, que já não tenhas dito quem é e como se chama? Penso, sem dúvida, que não ouves ou que, quando estavas em Trápana, carecias de juízo.

– A verdade, Ricardo – respondeu Mahamut –, é que, se a donzela que pintaste com tantos extremos de formosura não é Leonisa, a filha de Rodolfo Florêncio, não sei quem seja, pois apenas ela tinha a fama que mencionaste.

– Sim, é ela, Mahamut! – respondeu Ricardo. – É ela, meu amigo, a causa principal de todo o meu bem e de todo o meu mal; é por ela, não por minha liberdade perdida, que meus olhos derramaram, derramam e derramarão lágrimas sem conta, e por quem meus suspiros incendeiam os ares, perto e longe, e por quem minhas palavras cansam o céu que as escuta e os ouvidos que as ouvem; é por ela que tu me julgaste louco ou, pelo menos, com pouca audácia e menos coragem. Essa Leonisa, para mim leoa, e mansa cordeira para outro, é quem me tem neste estado miserável. Pois deves saber que desde meus verdes anos, ou pelo menos desde que tive uso da razão, não só amei Leonisa, mas a adorei e servi com tanta solicitude como se não houvesse na terra nem no céu outra deidade a quem servir nem adorar. Seus pais e seus parentes conheciam minhas intenções e jamais deram mostras de desagrado, considerando que se encaminhavam a um fim honesto e virtuoso, e sei que disseram isso muitas vezes a Leonisa, para que sua vontade me aceitasse como esposo. Mas ela, que tinha os olhos postos em Cornélio (o filho de Ascânio Rótulo, que tu conheces muito bem: rapaz bonito, elegante, de mãos macias e cabelos encaracolados, de voz melíflua e palavras amorosas, enfim, todo feito de âmbar e açúcar, guarnecido de linhos e adornado de brocados), não quis pousá-los em meu rosto, não tão delicado como o de Cornélio; nem mesmo quis agradecer minhas muitas e contínuas mercês, pagando meu interesse com desdém e aversão. Meu amor por ela chegou a tal extremo que considerava uma feliz decisão que acabasse comigo à pura força de desdém e ingratidão, desde que não desse evidente embora casta atenção a Cornélio. Olha, então, se juntando à angústia do desdém e da aversão a raiva do ciúme, maior e mais cruel, como estaria minha alma combatida por duas pestes tão

mortais?! Os pais de Leonisa dissimulavam as atenções que ela dava a Cornélio, acreditando, como era justo que acreditassem, que o moço, atraído por sua incomparável e singularíssima formosura, iria escolhê-la para esposa, e com ele conquistariam um genro mais rico que eu. E bem que poderia ser assim se assim fosse. Mas não conseguiram, seja dito sem arrogância, com melhor caráter que o meu, nem com melhores intenções, nem de coragem mais reconhecida que a minha. Aconteceu, pois, que no curso de minha pretensão, fiquei sabendo que um dia do mês de maio passado, que neste de hoje faz um ano, três dias e cinco horas, Leonisa e seus pais, e Cornélio e os seus, iam se divertir com toda a sua parentela e criados no jardim de Ascânio, que está perto da costa, na estrada das Salinas.

– Conheço bem, pois graças a Deus passei bons momentos lá, por mais de quatro dias – disse Mahamut. – Continua, Ricardo.

– Eu soube – respondeu Ricardo –, e no mesmo instante me tomaram a alma uma fúria, uma raiva e um inferno de ciúme, com tanta veemência e rudeza que me privaram do meu juízo, como logo verás pelo que fiz: fui ao jardim onde me disseram que estavam e encontrei a maioria das pessoas se divertindo, e debaixo de uma nogueira estavam sentados Cornélio e Leonisa, embora um pouco afastados. Como eles ficaram ao me ver, não sei; sei que eu perdi os olhos ao vê-los e fiquei como estátua sem voz nem movimento algum. Mas a irritação não demorou muito a despertar a cólera, e a cólera, o sangue do coração, e o sangue, a ira, e a ira,<sup>3</sup> as mãos e a língua, embora as mãos tenham ficado atadas pelo respeito, justo em minha opinião, ao belo rosto que tinha diante de mim. A língua, porém, rompeu o silêncio com estas palavras:

“Ficarás alegre, inimiga mortal de meu repouso, por ter com tanta placidez diante de teus olhos a causa que fará com que os meus vivam em perpétuo e doloroso pranto. Aproxima-te, aproxima-te um pouco mais, impiedosa, e enreda tua hera nesse tronco inútil que te procura; penteia ou adorna os cabelos desse teu novo Ganimedes,<sup>4</sup> que timidamente te corteja. Entrega-te de uma vez aos anos imaturos desse moço com quem condescendes, para que,

perdendo eu a esperança de te alcançar, acabe com ela a vida, que detesto. Pensas, por acaso, donzela soberba e descortês, que apenas contigo irão se romper e faltar as leis e foros que em semelhantes casos se usam no mundo? Pensas, quero dizer, que este moço, altivo por sua riqueza, arrogante por sua elegância, inexperiente por sua pouca idade, confiante de sua linhagem, haverá de querer, ou poder, ou saber guardar firmeza em seus amores, ou estimar o inestimável, ou conhecer o que conhecem os anos maduros e experientes? Não o penses, se é que pensas, porque não há outra coisa melhor no mundo que fazer suas ações sempre de uma mesma maneira, para que ninguém se engane exceto por sua própria ignorância. Na pouca idade está a grande inconstância; nos ricos, a soberba; a vaidade, nos arrogantes, e nos formosos, o desdém, e naqueles que têm isso tudo, a estupidez, que é mãe de todo desastre.

“E tu, moço, que com tanta facilidade pensas levar o prêmio que minhas boas intenções merecem mais que as tuas intenções ociosas, por que não te levantas desse estrado de flores onde jazes e vens me arrancar a alma, que tanto detesta a tua? E não porque me ofendas no que fazes, mas porque não sabes estimar o bem que a sorte te concede; e se vê com clareza que não te importas muito com ele, pois não queres defendê-lo para não te pões em risco de descompor a alinhada compostura de tuas vestes elegantes. Se Aquiles tivesse essa índole plácida, com certeza Ulisses não teria feito sua descoberta, por mais que lhe mostrasse armas resplandecentes e alfanjes afiados.<sup>5</sup> Vai-te, vai-te, e te distrai entre as criadas de tua mãe, e ali cuida de teus cabelos e de tuas mãos, mais preparadas para enrolar os macios fios da seda que a empunhar a dura espada.’

“Diante de todas essas palavras, Cornélio jamais se levantou do lugar onde o achei sentado; pelo contrário, ficou quieto, sem se mexer, olhando-me como que enfeitiçado; eu disse essas palavras que acabas de ouvir com voz elevada, o que atraiu as pessoas que andavam pelo jardim, e elas se puseram a escutar outras mais impróprias que dirigi a Cornélio, que, encorajando-se com a chegada

dessas pessoas, porque todas ou quase todas eram seus parentes, criados e amigos, deu sinais de que ia se levantar; mas, antes que se pusesse de pé, empunhei minha espada e o ataquei, não a ele apenas, e sim a todos quantos estavam ali. Porém, mal Leonisa viu reluzir minha espada, caiu pesadamente desmaiada, coisa que me deixou mais irado e ressentido. E não posso te dizer se os muitos que me atacaram tratavam apenas de se defender, como quem se defende de um louco furioso, ou se foi minha boa sorte e destreza, ou o céu, que para maiores males queria me guardar, porque na verdade feri sete ou oito dos que encontrei mais à mão. A rapidez de Cornélio o salvou, pois foi tanta a que botou nos pés, fugindo, que escapou de minhas mãos.

“Estando nesse perigo tão ostensivo, cercado de inimigos, que agora como atacados procuravam se vingar, o destino me socorreu com um remédio inoportuno, pois teria sido melhor que eu deixasse ali a vida do que, mantendo-a de modo tão inimaginável, vir a perdê-la mil e mil vezes depois, de hora em hora: de repente apareceu no jardim uma grande quantidade de turcos de duas galeotas de piratas de Biserta, que haviam desembarcado numa baía perto dali sem serem percebidos pelas sentinelas das torres na praia nem descobertos pelos batedores ou pelotões de reconhecimento na costa. Quando meus adversários os viram, deixaram-me só e com espantosa celeridade se abrigaram; de quantos estavam no jardim, os turcos não puderam prender mais que três pessoas e Leonisa, que ainda estava desmaiada. A mim pegaram com quatro grandes feridas, vingadas antes por minha mão em quatro turcos, que com outras quatro feridas deixei sem vida estendidos no chão.

“Os turcos fizeram esse assalto com sua costumeira diligência e, não muito contentes com ele, foram para os barcos e logo se fizeram ao mar, e a remo e vela em pouco tempo estavam na Fabiana.<sup>6</sup> Passaram a tripulação em revista para ver quem faltava e, vendo que os mortos eram quatro soldados daqueles que eles chamam de ‘levantes’, que são piratas, e dos melhores e mais estimados que tinham, quiseram se vingar em mim, e assim o capitão mandou baixar a antena da nau capitânia para me enforcar.

“Leonisa estava observando isso tudo, pois já havia voltado a si, e vendo-se em poder dos piratas derramava uma abundância de belas lágrimas, e retorcendo as mãos delicadas, sem falar uma palavra, prestava atenção para ver se entendia o que os turcos diziam. Mas um dos cristãos do remo lhe disse em italiano que o capitão mandava enforcar aquele cristão, apontando para mim, porque em sua defesa matara quatro dos melhores soldados das galeotas. Ao ouvir e entender isso, pela primeira vez Leonisa se mostrou piedosa para comigo, e disse ao escravo que dissesse aos turcos que não me enforcassem porque perderiam um grande resgate, e que lhes implorava que voltassem a Trápana, pois logo me resgatariam. Essa foi, digo, a primeira e quem sabe a última caridade que Leonisa usou comigo, e tudo para maior desgraça minha. Ouvindo o que o escravo dizia, os turcos acreditaram nele, e o interesse sobrepujou a cólera. No dia seguinte pela manhã, hasteando a bandeira de paz, voltaram a Trápana; passei aquela noite com a dor que se pode imaginar, não tanto pelo que minhas feridas me causavam quanto por pensar no perigo em que estava minha cruel inimiga entre aqueles bárbaros.

“Então, como disse, chegamos à cidade, e uma das galeotas entrou no porto e a outra ficou em mar alto; logo todo o porto e toda a praia ficaram repletos de cristãos, e o melindroso Cornélio, de longe, estava olhando o que acontecia nas galeotas. Em seguida veio um de meus administradores tratar de meu resgate, a quem eu disse que de jeito nenhum negociasse minha liberdade, mas a de Leonisa, e que desse por ela tudo quanto valiam minhas posses; e ordenei ainda que voltasse a terra e dissesse aos pais de Leonisa que o deixassem tratar da liberdade de sua filha, que não se ocupassem com nada. Feito isso, o capitão principal, que era um renegado grego que se chamava Yzuf, pediu seis mil escudos por Leonisa e quatro mil por mim, acrescentando que não daria um sem o outro: pediu essa grande soma, conforme eu soube depois, porque estava apaixonado por Leonisa e não queria que fosse resgatada, mas me daria ao capitão da outra galeota, ao preço de quatro mil escudos, mais mil em dinheiro, que fariam cinco mil, e ficaria com

Leonisa por cinco mil. Esse foi o motivo de ter nos avaliado por dez mil escudos.

“Os pais de Leonisa não ofereceram nada de sua parte, atendo-se à promessa que eu tinha feito através de meu administrador; nem Cornélio moveu os lábios em seu favor; e assim, depois de muitas demandas e respostas, meu administrador fechou o resgate de Leonisa por cinco mil escudos e o meu por três mil.

“Yzuf aceitou essa proposta, forçado pelos argumentos de seu companheiro e pelo que todos os soldados diziam. Mas, como meu administrador não tinha toda essa quantia em dinheiro, pediu três dias de prazo para juntá-la, com a intenção de vender minhas propriedades a qualquer preço, até juntar o montante do resgate. Yzuf deleitou-se com isso, pensando achar nesse meio-tempo oportunidade para que o trato não fosse adiante; e, voltando à ilha Fabiana, disse que encerrado o prazo de três dias voltaria para pegar o dinheiro. Mas a sorte ingrata, não cansada de me maltratar, ordenou que uma sentinela dos turcos que estava no ponto mais alto da ilha visse, mar adentro, seis velas latinas e pensasse, como era realmente verdade, que deviam ser ou da esquadra de Malta ou alguns barcos da esquadra da Sicília. Desceu correndo para dar a notícia, e, rápidos como o pensamento, os turcos que estavam em terra embarcaram, tanto o que preparava a comida como o que lavava sua roupa; e, zarpando com pressa nunca vista, deram à água os remos e ao vento as velas, e com as proas voltadas para a Berbéria, em menos de duas horas perderam de vista as galeras; e assim, cobertos pela ilha e pela noite, que estava próxima, escaparam do medo de que haviam padecido.

“Deixo à tua boa sagacidade, meu amigo Mahamut, considerar com que ânimo estava eu naquela viagem tão contrária ao que eu esperava; e mais ainda quando, no outro dia, tendo as duas galeotas chegado à ilha da Pantanaleia,<sup>7</sup> aí pelo meio-dia, os turcos saltaram em terra para fazer lenha e carne, como eles dizem se abastecer; e tudo piorou quando vi os capitães desembarcarem para dividir todas as presas que haviam feito. Cada uma dessas ações foi para mim retardar a morte. Na hora, enfim, que dividiram a mim e Leonisa,

Yzuf deu a Fetala, que assim se chamava o capitão da outra galeota, seis cristãos, quatro para os remos e dois rapazes belíssimos, corsos de nascimento, e a mim com eles, para ficar com Leonisa, o que deixou Fetala satisfeito; e, embora eu tenha presenciado tudo isso, nunca pude entender o que diziam (mesmo que soubesse o que faziam) nem entenderia a forma da divisão se Fetala não se aproximasse de mim e me dissesse em italiano:

“És meu, cristão. Por dois mil escudos de ouro me foste dado. Se quiseres a liberdade, terás de me dar quatro mil; se não, morrerás aqui.”

“Perguntei a ele se também a cristã era sua, e me disse que não, que Yzuf ficara com ela, com a intenção de torná-la moura e se casar com ela. E era verdade, porque foi o que me disse um dos escravos do remo que entendia bem a língua turca e tinha ouvido Yzuf e Fetala negociar. Disse a meu amo que desse um jeito de ficar com a cristã, e que lhe daria apenas por seu resgate dez mil escudos de ouro, moeda por moeda. Respondeu-me que não era possível, mas que faria que Yzuf soubesse da grande soma oferecida pela cristã; talvez, levado pelo interesse, mudasse de intenção e aceitasse o resgate.

“Assim o fez e mandou que todos os de sua galeota embarcassem em seguida, porque queria ir a Trípoli de Berbéria, de onde ele era. Yzuf também resolveu ir a Biserta; e assim embarcaram com a mesma pressa que costumam ter quando descobrem galeras para temer ou baixéis para roubar. O que os levou a se apressarem foi que o tempo parecia mudar, com sinais de tempestade. Leonisa estava em terra, não, porém, em lugar em que eu a pudesse ver. Mas na hora do embarque chegamos juntos à praia. Levava-a pela mão seu novo amo e mais novo apaixonado e, ao entrar por uma escada que estava posta da terra à galeota, voltou os olhos para me olhar, e os meus, que não saíam dela, olharam-na com sentimento tão terno e tanta dor que, sem saber como, uma nuvem se formou diante deles que me tirou a vista, e sem ela e sem sentido algum dei comigo no chão. A mesma coisa, me disseram depois, aconteceu com Leonisa, pois a viram cair da

escada no mar, e que Yzuf havia se atirado atrás dela e a pegara nos braços.

“Isso me contaram dentro da galeota de meu amo, onde me haviam posto sem que eu percebesse; mas quando voltei a mim do desmaio e me vi sozinho na galeota, e que a outra, tomando outra rota, se afastava de nós, levando consigo a metade de minha alma, ou, digamos melhor, toda ela, meu coração se apertou de novo, e de novo amaldiçoei minha sorte e chamei a morte aos gritos; e tamanhos eram os sentimentos que eu demonstrava que meu amo, incomodado de me ouvir, me ameaçou com um porrete grosso: se eu não calasse, me bateria. Reprimi as lágrimas, recolhi os suspiros, acreditando que com a força que os sujeitava eles arrebantariam de modo que abrissem uma porta para a alma, que tanto desejava desamparar este corpo miserável. Mas a sorte, ainda não contente de me haver posto em tamanho perigo, resolveu acabar com tudo, tirando-me as esperanças de qualquer auxílio; e foi que num instante se declarou a tempestade que se temia, e o vento que soprava do sul e nos pegava pela proa começou a se fortalecer com tanto brio que fomos forçados a virar a popa para ele e deixar que o baixel corresse por onde o vento queria levá-lo.

“O capitão pretendia contornar a ilha e se abrigar nela do lado norte, mas aconteceu o contrário, porque o vento soprou com tanta fúria que tudo o que havíamos navegado em dois dias fizemos de volta em pouco mais de catorze horas, e então nos vimos a seis ou sete milhas da própria ilha de onde havíamos partido, e sem remédio algum íamos investir contra ela, mas não numa praia e sim num penhasco muito alto que se oferecia à nossa vista, ameaçando de morte inevitável nossas vidas. Vimos ao nosso lado a galeota de nossa escolta, onde estava Leonisa, e todos os turcos e seus escravos fazendo força com os remos para detê-la e não se chocar com as rochas. O mesmo fizeram os da nossa, com mais esforço e proveito, pelo visto, pois os da outra, cansados pelo trabalho e vencidos pela força do vento e da tempestade, soltando os remos, se abandonaram e se deixaram ir à vista de nossos olhos ao encontro do penhasco, onde a galeota deu uma batida tão grande que se fez toda em pedaços. Começava a cair a noite, e foi tamanha



a gritaria dos que se perdiam, e o susto dos que em nosso baixel temiam se perder, que não se entendia nem se obedecia a nenhuma das coisas que nosso capitão ordenava; só se dava atenção a uma coisa: não largar os remos, tentando como única solução virar a proa para o vento e jogar as duas âncoras ao mar para com isso retardar algum tempo a morte dada como certa. E, embora o medo de morrer fosse geral em todos, em mim era exatamente o contrário, porque com a esperança ilusória de ver no outro mundo aquela que tinha partido deste havia tão pouco tempo, cada instante que a galeota demorava para se alagar ou se chocar contra as rochas era para mim um século da morte mais penosa. As altas ondas que passavam por cima do baixel e de minha cabeça me deixavam atento para ver se via nelas o corpo da infeliz Leonisa.

“Não quero me deter agora, Mahamut, em te contar em detalhes os sustos, os temores, as angústias, os pensamentos que aquela longa e amarga noite tive e passei, para não contrariar o que te disse antes de te contar rapidamente minha desventura. Basta dizer que foram tantos e tamanhos que, se a morte viesse naquela hora, teria de fazer muito pouco para me tirar a vida.

“Veio o dia com sinais de uma tempestade maior que a passada, e descobrimos que o baixel havia mudado bastante de direção, desviando-se uma boa distância do penhasco e se aproximando de uma ponta da ilha. Então, vendo-nos ali, turcos e cristãos, com a esperança e as forças renovadas, dobramos a ponta ao cabo de seis horas e topamos com um mar mais brando e mais calmo, de modo que mais facilmente nos aproveitamos dos remos, e abrigados pela ilha os turcos puderam ir a terra para ver se havia sobrado alguma relíquia da galeota que tinha se chocado contra o penhasco na noite anterior. Mas o céu não quis ainda me conceder o consolo que esperava: ter em meus braços o corpo de Leonisa, pois, embora morto e despedaçado, eu me alegraria de vê-lo, para romper a desgraça que minha estrela me impôs de não me juntar com ele como minhas boas intenções mereciam, e assim supliquei a um renegado que queria desembarcar que o procurasse e visse se o mar o havia jogado na praia. Mas, como já disse, tudo isso o céu me negou, pois no mesmo instante o vento se embraveceu de novo de

tal maneira que o amparo da ilha não foi de grande proveito. Vendo isso, Fetala não quis confrontar o destino, que tanto o perseguia, e assim mandou pôr o traquete ao mastro e começar a navegar; virou a proa para o mar e a popa para o vento; e, encarregando-se ele mesmo do timão, deixou-se levar para mar alto, seguro de que nenhum obstáculo atrapalharia seu caminho. Os remos iam todos ajustados na coxia, e todas as pessoas sentadas nos bancos e nas ameias, sem que se visse em toda a galeota outra pessoa que a do comitre, que, por segurança, se fez atar fortemente a uma coluna. O baixel voava com tanta rapidez que em três dias e três noites, passando à vista de Trápana, de Melazzo e de Palermo, entrou no Farol de Micina, para maravilhoso espanto da tripulação e daqueles que olhavam da terra.

“Enfim, para não ser tão penoso ao contar a tempestade como ela foi em sua obstinação, digo que chegamos a Trípoli de Berbéria cansados, famintos e angustiados com desvio tão longo, como foi costear quase toda a ilha da Sicília. Lá meu amo, antes de acertar as contas dos despojos com seus piratas, dando a eles o que lhes cabia, e uma quinta parte ao rei, como é de costume, sentiu tamanha dor num lado que dentro de três dias ela deu com ele no inferno. Em seguida, todos os seus bens caíram nas mãos do vice-rei de Trípoli e do fiscal dos mortos que o grão-turco mantém ali, pois, como sabes, ele é herdeiro dos que morrem sem deixar testamento; esses dois ficaram com todos os bens de Fetala, meu amo, e eu coube a este que era vice-rei de Trípoli naquele tempo e que dali a quinze dias ganhou a patente de vice-rei do Chipre. Vim com ele até aqui sem intenção de que me resgatem, embora ele tenha me falado muitas vezes para que o fizesse, pois sou homem importante, como lhe disseram os soldados de Fetala, mas jamais dei ouvidos a isso; pelo contrário, disse a ele que o enganaram os que falaram de minhas grandes riquezas. E, se quiseres que te diga tudo o que penso, Mahamut, debes saber que não desejo voltar a um lugar onde por qualquer meio possa haver algo que me console, e quero que minha vida de escravo, somada aos pensamentos e memórias que tenho da morte de Leonisa, seja suficiente para que eu jamais tenha prazer algum. E, se for verdade que as dores contínuas

forçosamente irão acabar ou acabar quem as padece, as minhas não poderão deixar de fazê-lo, porque penso lhes dar rédea solta de modo que em poucos dias deem cabo da miserável vida que tão contra minha vontade mantenho.

“Esta é minha triste situação, Mahamut, meu irmão; este é o motivo de meus suspiros e de minhas lágrimas. Olha e considera se é motivo suficiente para arrancá-los das profundezas de minhas entranhas e para gerá-los na aridez de meu peito dilacerado. Leonisa morreu, e com ela minha esperança; sim, a esperança que eu tinha com ela viva se sustentava por um fino fio de cabelo, mas mesmo assim, mesmo assim...”

E nesse “mesmo assim” a língua de Ricardo grudou no céu da boca, de modo que ele não pôde falar mais uma palavra nem conter as lágrimas que, como se costuma dizer, uma a uma corriam pelo rosto com tanta abundância que chegaram a umedecer o solo. Mahamut o acompanhou nelas, mas, passando aquela exaltação causada pela memória renovada com a amarga narração, quis consolar Ricardo com as melhores palavras que encontrou. Ele, porém, cortou-as, dizendo:

– O que tens de fazer, meu amigo, é me aconselhar o que fazer para cair em desgraça com meu amo e aqueles com quem trato, para que, sendo detestado por todo mundo, uns e outros me maltratem e persigam de modo que, acrescentando dor à dor e tristeza à tristeza, eu alcance rapidamente o que desejo, que é acabar com minha vida.

– Agora penso que é verdade, como se costuma dizer – disse Mahamut –, que o que a gente sabe sentir sabe dizer, mesmo que algumas vezes a emoção emudeça a língua. Mas seja isso como for, Ricardo, chegue tua dor a tuas palavras ou a elas ultrapassem, sempre vais encontrar em mim um amigo verdadeiro ou para ajudar ou para aconselhar. Embora meus poucos anos e o desatino que cometi ao me vestir com este traje gritem que nenhuma das duas coisas que te ofereço é confiável nem se pode esperar nada delas, eu procurarei que essa suspeita não seja verdadeira nem se possa dar por certa essa opinião, e, embora tu não queiras nem ser aconselhado nem ajudado, nem por isso deixarei de fazer o que te

convier, como se costuma fazer com o doente que pede o que não lhe dão e lhe dão o que lhe convém. Não há em toda esta cidade ninguém mais importante nem mais poderoso que o cádi, meu amo; nem mesmo o teu, que vem como vice-rei dela, tem tanto poder. Então, as coisas sendo assim, como de fato são, eu posso dizer que sou o mais poderoso na cidade, pois posso fazer o que bem entendo com meu patrão. Digo isso porque eu poderia dar um jeito com ele para que tu viesses a ser seu e, estando em minha companhia, o tempo nos dirá o que haveremos de fazer, a ti para te consolar, se quiseres ou puderes ter consolo, e a mim para sair desta vida para uma melhor, ou pelo menos ir para um lugar onde a tenha mais garantida quando a deixar.

– Eu te agradeço, Mahamut, a amizade que me ofereces – respondeu Ricardo –, embora tenha certeza de que, faças tudo o que fizeres, não farás nada que seja de grande proveito para mim. Mas deixemos isso por ora, e vamos às tendas, porque, pelo que vejo, sai muita gente da cidade, e sem dúvida é o antigo vice-rei que vem para a planície para que meu amo entre na cidade para tratar do balanço.

– É verdade – disse Mahamut. – Vamos, então, Ricardo, e verás as cerimônias da troca de cargo, pois sei que gostarás de vê-las.

– Sim, vamos, que é hora – disse Ricardo. – Talvez eu precise de ti, se por acaso o guardião dos prisioneiros de meu amo tenha dado por minha falta. É um corso renegado, de coração não muito piedoso.

Com isso deixaram a conversa e foram para o acampamento justo quando o antigo paxá chegava e o novo saía para recebê-lo à porta da tenda.

O paxá Ali – pois assim se chamava o que deixava o governo – vinha acompanhado por todos os janízaros que em geral fazem a defesa de Nicósia depois que os turcos a conquistaram, que seriam uns quinhentos. Vinham em duas alas ou filas, uns com escopetas e outros com alfanjes desembainhados. Chegaram à porta do novo paxá, Hazán, e rodearam-na, e Ali, inclinando o corpo, fez uma reverência a Hazán, que o saudou com uma inclinação menor. Em seguida Ali entrou na tenda de Hazán, e os turcos montaram Hazán

num cavalo poderoso, ricamente ajaezado, e, levando-o ao redor do acampamento e por um bom trecho da planície, davam brados e gritos, dizendo em sua língua:

– Viva o sultão Salomão! Viva seu representante, o paxá Hazán!

Repetiram isso muitas vezes, reforçando os brados e aclamações, e depois voltaram à tenda onde havia ficado o paxá Ali, que se encerrou a sós com o cádi e Hazán durante uma hora.

Mahamut disse a Ricardo que haviam se encerrado para tratar do que convinha fazer na cidade acerca das obras que Ali deixara incompletas.

Dali a pouco saiu o cádi à porta da tenda e disse, em voz alta, em turco, árabe e grego, que todos os que quisessem entrar para pedir justiça, ou outra coisa contra o paxá Ali, poderiam entrar livremente, pois o paxá Hazán, enviado como vice-rei do Chipre pelo grão-senhor, estava à espera e atenderia toda explicação e justiça. Com essa licença, os janízaros desimpediram a porta da tenda para que entrassem os que quisessem. Mahamut entrou, levando Ricardo, que não teve a passagem impedida por ser escravo de Hazán.

Entraram para pedir justiça tanto gregos cristãos como alguns turcos, e todos por coisas de tão pouca importância que na maioria das vezes o cádi despachou sem a comunicação aos litigantes, sem autos, demandas nem respostas, pois todas as causas, exceto as matrimoniais, são despachadas em pé e num instante, mais pelo bom senso que por alguma lei. E entre aqueles bárbaros, se nisso o são, o cádi é o juiz competente de todas as causas, que as abrevia numa piscada e as sentencia num sopro, sem que haja apelação de sua sentença por outro tribunal.

Nisso entrou um chاوز,<sup>8</sup> que é como um aguazil, e disse que estava à porta da tenda um judeu que trazia para vender uma cristã belíssima. O cádi mandou que o fizessem entrar. O chاوز saiu, mas voltou em seguida, e com ele um judeu venerável, que trazia pela mão uma mulher vestida com roupas berberes, tão bem adornada e composta que não poderia estar assim a mais rica moura de Fez nem de Marrocos, que em matéria de se adornar levam vantagem sobre todas as africanas, mesmo que entrem as de Argel com suas

inúmeras pérolas. Tinha o rosto coberto com um tafetá carmesim; nos tornozelos à mostra se viam dois carcajes, que assim chamam as argolas em árabe, pelo visto de ouro puro; e nos braços, que também se viam ou transpareciam pela seda fina de uma camisa, trazia braceletes de ouro salpicados de muitas pérolas; enfim, quanto ao traje, ela vinha rica e elegantemente enfeitada.

Admirados com essa primeira visão, o cádi e os paxás, antes de dizerem ou perguntarem qualquer coisa, ordenaram ao judeu que tirasse o véu que cobria o rosto da cristã. Ele o fez, revelando um rosto que deslumbrou os olhos e alegrou o coração dos presentes como o sol que, por entre nuvens fechadas, depois de muita escuridão, se oferece aos olhos dos que o desejam: tamanha era a beleza da escrava cristã, e tamanhas sua nobreza e sua galhardia. Mas a maravilhosa luz que fora descoberta impressionou mais o desgraçado Ricardo, pois a conhecia melhor que ninguém, já que era sua cruel e amada Leonisa, que tantas vezes e com tantas lágrimas havia sido chorada e considerada morta. À vista inesperada da singular beleza da cristã, o coração de Ali foi trespassado e ficou rendido, e no mesmo grau e com a mesma ferida se encontrou o de Hazán, sem ficar livre da chaga amorosa o do cádi, que, mais embevecido que todos, não conseguia tirar os olhos dos formosos olhos de Leonisa. E para enaltecer mais as poderosas forças do amor, deve-se saber que naquele mesmo instante nasceu no coração dos três uma, na opinião deles, obstinada esperança de tê-la e possuí-la; e assim, sem querer saber como, nem onde nem quando ela havia ido parar em poder do judeu, perguntaram-lhe o preço que queria por ela.

O judeu, cobiçoso, respondeu que quatro mil dobras, que vêm a ser dois mil escudos; mas apenas declarou o preço, o paxá Ali disse que os dava por ela, e que fossem logo contar o dinheiro em sua tenda; o paxá Hazán, porém, que não queria abandoná-la, mesmo que arriscasse a vida nisso, disse:

– Eu também dou por ela as quatro mil dobras que o judeu pede, e não as daria nem ficaria contra o que Ali disse se não me forçasse o que ele mesmo admitirá que é a razão que me obriga e força: é que essa bela escrava não é para nenhum de nós, mas para

o grão-senhor apenas. Digo, então, que em seu nome a compro: vejamos agora quem será o atrevido que a tirará de mim.

– Eu serei – replicou Ali –, porque para isso mesmo a compro, e para mim está mais em conta fazer esse presente ao grão-senhor, já que vou em seguida a Constantinopla, granjeando com ele as boas graças do grão-senhor, pois, como vês, Hazán, fico sem cargo algum, e então preciso buscar meios de arranjá-lo, enquanto tu estás seguro por três anos, pois começa hoje a mandar e a governar este riquíssimo reino do Chipre. Assim que, por essas razões e por ter feito a oferta primeiro, Hazán, deixa a escrava para mim.

– A mim é que há de ficar muito mais agradecido o grão-senhor por encontrá-la e enviá-la – respondeu Hazán –, pois o faço sem que me mova interesse algum. Quanto à facilidade para levá-la, armarei para isso uma galeota apenas com meus serviçais e meus escravos.

Ali ficou atordoado com essas palavras e, levantando-se, empunhou o alfanje, dizendo:

– Sendo minhas intenções claras, Hazán, levar e oferecer essa cristã ao grão-senhor, e eu tendo sido o primeiro comprador, é justo e razoável que a deixes para mim, e, se pensas diferente, este alfanje que empunho defenderá meu direito e castigará teu atrevimento.

O cádi, que estava atento a tudo e que não ardia menos que os dois, com medo de ficar sem a cristã, imaginou como poderia apagar o grande fogo que fora aceso e ainda ficar com a escrava, sem levantar suspeita alguma de sua depravada intenção. Assim, levantou-se e ficou entre os dois, que já estavam de pé, e disse:

– Calma, Hazán, e tu, Ali, fica quieto, pois eu estou aqui e sei como conciliar vossas diferenças de modo que alcanceis vossos desígnios, e o grão-senhor, como desejais, seja bem servido.

Obedeceram logo às palavras do cádi; e, mesmo que ele lhes ordenasse outra coisa mais difícil, teriam obedecido também, tamanho é o respeito que têm a seus anciãos os daquela seita nefasta. Então o cádi prosseguiu, dizendo:

– Tu dizes, Ali, que queres essa cristã para o grão-senhor, e Hazán diz a mesma coisa; tu alegas que por ser o primeiro a aceitar

o preço há de ser tua; Hazán te contradiz; e embora ele não saiba fundamentar suas razões, eu acho que tem as mesmas que tu tens, e é a intenção, que sem dúvida deve ter nascido ao mesmo tempo que a tua, querer comprar a escrava com o mesmo objetivo; tu levaste apenas a vantagem de ter falado primeiro, e isso não há de ser motivo para que a boa intenção dele fique inteiramente frustrada; e por isso me parece bom conciliá-los desta forma: que a escrava seja de ambos, e que o uso dado a ela deve ficar à vontade do grão-senhor, para quem foi comprada. A ele cabe dispor dela. Enquanto isso, tu, Hazán, pagarás duas mil dobras, e Ali outras duas mil, e a escrava ficará em meu poder para que em nome de ambos eu a envie a Constantinopla, de modo que eu não fique sem algum prêmio, ao menos por ter me achado presente. Assim me ofereço para enviá-la à minha custa, com a autoridade e decência que se deve a quem se envia, escrevendo ao grão-senhor tudo o que aqui aconteceu e relatando o desejo que os dois mostraram a seu serviço.

Os dois turcos apaixonados não souberam, nem puderam, nem quiseram contradizê-lo, e mesmo que tenham visto que por aquele caminho não realizariam seu desejo, tiveram de aceitar a opinião do cádi, cada um deles criando e alimentando em seu espírito uma esperança que, embora duvidosa, prometia chegar ao fim de seus ardentes desejos. Hazán, que ficava como vice-rei no Chipre, pensava dar tantos presentes ao cádi que ele, vencido e obrigado, lhe desse a escrava. Ali imaginou fazer alguma coisa que lhe assegurasse o que desejava, e, cada um deles dando por certo seu plano, aceitaram com facilidade o que o cádi propunha, e de comum acordo os dois entregaram-lhe logo a cristã, e em seguida cada um pagou duas mil dobras ao judeu.

O judeu disse que não a entregaria com as vestes que usava, porque valiam outras duas mil dobras, coisa que era verdade, pois nos cabelos, que a escrava trazia em parte soltos pelas costas e em parte presos e enlaçados na testa, apareciam algumas fieiras de pérolas que com graça extrema se enredavam neles. As argolas nos pés e mãos também vinham cheias de pérolas grandes. Usava ainda um manto de cetim verde, todo bordado e cheio de trancinhas de



ouro. Enfim, pareceu a todos que o judeu se acanhou no preço que pediu pelas vestes, e o cádi, para não se mostrar menos generoso que os dois paxás, disse que ele queria pagar, para que a cristã se apresentasse daquela maneira ao grão-senhor. Os dois adversários acharam bom o arranjo, cada um acreditando que tudo acabaria em seu poder.

Falta ainda dizer o que Ricardo sentiu ao ver sua alma em leilão, e os pensamentos que teve naquela hora, e os temores que o sobressaltaram ao ver que encontrava seu amor querido para perdê-lo de novo. Não conseguia saber se estava dormindo ou acordado, não dando crédito ao que seus próprios olhos viam, porque lhe parecia coisa impossível ver tão impensadamente diante deles aquela que achava que os havia fechado para sempre. Aproximou-se então de seu amigo Mahamut e lhe disse:

- Não a conheces, amigo?
- Não a conheço – disse Mahamut.
- Pois deves saber que é Leonisa – replicou Ricardo.
- O que dizes, Ricardo? – disse Mahamut.
- O que ouviste – disse Ricardo.
- Pois cala e não a identifiques – disse Mahamut –, que a sorte vai se ajeitando para que a tenhas boa e próspera, porque Leonisa vai ficar em poder de meu amo.
- Achas que devo ficar onde possa ser visto? – disse Ricardo.
- Não – respondeu Mahamut –, para que ela não se alarme nem tu te emociones, dando indícios de que a viste ou a conheces, pois isso poderia ser prejudicial ao meu plano.
- Seguirei teu conselho – respondeu Ricardo.

E assim andou evitando que seus olhos se encontrassem com os de Leonisa, que os tinha cravados no chão enquanto isso acontecia, derramando algumas lágrimas. O cádi se aproximou dela e, pegando-a pela mão, entregou-a a Mahamut, ordenando-lhe que a levasse à cidade e a entregasse à sua senhora Halima, e lhe dissesse que a tratasse como escrava do grão-senhor. Assim fez Mahamut e deixou Ricardo sozinho, que seguiu com os olhos sua estrela até que ela foi encoberta pela nuvem dos muros de Nicósia. Aproximou-se do judeu e lhe perguntou onde a tinha comprado, ou de que modo a

escrava viera vindo parar em seu poder. O judeu lhe respondeu que a tinha comprado na ilha da Pantanaleia de uns turcos que haviam naufragado ali; ia continuar contando, mas foi chamado a mando dos paxás, que queriam lhe perguntar o que Ricardo desejava saber; e com isso se despediu dele.

No caminho que havia das tendas à cidade, Mahamut teve oportunidade de perguntar a Leonisa, em italiano, de que lugar era. Ela respondeu que da cidade de Trápána. Mahamut perguntou também se conhecia naquela cidade um cavaleiro rico e nobre que se chamava Ricardo. Ouvindo isso, Leonisa deu um grande suspiro e disse:

- Sim, conheço, para minha desgraça.
- Como para vossa desgraça? – perguntou Mahamut.
- Porque ele me conheceu para desgraça dele e minha também

– respondeu Leonisa.

- E por acaso – perguntou Mahamut – conhecestes também na mesma cidade outro cavaleiro de belo porte, filho de pais muito ricos, muito valente, muito generoso e muito sagaz, que se chamava Cornélio?

- Conheço também – respondeu Leonisa –, e posso dizer que para maior desgraça minha do que conhecer Ricardo. Mas quem sois, senhor, que os conheceis e por eles me perguntais?

- Sou natural de Palermo – disse Mahamut. – Devido a vários acidentes estou vestido assim, com traje muito diferente do que eu costumava usar, e os conheço porque há poucos dias ambos estiveram em meu poder, pois Cornélio foi capturado por uns mouros de Trípoli da Berbéria que o venderam a um turco que o trouxe a esta ilha, aonde veio com mercadorias, porque é mercador de Rodas. E ele confiava a Cornélio todas as suas riquezas.

- Ele saberá guardá-las – disse Leonisa –, porque sabe guardar bem as suas. Mas dizei-me, senhor, como ou com quem veio Ricardo para esta ilha?

- Veio com um pirata que o capturou num jardim na praia de Trápána – respondeu Mahamut –, e com ele disse que haviam capturado uma donzela de quem nunca quis me dizer o nome. Esteve aqui alguns dias com seu amo, que ia visitar o sepulcro de

Maomé, que fica na cidade de Almedina. Mas, na hora da partida, Ricardo ficou tão doente e indisposto que seu amo o deixou comigo por ser de minha terra, para que o tratasse e me encarregasse dele até sua volta, ou, caso não voltasse aqui, o enviasse a Constantinopla, que ele me avisaria quando estivesse lá. Mas o céu dispôs as coisas de outra maneira, pois o infeliz Ricardo, sem mais nem menos, em poucos dias tiveram fim os dias de sua vida, sempre chamando num murmúrio uma tal de Leonisa, de quem ele me havia dito que queria mais que à sua vida e à sua alma. Ele me disse que a dita Leonisa, que estava numa galeota que naufragou na ilha de Pantanaleia, tinha se afogado, morte que ele sempre chorava e lamentava, até que o levou a perder a vida, pois eu não percebi doença alguma no corpo, mas apenas sinais de dor na alma.

– Dizei-me, senhor – replicou Leonisa –, esse outro moço de que falastes antes, nas conversas que teve convosco (e devem ter sido muitas, pois são da mesma pátria), falou dessa Leonisa e do modo como ela e Ricardo foram aprisionados?

– Falou, sim – disse Mahamut –, e me perguntou se havia aportado nesta ilha uma cristã com esse nome, que era assim e assim, a quem gostaria muito de achar para resgatá-la, se é que seu amo já havia se desenganado por não ser ela tão rica como pensara, ou a considerasse menos por já tê-la possuído; desde que o resgate não passasse de trezentos ou quatrocentos escudos, ele o pagaria com a maior boa vontade, porque houve um tempo em que havia tido alguma afeição por ela.

– Devia ser bem pequena, se não valia mais que quatrocentos escudos – disse Leonisa. – Ricardo é mais generoso, mais valente e cortês. Deus perdoe a quem foi a causa de sua morte, isto é, eu, pois sou eu a infeliz que ele chorou por considerar morta; só Deus sabe como me alegraria que ele estivesse vivo para lhe pagar, com a compaixão que tenho por sua desgraça, a compaixão que ele teve pela minha. Eu, senhor, como já vos disse, sou a mal-amada por Cornélio e a bem chorada por Ricardo, que depois de muitas e variadas peripécias veio parar neste estado miserável em que me vejo. Mas, embora este estado seja tão perigoso, com o favor do céu sempre conservei a inteireza de minha honra, com a qual vivo

contente em minha miséria. Agora nem sei onde estou, nem quem é meu dono, nem aonde irá dar comigo meu destino adverso. Por isso vos suplico, senhor, pelo sangue cristão que tendes, que me aconselheis em minhas penas, pois, apesar de terem me deixado mais atilada, são tantas, tão grandes e sobrevêm a todo momento que não sei como lidar com elas.

Mahamut respondeu que ele faria o que pudesse para servi-la, aconselhando-a e ajudando-a com sua sagacidade e com suas forças. Avisou-a da divergência que tiveram por causa dela os dois paxás e de como ficara em poder do cádi, seu amo, que devia levá-la como presente para o grão-turco Selim,<sup>9</sup> em Constantinopla; mas que, antes que isso ocorresse, tinha esperanças de que o verdadeiro Deus – em que ele acreditava, embora fosse um mau cristão – haveria de dispor tudo de outra maneira, e que a aconselhava a se dar bem com Halima, a mulher do cádi, seu amo, em cujo poder havia de estar até que a enviassem a Constantinopla, advertindo-a ainda da condição de Halima; disse a ela essas e outras coisas em seu benefício, até que a deixou em sua casa e em poder de Halima, a quem deu o recado de seu amo.

A moura recebeu-a bem ao vê-la tão bem-vestida e tão formosa. Mahamut voltou às tendas para contar a Ricardo o que havia acontecido entre ele e Leonisa; encontrando-o, contou tudo tim-tim por tim-tim e, ao lhe falar da emoção de Leonisa quando lhe disse que ele estava morto, quase lhe arrancou lágrimas dos olhos. Disse-lhe como tinha inventado a história da escravidão de Cornélio para ver como ela reagia; e frisou a indiferença e a malícia com que havia falado de Cornélio; tudo isso foi um bálsamo para o coração aflito de Ricardo, que disse a Mahamut:

– Lembro-me, meu amigo Mahamut, de uma história que me contou meu pai, que como tu sabes foi muito diligente, e ouviste como o honrou o imperador Carlos V, a quem sempre serviu em honrosos encargos da guerra. Ele me contou que, quando o imperador atacou Túnis e a tomou com a tropa que havia cercado La Goleta, estando um dia em sua tenda, no campo, trouxeram-lhe de presente uma moura de singular beleza, e no momento em que ela

chegou entravam alguns raios de sol por alguma parte da tenda e lhe iluminaram os cabelos, que competiam com os próprios raios do sol por serem loiros, coisa nova entre as mouras, que sempre se gabam de tê-los negros. Contava que naquela ocasião se encontravam na tenda, entre muitos outros, dois cavaleiros espanhóis; um era andaluz e o outro era catalão, ambos muito argutos e ambos poetas. O andaluz, tendo visto a moura, começou com admiração a dizer uns versos que eles chamam coplas, com umas rimas difíceis, e, ao chegar ao quinto verso, parou sem dar fim nem à copla nem à frase, por não encontrar assim de improviso as rimas necessárias para acabá-las; mas o outro cavaleiro, que estava a seu lado e tinha ouvido os versos, vendo-o suspenso, como se lhe furtasse a meia copla da boca, prosseguiu-a e acabou com as mesmas rimas. Exatamente isso me veio à memória quando vi a belíssima Leonisa entrar na tenda do paxá, não só obscurecendo os raios do sol se a tocassem, como todo o céu com suas estrelas.

– Alto, por favor – disse Mahamut. – Basta, meu amigo Ricardo, pois a cada passo temo que ultrapasasses os limites na louvação de tua bela Leonisa, tanto que, deixando de parecer cristão, pareças pagão. Diz-me, se quiseres, esses versos ou coplas, ou seja lá como os chamas, que depois falaremos de outras coisas mais agradáveis, e talvez também de maior proveito.

– Muito bem – disse Ricardo –, e te digo de novo que um disse cinco versos e o outro, os outros cinco, todos de improviso. São estes:

Como quando o sol assoma,  
e no alto da montanha se acha,  
e de súbito nos toma,  
e com sua visão doma  
nossa vida, e a relaxa;

como rubi sem tacha,  
que não consente carcoma  
tal é teu rosto, Aja,

dura lança me toma,  
e meu coração racha.

– Soam-me bem – disse Mahamut –, mas me soa melhor e melhor me parece que estejas em condição de dizer versos, Ricardo, porque dizê-los ou fazê-los requer espírito desapaixonado.

– Também se costuma chorar endechas – respondeu Ricardo –, como cantar hinos, e tudo é dizer versos. Mas, deixando isso de lado, diz-me o que pensas fazer em nosso negócio. Não entendi o que os paxás trataram na tenda, porém, enquanto levavas Leonisa, um renegado de meu amo, veneziano, que se achava presente e entende bem a língua turca, explicou-me. Então é necessário, antes de mais nada, dar um jeito para que Leonisa não vá parar nas mãos do grão-senhor.

– A primeira coisa que se deve fazer – respondeu Mahamut – é que tu venhas a ser de meu amo; depois disso feito, pensaremos no que mais nos convém.

Nisso surgiu o guardião dos escravos cristãos de Hazán e levou Ricardo consigo. O cádi voltou à cidade com Hazán, que em poucos dias fez o balanço do governo de Ali e o entregou fechado e selado, para que Ali fosse a Constantinopla. Ele foi em seguida, recomendando muito ao cádi que enviasse rapidamente a escrava, escrevendo ao grão-senhor de modo que pudesse ter alguma vantagem em suas pretensões. O cádi prometeu, com coração traidor, porque o tinha feito em cinzas pela escrava. Tendo Ali ido cheio de falsas esperanças, e ficado Hazán nada vazio delas, Mahamut agiu de forma que Ricardo veio para seu amo. Os dias passavam, e o desejo de ver Leonisa oprimia tanto Ricardo que ele não alcançava um instante de sossego. Ricardo mudou o nome para Mário, para que ele não chegasse aos ouvidos de Leonisa antes que ele a pudesse ver, e vê-la era muito difícil porque os mouros são ciumentos ao extremo e escondem de todos os homens o rosto de suas mulheres, mesmo que não vejam mal em que elas o mostrem aos cristãos, talvez porque, por serem escravos, não os considerem homens completos.

Aconteceu então que um dia a senhora Halima viu seu escravo Mário, e tão visto e observado foi que ele ficou gravado no coração dela e fixo na memória; e, talvez não muito satisfeita com os abraços frouxos de seu velho marido, com facilidade deu espaço a um mau desejo, e com essa mesma facilidade falou dele a Leonisa, a quem já queria muito por sua natureza agradável e comportamento sensato, e a tratava com muito respeito, por ser presente do grão-senhor. Disse-lhe como o cádi havia trazido para casa um escravo cristão tão elegante e gracioso que pensava que seus olhos nunca tinham visto homem mais lindo em toda a sua vida, e que diziam que era chilibí, que quer dizer cavaleiro, e da mesma terra de Mahamut, seu renegado, e que não sabia como lhe dar a entender suas intenções sem que o cristão a desprezasse por tê-las declarado. Leonisa lhe perguntou como se chamava o escravo, e Halima lhe disse que se chamava Mário. A isso, Leonisa replicou:

– Se ele fosse cavaleiro e do lugar de onde dizem, eu o conheceria; não há, porém, nenhum em Trápana com o nome de Mário. Mas faz com que eu o veja e lhe fale, senhora, que te direi quem é e o que dele pode se esperar.

– Assim faremos – disse Halima –, porque sexta-feira, quando o cádi estiver orando na mesquita, eu o farei entrar aqui, onde poderás falar a sós com ele, e, se quiseres lhe insinuar meu desejo, faze-o da melhor maneira que puderes.

Isso Halima disse a Leonisa, e não haviam passado duas horas quando o cádi chamou Mahamut e Mário, e com não menos eficácia que Halima havia revelado seu coração a Leonisa, o velho apaixonado revelou o seu a seus dois escravos, pedindo-lhes conselho sobre o que devia fazer para possuir a cristã e não faltar com o grão-senhor, a quem ela pertencia, confessando-lhes que antes pensava morrer mil vezes que entregá-la virgem ao grão-turco. Com essas emoções o mouro religioso demonstrava sua paixão, pondo-a no coração de seus dois escravos, que pensavam exatamente o contrário do que ele pensava. Ficou combinado entre eles que Mário, como homem de sua terra, embora houvesse dito que não a conhecia, iria antes falar com ela e lhe explicar os desejos do cádi. Se, desse modo, eles não pudessem se realizar, deveria

saber que ele usaria a força, pois a escrava estava em seu poder. Depois, dizendo que ela havia morrido, não precisariam enviá-la a Constantinopla.

O cádi ficou contentíssimo com o plano de seus escravos, e com a sonhada alegria que teria ofereceu a liberdade a Mahamut no mesmo instante, dizendo que ainda lhe deixava metade de suas propriedades quando seus dias terminassem; prometeu também a Mário, se alcançasse o que queria, liberdade e dinheiro para que voltasse à sua terra rico, honrado e feliz. Se ele foi generoso nas promessas, seus escravos foram pródigos ao lhe oferecer a lua no céu, quanto mais Leonisa, desde que ele desse a oportunidade de falar com ela.

– Mário pode falar com ela quando quiser – respondeu o cádi. – Farei com que Halima vá por uns dias à casa de seus pais, que são gregos cristãos, e, com ela ausente, ordenarei ao porteiro que deixe Mário entrar na casa todas as vezes que quiser, e direi a Leonisa que poderá falar com seu conterrâneo sempre que tiver vontade.

Dessa maneira começou de novo a soprar a seu favor o vento da sorte de Ricardo, sem que ele soubesse o que faziam seus próprios amos.

Os três tomaram, então, essa decisão, mas quem agiu primeiro foi Halima, que, como mulher, era de natureza fácil e impulsiva para tudo aquilo que lhe interessava. Naquele mesmo dia o cádi disse a Halima que, quando quisesse, poderia ir à casa de seus pais se divertir com eles quantos dias quisesse. Mas, como ela estava alvoroçada com as esperanças que Leonisa lhe havia dado, não só não pretendia ir à casa de seus pais como nem mesmo ao falso paraíso de Maomé; e assim lhe respondeu que por ora não tinha vontade e que quando ela tivesse lhe diria, mas que haveria de levar consigo a escrava cristã.

– Isso não – replicou o cádi –, pois não fica bem que a dádiva do grão-senhor seja vista por qualquer um, ainda mais que vão proibi-la de conversar com cristãos, porque, deveis saber, logo que estiver em poder do grão-senhor vão encerrá-la no harém e torná-la turca, queira ou não queira.



– Desde que ela ande comigo – replicou Halima –, não importa que esteja na casa de meus pais nem que fale com eles, pois eu falo mais e não deixo de ser boa turca por isso; e de mais a mais penso ficar na casa deles por uns quatro ou cinco dias, porque o amor que vos tenho, senhor, não me permite que eu fique tanto tempo ausente e sem vos ver.

O cádi não quis responder para não levantar nenhuma suspeita de suas intenções.

Então chegou sexta-feira e ele foi à mesquita, de onde não podia sair por quase quatro horas; e mal Halima o viu longe dos umbrais da casa, mandou chamar Mário; mas um cristão corso que servia de porteiro no portão do pátio não o teria deixado entrar se Halima não lhe gritasse que deixasse, e assim ele entrou confuso e tremendo, como se fosse lutar com um exército de inimigos.

Leonisa vestia o mesmo traje de quando entrou na tenda do paxá e estava sentada ao pé de uma escada grande de mármore, que subia para os corredores. Tinha a cabeça inclinada sobre a palma da mão direita e o braço sobre os joelhos, os olhos para o lado oposto da porta por onde entrou Mário, de modo que, embora ele se encaminhasse para onde ela estava, Leonisa não o via. Assim que entrou, Ricardo passou os olhos pela casa toda, e não viu nada mais que um mudo e sossegado silêncio, até que parou o olhar onde Leonisa estava. Num instante, o apaixonado Ricardo foi tomado por inúmeros pensamentos, que o extasiaram e o alegraram, considerando-se à distância de vinte passos, ou pouco mais, de sua felicidade e alegria; mas também se considerava escravo, e sua glória em poder de outro. Virando e revirando consigo mesmo essas coisas, andava passo a passo, e aflito e assustado, alegre e triste, medroso e valente, ia se aproximando do lugar onde estava o centro de sua alegria, quando de repente Leonisa virou o rosto e pôs os olhos nos de Mário, que a olhava atentamente. Mas, quando os olhares dos dois se encontraram, deram sinais diferentes do que suas almas haviam sentido. Ricardo parou, sem poder levar o pé adiante; Leonisa, que considerava Ricardo morto pelo que Mahamut contara, ao vê-lo vivo tão inesperadamente, se encheu de medo e espanto e, sem tirar dele os olhos nem se virar, subiu de costas

quatro ou cinco degraus, beijando muitas vezes uma pequena cruz que tirou do seio e benzendo-se infinitamente, como se estivesse vendo um fantasma ou coisa do outro mundo.

Ricardo saiu de seu enlevo e entendeu, pelo que Leonisa fazia, a verdadeira causa de seu medo, e então lhe disse:

– Sinto muito, formosa Leonisa, que não sejam verdadeiras as notícias que Mahamut te deu de minha morte, porque com ela evitaria os temores que sofro agora ao pensar se ainda continua viva e firme a rispidez que sempre usaste comigo. Acalma-te, senhora, e desce, e se te atreveres a fazer o que nunca fizeste, que é te aproximares de mim, vem e verás que não sou uma alma penada: sou Ricardo, Leonisa; Ricardo, aquele que terá a felicidade que tu quiseses que tenha.

Então Leonisa pôs o dedo na boca, e Ricardo entendeu que era para se calar ou falar mais baixo; e, se encorajando um pouco, aproximou-se dela a uma distância em que pôde ouvir estas palavras:

– Fala baixo, Mário, pois me parece que assim te chamas agora, e não trates de nada diferente do que eu falar; e saiba que nunca mais poderemos nos ver se nos ouvirem. Acho que Halima, nossa ama, nos escuta. Ela me disse que te adora e me pôs como intermediadora de seu desejo. Se quiseses corresponder a ele, terás mais proveito para o corpo que para a alma; e, se não quiseses, é forçoso que o finjas, nem que seja porque te suplico e pelo que merecem os desejos declarados de uma mulher.

A isso, Ricardo respondeu:

– Jamais pensei nem pude imaginar, formosa Leonisa, que me pedirias uma coisa impossível de cumprir; mas o que me pedes me desenganou. Por acaso a vontade é tão leviana que pode ser movida e levada para onde quiserem levá-la, ou fica bem ao homem honrado e sincero fingir em coisas tão importantes? Se te parece que alguma dessas coisas se pode ou se deve fazer, faz o que mais te convier, pois és senhora de minha vontade; mas já sei que também me enganas nisso, pois jamais conhecestes minha vontade, e assim não sabes o que deves fazer dela. Mas, para que não digas que deixaste de ser obedecida na primeira coisa que me ordenaste,

eu perderei o direito que devo por ser quem sou, e satisfarei falsamente, como dizes, teu desejo e o de Halima, se com isso devo ganhar o prazer de te ver. Invento, então, as respostas a teu gosto, que aqui e agora minha falsa vontade as firma e confirma. E, em pagamento por isso que faço por ti, que em minha opinião é a maior coisa que poderei fazer, mesmo que te dê a alma que tantas vezes te dei, suplico-te que me digas rapidamente como escapaste das mãos dos piratas e como foste parar nas do judeu que te vendeu.

– Mais tempo pede a história de minhas desgraças – respondeu Leonisa –, mas, apesar de tudo, quero te satisfazer em algo. Digo, então, que um dia depois que nos separamos, o baixel de Yzuf voltou com um vento forte à mesma ilha de Pantanaleia, onde também vimos vossa galeota. A nossa, porém, sem poder evitar, investiu contra as rochas. Assim, vendo tão perto sua perdição, meu amo esvaziou com grande rapidez dois barris que estavam cheios de água, tapando-os muito bem, e os amarrou um ao outro com cordas; botou-me entre os dois, em seguida despiu-se e, pegando outro barril entre os braços, amarrou-o com um cordel ao corpo, e com o mesmo cordel o prendeu aos meus barris, e com grande coragem se atirou ao mar, levando-me atrás de si. Como eu não tive coragem para me jogar, outro turco me empurrou e me atirou ao mar atrás de Yzuf, onde caí sem sentido algum, nem voltei a mim até que me encontrei em terra nos braços de dois turcos, que me mantinham de bruços, cuspidos grande quantidade de água que havia bebido. Abri os olhos, atônita e espantada, e vi Yzuf perto de mim, a cabeça feita em pedaços, pois, como soube depois, ao chegar a terra deu com ela nas pedras, onde acabou a vida. Os turcos também me disseram que, puxando a corda, me tiraram afogada para a terra. Apenas oito pessoas escaparam dessa galeota desgraçada.

“Ficamos oito dias na ilha, os turcos me tratando com o mesmo respeito que teriam se eu fosse irmã deles, ou mais ainda. Estávamos escondidos numa caverna, eles com medo que descesse um destacamento cristão que estava na ilha e os fizesse prisioneiros; alimentaram-se com biscoitos molhados que o mar jogou na praia, entre os destroços da galeota, e que iam recolher de noite. Para

maior infelicidade minha, quis o destino que o destacamento estivesse sem capitão, pois havia poucos dias que morrera, e o destacamento era de apenas vinte soldados; isso se soube por um rapaz que os turcos prenderam quando desceu à praia para pegar conchas. No oitavo dia chegou àquela costa um baixel de mouros que eles chamam de karamusal;<sup>10</sup> os turcos o viram e saíram de onde estavam, fazendo sinais para o baixel, que estava perto da terra, tanto que dele viram que eram turcos os que pediam socorro. Eles contaram suas desgraças, e os mouros os receberam em sua embarcação, em que vinha o judeu, riquíssimo mercador. Toda a mercadoria do baixel, ou mais, era sua; eram barréganas, alquicéis e outras coisas que levavam da Berbéria ao Levante. No mesmo baixel os turcos foram para Trípoli e no caminho me venderam para o judeu, que deu por mim duas mil dobras, preço excessivo, se o amor que sentiu por mim não tornasse o judeu generoso.

“Assim, deixando os turcos em Trípoli, o baixel retomou sua viagem, e o judeu começou a me cortejar descaradamente, mas eu o rechacei como mereciam seus desejos abjetos. Vendo-se então sem esperança de alcançá-los, resolveu se desfazer de mim na primeira oportunidade que surgisse; e, sabendo que os dois paxás, Ali e Hazán, estavam nesta ilha, onde podia vender sua mercadoria tão bem como em Quios, como tinha pensado vender, veio para cá com a intenção de me oferecer a algum dos paxás, e por isso me vestiu da maneira que me vêis agora, para lhes atizar a vontade de me comprar. Soube que o cádi me comprou para me presentear ao grão-turco, do que tenho muito medo. Aqui soube de tua falsa morte, e posso te dizer, se quiseres acreditar, que me pesou na alma e que tive mais inveja que pena de ti, e não por te querer mal, pois, embora eu seja indiferente, não sou ingrata nem mal-agraçada, mas porque havias acabado com a tragédia de tua vida.”

– Terias falado bem, senhora – respondeu Ricardo –, caso a morte não me evitasse o prazer de te ver de novo, pois agora considero mais glorioso este momento pelo prazer de te contemplar que qualquer outra felicidade, a não ser que fosse a eterna, que na vida ou na morte pudesse realizar meu desejo. Por falar em desejo,

o que tem meu amo, o cádi, em cujas mãos vim parar por não menos peripécias que as tuas, é o mesmo para contigo que o de Halima é para comigo; designou-me como intermediário de seus pensamentos. Aceitei o encargo não para agradar a meu amo, mas pela facilidade de te falar, pois vê, Leonisa, aonde nos trouxeram nossas desgraças: a ti como mediadora daquela impossibilidade que me pedes, a mim a de sê-lo também de algo que jamais esperava, pelo qual eu daria a vida para não realizar, pois agora sei o que vale a grande felicidade de te ver.

– Não sei o que te dizer, Ricardo – replicou Leonisa –, nem como sair deste labirinto onde, como dizes, nossa falta de sorte nos encurralou. Penso apenas que é preciso usar nisto o que não se pode esperar de nosso caráter: fingimento e engano. Assim, direi a Halima algumas coisas sobre ti que a distraiam e não a desesperem. Tu poderás dizer de mim ao cádi o que mais convier para enganá-lo e garantir minha honra. Coloco então minha honra em tuas mãos, e com certeza podes acreditar que a tenho intacta, apesar da dúvida que poderiam causar tantos caminhos que trilhei e tantos combates que travei. Falarmos será fácil, e para mim será um grande prazer fazê-lo, desde que jamais trate de qualquer coisa relacionada à tua pretensão, pois na mesma hora em que fizeres isso deixarei de te ver, porque não quero que penses que meu valor tem tão poucos quilates que a servidão fará com ele o que a liberdade não pôde: com a ajuda do céu, tenho de ser como o ouro, que quanto mais se refina, mais puro e limpo fica. Contenta-te com o que te disse, que tua presença não me desagradará, como acontecia, porque quero que saibas, Ricardo, que sempre pensei que fosses grosseiro e arrogante, e que te achavas muito mais do que eras. Confesso também que me enganava e que pode ser que, se eu fizesse agora a experiência, a verdade me tirasse do erro, e, estando esclarecida, fosse mais compassiva por ser honesta. Vai com Deus, que temo que Halima tenha nos ouvido, e ela entende um pouco da língua cristã, pelo menos aquela mistura de línguas que se usa, com que todos nos entendemos.<sup>11</sup>

– É verdade, senhora – respondeu Ricardo –, e agradeço-te muito pela franqueza com que me falaste, que considero tanto quanto o favor que me fazes de deixar que te veja; e, como tu dizes, talvez a experiência te faça compreender que sou de natureza simples e humilde, especialmente para te adorar; e, sem que tu estabelecesses limites nem condições à minha conduta, ela seria tão casta contigo que não poderias desejá-la melhor. Quanto a embromar o cádi, não te preocupes; faz a mesma coisa com Halima, e entende, senhora, que depois que te vi nasceu em mim tamanha esperança, que tenho certeza de que logo alcançaremos a desejada liberdade. E com isso, fica com Deus, que em outra ocasião te contarei os descaminhos por onde o destino me trouxe a este estado, depois que me afastei de ti ou me afastaram, digamos melhor.

Assim se despediram, e Leonisa ficou alegre e satisfeita com o comportamento simples de Ricardo, e ele contentíssimo por não ter ouvido uma palavra áspera da boca de Leonisa.

Halima estava trancada em seu quarto, suplicando a Maomé que Leonisa trouxesse boas notícias de sua missão. O cádi estava na mesquita retribuindo os desejos de sua mulher com os seus, aflitos e expectantes da resposta que esperava ouvir de seu escravo, a quem havia encarregado de falar com Leonisa, com a ajuda de Mahamut, que lhe facilitaria as coisas mesmo que Halima estivesse em casa. Leonisa exacerbou em Halima o amor e o desejo abjeto, dando-lhe muitas esperanças de que Mário faria tudo o que ela pedisse; mas primeiro Halima devia deixar passar duas segundas-feiras antes que ele cedesse ao que desejava muito mais que ela, e esse tempo e prazo pedia por causa de preces e súplicas a Deus para que lhe concedesse a liberdade. Halima ficou satisfeita com a desculpa e a explicação de seu querido Mário, a quem ela daria liberdade antes da conclusão das preces, desde que ele concordasse com seu desejo; e assim implorou a Leonisa que lhe pedisse que economizasse tempo e encurtasse a prorrogação, pois ela lhe oferecia quanto o cádi pedisse por seu resgate.

Antes de falar a seu amo, Ricardo se aconselhou com Mahamut sobre o que diria; e combinaram deixá-lo desesperado e lhe

aconselhar que levasse Leonisa o mais rápido que pudesse a Constantinopla, e que no caminho, ou por bem ou por mal, alcançaria seu desejo; e, para evitar o inconveniente de não ficar nas boas graças do grão-senhor, seria bom comprar outra escrava, e na viagem fingir ou fazer de modo que Leonisa caísse doente, e que uma noite jogariam a cristã comprada no mar, dizendo que era Leonisa, a escrava do grão-senhor, que havia morrido; e que isso podia se fazer e se fazia de forma que jamais a verdade fosse descoberta, ficando ele sem culpa com o grão-senhor e com seu desejo satisfeito; e que, para prolongar seu prazer, depois se daria um jeito mais conveniente e mais proveitoso. Estava tão cego o mísero e velho cádi que, se lhe dissessem outros mil disparates, desde que fossem dirigidos a atíçar suas esperanças, acreditaria em todos, ainda mais que lhe pareceu que tudo o que lhe diziam estava bem encaminhado e prometia bons resultados; e isso seria verdade, se a intenção dos dois conselheiros não fosse tomar o baixel e matar o cádi em pagamento por suas loucas intenções. Apresentou-se ao cádi outra dificuldade, em sua opinião maior que as outras que aquele caso podia apresentar: pensava que sua mulher não haveria de deixá-lo ir a Constantinopla se não a levasse consigo; mas logo a contornou, dizendo que em vez da cristã que deveriam comprar para que morresse no lugar de Leonisa, serviria Halima, de quem desejava se livrar mais que da morte.

Com a mesma facilidade com que ele pensou isso, Mahamut e Ricardo o apoiaram; então, ficando todos de acordo, naquele mesmo dia o cádi avisou Halima da viagem que pensava fazer a Constantinopla para levar a cristã ao grão-senhor, de cuja generosidade esperava a nomeação como grão-cádi do Cairo ou de Constantinopla. Halima disse que lhe parecia muito boa sua decisão, acreditando que ele deixaria Ricardo em casa; mas, quando o cádi lhe disse que com certeza levaria Ricardo e Mahamut consigo, mudou de opinião e passou a desaconselhar o que antes havia aconselhado. Em suma, ela concluiu que, se não a levasse também, não pensava deixá-lo ir de maneira nenhuma. O cádi se alegrou de fazer o que ela queria, porque pensava se livrar logo daquela que era uma carga tão pesada para ele.

Nesse meio-tempo, o paxá Hazán não deixava de pedir ao cádi que lhe entregasse a escrava, oferecendo-lhe montes de ouro, e tendo lhe dado Ricardo de graça, cujo resgate avaliava em dois mil escudos, facilitando-lhe a entrega com a mesma astúcia com que o cádi havia imaginado matar a escrava quando o grão-turco a mandasse buscar. Todos esses presentes e promessas serviram para que o cádi decidisse antecipar a partida; e assim, premido por seu desejo e pelas importunações de Hazán, sem falar nas de Halima, que também fabricava no ar vãs esperanças, em vinte dias equipou um bergantim de quinze bancos e arranjou remadores a soldo, mouros e alguns cristãos gregos. Embarcou nele toda a sua riqueza, e Halima não deixou em sua casa nenhuma coisa importante e rogou a seu marido que a deixasse levar seus pais consigo para que fossem a Constantinopla. A intenção de Halima era a mesma que a de Mahamut e Ricardo, tomar o bergantim pelo caminho, mas não quis lhes revelar seu pensamento até se ver embarcada, e isso com a intenção de ir para terra de cristãos e voltar a ser o que havia sido antes, e então se casar com Ricardo, pois era possível pensar que, levando tantas riquezas consigo e se tornando cristã, ele não deixaria de aceitá-la como mulher.

Nesses dias, Ricardo falou de novo com Leonisa e lhe contou todo o seu plano, e ela lhe contou o de Halima, que havia falado para ela; os dois pediram segredo um ao outro e, encomendando-se a Deus, esperaram o dia da partida. Quando ele chegou, Hazán os acompanhou até a praia com todos os seus soldados e não os deixou até que se fizeram ao mar, nem tirou os olhos do bergantim até que se perdesse de vista; e parece que o ar dos suspiros que o mouro apaixonado lançava impelia com maior força as velas, que afastavam e levavam sua alma. Mas como aquele a quem o amor havia tanto tempo não deixava sossegar, pensando no que devia fazer para não morrer na mão de seus desejos, pôs logo em ação o que com longa reflexão e resoluta determinação tinha planejado. E assim, num baixel de dezessete bancos, que equipara em outro porto, embarcou cinquenta soldados, todos amigos e conhecidos seus, a quem ele tinha coagido com muitos presentes e promessas, e lhes deu ordens para que perseguissem e tomassem o bergantim



do cádi e suas riquezas, passando na faca todos os que iam nele, exceto a escrava Leonisa, pois ele queria apenas a ela como o grande despojo entre os muitos bens que o barco levava. Ordenou-lhes também que o botassem a pique, de modo que nenhuma coisa restasse que pudesse dar um indício de seu fim. A cobiça do saque lhes pôs asas nos pés e coragem no coração, mesmo que vissem muito bem como era pouca a defesa que haveriam de encontrar entre os do bergantim, que iam desarmados e sem suspeita de semelhante acontecimento.

Já fazia dois dias que o bergantim navegava, que ao cádi pareciam dois séculos, porque logo no primeiro gostaria de pôr em prática o que tinha decidido; mas seus escravos lhe aconselharam que convinha primeiro fazer de conta que Leonisa estava mal, para dar algum colorido à sua morte, e que isso tinha de ser com alguns dias de doença. Ele queria apenas dizer que ela havia morrido de repente e acabar logo com tudo: despachar sua mulher e aplacar o fogo que ia lhe consumindo as entranhas pouco a pouco. Mas, na verdade, teve de se submeter à opinião dos dois.

A estas alturas, Halima havia revelado seu plano a Mahamut e a Ricardo, e eles estavam para executá-lo ao ultrapassar as cruzes de Alexandria,<sup>12</sup> ou ao entrar no canal onde estão os castelos da Anatólia. Mas era tanta a pressa do cádi que eles se ofereceram para agir na primeira oportunidade que surgisse. E um dia, depois de seis de navegação, quando o cádi achava que já era mais que suficiente a falsa doença de Leonisa, importunou seus escravos para que no dia seguinte acabassem com Halima e a jogassem amortalhada ao mar, dizendo ser a escrava do grão-senhor.

Então, amanhecendo o dia em que, conforme a intenção de Mahamut e de Ricardo, haveria de ser a realização de seus desejos ou o fim de suas vidas, perceberam um baixel que a vela e remo vinha no encalço deles. Temeram que fosse de piratas cristãos, de quem nem uns nem outros podiam esperar boa coisa, porque, se o fossem, os mouros seriam escravizados e os cristãos, embora livres, ficariam nus e roubados. Mahamut e Ricardo se dariam por satisfeitos com a liberdade de ambos e a de Leonisa, mas, mesmo

imaginando isso, temiam a insolência dos piratas, pois gente que se entrega a tais atividades, seja de que lei ou nação for, jamais deixa de ter um espírito cruel e um temperamento descarado. Ficaram na defensiva, sem largar os remos e deixar de fazer tudo o que pudessem. Mas levaram poucas horas para ver que iam se aproximando, de modo que em menos de duas estavam ao alcance de um tiro de canhão. Vendo isso, baixaram as velas, soltaram os remos, pegaram as armas e os esperaram, embora o cádi tivesse dito que não sentissem medo deles, porque o baixel era turco, e que não lhes faria nenhum mal. Mandou hastear logo a bandeira branca da paz no penol da popa, para que a vissem os que já vinham cegos e cobiçosos, com grande fúria, investindo contra o mal defendido bergantim. Nisso, Mahamut virou a cabeça e viu que do poente vinha uma galeota, pelo jeito de vinte bancos, e avisou o cádi, e alguns cristãos que iam ao remo disseram que esse baixel era de cristãos. Isso tudo redobrou a confusão e o medo deles, e estavam suspensos, sem saber o que fariam, temendo e esperando a sorte que Deus lhes reservara.

Parece-me que o cádi deu para pensar naquelas alturas que tudo o que esperava realizar se encontrava em Nicósia, tamanha era a confusão em que se achava, embora o primeiro baixel o tenha tirado rapidamente dela, pois sem respeito pela bandeira da paz nem o que devia à sua religião, atacou o do cádi com tanta fúria que por pouco não o mandou a pique. Logo o cádi reconheceu os atacantes, e viu que eram soldados de Nicósia, e adivinhou o que podia ser, e deu-se por perdido e morto. E, se não fosse porque os soldados trataram antes de roubar que matar, nenhum teria escapado com vida. Mas, quando eles andavam mais acesos e mais empenhados em seu roubo, um turco disse aos brados:

– Às armas, soldados, que um baixel cristão nos ataca.

Era verdade, pois o baixel que se viu do bergantim do cádi vinha com insígnias e bandeiras cristãs, e chegou com toda a fúria contra o baixel de Hazán; mas antes da abordagem alguém perguntou da proa em língua turca de quem era aquele baixel. Responderam-lhe que do paxá Hazán, vice-rei do Chipre.

– Mas como vós – replicou o turco –, sendo muçulmanos, atacais e roubais esse baixel, que nós sabemos que leva o cádi de Nicósia?

Responderam que eles não sabiam de nada, a não ser que tinham lhes ordenado que tomassem aquele baixel e que eles, como soldados obedientes, haviam cumprido as ordens.

Satisfeito com a resposta, o capitão do baixel em que vinham os cristãos deixou de atacar o de Hazán e voltou-se para o do cádi, e na primeira descarga matou mais de dez turcos dos que estavam a bordo, e logo o invadiram com grande rapidez e determinação. Porém, mal tinham posto os pés dentro do barco, o cádi percebeu que o atacante não era cristão, mas o paxá Ali, o apaixonado por Leonisa, que, com a mesma intenção de Hazán, havia esperado sua vinda, e para não ser reconhecido tinha vestido seus soldados como cristãos, para que com essa astúcia encobrisse seu furto. O cádi, que entendeu as intenções dos amantes e traidores, começou a maldizer em altos brados:

– O que é isto, paxá Ali, seu traidor?! Como sendo tu moçulman – que quer dizer turco –, me assaltas como cristão? E vós, soldados traidores de Hazán, que demônios vos levaram a cometer tão grande insulto? Como quereis ir contra vosso senhor natural para satisfazer o apetite lascivo daquele que vos envia?

A essas palavras todos suspenderam as armas, e uns olharam para os outros e se reconheceram, porque todos haviam sido soldados de um mesmo capitão e militado sob a mesma bandeira, e, atrapalhando-se com os argumentos do cádi e com o próprio prejuízo causado, embotaram-se os fios dos alfanjes e se abateram os ânimos: apenas Ali fechou os olhos e os ouvidos a tudo e, lançando-se ao cádi, deu-lhe uma tremenda cutilada na cabeça, que a teria partido ao meio se não fosse pela defesa que oferecia o turbante com mais de oito metros de tecido. Apesar de tudo, derrubou-o entre os bancos do baixel, e o cádi disse ao cair:

– Oh, cruel renegado, inimigo de meu profeta! É possível que não haja quem castigue tua crueldade e tua insolência? Como ousas, desgraçado, pôr as mãos e as armas em teu cádi, e num ministro de Maomé?

Essas palavras deram muito mais força às primeiras. Quando as ouviram, e levados pelo medo de que os soldados de Ali lhes afanassem os despojos, que eles já davam como seus, os soldados de Hazán resolveram arriscar tudo. E, começando um e seguindo-o todos, caíram sobre os soldados de Ali com tanta rapidez, rancor e brio que em pouco tempo os deixaram em muito mau estado e os reduziram a um número pequeno, embora fossem muito mais que eles. Mas os que restaram, voltando a si, vingaram seus companheiros, não deixando com vida mais que quatro dos soldados de Hazán. E estes feridos de morte.

Ricardo e Mahamut estavam olhando, pois de quando em quando botavam a cabeça pela escotilha da câmara da popa para ver no que dava aquele grande entrevero de alfanjes; e vendo que os turcos estavam quase todos mortos, e os vivos feridos com gravidade, e o quanto se podia facilmente dar cabo de todos, Ricardo chamou Mahamut e dois sobrinhos de Halima, que ela havia embarcado consigo para que ajudassem a sequestrar o baixel, e com eles e com seu pai, pegando os alfanjes dos mortos, saltaram na coxia, e bradando "Liberdade, liberdade", e ajudados pelos remadores, cristãos gregos, com facilidade e sem se ferirem, degolaram a todos, e passando para a galeota de Ali, que estava sem defesa, renderam-na e ficaram com quanto vinha nela. Entre os que morreram no segundo confronto, um dos primeiros foi o paxá Ali, pois um turco, em vingança pelo cádi, o matou a cutiladas.

Logo todos trataram, a conselho de Ricardo, de passar quanta coisa havia de valor em seu baixel e no de Hazán para a galeota de Ali, que era maior e mais adequada a qualquer transtorno ou viagem, e por ter remadores cristãos, os quais, contentes com a recém-alcançada liberdade e com as muitas coisas que Ricardo repartiu entre todos, se ofereceram para levá-la até Trápana, e até o fim do mundo se quisesse. E com isso Mahamut e Ricardo, cheios de alegria pelo êxito da aventura, foram falar com Halima e lhe disseram que, se quisesse voltar a Chipre, com os remadores equipariam seu próprio baixel e lhe dariam a metade das riquezas que haviam embarcado; mas ela, que em meio a tanta calamidade ainda não tinha perdido o carinho e o amor por Ricardo, disse que

queria ir com eles para terra de cristãos, do que seus pais se rejubilaram ao extremo.

O cádi voltou a si do desmaio, e o trataram como puderam, e também lhe disseram que escolhesse uma das duas opções: ou se deixava levar a terra de cristãos, ou voltava em seu próprio baixel para Nicósia. Ele respondeu que, já que o destino o tinha levado àquela situação, agradecia-lhes a liberdade que lhe davam, e que queria ir a Constantinopla se queixar ao grão-senhor da afronta de Hazán e de Ali; mas quando soube que Halima o deixava e queria se converter ao cristianismo, esteve a ponto de perder o juízo. Em suma, equiparam para ele seu próprio baixel com todas as coisas necessárias para sua viagem, e ainda lhe deram alguns cequins dos que haviam sido seus, e despedindo-se de todos, com a determinação de voltar a Nicósia, pediu antes de se fazer ao mar que Leonisa o abraçasse, que essa graça e favor seriam suficientes para levar ao esquecimento toda a sua desventura. Todos suplicaram a Leonisa que fizesse esse favor a quem tanto a amava, pois isso não iria contra o decoro de sua honestidade. Leonisa fez o que lhe rogavam, e o cádi lhe pediu que lhe pusesse as mãos sobre a cabeça, para que ele se fosse com esperanças de que sua ferida sarasse; Leonisa o contentou em tudo.

Depois disso, e havendo feito um rombo no casco do baixel de Hazán, ajudados por um vento sul fresco que parecia que chamava as velas para se entregar a elas, zarparam, e em poucas horas perderam de vista o baixel do cádi, o qual, com lágrimas nos olhos, estava olhando como os ventos levavam seus bens, sua vontade, sua mulher e sua alma.

Com pensamentos diferentes dos do cádi, navegavam Ricardo e Mahamut; e assim, sem querer tocar em terra em lugar nenhum, passaram à vista de Alexandria sem fazer escala e sem arriar as velas, e sem necessidade de usar os remos chegaram à áspera ilha de Corfu, onde se abasteceram de água, e em seguida, sem se deterem, passaram pelos infames penhascos Acroceraunos, e de longe, no segundo dia, avistaram Paquino, promontório da fertilíssima Tinácia,<sup>13</sup> e, à vista da qual e da insigne ilha de Malta,

voaram, pois não era com menos velocidade que navegava a feliz embarcação.

Enfim, ultrapassando a ilha, dali a quatro dias avistaram Lampadosa<sup>14</sup> e em seguida a ilha onde se perderam. Diante dela, Leonisa estremeceu toda, pois lhe veio à memória o perigo que havia passado ali. No dia seguinte, viram à sua frente a desejada e amada pátria; renovou-se a alegria em seu coração, alvoroçou seu espírito com novo contentamento, pois é um dos maiores que nesta vida se pode ter, chegar depois de longo cativeiro são e salvo à pátria. E o único que pode se igualar a este é o que se tem com a vitória sobre os inimigos.

Tinham achado na galeota uma caixa cheia de bandeirinhas e flâmulas de seda de diversas cores. Ricardo fez com que enfeitassem a galeota com elas. Pouco depois do amanhecer, quando se encontravam a menos de uma légua da cidade e remando por turnos, e dando de vez em quando brados e gritos alegres, iam chegando ao porto, no qual num instante apareceram inumeráveis pessoas da vila, pois, tendo visto como aquele baixel muito enfeitado se aproximava tão devagar, não ficou gente em toda a cidade que deixasse de ir à praia.

Enquanto isso, Ricardo havia pedido e suplicado a Leonisa que se vestisse e adornasse da mesma maneira que tinha entrado na tenda dos paxás, porque queria fazer uma brincadeira engraçada com seus pais. Assim foi feito, e, acrescentando adorno a adorno, pérolas a pérolas, e beleza a beleza, que costuma aumentar com a alegria, Leonisa se vestiu de modo que de novo causou surpresa e maravilha. Ricardo também se vestiu como turco, e o mesmo fizeram Mahamut e todos os cristãos do remo, pois para todos havia roupas dos turcos mortos.

Quando chegaram ao porto deviam ser umas oito da manhã, que tão serena e calma se mostrava que parecia estar olhando atenta aquele alegre acontecimento. Antes de entrar no porto, Ricardo mandou que disparassem as peças de artilharia da galeota, que eram um canhão de coxia e duas colubrinas; a cidade respondeu com outros tantos.

As pessoas estavam todas confusas, esperando que chegasse o baixel enfeitado. Mas quando viram de perto que era turco, porque se divisavam os turbantes brancos dos que pareciam mouros, amedrontados e suspeitando de algum engano, pegaram em armas e foram para o porto todos os que eram da milícia, e as pessoas a cavalo se espalharam pela praia; com isso tudo se alegraram os que pouco a pouco foram se aproximando até entrar no porto, até ancorar perto da terra, e lançando nela a prancha, soltando ao mesmo tempo os remos, todos, um a um, como numa procissão, desceram para terra, a qual beijaram muitas e muitas vezes com lágrimas de alegria, sinal que deixou claro a todos serem cristãos que tinham fugido com aquele baixel. Atrás de todos, saíram o pai e a mãe de Halima, e seus dois sobrinhos, todos, como se disse, vestidos como turcos; fechando a procissão, a formosa Leonisa, o rosto coberto com um véu carmesim, vinha entre Ricardo e Mahamut, cujo espetáculo levou atrás de si os olhos de toda aquela grande multidão que os olhava. Chegando em terra, fizeram como os demais, beijando-a prostrados no chão.

Nisso se aproximou deles o capitão e governador da cidade, que percebeu num instante que eles eram os cabeças do grupo, mas, mal chegou, reconheceu Ricardo e correu de braços abertos para abraçá-lo, dando mostras de grande alegria. Chegaram com o governador Cornélio e seu pai, e os de Leonisa com todos os seus parentes, e os de Ricardo, pois todos estavam entre as pessoas mais importantes da cidade. Ricardo abraçou o governador e respondeu a todas as felicitações que lhe faziam; segurou a mão de Cornélio, que, assim que o reconheceu e se viu seguro por ele, perdeu a cor do rosto e quase começou a tremer de medo, e segurando ainda a mão de Leonisa, disse:

– Por cortesia vos peço, senhores, que antes que entremos na cidade e no templo para dar as devidas graças a Nosso Senhor pelas grandes mercês que nos fez em nossa desgraça, escutai algumas palavras que desejo vos dizer.

O governador respondeu que dissesse o que quisesse, que todos escutariam com prazer e em silêncio.

Rodearam-no as pessoas mais importantes, e ele, elevando um pouco a voz, falou desta maneira:

– Deveis vos lembrar bem, senhores, da desgraça que me aconteceu com a perda de Leonisa no jardim das Salinas, alguns meses atrás. Também não deve ter se dissipado de vossa memória o zelo com que me empenhei em sua liberdade, pois, esquecendo-me da minha, ofereci por seu resgate todas as minhas posses, embora isso, que parece generosidade, não possa nem deva redundar em elogio a mim, porque agi pelo resgate de minha alma. O que depois aconteceu a nós dois requer outra ocasião, com mais tempo, e outra língua menos emocionada que a minha; basta vos dizer por ora que, depois de várias e estranhas peripécias, e depois de mil esperanças perdidas de arranjar uma solução para nossas infelicidades, o céu piedoso, sem nenhum mérito nosso, nos devolveu à pátria desejada, tão cheios de alegria quanto de riquezas. E não nasce delas nem da liberdade alcançada o prazer sem igual que sinto, mas do que imagino que sente esta minha doce inimiga na paz e na guerra, por se ver livre e por ver, como vê, a Cornélio, o retrato de sua alma; ainda me alegro com a alegria geral que sentem os que foram meus companheiros na miséria. E, embora as desventuras e os acontecimentos tristes costumem mudar os espíritos e aniquilar os ânimos mais bravos, não foi assim com o verdugo de minhas boas esperanças; porque com mais coragem e inteireza do que se pode facilmente dizer, suportou o naufrágio de suas desgraças e a batalha de minhas amolações, tão ardentes quanto castas, donde se confirma que as pessoas mudam o céu, mas não os costumes, se alguma vez se assentaram neles. Enfim, para resumir, quero dizer que ofereci minhas posses por seu resgate e empenhei minha alma em minhas esperanças; conspirei e arrisquei a vida pela liberdade de Leonisa mais que pela minha; mas não quero que me agradeças todos esses favores, que para outra pessoa mais grata poderiam ser de maior importância; quero que me agradeças apenas este favor que te faço agora.

E, dizendo isso, levantou a mão e, com austero recato, tirou o véu do rosto de Leonisa, que foi como tirar uma nuvem que às vezes encobre a formosa luz do sol, e continuou falando:



– Aqui está, Cornélio: entrego-te a joia que deves estimar sobre todas as coisas que são dignas de se estimar; aqui está, formosa Leonisa: entrego-te a quem tu sempre teve na memória. Isto sim quero que se considere generosidade: em comparação, não é nada dar minhas propriedades, a vida e a honra. Recebe-a, homem feliz, recebe-a e, se tua sabedoria chega ao ponto de reconhecer tamanha preciosidade, considera-te o mais venturoso homem da Terra. Com ela te darei também tudo quanto me couber da parte que a todos nos deu o céu, que, me parece, passa de trinta mil escudos; podes usufruir de tudo a teu bel-prazer, com liberdade, em santa paz e quietude. E queira o céu que seja por longos e felizes anos. Eu, sem sorte, pois fico sem Leonisa, prefiro ficar pobre, porque a quem Leonisa falta, a vida sobra.

E, dizendo isso, calou-se, como se a língua lhe tivesse grudado no céu da boca; mas dali a pouco, antes que alguém falasse, disse:

– Valha-me Deus, como os padecimentos ingratos confundem a inteligência! Eu, senhores, com o desejo que tenho de fazer o bem, não prestei atenção no que disse, porque não é possível alguém demonstrar generosidade com o que não lhe pertence: que poder tenho eu sobre Leonisa para dá-la a outro? Ou como posso oferecer o que está tão distante de ser meu? Leonisa é dela mesma, e tão dela mesma que, se por acaso lhe faltassem os pais, que felizes vivam muitos anos, nenhum obstáculo teria à própria vontade; e, se se pudessem cobrar as obrigações que ela, como pessoa sensata, deve pensar que me deve, desde já as apago, cancelo e dou por extintas; e assim desdigo o que disse, e não dou nada a Cornélio, pois não posso; confirmo apenas a doação de meus bens a Leonisa, sem querer outra recompensa que tenha por sinceras minhas honestas intenções, e que acredite que nunca se dirigiram nem miraram a outro ponto que aquele que pede sua incomparável honestidade, sua grande coragem e infinita formosura.

Ricardo se calou depois de dizer isso, a que Leonisa respondeu desta maneira:

– Se imaginas, Ricardo, que dei alguma atenção a Cornélio no tempo em que andavas apaixonado e ciumento por mim, imagina que foi tão casta quanto guiada pela vontade e ordem de meus pais,

que, à espera de que essas atenções o levassem a ser meu esposo, permitiam que eu as desse; se ficares convencido disso, também estarás do que de mim te mostrou a experiência acerca de minha pureza e recato. Digo isso para que entendas, Ricardo, que sempre fui minha, sem estar sujeita a mais ninguém que a meus pais, a quem agora, humildemente, como se deve, suplico que me deem licença e liberdade para dispor das que tua grande valentia e generosidade me deram.

Seus pais disseram que a davam, porque confiavam em sua prudência, usando-a de modo que sempre redundasse em sua honra e em seu proveito.

– Quero, com essa licença – prosseguiu a sagaz Leonisa –, que não se leve a mal eu me mostrar desembaraçada para não me mostrar mal-agradecida. Assim, valente Ricardo, minha vontade, até aqui recatada, confusa e indecisa, se declara a teu favor, para que os homens saibam que nem todas as mulheres são ingratas, mostrando-me eu pelo menos agradecida. Sou tua, Ricardo, e tua serei até a morte, se outro entendimento não te levar a negar a mão que te peço para meu esposo.

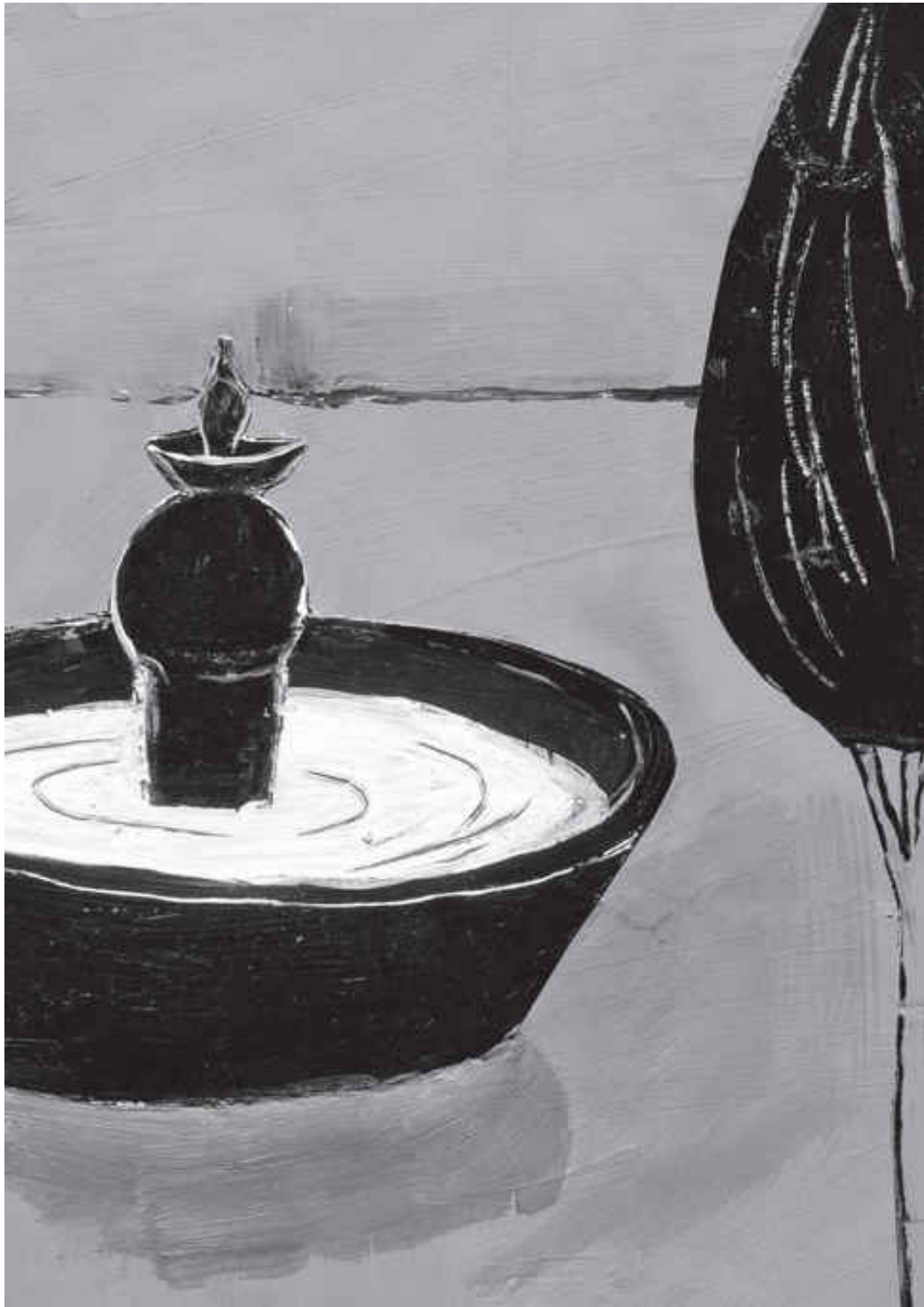
Depois dessas palavras, Ricardo ficou como que fora de si e não soube nem pôde responder a Leonisa, a não ser cair de joelhos diante dela e lhe beijar as mãos, que pegou à força muitas vezes, banhando-as em lágrimas ternas e amorosas. Cornélio as derramou de pesar, e de alegria os pais de Leonisa, e de admiração e contentamento todos os presentes.

Encontrava-se ali o bispo ou arcebispo da cidade, e com sua bênção e licença os levou ao templo e, dispensando as formalidades, casou-os na mesma hora. A alegria se espalhou pela cidade, da qual deram mostras naquela noite inúmeras luminárias, e muitos outros dias a deram muitos jogos e festejos que os parentes de Ricardo e Leonisa fizeram. Mahamut e Halima se reconciliaram com a Igreja, e Halima, impossibilitada de realizar seu desejo de ser esposa de Ricardo, contentou-se em ser esposa de Mahamut. Da parte dos despojos que couberam a Ricardo, sua generosidade deu aos pais e aos sobrinhos de Halima o suficiente para viverem. Todos, enfim, ficaram contentes, livres e satisfeitos, e a fama de Ricardo,

ultrapassando os limites da Sicília, se estendeu por toda a Itália e muitos outros lugares, sob a alcunha de amante generoso, e até hoje ainda perdura nos muitos filhos que teve com Leonisa, que foi exemplo raro de prudência, honestidade, recato e formosura.

- 1 Em 1570, os turcos invadiram Nicósia, capital da ilha de Chipre, e em poucos meses dominaram a ilha toda.
- 2 As Sete Torres de Constantinopla, no mar Negro, eram uma das prisões mais temidas pelos escravos cristãos. Como eram propriedade do sultão, as possibilidades de resgate eram nulas.
- 3 A cólera (a ira também) e o sangue, junto com a bile ou fleuma e a melancolia, eram os quatro humores que determinavam o temperamento e a saúde do homem, segundo a medicina antiga. A ira era considerada um produto do aquecimento do sangue.
- 4 Príncipe troiano, muito belo, por quem Zeus se apaixonou. Ganimedes destrona Hebe como amante de Zeus e se torna, ainda, o copeiro, servindo a ambrosia aos deuses. Seu nome também está ligado à covardia.
- 5 Tétis, mãe de Aquiles, disfarçou-o de mulher para que não fosse para a guerra de Troia. Mas Ulisses descobriu tudo ao pôr armas diante de Aquiles, que, como bom guerreiro, se atirou a elas.
- 6 Ilha Favignana, a maior entre as ilhas Égades, próxima da costa oeste da Sicília, região conhecida por Cervantes.
- 7 Ilha Pantelária, na região da Sicília.
- 8 Oficial do cádi que serve como executor das sentenças e mandados, como porteiro para chamar ao julgamento e citar as partes, e às vezes como verdugo.
- 9 O grão-turco Selim II (1524-74), depois da morte de seu pai, Salomão, empreendeu a conquista do Chipre em 1571. Era o rei turco na época da batalha de Lepanto, lembrada hoje quase só pela participação de Cervantes.
- 10 Barco turco, de três mastros, usado para transporte de víveres.
- 11 A língua franca, mistura de palavras das línguas da costa mediterrânea, e de grande simplicidade sintática.
- 12 Não se trata da cidade egípcia, mas da entrada de Dardanelos, onde hoje é Kumkale e antes foi Troia.
- 13 Acroceraunos: montanhas da Grécia; Paquino: atual Pachino, promontório na costa sudoeste da Sicília; Tinácria: Trinácria, como a Sicília era chamada na literatura clássica.
- 14 Lampedusa, ilha do sul da Sicília.

**NOVELA DE  
RINCONETE  
E CORTADILLO**



POR ACASO SE encontravam na estalagem do molinillo – que fica no fim dos famosos campos de Alcúdia, se formos de Castela à Andaluzia –, num dos quentes dias do verão, dois rapazes de uns catorze ou quinze anos de idade; nem um nem outro passavam de dezessete; ambos bem simpáticos, mas muito desalinhadados, maltrapilhos e maltratados. Capa, não tinham; os calções eram de linho, e as meias, a própria pele. É bem verdade que os sapatos compensavam isso, porque os de um eram alpargatas, tão usadas como abusadas, e os do outro furados sem solas, de modo que serviam mais de tamancos que de sapatos. Um usava um gorro verde de caçador; o outro, um chapéu sem cinteiro, de copa baixa e aba larga. Às costas, e presa pelo peito, um trazia uma camisa cor de camurça de tão seboosa, fechada e atada pelas extremidades como uma trouxa; o outro vinha sem nada, nem alforjes, mas no colo se via um grande volume, que, pelo que se viu depois, era um colarinho imenso, engomado com graxa, e esfiapado de tão roto, que tudo pareciam franjas. Vinha nele, envolto e guardado, um baralho de cartas ovaladas, porque de tanto serem usadas as pontas tinham sido gastas, e para que durassem mais as tinham recortado e deixado daquele jeito. Os dois estavam queimados do sol, as unhas longas e negras, as mãos não muito limpas. Um trazia uma meia espada, e o outro, uma faca de cabo amarelo, dessas conhecidas como de açougueiro.

Os dois saíram para sestar num átrio ou varanda que há diante das estalagens, e, sentando-se um na frente do outro, o que parecia mais velho disse ao mais novo:

– De que terra é vossa mercê, senhor gentil-homem, e para onde vai?

– De que terra, senhor cavaleiro, não sei – respondeu o perguntado –, nem para onde vou, tampouco.

– Na verdade – disse o mais velho –, vossa mercê não parece vindo do céu, nem o céu parece bom para que se estabeleça nele, de modo que o melhor é seguir adiante.

– Tem razão – respondeu o mais novo –, mas não faltei à verdade no que disse, porque minha terra não é minha, pois não tenho nela nada mais que um pai, que não me tem por filho, e uma madrasta que me trata como enteado; o caminho que sigo é ao deus-dará, e pararia onde achasse quem me desse o necessário para levar essa vida miserável.

– E vossa mercê sabe algum ofício? – perguntou o mais velho.

E o mais novo respondeu:

– Não sei outro senão que corro como uma lebre, salto como um gamo e corto com tesoura muito delicadamente.

– Tudo isso é muito bom, útil e proveitoso – disse o mais velho –, porque haverá sacristão que dê a vossa mercê a oferenda de Todos os Santos para que lhe corte enfeites de papel para os monumentos na Quinta-Feira Santa.<sup>1</sup>

– Eu corto outras coisas – respondeu o mais novo –, pois meu pai, com a graça do céu, é alfaiate<sup>2</sup> e me ensinou a cortar polainas, que, como vossa mercê bem sabe, são meias-calças com tornozeleiras, pois não é por nada que são conhecidas como sapatos à polonesa; e corto-as tão bem que poderia ganhar um diploma, mas a pouca sorte me tem encurralado.

– Tudo isso e mais acontece aos inocentes – respondeu o mais velho –, e sempre ouvi dizer que as boas habilidades são as mais desperdiçadas; vossa mercê, porém, ainda tem idade para mudar seu destino. Mas, se eu não me engano e se meu olho não mente, vossa mercê tem outros méritos, que quer manter em segredo.

– Tenho, sim – respondeu o mais novo –, mas não são para exibir em público, como vossa mercê notou muito bem.

Ao que o mais velho replicou:

– Pois eu posso lhe garantir que sou um dos rapazes mais discretos que se podem achar em boa parte do mundo; e para fazer

com que vossa mercê abra o coração e o alivie comigo, quero antes abrir o meu, pois imagino que não foi por acaso que a sorte nos reuniu aqui, e penso que haveremos de ser, deste dia até o último de nossa vida, amigos verdadeiros. Eu, senhor fidalgo, sou natural da Fuenfrida,<sup>3</sup> lugar conhecido e famoso pelos ilustres viajantes que passam continuamente por ali; meu nome é Pedro del Rincón; meu pai é pessoa importante, porque é delegado da Santa Cruzada, quero dizer que é buleiro, ou buldeiro, como diz o povo. Eu o acompanhei uns dias no ofício e aprendi a distribuir as bulas de modo que nem os que mais se gabam disso ganham de mim. Mas tendo eu um dia me afeiçoado mais ao dinheiro das bulas que às próprias bulas, agarrei-me a um saco e dei comigo e com ele em Madri, onde, com as comodidades que em geral se oferecem ali, em poucos dias tirei as entranhas do dito saco, e o deixei mais dobrado que lenço de recém-casado. Atrás de mim vinha o encarregado do dinheiro; prenderam-me; fui pouco favorecido, embora aqueles senhores, vendo minha pouca idade, se contentassem em me amarrar ao pelourinho e me coçar as costas por um tempo, e com que fosse desterrado da corte por quatro anos. Tive paciência, encolhi os ombros, aguentei a sova e fui cumprir meu exílio com tanta pressa que não tive chance de procurar um cavalo. Peguei entre meus tesouros os que pude e os que me pareceram mais necessários, e entre eles este baralho – e neste ponto mostrou o que antes se disse que trazia no colarinho –, com o qual venho ganhando a vida pelas estalagens e hospedarias que há desde Madri até aqui, jogando vinte e um; e, embora vossa mercê o veja tão sebo e maltratado, tem uma virtude maravilhosa para quem o entende: não há vez que, ao cortar as cartas, não deixe um ás embaixo. E se vossa mercê for versado nesse jogo, verá quanta vantagem leva aquele que sabe que tem certo um ás na primeira carta, que pode lhe servir de um ponto e de onze; pois com essa vantagem, sendo o vinte um a aposta, o dinheiro fica em casa. Além disso, aprendi com um cozinheiro de um certo embaixador certas manhas na quínola<sup>4</sup> e no jogo do burro, que também chamam de burro deitado; então, como vossa mercê pode ganhar diploma no



corte de polainas, eu posso ser doutor na ciência das cartas. Com isso ando seguro de não morrer de fome; porque, mesmo que chegue a um cortiço, sempre há quem queira passar o tempo jogando um pouco, e disso nós dois devemos fazer a experiência em seguida. Armemos a rede e vejamos se cai algum pássaro desses tropeiros que estão por aqui; quero dizer que nós dois jogaremos vinte e um como se fosse para valer, pois, se alguém quiser ser o terceiro, será o primeiro a deixar seu pecúlio.

– Muito bem – disse o outro –, e considero mercê muito grande que vossa mercê tenha me falado de sua vida, com o que me obrigou a não ocultar a minha, que, em poucas palavras, é esta: eu nasci numa piedosa aldeia que fica entre Salamanca e Medina del Campo. Meu pai é alfaiate e me ensinou seu ofício; e do corte de polainas, com todo o meu talento, saltei ao corte de bolsos. Cansei-me da vida tacanha da aldeia e da falta de carinho de minha madrastra. Deixei minha terra, fui a Toledo exercitar meu ofício, e lá fiz maravilhas, pois não há bolso tão fundo nem algibeira tão escondida que meus dedos não visitem nem minhas tesouras não cortem, mesmo que estejam guardados pelos olhos de Argos. E, em quatro meses que estive naquela cidade, nunca estive em apuros, nem fui assustado nem humilhado pela Justiça, nem estive na ponta da língua de um delator. Mas é bem verdade que há uns oito dias um espião da polícia deu notícias de minha habilidade ao corregedor, que, interessado em meus bons talentos, gostaria de me ver; mas eu, por ser humilde e não querer tratar com gente importante, procurei não vê-lo, e então saí da cidade com tanta pressa que não tive chance de providenciar uma montaria nem uns cobres, nem um coche de aluguel, ou pelo menos uma carroça.

– Esqueça isso – disse Rincón. – Como já nos conhecemos, não há motivo para esses orgulhos e soberbas: confessemos simplesmente que não tínhamos cobres, nem mesmo sapatos.

– Assim seja – disse Diego Cortado, pois assim disse o mais novo que se chamava. – Então, como nossa amizade há de ser perpétua, como disse vossa mercê, senhor Rincón, vamos começá-la com cerimônias santas elouváveis.

E Diego Cortado, levantando-se, abraçou Rincón, e Rincón a ele, terna e fortemente, e em seguida os dois se puseram a jogar vinte e um com as já referidas cartas, limpas de entraves e preocupações, mas não de gordura e malícia. Em poucas mãos, Cortado cortava o baralho pelo ás como Rincón, seu mestre.

Nisso, um tropeiro veio se refrescar na varanda e disse que gostaria de jogar. Acolheram-no de boa vontade, e em menos de meia hora lhe ganharam doze reais e vinte e dois maravedis, que foi lhe dar doze lançadas e vinte e duas amarguras. E o tropeiro, pensando que por serem dois rapazes não se defenderiam, quis lhes tirar o dinheiro; mas eles – um levando a mão à meia espada e o outro à faca de cabo amarelo, lhe deram tanto o que fazer que sem dúvida passaria mal se seus companheiros não tivessem aparecido.

A essa altura, por acaso passava uma tropa de viajantes a cavalo, que ia sestejar na estalagem do Alcaide, que fica meia légua mais em frente. Vendo a confusão entre os tropeiros e os rapazes, os viajantes os apaziguaram, e lhes disseram que se por acaso iam a Sevilha, que viessem com eles.

– Vamos para lá – disse Rincón –, e serviremos a vossas mercês em tudo quanto mandarem.

E, sem mais demoras, saltaram à frente das mulas e se foram com eles, deixando o tropeiro ofendido e irritado, e a estalajadeira admirada com a boa educação dos velhacos, pois estivera ouvindo a conversa sem que eles tivessem percebido. E quando disse ao tropeiro que os tinha ouvido dizer que o baralho era de cartas marcadas, ele arrancava os cabelos e queria ir à hospedaria atrás deles recuperar sua perda, porque, dizia, era um tremendo insulto e caso vergonhoso que dois rapazes tivessem enganado um homenzarrão de sua idade. Seus companheiros o detiveram e aconselharam que não fosse, ao menos para não apregoar sua inabilidade e tolice. Enfim, tanto argumentaram que, embora não o tenham consolado, o obrigaram a ficar.

Enquanto isso, Cortado e Rincón deram um jeito de servir tão bem aos viajantes que na maior parte do caminho eles os levaram na garupa; e ainda que houvesse algumas oportunidades de apalpar a bagagem de seus meios amos, não as aproveitaram, para não

perder a ótima chance da viagem a Sevilha, onde tinham grande desejo de estar.

Mesmo assim, à entrada da cidade, que foi ao entardecer e pela porta da Aduana, por causa do registro e imposto das mercadorias, Cortado não pôde se conter de não cortar a maleta ou mala que um francês do grupo trazia na garupa; e assim, com sua faca de cabo amarelo, deu um talho tão comprido e profundo que verdadeiramente mostrou as entranhas dela, e ele sutilmente tirou duas boas camisas, um relógio de sol e um caderno de apontamentos, coisas que, quando vistas, não deram grande prazer. Cortado e Rincón pensaram que, já que o francês levava na garupa aquela maleta, não devia tê-la ocupado com tão pouco valor como o que tinham aquelas coisas, e quiseram dar mais uma apalpada, mas não o fizeram, imaginando que já teriam dado falta das camisas e posto em lugar seguro o que restava.

Haviam se despedido, antes do roubo, dos que até ali os tinham sustentado, e no dia seguinte venderam as camisas no mercadinho que se faz fora da porta do Arenal, e com elas conseguiram vinte reais. Feito isso, foram ver a cidade, e se admiraram com o tamanho e suntuosidade de sua catedral, a grande afluência de pessoas do rio, porque era época de carregamento da frota e havia nele duas galés, cuja vista os fez suspirar e temer também o dia em que suas culpas os levariam a morar nelas por toda a vida. Puderam ver muitos rapazes que trabalhavam como carregadores com suas cestas; informaram-se com um deles que ofício era aquele, se era muito pesado e o que rendia.

Um rapaz asturiano – a quem haviam feito a pergunta – respondeu que o trabalho era leve e que não se pagava taxa nenhuma, e que alguns dias saía com cinco ou seis reais de lucro, com o que comia e bebia e se tratava como a um rei, livre de procurar um amo a quem devia pagar fiança e certo de poder comer à hora que bem entendesse, pois em todas elas podia almoçar na menor das bodegas de toda a cidade.

Os dois amigos não acharam má a explicação do asturianinho, nem lhes desagradou o ofício, por lhes parecer que vinha a calhar com perfeição como cobertura ao seu e pela vantagem que oferecia

de poderem entrar em todas as casas. E logo resolveram comprar os instrumentos necessários para exercê-lo, pois não precisavam fazer um exame para isso.<sup>5</sup> E, perguntando ao asturiano o que precisavam, ele respondeu que cada um devia comprar um saco pequeno de tecido, limpo ou novo, e três cestas de esparto, duas grandes e uma pequena, nas quais se dividiam a carne, o peixe e as frutas, e no saco, o pão; e ele os levou aonde os vendiam, e eles, com o dinheiro do que tinham aliviado do francês, compraram tudo, e antes de duas horas estavam graduados no novo ofício, conforme provavam as cestas e confirmavam os sacos. Seu guia lhes mostrou os pontos aonde deviam ir: pelas manhãs, ao Açougue e à praça de São Salvador; nas sextas-feiras, dias de peixe, à Peixaria e à praça Costanilla; todas as tardes, ao rio; nas quintas-feiras, à Feira.

Guardaram bem na memória toda essa lição, e no dia seguinte, cedo da manhã, se plantaram na praça de São Salvador. E mal tinham chegado, foram rodeados por outros moços do ofício, que se deram conta de que eram novos na praça pelos sacos e cestas de cores vivas; fizeram-lhes mil perguntas, e a todas respondiam com prudência e educação. Nisso chegaram um rapaz com jeito de estudante e um soldado, e, atraídos pela limpeza das cestas dos dois novatos, o que parecia estudante chamou Cortado, e o soldado, Rincón.

– Que seja em nome de Deus – disseram ambos.

– Para começar bem meu trabalho – disse Rincón –, pois vossa mercê me estreia, meu senhor.

Ao que o soldado respondeu:

– A estreia não será má, porque estou numa boa fase e apaixonado, e tenho de fazer hoje um banquete a umas amigas de minha senhora.<sup>6</sup>

– Pois carregue vossa mercê a seu bel-prazer, que tenho ânimo e força para levar esta praça toda, e se ainda for preciso que ajude a cozinhar, eu o farei de muito boa vontade.

O soldado gostou da simpatia do rapaz, e lhe disse que, se quisesse trabalhar, ele o tiraria daquele ofício vil; ao que Rincón respondeu que, como aquele era seu primeiro dia nele, não o queria

deixar tão depressa, até ver, pelo menos, o que tinha de ruim e de bom; e, se não lhe agradasse, ele dava sua palavra de que seria seu criado antes de ser criado de um cônego.

O soldado riu; Rincón carregou muito bem; o soldado mostrou a casa de sua dama, para que Rincón soubesse dali por diante onde ficava e não precisasse acompanhá-lo, quando o enviasse outra vez. Rincón prometeu fidelidade e tratamento especial. O soldado lhe deu doze maravedis, e num voo Rincón voltou à praça, para não perder oportunidades; porque também dessa diligência os advertiu o asturiano, e de que, quando levassem peixes pequenos – convém saber, tainhotas, ou sardinhas, ou salmonetes –, bem podiam pegar alguns para testar, pelo menos para o gasto daquele dia; mas que isso havia de ser com toda a sagacidade e atenção, para não se perder a credibilidade, que era o que mais importava naquele trabalho.

Por mais rápido que Rincón tenha voltado, já encontrou Cortado no mesmo posto. Cortado se aproximou de Rincón e perguntou como ele tinha se saído. Rincón abriu a mão e mostrou os maravedis. Cortado meteu a sua no peito e tirou um saquinho, que mostrava ter carregado âmbar em tempos passados; estava um pouco inchado; e Cortado disse:

– Com este me pagou a reverência do estudante, e mais oito maravedis. Mas pega-o, Rincón, pelo que possa acontecer.

E já a tendo dado dissimuladamente, eis aqui de volta o estudante, suando e aturdido de morte, e, vendo Cortado, disse a ele se por acaso havia visto um saquinho assim e assado que, com quinze escudos de ouro e com seis reais e tantos maravedis, havia sumido, e se o havia pegado durante esse tempo em que andara com ele nas compras. A isso, com espantosa dissimulação, sem se alterar nem mudar em nada, Cortado respondeu:

– O que posso dizer desse saquinho é que não deve estar perdido, se é que vossa mercê não o pôs em lugar pouco seguro.

– Esse é o caso, por meus pecados! – respondeu o estudante. – Devo tê-lo posto em mau lugar, pois me furtaram!

– É o que estou dizendo – disse Cortado –, mas há remédio para tudo, desde que não seja a morte, e o primeiro e mais importante

que vossa mercê pode tomar é ter paciência, pois de menos nos fez Deus, e nada como um dia depois do outro, e amanhã será outro dia; e poderia ser que, com o tempo, aquele que lhe levou o dinheiro viesse a se arrepender e o devolvesse a vossa mercê, benzido ainda por cima.

– Da benzedura eu o dispensaria – respondeu o estudante.

E Cortado prosseguiu, dizendo:

– Sem falar que há cartas paulinas de excomunhão, e muita precaução, que é mãe da boa sorte. Para ser sincero, eu não gostaria de estar na pele de quem levou seu dinheiro, pois, se vossa mercê for de alguma ordem sacra, ia me parecer que cometi um grande incesto, ou sacrilégio.

– Claro que teria cometido um sacrilégio! – disse o estudante lamuriento –, pois, embora eu não seja sacerdote, mas sacristão de umas monjas, o dinheiro do saquinho era o terço da renda da capela,<sup>7</sup> que um sacerdote amigo meu me deu para cobrar, e é dinheiro sacro e abençoado.

– Quem plantou que colha – disse Rincón nesse ponto –, e não aposto em cavalo manco; no Dia do Juízo será pão, pão, queijo, queijo, e aí não será preciso botar a mão no fogo por ninguém e se saberá quem foi o atrevido que se atreveu a pegar, furtar e menosprezar a renda da capela. E quanto dá de renda todo ano? Diga-me, senhor sacristão, por sua vida.

– Renda?! Puta que me pariu! Tenho eu cabeça para rendas agora? – respondeu o sacristão, encolerizado além da conta. – Dizei-me, irmãos, se sabeis de alguma coisa; se não, ficai com Deus, que preciso anunciar o roubo.

– Não me parece má atitude – disse Cortado –, mas, aviso vossa mercê, não se esqueça das características do saquinho nem da quantidade exata do dinheiro que vai nele, pois se errar num vintém, ele só vai aparecer no dia de São Nunca, ouça bem o que estou dizendo.

– Com isso não há problema – respondeu o sacristão –, pois o tenho na memória melhor que o toque dos sinos; não me enganarei no menor fiapo.

Tirou do bolso, então, um lenço rendado para limpar o suor, que chovia de seu rosto como de um alambique, e Cortado, mal o viu, marcou-o como seu. E, tendo o sacristão ido embora, Cortado o seguiu e o alcançou nas Gradás, onde o chamou e o puxou a um lado, e ali começou a lhe dizer tantos disparates, à maneira das besteiras que chamam de bernardices, sobre o furto e o achado de seu dinheiro, dando-lhe boas esperanças, sem jamais concluir frase alguma, tanto que o pobre sacristão estava enlevado escutando. E como não conseguia entender o que ele lhe dizia, pedia que repetisse o raciocínio duas ou três vezes.

Cortado estava olhando atentamente o rosto dele e não tirava os olhos de seus olhos. O sacristão o olhava da mesma maneira, pendente de suas palavras. Esse enlevo tão grande deu a oportunidade para que Cortado concluísse seu trabalho: habilmente tirou o lenço da algibeira e, despedindo-se do estudante, disse que à tarde procurasse vê-lo naquele mesmo lugar, porque pensava lembrar que um rapaz de seu mesmo ofício e de seu mesmo tamanho, que era meio ladrãozinho, havia lhe tomado o saco de dinheiro, e que ele se comprometia de averiguar, em poucos ou muitos dias.

Com isso o sacristão se consolou um pouco e se despediu de Cortado, que foi encontrar Rincón, que, um pouco afastado, tinha visto tudo o que havia acontecido. Porém, mais abaixo, estava outro carregador, que também tinha visto tudo o que acontecera e como Cortado dava o lenço a Rincón. Aproximando-se deles, disse:

– Digam-me, formosos senhores, vosmecês são da pá virada ou não?

– Não entendemos essa pergunta, senhor carregador – respondeu Rincón.

– Não entenderam, senhores gatunos? – respondeu o outro.

– Não somos da pá virada nem por virar e não somos gatunos nem lobunos – disse Cortado. – Se quer alguma coisa, fale; se não, vá com Deus.

– Não entendem? – disse o moço. – Pois eu os farei entender, e bem, tudo mastigadinho. Quero dizer, senhores, se vossas mercês são ladrões. Mas não sei por que lhes pergunto isso, pois já sei que

o são. Digam-me, porém, como não foram à aduana do senhor Monipódio?<sup>8</sup>

– Nesta terra ladrões pagam imposto, senhor carregador? – disse Rincón.

– Se não pagam – respondeu o moço –, pelo menos se apresentam ao senhor Monipódio, que é seu pai, seu mestre e seu amparo; assim sendo, eu os aconselho a vir comigo para jurar obediência a ele ou, do contrário, não se atrevam a furtar sem sua licença, pois lhes custará caro.

– Eu pensei – disse Cortado – que furtar era ofício livre de impostos, isento de taxas e alcavala, e que, se se paga, é por uma vez, dando por fiadores a garganta e as costas, uma ao nó correção, as outras ao chicote. Mas então é assim, e como cada terra com seus costumes, observemos os desta, que por ser a mais importante do mundo serão os mais acertados de todo ele. E assim, pode vossa mercê nos guiar até onde está esse cavalheiro de que falou, de quem tenho o pressentimento de que é, pelo que ouvi dizer, muito nobre e generoso, e extremamente hábil no ofício.

– E como é nobre, hábil e capacitado! – respondeu o moço. – É tanto que, em quatro anos no posto de nosso pai e superior, não padeceram senão quatro no finibusterrae, e por volta de trinta envesados e de sessenta e dois nas gurapas.<sup>9</sup>

– Na verdade, senhor – disse Rincón –, entendemos tanto essas palavras como de voar.

– Vamos indo, que pelo caminho vou esclarecendo essas palavras para vossas mercês – respondeu o moço –, com outras que lhes convém saber tanto quanto respirar.

E assim foi lhes dizendo e aclarando outras palavras das que eles chamam germanescas ou da germanía durante sua conversa, que não foi curta, porque o caminho era longo. E ainda nele, Rincón disse a seu guia:

– Vossa mercê, por acaso, é ladrão?

– Sim – respondeu ele –, para servir a Deus e às boas pessoas, embora não seja dos mais experientes, pois ainda estou no ano de noviciado.



Ao que Cortado respondeu:

– Para mim é novidade que haja ladrões no mundo para servir a Deus e às boas pessoas.

Ao que o moço respondeu:

– Senhor, eu não me meto em teologias; só sei que cada um, em seu ofício, pode louvar a Deus, e mais ainda com a ordem que Monipódio deu a todos os seus afilhados.

– Sem dúvida – disse Rincón – deve ser boa e santa, pois faz com que os ladrões sirvam a Deus.

– É tão santa e boa – replicou o moço – que eu não sei se se poderá melhorar em nossa arte. Ele nos ordenou que, do que furtássemos, déssemos alguma coisa ou esmola para o azeite da lâmpada de uma imagem muito devota que está nesta cidade, e na verdade vimos grandes coisas por essa boa ação; porque dias atrás deram três ânsias num quatreiro que havia aliviado dois roznos e, mesmo estando magro e com malária, aguentou-as sem cantar como se não fossem nada. E nós, da arte, atribuímos isso à sua boa devoção, porque suas forças não eram suficientes para aguentar os primeiros desconcertos do verdugo. E como sei que querem perguntar o que significam algumas das palavras que disse, quero botar o carro diante dos bois e lhes dizer antes que perguntem. Saibam vosmecês que quatreiro<sup>10</sup> é ladrão de bichos de quatro patas, ânsia é a tortura com água;<sup>11</sup> roznos, os burros, com perdão da palavra; primeiro desconcerto são as primeiras voltas que o verdugo dá na corda. Mas temos mais, pois rezamos nosso rosário dividido por toda a semana,<sup>12</sup> e muitos de nós não furtamos nas sextas-feiras, nem falamos com mulher que se chame Maria nos sábados.

– Isso tudo me parecem pérolas – disse Cortado –, mas diga-me vossa mercê se se faz outra devolução ou outra penitência além da mencionada.

– Nisso de devolver não é preciso falar – respondeu o moço –, porque é coisa impossível: o que foi furtado é dividido em muitas partes, cada um dos oficiantes e dos contraentes levando a sua; desse modo o primeiro gatuno não pode devolver nada; sem falar

que não há ninguém que nos mande fazer uma coisa dessas, pois nunca nos confessamos, e se fizerem cartas de excomunhão, jamais saberemos delas porque jamais vamos à igreja na hora em que as leem, se não for nos dias de indulgências, pelo lucro que nos oferece a afluência de muitas pessoas.

– E, apenas com isso que fazem, dizem esses senhores que sua vida é santa e boa? – disse Cortadillo.<sup>13</sup>

– Mas o que tem de ruim? – replicou o moço. – Não é pior ser herege ou renegado, ou matar seu pai e sua mãe, ou ser solomita?

– Vossa mercê quer dizer sodomita – interveio Rincón.

– É o que digo – disse o moço.

– Não é nada bom, mas – replicou Cortado –, como nossa sorte quis que entrássemos nesta confraria, apresse o passo vossa mercê, que morro de vontade de encontrar o senhor Monipódio, de quem alardeiam tantas virtudes.

– Logo seu desejo se realizará – disse o moço –, pois daqui já se avista sua casa. Vossas mercês fiquem à porta, que eu entrarei para ver se ele está desocupado, porque nestas horas ele costuma dar audiência.

– Muito bem – disse Rincón.

O moço, adiantando-se um pouco, entrou numa casa não muito boa, na verdade de péssima aparência, e os dois ficaram esperando à porta. Logo o moço saiu e os chamou, e eles entraram, e seu guia mandou que esperassem num pequeno pátio calçado que de tão limpo e imaculado parecia exalar como um roseiral silvestre dos mais finos. A um lado estava um banco de três pernas e do outro um cântaro desbeijado, com uma jarrinha em cima, não menos danificada que o cântaro; em outro lugar estava uma esteira de espadana, e no meio, um vaso – que em Sevilha chamam de maceta – de manjeriço.

Os rapazes olhavam atentamente o mobiliário da casa enquanto esperavam que o senhor Monipódio descesse; e, vendo que demorava, Rincón se atreveu a entrar numa sala térrea, das duas que havia no pátio, e viu nela duas espadas de esgrima e dois escudos de cortiça, pendurados em quatro pregos, e um baú

grande, sem tampa nem nada que o cobrisse, e outras três esteiras de espadana estendidas pelo chão. Na parede em frente estava colada uma imagem de Nossa Senhora, dessas mal impressas, e mais abaixo pendia uma cesta de palma, e, encaixada na parede, uma bacia branca. Rincón deduziu que a cesta servia de cepo para as esmolas e a bacia, para água benta, o que era verdade.

Estava nisso quando entraram na casa dois rapazes de uns vinte anos cada um, vestidos de estudante, e dali a pouco dois carregadores e um cego; e, sem dizer uma palavra, começaram a passear pelo pátio. Não demorou muito, entraram dois velhos de luto, com óculos, que os tornavam sérios e dignos de respeito, cada um com rosários de contas tilintantes nas mãos. Atrás deles entrou uma velha de saia grande e, sem dizer nada, foi para a sala; e tendo se persignado com a água benta, com grandíssima devoção se ajoelhou diante da imagem, e ao cabo de um bom tempo, tendo antes beijado três vezes o chão, e levantado os braços e os olhos para o céu outras tantas, levantou e depositou sua esmola na cesta, e então saiu para o pátio com os demais. Em resumo, em pouco tempo se reuniram no pátio umas catorze pessoas de diferentes trajas e ofícios. Entre os últimos que chegaram, havia dois rapazes, valentões e elegantes, de bigodes longos, chapéus de aba larga, colarinhos grandes, meias coloridas, ligas aparatosas, espadas longas demais,<sup>14</sup> pistolas em vez de adagas, e seus escudos pendurados ao corpo pela correia de couro. Assim que entraram, eles deram um olhar enviesado para Rincón e Cortado, como se estranhassem os desconhecidos. E, aproximando-se deles, lhes perguntaram se eram da confraria. Rincón respondeu que sim e que estavam à disposição de suas mercês.

Foi nesse momento que o senhor Monipódio desceu, tão esperado como bem-visto por todo aquele grupo virtuoso. Parecia ter uns quarenta e cinco ou quarenta e seis anos de idade, alto de corpo, moreno de rosto, de sobrancelhas unidas, barba negra e muito cerrada; os olhos, afundados. Vinha de camisa, e pela abertura na frente aparecia uma floresta, tantos pelos tinha no peito. Cobria-se com uma capa de flanela que ia quase até os pés,

nos quais trazia sapatos como chinelos, e cobriam-lhe as pernas uns calções de linho, muito largos e compridos, que iam até os tornozelos; o chapéu era dos usados por bandidos, copa alta e aba larga; numa bandoleira, que atravessava suas costas e peito, pendia uma espada larga e curta, à maneira das do cachorrinho;<sup>15</sup> as mãos eram curtas, peludas, e os dedos, gordos, e as unhas, largas e torcidas para dentro; não se viam as pernas, mas os pés eram descomunais, de tão largos e cheios de calos. Enfim, ele representava o mais rústico e disforme bárbaro do mundo. Desceu com o guia de Rincón e Cortado, e o guia, pegando-os pelas mãos, puxou-os para diante de Monipódio, dizendo-lhe:

– São estes os dois bons rapazes de que falei a vossa mercê, meu senhor Monipódio; examine-os vossa mercê e verá como são dignos de entrar em nossa congregação.

– Farei isso com prazer – respondeu Monipódio.

Esquecia-me de dizer que assim que Monipódio desceu, todos os que o aguardavam fizeram uma longa e profunda reverência, exceto os dois valentões que, meio para constar, como se diz entre eles, tiraram os capelos e em seguida voltaram a seu passeio num lado do pátio; e no outro passeava Monipódio, que perguntou aos novatos sobre o ofício, a pátria e os pais deles.

Rincón respondeu:

– O ofício já está claro, pois estamos aqui diante de vossa mercê; a pátria não me parece de muita importância dizer, nem os pais tampouco, pois não vamos informar para receber uma insígnia honrosa.<sup>16</sup>

Monipódio respondeu:

– Estais certo, meu filho, e é coisa muito bem pensada esconder isso de que falastes; porque se a sorte não correr como deve, não é bom que fique assentado sob a rubrica do escrivão, nem no livro de registros: “Fulano, filho de fulano, morador de tal lugar, tal dia o enforcaram, ou o açoitaram”, ou outra coisa parecida que, convenhamos, soa mal aos bons ouvidos; e, assim, digo de novo que é bom conselho calar a pátria, ocultar os pais e mudar os

próprios nomes; embora, entre nós, não há de haver nada oculto, e agora quero saber apenas o nome dos dois.

Rincón disse o seu, e Cortado também.

– Pois de hoje em diante – respondeu Monipódio –, quero, e é minha vontade, que vós, Rincón, vos chameis de Rinconete, e vós, Cortado, de Cortadillo, que são nomes que se ajustam como luvas à vossa idade e nossos preceitos, sob os quais está a necessidade de saber o nome dos pais de nossos confrades, porque temos o costume de todo ano mandar rezar certas missas pelas almas de nossos defuntos e benfeitores, tirando o estrupêndio para a esmola de quem as reza de uma porção do que se afana, e dizem que essas missas, tantas quantas pagamos, são aproveitadas pelas almas por via de naufrágio. Sob esses preceitos também estão nossos benfeitores: o procurador que nos defende, o aguazil que nos avisa, o verdugo que tem pena de nós, aquele que, quando algum dos nossos vai fugindo pela rua e atrás dele vão gritando: “Ladrão, pega ladrão, pega ladrão!”, fica no meio e se opõe ao torvelinho dos que o seguem, dizendo: “Deixem o coitado, que tem tão pouca sorte! Que acerte seus pecados com Deus!”. São também nossas benfeitoras as de vida fácil, que com seu suor nos socorrem, tanto quando estamos atrás das grades como nas galés. E também o são nossos pais e mães, que nos botaram no mundo, e o escrivão, para quem, se anda de bom humor, não há delito que seja culpa, nem há culpa que mereça grande pena. Enfim, por todos estes de quem falei, nossa irmandade comemora todo ano seu adversário com a maior poupa e soledade que podemos.

– Com certeza – disse Rinconete, já batizado com esse nome – é obra digna da altíssima e profundíssima inteligência que ouvimos dizer que tem vossa mercê, senhor Monipódio. Mas nossos pais ainda gozam de vida; se nela os alcançarmos daremos logo notícia desta felicíssima e protetora confraternidade, para que se faça por suas almas esse sufrágio ou naufrágio ou tempestade, ou esse aniversário de que vossa mercê falou, com a solenidade e pompa de costume, se é que não é melhor adversário com poupa e soledade, como também apontou vossa mercê em seu discurso.

– Assim se fará, ou não restará um pedaço de mim – replicou Monipódio. E, chamando o guia, disse-lhe: – Vem cá, Ganchuelo. Estão na guarda os guardas?

– Sim – disse o guia, pois Ganchuelo era seu nome. – Ficaram três sentinelas campando, não há por que temer que nos peguem de repente.

– Voltando, então, ao nosso negócio, meus filhos – disse Monipódio –, gostaria de saber o que sabeis, para vos dar missões conforme vossas inclinações e habilidades.

– Eu sei alguma coisa de dar as cartas; sei guardá-las na manga; tenho boa vista para marcas; jogo bem mano a mano; não meto os pés pelas mãos na hora de sentir um raspadinho, uma verrugazinha ou mozza; dou corda para o adversário até que ele se enforque, e me atreveria a jogar a seis mãos como se jogasse apenas com as minhas, e de baralhar as cartas de modo que até em boca fechada entre mosca.

– É um começo – disse Monipódio –, mas são brilhos de ouropel, e truques tão usados que não há principiante que não os saiba, e só servem para algum que seja tão verde que se deixe pegar com as calças arriadas; mas o tempo passa, e então veremos; pois, assentando sobre esse alicerce meia dúzia de lições, espero, com a ajuda de Deus, que saireis um práctico famoso, quem sabe um mestre.

– Tudo para servir a vossa mercê e aos senhores confrades – respondeu Rinconete.

– E vós, Cortadillo, que sabeis? – perguntou Monipódio.

– Eu – respondeu Cortadillo – tenho a mão muito leve, e sei apalpar uma algibeira com exatidão e destreza.

– Sabeis mais? – disse Monipódio.

– Não, para mal de meus pecados – disse Cortadillo.

– Não vos preocupeis, meu filho – replicou Monipódio –, pois chegastes a porto e escola onde nem vos afogareis, nem deixareis de sair bem industriado em tudo aquilo que mais vos convier. E em matéria de ânimo, como estais, meus filhos?

– Como vamos estar – respondeu Rinconete –, senão muito bem? Estamos prontos para encarar qualquer empresa que necessite

nossa arte e prática.

– Está bem – replicou Monipódio –, mas eu gostaria também que o tivessem para aguentar, caso seja necessário, meia dúzia de ânsias sem desgrudar os lábios e sem dizer “esta boca é minha”.

– Já sabemos, senhor Monipódio, o que quer dizer ânsias – disse Cortadillo –, e para tudo estamos prontos, porque não somos tão ignorantes que não entendamos que o que diz a língua a goela paga, e grande favor faz o céu ao homem corajoso, para não lhe dar outro título, que entrega à sua língua sua vida ou sua morte; como se um não tivesse mais letras que um sim!

– Basta, não precisa mais! – disse Monipódio nessas alturas. – Digo que apenas essa observação me convence, me obriga, me persuade e me força a que vos considereis confrades veteranos imediatamente e que se releve o ano de noviciado.

– Sou da mesma opinião – disse um dos valentões.

E a uma só voz os aprovaram todos os presentes, pois haviam escutado toda a conversa, e pediram a Monipódio que desde já lhes concedesse e lhes permitisse usufruir das imunidades de sua confraria, porque mereciam tudo por sua presença agradável e boa conversa.

Ele respondeu que as concedia naquele instante mesmo, para satisfazer a todos, e, recomendando-lhes que as valorizassem muito, porque significava não pagar uma cota do primeiro furto que fizessem, não fazer os exercícios de aprendizagem em todo aquele ano, que convinha detalhar: não levar a arrecadação de nenhum mandachuva ao cárcere, nem ao prostíbulo, da parte de seus clientes; nem beber água que passarinho não bebe; fazer banquete quando, como e onde quisessem, sem pedir licença a seu chefe; entrar logo na divisão do que os mandachuvras roubassem, como um deles; e outras coisas que eles consideraram um grande favor, e os demais, com palavras muito educadas, agradeceram-nas muito.

Estavam nisso quando entrou correndo um rapaz e disse, sem fôlego:

– O aguazil dos vagabundos vem para cá, mas não traz séquito.<sup>17</sup>

– Calma, que é amigo – disse Monipódio – e nunca vem por nosso mal. Sosseguem, que eu sairei para falar com ele.

Todos se acalmaram, pois já estavam um tanto assustados, e Monipódio saiu à porta, onde encontrou o aguazil, com quem esteve falando por um momento, e em seguida entrou de novo e perguntou:

– A quem coube hoje a praça de São Salvador?

– A mim – disse o guia.

– Então – disse Monipódio – como não me disse nada de um saquinho de âmbar que esta manhã foi para o diabo nessas paragens com quinze escudos de ouro e quatro reais, e não sei quantos maravedis?

– É verdade – disse o guia – que esse saquinho sumiu hoje, mas eu não o peguei, nem posso imaginar quem o pegou.

– Sem tretas comigo! – replicou Monipódio. – O saquinho tem de aparecer, porque o aguazil o pede, e ele é amigo e nos faz mil favores ao ano!

O rapaz jurou de novo que não sabia dele. Monipódio começou a se encolerizar, de modo que parecia que lançava fogo vivo pelos olhos, dizendo:

– Ninguém pense em infringir a mínima coisa de nossa ordem, pois isso lhe custará a vida! Apareça o saquinho, e se o ladrão se esconde para não pagar as taxas, eu lhe darei tudo o que lhe toca, e cobrirei o resto por minha conta, porque de qualquer jeito o aguazil deve ir embora contente.

O rapaz voltou a jurar e a se amaldiçoar, dizendo que ele não havia roubado o saquinho nem seus olhos o tinham visto; isso tudo foi como botar mais fogo na cólera de Monipódio e dar motivo para que toda a confraria se agitasse, ao ver que se rompiam seus estatutos e bons preceitos.

Rinconete, vendo tanta desavença e agitação, achou que seria melhor acalmar e alegrar seu superior, que arrebatava de raiva; e aconselhando-se com seu amigo Cortadillo, puseram-se de acordo, e tirou o saquinho do sacristão e disse:

– Basta de discussão, meus senhores, que este é o saquinho (sem que lhe falte nada do que o aguazil falou) em que hoje meu



camarada, Cortadillo, deu o bote, com um lenço do mesmo dono, que pegou de lambuja.

Em seguida Cortadillo pegou o lenço rendado e o mostrou. Vendo isso, Monipódio disse:

– Que Cortadillo, o Bom, que com este apelido e reputação será conhecido daqui por diante, fique com o lenço e por minha conta fique a reparação desse serviço; quanto ao saquinho, o aguazil deve levá-lo, pois é de um sacristão parente seu, e convém que se siga aquele ditado que diz: “Se te dão uma galinha, não é muito que tu dê uma perna dela”. Mais vista grossa faz esse bom aguazil num dia do que nós podemos ou costumamos lhe dar em cem.

De comum acordo aprovaram a fidalguia dos dois novatos e a sentença e opinião de seu mandachuva, que saiu para entregar o saquinho ao aguazil; e Cortadillo foi admitido com o apelido de Bom, como se fosse dom Alonso Pérez de Guzmán, o Bom, que jogou a faca pelos muros de Tarifa para degolar seu único filho.<sup>18</sup>

Quando Monipódio voltou, entraram com ele duas moças, o rosto pintado, os lábios cheios de cor e os seios, de alvaiade, cobertas com meios mantos de lã,<sup>19</sup> muito desembaraçadas e sem vergonha; sinais claros que levaram Rinconete e Cortadillo a saber, apenas ao verem-nas, que eram das casas de porta aberta, e não se enganaram em nada. E mal entraram se foram com os braços abertos, uma para Chiquiznaque e a outra a Maniferro, que estes eram os nomes dos dois valentões; e Maniferro se chamava assim porque tinha uma mão de ferro no lugar da outra, que a Justiça tinha cortado. Eles abraçaram-nas com grande prazer e lhes perguntaram se traziam alguma coisa com que molhar a goela.

– Pois haveria de faltar, meu espadachim? – respondeu uma, que se chamava a Gananciosa. – Apitinho, teu mandaleta, não vai demorar muito para vir com a canastra abarrotada do que Deus foi servido.

E assim foi, porque dali a pouco entrou um rapaz com uma canastra de vime coberta com um lençol.

Alegraram-se todos com a entrada de Apito, e em seguida Monipódio mandou tirar uma das esteiras de espadana que estavam

no aposento e estendê-la no meio do pátio. E ordenou também que todos se sentassem em volta, porque, depois de merendarem, tratariam do que mais lhes apetecesse. A isso, a velha que havia rezado para a imagem disse:

– Monipódio, meu filho, eu não estou para festas, porque faz dois dias que tenho uma tontura que me deixa louca; e, mais ainda, pois antes que seja meio-dia tenho de ir fazer minhas orações e botar minhas velinhas para Nossa Senhora das Águas e para o Santo Crucifixo de Santo Agostinho, coisa que eu não deixaria de fazer nem que nevasse e ventasse. Eu vim porque ontem à noite o Renegado e o Centopeia levaram à minha casa uma canastra de vime, um pouco maior que esta, cheia de roupa branca, e por Deus e por minha alma que vinha com a cinza e tudo,<sup>20</sup> que os coitados não tiveram tempo de tirar, e vinham suando graxa, que era uma compaixão vê-los entrar sem fôlego e correndo água de seus rostos, que pareciam uns anjinhos. Disseram-me que iam atrás de um fazendeiro que havia pesado uns carneiros no Açougue, para ver se conseguiam dar umas apalpas numa bolsa cheia de reais que levava. Não esvaziaram a canastra nem contaram as roupas, confiantes na retidão de minha consciência; e que Deus realize minhas boas intenções e nos livre a todos do poder da Justiça, pois não toquei na canastra, que está tão virgem como quando nasceu.

– Acreditamos em tudo o que diz, senhora minha mãe – respondeu Monipódio –, e deixe a canastra assim, que eu irei lá, na boca da noite, e farei o censo do que tem, e darei a cada um o que fielmente lhe couber, como é meu costume.

– Seja como decidirdes, meu filho – respondeu a velha. – Como já é tarde, dai-me um traguinho, se tiverdes, para consolar este estômago, que ultimamente anda sempre enjoado.

– E como bebereis, minha mãezinha! – disse nessa altura a Escalanta, pois assim se chamava a companheira da Gananciosa.

E, destapando a canastra, apareceu um tonel de couro como odre, com mais de trinta litros de vinho, e uma escudela de cortiça em que podiam caber tranquilamente e sem exagero até uns dois litros; e, enchendo-a, a Escalanta a pôs nas mãos da velha devota,

que, pegando-a com ambas as mãos e tendo soprado um pouco a espuma,<sup>21</sup> disse:

– Encheste demais, Escalanta, minha filha, mas Deus dará forças para tudo.

E, aplicando os lábios na escudela, de um tirão, sem tomar fôlego, transferiu todo o vinho para o estômago, e acabou dizendo:

– É de Guadalcanal, e o senhorzinho tem um não sei quê de gesso.<sup>22</sup> Deus te console, filha, pois tu me consolaste, embora pense que vai me fazer mal, porque ainda não quebrei o jejum.

– Não fará, mãe – respondeu Monipódio –, porque já tem três anos.

– Assim espero, pela graça da Virgem – respondeu a velha e acrescentou: – Vede, meninas, se por acaso tendes umas moedas para eu comprar as velinhas para minhas devoções, porque, com a ânsia e pressa de dar a notícia da canastra, esqueci em casa a bolsa.

– Eu tenho, sim, senhora Pipota (pois esse era o nome da boa velha) – respondeu a Gananciosa. – Pegue, aí lhe dou oito maravedis; eu lhe rogo que compre uma para mim e a acenda para São Miguel; e se puder comprar duas, acenda outra ao senhor São Brás, que são meus protetores. Gostaria que acendesse outra para a senhora Santa Luzia, pois também tenho devoção por ela, por causa dos olhos, mas não tenho trocados. Outro dia, porém, terei para satisfazer a todos.

– Farás muito bem, minha filha, e olha, não sejas miserável, pois é muito importante a pessoa levar as velas diante de si antes de morrer, e não esperar que as ponham os parentes ou os testamenteiros.

– A mãe Pipota tem toda razão – disse a Escalanta.

E, metendo a mão no bolso, deu mais quatro maravedis, e a encarregou de acender outras duas velinhas aos santos que achasse que eram mais interessados e agradecidos. Depois disso, a Pipota foi embora, dizendo-lhes:

– Diverti-vos, meus filhos, agora que tendes tempo, pois a velhice virá, e chorareis nela os momentos que perdestes na mocidade, como eu os choro. E encomendai-me a Deus em vossas

orações, que eu vou fazer o mesmo por mim e por vós, para que Ele nos livre e conserve em nossa vida perigosa, sem preocupações com a Justiça.

Então se foi.

Ida a velha, todos se sentaram ao redor da esteira, e a Gananciosa estendeu o lençol como toalha; e a primeira coisa que tirou da cesta foi um grande molho de rabanetes e umas duas dúzias de laranjas e limões, e depois uma grande caçarola cheia de postas de bacalhau frito. Apareceu em seguida meio queijo de Flandes, uma panela de famosas azeitonas, um prato de camarões, grande quantidade de caranguejos com sua guarnição de alcaparras afogadas em pimentões e três pães branquíssimos de Gandul.<sup>23</sup> Almoçavam umas catorze pessoas, e nenhuma delas deixou de puxar sua faca de cabo amarelo, exceto Rinconete, que puxou sua meia espada. Aos dois velhos de capa de flanela e ao guia tocou servir o vinho com a escudela de cortiça. Mas, mal haviam começado a atacar as laranjas, tiveram um grande susto com as batidas que deram na porta. Monipódio ordenou que se acalmassem e, entrando numa das salas do térreo, onde pegou o escudo, e com a espada na mão foi até a porta e perguntou com voz retumbante e apavorante:

– Quem é?

Responderam de fora:

– Não há ninguém, só eu, senhor Monipódio. Sou Tagarete,<sup>24</sup> sentinela desta manhã, e venho dizer que Juliana, a Bochechuda, vem para cá toda desgrenhada e chorosa, pois parece que lhe aconteceu algum desastre.

Nisso chegou a falada Juliana, soluçando, e Monipódio, percebendo, abriu a porta, mandou que Tagarete voltasse a seu posto e que daí por diante viesse avisar com menos espalhafato e gritaria. Ele disse que assim o faria. A Bochechuda entrou – era uma moça da mesma laia e profissão das outras. Vinha descabelada e com a cara cheia de inchaços, e mal entrou no pátio caiu desmaiada no chão. A Gananciosa e a Escalanta correram a socorrê-la e, abrindo-lhe a roupa no peito, viram que estava toda roxa e

machucada. Jogaram-lhe água no rosto, e ela voltou a si, dizendo aos gritos:

– Que a justiça de Deus e do rei caia sobre aquele ladrão descarado, sobre aquele gatuno covarde, sobre aquele patife piolhento, que salvei da forca mais vezes do que tem pelos na barba! Pobre de mim! Vede por quem perdi e gastei minha mocidade e a flor de meus anos, se não por um velhaco desalmado, criminoso e incorrigível!

– Calma, Bochechuda – disse Monipódio nesse ponto –, que aqui estou eu, que te fará justiça. Conta-nos teu caso, pois ficarás mais calma por contá-lo que por ser vingada por mim; diga-me se teu rufião faltou com o respeito, pois, se for isso e se quiseres vingança, basta abrir o bico.

– Que respeito? – respondeu Juliana. – Respeitada me veja eu nos infernos se mais o for por aquele leão com as ovelhas e cordeiro com os homens. Com aquele a gente não come nem o pão que o diabo amassou! Antes eu veja meu corpo comido pelos chacais, pois ele me deixou assim como vereis agora.

E no mesmo instante, levantando as saias até os joelhos, e mais um pouco até, mostrou as pernas cheias de equimoses.

– Desta maneira – prosseguiu – me deixou aquele ingrato do Janota, devendo a mim mais que à mãe que o pariu. E por que pensais que o fez? Quero cair morta se dei algum motivo! Não, fez isso apenas porque estava jogando e perdendo, e mandou seu mandalete Cabrillas me pedir trinta reais, e eu não enviei mais que vinte e quatro. O esforço e zelo que tive para ganhá-los! Rogo que os céus os descontem de meus pecados! E, como pagamento por essa cortesia e boa ação, acreditando ele que eu desviava algo da conta que ele havia feito lá em sua imaginação do que eu podia ter, esta manhã me levou ao campo, atrás da Huerta del Rey,<sup>25</sup> e ali me despiu, entre umas oliveiras, e com um cinturão, sem nem tirar a fivela (que em maus grilhões eu o veja!), me deu tantos açoites que me deixou como morta. Testemunhas da veracidade desta história são essas equimoses que vedes.

Aqui elevou a voz de novo, aqui pediu justiça de novo, e aqui Monipódio a prometeu, e todos os valentões que estavam ali. A Gananciosa foi a primeira a consolá-la, dizendo-lhe que ela daria de muito boa vontade uma das melhores joias que tinha para que lhe houvesse acontecido a mesma coisa com seu querido.

– Pois quero que saibas, minha irmã Bochechuda – disse –, que, ao que bem se ama, bem se castiga; e quando esses velhacos nos batem e açoitam e escoiceiam, nos adoram; se não, confessa-me uma verdade, por tua vida: depois que te castigou e machucou, o Janota não te fez alguma carícia?

– Como, uma? – respondeu a chorosa. – Cem mil me fez, e ele daria um dedo da mão para que eu fosse com ele à sua pousada, e me parece até que quase lhe saltaram as lágrimas dos olhos depois de me ter moído.

– Nisso não há dúvida – replicou a Gananciosa. – E choraria de pena ao ver em que estado te deixou, pois os homens desse tipo, e nesse tipo de caso, não acham que cometeram o erro quando lhes vem o arrependimento. E tu verás, minha irmã, se não vem te buscar antes de nós irmos embora, e vai te pedir perdão de tudo o que houve, rendendo-se a ti como um cordeiro.

– Na verdade – respondeu Monipódio –, não vai entrar por estas portas o covarde açoitador, se antes não se penitenciar claramente pelo delito cometido. Havia ele de ousar pôr as mãos no rosto da Bochechuda, ou em seu corpo, sendo ela pessoa que pode competir em limpeza e ganância com a própria Gananciosa, aqui presente, que nem posso elogiar mais?

– Ai! – disse Juliana nessa altura. – Não fale mal vossa mercê, senhor Monipódio, daquele desgraçado, pois, tão mau quanto é, eu o amo mais que às fibras de meu coração; e as palavras que minha amiga Gananciosa disse a seu favor fizeram minha alma voltar ao meu corpo, e na verdade estou para ir atrás dele.

– Isso eu não te aconselho! – replicou a Gananciosa –, porque ele vai ficar todo inchado e se prevalecer e irá fazer o diabo contigo! Calma, irmã, que logo o verá vir tão arrependido como te disse; e, se não vier, escreveremos umas coplas para ele, que vão deixá-lo amargurado.

– Isso sim! – disse a Bochechuda –, pois tenho mil coisas para lhe escrever!

– Eu serei o secretário, se for preciso – disse Monipódio. – Não sou nada poeta, mas, se arregaçar as mangas, um homem se atreverá a fazer duas mil coplas enquanto o diabo esfrega um olho; e, se não saírem como devem, eu tenho um amigo, barbeiro, grande poeta, que nos agradará em cheio o tempo todo. E agora acabemos o que tínhamos começado no almoço, que depois tudo se arranjará.

Juliana obedeceu com alegria a seu superior; e assim todos voltaram ao rega-bofe, e em pouco tempo viram o fundo da canastra e a borra do odre. Os velhos beberam sine fine; os moços, sem parar; as senhoras, até dizer chega. Os velhos pediram licença para ir embora. Monipódio deu-a logo, encarregando-os de virem dar notícias exatas de tudo aquilo que vissem ser útil e conveniente para a comunidade. Responderam que eles estariam bem atentos e se foram.

Rinconete, curioso por natureza, pedindo primeiro perdão e licença, perguntou a Monipódio para que serviam na confraria dois personagens tão grisalhos, tão dignos e de tão boa aparência. Monipódio respondeu que aqueles, no jargão e maneira de falar deles, chamavam-se vespões, e que trabalhavam andando de dia por toda a cidade, bispando que casas se podiam visitar à noite e seguindo os que sacavam dinheiro da Contratação ou Casa da Moeda, para ver aonde o levavam, e ainda onde o guardavam; e, se descobrissem, avaliavam a espessura da parede da tal casa e desenhavam o lugar mais conveniente para fazer os guzpátaros – que são os buracos – para facilitar a entrada. Em suma, disse que eram pessoas de mais ou de tanto proveito que as melhores que havia em sua irmandade, e que de tudo aquilo que através de sua astúcia se furtava levavam uma quinta parte, como levava dos tesouros sua majestade; e que, apesar disso tudo, eram homens muito sinceros e muito honrados, e de boa vida e reputação, temerosos de Deus e de suas consciências, e todo dia ouviam missa com admirável devoção.

– E há entre eles alguns tão comedidos, especialmente esses dois que acabaram de sair – prosseguiu Monipódio –, que se

contentam com muito menos que a taxa que nos toca. Há outros dois que são larápios: como às vezes eles trocam de casa, sabem as entradas e saídas de todas as casas da cidade, e quais podem ser de proveito e quais não.

– Tudo isso são pérolas – disse Rinconete –, e gostaria de ser de alguma utilidade em tão famosa confraria.

– O céu sempre favorece as boas intenções – disse Monipódio.

Estavam nessa conversa quando bateram na porta; Monipódio foi ver quem era, e, perguntando-o, responderam:

– Abra vosmecê, senhor Monipódio, que é o Janota.

A Bochechuda ouviu essa voz e, elevando a sua ao céu, disse:

– Não abra, senhor Monipódio. Não abra vossa mercê a esse marinheiro de Tarpeia, a esse tigre de Ocanha!<sup>26</sup>

Nem por isso Monipódio deixou de abrir a porta para o Janota, mas a Bochechuda, vendo que ele a abria, levantou-se correndo e entrou na sala dos escudos, e, trancada lá, começou a dizer, em altos brados:

– Tirem da minha frente esse facínora, esse verdugo de inocentes, esse algoz de pombinhas!<sup>27</sup>

Maniferro e Chiquiznaque seguravam o Janota, que queria entrar à força onde a Bochechuda estava, mas como não o deixavam, dizia dali de fora:

– Para com isso, indignada minha, por tua vida! Se te acalmares, logo te verás casada.

– Casada eu, desgraçado? – respondeu a Bochechuda. – Olha bem onde pisas! Gostarias que fosse contigo, mas eu prefiro ver a morte em carne e osso!

– Ei, sua boba! – replicou o Janota –, vamos acabar com isso, que já é tarde, e não fiques toda prosa ao me ver falar tão manso e vir aqui tão doce, pois, por Deus, se a raiva me subir ao campanário, a recaída pode ser pior que a caída! Humilha-te, vamos nos humilhar todos, e não demos de comer ao diabo!

– Pois eu lhe daria até a sobremesa – disse a Bochechuda – para que te levasse aonde meus olhos nunca mais te vissem.



– Não te falei? – disse o Janota. – Por Deus, senhora mariposa, já farei o negócio, vai ter de ser no vai ou racha e que o diabo nos carregue.

A isso, Monipódio disse:

– Na minha presença não haverá desmandos; a Bochechuda sairá, mas não com ameaças e sim por amor a mim, e tudo se resolverá bem, pois as brigas entre os que se amam são causa de mais prazer quando se fazem as pazes. Ah, Juliana! Ah, menina! Ah, Bochechuda minha! Vem cá para fora, para me agradar, que eu farei com que o Janota te peça perdão de joelhos.

– Se ele fizer isso – disse a Escalanta –, estaremos todos a seu favor e vamos suplicar a Juliana que venha para cá.

– Se isso for pelo caminho da submissão, que cheira à humilhação da pessoa – disse o Janota –, não me rendo nem a um exército de gigantes, mas, se for para agradar a Bochechuda, não só caio de joelhos como vou de joelhos ao inferno a seu serviço.

Chiquiznaque e Maniferro riram disso, o que irritou tanto o Janota, pois pensou que zombavam dele, que disse com mostra de raiva infinita:

– Qualquer um que rir ou pensar rir do que dissermos, seja a Bochechuda contra mim, ou eu contra ela, garanto que mente e mentirá todas as vezes que rir ou pensar rir, como já disse.

Chiquiznaque e Maniferro fizeram cara feia e trocaram um olhar atravessado, e Monipódio percebeu que a coisa ia acabar mal se ele não interviesse, e assim, pondo-se no meio deles, disse:

– Nem um passo à frente, cavalheiros; e basta de insultos, e engulam as palavras, pois as que foram ditas não são para tanto, e não as levem à ponta de faca.

– Temos certeza – respondeu Chiquiznaque – de que não se disseram nem dirão semelhantes coisas, pois, se se tivesse imaginado que se diziam, o pandeiro já estaria nas mãos de quem o sabe tocar.

– Aqui também temos pandeiro, sor Chiquiznaque – replicou o Janota –, e, se for preciso, também saberemos tocar os guizos, e já disse que aquele que zombar, mente; e quem pensa outra coisa,

siga-me, que com menos de um palmo de espada o homem passará do dito ao feito.<sup>28</sup>

Dizendo isso, ia sair porta afora.

A Bochechuda estava escutando-o e, ao notar que ele se irritava, saiu dizendo:

– Segurem-no, não deixem que vá, que fará das suas! Não veem que vai irritado, e é um Judas Macarelo<sup>29</sup> em matéria de valentia? Volta aqui, valentão do mundo e de meus olhos!

E, se aproximando dele, agarrou-lhe a capa com força, e Monipódio também acorreu, e o detiveram.

Chiquiznaque e Maniferro não sabiam se se irritavam ou não, e ficaram quietos esperando pelo que o Janota faria; e ele, vendo-se exortado pela Bochechuda e por Monipódio, voltou dizendo:

– Os amigos nunca devem irritar os amigos nem zombar dos amigos, e mais ainda quando veem que os amigos se irritam.

– Aqui não há amigo – respondeu Maniferro – que queira irritar ou zombar de outro amigo, e, como todos somos amigos, deem-se as mãos todos os amigos.

A isso, Monipódio disse:

– Vosmecês todos falaram como bons amigos, e como tais se deem as mãos amigavelmente.

Deram-nas logo, e a Escalanta, tirando um dos tamancos, começou a bater nele como num pandeiro. A Gananciosa pegou uma vassoura nova de palma, que achou ali por acaso, e arranhando-a fez um som que, embora rouco e áspero, harmonizava com o do tamanco. Monipódio quebrou um prato e fez dois cacos que, postos entre os dedos e repicados com grande rapidez, davam o contraponto ao tamanco e à vassoura.

Rinconete e Cortadillo se espantaram com a nova invenção da vassoura, porque até então nunca a tinham visto. Maniferro percebeu e lhes disse:

– Admiram-se da vassoura? Com toda razão, pois música mais ligeira e mais leve, ou mais barata, ainda não se inventou; e olha que um dia desses ouvi um estudante dizer que nem o Negrofeo, que tirou a Arauz do inferno, nem o Marión,<sup>30</sup> que montou no delfim

e saiu do mar como se viesse cavalgando numa mula de aluguel, nem o outro grande músico que fez uma cidade que tinha cem portas e outros tantos postigos,<sup>31</sup> nunca inventaram melhor gênero de música, tão fácil de aprender, fácil de tocar, sem traste, cravelhas ou cordas, e que nem precisa de afinação. E ainda juro por Ele que dizem que foi inventada por um rapaz desta cidade, que se gaba de ser um Heitor na música.<sup>32</sup>

– Acredito piamente – respondeu Rinconete –, mas escutemos o que querem cantar nossos músicos, pois parece que a Gananciosa cuspiu, sinal de que vai cantar.

Era verdade, porque Monipódio havia suplicado a ela que cantasse algumas seguidilhas que se andava cantando naquele tempo, mas quem começou primeiro foi a Escalanta, e com voz aguda e hábil cantou o seguinte:

Por um sevilhano, vistoso e bonitão  
tenho abrasado todo o coração.

A Gananciosa continuou cantando:

Por um moreninho de olho verde,  
que fogosa não se perde?

E a seguir, Monipódio, batendo apressado seus cacos de prato, disse:

Dois amantes brigam; faz-se a paz;  
se a raiva é grande, o prazer é mais.

A Bochechuda não quis deixar seu prazer em silêncio, pois, pegando outro tamanco, meteu-se na dança e acompanhou as demais dizendo:

Para, irado, não me batas mais,  
pois, se bem vês, em ti dás.

– Cantem sem velhacaria – disse o Janota nessa altura –, e não toquem em histórias passadas, que não há por quê. Que o passado seja passado, e tome-se outro rumo, e basta.

Não levavam jeito de acabar tão cedo a cantoria começada se não percebessem que batiam com pressa na porta; e com pressa foi Monipódio ver quem era, e a sentinela lhe disse que no fim da rua havia surgido o oficial da Justiça e que diante dele vinham o Tordilho e o Cernícalo, oficiais que bando nenhum molhava a mão. Os que estavam dentro ouviram e se alvoroçaram de maneira que a Bochechuda e a Escalanta calçaram os tamancos ao contrário, a Gananciosa largou a vassoura, Monipódio os cacos do prato, e toda a música acabou num silêncio preocupado; Chiquiznaque emudeceu, o Janota pasmou e Maniferro se surpreendeu, e todos, uns por aqui e outros por ali, desapareceram, subindo às açoteias e telhados, para escapar por eles para a outra rua. Nunca um arcabuz disparado fora de hora, nem trovão repentino, espantou assim um bando de pombas distraídas como agitou e espantou toda aquela discreta companhia e boa gente a notícia da vinda do oficial da Justiça. Os dois novatos, Rinconete e Cortadillo, não sabiam o que fazer, e ficaram quietos esperando para ver em que ia dar aquela repentina tempestade, que não foi além de a sentinela voltar para dizer que o oficial havia passado ao largo, sem dar mostras nem sinal de má suspeita alguma.

E quando dizia isso a Monipódio, chegou um cavalheiro jovem à porta, vestido, como se costuma dizer, com roupas de andar em casa. Monipódio entrou com ele e mandou chamar Chiquiznaque, Maniferro e o Janota, e que mais ninguém descesse. Como haviam ficado no pátio, Rinconete e Cortadillo puderam ouvir toda a conversa que Monipódio teve com o cavalheiro recém-chegado, que perguntou a Monipódio por que se havia feito tão mal o que lhe havia encomendado. Monipódio respondeu que ainda não sabia o que se havia feito; mas que ali estava o oficial que estava

encarregado de seu negócio, e que ele explicaria tudo tim-tim por tim-tim.

Nisso desceu Chiquiznaque, e Monipódio lhe perguntou se havia feito o serviço que tinha lhe encomendado da facada de catorze pontos.<sup>33</sup>

– Qual? – respondeu Chiquiznaque. – É a daquele mercador da encruzilhada?

– Esse mesmo – disse o cavaleiro.

– Olha, o que acontece é que eu o esperei ontem à noite à porta de sua casa, e ele veio antes do entardecer – respondeu Chiquiznaque. – Aproximei-me dele, estudei bem o rosto e vi que era tão pequeno que era impossível caber nele uma facada de catorze pontos, e me achando impossibilitado de poder cumprir o prometido e de fazer o que tinham me instituído...

– Vossa mercê deve querer dizer instituído – disse o cavaleiro –, não instituído.

– Quis dizer isso – respondeu Chiquiznaque. – Digo que, vendo que na falta de espaço daquele rosto não cabiam os pontos combinados, para que minha ida não fosse em vão, dei a facada num laçao seu, que com certeza foi bem maior que a pedida.

– Gostaria mais – disse o cavaleiro – que tivesse dado uma de sete no amo que uma de catorze no criado. Para mim, não se fez como devia, mas vamos deixar assim; pouco importam os trinta ducados que deixei como sinal. Beijo as mãos de vossas mercês.

E, dizendo isso, tirou o chapéu e virou as costas para ir embora; mas Monipódio lhe agarrou a capa de mescla que usava, dizendo-lhe:

– Pare vosmecê e cumpra sua palavra, pois nós cumprimos a nossa com honra e com muito zelo; faltam vinte ducados, e vosmecê não há de sair daqui sem dá-los, ou algo que valha isso.

– Então vossa mercê chama a isso cumprir sua palavra – respondeu o cavaleiro –, dar a facada num criado quando devia dar no amo?

– Como o senhor soma bem dois e dois! – disse Chiquiznaque. – Parece que nem se lembra daquele ditado que diz: “Quem ama o

Beltrão, ama seu cão”.

– A troco de que traz à baila esse ditado? – replicou o cavalheiro.

– Pois não é a mesma coisa – prosseguiu Chiquiznaque – dizer “Quem odeia o Beltrão, odeia seu cão”? Assim, o Beltrão é o mercador que vosmecê quer mal, seu laçao é seu cão e, batendo no cão, se bate no Beltrão, de modo que a tarefa foi liquidada e como era devida; por isso só resta pagar logo sem pedir que a faça de novo.

– Isso juro eu, com certeza – acrescentou Monipódio –, e tu, meu amigo Chiquiznaque, acabaste de me tirar da boca tudo quanto disseste. Então, vosmecê, caro senhor, não se agarre em bagatelas com seus servidores e amigos, mas siga meu conselho e pague logo o trabalho. E, se desejar ordenar outra facada no amo com a quantidade de pontos que o rosto dele pode levar, faça de conta que já o estão curando.

– Se é assim – respondeu o cavalheiro –, com toda a boa vontade pagarei uma e outra inteiramente.

– Não tenhas dúvida disso mais que ser cristão – disse Monipódio –, pois Chiquiznaque fará o corte com perfeição, que até parecerá ser de nascença.

– Pois com essa promessa e garantia – respondeu o cavalheiro –, receba esta corrente em penhor pelos vinte ducados e por quarenta que ofereço pela facada futura. Vale mil reais, e pode ser que não pague tudo, porque suspeito que serão necessários outros catorze pontos daqui a pouco.

Nisso tirou do pescoço uma corrente de elos pequenos e entregou a Monipódio, que pelo tato e pelo peso viu bem que não era ouro de alquimia. Monipódio a recebeu com muito contentamento e cortesia, pois era bem-educado ao extremo; a execução ficou a cargo de Chiquiznaque, que deu aquela noite como prazo. O cavalheiro se foi muito satisfeito, e em seguida Monipódio chamou todos os ausentes e assustados. Desceram todos, e Monipódio, ficando entre eles, tirou do capuz da capa um livro de anotações e o deu para que Rinconete lesse, porque ele não sabia ler. Rinconete o abriu, e na primeira folha viu que estava escrito:

Lista das facadas que devem se dar esta semana.

A primeira no mercador da encruzilhada; vale cinquenta escudos, foram recebidos trinta adiantados. Executor, Chiquiznaque.

– Não acho que haja outra, meu filho – disse Monipódio. – Siga em frente e veja onde diz: Lista de surras.

Rinconete virou a folha, e viu que na outra estava escrito: Lista de surras.

E mais embaixo dizia:

O taberneiro da Alfalfa,<sup>34</sup> doze pauladas (com ágio) a um escudo cada uma. Estão pagas oito. O prazo, seis dias. Executor, Maniferro.

– Bem que se podia riscar essa anotação – disse Maniferro –, porque pretendo acabar com ela esta noite.

– Tem mais, meu filho? – disse Monipódio.

– Sim, outra – respondeu Rinconete – que diz assim:

Ao alfaiate corcunda, que atende pelo mau nome de Pintassilgo, seis pauladas (com ágio), a pedido da dama que deixou a gargantilha. Executor, o Troncho.

– Estou surpreso – disse Monipódio. – Como isso ainda está pendente? Sem dúvida alguma o Troncho deve estar indisposto, pois passaram dois dias do prazo e nem se mexeu.

– Topei com ele ontem – disse Maniferro –, e me disse que o corcunda anda retirado porque está doente, e por isso não cumpriu com seu dever.

– Acredito – disse Monipódio –, porque considero o Tronchudo tão bom oficial que, se não fosse por obstáculo tão justo, ele já teria acabado empreitadas maiores. Tem mais, mocinho?

– Não, senhor – respondeu Rinconete.

– Então segui adiante – disse Monipódio – e olhai onde diz: Lista de ofensas comuns.

Rinconete seguiu adiante e, na folha seguinte, encontrou escrito:

Lista de ofensas comuns, convém saber: garrafada, poção fedorenta, tabuletas de hereges e cornos, matracas, intimidações, confusões e facadas falsas, publicação de libelos etc.

– O que diz mais abaixo? – disse Monipódio.

– Diz: Poção fedorenta na casa... – disse Rinconete.

– Não leiais a casa, que eu já sei qual é – respondeu Monipódio –, e eu sou o timoneiro e executor dessa ninharia, e já foram pagos quatro escudos, e o montante é oito.

– É verdade – disse Rinconete –, isso tudo está escrito aqui; e mais embaixo diz: Tabuleta de cornos.

– Também não preciseis ler a casa nem onde – disse Monipódio –, pois basta que se faça a ofensa, sem que se diga em público, porque é um grande peso na consciência. Pelo menos, eu preferia pregar cem tabuletas de cornos e outras tantas de hereges, desde que meu trabalho fosse pago, a ter de dizer uma só vez, mesmo que fosse à mãe que me pariu.

– O executor disso é o Narigueta – disse Rinconete.

– Isso já está feito e pago – disse Monipódio. – Vede se há mais, pois, se bem me lembro, deve haver aí uma intimidação de vinte escudos; a metade foi paga, e o executor é a comunidade toda, e o prazo é todo o mês corrente, e se cumprirá ao pé da letra, sem que falte um tico, e será uma das melhores coisas que terão acontecido nesta cidade desde muito tempo. Dai-me o livro, rapaz, pois sei que não há mais nada, e sei também que o trabalho anda escasso. Mas depois deste tempo virá outro e teremos de fazer mais do que gostaríamos, pois não se move uma folha sem a vontade de Deus, e não haveremos de fazer que ninguém se vingue à força; sem falar que cada um costuma ser valente em sua causa, e não quer pagar por uma obra que ele mesmo pode fazer com suas mãos.



– É verdade – disse então o Janota. – Mas olhe vossa mercê, senhor Monipódio, o que nos ordena e manda, pois está se fazendo tarde, e o calor está aumentando mais que depressa.

– O que vamos fazer – respondeu Monipódio – é que todos vão para seus postos, e ninguém saia daí até domingo, que nos reuniremos neste mesmo lugar e se dividirá tudo que houver caído, sem lesar ninguém. A Rinconete, o Bom,<sup>35</sup> e a Cortadillo damos por território, até domingo, da torre do Oro, de fora da cidade, até o portão do Alcázar,<sup>36</sup> onde se pode trabalhar sentado com suas cartas; pois eu vi outros com menos habilidades que eles sair todo dia com mais de vinte reais em trocados, além de prata, com um baralho só, e ainda faltando quatro cartas. O Ganchoso<sup>37</sup> mostrará a eles o território; e mesmo que o estendais até São Sebastião e Santelmo,<sup>38</sup> pouco importa, embora seja justo que ninguém entre em domínio de ninguém.

Os dois beijaram-lhe as mãos pelo favor que lhes fazia e ofereceram-se para desempenhar seu ofício bem e fielmente, com toda a diligência e recato.

Nisso Monipódio tirou um papel dobrado do capuz da capa, onde estava a lista dos confrades, e disse a Rinconete que pusesse ali seu nome e o de Cortadillo; mas como não havia tinteiro, deu o papel para que ele o levasse, e na primeira botica que encontrasse os escrevesse, detalhando: “Rinconete e Cortadillo, confrades; noviciado, nenhum; Rinconete, jogador; Cortadillo, larápio”; e o dia, mês e ano, calando pais e pátrias.

Estavam nisso quando entrou um dos velhos vespões, que disse:

– Venho dizer a vossas mercês que agora mesmo topei, nas Gradás, com Lobillo, o de Málaga, e me disse que vem melhorando sua arte de tal maneira que mesmo com cartas sem marcas deparará o próprio Satanás; e que, por vir maltratado, não vem se apresentar de imediato e prestar a obediência costumeira, mas que no domingo estará aqui sem falta.

– Sempre pensei – disse Monipódio – que esse Lobillo devia ser único em sua arte, porque tem as melhores e mais treinadas mãos para isso que se possam desejar; pois, para ser um bom prático em

seu ofício, é preciso tanto bons instrumentos com que trabalhar quanto a habilidade com que o aprende.

– Também encontrei – disse o velho –, numa estalagem, na rua de Tintores, o Judeu usando batina de padre. Ele foi se hospedar ali porque soube que dois peruleros<sup>39</sup> vivem na mesma casa e queria ver se poderia jogar com eles, mesmo que as apostas fossem baixas, pois ali a coisa pode crescer. Diz também que não faltará à reunião domingo e dará notícias de sua pessoa.

– Esse Judeu também é uma águia – disse Monipódio – e tem grande conhecimento. Há dias que não o vejo, e isso é mau, pois juro que, se não se emendar, tiro a batina dele, que um ladrão não tem mais direito a ela que um turco, nem sabe mais latim que minha mãe. Mais alguma novidade?

– Não – disse o velho –, pelo menos que eu saiba.

– Muito bem – disse Monipódio. – Peguem vosmecês esta miséria – e distribuiu entre todos uns quarenta reais –, e não falte ninguém no domingo, pois não faltará nada do roubado.

Todos lhe retribuíram as graças. Abraçaram-se de novo o Janota e a Bochechuda, a Escalanta com Maniferro e a Gananciosa com Chiquiznaque, combinando que naquela noite, depois de acabado o trabalho, iriam se ver na casa da Pipota, aonde Monipódio disse que também iria, para o inventário da canastra de vime, e que devia ir fazer o serviço do azeite fedorento. Abraçou Rinconete e Cortadillo e, dando-lhes sua bênção, despediu-os, aconselhando-os a nunca ter paradeiro certo nem prolongado, porque assim convinha à saúde de todos. Ganchoso os acompanhou para lhes mostrar seus postos, lembrando-os de que não faltassem à reunião no domingo porque, pelo jeito, Monipódio havia de dar uma explicação sobre as coisas relativas à sua arte. Com isso foi embora, deixando os dois companheiros admirados com o que tinham visto.

Rinconete, embora muito jovem, era muito perspicaz e de boa índole e, como havia andado com seu pai no negócio das bulas, sabia um pouco da boa linguagem e achava muita graça ao pensar nas palavras que havia ouvido de Monipódio e dos demais de sua companhia e bendita comunidade. E mais ainda quando, em vez de

dizer per modum sufragii, havia dito per modo de naufrágio, e se saía com estrupendio em vez de estipêndio do que se afanava; e quando a Bochechuda disse que o Janota era um marinheiro de Tarpeia, e um tigre de Ocanha em vez de Hircânia, com outras mil impertinências (achou especialmente engraçado quando disse que o trabalho que havia passado para ganhar os vinte e quatro reais o céu devia descontar de seus pecados) como essas e outras semelhantes, mas piores; e, sobretudo, ficava admirado com a segurança e a confiança que tinham de ir para o céu não faltando com suas orações, estando tão atolados em furtos e homicídios, e em ofensas a Deus. E ria-se da outra boa velha, a Pipota, que deixava a canastra furtada escondida em sua casa e ia acender velinhas de cera para as imagens, e com isso pensava ir para o céu calçada e vestida. Não se surpreendia menos com a obediência e respeito que todos tinham a Monipódio, sendo um homem bárbaro, rústico e desalmado. Considerava o que havia lido em seu livro de anotações e os trabalhos em que todos se ocupavam. Finalmente, exagerava o quanto era descuidada a Justiça naquela tão famosa cidade de Sevilha, pois quase à vista de todos vivia nela gente tão perniciosa e tão contrária à própria natureza, e resolveu intimamente aconselhar seu companheiro a não ficarem muito naquela vida tão perdida e tão má, tão cheia de preocupações, e tão livre e dissoluta. Mas, apesar disso tudo, levado por seus poucos anos e por sua pouca experiência, ficou ali por alguns meses, nos quais lhe aconteceram coisas que pedem uma escrita mais longa, e assim se deixa para outra ocasião contar sua vida e milagres, com os de seu mestre Monipódio, e outras coisas daquela infame academia, que todas serão de grande consideração e que poderão servir de exemplo e aviso aos que as lerem.

---

1 No dia de Todos os Santos havia oferendas de pão e vinho. Era costume também enfeitar os monumentos santos com recortes de papel, atividade reconhecida e remunerada.

2 Os alfaiates tinham fama de ladrões.

- 3 Hoje Fuenfría. Porto a três léguas de Segóvia. Era lugar de passagem da família real a caminho de La Granja.
- 4 Jogo em que se devem reunir quatro cartas do mesmo naipe.
- 5 Ao contrário dos trabalhos que faziam parte de agremiações, o de carregador não precisava de um exame prévio.
- 6 A palavra estreia tem dois sentidos. O mais comum, de iniciar alguma coisa, é usado por Rincón. O mais antigo, de prêmio, é usado pelo soldado.
- 7 Capellanía, no original. Trata-se da renda de uma capela particular. O fundador, que dotou a capela de uma renda, paga as missas e os serviços dos padres.
- 8 O nome do personagem alude à sua qualidade de líder do crime organizado, já que Monipódio significa literalmente "monopólio".
- 9 Finibusterrae: força; envesado: açoitado; gurapa: galé. Palavras na gíria dos bandidos, germanía.
- 10 Esta palavra passou para o português. É usada no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e no Mato Grosso.
- 11 Tortura que consistia em encher a boca do prisioneiro com uma gaze encharcada de água.
- 12 A divisão do rosário na semana: mistérios de prazer (segundas e quintas), mistérios de dor (terças e sextas) e mistérios de glória (quartas, sábados e domingos).
- 13 O narrador se antecipa, chamando Cortado pelo apelido que ganhará páginas depois.
- 14 Espadas de más de marca, no original. Marca, no caso, é o comprimento da espada, que era fixado legalmente. Portanto as espadas descritas são ilegais.
- 15 As espadas "do cachorrinho" se chamavam assim porque traziam a imagem do animal gravada na canaleta que há na lâmina. O cachorrinho era o símbolo de Julián del Rey, armeiro toledano, que assim lembrava sua condição de converso.
- 16 Para entrar para alguma ordem de cavaleiros, era preciso informar a filiação, para se ter certeza de que tinha o sangue limpo, sem parentesco com ciganos, judeus e mouros.
- 17 Era proibido por lei e com penas severas vagabundear e pedir esmolas em algumas cidades, daí haver um aguazil destinado à vigilância de vagabundos.
- 18 Fato ocorrido em 1294. Guzmán, alcaide de Tarifa, preferiu a morte de seu filho nas mãos dos muçulmanos a entregar a praça, que se encontrava sitiada. Em todo caso, não era seu único filho.
- 19 Mantos de anascote, mantos dobrados de lã. As viúvas costumavam usá-los. Mas em Sevilha, por lei, as prostitutas deviam levá-los.
- 20 Canasta de colar era a canastra de vime em que se despejava lixívia na roupa. Sempre restava ali um pouco de cinza da lixívia que não tinha se dissolvido.
- 21 Havia a crença de que a espuma fazia mal à saúde.
- 22 Guadalcanal era lugar famoso por seus vinhos. O gesso era usado para ajudar na fermentação.

- 23 Gandul hoje faz parte da província de Sevilha. Foi lugar famoso por seus pães.
- 24 Nome de um riacho que passa por Sevilha e também designação de fidalgos pobres que tratam de comer onde podem.
- 25 Huerta del Rey é um jardim situado nos arredores de Sevilha.
- 26 Um romance muito popular começava assim: "Mira Nero de Tarpeya". As palavras mirar e Nero se juntam: miranero que se torna marinero. O tigre de Ocanha são os tigres de Hircânia dos versos de Virgílio, que também caíram na boca do povo.
- 27 No original: asombrador de palomas duendas. Literalmente seria alguém que mete medo em pombas mansas, caseiras. Mas os bordéis também eram chamados de pombais. Como, em boa parte do Brasil, a vagina é chamada de pomba, preferimos manter a ave e a dubiedade da frase.
- 28 Há uma graça extra na frase: o palmo a menos da espada alude ao tamanho da lâmina exigido pela lei, e "o homem" ninguém mais é que o próprio Janota, pois os pícaros se referem a si mesmos na terceira pessoa.
- 29 Macarelo é distorção popular de Macabeu. Judas ganhou o apelido por sua valentia.
- 30 Deformações de nomes da mitologia: Negrofeo por Orfeu, Arauz por Eurídice e Marión por Arion de Lesbos.
- 31 A música de Anfion, outro grande músico, movia as pedras, e ao ritmo dela as pedras foram postas nas fundações de Tebas, a das cem portas.
- 32 Heitor, como se sabe, era um guerreiro troiano, não músico.
- 33 O tamanho dos ferimentos era medido pelo número de pontos que levavam.
- 34 Plaza de la Alfalfa, em Sevilha.
- 35 Cervantes troca o apelido.
- 36 Entrada sul da cidade.
- 37 Bom lembrar que ganchoso também é o parceiro de quem vende ou rifa alguma coisa publicamente, ou que se mistura com o público para animar os compradores com seu exemplo.
- 38 Paróquias de Sevilha, situadas no antigo campo de Tablada, perto do rio.
- 39 Chamavam assim os que tinham vindo do Peru, supostamente ricos.

**NOVELA DA  
ESPANHOLA  
INGLESA**



ENTRE OS DESPOJOS que os ingleses levaram da cidade de Cádiz, Clotaldo, um cavalheiro inglês, capitão de uma esquadra de navios, levou para Londres uma menina de mais ou menos sete anos de idade, e isso contra a vontade e sabedoria do conde de Leste,<sup>1</sup> que com grande empenho mandou procurar a menina para devolvê-la a seus pais, que se queixaram para ele da ausência dela. Como se satisfazia com os bens e deixava as pessoas livres, pediram-lhe que não os tornasse tão desgraçados, deixando-os sem a filha além de pobres: ela era a luz de seus olhos e a mais bela criatura que havia em toda a cidade.

O conde mandou divulgar um edital por toda a sua armada: qualquer um que tivesse a menina devia devolvê-la ou pagaria com a própria vida; mas nenhum castigo ou ameaça foi suficiente para que Clotaldo obedecesse, pois tinha a menina escondida em seu navio, apaixonado, embora cristãmente, pela incomparável formosura de Isabel, pois assim ela se chamava. Enfim, seus pais ficaram sem Isabel, tristes e desconsolados, e Clotaldo, alegre ao extremo, chegou a Londres e entregou a formosa menina à sua mulher como riquíssimo despojo.

Quis a boa sorte que todos da casa de Clotaldo fossem católicos secretos, embora em público mostrassem seguir a opinião da rainha. Clotaldo tinha um filho chamado Ricaredo, de doze anos de idade, a quem os pais ensinaram a amar e temer a Deus, e ser fiel às verdades da fé católica. Catalina, a mulher de Clotaldo, nobre, cristã e prudente, tomou-se de amores por Isabel como se fosse sua filha, tanto que a educava, cuidava e instruía; e a menina era de tão boa natureza que aprendia com facilidade tudo quanto lhe ensinavam. Com o tempo e os mimos, foi esquecendo os que seus pais verdadeiros lhe haviam feito, mas não tanto que deixasse de se



lembrar e suspirar por eles muitas vezes; e embora fosse aprendendo a língua inglesa, não perdia a espanhola, porque Clotaldo tinha o cuidado de trazer secretamente para casa espanhóis que falassem com ela. Dessa maneira, sem esquecer a sua, como se disse, falava a língua inglesa como se houvesse nascido em Londres.

Depois de terem lhe ensinado todas as coisas sobre costuras e bordados que uma donzela bem-nascida pode e deve saber, ensinaram-na a ler e escrever mais que medianamente. Mas onde ela alcançou a perfeição foi ao tocar todos os instrumentos que são lícitos a uma mulher, e isso com todo o apuro musical, acompanhando-se com uma voz que o céu lhe deu perfeita, tanto que encantava quando cantava.

Todas essas qualidades, adquiridas e sobrepostas a seus dons naturais, pouco a pouco foram inflamando o peito de Ricaredo, a quem Isabel queria e servia como filho de seu senhor. No começo o surpreendeu o amor com um jeito de deleitar-se e comprazer-se ao ver a beleza sem igual de Isabel, e de considerar suas infinitas virtudes e graças, amando-a como se fosse sua irmã, sem que seus desejos ultrapassassem limites honrados e virtuosos. Mas, à medida que Isabel foi crescendo – tinha doze anos quando Ricaredo ardia –, aquela primeira benevolência e aquela complacência e prazer de olhá-la se transformaram em ardentíssimos desejos de possuí-la. Não aspirava a isso, porém, por outros meios que ser seu esposo, pois da incomparável castidade de Isabela – como eles a chamavam – não se podia esperar outra coisa, nem ele gostaria de esperar, mesmo que pudesse, porque seu caráter nobre e a estima em que tinha Isabela não consentiam que nenhum mau pensamento lançasse raízes em sua alma.

Decidiu mil vezes revelar suas intenções a seus pais, e outras tantas não aprovou sua decisão, porque ele sabia que o tinham destinado a ser marido de uma donzela escocesa muito rica e nobre, também cristã secreta como eles. E estava claro, como ele dizia a si mesmo, que não haviam de querer dar a uma escrava – se assim se podia chamar Isabela – o que já tinham combinado dar a uma dama. Assim, indeciso e pensativo, sem saber que caminho tomar para alcançar sua boa intenção, levava a vida de um modo que o

deixou a ponto de perdê-la. Mas julgando ser grande covardia se deixar morrer sem tentar algum remédio para seu mal, animou-se e se encorajou a declarar sua intenção a Isabela.

As pessoas da casa andavam tristes e agitadas por causa da doença de Ricaredo, que era querido por todas, e por seus pais o máximo possível, tanto por não terem outro filho como porque o mereciam suas grandes virtudes, sua coragem e inteligência. Os médicos não entendiam sua doença, e ele não ousava nem queria revelá-la. Por fim, decidido a romper com as dificuldades que ele imaginava, um dia em que Isabela veio servi-lo, vendo-a só, com voz desalentada e língua confusa, disse:

– Formosa Isabela, tuas qualidades, tua grande virtude e grande beleza me têm assim como me vês; se não quiseres que eu deixe a vida entregue a penas maiores do que se possam imaginar, sê o teu o mesmo bom desejo meu, que não é outro que te receber como minha esposa às escondidas de meus pais, de quem temo que, por não saberem o que eu sei que mereces, haverão de me negar o bem que tanto me importa. Se me deres a palavra de ser minha, agora mesmo te dou a minha, como homem honesto e católico, de ser teu, mas, mesmo que não chegue a te possuir, como não o farei sem a bênção da Igreja e de meus pais, imaginar que és minha será suficiente para me dar saúde e para me manter alegre e contente até que chegue o feliz dia que almejo.

Enquanto Ricaredo falava, Isabela o escutava de olhos baixos, mostrando naquele momento que seu pudor se igualava à sua formosura, e seu recato, à sua grande sensatez. E assim, vendo que Ricaredo calava, recatada, formosa e sensata, respondeu desta maneira:

– Depois que a severidade ou a clemência do céu quis (pois não sei a qual desses extremos atribuí-lo) separar-me de meus pais, senhor Ricaredo, e me dar aos vossos, grata pelas mercês que me fizeram, resolvi que minha vontade jamais diferisse da deles; e assim, sem essa vontade, não consideraria boa, mas má sorte a inestimável mercê que quereis me fazer. Se com o conhecimento deles eu fosse tão venturosa que vos merecesse, desde já vos digo que obedecerei à ordem que me derem; e se isso demorar ou não

acontecer, espero que se amenizem vossos desejos ao saber que os meus serão eternos e puros em vos desejar o bem que o céu pode vos dar.

Aqui Isabela silenciou suas honestas e prudentes palavras, e naquele instante Ricaredo recobrou a saúde, e começaram a renascer as esperanças de seus pais, que durante a doença dele estavam mortas.

Os dois se despediram cortesmente; ele, com lágrimas nos olhos; ela, com admiração na alma ao ver a de Ricaredo tão rendida a seu amor. Ele, levantando da cama, na opinião de seus pais por milagre, não quis manter seus pensamentos ocultos por mais tempo. E, assim, um dia os revelou à sua mãe, dizendo-lhe ao fim de sua explicação, que foi longa, que se não o casassem com Isabela, que se a negassem, era exatamente a mesma coisa que o matar. Com essas palavras, com esses enaltecimentos Ricaredo elevou ao céu as virtudes de Isabela, tanto que pareceu à sua mãe que Isabela era enganada ao receber seu filho como marido. Deu boas esperanças a seu filho de predispor seu pai a que viesse a aceitar o que ela também já aceitava; e foi assim que, dizendo ao marido o que o filho havia dito a ela, com facilidade o levou a querer o que tanto seu filho desejava, fabricando escusas que impedissem o casamento que tinha acertado com a donzela da Escócia.

Nessa época Isabela tinha catorze anos e Ricaredo, vinte, mas, nessa idade tão verde e florida, a grande sagacidade e conhecida prudência deles os tornavam anciãos. Faltavam quatro dias para o dia em que os pais de Ricaredo desejavam ver seu filho inclinar o pescoço ao jugo santo do matrimônio, considerando-se prudentes e felicíssimos por ter escolhido sua prisioneira como filha, considerando mais o dote de suas virtudes que a grande riqueza que a escocesa lhes oferecia. Os trajes já estavam prontos, os parentes e os amigos convidados, e não faltava outra coisa que comunicar a rainha sobre aquele casamento, porque sem sua vontade e consentimento não se casa ninguém entre os de sangue ilustre. Mas não tinham dúvidas da licença e por isso se demoraram a pedi-la. Digo, então, estando tudo nesse estado, quando faltavam quatro dias para a cerimônia, uma tarde um oficial da rainha perturbou todo

o seu regozijo, pois deu um recado a Clotaldo: que Sua Majestade mandava que no dia seguinte pela manhã levassem à sua presença a prisioneira, a espanhola de Cádiz. Clotaldo respondeu que faria o que Sua Majestade lhe ordenava de muito boa vontade. O oficial se foi e deixou o peito de todos cheios de preocupação, alarme e medo.

– Ai! – dizia a senhora Catalina –, se a rainha descobrir que criei essa menina como católica e então desconfiar que todos nesta casa são cristãos! Pois se a rainha perguntar o que é que aprendeu em oito anos em que é prisioneira, o que haverá de responder a coitada que não nos condene, por mais prudente que seja?

Ouvindo isso, Isabela disse:

– Não vos aflijais com isso, minha senhora, pois eu confio no céu, que, em sua divina misericórdia, na hora haverá de me dar as palavras que não só não vos condenem, como redundem em vosso proveito.

Ricaredo tremia, quase que adivinhando algum desastre. Clotaldo buscava maneiras de contornar seu grande temor, mas não as achava, a não ser na confiança que tinha em Deus e na sensatez de Isabela, a quem recomendou muito que por todos os meios possíveis não os condenasse como católicos, porque, se era certo que em espírito estavam dispostos ao martírio, a carne fraca rejeitava seu amargo destino. Muitas e muitas vezes Isabela garantiu a eles que podiam ficar tranquilos, que por sua causa não aconteceria o que temiam e suspeitavam, pois ainda que ela não soubesse por ora o que havia de responder às perguntas que lhe fizessem nesse caso, tinha esperança tão viva e firme que haveria de responder de modo que, como havia dito antes, suas palavras lhes servissem de crédito.

Falaram de muitas coisas naquela noite, especialmente de que se a rainha suspeitasse que eram católicos não teria enviado recado tão afável, do que se podia inferir que somente queria ver Isabela, pois suas inigualáveis formosura e habilidades haviam chegado a seus ouvidos, como a todos os da cidade. Mas como ainda não a tinham apresentado se sentiam culpados; e acharam que seria bom se desculpar disso dizendo que desde a época em que Isabela entrou em seu poder a escolheram e destinaram para esposa de seu filho

Ricaredo. Mas também nisso se culpavam, por ter feito o casamento sem licença da rainha, embora essa culpa não lhes tenha parecido digna de grande castigo.

Com isso se consolaram e combinaram que Isabela não fosse vestida humildemente como prisioneira, mas como esposa, pois já o era, e de um nobre como seu filho.

Assim decididos, no dia seguinte vestiram Isabela à moda espanhola, com uma saia longa de cetim verde com aberturas, forrada por um lindo brocado, os cortes presos com fios de pérolas, e a saia toda bordada com riquíssimas pérolas. Usava colar e cinto de diamantes, e um leque como as nobres damas espanholas; seus próprios cabelos, abundantes, loiros e longos, entremeados de diamantes e pérolas, serviam-lhe de toucado. Com esse adorno exuberante e com sua elegante presença e beleza miraculosa, mostrou-se a Londres naquele dia sobre uma bela carruagem, levando pendentes de sua visão a alma e os olhos de quantos a olhavam. Iam com ela, na carruagem, Clotaldo e sua mulher, e Ricaredo, e a cavalo muitos parentes ilustres. Clotaldo quis conceder toda essa honra à sua prisioneira para obrigar a rainha a tratá-la como esposa de seu filho.

Chegados, pois, ao palácio e a uma grande sala onde a rainha estava, entrou Isabela, dando de si a mais bela visão que pôde caber numa imaginação. A sala era grande e espaçosa, e a dois passos ficaram os acompanhantes, e Isabela se adiantou; e quando ficou sozinha pareceu uma estrela cadente que, pela região do fogo,<sup>2</sup> em noite serena e sossegada, costuma se mover, ou também um raio de sol que se mostra por entre duas montanhas ao raiar do dia. A tudo isso ela pareceu, e ainda a um cometa que predisse o incêndio de mais de uma alma dos que ali estavam,<sup>3</sup> a quem Amor inflamou com os raios dos formosos sóis de Isabela, que, cheia de humildade e cortesia, foi se pôr de joelhos diante da rainha e lhe disse, em inglês:

– Dê Vossa Majestade as mãos a esta sua serva, que de hoje em diante se considerará mais digna, pois foi tão venturosa que pôde conhecer vossa grandeza.

A rainha esteve olhando-a por um bom tempo, sem falar uma palavra, achando, como disse depois à sua camareira, que tinha diante de si um céu estrelado, cujas estrelas eram as muitas pérolas e diamantes que Isabela trazia; seu belo rosto e seus olhos, o Sol e a Lua, e toda ela uma nova maravilha de formosura. As damas que estavam com a rainha quiseram se fazer todas olhos, para não deixarem de ver tudo em Isabela. Uma louvava a vivacidade de seus olhos, outra a cor do rosto, uma a elegância do corpo e outra a doçura de sua voz. Mas houve uma que, de pura inveja, disse:

– É boa a espanhola, mas não gosto da roupa.

Depois que a admiração diminuiu um pouco, a rainha fez com que Isabela levantasse e lhe disse:

– Fala-me em espanhol, donzela, que eu o entendo bem, e gostarei disso.<sup>4</sup>

E, virando-se para Clotaldo, disse:

– Clotaldo, vós me afrontastes ao manterdes este tesouro oculto de mim por tantos anos; mas vendo-o entendo que a cobiça vos tenha movido; estais obrigado a restituí-lo a mim, porque é meu de direito.<sup>5</sup>

– Senhora – respondeu Clotaldo –, Vossa Majestade tendes toda razão no que diz; confesso minha culpa, se culpa é haver guardado este tesouro para que alcançasse a perfeição que convinha, para então se apresentar ante os olhos de Vossa Majestade. E agora, perfeito como está, pensava trazê-lo aprimorado pedindo licença a Vossa Majestade para que Isabela fosse esposa de meu filho Ricaredo, e dar-vos com os dois, excelsa majestade, tudo quanto posso vos dar.

– Até o nome me alegra – respondeu a rainha. – Faltava apenas chamar-se Isabela, a Espanhola, para que não houvesse mais perfeição que desejar nela. Mas atenção, Clotaldo, pois sei que a prometestes a vosso filho sem minha licença.

– É verdade, senhora – respondeu Clotaldo –, mas foi confiando que os muitos e relevantes serviços que eu e meus antepassados prestamos a esta Coroa alcançariam de Vossa Majestade outras

mercês mais difíceis que as desta licença; sem falar que meu filho ainda não se casou.

– Nem se casará com Isabela – disse a rainha – até que por si mesmo a mereça. Quero dizer que não quero que, para isso, lhe sirvam de vantagem vossos serviços nem de vossos antepassados; ele por si mesmo deve se dispor a me servir e a merecer esta prenda, que já a quero como se fosse minha filha.

Mal ouviu esta última palavra, Isabela caiu de novo de joelhos diante da rainha, dizendo em castelhano:

– As desgraças que tais compensações trazem, sereníssima senhora, serão tidas por felicidades antes que por desventuras. Vossa Majestade já me chamou de filha; depois de tal dádiva, que males poderei temer ou que bens não poderei esperar?

Com tanta graça e desenvoltura Isabela dizia o que dizia que a afeição da rainha por ela chegou ao extremo, e então a rainha ordenou que ficasse a seu serviço, e a entregou a uma grande dama, sua camareira-mor, para que lhe ensinasse o modo de viver na corte.

Ricaredo, que se viu sem vida ao ficar sem Isabela, esteve a pique de perder o juízo; e assim, tremendo e assustado, foi se pôr de joelhos diante da rainha, a quem disse:

– Para servir a Vossa Majestade não é necessário incitar-me com outros prêmios além daqueles que meus pais e meus antepassados alcançaram ao servir a seus reis, mas como Vossa Majestade quer que eu a sirva com novos desejos e pretensões, gostaria de saber de que modo e em que atividade poderei mostrar que cumpro com a obrigação que Vossa Majestade me designa.

– Estão para partir dois navios corsários, de que nomeei comandante o barão de Lansac – respondeu a rainha. – Eu vos faço capitão de um deles, porque vossa linhagem me garante que suprirá a inexperiência de vossos poucos anos. E prestai atenção à mercê que vos faço, pois vos dou a oportunidade de que, não desmerecendo quem sois e servindo à vossa rainha, mostreis o valor de vossa inteligência e de vossa pessoa, e alcanceis o melhor prêmio que, em minha opinião, podeis desejar. Eu mesma serei a guardiã de Isabela, embora ela dê mostras de que sua honestidade será sua

verdadeira defesa. Ide com Deus, pois indo apaixonado, como imagino, grandes coisas espero de vossas façanhas. Feliz seria o rei guerreiro que tivesse em seu exército dez mil soldados apaixonados que esperam que o prêmio de suas vitórias seja possuir sua amada. Levantai-vos, Ricaredo, e vede se tendes ou quereis dizer algo a Isabela, porque vossa partida será amanhã.

Ricaredo beijou as mãos da rainha, agradecendo muito a mercê que lhe fazia, e em seguida foi se ajoelhar diante de Isabela, e querendo falar com ela não pôde porque ficou com um nó na garganta que lhe atou a língua, e as lágrimas lhe vieram aos olhos, e ele tentou dissimular o quanto lhe foi possível. Mas, apesar de tudo, nada disso ficou oculto aos olhos da rainha, pois ela disse:

– Não vos envergonheis de chorar, Ricaredo, nem vos considereis menos por ter dado neste transe mostras tão ternas de vosso coração, que uma coisa é lutar com os inimigos e outra se despedir de quem se ama muito. Isabela, abraçai Ricaredo e dai-lhe vossa bênção, que o sentimento dele bem merece.

Isabela, que estava surpresa e pasma ao ver a humildade e dor de Ricaredo, que a amava como seu esposo, não entendeu o que a rainha lhe ordenava, e começou a derramar lágrimas, tão sem pensar no que fazia e tão quieta e tão sem movimento algum que parecia que uma estátua de alabastro chorava. Essas emoções dos dois amantes, tão ternas e tão apaixonadas, fizeram muitos dos presentes verter lágrimas. Sem falar mais uma palavra e sem ter se dirigido a Isabela, Ricaredo – com Clotaldo e os que vinham com ele – fez uma reverência à rainha, e saíram todos da sala, cheios de compaixão, de despeito e de lágrimas.

Isabela ficou como órfã que acaba de enterrar seus pais, e com medo de que a nova senhora quisesse que mudasse os costumes em que a primeira a tinha criado. Enfim, ficou, e dali a dois dias Ricaredo se fez ao mar, preocupado com dois pensamentos que entre muitos outros o tinham fora de si. Um era considerar que lhe convinha realizar façanhas que o fizessem merecedor de Isabela e o outro, que não podia realizar nenhuma se houvesse de se comportar segundo as leis de Deus, que o impediam de desembainhar a espada contra católicos; e se não a desembainhasse, seria



descoberto como cristão ou tachado de covarde, e tudo isso redundava em prejuízo à sua vida e em obstáculo à sua pretensão. Mas, por fim, resolveu sacrificar à aspiração de apaixonado a que tinha de ser católico, e seu coração pedia ao céu que o pusesse em situações em que, sendo valente, pudesse ser católico, deixando a rainha satisfeita e Isabela, recompensada.

Os dois navios navegaram seis dias com vento favorável, seguindo a rota das ilhas Terceiras,<sup>6</sup> onde nunca faltam ou navios portugueses das Índias Orientais ou alguns procedentes das Ocidentais. E ao fim dos seis dias foram atingidos de lado por um forte vento que no oceano Atlântico não tem o mesmo nome que tem no Mediterrâneo, onde se chama meio-dia;<sup>7</sup> esse vento foi tão persistente e forte que, sem deixá-los chegar às ilhas, forçou-os a se dirigir a Espanha; e perto de sua costa, à entrada do estreito de Gibraltar, avistaram três navios, um poderoso e grande, e os outros dois pequenos. Ricaredo aproximou seu navio da nau capitânia, para saber de seu comandante se queria atacar os três navios; mas, antes que conseguisse chegar a ela, viu ser hasteado acima da gávea um estandarte negro e, aproximando-se mais, ouviu que tocavam clarins e trombetas roucas, sinais claros de que o comandante estava morto ou alguma pessoa nobre no navio. Com essa preocupação chegaram à distância de se poder falar, coisa que não tinham feito desde que saíram do porto. Gritaram da nau capitânia, dizendo que passasse o capitão Ricaredo para ela, porque o comandante havia morrido na noite anterior de uma apoplexia. Todos ficaram tristes, exceto Ricaredo, que se alegrou, mas não pela perda de seu comandante e sim por ver que ficava livre para comandar os dois navios, que esta tinha sido a ordem da rainha: faltando o comandante, Ricaredo devia assumir o posto. Com pressa, ele passou para a nau capitânia, onde encontrou uns que choravam pelo comandante morto e outros que se alegravam pelo vivo. Por fim, uns e outros reconheceram sua autoridade e o aclamaram como seu comandante com rápida cerimônia, não dando chance a outra coisa dois dos três navios que tinham avistado. Afastando-se do grande, aproximavam-se dos dois navios ingleses.

Logo perceberam ser galeras turcas, pelas meias-luas que traziam nas bandeiras, o que deu grande prazer a Ricaredo, parecendo-lhe que aquela presa, se o céu a concedesse, seria considerável, sem haver ofendido a nenhum católico. As duas galeras turcas se aproximaram para observar os navios ingleses, que não traziam insígnias da Inglaterra, mas da Espanha, para enganar os que se aproximavam, pensando que não se tratava de navios piratas. Os turcos acreditaram ser navios vindos das Índias e que os renderiam com facilidade. Foram se chegando pouco a pouco, e Ricaredo esperou de propósito até tê-los ao alcance de sua artilharia, que mandou disparar em tão boa hora que, com cinco balas, acertou no centro de uma das galeras com tanta fúria que a partiu ao meio. Em seguida adernou e começou a ir a pique sem salvação. A outra galera, vendo tamanho desastre, com muita pressa lhe atirou um cabo e a puxou para pôr sob o costado do navio grande; mas Ricaredo, que tinha os seus prontos e rápidos, e que recuavam e avançavam como se tivessem remos, ordenando recarregar toda a artilharia, foi seguindo-as até o navio, chovendo sobre elas uma infinidade de balas.

Os da galera atingida, logo que chegaram ao navio, abandonaram-na, e com pressa e agilidade procuraram se proteger no navio. Ricaredo, vendo que a galera incólume se ocupava com a rendida, caiu sobre ela com seus dois navios e, sem deixá-la girar nem se valer dos remos, botou-a num apuro, que os turcos aproveitaram para se refugiar no navio, não para se defender, mas para salvar por ora sua vida.

Os cristãos da tripulação das galeras, arrancando os grilhões e arrebetando as correntes, misturados com os turcos, também se recolheram ao navio e, como iam subindo por sua amurada, eram um alvo fácil para os tiros dos arcabuzes disparados dos navios; mas apenas os turcos eram atingidos, pois Ricaredo ordenou que não atirassem mais nos cristãos. Dessa maneira, a maioria dos turcos foi morta, e os que entraram no navio foram feitos em pedaços pelos cristãos que haviam se misturado com eles e se aproveitado de suas próprias armas, porque a força dos valentes, quando eles caem, passa para a fraqueza dos que se levantam. E assim, com o ardor

que os cristãos sentiam ao pensar que os navios ingleses eram espanhóis, fizeram maravilhas por sua liberdade. Por fim, tendo matado quase todos os turcos, alguns espanhóis ficaram na borda do navio, e com grandes brados chamaram os que pensavam ser espanhóis para que viessem desfrutar do prêmio da vitória.

Ricaredo lhes perguntou em espanhol que navio era aquele. Responderam que vinha da Índia de Portugal, carregado de especiarias, e com tantas pérolas e diamantes que valia mais de um milhão em ouro, e que com a tempestade tinha vindo parar naquele lugar, todo destruído e sem artilharia porque as pessoas, doentes e quase mortas de sede e de fome, haviam-na atirado ao mar, e que aquelas duas galeras, que eram do pirata Arnaute Mami,<sup>8</sup> um dia antes as tinham rendido sem que pudessem se defender, e que, pelo que tinham ouvido dizer, por não poderem os piratas passar tanta riqueza para seus dois baixéis, levavam-no a reboque para meterem-no no rio de Larache, que ficava próximo dali.

Ricaredo respondeu que se eles pensavam que aqueles dois navios eram espanhóis se enganavam, que eram da senhora rainha da Inglaterra. Essa notícia deu o que pensar e o que temer aos que a ouviram, achando, como era natural que achassem, que de um laço haviam caído em outro. Mas Ricaredo lhes disse que não temessem nenhum mal, e que estivessem certos de sua liberdade, desde que não se defendessem.

– Não é possível nos defender – responderam –, porque, como já dissemos, este navio não tem artilharia nem nós temos armas; de modo que nos é forçoso aceitar a gentileza e generosidade de vosso comandante. Será justo que quem nos libertou do insuportável cativeiro dos turcos leve adiante tão grande mercê e benefício aonde chegar a notícia desta memorável vitória e de sua generosidade, mais esperada que temida por nós.

Não pareceram ruins a Ricaredo as palavras do espanhol e, chamando para um conselho os de seu navio, perguntou como faria para enviar todos os cristãos para a Espanha sem se arriscar a algum desastre sinistro, caso, por serem tantos, tivessem coragem de se rebelar. Alguns opinaram que mandasse passá-los para seu

navio, um por um, e assim, à medida que fossem entrando, debaixo da coberta, matá-los. Depois, com todos mortos, levar o grande navio a Londres sem temor nem preocupação.

A isso, Ricaredo respondeu:

– Como Deus nos fez uma grande mercê ao nos dar tanta riqueza, não quero lhe retribuir com ânimo cruel e mal-agradecido, nem é bom que o que posso solucionar com astúcia solucione com a espada. Assim, sou de opinião que não se mate nenhum desses católicos, não porque os queira bem, mas porque quero a mim muito bem, e gostaria que esta façanha de hoje, em que fomos companheiros, não desse nem a mim nem a vós, misturado à fama de valentes, o renome de cruéis, porque a crueldade nunca combinou com a valentia. O que devemos fazer é passar toda a artilharia de um destes navios para o grande navio português, sem deixar no navio outras armas nem outra coisa além das provisões, e mantendo o navio perto de nossa gente o levaremos à Inglaterra, e os espanhóis irão para a Espanha.

Ninguém ousou contradizer o que Ricaredo havia proposto, e alguns o consideraram valente e magnânimo, além de ter bom entendimento; outros o julgaram, em seu coração, mais católico do que devia. Resolvido isso, portanto, Ricaredo passou com cinquenta arcabuzeiros para o navio português, todos alertas e com as mechas acesas.<sup>9</sup> Encontrou no navio quase trezentas pessoas, das que haviam escapado das galeras. Em seguida pediu o registro do navio,<sup>10</sup> e lhe respondeu aquele mesmo homem que lhe falara da primeira vez na borda do navio: o registro tinha sido levado pelo pirata dos baixéis, que depois havia se afogado com ele. Na mesma hora ajeitou a polia, e, encostando seu segundo baixel ao grande navio, com surpreendente rapidez e à força de fortíssimos cabrestantes, passaram a artilharia do pequeno baixel ao navio português. Depois, fazendo um breve discurso aos cristãos, ordenou que passassem para o baixel desocupado, onde acharam mantimentos em abundância para mais de um mês e para mais gente; e assim que iam embarcando deu a cada um quatro escudos espanhóis de ouro, que mandou trazer de seu navio, para remediar

em parte as necessidades deles quando chegassem em terra, que estava tão próxima que se avistavam as altas montanhas de Abila e Calpe. Todos lhe agradeceram inúmeras vezes pela mercê que lhes fazia, e o último que ia embarcar foi aquele que havia falado pelos demais, e lhe disse:

– Eu seria mais feliz, valoroso cavaleiro, se me levasses contigo para a Inglaterra que me enviando para a Espanha, porque, embora seja minha pátria e não tenha partido senão há seis dias, não devo encontrar nela outra coisa que não seja motivos para tristezas e solidões. Saiba, senhor, que no saque de Cádiz, que aconteceu há uns quinze anos, perdi uma filha que os ingleses devem ter levado para a Inglaterra, e com ela perdi o descanso de minha velhice e a luz de meus olhos, pois, desde que deixaram de vê-la, nunca viram coisa que lhes desse prazer. O profundo descontentamento em que me deixaram sua perda e a de meus bens, que também me faltaram, pôs-me de tal modo que nem quis nem pude mais me dedicar ao comércio, atividade que havia me levado a pensar que era o mais rico mercador de toda a cidade, o que era verdade, por sinal, pois além do crédito que eu tinha, que passava de muitas centenas de milhares de escudos, meus bens valiam, dentro das portas de minha casa, mais de cinquenta mil ducados. Perdi tudo, mas não teria perdido nada se não houvesse perdido minha filha. Depois dessa desgraça geral, e tão particular para mim, a necessidade veio me acoisar, até o ponto em que, não podendo resistir a ela, eu e minha mulher, que é aquela pobre que está sentada ali, decidimos ir para as Índias, refúgio comum dos nobres empobrecidos. E, tendo embarcado com o navio de aviso<sup>11</sup> há seis dias, à saída de Cádiz topamos com estes dois baixéis piratas, e nos prenderam, renovando-se assim nossa desgraça e se confirmando nossa desventura. E teria sido maior se os piratas não tivessem tomado aquele navio português, que os manteve ocupados até haver acontecido o que o senhor viu.

Ricaredo perguntou como se chamava sua filha. Respondeu que Isabel. Com isso, Ricaredo acabou de confirmar a suspeita de que aquele que lhe falava era o pai de sua querida Isabela. E sem dar

nenhuma notícia dela, disse que com muita boa vontade levaria ele e sua mulher para Londres, onde talvez tivesse notícias da filha que procuravam. Mandou que passassem para a nau capitânia, deixando marinheiros e guardas suficientes no navio português.

Naquela noite içaram velas, com pressa de se afastar da costa da Espanha, por causa do navio dos prisioneiros livres – entre os quais também iam uns vinte turcos, a quem Ricaredo também libertou, para dar a entender que se mostrava generoso mais por sua boa índole e ânimo elevado que forçado pelo amor que sentia pelos católicos; ele pediu ainda aos espanhóis que, na primeira ocasião que surgisse, soltassem os turcos, que também se mostraram agradecidos a ele.

O vento, que dava sinais de ser favorável e duradouro, começou a acalmar um pouco; essa calma levantou uma tormenta de medo nos ingleses, que culpavam Ricaredo e sua generosidade, dizendo a ele que os libertos podiam relatar o fato na Espanha, e que se por acaso houvesse galeotes da armada no porto podiam sair em seu encalço e botá-los num aperto, e em situação de se desgraçarem. Ricaredo bem sabia que tinham razão, mas, vencendo-os todos com bons argumentos, tranquilizou-os; o que mais os acalmou, porém, foi o vento, que soprou forte de novo, e assim, a todo pano, dentro de nove dias se acharam à vista de Londres, e quando chegaram a ela, vitoriosos, completavam trinta de ausência.

Ricaredo não quis entrar no porto dando mostras de alegria, por causa da morte do comandante, e assim misturou alegria e tristeza. Umaz vezes soavam clarins contentes, outras, trombetas roucas; umas tocavam tambores em ritmos alegres e comovidos, a que, com sinais tristes e lamentosos, respondiam os pífaros; de uma gávea pendia, posta ao contrário, uma bandeira semeada de meias-luas; em outra se via um longo estandarte de tafetá negro, cujas pontas beijavam a água. Por fim, com esses sinais tão contraditórios entrou no rio de Londres com seu navio, porque o navio português não teve calado suficiente, de modo que ficou na costa.

Esses sinais tão contraditórios mantinham todos os que olhavam da margem imensamente confusos. Bem que reconheceram por umas insígnias que aquele barco menor era a nau capitânia do barão

de Lansac, mas não podiam compreender como o outro barco havia sido trocado por aquele poderoso navio que ficara no mar; mas a dúvida se desfez quando o valoroso Ricaredo saltou para o bote, usando sua armadura completa, rica e resplandecente, e a pé, sem esperar outro acompanhamento além da multidão de pessoas do povo que o seguia, foi até o palácio, onde a rainha, num terraço, estava à espera de que lhe trouxessem a notícia dos navios.

Isabela estava com a rainha e com as outras damas, vestida à moda inglesa, e parecia tão bem como à moda castelhana. Antes que Ricaredo chegasse, um mensageiro deu à rainha as novas da vinda dele. Isabela se alvoroçou, ouvindo o nome de Ricaredo, e naquele instante temeu e esperou coisas boas e ruins.

Ricaredo era alto, elegante e bonito. E como vestia a couraça, gorjal, braceleira e escarcela, com armas milanesas de onze vistas, gravadas e douradas,<sup>12</sup> parecia admirável a quem o olhava; não lhe cobria a cabeça elmo algum, mas um chapéu de aba larga, fulvo, com grande diversidade de penas que lhe rodeavam a copa; a espada, longa; o talim, precioso; as calças, à moda suíça. Com esse adorno, e com os passos briosos que dava, houve quem o comparasse a Marte, deus das batalhas, e outros, encantados com a formosura de seu rosto, dizem que o compararam a Vênus, que para zombar de Marte havia se disfarçado daquele modo. Enfim, ele chegou diante da rainha. Ajoelhando-se, disse a ela:

– Excelsa majestade, em razão de vossa ventura e da realização de meu desejo, depois de ter morrido de uma apoplexia o comandante de Lansac, ficando eu em seu posto, graças à vossa generosidade, deparou-me a sorte duas galeras turcas que levavam a reboque aquele grande navio que se vê ali. Ataquei-as; vossos soldados lutaram como sempre e botaram a pique os baixéis dos piratas; num dos nossos, em vosso real nome, dei liberdade aos cristãos que escaparam do poder dos turcos; trouxe comigo somente um homem e uma mulher espanhóis, que vieram pela própria vontade ver vossa grandeza. Aquele navio é dos que vêm da Índia de Portugal, e devido a uma tempestade caiu em poder dos turcos que, com pouco trabalho, ou digamos melhor, sem trabalho algum, o

renderam, e, segundo disseram alguns portugueses que vinham nele, passa de um milhão em ouro o valor das especiarias e de outras mercadorias, como pérolas e diamantes. Não se tocou em coisa alguma, nem nós nem os turcos, porque o céu dedicou tudo, e eu o mandei guardar, a Vossa Majestade, que com apenas uma joia que me dê ficarei em dívida de outros dez navios. Vossa Majestade já me prometeu esta joia, pois é minha boa Isabela. Com ela ficarei rico e recompensado, não só por esse serviço, seja ele qual for, que a Vossa Majestade fiz, mas por muitos outros que penso fazer para pagar alguma parte do todo quase infinito que nessa joia Vossa Majestade me oferece.

– Levantai-vos, Ricaredo – respondeu a rainha –, e acreditai-me que se houvesse de vos dar Isabela por prêmio, segundo eu a estimo, não poderíeis pagar nem com o que traz esse navio nem com o que ficou nas Índias. Eu vos dou Isabela porque vos prometi e porque ela é digna de vós e vós dela; apenas vossa coragem a merece. Se vós haveis guardado as joias do navio para mim, eu guardei vossa joia para vós. E embora vos pareça que não faço grande coisa ao vos devolver o que é vosso, sei que vos faço grande mercê com isso, porque as joias que se compram com os desejos e têm sua avaliação feita pela alma do comprador valem o mesmo que uma alma, pois não há na Terra outro valor com que avaliá-la. Isabela é vossa, olhai-a ali; quando quiserdes, podeis tê-la, e penso que será com sua concordância, porque é sensata e saberá apreciar a amizade que lhe dedicareis; digo amizade, pois não quero dizer que fiz um favor a ela, porque quero me destacar com a fama de que apenas eu posso fazer favores. Ide descansar e vinde me ver amanhã, pois quero ouvir vossas façanhas mais detalhadamente. E trouxe esses dois que quiseram me ver por sua própria vontade, pois quero lhes agradecer.

Ricaredo lhe beijou as mãos pelas muitas mercês que lhe fazia. A rainha entrou numa sala e as damas rodearam Ricaredo, e uma delas, que havia se tornado grande amiga de Isabela, chamada senhora Tansi, tida como a mais perspicaz, desenvolta e espirituosa de todas, disse a Ricaredo:



– O que é isto, senhor Ricaredo, todo de armadura? Pensáveis por acaso que viríeis lutar com vossos inimigos? Mas a verdade é que aqui somos todas vossas amigas, a não ser a senhora Isabela, que, como espanhola, tem obrigação de não vos ver com boa vontade.

– Ela deve se lembrar de me ter alguma, senhora Tansi, pois desde que eu esteja em sua memória – disse Ricaredo –, sei que a vontade será boa, porque não pode caber em seu grande valor e inteligência e rara formosura a fealdade de ser ingrata.

Ao que Isabela respondeu:

– Senhor Ricaredo, como hei de ser vossa, tendes o direito de exigir de mim toda satisfação que quiserdes para vos recompensar pelos elogios que me fizestes e das mercês que pensais me fazer.

Essas e outras honestas palavras Ricaredo trocou com Isabela e com as damas, entre as quais havia uma donzela de pouca idade, que não fez mais nada que olhar Ricaredo enquanto ele esteve ali. Erguia-lhe as escarcelas para ver o que havia embaixo, apalpava a espada, e com simplicidade de criança queria que a armadura lhe servisse de espelho, aproximando-se para olhar bem de pertinho; e, quando ele foi embora, ela disse, virando-se para as damas:

– Agora, senhoras, eu imagino que a guerra deve ser coisa belíssima, pois mesmo entre mulheres parecem bem os homens de armadura.

– E como parecem! – respondeu a senhora Tansi. – Se não, olhai Ricaredo, que não parece senão que o Sol baixou à Terra, e com aquele traje vai caminhando pela rua.

Todas riram das palavras da donzela e da comparação disparatada de Tansi, e não faltaram mexeriqueiros que consideraram impertinência de Ricaredo vir de armadura ao palácio, embora tenha sido desculpado por outros que disseram que, como soldado, podia fazer isso, para mostrar seus belos adornos.

Ricaredo foi recebido por seus pais, amigos, parentes e conhecidos com afetuosas demonstrações de amor. Naquela noite, toda a Londres festejou sua bela vitória.

Os pais de Isabela já estavam na casa de Clotaldo, a quem Ricaredo havia dito quem eram, pedindo, porém, que não lhes desse

notícia nenhuma de Isabela até que ele mesmo lhes falasse. A senhora Catalina, sua mãe, foi avisada, e todos os criados e criadas de sua casa. Naquela mesma noite, com muitos baixéis, lanchas e barcos, e com não menos olhos que o contemplavam, começaram a descarregar o grande navio, que em oito dias não acabou de dar muita pimenta e outras riquíssimas mercadorias que trazia encerradas em seu ventre.

No dia seguinte, Ricaredo foi ao palácio, levando consigo o pai e a mãe de Isabela, vestidos pela primeira vez à moda inglesa, dizendo-lhes que a rainha queria vê-los. Chegaram todos aonde a rainha estava em meio de suas damas, esperando Ricaredo, a quem quis lisonjear e favorecer com a presença de Isabela, vestida com aquele mesmo traje que usava na primeira visita, mostrando-se não menos formosa agora que então. Os pais de Isabela ficaram surpresos e admirados ao ver tanta nobreza e elegância juntas. Puseram os olhos em Isabela e não a reconheceram, embora o coração, pressentindo o bem que estava tão próximo, tenha começado a bater no peito não com alarme que os entristecesse, mas com um não sei quê de prazer, que eles não conseguiram entender. A rainha não permitiu que Ricaredo ficasse de joelhos diante dela; pelo contrário, fez com que se levantasse e sentasse num tamborete, que estava ali apenas para isso, mercê inusitada para o altivo temperamento da rainha. E alguém disse a alguém:

– Hoje Ricaredo não senta na cadeira que lhe deram, mas na pimenta que trouxe.

Outro chegou e disse:

– Agora se verifica o que comumente se diz, que presentes quebram pedras, pois os que Ricaredo trouxe abrandaram o coração duro de nossa rainha.

Outro acrescentou ainda:

– Agora que está tão bem sentado, muitos vão querer desbancá-lo.

Realmente, depois daquela primeira honra que a rainha fez a Ricaredo, a inveja se aproveitou para nascer no peito de muitos daqueles que o estavam olhando; porque não há mercê que o príncipe faça a seu favorito que não seja uma lança que atravessa o

coração do invejoso. A rainha quis saber detalhadamente de Ricaredo como a batalha havia acontecido com os baixéis dos piratas. Ele a contou de novo, atribuindo a vitória a Deus e aos braços valorosos de seus soldados, elogiando a todos juntos e particularizando alguns feitos de alguns que haviam se destacado mais, com o que obrigou a rainha a recompensar a todos, especialmente os citados por Ricaredo; e quando relatou que havia libertado turcos e cristãos, em nome de Sua Majestade, disse:

– Essa mulher e esse homem que estão ali – e apontou os pais de Isabela – são aqueles de quem falei ontem à Vossa Majestade. Com o desejo de ver vossa grandeza, encarecidamente me pediram que os trouxesse comigo; eles são de Cádiz e, pelo que me contaram, e pelo que vi e percebi neles, sei que são pessoas nobres e de valor.

A rainha ordenou que se aproximassem. Isabela ergueu os olhos para olhar os que diziam ser espanhóis, mais ainda, de Cádiz, com o desejo de saber se por acaso conheciam seus pais. Assim que Isabela ergueu os olhos, pousaram nela os de sua mãe, que parou de andar para olhá-la mais atentamente, e na memória de Isabela começaram a despertar umas lembranças confusas que queriam lhe dar a entender que em outro tempo ela havia visto aquela mulher que tinha diante de si. Seu pai estava na mesma confusão, sem ousar dar crédito à verdade que seus olhos lhe mostravam. Ricaredo estava muito atento aos sentimentos e às reações das três almas hesitantes e perplexas, que estavam tão confusas, sem saber se se conheciam ou não. A rainha percebeu a indecisão dos dois e também a inquietação de Isabela, porque a viu suar frio e levantar as mãos muitas vezes para ajeitar o cabelo.

Nesse ponto, Isabela desejava que falasse aquela que pensava ser sua mãe: talvez os ouvidos a tirassem da dúvida em que seus olhos a tinham posto. A rainha disse a Isabel que perguntasse em espanhol àquela mulher e àquele homem que causa os havia movido a não querer desfrutar da liberdade que Ricaredo lhes havia dado, sendo a liberdade a coisa mais amada, não só por quem faz uso da razão, mas mesmo pelos animais que carecem dela.

Isabela perguntou tudo isso à sua mãe, que, sem lhe responder uma palavra, sem moderação e meio tropeçando, se aproximou dela e, sem dar atenção a cortesia, temores, nem delicadezas cortesãs, levou a mão à orelha direita de Isabela e descobriu uma pinta negra que ela tinha ali, e esse sinal acabou de confirmar sua suspeita. E, vendo claramente que Isabela era sua filha, abraçou-a e, em voz muito alta, disse:

– Ó filha do meu coração! Ó preciosa joia da minha alma!

E, sem poder seguir adiante, caiu desmaiada nos braços de Isabela.

Seu pai, não menos terno que prudente, demonstrou seus sentimentos não com outras palavras, mas derramando lágrimas que, quietamente, banharam seu venerável rosto e barbas. Isabela colou seu rosto no da mãe e, virando os olhos para o pai, de tal maneira o olhou que lhe deu a entender o prazer e o desgosto que sua alma sentia de vê-los ali. A rainha, admirada com o acontecimento, disse a Ricaredo:

– Eu penso, Ricaredo, que vossa sagacidade preparou este encontro, mas não se diga que foi acertado, pois sabemos que tanto costuma matar uma alegria súbita quanto uma tristeza.

E, dizendo isso, virou-se para Isabela e a afastou de sua mãe, que voltou a si depois que a filha lhe jogou água no rosto, e um pouco mais lúcida, de joelhos diante da rainha, disse:

– Perdoa-me Vossa Majestade meu atrevimento, pois não é muito perder os sentidos com a alegria de encontrar esta criatura amada.

A rainha respondeu que ela tinha razão, com Isabela lhe servindo de intérprete. Como se relatou, dessa maneira Isabela reconheceu seus pais, e seus pais a ela; a rainha mandou que eles ficassem no palácio para que pudessem ver sua filha com mais calma e falar e se alegrar com ela, do que Ricaredo muito gostou, e de novo pediu à rainha o cumprimento da palavra que lhe havia dado de casá-lo, se é que por acaso merecia Isabela; e se não a merecesse, suplicava que o mandasse de uma vez se ocupar de coisas que o tornassem digno de alcançar o que desejava. A rainha entendeu muito bem que Ricaredo estava satisfeito consigo mesmo e com seu grande valor,

que não havia necessidade de novas provas para qualificá-lo; e assim disse a ele que dali a quatro dias lhe entregaria Isabela, fazendo aos dois a honra que a ela fosse possível.

Depois disso, Ricaredo se despediu, contentíssimo com a esperança de ter logo Isabela em seu poder, sem medo de perdê-la, que é o último desejo dos amantes.

Correu o tempo, mas não com a rapidez que Ricaredo queria, pois os que vivem com esperanças de promessas vindouras sempre imaginam que o tempo não voa mas que anda sobre os pés da própria preguiça. Finalmente chegou o dia; não, porém, em que Ricaredo pensou pôr fim a seus desejos, mas de encontrar em Isabela graças novas que o levassem a amá-la mais, se mais fosse possível. Mas naquele breve tempo, quando ele pensava que o navio de sua boa estrela navegava com vento favorável até o porto desejado, a sorte adversa levantou no mar tamanha tempestade que mil vezes temeu naufragar.

O caso foi que a camareira-mor da rainha, encarregada de Isabela, tinha um filho de vinte e dois anos de idade, chamado conde Arnesto. Sua alta posição, a nobreza de sua linhagem, a grande deferência que a rainha tinha por sua mãe faziam-no mais arrogante, altivo e presunçoso que o devido. Esse Arnesto, enfim, apaixonou-se por Isabela tão ardentemente que, na luz dos olhos de Isabela, tinha a alma inflamada; ainda que houvesse revelado seu desejo com alguns indícios, no tempo em que Ricaredo estivera ausente, nunca foi acolhido por Isabela. Embora a aversão e os desdêns no princípio dos amores costumem fazer os amantes desistirem da aventura, em Arnesto tiveram o efeito contrário os muitos e evidentes desdêns de Isabela, porque o jovem ardia com seu próprio ciúme e se inflamava com o recato dela. E como viu que Ricaredo, conforme opinião da rainha, tinha merecido Isabela e que em tão pouco tempo havia de entregá-la por mulher, quis se suicidar; mas, antes de chegar a tão infame e covarde solução, falou com sua mãe, dizendo-lhe que pedisse à rainha que lhe desse Isabela por esposa; se não, podia acreditar que a morte estava batendo nas portas de sua vida. A camareira ficou pasma com as palavras do filho e, como conhecia a violência de seu caráter

temerário e a tenacidade com que os desejos se colavam à sua alma, temeu que seus amores haveriam de acabar em algum grande desastre. Contudo, como mãe, a quem é natural desejar e procurar o bem de seus filhos, prometeu falar com a rainha, não com esperança de alcançar dela o impossível, a quebra de sua palavra, mas para não se desiludir antes de tentar um último remédio.

E, naquela manhã, estando Isabela vestida, por ordem da rainha, tão ricamente que esta pena não se atreve a descrever, e havendo a própria rainha posto em seu pescoço um colar das melhores pérolas que o navio trouxera (avaliadas em vinte mil ducados) e posto ainda um anel com um diamante que se avaliou em seis mil escudos, e estando agitadas as damas por causa da festa de casamento que esperavam, entrou a camareira-mor para falar com a rainha, e de joelhos lhe suplicou que suspendesse o casamento de Isabela por outros dois dias, que com apenas esse favor que Sua Majestade lhe fizesse se daria por satisfeita e paga por todos os favores que merecia e esperava por seus serviços.

Antes de mais nada a rainha quis saber por que lhe pedia, com tanta veemência, algo que ia tão frontalmente contra a palavra que tinha dado a Ricaredo, mas a camareira não quis dizer até que ela lhe concedeu o que pedia, tanto desejo tinha a rainha de saber a causa daquela solicitação. E assim, depois que a camareira alcançou o que por ora desejava, contou à rainha os amores de seu filho, e como temia que, se não lhe dessem Isabela por mulher, haveria de se suicidar ou fazer algum gesto escandaloso; e que se havia pedido aqueles dois dias era para que Sua Majestade pudesse pensar que meio seria adequado e conveniente para solucionar a situação de seu filho.

A rainha disse que, se não tivesse empenhado sua real palavra, acharia saída em enredo tão emaranhado, mas que não a quebraria nem frustraria por nada no mundo as esperanças de Ricaredo. A camareira deu essa resposta a seu filho, que, sem se deter um instante, ardendo de amor e de ciúme, botou sua armadura e, montado num forte e formoso cavalo, apresentou-se diante da casa de Clotaldo, e em grandes brados pediu que Ricaredo aparecesse na janela. Naquele momento, ele estava vestido para o casamento, de

saída para o palácio com o acompanhamento que o ato requeria, mas ao ouvir os brados e ficar sabendo quem os dava e de que modo vinha, com algum temor foi até a janela. E Arnesto, mal o viu, disse:

– Ricaredo, ouve o que quero te dizer. A rainha, minha senhora, ordenou que fosses servi-la e empreender façanhas que te fizessem merecedor da sem-par Isabela. Tu foste e voltaste com os navios carregados de ouro, com o que pensas ter comprado e merecido Isabela; e, embora a rainha, minha senhora, tenha te prometido Isabela, e, foi acreditando que não há ninguém em sua corte que a sirva melhor, nem que com melhor título mereça esse casamento, e bem pode ter se enganado nisso; e, assim, sou de opinião, que considero verdade comprovada, de que tu não fizeste coisas que te deem direito a merecer Isabela, nem poderás fazer nenhuma que a tamanho bem te elevem; e em razão de não a mereceres, se quiseres me contradizer, te desafio a um duelo de morte.

O conde se calou, e dessa maneira lhe respondeu Ricaredo:

– De maneira alguma me compete aceitar vosso desafio, senhor conde, porque eu confesso não só que não mereço Isabela, como que não a merece nenhum dos homens que vivem no mundo; de modo que, confessando eu o que dizeis, de novo afirmo que vosso desafio não me diz respeito; mas eu o aceito pelo atrevimento que tivestes de me desafiar.

Dito isso, saiu da janela e, apressado, pediu suas armas. Agitaram-se seus parentes e todos aqueles que tinham vindo para acompanhá-lo ao palácio. Dentre as muitas pessoas que haviam visto o conde Arnesto de armadura e ouvido o desafio, não faltou alguém que fosse contar para a rainha, que mandou o capitão da guarda prender o conde. O capitão se apressou tanto que chegou no instante em que Ricaredo saía de casa, montando um belo cavalo, com a armadura que havia usado ao desembarcar.

Quando o conde viu o capitão, logo imaginou por que vinha e resolveu não se deixar prender. Então, elevando a voz contra Ricaredo, disse:

– Já vê, Ricaredo, o obstáculo que surgiu. Se tiveres vontade de me castigar, tu me buscarás, e eu, com a vontade que tenho de

te castigar, também te procurarei. Como dois que se procuram facilmente se acham, deixemos por ora a execução de nossos desejos.

– Estou de acordo – respondeu Ricaredo.

Nisso chegou o capitão com toda a sua guarda e disse ao conde que estava preso em nome de Sua Majestade. O conde respondeu que se entregava, mas não para que o levassem a outro lugar que não à presença da rainha. O capitão concordou com isso e, pondo-o entre os guardas, levou-o ao palácio diante da rainha, que já tinha sido informada por sua camareira do grande amor que seu filho tinha por Isabela, e com lágrimas havia suplicado à rainha que perdoasse o conde, pois, como moço e apaixonado, a maiores erros estava sujeito.

Arnesto chegou diante da rainha. Ela, sem falar com ele, ordenou que lhe tirassem a espada e o levassem preso a uma torre.

Todas essas coisas atormentaram o coração de Isabela e de seus pais, que tão rápido viam embravecer o mar de seu sossego. A camareira aconselhou a rainha, para prevenir o mal que podia acontecer entre seus parentes e os de Ricaredo, que eliminasse a causa do problema, que era Isabela, enviando-a para a Espanha, e assim cessariam os efeitos que deviam temer, acrescentando a essas palavras que Isabela era católica, e tão cristã que nenhum de seus argumentos, que haviam sido muitos, tinham-na persuadido a abandonar suas intenções católicas. A rainha respondeu que por isso mesmo a estimava mais, pois tão bem sabia guardar a fé que seus pais lhe haviam ensinado, e que esquecesse isso de enviá-la à Espanha, porque sua formosa presença e suas muitas graças e virtudes lhe davam muito prazer, e que, sem dúvida, se não naquele dia, em outro ia dá-la a Ricaredo como esposa, como tinha prometido.

Com essa decisão da rainha, a camareira ficou tão desconsolada que não respondeu uma palavra. E pensando o que já havia considerado, que, se não era tirando Isabela do caminho, não havia modo algum de que a rigorosa situação de seu filho melhorasse nem pudesse haver paz com Ricaredo, resolveu fazer uma das maiores crueldades que jamais coube nos pensamentos de uma mulher, e



tão nobre como ela era. Essa decisão foi matar Isabela com veneno; e, como em geral seja do temperamento das mulheres serem rápidas e determinadas, naquela mesma tarde a camareira envenenou Isabela com uma conserva que lhe deu, dizendo ser boa contra as angústias do coração.

Pouco tempo depois de ter comido a conserva, começaram a inchar a língua e a garganta de Isabela, e os lábios a ficar enegrecidos, e a voz a enrouquecer, a se turvarem seus olhos e seu peito se oprimir – todos sinais conhecidos de envenenamento. As damas correram para a rainha, contando o que acontecia e garantindo que a camareira havia cometido aquele crime. Não foi preciso muito para que a rainha acreditasse; e então foi ver Isabela, que já quase tinha expirado.

Com pressa, a rainha mandou chamar seus médicos e, enquanto eles não vinham, ordenou que dessem a Isabela grande quantidade de pó de unicórnio,<sup>13</sup> com muitos outros antídotos que os grandes príncipes costumam ter para semelhantes adversidades. Chegaram os médicos, e reforçaram os remédios, e pediram à rainha que fizesse a camareira dizer que tipo de veneno havia dado a Isabela, pois não se tinha dúvida de quem havia cometido o crime. Ela confessou, e com essa informação os médicos aplicaram tantos e tão eficazes remédios que, com eles e com a ajuda de Deus, Isabela não perdeu a vida ou, pelo menos, ficou com esperança de mantê-la.

A rainha ordenou que prendessem a camareira e a encerrassem num quarto pequeno do palácio, com intenção de castigá-la como seu delito merecia, apesar de ela se desculpar dizendo que ao matar Isabela fazia um sacrifício ao céu, eliminando da terra uma católica e com ela a oportunidade de mais problemas para seu filho.

Essas tristes notícias, ouvidas por Ricaredo, quase o levaram a perder o juízo, tais eram as coisas que fazia e os lamentos com que se queixava. Mas Isabela não perdeu a vida; em troca dela, porém, a natureza a deixou sem sobrancelhas, pestanas e sem cabelos, o rosto inchado, a pele deteriorada e flácida, e os olhos lacrimosos. Enfim, ficou tão feia, que como até ali havia parecido um milagre de formosura, agora parecia um monstro de fealdade. Os que a

conheciam consideravam maior desgraça haver ficado daquele jeito que ter morrido envenenada. Contudo, Ricaredo pediu-a à rainha, e suplicou que deixasse levá-la para casa, porque o amor que tinha por Isabela passava do corpo para a alma; e que se Isabela havia perdido sua beleza, não podia ter perdido suas infinitas virtudes.

– É verdade – disse a rainha. – Levai-a, Ricaredo, e fazei de conta que levais uma riquíssima joia encerrada numa caixa tosca de madeira; Deus sabe que gostaria de vos dá-la como a entregastes a mim, mas, como não é possível, perdoai-me; talvez o castigo que darei a quem cometeu tamanho delito satisfará um pouco vosso desejo de vingança.

Ricaredo disse muitas coisas à rainha, desculpando a camareira e suplicando que a perdoasse, pois as desculpas que ela dava eram suficientes para perdoar insultos maiores. Por fim, entregaram-lhe Isabela e seus pais, e Ricaredo os levou para sua casa, digo, à de seus pais. Às ricas pérolas e aos diamantes, a rainha acrescentou outras joias e outras vestes, tão maravilhosas que revelaram o grande amor que tinha por Isabela. Esta permaneceu dois meses em sua fealdade, sem dar indício algum de poder recuperar sua antiga formosura; mas ao cabo desse tempo começou a perder aquela pele e a revelar seu belo rosto.

Nesse meio-tempo os pais de Ricaredo, considerando impossível que Isabela recuperasse sua aparência, resolveram mandar buscar a donzela da Escócia com quem tinham combinado casar Ricaredo antes de Isabela, e isso sem que ele o soubesse, não duvidando de que a formosura presente da nova esposa fizesse o filho esquecer a passada de Isabela, a quem pensavam mandar para a Espanha com seus pais, dando-lhes tantos bens e riquezas que recompensassem suas perdas passadas. Não passou mês e meio quando, sem conhecimento de Ricaredo, a nova esposa se apresentou a suas portas, com um séquito digno de sua condição, e tão formosa que, depois da Isabela de antes, não havia outra tão linda em toda a Londres.

Ricaredo se sobressaltou com a inesperada visita da donzela e temeu que o susto de sua vinda pudesse acabar com a vida de Isabela; e assim, para amainar esse temor, foi ao leito onde Isabela

estava e encontrou-a em companhia de seus pais, diante dos quais disse:

– Isabela de minha alma, meus pais, com o grande amor que têm por mim, sem saberem o quanto eu te amo ainda, trouxeram para casa uma donzela escocesa, com quem eles tinham combinado me casar antes que eu percebesse o que tu vales. E isso, penso, com a intenção de que a grande beleza dessa donzela apague a tua de minha alma, pois a tenho gravada nela. Desde o instante em que eu te amei, Isabela, foi com outro amor, diferente daquele que tem seu fim e meta na realização do apetite sensual; pois, embora a formosura de teu corpo tenha me cativado os sentidos, tuas infinitas virtudes me aprisionaram a alma, de modo que se te amei formosa, feia te adoro; e para confirmar essa verdade, dá-me essa mão.

Ela estendeu a mão direita, e ele, segurando-a com a sua, prosseguiu:

– Se a fé que meus pais cristãos me ensinaram não tem a firmeza que se requer, juro por aquela que o pontífice romano guarda, que é a que em meu coração professo, creio e tenho, e pelo Deus verdadeiro que está nos ouvindo, te prometo, Isabela, metade de minha alma, ser teu esposo, e o sou desde já se tu quiseres elevar-me à grandeza de ser teu.<sup>14</sup>

Isabela ficou surpresa com as palavras de Ricaredo, e seus pais, admirados e pasmos. Ela não soube o que dizer, nem fazer outra coisa que beijar muitas vezes a mão de Ricaredo e lhe dizer, com voz misturada com lágrimas, que ela o aceitava como seu e se entregava como sua escrava. Ricaredo beijou o rosto feio dela, não havendo tido jamais coragem de se aproximar dele quando era formoso.

Os pais de Isabela festejaram com ternas e muitas lágrimas a cerimônia de casamento. Ricaredo lhes disse que adiaria o casamento com a escocesa, que já estava na casa, da forma que eles veriam depois; e, quando seu pai quisesse enviar todos os três para a Espanha, não recusassem, mas fossem e o aguardassem em Cádiz ou em Sevilha por dois anos, dentro dos quais dava sua palavra de estar com eles, se o céu lhe concedesse tanto tempo de vida, e que, se passasse desse prazo, podiam ter certeza de que

algum grande obstáculo, ou a morte, que era o mais provável, havia se atravessado em seu caminho.

Isabela respondeu que o esperaria não apenas dois anos, mas todos aqueles de sua vida até ser informada de que Ricaredo perdera a dele, porque o instante em que soubesse disso seria o instante de sua morte. Com essas ternas palavras se renovaram as lágrimas de todos, e Ricaredo saiu para dizer a seus pais que de maneira alguma se casaria, nem daria a mão à sua esposa escocesa sem ter primeiro ido a Roma assegurar sua consciência. Soube dar essas razões a eles e aos parentes que haviam vindo com Clisterna, que assim se chamava a escocesa, e como todos eram católicos, facilmente acreditaram nelas, e Clisterna se alegrou de ficar na casa de seu sogro até que Ricaredo voltasse, o qual pediu o prazo de um ano.

Com isso esclarecido e combinado, Clotaldo disse a Ricaredo como decidira enviar Isabela e seus pais para a Espanha, se a rainha lhe desse licença: talvez os ares da pátria apressassem e facilitassem a saúde que já começava a recuperar. Ricaredo, para não dar indício de suas intenções, respondeu apaticamente a seu pai que fizesse o que melhor lhe parecesse; apenas lhe suplicou que não tirasse de Isabela nenhuma das riquezas que a rainha havia lhe dado. Clotaldo prometeu que sim e naquele mesmo dia foi pedir licença à rainha, tanto para seu filho se casar com Clisterna como para enviar Isabela e seus pais para a Espanha. A rainha se alegrou com tudo isso e considerou acertada a resolução de Clotaldo. E naquele mesmo dia, sem participação de advogados e sem levar sua camareira a julgamento, condenou-a a deixar seu ofício e a pagar dez mil escudos de ouro para Isabela, e desterrou o conde Arnesto por seis anos da Inglaterra, pelo desafio.

Em menos de quatro dias, Arnesto já estava pronto para cumprir seu desterro, e o dinheiro fora reunido. A rainha chamou um mercador rico, francês, que morava em Londres e tinha representantes na França, Itália e Espanha, a quem entregou os dez mil escudos e pediu que os entregasse, por meio de cartas de crédito, ao pai de Isabela em Sevilha ou em outro lugar da Espanha. O mercador disse à rainha que com certeza os entregaria em

segurança em Sevilha, descontada sua comissão, por intermédio de outro mercador francês, seu representante, desta forma: ele escreveria a Paris para que lá fossem feitas as cartas por outro representante seu, para que constassem as datas da França e não da Inglaterra, por causa da comunicação ilegal entre os dois reinos,<sup>15</sup> e que bastava levar uma letra de câmbio sua sem data, com sua contrassenha, para que em seguida o mercador de Sevilha entregasse o dinheiro, pois já teria sido avisado pelo de Paris. Em resumo, a rainha obteve tantas garantias do mercador que não teve dúvidas sobre o negócio, mas, não contente com isso, mandou chamar o capitão de um navio flamengo que estava para partir no dia seguinte para a França, apenas para ter um comprovante de que partira da França e não da Inglaterra para poder entrar na Espanha.<sup>16</sup> Ela lhe pediu encarecidamente que levasse Isabela e seus pais em seu navio, e com toda a segurança e cortesia os deixasse num porto da Espanha, o primeiro em que chegasse. O capitão, que desejava agradar à rainha, disse que assim o faria, e que os deixaria em Lisboa,<sup>17</sup> Cádiz ou Sevilha. Enfim, de posse dos documentos do mercador, a rainha mandou dizer a Clotaldo que não tirasse de Isabela nada do que ela havia lhe dado, tanto joias como roupas.

No dia seguinte vieram Isabela e seus pais se despedir da rainha, que os recebeu com muito amor. A rainha lhes deu a carta de crédito do mercador e muitos outros presentes, tanto em dinheiro como coisas para a viagem. Isabela agradeceu com tais palavras que de novo deixou a rainha na obrigação de sempre lhe conceder favores. Despediu-se das damas, que, como estava feia, não quiseram que partisse, vendo-se livres da inveja que tinham de sua formosura e alegres de desfrutar de sua afabilidade e inteligência. A rainha abraçou os três e, confiando-os à boa sorte e ao capitão do navio, e pedindo a Isabela que avisasse de sua boa chegada à Espanha, e sempre de sua saúde, através do mercador francês, despediu-se dela e de seus pais. Naquela mesma tarde, eles embarcaram, não sem lágrimas de Clotaldo e de sua mulher, e de todos os de sua casa, por Isabela ser amada ao extremo por todos. Ricaredo não se

encontrava presente nessa despedida, pois, para não demonstrar seus ternos sentimentos, fez com que alguns amigos o levassem à caça naquele dia. Os presentes que a senhora Catalina deu a Isabela para a viagem foram muitos; os abraços, infinitos; as lágrimas, em abundância; os pedidos de que escrevesse, inumeráveis, e os agradecimentos de Isabela e de seus pais se igualaram; de modo que, embora chorando, os deixaram satisfeitos.

Naquela noite o baixel se fez ao mar e, havendo aportado na França com vento favorável e pegado lá os documentos necessários para poder ir para a Espanha, dali a trinta dias entrou na barra de Cádiz, onde Isabela e seus pais desembarcaram, e, como todos na cidade os conheciam, foram recebidos com demonstrações de muita alegria. Receberam mil felicitações por terem encontrado Isabela e pela liberdade que alcançaram, tanto dos mouros que os tinham aprisionado – pois era conhecida toda a aventura dos escravos soltos pela generosidade de Ricaredo – como dos ingleses.

Nestes dias Isabela já começava a dar grandes esperanças de recobrar sua formosura. Estiveram pouco mais de um mês em Cádiz, recuperando-se do cansaço da viagem, e em seguida foram para Sevilha, para ver se não havia problema com o pagamento dos dez mil escudos expedidos pelo mercador francês. Dois dias depois de chegar a Sevilha, procuraram o representante, encontraram-no e lhe deram a carta de crédito do mercador francês da cidade de Londres. Ele aceitou-a e disse que, enquanto não recebesse de Paris a ordem de pagamento, não podia dar o dinheiro, mas que a ordem não devia demorar.

Os pais de Isabela alugaram uma casa senhorial em frente ao venerável convento Santa Paula, onde estava uma sobrinha deles, de voz perfeita, incomparável; fizeram-no tanto para estar perto dela como por Isabela ter dito a Ricaredo que estaria em Sevilha e que, se viesse procurá-la, sua prima, freira no Santa Paula, saberia lhe indicar sua casa, e que para reconhecê-la bastaria apenas perguntar pela freira que tinha a melhor voz do convento, porque não se poderia esquecer uma característica dessas.

A ordem de pagamento de Paris levou outros quarenta dias para chegar; dois dias depois da chegada, o mercador francês entregou

os dez mil ducados a Isabela, e ela a seus pais, e com eles e com alguns mais que fizeram vendendo algumas das muitas joias de Isabela, seu pai voltou a seu ofício de mercador, não sem surpresa dos que sabiam de suas grandes perdas. Enfim, em poucos meses recuperou seu crédito perdido e a beleza de Isabela voltou a ser o que era, de tal maneira que ao se falar em formosura todos davam a palma à espanhola inglesa, que, tanto por esse apelido como por sua formosura, era conhecida por toda a cidade. Por intermédio do mercador francês de Sevilha, Isabela e seus pais escreveram contando sua chegada à rainha da Inglaterra, com os agradecimentos e reverências requeridos pelos grandes favores recebidos. Também escreveram a Clotaldo e Catalina, sua esposa, que Isabela chamou de pais, e seus pais, de senhores. Da rainha não tiveram resposta, mas de Clotaldo e de sua mulher sim, felicitando-os por terem chegado sãos e salvos, e avisando que seu filho Ricaredo, um dia depois que eles tinham partido, havia ido para a França, e de lá para outros lugares, onde lhe convinha para segurança de sua consciência, acrescentando a essas outras palavras de muito amor e pondo-se ao dispor deles. Responderam a essa carta com outra não menos cortês e amorosa que grata.

Isabela logo imaginou ter Ricaredo deixado a Inglaterra para encontrá-la na Espanha e, animada com essa esperança, ficou na maior alegria do mundo, e procurava viver de maneira que quando Ricaredo chegasse a Sevilha, antes seus ouvidos topassem com a fama de suas virtudes que com a informação de onde ficava sua casa. Poucas vezes ou nenhuma saía de casa, a não ser para ir ao convento; não ganhava outras atenções exceto as que recebia lá. Em sua casa e em seu oratório, nas sextas-feiras da Quaresma, andava com o pensamento voltado para a santíssima Cruz, e nas próximas sete para o Espírito Santo. Jamais visitou o rio, nem foi a Triana, nem viu o prazer universal no campo de Tablada e da porta de Jerez no dia de São Sebastião, caso faça sol,<sup>18</sup> celebrado por tanta gente que mal se pode contar. Enfim, não viu comemoração pública nem outra festa em Sevilha; apostava tudo em seu retiro, em suas orações e bons desejos esperando por Ricaredo. Esse seu

grande retraimento tinha inflamado os desejos não só dos janotas do bairro, mas de todos aqueles que a tivessem visto uma vez. Por isso à noite sua rua se enchia de músicas e de dia, de rondas de admiradores; assim, por não se deixar ver, e tantos a desejarem, cresceu a renda das alcoviteiras, ou terceiras como diziam, que prometeram ser as primeiras e únicas na corte a Isabela, e não faltou quem quis se aproveitar do que chamam feitiços, que são nada mais que embustes e disparates; mas diante disso tudo Isabela estava como rocha em meio ao mar: tocam-na, mas não a movem as ondas nem o vento.

Já passara ano e meio quando a esperança no prazo de dois anos prometido por Ricaredo começou a angustiar o coração de Isabela. E quando já parecia que seu esposo chegava e que o tinha diante dos olhos e lhe perguntava que obstáculos o haviam retardado tanto, quando já chegavam a seus ouvidos as desculpas de seu esposo e quando ela já perdoava e o abraçava, e como à metade de sua alma o recebia, chegou a suas mãos uma carta da senhora Catalina, datada de Londres havia cinquenta dias. Vinha em língua inglesa, mas lendo-a em espanhol, viu que assim dizia:

– Filha de minha alma, conheceste bem Guillarte, o pajem de Ricaredo. Foi ele que o acompanhou na viagem (de que te falei em outra carta) para a França e outros lugares, dois dias depois de tua partida. Pois esse mesmo Guillarte, ao fim de dezesseis meses sem nada sabermos de meu filho, cruzou ontem nossas portas com notícias de que o conde Arnesto havia matado Ricaredo à traição na França. Imagina, filha, como ficamos seu pai, eu e sua esposa com tão más notícias; tão más, digo, que ainda não nos deixaram duvidar de nossa desventura. O que Clotaldo e eu te suplicamos outra vez, filha de minha alma, é que encomendes Ricaredo a Deus com muita sinceridade, pois bem merece este benefício aquele que tanto te amou, como tu sabes. Também debes pedir a Nosso Senhor que nos dê paciência e boa morte, a quem nós também pediremos e suplicaremos dê a ti e aos teus pais longos anos de vida.

Pela letra e pela assinatura Isabela não teve como não acreditar na morte de seu esposo. Conhecia muito bem o pajem Guillarte e sabia que era honesto e que por si mesmo ele não iria querer nem



teria motivos para fingir aquela morte, e muito menos sua mãe, a senhora Catalina, poderia tê-la fingido, por não ter motivo algum para enviar notícias tão tristes. Enfim, nenhum argumento que pensou, nenhuma coisa que imaginou pôde lhe tirar da mente não ser verdadeira a notícia de sua infelicidade.

Lida a carta, sem derramar lágrimas nem demonstrar sentimentos dolorosos, com rosto tranquilo e, pelo visto, o coração também, levantou-se do estrado onde estava sentada e entrou num oratório e, caindo de joelhos diante de um devoto crucifixo, jurou se tornar freira, pois podia ser, já que se considerava viúva. Seus pais dissimularam e encobriram com discrição a pena que lhes havia dado a triste notícia, para poder consolar Isabela da amarga pena que sentia. Ela, quase como se estivesse satisfeita em sua dor, acalmando-a a santa e cristã decisão que havia tomado, consolava seus pais, a quem revelou suas intenções, e eles aconselharam-na a não realizá-las até que passassem os dois anos que Ricaredo havia dado como prazo para sua vinda, pois com isso se confirmaria a verdade da morte dele, e ela com mais segurança podia se tornar freira. Assim fez Isabela, que passou os seis meses e meio que restavam para fechar os dois anos em funções de religiosa e concertando a entrada do convento, tendo escolhido o de Santa Paula, onde estava sua prima.

Acabou o prazo de dois anos e chegou o dia de adotar o hábito. A notícia se espalhou pela cidade, e o convento, mais a pequena distância que havia dele à casa de Isabela, se encheu com os que conheciam Isabela de vista e aqueles que conheciam apenas sua fama. E seu pai convidando seus amigos e estes a outros formaram para Isabela um dos mais honrados séquitos que em semelhantes atos havia se visto em Sevilha. Encontravam-se nele o corregedor, o provedor da Igreja e o vigário do arcebispo, com todas as senhoras e senhores nobres que havia na cidade; tamanho era o desejo que em todos havia de ver o sol da formosura de Isabela, que os tinha ofuscado por tantos meses. E como é costume das donzelas que vão se tornar freiras irem, dentro do possível, graciosas e elegantes, como quem naquele instante esbanja o resto de sua fidalguia e se despede dela, quis Isabela ficar o mais esplêndida que fosse

possível; e assim vestiu-se com aquele mesmo vestido que usou quando foi ver a rainha da Inglaterra, que já se disse o quanto era rico e vistoso. Saíram à luz as pérolas e o famoso diamante, com o colar e o cinto, que também era de grande valor. Com esse adorno e com sua galhardia, dando assim chance a que todos exaltassem a Deus em sua figura, Isabela saiu a pé de sua casa, pois a proximidade do convento dispensou coches e carruagens. A afluência de pessoas foi tanta que lhes pesou não ter ido de coche, pois não havia espaço para chegar ao convento. Uns abençoavam seus pais; outros ao céu, que de tanta formosura a tinha dotado; uns se erguiam para vê-la; outros, tendo-a visto uma vez, corriam adiante para vê-la outra. E quem mais diligente se mostrou nisso, tanto que muitos repararam nele, foi um homem vestido com roupas de escravo libertado, com uma insígnia da Trindade no peito, como sinal de que foi resgatado pela esmola dos padres trinitários.<sup>19</sup> Esse escravo, enfim, na hora em que Isabela já tinha um pé dentro da portaria do convento, onde, como é costume, a priora e as freiras haviam saído para recebê-la com a cruz, disse em altos brados:

– Para, Isabela, para, pois enquanto eu for vivo não podes ser religiosa!

A esses brados, Isabela e seus pais desviaram os olhos e viram que, abrindo caminho entre toda aquela gente, vinha até eles o escravo. Tendo caído um gorro azul redondo que trazia na cabeça, ele revelou uma confusa madeixa de cabelos de ouro encaracolados e um rosto como o carmim e como a neve, vermelho e branco, sinais que logo levaram todos a julgá-lo estrangeiro. Caindo e levantando, ele chegou aonde estava Isabela e, pegando-a pela mão, disse:

– Sabes quem sou, Isabela? Olha, sou Ricaredo, teu esposo.

– Sim, eu sei – disse Isabela –, se não fores fantasma que vem perturbar meu repouso.

Os pais dela o seguraram e olharam-no atentamente. Enfim, reconheceram Ricaredo no escravo, que, com lágrimas nos olhos, caindo de joelhos diante de Isabela, suplicou-lhe que não deixasse a estranheza de seu traje impedir seu reconhecimento, nem que sua

pouca sorte atrapalhasse o cumprimento da palavra que entre os dois haviam dado. Isabel, apesar da impressão que a carta da mãe de Ricaredo havia feito em sua imaginação dando-lhe notícias de sua morte, quis dar mais crédito a seus olhos e à verdade que tinha diante de si, e assim, abraçando o escravo, disse:

– Sem dúvida vós, meu senhor, sois o único que poderá impedir minha decisão cristã; sem dúvida vós, senhor, sois a metade de minha alma, pois sois meu verdadeiro esposo; eu vos tenho gravado em minha memória e guardado em minha alma. Já que as notícias de vossa morte, escritas por minha senhora e vossa mãe, não me tiraram a vida, levaram-me a escolher a religião, pois naquele momento queria viver nela. Mas se Deus, com tão justo obstáculo, mostra que deseja outra coisa, não podemos nem convém que por minha causa se impeça. Vinde, senhor, à casa de meus pais, que é vossa, e ali vos darei posse de mim nos termos que pede nossa santa fé católica.

Os presentes, entre eles o corregedor, o vigário e o provedor do arcebispo, ouviram todas essas palavras e, ao ouvi-las, ficaram admirados e pasmos, e em seguida quiseram que lhes contassem que história era aquela, que estrangeiro era aquele, de que casamento falavam. Então o pai de Isabel respondeu, dizendo que aquela história pedia outro lugar e algum tempo para ser contada, de modo que suplicava a todos aqueles que quisessem conhecê-la fossem à sua casa, pois estava tão perto, que ali a contariam de maneira que ficariam satisfeitos com a verdade e maravilhados com a grandeza e estranheza daquela aventura. Nisso, um dos presentes elevou a voz, dizendo:

– Senhores, este rapaz é um grande pirata inglês, pois eu o conheço, é aquele que, faz pouco mais de dois anos, tomou dos piratas de Argel o navio de Portugal que vinha das Índias. Não há dúvida, é ele mesmo: eu o conheço porque ele me deu a liberdade e dinheiro para eu vir para a Espanha, e não só a mim, mas a outros trezentos prisioneiros.

Com essas palavras as pessoas se agitaram, e se avivou o desejo de todos de saber e ver com clareza coisas tão intrincadas. Finalmente, as pessoas mais importantes, com o corregedor e

aqueles dois senhores eclesiásticos, acompanharam de novo Isabela para sua casa, deixando as freiras tristes, confusas e chorando o que perdiam ao não ter em sua companhia a formosa Isabela. Em sua casa, numa grande sala, Isabela fez com que aqueles senhores se sentassem; e, embora Ricaredo houvesse desejado contar a história, achou melhor, no entanto, confiar na língua e prudência de Isabela, e não na sua, que não falava o castelhano muito bem.

Todos os presentes se calaram, e, com as almas deles pendentes de suas palavras, Isabela começou sua história, que resumo aqui afirmando que ela disse tudo que lhe aconteceu desde o dia em que Clotaldo a raptou em Cádiz até que voltou para lá; também contou a batalha que Ricaredo teve com os turcos, a generosidade dele com os cristãos, a palavra dada entre eles de serem marido e mulher, o prazo de dois anos, as notícias que havia tido de sua morte, que lhe pareceram tão certas que a levaram a querer ser religiosa. Enalteceu a generosidade da rainha, o cristianismo de Ricaredo e de seus pais, e acabou dizendo que Ricaredo contasse o que lhe havia acontecido depois que saiu de Londres até aquele momento, onde o viam com roupas de escravo e com a insígnia de ter sido resgatado por esmola.

– É verdade – disse Ricaredo –, e resumirei em rápidas palavras minhas penas imensas.

“Depois que parti de Londres para evitar o casamento que não podia fazer com Clisterna, aquela donzela escocesa católica com quem meus pais queriam me casar, como disse Isabela, levando Guillarte em minha companhia, o pajem que segundo minha mãe levou a Londres a notícia de minha morte, atravessei a França e cheguei a Roma, onde minha alma se alegrou e minha fé se fortaleceu. Beije os pés do sumo pontífice, confessei meus pecados com o penitencieiro-mor,<sup>20</sup> absolvendo-me deles, e deu-me os documentos necessários que provassem minha confissão e penitência, e da conversão que havia feito para nossa mãe universal, a Igreja.<sup>21</sup> Feito isso, visitei os lugares tão santos quanto inumeráveis que há naquela santa cidade, e de dois mil escudos que tinha em ouro, dei mil e seiscentos a um representante que expediu

uma letra de câmbio para um tal Roqui, o florentino. Com os quatrocentos que me sobraram, com a intenção de vir à Espanha, parti para Gênova, onde me disseram que duas galeras daquele Estado estavam de partida para cá. Cheguei com Guillarte, meu criado, a um lugar que se chama Aquapendente, que indo de Roma para Florença é o último território do papa, e numa hospedaria ou pousada onde parei encontrei o conde Arnesto, meu mortal inimigo, que com quatro criados, disfarçado e oculto, ia a Roma, em minha opinião mais por curioso que por ser católico. Não tive dúvidas de que não havia me reconhecido. Tranquei-me num quarto com meu criado e decidi por precaução me mudar para outra pousada no que caísse a noite. Mas não fiz isso, porque a despreocupação que notei no conde e em seus criados me garantia que não tinham me reconhecido. Jantei em meu quarto, tranquei a porta, preparei minha espada, encomendei-me a Deus, mas não quis me deitar. Meu criado dormiu e eu fiquei cochilando numa cadeira. Mas, pouco depois da meia-noite, para me fazer dormir o sono eterno me despertaram: o conde e seus criados dispararam contra mim quatro pistolas, como soube depois, e, me considerando morto, já tendo os cavalos preparados, foram embora, dizendo ao estalajadeiro que me enterrasse, porque era nobre. E com isso se foram.

“Meu criado, conforme me disse depois o estalajadeiro, acordou com os estampidos e com medo se atirou por uma janela que dava para um pátio e saiu da hospedaria dizendo: ‘Pobre de mim, mataram meu senhor!’. E deve ter sido pelo medo que não parou a não ser em Londres, pois foi ele que levou as notícias de minha morte.

“Os da hospedaria subiram e me acharam atravessado por quatro balas e muitos chumbos, mas todos em lugares em que a ferida não era mortal. Pedi confissão e todos os sacramentos, como bom católico, e fui obedecido; trataram-me, e levei dois meses para me recuperar, mas por fim fui para Gênova, onde não encontrei transporte exceto duas chalupas que fretamos eu e outros dois nobres espanhóis; uma para ir à frente, explorando o caminho, e a outra para nos levar.

“Com essa precaução, embarcamos, navegando pela costa, sem intenção de irmos para mar alto; mas, chegando a um lugar que chamam de Três Marias,<sup>22</sup> que é na costa da França, com nossa primeira chalupa como batedora, de repente, quando íamos aportar numa enseada, saíram dela dois galeotes turcos, e, um dominando o mar e o outro, a terra, nos cortaram o caminho e nos aprisionaram. Despojaram as chalupas de quanto levavam e deixaram-nas ir em direção a terra, sem afundá-las, dizendo que elas lhes serviriam na próxima vez para carregar a galima, que com essa palavra designam os despojos que roubam dos cristãos. Pode-se acreditar facilmente se digo que senti na alma minha escravidão e sobretudo a perda dos documentos de Roma, que trazia numa caixa de lata,<sup>23</sup> com a letra de câmbio dos mil e seiscentos ducados; mas a boa sorte quis que a caixa fosse parar nas mãos de um escravo espanhol, cristão, que a guardou, pois, se viesse a cair em poder dos turcos, pelo menos poderia dar por meu resgate o valor da letra, que eles averiguariam qual era.

“Levaram-me a Argel, onde encontrei os padres da Santíssima Trindade que estavam resgatando. Falei com eles, disse quem era, e, levados pela caridade, embora eu fosse estrangeiro, resgataram-me desta forma: deram por mim trezentos ducados, cem em seguida e duzentos quando o baixel da esmola voltasse para resgatar o padre do resgate, que ficara em Argel como garantia, avaliado em quatro mil ducados, porque resgatara escravos acima do valor que trouxera.<sup>24</sup> Como se vê, a tamanha misericórdia e generosidade se estende a caridade desses padres, que dão sua liberdade pela dos outros e ficam como reféns para resgatar os escravos. De quebra, para o bem de minha liberdade, achei a caixa perdida com os documentos e a letra de câmbio. Mostrei-a ao bendito padre que me havia resgatado e lhe ofereci quinhentos ducados a mais dos que me resgatara para ajudá-lo em sua missão. Demorou quase um ano para o navio da esmola voltar, e o que me aconteceu neste ano, se fosse contar agora, seria outra história. Direi apenas que fui reconhecido por um dos vinte turcos a quem dei liberdade com os demais cristãos de que já falamos, e foi tão agradecido e tão homem

de bem que não quis me denunciar; porque, se os turcos soubessem que eu tinha posto a pique seus dois baixéis e tirado de suas mãos o grande navio da Índia, me presenteariam ao grão-turco como escravo ou acabariam com minha vida e, se me dessem para o grão-senhor, eu nunca mais teria liberdade. Por fim, o padre do resgate veio comigo para a Espanha, e com mais cinquenta cristãos libertados. Em Valência fizemos a procissão geral,<sup>25</sup> e de lá cada um partiu para onde quis com as insígnias de sua liberdade, que são este traje. Cheguei hoje a esta cidade, com tanta vontade de ver Isabela, que sem me deter para nada perguntei por este convento, onde haveriam de me dar notícias de minha esposa. O que me aconteceu então todos aqui já sabem. O que resta por ver são estes documentos, para que se possa acreditar em minha história, que tem tanto de milagrosa quanto de verdadeira.”

Depois de dizer isso, tirou de uma caixa de lata os documentos de que havia falado e os pôs nas mãos do provedor, que os viu junto com o senhor corregedor, e não encontrou neles nada que pusesse em dúvida o que Ricaredo havia contado. E, para maior confirmação dela, quis o céu que se achasse presente a tudo isso o mercador florentino, a quem era dirigida a letra de câmbio dos mil e seiscentos ducados, que pediu a Ricaredo que a mostrasse e, vendo-a, reconheceu-a e a aceitou imediatamente, pois havia muitos meses que recebera a ordem de pagamento. Tudo isso foi acrescentar admiração e espanto ao espanto. Ricaredo disse que de novo oferecia os quinhentos ducados que havia prometido. O corregedor abraçou Ricaredo, os pais de Isabela e a própria Isabela, pondo-se à disposição deles com palavras corteses. O mesmo fizeram os dois eclesiásticos, que pediram a Isabela que pusesse toda aquela história por escrito, para que a lesse seu senhor, o arcebispo, com o que ela concordou.<sup>26</sup>

O grande silêncio em que todos os presentes haviam escutado o estranho caso se rompeu para se louvar a Deus por suas grandes maravilhas, e desejando, desde o mais velho até o mais moço, felicidades a Isabela, a Ricaredo e a seus pais, deixaram-nos; e eles suplicaram ao corregedor que honrasse seu casamento, que dali a

oito dias pensavam realizar. O corregedor teve o prazer de fazê-lo, e dali a oito dias, acompanhado pelas pessoas mais importantes da cidade, foi à cerimônia.

Com todas essas vicissitudes e perigos, os pais de Isabela recuperaram sua filha e restauraram sua riqueza; e ela, favorecida pelo céu e ajudada por suas muitas virtudes, a despeito de tantos contratempos, encontrou marido tão nobre como Ricaredo, em cuja companhia se pensa que ainda hoje vive nas casas que alugaram em frente ao convento de Santa Paula, e que depois compraram dos herdeiros de um fidalgo de Burgos que se chamava Hernando de Cifuentes.

Esta novela poderia nos ensinar o quanto vale a virtude e o quanto vale a formosura, pois, juntas ou separadas, são capazes de apaixonar até os próprios inimigos, e poderia ainda nos ensinar como o céu sabe tirar, de nossas maiores adversidades, nossos maiores benefícios.

---

1 Leste talvez seja "Leicester", isto é, Robert Dudley (1533-88), conde de Leicester, favorito da rainha, que com frequência financiava as viagens de Drake (que saqueou Cádiz em 1587) e que Cervantes parece confundir com o conde de Essex, que comandava a frota que atacou Cádiz em 1596.

2 Uma das partes em que se divide o céu, segundo a astronomia clássica.

3 Os cometas eram considerados sinais de acontecimentos futuros, em geral desastrosos.

4 Mais adiante se diz que a rainha Isabel não falava espanhol, mas está documentado que falou desde jovem castelhano, francês e italiano, e, inclusive, línguas clássicas.

5 A combinação entre a Coroa e os piratas era repartir os despojos de seus saques.

6 As ilhas Açores.

7 Vento sul.

8 Mami, o Albanês, foi o capitão de piratas berberios que capturou Cervantes em 1575. Aparece também em Dom Quixote, e no quinto livro de A Galateia.

9 Mechas de cânhamo torcido, da grossura de um dedo, que se usavam para detonar a artilharia.

10 Livro ou documento expedido em portos ou aduanas, em que se detalham as mercadorias.



- 11 Navio que zarpava por ordem direta do Conselho Supremo das Índias com ordens e despachos do rei.
- 12 Não se sabe exatamente a que se refere a frase. As armas fabricadas em Milão eram famosas desde a Idade Média, e as "vistas" podem ser as peças da armadura, que eram onze, ou a abertura da viseira do elmo. Talvez as armas de onze vistas sejam o brasão gravado no peitoral da armadura. Há muitos com onze figuras. Mas então a referência a Milão fica sobrando.
- 13 Segundo a lenda, o pó do chifre do unicórnio era medicinal. Ou mais, um pedacinho do chifre, pendurado numa corrente de ouro, indicava se a bebida estava envenenada.
- 14 Lembre-se de que essa promessa de casamento era aceita pela Igreja antes do Concílio de Trento.
- 15 O calendário gregoriano, em vigor desde 1582, foi adotado pela Inglaterra apenas em 1751. E, devido à proibição de comércio, o único meio viável de manter negócios era o contrabando.
- 16 Inglaterra e Espanha estavam quase continuamente em guerra.
- 17 Portugal foi parte da Espanha entre 1580 e 1640.
- 18 No campo de Tablada ficava a popular ermida de São Sebastião, cuja festa se comemora no dia 20 de janeiro.
- 19 O peregrino levava a insígnia dos padres trinitários, da ordem da Santíssima Trindade, dedicada ao resgate de escravos mediante a economia de esmolas. Em 1589, Cervantes foi resgatado da escravidão em Argel pelo frade Juan Gil, da ordem trinitária.
- 20 Deve se referir ao cardeal que presidia a Congregação da Penitenciária Apostólica e se encarregava dos trâmites na concessão de indulgências.
- 21 Ricaredo se converteu oficialmente ao catolicismo e conseguiu o certificado legal.
- 22 Lugar perto de Marselha, onde a crítica localizou a captura de Cervantes pelos piratas argelinos, se bem que hoje em dia se incline pela costa catalã.
- 23 Na época se carregavam os documentos num cilindro de metal que ficava preso ao cinto.
- 24 Fato similar aconteceu no resgate de Cervantes pelos padres trinitários.
- 25 Parte das cerimônias de desembarque dos escravos que tinha, entre outras funções, a de acerto de contas com a Inquisição.
- 26 Cervantes romanceia as vicissitudes da transmissão de sua própria obra, pois isso aconteceu com o manuscrito copiado pelo cônego Francisco Porras de la Cámara para o arcebispo de Sevilha.

**NOVELA DO  
LICENCIADO  
VIDRAÇA**



DOIS ESTUDANTES NOBRES, passeando pelas margens do Tormes, encontraram dormindo embaixo de uma árvore um menino de uns onze anos, vestido como camponês. Ordenaram que um criado o acordasse. Quando acordou, perguntaram-lhe de onde era e que fazia dormindo ali naquela solidão. O menino respondeu que havia esquecido o nome de sua terra e que ia para a cidade de Salamanca em busca de um amo para quem trabalhar, em troca de estudo. Perguntaram-lhe se sabia ler; respondeu que sim, e escrever também.

– Quer dizer que não é por falta de memória teres esquecido o nome de tua pátria – disse um dos cavalheiros.

– Seja lá como for – respondeu o menino –, ninguém saberá dela nem de meus pais até que eu possa honrá-los.

– Mas, então, como pensas honrá-los? – perguntou o outro cavalheiro.

– Com meus estudos – respondeu o menino –, ficando famoso por causa deles, pois ouvi dizer que dos homens se fazem os bispos.

Essa resposta levou os dois cavalheiros a adotá-lo, levando-o consigo e dando-lhe estudo naquela universidade do modo costumeiro nesses casos para os criados em serviço. O menino disse que se chamava Tomás Rodaja, e assim seus amos deduziram, pelo nome e pelas roupas, que ele devia ser filho de algum camponês pobre. Dali a poucos dias o vestiram de preto,<sup>1</sup> e em poucas semanas Tomás deu mostras de ter inteligência rara, servindo a seus amos com tanta fidelidade, precisão e diligência que parecia se ocupar apenas em servi-los, mas sem deixar seus estudos por um instante. E como os bons serviços do servo levam a vontade do senhor a tratá-lo bem, Tomás Rodaja não era criado de seus amos, e sim seu companheiro. Enfim, nos oito anos em que esteve com eles,

tornou-se tão famoso na universidade, por sua boa inteligência e notável habilidade, que era estimado e querido por todo tipo de gente.

Estudou principalmente leis, porém no que mais sobressaiu foi no estudo da tradição clássica; e tinha memória tão feliz que era coisa de admirar; e ilustrava-a tanto com seu bom entendimento que não era menos famoso por ele que por ela.

Aconteceu que chegou o tempo em que seus amos acabaram seus estudos e foram embora para sua cidade, que era uma das melhores da Andaluzia. Levaram Tomás, que ficou com eles alguns dias. Mas como o incomodavam os desejos de voltar a seus estudos e a Salamanca (pois enfeitiça a vontade de voltar em todos aqueles que provaram a doçura de sua vida), pediu a seus amos licença para voltar. Eles, cortesês e generosos, concordaram, providenciando para que pudesse se sustentar por três anos.

Despediu-se deles mostrando em suas palavras sua gratidão e saiu de Málaga, pois essa era a pátria de seus senhores. E, ao descer a encosta da Zambra, a caminho de Antequera, topou com um gentil-homem a cavalo, vestido com roupa de viagem, com dois criados também a cavalo. Juntou-se a ele e soube que tinha o mesmo destino. Fizeram amizade, falaram de diversas coisas, e em poucos lances Tomás deu sinais de sua inteligência rara; e o cavalheiro deu de sua nobreza e trato cortesão. E disse que era capitão de infantaria de Sua Majestade, e que seu alferes estava recrutando soldados no território de Salamanca. Elogiou a vida da soldadesca; pintou com grande animação a beleza da cidade de Nápoles, as diversões de Palermo, a abundância de Milão, os festins da Lombardia, as comidas esplêndidas das hospedarias; desenhou para ele, doce e detalhadamente, o Aconcha, patrón; pasa acá, manigoldo; venga la macarela, li polastri e li macarroni.<sup>2</sup> Botou nas nuvens os elogios da vida livre do soldado, e da liberdade da Itália. Mas não lhe disse nada sobre o frio que as sentinelas passavam, o perigo dos ataques, o medo das batalhas, a fome, os cercos, a ruína das minas<sup>3</sup> e outras coisas dessa laia que alguns encaram como acréscimos ao peso da vida de soldado, quando são a carga

principal. Enfim, disse tantas coisas e tão bem ditas que a sensatez de nosso Tomás Rodaja começou a vacilar, e ele teve vontade de se dedicar àquela vida que tem a morte tão perto.

O capitão, que se chamava dom Diego de Valdívia, satisfeitíssimo com o belo porte, inteligência e desembaraço de Tomás, pediu que fosse com ele para a Itália, se tivesse curiosidade de vê-la; ele lhe oferecia sua mesa e, se fosse necessário, sua bandeira, porque seu alferes devia deixá-lo logo.<sup>4</sup> Não foi preciso muito para que Tomás aceitasse a aposta, refletindo, por um breve instante, que seria bom percorrer a Itália e Flandes, e vários outros lugares e países, pois as longas peregrinações tornam os homens mais sábios, e que nisso podia no máximo gastar três ou quatro anos, que, somados aos poucos que tinha, não seriam tantos que impedissem de voltar a seus estudos. E, como se tudo houvesse acontecido conforme seu gosto, disse ao capitão que lhe apetecia ir com ele para a Itália, mas com a condição de não carregar a bandeira nem se alistar como soldado, para não ter de seguir sua companhia. Mas o capitão lhe disse que não precisava se alistar, pois também gozaria das ajudas e pagamentos dados pela companhia, e que ele lhe daria licença todas as vezes que a pedisse.

– Isso – disse Tomás – seria ir contra minha consciência e contra a do senhor capitão. Assim, prefiro ir livre a obrigado.

– Consciência tão escrupulosa é mais de religioso que de soldado – disse dom Diego. – Mas, seja como for, já somos amigos.

Chegaram aquela noite a Antequera, e em poucos dias e grandes jornadas alcançaram o lugar onde estava a companhia, já formada, e que começava a seguir o caminho de Cartagena, acampando ela e outras quatro nas aldeias que se viam à mão. Ali Tomás notou a autoridade dos comissários, o mau caráter de alguns capitães, a exigência dos oficiais que alojavam as tropas, a astúcia das contas dos pagadores, as queixas das aldeias, o acerto dos vales dos soldados, as insolências dos recrutas, as disputas entre hóspedes e hospedeiros, o pedir mais animais de carga que o necessário, enfim, a necessidade quase inevitável de fazer tudo aquilo, mas que lhe parecia mal.

Tomás passou a usar as roupas coloridas dos valentões, tendo renunciado ao traje de estudante, e ficou com cara de “comigo ninguém pode”, como se costuma dizer. Reduziu os muitos livros que tinha a umas Horas de Nossa Senhora e a um Garcilaso sem comentários, que levava nas duas algibeiras.<sup>5</sup>

Chegaram a Cartagena mais rápido do que gostariam, porque a vida dos alojamentos é folgada e variada, todo dia se topa com coisas novas e divertidas. Ali embarcaram em quatro galeras da armada espanhola em Nápoles, e ali Tomás Rodaja também observou a vida estranha daquelas casas marítimas, onde na maior parte do tempo os percevejos maltratam, os galeotes roubam, os marinheiros molestam, os ratos destroçam e as ondas acoçam. As grandes borrascas e tempestades lhe meteram medo, principalmente no golfo do Leão,<sup>6</sup> onde enfrentaram duas – uma os jogou na Córsega e a outra os levou a Toulon, na França. Enfim, insones, encharcados e com olheiras chegaram à radiante e belíssima cidade de Gênova, e desembarcando no abrigado Mandrache,<sup>7</sup> depois de haver visitado uma igreja, o capitão foi parar com todos os seus companheiros numa hospedaria, onde deixaram no esquecimento todas as tempestades passadas diante da festança presente.

Ali conheceram a suavidade do Treviano, o valor do Montefiascone, a força do Asperino, a generosidade dos dois gregos Candía e Soma, a grandeza das Cinco Vinhas, a doçura e o prazer da senhora Guarnacha, a rusticidade da Chéntola, sem que entre todos esses senhores ousasse aparecer a baixeza do Romanesco. E, tendo o hospedeiro feito o inventário de tantos e tão diferentes vinhos, dispôs-se a fazer aparecer ali, sem se valer de prestidigitação ou como se fossem pintados em mapas,<sup>8</sup> mas reais e verdadeiros os de Madrigal, Coca, Alaejos, e da imperial mais que real cidade,<sup>9</sup> pátria do deus do riso; ofereceu ainda vinhos de Esquivias, Alanís, Cazalla, Guadalcanal e de Membrilla, sem esquecer dos de Rivadávia e de Descargamaría. Enfim, o hospedeiro nomeou mais vinhos e mais lhes deu do que poderia dar o próprio Baco de suas adegas.

O bom Tomás também se admirou com os cabelos loiros das genovesas e com a cortesia e elegância dos homens, a encantadora

beleza da cidade, que parece ter as casas engastadas naquelas rochas, como diamante em ouro.

No dia seguinte, desembarcaram todas as companhias que haviam de ir ao Piemonte,<sup>10</sup> porém Tomás não quis fazer a viagem, mas ir dali por terra para Roma e Nápoles, como de fato o fez, ficando de voltar pela grande Veneza, e por Loreto a Milão e ao Piemonte, onde dom Diego de Valdívia disse que se encontraria caso já não os houvessem levado a Flandes, pelo que se dizia. Tomás se despediu do capitão dali a dois dias e em cinco chegou a Florença, tendo antes passado por Luca, cidade pequena mas muito bem-feita, e onde melhor que em outros lugares da Itália os espanhóis são bem-vistos e recebidos.

Gostou muito de Florença, tanto por sua localização como por sua limpeza, edifícios suntuosos, rio de águas frescas e ruas agradáveis. Esteve lá por quatro dias e em seguida partiu para Roma, rainha das cidades e senhora do mundo. Visitou seus templos, adorou suas relíquias e admirou sua grandeza. E, assim como pelas unhas do leão se conhecem seu tamanho e ferocidade, ele entendeu os de Roma por seus mármores despedaçados, estátuas inteiras ou pela metade, por seus arcos arruinados e termas destruídas; por seus magníficos pórticos e grandes anfiteatros; por seu famoso e santo rio, que sempre banha suas margens de água, e as beatifica com suas inumeráveis relíquias de corpos de mártires que nelas tiveram sepultura; por suas pontes, que parecem estar olhando umas para as outras; e por suas ruas que apenas com seus nomes ganham autoridade sobre todas as outras das demais cidades do mundo: a via Ápia, a Flamínia, a Júlia, com outras desse jaez. Pois não o admirava menos a divisão de seus montes dentro dela mesma: o Célio, o Quirinal e o Vaticano, com os outros quatro, cujos nomes manifestam a grandeza e majestade romana. Observou também a autoridade do Colégio dos Cardeais, a majestade do sumo pontífice, a multidão de pessoas de muitas nacionalidades. A tudo olhou e observou e apreciou como devia. E tendo feito a peregrinação pelas sete igrejas e se confessado com um penitencioso e beijado o pé de sua santidade, cheio de águs-deis e



rosários decidiu ir para Nápoles; por ser o começo do verão, estação má e prejudicial para todos os que chegam ou saem de Roma, desde que tenham andado por terra,<sup>11</sup> foi por mar para Nápoles, onde à admiração que sentia por ter visto Roma se somou a que lhe causou ver Nápoles, cidade, em sua opinião e na de todos os que a viram, a melhor da Europa, e talvez de todo o mundo.

Dali foi para a Sicília e viu Palermo, e depois Messina. Achou Palermo bela e bem localizada; e de Messina gostou do porto, e de toda a ilha da abundância, a quem chamam com veracidade de celeiro da Itália. Voltou a Nápoles e a Roma. Dali foi a Nossa Senhora de Loreto, em cujo templo santo não viu paredes nem muralhas, porque todas estavam cobertas de muletas, de mortalhas, de correntes, de grilhões, de algemas, de bustos de cera e de pinturas e retábulos, que demonstravam com clareza as inumeráveis graças recebidas da mão de Deus, por intermédio de sua divina mãe, pois aquela sacrossanta imagem sua quis engrandecer e autorizar com muitos e muitos milagres, em recompensa da devoção que lhe têm aqueles que com semelhantes dosséis têm adornado as paredes de sua casa. Viu o próprio aposento da moradia onde foi entregue a maior de todas as mensagens e a mais importante que viram, mas não entenderam todos os céus, todos os anjos e todos os moradores das moradas eternas.<sup>12</sup>

Dali, embarcando em Ancona, foi para Veneza, cidade que não teria rival no mundo, caso Colombo não houvesse nascido: graças ao céu e ao grande Hernando Cortés, que conquistou a grande cidade do México para que a grande Veneza tivesse de algum modo quem se opusesse a ela.<sup>13</sup> Essas duas cidades famosas se parecem nas ruas, que são todas de água: a da Europa, admiração do mundo antigo; a da América, espanto do mundo novo. Tomás achou que sua riqueza era infinita, seu governo prudente, sua localização inexpugnável, sua abundância muita, seus arredores alegres, enfim, toda ela em si e em cada uma de suas partes digna da fama de seu valor, que se estende por todos os lugares do mundo, e para confirmar mais essa verdade há o prédio de seu famoso arsenal, que é onde se fabricam as galeras, com outros baixéis que não podem

ser enumerados. Pouco menores que os de Calipso foram os prazeres e diversões que nosso curioso encontrou em Veneza, pois quase o fizeram esquecer seu antigo propósito. Mas tendo ficado um mês nela, por Ferrara, Parma e Placência voltou a Milão, oficina de Vulcano, aversão do reino da França,<sup>14</sup> cidade, enfim, de que se pode dizer que entre o dito e o feito não há diferença, tornando-a magnífica sua grandeza e a de seu templo, e sua maravilhosa abundância de todas as coisas necessárias à vida humana.

Dali foi para Asti, aonde chegou a tempo, pois no dia seguinte o regimento seguia para Flandes. Foi muito bem recebido por seu amigo, o capitão, e em sua companhia e amizade passou a Flandes e chegou a Amberes, cidade para maravilhar tanto como as que havia visto na Itália. Viu Gante e Bruxelas, e viu que o país todo estava disposto a pegar em armas para sair em campanha no verão seguinte.<sup>15</sup>

E, tendo realizado o desejo que o levou a ver o que havia visto, resolveu voltar à Espanha e a Salamanca para terminar seus estudos. Assim como pensou, agiu, para grande pesar de seu amigo, que lhe pediu na despedida que o informasse de sua saúde, chegada e viagem. Prometeu fazê-lo e, pela França, voltou à Espanha sem ter visto Paris, pois havia pegado em armas.<sup>16</sup> Enfim chegou a Salamanca, onde foi bem recebido por seus amigos; e, com a ajuda que eles lhe deram, prosseguiu seus estudos até se formar como licenciado em leis.

Aconteceu que nesses dias chegou àquela cidade uma dama do mundo. Em seguida acorreram ao chamariz e ao alçapão todos os pássaros do lugar, sem faltar um estudante que não a visitasse. Contaram a Tomás que aquela dama dizia conhecer a Itália e Flandes, e, para ver se realmente os conhecia, ele foi visitá-la, e, por causa dessa visita e da aparência dele, ela ficou apaixonada por Tomás. Mas ele, sem perceber nada, se não fosse à força e levado pelos outros, não queria entrar em sua casa. Finalmente ela revelou seus sentimentos a ele e lhe ofereceu seus bens. Mas como ele dava mais atenção a seus livros que a outros passatempos, de maneira alguma correspondia aos desejos da senhora. Ela, vendo-se

desdenhada e, em sua opinião, detestada, e que por meios normais e comuns não podia conquistar a rocha da vontade de Tomás, resolveu buscar outros modos, mais eficazes em sua opinião, e suficientes, para conseguir realizar seus desejos.

E assim, aconselhada por uma mourisca, deu a Tomás num marmelo toledano o que chamam de feitiços, acreditando que lhe dava coisa que forçaria sua vontade a querê-la, como se houvesse no mundo ervas, encantos ou palavras suficientes para forçar o livre-arbítrio; por isso as pessoas que dão essas bebidas ou comidas amorosas se chamam venéficas, porque não é outra coisa o que fazem, senão dar venenos a quem as ingere, como tem demonstrado a experiência em muitas e diversas ocasiões.

Infelizmente Tomás comeu o marmelo e em seguida começou a ter convulsões como se tivesse epilepsia. E ficou muitas horas sem voltar a si, ao fim das quais acordou tonto e disse, com língua confusa e gaguejante, que o havia matado um marmelo que comera, e declarou quem o havia dado. A Justiça, que teve notícia do caso, foi atrás da malfeitora; mas ela, vendo o desastre, havia se posto a salvo, e não apareceu jamais.

Tomás esteve de cama seis meses, e nesse tempo secou e ficou, como se costuma dizer, pele e osso, e mostrava ter todos os sentidos perturbados. Embora tenham lhe dado os remédios possíveis, só lhe curaram a doença do corpo, não a da mente, porque ficou saudável e louco da mais estranha loucura que havia se visto até então entre outras loucuras. O desgraçado pensou que era feito todo de vidro e, por causa disso, quando alguém se aproximava dele, dava terríveis gritos pedindo e suplicando, com palavras e argumentos lúcidos, que se afastasse porque senão o quebraria, pois ele, real e verdadeiramente, não era como os outros homens, porque era de vidro da cabeça aos pés.<sup>17</sup>

Para o tirarem dessa fantasia, muitos, sem dar atenção a seus brados e súplicas, lançavam-se a ele e o abraçavam, dizendo que prestasse atenção e visse como não se quebrava. Mas o que se ganhava com isso era que o pobre se jogava no chão, dando mil gritos, e em seguida desmaiava, e só voltava a si depois de quatro

horas, e então se renovavam as preces e súplicas para que não se aproximassem. Dizia que lhe falassem de longe e perguntassem o que quisessem, porque responderia a tudo com mais sabedoria por ser homem de vidro e não de carne, pois, como a matéria do vidro é sutil e delicada, deixava a alma agir através dela com mais rapidez e eficácia que pela matéria pesada e terrestre do corpo.

Algumas pessoas quiseram ver se era verdade o que dizia. Assim, perguntaram a ele muitas coisas difíceis, a que respondeu espontaneamente com inteligência afiada, coisa que causou admiração aos demais letrados da universidade, e aos professores de medicina e filosofia, vendo que num sujeito em que havia loucura tão extraordinária, como era pensar que fosse de vidro, se encerrasse tão grande entendimento que podia responder a toda pergunta com propriedade e agudeza.

Tomás pediu que lhe dessem algum estojo em que pôr a taça quebradiça de seu corpo, para que ao vestir alguma roupa apertada não se quebrasse. E assim lhe deram uma roupa parda e uma camisa muito larga, que ele vestiu com muito cuidado, e amarrou na cintura uma corda de algodão. Não quis botar sapatos de jeito nenhum, e para lhe darem de comer sem se aproximar, como ele ordenou, tiveram de pôr na ponta de uma vara uma caixa de guardar penico em que punham alguma fruta da estação. Não queria nem carne nem peixe e não bebia a não ser em fonte ou rio, e isso com as mãos. Quando andava pelas ruas, ia pelo meio delas, olhando os telhados, com medo que lhe caísse em cima alguma telha e o quebrasse. Nos verões dormia no campo, ao relento, e nos invernos se metia em alguma estalagem, e no palheiro se enterrava até o pescoço, dizendo que aquela cama era a mais própria e mais segura que os homens de vidro podiam ter. Quando trovejava, tremia como vara verde e saía para o campo, e não entrava numa aldeia até o temporal ter passado. Seus amigos o mantiveram trancado por muito tempo; mas, vendo que sua desgraça seguia em frente, resolveram concordar com o que ele pedia, que era que o deixassem andar livre, e assim fizeram, e ele saiu pela cidade, causando admiração e pena a todos os que o conheciam. Os

meninos logo o cercaram. Mas ele os detinha com a vara<sup>18</sup> e pedia que falassem de longe, para que ele não se quebrasse, pois por ser homem de vidro era muito frágil e quebradiço. Os meninos, que são a espécie mais travessa do mundo, a despeito de suas súplicas e gritos, começaram a lhe atirar trapos, e até pedras, para ver se era de vidro, como dizia. Mas ele dava tantos gritos e se lamentava tanto que levava os homens a repreender e castigar os meninos, para que não o agredissem. Mas, um dia em que o atormentaram muito, virou-se para eles dizendo:

– Que quereis de mim, meninos, teimosos como moscas, sujos como percevejos, atrevidos como pulgas? Eu sou, por acaso, o monte Testacho de Roma, para que me joguem cacos e telhas?<sup>19</sup> Para o ouvirem repreender e responder a todos, muitos o seguiam sempre, e os meninos acabaram achando melhor ouvi-lo que lhe jogar coisas.

Passando uma vez pelo comércio de roupas de Salamanca, uma vendedora lhe disse:

– Sua desgraça pesa em minha alma, senhor licenciado, mas o que farei, já que não posso chorar?

Ele se virou para ela e, muito educado, disse:

– Filiae Hierusalem, plorate super vos et super filios vestros.<sup>20</sup>

O marido da vendedora entendeu a malícia da tirada e lhe disse:

– Meu caro licenciado Vidraça – pois assim ele dizia se chamar –, mais tendes de velhaco que de louco.

– Pouco me importa – respondeu ele –, desde que não tenha nada de tolo.

Passando um dia pelo prostíbulo, viu que estavam à porta muitas de suas moradoras, e disse que eram mulas de carga do exército de Satanás que estavam alojadas na estalagem do inferno.

Alguém lhe perguntou que conselho ou consolo daria a um amigo seu que estava muito triste, porque sua mulher tinha ido embora com outro.

– Diga-lhe – respondeu – que dê graças a Deus por ter permitido que levassem seu inimigo de casa.

– Então não deve ir atrás dela? – disse o outro.

– Nem pensar! – respondeu Vidraça. – Porque encontrá-la seria encontrar um perpétuo e veraz testemunho de sua desonra.

– Já que é assim – disse o mesmo –, o que devo fazer para ter paz com minha mulher?

Respondeu-lhe:

– Dá a ela o que fazer. Deixa que ela mande em todos na sua casa, mas não aguentes que ela mande em ti.

Disse-lhe um menino:

– Senhor licenciado Vidraça, eu quero sair da casa de meu pai, porque ele me surra muitas vezes.

E lhe respondeu:

– Vê, menino, os açoites que os pais dão nos filhos honram, e os dos carrascos humilham.

Estando à porta de uma igreja, viu que entrava nela um camponês dos que sempre se gabam de ser cristãos-velhos e atrás dele vinha um que não tinha uma fama tão boa como o primeiro. E o licenciado disse ao camponês, em altos brados:

– Esperai, domingo, que passe o sábado.<sup>21</sup>

Sobre os professores de escola dizia que eram felizes, pois lidavam sempre com anjos, e que seriam felicíssimos se os anjinhos não fossem diabinhos.

Outro lhe perguntou o que achava das alcoviteiras. Ele disse que as distantes não o eram, as vizinhas sim.<sup>22</sup>

A notícia de sua loucura e de suas respostas e ditos se espalhou por toda a Castela, e chegou a um príncipe, ou senhor, que estava na corte. Como quis conhecê-lo, encarregou um cavaleiro amigo seu que estava em Salamanca que lhe enviasse o licenciado. Um dia, encontrando-o, o cavaleiro disse:

– Saiba, senhor licenciado Vidraça, que uma pessoa importante da corte quer vê-lo, e me pediu que o mande a ela.

Ao que respondeu:

– Vossa mercê me desculpe com esse senhor, pois não sou bom para palácio, porque tenho vergonha e não sei bajular.

Apesar disso, o cavaleiro o mandou à corte, e para levá-lo usaram com ele deste ardid: puseram dois cestos de taquara, como

aqueles em que se carregam vidros, sobre um burro, com o licenciado em um e pedras no outro para manter o equilíbrio, e também puseram alguns vidros entre palhas, para que pensasse que o levavam como uma taça.

Chegou a Valladolid à noite e o tiraram do cesto na casa do senhor que havia mandado buscá-lo, por quem foi muito bem recebido:

– Seja muito bem-vindo, senhor licenciado Vidraça. Como foi de viagem? Como está de saúde?

Ao que ele respondeu:

– Nenhuma viagem é ruim, desde que acabe, a não ser que seja na força. De saúde estou bem, porque meu coração e meu cérebro estão equilibrados.

No dia seguinte, tendo visto em muitos poleiros muitos falcões e açores, e outras aves de volataria, disse que a caça de altanaria era digna de príncipes e de grandes senhores, mas que notassem que com ela o gosto superava o proveito em duas mil vezes por uma. Disse que a caça de lebres era muito prazerosa e mais ainda quando se caçava com galgos emprestados.

O cavaleiro gostou de sua loucura e o deixou passear pela cidade, sob o amparo e guarda de um homem para que os meninos não lhe fizessem mal, dos quais e de toda corte ficou conhecido em seis dias. E a cada passo, em cada rua e em qualquer esquina respondia a todas as perguntas que lhe faziam. Entre tantas, um estudante lhe perguntou se era poeta, porque lhe parecia que tinha inteligência para tudo. Ele respondeu:

– Até agora não fui tão tolo nem tão feliz.

– Não entendo esse negócio de tolo e feliz – disse o estudante.

E Vidraça respondeu:

– Não fui tão tolo que me tornasse um mau poeta, nem tão feliz que tenha merecido ser um bom.

Outro estudante perguntou o que pensava dos poetas. Respondeu que tinha alta consideração pela ciência, mas nenhuma pelos poetas.<sup>23</sup> Quiseram saber por que dizia isso. Respondeu que do número infinito de poetas que havia, eram tão poucos os bons

que sobravam poucos. E assim, na falta de poetas, não gostava deles, mas que admirava e reverenciava a ciência da poesia, porque continha em si todas as demais ciências, pois se serve de todas, de todas se adorna e pule, e traz à luz suas maravilhosas obras, com que enche o mundo de proveito, de prazer e de maravilha.

A isso acrescentou:

– Eu sei muito bem em que se deve estimar um bom poeta, porque me lembro daqueles versos de Ovídio, que dizem:

Cum Ducum fuerant olim Regnumque, Poeta,  
Premiaque antiqui imagina tulere chori,  
Sanctaque Maiestas, et erat venerabile nomen,  
Vatibus, et large sape dabantur opes.<sup>24</sup>

– E esqueço menos a alta qualidade dos poetas, pois Platão os chama de intérpretes dos deuses. E deles diz Ovídio:

Est Deus in nobis agitante calescimus illo.<sup>25</sup>

– E também diz:

At sacri vates, et Divum cura vocamus.<sup>26</sup>

– Isso se diz dos bons poetas, pois dos maus, dos charlatões, o que se há de dizer, fora que são a idiotice e a arrogância do mundo?

E acrescentou mais isto:

– O que é ver a um desses poetas de primeira viagem, quando quer recitar um soneto para outros que o rodeiam, a licença que pede, dizendo: “Ouçam vosmecês um sonetinho que fiz lá pelas tantas, ontem à noite. Em minha opinião, embora não valha nada, tem um não sei quê de bonito”. E aí torce os lábios, põe as sobrancelhas em arco, e remexe na algibeira, e dentre outros mil papéis sebosos e meio despedaçados, onde ficam outros mil sonetos, tira o que quer ler, e por fim o diz em tom meloso e



afetado. E, se por acaso os que o escutam, por deboche ou por ignorância, não o elogiam, diz: “Ou vosmecês não entenderam o soneto, ou eu não soube recitá-lo, de modo que será melhor que o recite outra vez, e que vosmecês prestem mais atenção, porque a verdade verdadeira é que o soneto merece”. E como antes, recita-o outra vez, mas com novos gestos e novas pausas. Então, o que é vê-los censurar uns aos outros? O que direi dos latidos dos filhotes e modernos para os cachorrões antigos e importantes? E dizer o que dos que murmuram contra alguns ilustres e excelentes sujeitos, em quem resplandece a verdadeira luz da poesia, que ao tomá-la como alívio e distração de suas muitas e graves ocupações mostram a divindade de seus talentos e nobreza de seus conceitos, a despeito e apesar do público ignorante que julga o que não conhece e detesta o que não entende, e que quer que se julgue e se tenha em grande conta a tolice que se senta embaixo de dosséis, e a ignorância que se aproxima dos assentos de honra?

Certa vez lhe perguntaram qual era a causa de que a maioria dos poetas fosse pobre. Respondeu que porque eles queriam, pois só depende deles ser ricos se souberem aproveitar a oportunidade, que às vezes tinham entre as mãos, pois eram as de suas damas. Todas elas eram riquíssimas ao extremo, afinal tinham os cabelos de ouro, a testa de prata polida, os olhos de verdes esmeraldas, os dentes de marfim, os lábios de coral e a garganta de cristal transparente; e o que choravam eram pérolas líquidas; e, mais ainda, o que seus pés pisavam, por mais dura e estéril terra que fosse, no mesmo instante produzia jasmims e rosas; e que seu hálito era de puro âmbar, almíscar e algália; e que todas essas coisas eram amostras de grande riqueza. Essas e outras coisas dizia dos maus poetas, pois dos bons sempre falou bem, e os elevou aos cornos da Lua.

Um dia viu na calçada de São Francisco umas figuras mal pintadas e disse que os bons pintores imitavam a natureza, mas os maus a deformavam.

Um dia se aproximou com muito cuidado, para não se quebrar, da loja de um livreiro e lhe disse:

– Este ofício me alegraria muito, se não fosse por uma falha que tem.

O livreiro perguntou qual era, e ele respondeu:

– As amabilidades que fazem quando compram os direitos de um livro e as zombarias que fazem quando o autor imprime seu livro por conta, pois em vez de mil e quinhentos, imprimem três mil livros, e, quando o autor pensa que se vendem os seus, se despacham os alheios.

Aconteceu que nesse mesmo dia passaram pela praça seis açoitados, e o oficial anunciando “Ao primeiro por ladrão”, e em grandes brados disse aos que estavam diante dele:

– Afastai-vos, irmãos, para que eu não comece esta conta por um de vós.

E quando o oficial acabou por anunciar “Ao traseiro...”, disse:

– Aquele deve ser o fiador dos rapazes.<sup>27</sup>

Um rapaz lhe disse:

– Meu caro Vidraça, amanhã vão açoitar uma alcoviteira.

Ele respondeu:

– Se dissesse que iriam açoitar um alcoviteiro, eu pensaria que iriam açoitar um coche.<sup>28</sup>

Encontrava-se ali um desses que andam de liteira, que lhe disse:

– E de nós, licenciado, não tem o que dizer?

– Não – respondeu Vidraça –, exceto que cada um de vós conhece mais pecados que um confessor, mas com uma diferença: o confessor os conhece para mantê-los em segredo, e vós para anunciá-los pelas tabernas.

Um moço de mulas ouviu isso – pois todo tipo de gente estava continuamente ouvindo-o – e lhe disse:

– De nós, senhor boca grande, pouco ou nada há para dizer, porque somos gente de bem, e necessária à sociedade.

Ao que Vidraça respondeu:

– A honra do amo revela a do criado. Assim, olha a quem serves e verás o quanto és honrado. Todos vós, moços, sois da pior canalha que há na Terra. Uma vez, quando não era de vidro, fiz uma viagem numa mula de aluguel, que era tão ruim que contei cento e vinte e um defeitos, todos capitais e inimigos do gênero humano. Todos os moços de mulas têm algo de velhacos, algo de ladrões e algo de

descarados. Se seus amos (que assim eles chamam aos que levam em suas mulas) são uns frouxos, passam-nos para trás, com mais trapaças que as que foram feitas nesta cidade nos anos passados. Se são estrangeiros, roubam-nos; se estudantes, amaldiçoam-nos; e, se são religiosos, renegam-nos; e, se são soldados, temem-nos. Estes, e os marinheiros e carreteiros e tropeiros, têm um modo de viver extraordinário e só deles. O carreteiro passa a maior parte da vida num espaço de metro e meio, que pouco mais deve haver do jugo das mulas à boca da carroça; canta metade do tempo, e na outra metade blasfema. E passa outro tanto dizendo “Comam poeira”. E, se por acaso tem de tirar uma roda de algum atoleiro, mais se ajuda com duas pragas que com três mulas. Os marinheiros são gente pagã e mal-educada, que não conhece outra linguagem que a que se usa nos navios. Na bonança são diligentes, e nas tempestades preguiçosos. Durante os temporais, muitos mandam e poucos obedecem. Seu Deus é seu barco e sua comida; e seu passatempo é ver os passageiros nauseados. Os tropeiros são gente que se divorciou dos lençóis e se casou com os enxergões. São tão diligentes e pressurosos que para não perder a jornada perdem a alma. Sua música é a do morteiro; seu tempero, a fome; suas matinas, levantar com pragas, e suas missas não ouvir nenhuma.

Quando ele dizia isso, estava diante da porta de um boticário. E, virando-se para o dono, disse-lhe:

– Vosmecê teria um trabalho saudável, se não fosse tão inimigo de seus candeeiros.

– Como sou inimigo de meus candeeiros? – perguntou o boticário.

E Vidraça respondeu:

– Digo isso porque, na falta de qualquer azeite, vosmecê a supre com o do candeeiro mais à mão. E esse ofício ainda tem outra coisa que é suficiente para acabar com a reputação do médico mais consciencioso do mundo.

O boticário perguntou o que era. Respondeu que havia boticário que, para não dizer que faltava em sua botica o que o médico tinha receitado, botava outras coisas no lugar das que não tinha, pois, em sua opinião, apresentavam a mesma propriedade e eficácia, não

sendo assim. E com isso o remédio malfeito tinha resultado contrário do que devia ter se fosse bem aviado.

Então alguém lhe perguntou o que achava dos médicos, e respondeu isto:

– “Honora medicum propter necessitatem, etenim creavit eum altissimus; a Deo enim est omnis medela, et a rege accipiet donationem. Disciplina medici exaltavit caput illius, et in conspectu magnatum collaudabitur. Altissimus de terra creavit medicinam, et vir prudens non aborrebit illam.”<sup>29</sup> Isso diz o Eclesiastes da medicina e dos bons médicos. E dos maus pode-se dizer o contrário, porque não há gente mais prejudicial à república que eles. O juiz pode torcer ou retardar a Justiça; o advogado, defender por seu interesse nossa demanda injusta; o mercador, sugar-nos as riquezas; enfim, todas as pessoas com quem tratamos por necessidade podem nos causar algum prejuízo, mas nenhuma nos tirar a vida sem ficar sujeita ao temor do castigo. Só os médicos podem nos matar, e nos matam sem medo e sem esforço, sem desembainhar outra espada que a de uma receita. E não há possibilidade de descobrir seus delitos, porque num instante os metem embaixo da terra. Lembro-me de que, quando era homem de carne, não de vidro como agora, um médico desses de segunda classe foi despedido pelo doente, para se tratar com outro, e dali a quatro dias o primeiro por acaso passou na botica onde o segundo aviava suas receitas, e perguntou ao boticário como ia o doente que o havia deixado e se o outro médico havia lhe receitado algum purgante. O boticário respondeu que ali tinha uma receita de purgante que no dia seguinte o doente devia tomar. O médico disse que a mostrasse e viu que, ao fim dela, estava escrito: Sumat diluculo,<sup>30</sup> e disse: “Aprovo tudo o que contém este purgante, menos este dilúculo<sup>31</sup> porque é úmido demais”.

Por essa e por outras coisas que dizia sobre todos os ofícios, andavam atrás dele, sem lhe fazer mal e sem deixá-lo sossegar. Mas, apesar disso tudo, não poderia se defender dos meninos se seu guardião não o defendesse.

Alguém lhe perguntou o que devia fazer para não ter inveja de ninguém.

– Dorme – respondeu –, pois todo o tempo em que estiveres dormindo serás igual a quem invejas.

Outro lhe perguntou o que poderia fazer para conseguir um cargo temporário que fazia dois anos que desejava, e ele disse:

– Há dois anos buscas um cargo temporário? Melhor buscar um permanente.

Por acaso passou diante dele, uma vez, um juiz em comissão, que ia tratar de uma causa criminal, e levava muita gente consigo e dois aguazis. Perguntou quem era e, como lhe disseram, falou:

– Aposto que aquele juiz leva serpentes no coração, pistolas no cinto e raios nas mãos, para destruir tudo o que sua autoridade alcançar. Eu me lembro de ter tido um amigo que, num julgamento criminal que teve, deu uma sentença tão exorbitante que excedia em muitos quilates a culpa dos delinquentes. Perguntei a ele por que havia dado aquela sentença tão cruel e cometido uma injustiça tão evidente. Respondeu que pensava conceder a apelação, e que com isso deixava campo livre aos senhores do Conselho para mostrar misericórdia, moderando e pondo aquela sua rigorosa sentença em seu lugar e devida proporção. Eu lhe respondi que seria melhor tê-la dado de modo que lhes poupasse aquele trabalho, e assim eles o considerariam um juiz honesto e competente.

Na roda de muitas pessoas que, como se disse, sempre estavam ouvindo-o, encontrava-se um conhecido seu vestido de preto, com sotaina e capa de advogado, a quem outro chamou de senhor licenciado. E como Vidraça sabia que o sujeito a quem chamaram de licenciado ainda não tinha nem título de bacharel, disse-lhe:

– Cuidado com vosso título, compadre, que cão sem dono é apedrejado.

Ao que o amigo respondeu:

– Tratemo-nos com respeito, senhor Vidraça, pois já sabeis que sou homem de altas e profundas letras.

Vidraça lhe respondeu:

– Já sei que sois um Tântalo das letras, porque elas vos passam por alto e não as alcançais de tão profundas.

Estando uma vez próximo a uma alfaiataria, viu que o alfaiate estava de braços cruzados e lhe disse:

- Sem dúvida, senhor, estais a caminho da salvação.
- Por quê? – perguntou o alfaiate.
- Como por quê? – respondeu Vidraça. – Se não tendes o que fazer, não tereis chance de mentir. – E acrescentou: – Infeliz do alfaiate que não mente e não costura nos feriados. É espantoso que mal se encontre um, entre quase todos os desse ofício, que não perca a linha.

Dos sapateiros dizia que, em sua opinião, jamais faziam sapatos ruins. Porque, se ficavam pequenos e apertados em quem os calçava, diziam que tinha de ser assim porque assim andam os elegantes, e que usando por duas horas ficariam mais frouxos que alpargatas; e, se vinham grandes demais, diziam que tinha de ser assim por amor aos calos.

Um rapaz atilado que trabalhava num tribunal de província o enchia de perguntas e questões e lhe dava notícias do que acontecia na cidade, porque ele criticava tudo e a tudo respondia. Este lhe disse uma vez:

- Vidraça, esta noite morreu na prisão um banqueiro que estava condenado à forca.

Ao que ele respondeu:

- Nesse caso a pressa não foi inimiga da perfeição.

Na calçada de São Francisco estava uma roda de genoveses. Ao passar por ali, um deles chamou Vidraça, dizendo-lhe:

- Venha cá, senhor Vidraça, e nos conte um conto.

Ele respondeu:

- Não, porque não quero ser tomado por vigário.

Topou uma vez com uma vendedora que levava diante de si uma filha muito feia, mas cheia de joias, de enfeites e pérolas. E disse à mãe:

- Fizestes muito bem em empedrá-la para que possa passear.

Dos confeitores disse que havia muitos anos que vendiam gato por lebre, sem serem multados, porque uma torta de dois maravedis custava quatro; a de quatro, oito; a de oito, meio real, apenas porque assim tinham decidido.

Dizia horrores dos titereiros, que eram vagabundos e tratavam com indecência as coisas divinas, porque com os fantoches que

mostravam em seus palcos transformavam a devoção em riso, e que acontecia de enfiarem num saco todos ou a maioria dos personagens do Velho e do Novo Testamento, e sentar-se sobre ele para comer e beber em bodegas e tavernas. Enfim, dizia que se espantava de ver que quem podia pôr seus palcos em silêncio perpétuo ou desterrá-los do reino nada fazia.

Por acaso um comediante vestido como um príncipe passou por onde ele estava. Vendo-o, disse:

– Eu me lembro de ter visto este sair do teatro com o rosto enfarinhado e vestindo uma pele de cordeiro pelo avesso. Apesar disso, fora do palco sempre jura ser fidalgo.

– Deve ser – respondeu alguém –, porque há muitos comediantes que são bem-nascidos e fidalgos.

– Deve ser verdade – replicou Vidraça –, mas o que a farsa menos precisa é de pessoas bem-nascidas; de homens bonitos e elegantes, sim, e de língua afiada. Sei também que ganham o pão com seu próprio suor, com trabalho intolerável, decorando continuamente seus papéis, feitos perpétuos ciganos de aldeia em aldeia e de hospedaria em hospedaria, desvelando-se para alegrar os outros, porque no prazer alheio consiste seu próprio bem. Mais ainda, pois com seu trabalho não enganam ninguém: num instante mostram sua mercadoria em praça pública, à vista e ao julgamento de todos. O trabalho dos diretores de companhia é incrível e seu cuidado extraordinário, e têm de ganhar muito para que no fim do ano não sejam forçados a entregar seus bens aos credores. E além do mais são necessários na república, como o são as florestas, as alamedas e as belas paisagens, e como são todas as coisas que divertem honestamente.

Dizia que na opinião de um amigo seu aquele que servia a uma comediante não servia apenas a uma dama mas a muitas ao mesmo tempo, como a uma rainha, a uma ninfa, a uma deusa, a uma criada, a uma pastora. E muitas vezes dava o acaso de servir a um pajem ou lacaio, pois todas essas e outras personagens uma comediante costuma fazer.

Alguém lhe perguntou quem havia sido o mais feliz do mundo. Respondeu que nemo; porque nemo novit patren, nemo sine crimine

vivit, nemo sua sorte contentus, nemo ascendit in coelum.<sup>32</sup>

Dos espadachins disse uma vez que eram mestres de uma ciência ou arte que não sabiam quando precisavam dela, e que se aproximavam da presunção, pois queriam reduzir a demonstrações matemáticas, que são infalíveis, os movimentos e pensamentos coléricos de seus adversários.

Era particularmente inimigo dos que pintavam as barbas. E uma vez, dois homens (um português e um castelhano), discutindo diante dele, disse o português, segurando as barbas que tinha muito tingidas:

– Por estas barbas que tenho na cara!

Vidraça interveio:

– Olhai, homem, não digais barbas, mas tintas.

Outro tinha barbas matizadas de muitas cores, culpa da tinta ruim, a quem Vidraça disse que tinha barbas de esterqueira malhada. A outro, que trazia a barba metade branca, metade preta, e com os pelos crescidos, por ter se descuidado, disse que procurasse não teimar nem discutir com ninguém, porque estava sujeito a que dissessem que mentia pela metade da barba.

Uma vez contou que uma donzela sensata e precavida, para atender à vontade de seus pais, concordou em casar com um velho todo grisalho, e ele, uma noite antes do dia do casamento, foi não ao rio Jordão, como dizem as velhas, mas à baciazinha da tintura, com que rejuvenesceu sua barba, deitando-a de prata e levantando-a de piche. Chegou a hora da cerimônia, e a donzela reconheceu pela pinta e pela tinta a pessoa, mas disse a seus pais que lhe dessem o mesmo esposo que lhe haviam mostrado, pois não queria outro. Eles disseram que aquele que tinha ali em frente era o mesmo que haviam mostrado e dado por marido. Ela replicou que não era, e como prova disse que aquele que os pais lhe deram era um homem maduro e grisalho, e como o presente não era grisalho não podia ser ele e assim, por trapaça no contrato, o negócio estava desfeito. A donzela ateve-se a isso, envergonhou-se o tingido e o casamento foi desfeito.



Tinha pelas aias a mesma ojeriza que pelos pintados. Dizia maravilhas de sua permafóy,<sup>33</sup> das mortalhas de suas toucas, de seus inúmeros melindres, de seus escrúpulos e de sua extraordinária mesquinhez. Amofinavam-no suas fraquezas de estômago, suas tonturas, seu jeito de falar com mais afetação que suas toucas e, por fim, sua inutilidade e seus bordados.

Alguém lhe disse:

– O que é isso, senhor licenciado? Eu vos ouvi falar mal de muitos ofícios e jamais dissestes algo dos escrivães, havendo tanto que dizer.

Ao que ele respondeu:

– Embora de vidro, não sou tão fraco que me deixe levar pela conversa do povo, na maioria das vezes enganado. Parece-me que a gramática dos mexeriqueiros e o lá, lá, lá dos que cantam são os escrivães; porque, assim como não se pode passar a outras ciências sem ser pela porta da gramática, e como o músico murmura antes de cantar, assim os maledicentes começam a mostrar a perversidade de sua língua falando mal dos escrivães e aguazis, e de outros oficiais da Justiça, pois sem o trabalho do escrivão a verdade andaria pela sombra no mundo, envergonhada e maltratada; e assim diz o Eclesiastes: In manu Dei potestas homini est, et super faciem scribe imponet honorem.<sup>34</sup> O escrivão é pessoa pública, e o trabalho do juiz não pode ser feito comodamente sem o dele. Os escrivães devem ser livres e não escravos, nem filhos de escravos; legítimos, não bastardos, nem nascidos de alguma má raça. Juram, em particular, fidelidade e que não farão escritura interesseira; juram que nem amizade nem inimizade, proveito ou prejuízo os moverão a fazer seu trabalho sem consciência boa e cristã. Pois, se esse trabalho requer tantas qualidades, por que vai se pensar que, de mais de vinte mil escrivães que há na Espanha, leve o diabo a colheita, como se fossem cepas de sua vinha? Não quero acreditar nisso, nem é bom que alguém acredite. Porque, enfim, digo que são pessoas das mais necessárias que havia nas repúblicas bem organizadas e, se cobravam taxas demais, também cometiam

injustiças demais, que desses dois extremos podia resultar um meio-termo que os fizesse andar na linha.

Dos aguazis disse que não era estranho que tivessem alguns inimigos, sendo o trabalho deles ou te prender ou tirar teus bens da casa, ou te manter na sua sob vigilância e comer à tua custa. Censurava a negligência e ignorância dos procuradores e agentes fiscais, comparando-os aos médicos, que, curem ou não curem o doente, recebem seu dinheiro, e os procuradores e os agentes também, desembaracem ou não o processo em que ajudam.

Alguém lhe perguntou qual era a melhor terra. Respondeu que a arável e fértil. Outro replicou:

– Não pergunto isso, mas qual é o melhor lugar, Valladolid ou Madri.

E respondeu:

– De Madri, prefiro os extremos; de Valladolid, os meios.

– Não entendo – repetiu o que perguntava.

– De Madri céu e solo – disse –, de Valladolid entre o céu e o solo: os sobrados.<sup>35</sup>

Vidraça ouviu um homem que dizia a outro que, mal havia entrado em Valladolid, sua mulher tinha caído doente, porque não se deu bem com o clima. Ao que Vidraça disse:

– Melhor isso que não se dar bem com vosmecê.

Dos músicos e dos mensageiros que andam a pé dizia que tinham esperança e sorte limitadas, porque acabavam ao se conseguir um cavalo e ser músicos do rei.

Das damas que chamam cortesãs dizia que todas, ou a maioria, eram mais cortesões que sãs.

Estando um dia numa igreja, viu que traziam um velho para enterrar, uma criança para batizar e uma mulher para casar, todos ao mesmo tempo, e disse que os templos eram campos de batalha onde os velhos acabam, as crianças vencem<sup>36</sup> e as mulheres triunfam.

Uma vez uma vespa lhe picava o pescoço, e ele não ousava espantá-la para não se quebrar, mas se queixava. Alguém lhe perguntou como sentia a picada da vespa se seu corpo era de vidro.

E respondeu que aquela vespa devia ser mexeriqueira, e que as línguas e ferrões dos mexeriqueiros eram fortes o suficiente para destroçar corpos de bronze, que dirá de vidro.

Passando por acaso um religioso muito gordo por onde estava, um dos ouvintes disse:

– De tão ético o padre não pode se mexer.<sup>37</sup>

Vidraça se irritou e disse:

– Ninguém se esqueça do que diz o Espírito Santo: Nolite tangere Christos meos.<sup>38</sup>

E mais colérico ainda disse que olhassem bem isso e veriam que de muitos santos que nos últimos anos tinham sido canonizados pela Igreja e postos no número dos bem-aventurados nenhum se chamava capitão dom fulano, nem o secretário dom beltrano de tal, nem conde, marquês ou duque de tal lugar, mas frei Diego, frei Jacinto, frei Raimundo; todos padres e religiosos. Porque as ordens religiosas são os pomares do céu, cujos frutos comumente vão para a mesa de Deus.

Dizia que a língua dos mexeriqueiros era como as penas da águia, que roem e estragam as das outras aves que se juntam a elas.<sup>39</sup> Dos gariteiros e jogadores dizia maravilhas. Dizia que os gariteiros eram corrompedores públicos, porque pegando as gorjetas dos que iam ganhando, desejavam que perdessem e passassem o baralho adiante, para que o adversário ganhasse e ele pudesse cobrar sua comissão. Elogiava muito a paciência de um jogador, que ficava a noite toda jogando e perdendo; e mesmo sendo de temperamento colérico e endemoniado, para que seu adversário não fosse embora, não abria a boca e aguentava mais que um mártir. Elogiava também a consciência de alguns gariteiros honrados que nem em imaginação consentiam que em sua casa se jogassem outros jogos além de franga e cento,<sup>40</sup> e com eles, em fogo brando, sem temor de trapaceas, ganhavam no fim do mês mais gorjetas que com jogos rápidos e grandes apostas.

Enfim, ele dizia tais coisas que, se não fosse pelos grandes gritos que dava quando o tocavam ou se aproximavam dele, pela roupa que usava, pela escassez de sua comida, pelo modo como bebia, por

não querer dormir a não ser ao relento no verão e nos palheiros no inverno, como já se disse, com o que demonstrava claramente sua loucura, ninguém poderia acreditar que não fosse um dos homens mais sensatos do mundo. Essa doença durou dois anos ou pouco mais, porque um religioso da ordem de São Jerônimo,<sup>41</sup> que tinha o dom e a ciência particular de fazer com que os mudos entendessem e de certa forma falassem, e de curar loucos, encarregou-se de curar Vidraça, movido pela caridade, e o tratou e curou, e ele recobrou o juízo e a inteligência de antes. E logo que o viu são, vestiu-o como advogado e o mandou de volta à corte, onde, dando tantos sinais de sensatez como havia dado de loucura, poderia exercer seu ofício e tornar-se famoso com ele.

Assim fez e, chamando-se licenciado Rueda, e não Rodaja, voltou à corte, onde, mal chegou, foi reconhecido pelos meninos. Mas como o viram com roupa tão diferente da que costumava usar, não ousaram zombar nem fazer perguntas; seguiam-no, porém, e diziam uns aos outros:

– Este não é o louco Vidraça? Juro que é ele. Está curado, mas tanto se pode ser louco bem-vestido como malvestido. Vamos perguntar alguma coisa e acabar com essa dúvida.

O licenciado ouvia isso tudo e se calava, e ia mais confuso e mais irritado que quando estava sem juízo.

A notícia dos meninos chegou aos homens, e, antes que o licenciado chegasse ao Pátio dos Conselhos, levava atrás de si mais de duzentas pessoas de todo tipo. Com esse cortejo, que era maior que a comitiva de um catedrático, chegou ao pátio, onde acabaram de rodeá-lo todos os que ali estavam. Ele, vendo-se com essa turba ao redor, levantou a voz e disse:

– Senhores, eu sou o licenciado Vidraça, mas não o de antes. Agora sou o licenciado Rueda. Desastres e desgraças, que acontecem com a permissão do céu, tiraram-me o juízo, mas o recuperei com a misericórdia de Deus. Pelas coisas que dizem que eu disse quando estava louco podeis avaliar as que direi e farei agora, saudável. Eu sou formado em leis por Salamanca, onde estudei apesar da pobreza e onde tirei o segundo lugar no exame

final, do que se pode deduzir que mais virtude que favor me deu o diploma que tenho. Vim aqui neste grande mar da corte para advogar e ganhar a vida, mas, se não me deixais, terei vindo vogar e granjear a morte. Pelo amor de Deus, não façais, portanto, que o me seguir seja me perseguir e que o que alcancei como louco, que foi o sustento, perca como são. O que costumáveis me perguntar pelas praças, perguntai-me agora em minha casa, e vereis que o que vos respondia bem, segundo dizem, de improviso, vos responderei melhor depois de pensado.

Todos o escutaram, e alguns o deixaram. Voltou para sua hospedaria com um cortejo um pouco menor do que havia levado. Saiu no dia seguinte, e aconteceu a mesma coisa; fez outro sermão, e não serviu para nada. Perdia muito e não ganhava nada, e, vendo-se morrer de fome, resolveu deixar a corte e voltar a Flandes, onde pensava valer-se da força de seus braços, pois não podia se valer da de sua inteligência. E antes de sair da corte, disse:

– Ó corte, que alongas as esperanças dos aspirantes atrevidos e encurta as dos virtuosos retraídos! Sustentas abundantemente os velhacos desavergonhados e matas de fome os sagazes envergonhados!

Disse isso e foi para Flandes, onde a vida que havia começado a eternizar pelas letras acabou por eternizar pelas armas, na companhia de seu bom amigo capitão Valdívia, deixando fama, depois de sua morte, de soldado prudente e valentíssimo.

---

1 Os estudantes se vestiam de preto.

2 Mostra do italiano falado pelos soldados. Sua provável transcrição é: *Acconcia, patrone; passa quà, manigoldo; vengano la maccatella, li pollastri e li maccheroni* [“Olha, patrão; vem cá, seu pícaro; que venham a almôndega, os frangos e os macarrões”].

3 Túnel feito sob as muralhas, que era recheado de explosivos.

4 Cabo ou oficial encarregado de levar a bandeira da companhia e andar no centro com ela.

5 A obra poética de Garcilaso havia sido editada com comentários por Francisco Sánchez, o Brocense, e por Fernando de Herrera, mas a edição de Tomás era provavelmente “de bolso”, ou de “algibeira”, portanto sem comentários.

- 6 Lugar conhecido por suas tempestades, onde se supunha que Cervantes caiu prisioneiro dos piratas de Argel.
- 7 Parte mais moderna do porto de Gênova, construída na segunda metade do século XIII.
- 8 Como pintados em mapas. Expressão para se apontar algo falso.
- 9 Cervantes se refere ao vinho de Valdepeñas, de Ciudad Real, um dos mais apreciados na época.
- 10 O capitão Valdúvia pensava ir a Flandes pelo "caminho espanhol", rota vital de comunicações militares que ligava o norte da Itália (Piemonte) com o exército de Flandes através do norte da França. Para o homem renascentista, a "viagem à Itália", que Tomás Rodaja começa aqui, era uma parte inescapável de sua educação.
- 11 As zonas pantanosas que rodeavam Roma costumavam desencadear malária e peste no verão.
- 12 Segundo a tradição piedosa, em Loreto, perto de Ancona, fica a casa em que morava a Virgem Maria quando da Anunciação.
- 13 Na segunda carta ao imperador, informando da conquista do México, Hernán Cortés descreve as ruas de água de Tenochtitlán, capital do antigo Império Asteca.
- 14 Alusão à fama das armas milanesas e à contínua disputa entre franceses e espanhóis pelo Milanésado, região de grande importância estratégica para o sistema de comunicação do exército de Flandes.
- 15 Referência que se relacionou com a revolta dos Países Baixos em 1566. Pela tática militar da época, as campanhas eram preparadas no inverno e executadas no verão.
- 16 Referência provável à rebelião dos huguenotes em Paris, que culminou com a batalha de Saint-Denis (1567).
- 17 Foram documentados vários casos da época, literários e reais, como o de Tomás, que talvez tenham inspirado Cervantes.
- 18 Os loucos andavam com uma vara.
- 19 Monte Testaccio, um dos cinco montes artificiais de Roma, formado pela acumulação de cacos, telhas e tijolos.
- 20 Citação aproximada de Lc, XXIII, 28: "Filhas de Jerusalém, chorai por vós e por vossos filhos". O licenciado alude à condição de cristã-nova da vendedora e à ilegitimidade dos filhos dela.
- 21 O segundo camponês, claro, era judeu, convertido fazia pouco. Piada típica da época.
- 22 As vizinhas eram contínuo objeto de suspeita de alcovitice na literatura moralizante e satírica da época.
- 23 A poesia considerada como ciência remonta à Poética de Aristóteles.
- 24 Ovídio, A arte de amar, III, vv. 405-08, na tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM: "Outrora, os poetas eram caros aos deuses e aos reis; nos tempos antigos, seus cantos eram cobertos de recompensas; seu nome estava

ligado a uma majestade religiosa, a uma veneração, e muitas vezes lhes trazia abundantes riquezas”.

25 Ovídio, *Fasti*, VI, v. 5: “Há um deus em nós, e levado por ele nos inflamamos”.

26 Ovídio, *Amores*, III, elegia IX, v. 17: “Mas a nós, poetas, chamam de adivinhos e amados dos deuses”. Vocamus, no original, devia ser vocamur. Falha de memória de Cervantes ou erro de revisão.

27 Piada talvez compreendida com facilidade na época: com o duplo sentido de traseiro, o que vem atrás, e o traseiro propriamente dito, se insinua que o fiador era o sodomita dos rapazes.

28 Os coches, segundo denúncia insistente dos moralistas, eram utilizados amplamente no exercício da prostituição.

29 Citação de *Ec*, XXXVIII, 1-4, tradução da Vulgata pelo padre Matos Soares: “Honra o médico, porque é necessidade; porque o Altíssimo é quem o criou. Porque toda a medicina vem de Deus, e receberá donativos do rei. A ciência do médico exaltará sua cabeça, e será louvado na presença dos grandes. O Altíssimo é quem produziu da terra os medicamentos, e o homem prudente não terá repugnância por eles”.

30 “Tomar pela manhã”, mas também jogo de palavras obsceno, já que dilu-culo é lavar o traseiro.

31 Amanhecer, aurora.

32 Ninguém conhece o Pai, ninguém vive sem culpa, ninguém está contente com sua sorte, ninguém sobe ao céu.

33 Interjeição francesa, par me foi, por minha fé.

34 *Ec*, X, 5: “Nas mãos de Deus está o poder do homem, e sobre a pessoa do escriba porá sua honra”. Cervantes utiliza a Vulgata anterior a Trento.

35 Provável alusão ao solo lamacento de Valladolid.

36 Com o batismo as crianças vencem o diabo, provavelmente.

37 Jogo de palavras hoje incompreensível: hético (tísico, portanto muito magro) e ético (moral, bondoso).

38 *Sl*, CIV, 15, e *1 Cr*, XVI, 22: “Não toqueis os meus ungidos”.

39 Segundo Plínio, em sua *Naturalis historia*, em contato com as penas das águias todas as outras apodreciam.

40 Polla, no original. Em alguns jogos de cartas, porção que o jogador que perde deposita para ser disputada na mão seguinte. Cento. Jogo próprio para dois jogadores, com doze cartas cada um, em que ganha quem fizer cem pontos.

41 Considera-se alusão ao beneditino frei Pedro Ponce de León, que inventou um sistema para fazer os mudos se comunicarem.

**NOVELA DA  
FORÇA  
DO SANGUE**





NUMA DESSAS NOITES quentes de verão, voltavam depois de se divertir no rio, em Toledo, um velho fidalgo com sua mulher, um filho pequeno, uma filha de dezesseis anos e uma criada. A noite era clara; a hora, as onze; o caminho, solitário; e o passo, lento, para não pagar com cansaço o trabalho que se tem em Toledo de se deleitar no rio ou no campo. Com a segurança que prometem a Justiça atenta e as pessoas generosas daquela cidade, vinha o bom fidalgo com sua honrada família, longe de pensar no desastre que poderia lhes acontecer. Mas, como não se espera a maioria das desgraças que ocorrem, contra qualquer expectativa lhes aconteceu uma que lhes cortou a diversão e lhes deu motivo para chorar por muitos anos.

Teria uns vinte e dois anos um cavaleiro daquela cidade a quem a riqueza, a linhagem ilustre, o caráter vicioso, a liberdade excessiva e as companhias libertinas o levavam a fazer coisas e ter atrevimentos que desmentiam sua condição e lhe davam fama de descarado.

Esse cavaleiro, pois – por ora, em sinal de respeito, ocultaremos seu nome, chamando-o de Rodolfo –, com outros quatro amigos seus, todos moços, todos alegres e todos insolentes, descia a mesma encosta que o fidalgo subia.

Encontraram-se os dois esquadrões, o das ovelhas com o dos lobos, e, com indecorosa desenvoltura, Rodolfo e seus amigos, o rosto coberto, olharam o da mãe, o da filha e o da criada. O velho se enervou, reprovou e condenou o atrevimento deles. Os moços responderam com caretas e zombarias e, sem outros abusos, seguiram adiante. Mas a grande formosura do rosto que Rodolfo havia visto, que era o de Leocádia, pois assim chamaremos a filha do fidalgo, gravou-se em sua memória com tal força que arrastou

sua vontade e despertou nele um desejo de possuí-la apesar de todos os inconvenientes que pudessem lhe acontecer. E num instante comunicou suas intenções aos camaradas, que em outro instante resolveram voltar e raptar a donzela, para satisfazer Rodolfo, pois os ricos que são dados à libertinagem sempre encontram quem canonize seus desaforos e qualifique de bons seus maus desejos. E, assim, nascer o mau propósito, comunicá-lo, aprová-lo, decidir-se a raptar Leocádia e raptá-la levou um instante.

Cobriram o rosto com os lenços e, desembainhando as espadas, voltaram e dentro em pouco alcançaram os que não haviam acabado de dar graças a Deus por tê-los livrado das mãos daqueles insolentes.

Rodolfo investiu contra Leocádia e, pegando-a nos braços, tratou de fugir com ela, que não teve forças para se defender, e o susto lhe tirou a voz para se queixar e até a luz de seus olhos, pois, desmaiada e sem sentido, não viu quem a levava, nem aonde a levava. Seu pai bradou, sua mãe gritou, seu irmão chorou, a criada desesperou-se; mas nem os brados foram ouvidos, nem os gritos escutados, nem o pranto levou à compaixão, nem o desespero teve algum resultado, porque a solidão cobria o lugar todo, o calado silêncio da noite e o coração cruel dos malfeitores. Por fim, alegres uns se foram e tristes os outros ficaram.

Rodolfo chegou à sua casa sem contratempo algum, e os pais de Leocádia chegaram à deles mortificados, aflitos e desesperados: cegos, sem os olhos de sua filha, que eram a luz dos seus; sós, porque Leocádia era sua doce e agradável companhia; confusos, sem saber se seria bom dar a notícia de sua desgraça à Justiça, temerosos de serem eles o instrumento principal na divulgação de sua desonra.

Viam-se necessitados de favor, como fidalgos pobres. Não sabiam de quem se queixar, a não ser de seu destino miserável. Enquanto isso Rodolfo, sagaz e astuto, já tinha Leocádia em sua casa e em seu quarto; apesar de ter pensado que ela estava desmaiada quando a levava, havia coberto os olhos dela com um lenço, para que não visse as ruas por onde seguiram, nem a casa nem o aposento onde estava. Lá, sem ser visto por ninguém – porque tinha um quarto à

parte na casa de seu pai (que ainda vivia) e tinha as chaves de todas as peças (inadvertência de pais que querem ter seus filhos reclusos) –, Rodolfo havia realizado seu desejo antes que Leocádia se recobrasse de seu desmaio, pois os ímpetos licenciosos da juventude poucas vezes ou nenhuma reparam em conveniências e condições que mais os incitem e enobreçam. Cego da luz da inteligência, às escuras roubou a melhor prenda de Leocádia; e, como os pecados da sensualidade na maioria das vezes não vão além do instante de sua realização, em seguida Rodolfo quis que Leocádia desaparecesse dali, e veio-lhe à mente a ideia de deixá-la na rua, assim desmaiada como estava; e, quando ia fazer isso, percebeu que ela voltava a si dizendo:

– Onde estou, desgraçada? Que escuridão é esta? Que trevas me rodeiam? Estou no limbo de minha inocência ou no inferno de minhas culpas? Jesus! Quem toca em mim? Estou numa cama, estou machucada? Estás me ouvindo, minha mãe e senhora? Estás me ouvindo, pai querido? Ai, pobre de mim, percebo muito bem que meus pais não me escutam e que meus inimigos me tocam! Eu seria feliz se esta escuridão durasse para sempre, sem que meus olhos voltassem a ver a luz do mundo, e que este lugar onde agora estou, qualquer que seja, servisse de sepultura à minha honra, pois é melhor a desonra que se ignora que a honra exposta à opinião das pessoas. Já me lembro (ah, se eu nunca me lembrasse!) que vinha há pouco na companhia de meus pais; já me lembro que me assaltaram; já imagino e vejo que é mau que as pessoas me vejam. Ó tu, quem quer que sejas, que estás aqui comigo – e neste instante tinha segurado as mãos de Rodolfo –, se é que tua alma admite algum tipo de súplica, te suplico que, como já triunfaste sobre minha reputação, também triunfes sobre minha vida! Tira-a agora, pois não é bom que a tenha quem não tem honra! Olha que o rigor da crueldade que usaste comigo ao me ofender se suavizará com a piedade que usarás em me matar, e assim, num mesmo instante, virás a ser cruel e piedoso!

Essas palavras de Leocádia deixaram Rodolfo confuso e, como moço pouco experiente, não sabia o que dizer nem o que fazer, e seu silêncio mais espantava Leocádia, que com as mãos procurava

descobrir se era fantasma ou sombra quem estava com ela. Mas como tocava um corpo e se lembrava da força que havia feito quando a tirara de seus pais, caía na realidade de sua desgraça. E com esse pensamento reatou as palavras que haviam sido interrompidas por tantos soluços e suspiros, dizendo:

– Rapaz atrevido, julgo por teus atos que tens pouca idade, e te perdoo a ofensa que me fizeste se me prometeres e jurares que, como a acobertaste com esta escuridão, com silêncio eterno a cobrirás, sem falar dela a ninguém. Pouco reparo te peço por tão grande ultraje; mas para mim será o maior que poderei te pedir e poderás me dar. Nota que eu nunca vi teu rosto, nem quero vê-lo, porque embora eu me lembre de minha ofensa, não quero me lembrar de meu ofensor nem guardar na memória a imagem do autor de meu ultraje. Entre mim e o céu ocorrerão minhas queixas, sem querer que o mundo as ouça, pois ele não julga as coisas pelos fatos, mas conforme lhe parecem em sua opinião. Não sei como te digo essas verdades, que costumam se basear na experiência de muitos casos e na vivência de muitos anos, os meus não chegando a dezessete; por isso penso que a dor ata e desata a língua do aflito de uma mesma maneira, algumas vezes exagerando seu mal para que acreditem nela, outras vezes não falando, para que não a socorram. De qualquer forma, eu cale ou fale, penso que te levarei a acreditar em mim ou me socorrer, pois não acreditar em mim será ignorância, e não me socorrer será jamais ter alívio. Não quero me suicidar, porque te custará pouco me dar algum alívio, que é este: olha, não aguardes nem confies em que a passagem do tempo amenize a justa cólera que tenho contra ti, nem queiras multiplicar os ultrajes: quanto menos me possuíres, já tendo me possuído, menos se inflamarão teus maus desejos. Faz de conta que me ofendeste por acaso, sem nem pensar no que fazia. Eu farei de conta que não nasci no mundo, ou que se nasci foi para ser infeliz. Põe-me logo na rua, ou, pelo menos, perto da igreja-mor, porque dali saberei voltar para minha casa, mas debes jurar também que não vais me seguir, nem saber onde moro, nem perguntar o nome de meus pais, nem o meu, nem o de meus parentes que, sendo tão ricos quanto nobres, não sofram tanto por mim. Responde-me isso,

e, se temes que te possa reconhecer pela voz, saiba que exceto com meu pai e meu confessor não falei com homem algum em minha vida, e a poucos ouvi falar o suficiente para que possa reconhecê-los pelo som da voz.

A resposta que Rodolfo deu às palavras sensatas da ofendida Leocádia não foi outra que abraçá-la, demonstrando que queria confirmar seu desejo e a desonra dela. Diante disso, Leocádia, com mais forças do que prometia sua tenra idade, defendeu-se com os pés, com as mãos, com os dentes e com a língua, dizendo:

– Faz de conta, traidor desalmado, quem quer que sejas, que os despojos que levaste de mim são os que pudeste tomar de um tronco ou de uma coluna sem sentido, cuja vitória e triunfo devem redundar em tua infâmia e menosprezo. Mas o que pretendes agora não irás alcançar a não ser com minha morte. Desmaiada me pisoteaste e me violentaste, mas, agora que tenho alento, antes poderás me matar que vencer, pois se agora, desperta, sem resistência aceitasse tua vontade abominável, poderias imaginar que meu desmaio foi fingido quando te atreveste a me arruinar.

Enfim, tão galharda e teimosamente Leocádia resistiu que as forças e os desejos de Rodolfo fraquejaram; e como a insolência que havia usado com Leocádia não teve outro princípio que de um impulso lascivo, do qual nunca nasce o amor verdadeiro, que permanece, em vez do impulso, que passa, resta, se não o arrependimento, pelo menos uma morna vontade de segui-lo. Sem brio, pois, e cansado, Rodolfo, sem falar uma palavra, deixou Leocádia em sua cama e em sua casa, e, trancando o aposento, foi procurar seus camaradas para se aconselhar com eles sobre o que devia fazer.

Leocádia percebeu que ficava só e trancada e, levantando da cama, andou por todo o quarto, examinando as paredes com as mãos, para ver se achava uma porta por onde ir embora ou janela por onde se atirar. Achou a porta, mas bem fechada, e topou com uma janela que pôde abrir, por onde entrou o resplendor da lua, tão claro que Leocádia pôde divisar as cores de uns damascos que enfeitavam o aposento. Viu que a cama era dourada e tão ricamente adornada que mais parecia leito de príncipe que de algum cavaleiro

particular. Contou as cadeiras e as escrivaninhas; notou o lugar onde ficava a porta e, embora visse pendurados nas paredes alguns quadros, não conseguiu ver as pinturas que continham. A janela era grande, guarnecida e protegida por uma grade grossa; a vista dava para um jardim protegido por muros altos – obstáculos que se opuseram à intenção que tinha de saltar para a rua. Tudo o que viu e observou do tamanho daquela mansão e seus ricos adornos levou-a a compreender que o dono dela devia ser homem nobre e rico, não um qualquer, mas dos mais destacados. Numa escrivaninha, que estava perto da janela, viu um crucifixo pequeno, todo de prata, que pegou e pôs na manga da roupa, não por devoção nem furto, mas levada por um desígnio prudente. Feito isso, fechou a janela como a havia encontrado e voltou para a cama, esperando que fim teria o mau começo de seu desastre.

Não havia passado meia hora, em sua opinião, quando percebeu que a porta do quarto se abria e uma pessoa entrava e, sem uma palavra, vendou-lhe os olhos com um lenço e, pegando-a pelo braço, levou-a para fora do aposento e fechou de novo a porta. Essa pessoa era Rodolfo, que, embora houvesse saído em busca de seus camaradas, não quis encontrá-los, achando que não ficava bem fazer testemunhas do que havia acontecido com aquela donzela; pelo contrário, resolveu lhe dizer que, arrependido do malfeito e levado pelas lágrimas da moça, ele a tinha deixado na metade do caminho. Resolvido isso, voltou apressado para deixar Leocádia perto da igreja-mor, como ela havia pedido, antes que amanhecesse e o dia atrapalhasse e o forçasse a mantê-la em seu aposento até a noite seguinte, e nesse meio-tempo ele não queria usar a força de novo nem dar chance de ser conhecido.

Levou-a, então, até a praça que chamam de Ayuntamiento, e ali, com voz disfarçada e falando meio em português, meio em castelhano, disse a ela que podia ir em segurança para sua casa, porque não seria seguida por ninguém; e, antes que ela pudesse tirar o lenço, ele já estava em lugar de onde não podia ser visto.

Leocádia ficou sozinha, tirou a venda, reconheceu o lugar onde a deixaram. Olhou para todos os lados, não viu ninguém; mas, desconfiada de que a seguissem de longe, detinha-se a cada passo,

a caminho de casa, que ficava perto dali. E, para confundir os espiões, se por acaso a seguiam, entrou numa casa que encontrou aberta e dali a pouco foi para a sua, onde achou seus pais transtornados e ainda vestidos, sem pensar em descanso algum.

Quando a viram correram de braços abertos para ela e com lágrimas nos olhos a receberam. Leocádia, cheia de medo e agitação, fez com que seus pais se retirassem à parte com ela, como o fizeram, e então, em rápidas palavras, relatou todo o desastrado acontecimento, com todas as circunstâncias e a falta de informações sobre seu raptor e ladrão de sua honra. Contou o que tinha visto no teatro onde se representou a tragédia de sua infelicidade: a janela, o jardim, a grade, as escrivaninhas, a cama, os damascos, e por fim lhes mostrou o crucifixo que havia trazido, e diante de sua imagem se renovaram as lágrimas, fizeram-se invocações, pediram-se vinganças e desejaram-se castigos milagrosos. Leocádia disse também que embora não desejasse vir a conhecer seu ofensor, se seus pais achassem correto conhecê-lo, poderiam fazê-lo por meio daquele crucifixo, bastando que os sacristães dissessem no púlpito de todas as paróquias da cidade que aquele que tivesse perdido tal crucifixo o encontraria em poder do religioso que eles apontassem. Assim, sabendo quem era o dono do crucifixo, iriam descobrir a família e mesmo a pessoa de seu inimigo.

O pai respondeu:

– Seria uma boa ideia, minha filha, se a costumeira malícia não se opusesse a teu sensato raciocínio, pois é claro que hoje, neste dia, darão falta deste crucifixo no quarto de que falaste, e o dono dele terá certeza de que a pessoa que esteve com ele o levou; e, ao chegar a seu conhecimento que algum religioso o tem, isso servirá antes para revelar quem o deu ao tal religioso que revelar quem o perdeu, pois podem mandar outro pegá-lo, a quem o dono tenha dado os sinais. Então, a coisa sendo assim, antes ficaremos confusos que informados, mesmo que possamos usar do mesmo ardil de que suspeitamos, dando o crucifixo ao religioso por intermédio de uma terceira pessoa. O que deves fazer, minha filha, é guardá-lo e te encomendar a ele, pois, como ele foi testemunha de tua desgraça, permitirá que haja juiz que venha por tua justiça. E não esqueças,



minha filha, que trinta gramas de desonra pública machucam mais que uma arroba de infâmia secreta. E, se puderes viver honrada com Deus em público, não te aflijas por estar desonrada contigo mesma em segredo. A verdadeira desonra está no pecado, e a verdadeira honra na virtude; com a língua, com o desejo e com as ações se ofende a Deus; mas tu nem falaste, nem pensaste, nem fizeste nada para ofendê-lo: considera-te então honrada, que eu assim te considerarei, sem que jamais te olhe a não ser como verdadeiro pai.<sup>1</sup>

Com essas prudentes palavras, o pai consolou Leocádia, e sua mãe, abraçando-a de novo, também procurou consolá-la. Ela queixou-se e chorou outra vez, e acabou baixando a cabeça, como se diz, e conformou-se em viver retiradamente sob o amparo de seus pais, vestida de modo tão recatado quanto pobre.

Rodolfo, enquanto isso, tendo voltado para casa, deu falta do crucifixo e se perguntou quem poderia tê-lo levado, mas não lhe ocorreu nada e, como todo rico, não se importou, nem seus pais o pediram dali a três dias, quando o filho partiu para a Itália e deixou seu quarto, com tudo o que havia nele, sob a responsabilidade de uma camareira de sua mãe.

Havia muitos dias que Rodolfo tinha resolvido viajar pela Itália, e seu pai, que estivera lá, incentivava-o dizendo que não eram cavaleiros os que o eram somente em sua pátria, pois era necessário sê-lo também na dos outros. Por essa e por outras razões, Rodolfo teve vontade de obedecer à de seu pai, que lhe deu muitas letras de câmbio para Barcelona, Gênova, Roma e Nápoles. Partiu em seguida, com dois de seus camaradas, guloso pelo que havia ouvido alguns soldados dizer sobre a abundância das hospedarias da Itália e da França, e da liberdade que os espanhóis tinham nos alojamentos. Soava-lhe bem aquele Eco li buoni polastri, picioni, presunto e salcie<sup>2</sup> com outros nomes desse tipo, de que os soldados se lembram quando vêm daqueles lugares e aqui passam pela escassez e falta de conforto das pensões e estalagens da Espanha. Enfim, ele se foi com tão pouca lembrança do que havia acontecido com Leocádia como se não houvesse ocorrido nada.

Enquanto isso, ela passava a vida na casa de seus pais com o recolhimento possível, sem se deixar ver por pessoa alguma, com medo de que sua desgraça pudesse ser lida em seu rosto. Mas, poucos meses depois, viu-se obrigada a fazer à força o que até ali fazia de bom grado. Viu que lhe convinha viver retirada e escondida, porque percebeu que estava grávida, fato que levou a seus olhos as lágrimas esquecidas por um tempo, e os suspiros e lamentos começaram de novo a ferir os ventos, sem ter efeito a sensatez de sua boa mãe a consolá-la. Voou o tempo e chegou a hora do parto, e com tanto segredo que não se ousou confiar nem mesmo na parteira. Com a mãe usurpando esse trabalho, deu à luz um menino dos mais formosos que se podem imaginar. Com o mesmo recato e segredo com que havia nascido, levaram-no a uma aldeia, onde ficou quatro anos, ao fim dos quais, como se fosse um sobrinho, o avô o trouxe para sua casa, onde se criou, se não de forma rica, muito virtuosamente pelo menos.

O menino – em quem puseram o nome de Luís, por seu avô se chamar assim – era belo de rosto, de temperamento manso, inteligência aguda, e tudo o que podia fazer naquela tenra idade dava mostras de descender de um pai nobre, e de tal maneira sua graça, beleza e comedimento cativaram seus avós que eles acabaram por considerar felicidade a infelicidade de sua filha por lhes ter dado tal neto. Quando ia pela rua, choviam sobre ele milhares de bênçãos; uns abençoavam sua beleza; outros, a mãe que o havia parido; estes, o pai que o concebeu, aqueles, a quem tão bem o educava. Com essa aprovação dos que o conheciam e não conheciam, o menino chegou aos sete anos, idade em que já sabia ler latim e castelhano, e escrever com letra legível e muito boa, porque a intenção de seus avós era fazê-lo virtuoso e sábio, já que não podiam fazê-lo rico: como se a sabedoria e a virtude não fossem as riquezas sobre as quais os ladrões não têm poder, nem aquela que chamam fortuna.

Aconteceu que, num dia em que foi com um recado de sua avó para uma parenta sua, por acaso o menino passou pela rua onde havia uma cavahada. Ficou olhando e, para achar um lugar melhor, passou de um lado para o outro no instante em que não pôde evitar

de ser atropelado por um cavalo, cujo dono não conseguiu detê-lo em sua carreira furiosa. Passou por cima do menino e o deixou estendido no chão como morto, sangrando muito na cabeça. Mal isso aconteceu, um cavaleiro ancião que estava assistindo à cavalhada com imprevista rapidez se jogou de seu cavalo e foi até onde estava o menino, e tirando-o dos braços de alguém que já o segurava, e sem se importar com seus cabelos brancos nem com sua autoridade, que era muita, a passos largos foi até sua casa, ordenando a seus criados que o deixassem e fossem buscar um cirurgião que tratasse do menino.<sup>3</sup> Muitos cavaleiros o seguiram, condoídos com a desgraça de menino tão formoso, porque logo correu a notícia de que o atropelado era o pequeno Luís, o sobrinho de tal cavaleiro, nomeando seu avô. Essa notícia correu de boca em boca até que chegou aos ouvidos dos avós e da mãe incógnita. Eles, depois de se certificarem bem do caso, saíram como desatinados e loucos em busca de seu querido. E como o cavaleiro que o tinha levado era tão conhecido e tão nobre, muitas pessoas que encontraram pelo caminho lhes indicaram a casa, aonde chegaram quando o menino já estava em poder do cirurgião.

O cavaleiro e sua mulher, donos da casa, pediram aos que pensaram ser os pais que não chorassem nem levantassem a voz para se queixar, porque não seria de nenhum proveito para o menino. O cirurgião, que era famoso, tendo-o tratado com grande tino e maestria, disse que a ferida não era mortal como ele havia temido a princípio. Na metade do curativo, Luís voltou a si, pois até então estivera desmaiado, e se alegrou ao ver seus tios, que lhe perguntaram chorando como se sentia. Respondeu que bem, mas que lhe doíam muito o corpo e a cabeça. O médico mandou que não falassem com ele e o deixassem repousar. Assim se fez, e seu avô começou a agradecer ao senhor da casa a grande caridade que tivera com seu sobrinho. O cavaleiro respondeu que não tinha de lhe agradecer, porque, queria que soubesse, quando viu o menino caído e atropelado foi como se visse o rosto de um filho seu, a quem amava ternamente, e que isso o levou a tomá-lo nos braços e trazê-lo para casa, onde ficaria todo o tempo que a cura levasse, com a

comodidade que fosse possível e necessária. Sua mulher, que era uma nobre senhora, disse a mesma coisa, e fez promessas maiores ainda.

Os avós ficaram admirados com tanta críandade; mas a mãe ficou mais admirada ainda, porque tendo, com as notícias do cirurgião, acalmado um pouco seu espírito agitado, olhou atentamente o aposento onde seu filho estava e claramente, por muitos detalhes, reconheceu que aquela era a peça onde haviam dado fim à sua honra e princípio à sua desventura. E embora não estivesse enfeitada com os damascos que tinha então, reconheceu a disposição dela, viu a janela da grade que dava para o jardim, e por estar fechada, por causa do ferido, Leocádia perguntou se aquela janela tinha vista para algum jardim, e lhe responderam que sim. Mas o que reconheceu com mais segurança foi aquela cama que considerava sua sepultura; e a escrivaninha, em cima da qual estivera o crucifixo que havia levado, estava no mesmo lugar.

Por fim, todas as suas suspeitas foram expostas à luz da verdade pelos degraus que ela havia contado quando a tiraram do aposento com os olhos vendados, quer dizer, os degraus que havia dali até a rua, que com sensata prevenção Leocádia tinha contado. E quando voltou para sua casa, deixando seu filho, contou-os de novo e achou o número justo. E, comparando uns detalhes com outros, convenceu-se da veracidade de sua suposição e a revelou à sua mãe com todas as minúcias, que, como pessoa prudente, se informou se o cavaleiro em cuja casa estava seu neto havia tido ou tinha algum filho. E descobriu que sim e que era aquele a quem chamamos Rodolfo, e que estava na Itália. E, sondando o tempo que lhe disseram que havia se ausentado da Espanha, viu que davam os mesmos sete anos que o neto tinha.

Informou seu marido de tudo isso, e entre os dois e sua filha concordaram esperar para ver o que Deus faria do ferido, o qual esteve fora de perigo em quinze dias e se levantou em trinta. Durante todo esse tempo, foi visitado pela mãe e pela avó, e mimado pelos donos da casa como se fosse seu próprio filho. E dona Estefânia, que assim se chamava a mulher do cavaleiro, falando algumas vezes com Leocádia, dizia que aquele menino parecia tanto

com um filho seu que estava na Itália que sempre que o olhava tinha a impressão de ter o filho diante de si. Por causa dessas conversas, Leocádia resolveu dizer a dona Estefânia (uma vez em que se achou sozinha com ela) o que havia combinado com seus pais, que foram estas ou outras palavras semelhantes:

– No dia em que meus pais ouviram que seu sobrinho estava mal, senhora, acreditaram e pensaram que o céu tinha se fechado para eles e que o mundo havia desabado em suas costas. Imaginaram que já lhes faltava a luz de seus olhos e o báculo de sua velhice, ao lhes faltar esse sobrinho, a quem eles amam de tal maneira que excede em muito o amor que costumam ter outros pais por seus filhos. Mas quando Deus dá a ferida, dá o remédio, como se costuma dizer, e o menino o encontrou nesta casa, e eu a lembrança de coisas que não poderei esquecer enquanto a vida me durar. Eu sou nobre, senhora, porque meus pais o são, e o foram todos os meus antepassados, que com posses medianas mantiveram sua honra felizmente onde quer que tenham vivido.

Dona Estefânia estava admirada e indecisa escutando as palavras de Leocádia e não podia acreditar, embora o visse, que tanta sensatez pudesse se encerrar em tão poucos anos, já que julgava a moça com uns vinte anos, mais ou menos. E, sem lhe dizer nem responder uma palavra, esperou todas as que ela quis lhe dizer, que foram aquelas que bastaram para lhe contar a travessura de seu filho, sua desonra, o rapto, os olhos vendados, trazê-la até aquele quarto, os detalhes que havia reconhecido ser daquele mesmo que suspeitava. Para confirmar tudo isso, tirou do seio o crucifixo que havia levado, a quem disse:

– Tu, Senhor, que foste testemunha da violência que sofri, sê juiz da reparação que me é devida; de cima daquela escrivanhinha te levei com o propósito de te lembrar sempre de meu ultraje, não para te pedir vingança, pois não ambiciono isso, mas para te rogar que me desses algum consolo para suportar com paciência minha desgraça. Esse menino, senhora, por quem haveis mostrado tão grande caridade, é vosso verdadeiro neto. Quis o céu que ele fosse atropelado para que, sendo trazido para vossa casa, eu encontrasse nela, como espero ter encontrado, se não a solução mais

conveniente para minha desventura, ao menos o meio para que possa tolerá-la.

Dizendo isso, abraçada com o crucifixo, caiu desmaiada nos braços de Estefânia. Essa senhora, como mulher e nobre, em quem a compaixão e misericórdia costumam ser tão naturais como a crueldade no homem, mal viu o desmaio de Leocádia, juntou seu rosto com o dela, derramando sobre ele tantas lágrimas que não foi necessário espargir-lhe outra água para que Leocádia voltasse a si.

Estavam as duas dessa maneira quando por acaso entrou o cavaleiro marido de Estefânia, que trazia Luisico pela mão, e, vendo o pranto de Estefânia e o desamparo de Leocádia, perguntou imediatamente o que havia. O menino abraçava sua mãe pensando que era prima e sua avó, como sua benfeitora, e perguntava ainda por que choravam.

– Tenho coisas muito graves para vos dizer, senhor – respondeu Estefânia –, mas, para ir direto ao ponto, basta que saibais que esta desmaiada é vossa filha e este menino vosso neto. Esta verdade que vos digo me foi revelada por esta menina, e a provou, e a prova é o rosto deste menino, no qual nós dois vimos o de nosso filho.

– Se não disserdes mais nada, senhora, eu não vos entenderei – replicou o cavaleiro.

Nisso Leocádia voltou a si e, abraçada ao crucifixo, parecia afogada num mar de lágrimas. Isso tudo tinha deixado o cavaleiro em grande confusão, e só saiu dela quando sua mulher contou tudo aquilo que Leocádia havia lhe contado; e ele acreditou por divina permissão do céu, como se muitas e verazes testemunhas lhe tivessem provado. Consolou e abraçou Leocádia, beijou seu neto, e naquele mesmo dia despachou um mensageiro para Nápoles, avisando seu filho que voltasse imediatamente, porque tinha lhe arranjado casamento com uma mulher formosa ao extremo, exatamente como convinha a ele. Não permitiram que Leocádia nem seu filho voltassem mais para a casa de seus pais, que, contentíssimos com a boa sorte de sua filha, davam sem cessar infinitas graças a Deus por isso.

O mensageiro chegou a Nápoles, e Rodolfo, ávido por possuir mulher tão formosa como dizia seu pai, dois dias depois de receber

a carta, surgindo a oportunidade de quatro galeras que estavam a ponto de vir para a Espanha, embarcou com seus camaradas que ainda não o tinham deixado, e em doze dias de boa viagem chegou a Barcelona e dali, a toda a velocidade, em outros sete estava em Toledo, e entrou na casa de seu pai tão bonito e elegante que os extremos da beleza e da elegância estavam unidos nele.

Seus pais se alegraram com a saúde e a boa viagem do filho. Leocádia assustou-se – ela observava oculta, para não desobedecer às ordens de dona Estefânia. Os amigos de Rodolfo quiseram ir logo para suas casas, mas dona Estefânia não consentiu, porque eram necessários para seu plano. Era quase noite quando Rodolfo chegou, e, enquanto se preparava o jantar, Estefânia chamou os amigos do filho à parte, acreditando, sem dúvida alguma, que deviam ser eles os dois dos três que Leocádia havia dito que estavam com Rodolfo na noite do rapto, e com grandes súplicas pediu a eles que lhe dissessem se se lembravam que seu filho tinha raptado uma mulher tal noite, tantos anos antes, porque saber se isso era verdade era importante para a honra e tranquilidade de todos os seus parentes. E com tanto empenho soube suplicar, e de tal maneira soube garantir que com a revelação desse rapto não seriam prejudicados, que eles acharam melhor confessar ser verdade que numa noite de verão, quando eles dois e outro amigo iam com Rodolfo, raptaram uma moça como ela havia dito, e que Rodolfo tinha vindo com ela, enquanto eles detinham as pessoas de sua família, que com gritos a queriam defender, e que no dia seguinte Rodolfo havia dito que a tinha levado para sua casa, e isso era tudo o que podiam responder ao que lhes perguntava.

A confissão dos dois encerrou todas as dúvidas que esse caso podia lhe apresentar, e assim dona Estefânia resolveu levar até o fim o que havia pensado, que foi o seguinte: pouco antes que se sentassem para jantar, entrou sozinha com Rodolfo num aposento e, pondo-lhe nas mãos um retrato, disse:

– Rodolfo, meu filho, quero que teu jantar seja delicioso, por isso vou te mostrar tua esposa. Este é o retrato fiel dela, mas quero te advertir que o que lhe falta em beleza sobra em virtude; é nobre

e arguta, e medianamente rica. E, como teu pai e eu a escolhemos, podes ter certeza de que é a mulher que te convém.

Rodolfo olhou atentamente o retrato e disse:

– Se os pintores, que habitualmente costumam ser pródigos na formosura com os rostos que retratam, o foram também com este, sem dúvida o original deve ser a própria fealdade. Por Deus, senhora e minha mãe, é justo e bom que os filhos obedeam a seus pais quando lhe ordenarem qualquer coisa; mas também é conveniente e melhor que os pais deem a seus filhos o casamento que mais lhes agradarem. E como o matrimônio é nó que apenas a morte desata, será bom que seus laços sejam iguais e fabricados com os mesmos fios. A virtude, a nobreza, a inteligência e as riquezas bem podem alegrar o entendimento daquele a quem couberam em sorte com sua esposa; mas que a fealdade dela alegre os olhos do esposo me parece impossível. Sou moço, mas compreendo muito bem que combina com o sacramento do matrimônio o justo e devido prazer que os casados gozam, e que se ele faltar, o matrimônio coxeia e desmente sua segunda intenção.<sup>4</sup> Pois pensar que um rosto feio, que se há de ter todas as horas diante dos olhos, na sala, na mesa e na cama possa dar prazer me parece impossível, afirmo de novo. Pela vida de vossa mercê, minha mãe, dê-me companheira que me divirta e não entedie para que ambos, igualmente e por caminho reto, sem desviar a um ou a outro lado, levemos o jugo aonde o céu determinar. Se esta senhora é nobre, arguta e rica, como vossa mercê diz, não lhe faltará esposo que tenha um temperamento diferente do meu. Alguns buscam nobreza; outros, inteligência; outros, dinheiro, e outros, formosura, e eu sou destes últimos. Porque a nobreza, graças ao céu e a meus antepassados, e a meus pais, recebi de herança; quanto à inteligência, desde que uma mulher não seja burra, tola ou boba, basta-lhe que nem por aguda se destaque nem por boba não se saia bem; das riquezas, também as de meus pais não me deixam com medo de vir a ser pobre. Procuro a formosura, quero a beleza, sem outro dote que a castidade e os bons costumes, pois, se minha esposa trazer isso, servirei a Deus com prazer e darei boa velhice a meus pais.



A mãe de Rodolfo ficou contentíssima com as palavras dele, por ter percebido por elas que seu propósito se encaminhava bem. Respondeu que ela procuraria casá-lo conforme seu desejo, que não se preocupasse, que era fácil desfazer os acordos de casamento que tinham feito com aquela senhora. Rodolfo agradeceu, e, por ser hora de jantar, foram para a mesa. E, quando estavam sentados o pai e a mãe, Rodolfo e seus dois camaradas, dona Estefânia disse com despreocupação:

– Pecadora de mim, como trato minha hóspede! Andai – disse a um criado –, dizei à senhora dona Leocádia que deixe de lado seu grande recato e venha honrar esta mesa, que todos os que estão aqui são meus filhos e seus servidores.

Tudo isso fazia parte de seu plano, e tinha avisado e explicado a Leocádia tudo o que iria fazer. Demorou pouco para que Leocádia viesse e desse de si a mais bela e inesperada visão que jamais puderam dar tamanha elegância e natural formosura.

Vinha vestida, por ser inverno, com uma saia longa de veludo negro, cheia de botões de ouro e pérolas, cinto e colar de diamantes. Seus próprios cabelos, que eram longos e levemente loiros, serviam-lhe de adorno e touca, cujo arranjo de laços e cachos e vislumbres de diamantes, que se entrelaçavam com eles, ofuscavam a luz dos olhos que os viam. Leocádia era de disposição amável e elegante. Trazia seu filho pela mão, e diante dela vinham duas aias, iluminando-a com duas velas de cera em dois candelabros de prata.

Todos se levantaram com reverência, como se ela fosse alguma coisa do céu que havia aparecido ali milagrosamente. Parece que, de tanta surpresa, nenhum dos presentes que estavam olhando-a embevecidos conseguiu lhe dizer uma palavra. Leocádia, com graça airosa e discreta educação, inclinou-se para todos, e Estefânia, pegando-a pela mão, sentou-a perto de si, diante de Rodolfo. Sentaram o menino perto do avô.

Rodolfo, agora mais próximo, olhava a incomparável beleza de Leocádia e dizia a si mesmo:

– Se a mulher que minha mãe escolheu para minha esposa tivesse metade da formosura desta, eu me consideraria o mais feliz

dos homens do mundo. Que Deus me ajude! Quem eu vejo? Será que por acaso estou olhando um anjo humano?

Nesse meio-tempo a formosa imagem de Leocádia ia lhe entrando pelos olhos, para tomar posse de sua alma.<sup>5</sup> Leocádia, enquanto esperava o jantar, vendo também de perto a quem já queria mais que à luz dos olhos, com os quais às vezes o olhava furtivamente, começou a remexer em sua memória o que havia passado com Rodolfo. Começaram a esmorecer em sua alma as esperanças que dona Estefânia lhe havia dado de que o filho viesse a ser seu esposo, temendo que as promessas da mãe haveriam de se igualar à mesquinha de seu destino. Considerava o quanto estava perto de ser feliz ou infeliz para sempre. Essa reflexão foi tão intensa e os pensamentos tão revoltos que lhe oprimiram o coração, de maneira que Leocádia começou a suar e a perder a cor num instante, sobrevindo-lhe um desmaio que a forçou a reclinar a cabeça nos braços de dona Estefânia, que assim que a viu a recebeu neles, muito perturbada.

Sobressaltaram-se todos e, deixando a mesa, correram para ajudá-la. Mas quem deu mais sinais de senti-lo foi Rodolfo, pois na pressa para chegar tropeçou e caiu duas vezes. Mesmo depois que desabotoaram a roupa de Leocádia e lhe jogaram água no rosto não voltava a si; antes o seio sublime e o pulso, que não se encontrava, iam dando sinais precisos de sua morte; e os criados e criadas da casa, menos respeitosos, anunciaram aos brados que estava morta. Essas amargas notícias chegaram aos ouvidos dos pais de Leocádia, que para ocasião mais agradável dona Estefânia mantinha escondidos. Eles, com o padre da paróquia, que também estava junto, foram para a sala, desobedecendo às ordens de Estefânia.

O padre chegou logo, para ver se por meio de algum sinal Leocádia dava indícios de se arrepender de seus pecados e assim poder absolvê-la; e, onde pensava encontrar um desmaiado, encontrou dois, porque Rodolfo já estava com o rosto deitado sobre o peito de Leocádia. Sua mãe lhe deixara espaço para que se aproximasse como a coisa que haveria de ser sua; mas quando viu que também estava sem sentidos, esteve a ponto de perder os seus,

e os perderia se não visse que Rodolfo voltava a si, como realmente voltou, envergonhado de que o tivessem visto demonstrando emoções tão fortes. Mas sua mãe, quase como se adivinhasse o que o filho sentia, lhe disse:

– Não te envergonhes, filho, da emoção que demonstraste. Envergonha-te das que não demonstrares quando souberes o que não quero mais ocultar de ti, pois eu pensava deixar isto para ocasião mais alegre. Deves saber, filho de minha alma, que esta moça desmaiada que tenho nos braços é tua verdadeira esposa; chamo verdadeira porque eu e teu pai a tínhamos escolhido, pois a do retrato é falsa.

Rodolfo, quando ouviu isso, levado de seu amoroso e inflamado desejo, e o nome de esposo afastando todos os obstáculos que o recato e a decência do lugar podiam pôr, lançou-se ao rosto de Leocádia, e juntando sua boca com a dela, estava como que esperando que a alma lhe saísse para acolhê-la na sua.<sup>6</sup> Mas quando as lágrimas de todos cresciam mais de compaixão, e os gritos se elevavam de dor, e os cabelos da mãe e as barbas do pai de Leocádia eram arrancados, e o choro de seu filho penetrava os céus, Leocádia voltou a si, e com isso voltaram a alegria e o contentamento que haviam se ausentado do peito dos presentes.

Leocádia viu-se entre os braços de Rodolfo, e gostaria de se desembaraçar deles com força e pudor, mas ele lhe disse:

– Não, senhora, não deve ser assim: não fica bem que vos afasteis dos braços daquele que vos tem em sua alma.

Com essas palavras Leocádia acabou de recobrar os sentidos totalmente, e dona Estefânia por desistir de levar adiante seu plano anterior, dizendo ao padre que casasse Leocádia com seu filho de uma vez. Ele assim o fez, pois, como este caso aconteceu numa época em que apenas a vontade dos noivos era suficiente para se realizar o casamento, sem os trâmites e cuidados justos e santos que se usam agora, não houve dificuldade que impedisse a cerimônia.<sup>7</sup>

Com a cerimônia encerrada, deixo a outra pena e a outro talento mais sutil que o meu contar a alegria universal de todos os que se

achavam presentes. Os abraços que os pais de Leocádia deram em Rodolfo, as graças que deram aos céus e a seus pais; os votos de todos; a admiração dos amigos de Rodolfo, que tão inesperadamente viram na mesma noite de sua chegada tão belo casamento, e mais ainda quando souberam, porque dona Estefânia contou diante de todos, que Leocádia era a donzela que seu filho tinha raptado com a ajuda deles, do que Rodolfo não ficou menos desorientado. E, para se assegurar totalmente daquela verdade, pediu a Leocádia que lhe desse algum detalhe que acabasse com as dúvidas que não tinha, pois achava que seus pais haviam averiguado tudo muito bem.

Ela respondeu:

– Quando despertei e voltei a mim de outro desmaio, senhor, encontrei-me em vossos braços sem honra, mas eu o dou por bem empregado, pois ao voltar do que tive agora, também me achei nos braços de antes, mas honrada. E se esse detalhe não basta, baste o de uma imagem santa, que ninguém vos poderia furtar a não ser eu, se é que pela manhã destes falta dela e se é a mesma que tem minha senhora.

– Vós sois a imagem de minha alma, e sereis pelos anos que Deus ordenar, minha querida.

E, abraçando-a de novo, de novo voltaram as bênçãos e as felicitações que lhes deram.

Serviram o jantar, e vieram músicos que já estavam à espera. Rodolfo viu a si mesmo no espelho do rosto de seu filho. Os quatro avós choraram de prazer. Não ficou um canto em toda a casa sem a visita do júbilo, do contentamento e da alegria. E, embora a noite voasse com suas asas ligeiras e negras, parecia a Rodolfo que andava não com asas mas com muletas: tamanho era o desejo de se ver a sós com sua querida esposa.

Chegou, finalmente, a hora desejada, porque não há o que não tenha fim. Todos foram se deitar, e ficou a casa toda sepultada em silêncio, no qual não ficará a verdade desta história, pois não o consentiram os muitos filhos e a ilustre descendência que deixaram em Toledo, e vivem agora esses dois felizes esposos que por muitos e felizes anos desfrutaram de si mesmos, de seus filhos e de seus

netos, tudo pela graça do céu e pela força do sangue, que viu derramado no solo o valoroso, ilustre e cristão avô de Luisico.

---

1 As opiniões do pai de Leocádia, que parecem coincidir com as de Cervantes, se opõem radicalmente à concepção dominante na época.

2 Ecco li buoni pollastri, piccioni, prosciutto e salcicie: "Eis aqui os bons frangos, pombinhos, presunto e salsichas".

3 O cirurgião tratava de feridas ou chagas, enquanto o médico dava o diagnóstico.

4 A primeira e principal intenção no casamento cristão é a procriação. A segunda, o prazer.

5 Supunha-se, com base na filosofia clássica, que o amor nascia quando a mulher transmitia, pelos olhos, seus espíritos vitais, que eram recebidos pelos olhos do homem que a olhava e se alojavam na alma dele. Então a frase "tenho tua imagem gravada na alma" adquire um sentido novo e completo.

6 Ao morrer, segundo a crença da época, expulsa-se a alma ou alento vital pela boca.

7 Cervantes situa a ação da novela num tempo anterior ao Concílio de Trento, quando não havia a necessidade de esposais.

**NOVELA DO  
CIUMENTO DA  
ESTREMADURA**



NÃO FAZ MUITO tempo que saiu de uma aldeia da Estremadura um fidalgo, filho de nobres, que como um outro Filho Pródigo andou por diversos lugares da Espanha, Itália e Flandes, gastando tanto os anos como suas riquezas. Ao fim de muitas peregrinações, já mortos seus pais e dilapidado seu patrimônio, veio parar na grande cidade de Sevilha, onde encontrou oportunidade suficiente para acabar de consumir o pouco que lhe restava. Vendo-se, então, tão falto de dinheiro e sem muitos amigos, resolveu provar o remédio que muitos outros perdidos naquela cidade provam, que é ir para as Índias, refúgio e amparo dos desesperados da Espanha, igreja dos falidos, salvação dos homicidas, couto e ninho de jogadores, a quem os peritos no carteadado chamam certos,<sup>1</sup> arapuca geral de mulheres livres, engano comum de muitos e remédio particular de poucos.

Enfim, quando uma frota ia partir para Terra Firme,<sup>2</sup> entrando em acordo com o almirante, ele preparou sua matalotagem e sua mortalha de esparto,<sup>3</sup> e, embarcando em Cádiz, abençoou a Espanha. A frota zarpou, e com geral alegria deram as velas ao vento, que soprava suave e favorável, e em poucas horas encobriu a terra e lhes descobriu as largas e espaçosas planícies do grande pai das águas, o mar Oceano.

Nosso passageiro ia pensativo, revolvendo em sua memória os muitos e diversos perigos que havia passado em seus anos de peregrinação e a falta de juízo que teve em todo o transcurso de sua vida; e somando e diminuindo tudo isso chegava à firme decisão de mudar sua maneira de viver, e de achar outra forma de guardar os bens que Deus houvesse por bem lhe dar, e de agir com mais recato com as mulheres do que até aquele momento.

A frota estava em calma enquanto acontecia essa tempestade com Felipo Carrizales,<sup>4</sup> que esse é o nome de quem deu assunto



para esta novela. O vento soprou de novo, impelindo com tanta força os navios que não deixou ninguém na coberta, de modo que Carrizales foi forçado a deixar suas imaginações e deixar-se levar apenas pelas preocupações que a viagem lhe oferecia; e essa viagem foi tão boa que sem nenhum revés nem mudança de vento chegaram ao porto de Cartagena.<sup>5</sup> E para concluir com tudo o que não tem relação com nosso propósito, digo que a idade que Filipo tinha quando foi para as Índias seria de quarenta e oito anos, e nos vinte em que esteve nelas, ajudado por sua astúcia e diligência, conseguiu reunir mais de cento e cinquenta mil pesos em barras de prata.<sup>6</sup>

Vendo-se, portanto, rico e próspero, tocado pelo natural desejo que todos sentem de voltar à sua pátria, com grandes negócios em vista, deixando o Peru, onde havia granjeado tanta riqueza, trazendo-a toda em barras de ouro e prata, e registrada, para evitar inconvenientes,<sup>7</sup> voltou à Espanha. Desembarcou em Sanlúcar; chegou a Sevilha tão cheio de anos como de riquezas; pegou sua fortuna sem problemas; procurou seus amigos; encontrou-os todos mortos; quis partir para sua terra, embora já tivesse notícia de que a morte não havia lhe deixado nenhum parente. E, se quando foi para as Índias, pobre e necessitado, muitos pensamentos o atormentavam, sem deixá-lo sossegar um instante em meio às ondas do mar, não o atormentavam menos agora na tranquilidade da terra, embora por causa diferente, pois se antes não dormia por ser pobre, agora não podia sossegar por ser rico, porque a riqueza é carga tão pesada para quem não tem o costume de tê-la nem saber usá-la como o é a pobreza para quem a padece continuamente. O ouro acarreta preocupações, e a falta dele também; mas alguns se resolvem ganhando uma quantidade mediana, e outros se atormentam mais quanto mais ouro acumulam.

Carrizales pensava em suas barras não por ser miserável, porque em alguns anos que foi soldado aprendeu a ser desapegado, mas pelo que haveria de fazer delas, pois mantê-las como barras seria infrutífero, e tê-las em casa, isca para os cobiçosos e chamariz para ladrões.

Havia morrido nele a vontade de voltar ao trabalho inquieto do comércio e lhe parecia que, considerando os anos que tinha, lhe sobrava dinheiro para passar a vida, e gostaria de passá-la em sua pátria e queria comprar terra para arrendar, vivendo nela os anos de sua velhice em paz e quietude, dando a Deus o que podia, pois havia dado ao mundo mais do que devia. Por outro lado, considerava que a penúria de sua pátria era muita e as pessoas muito pobres, e que ir viver lá era se tornar alvo de todos os incômodos que os pobres costumam dar aos ricos que têm como vizinhos, e mais ainda quando não há outro no lugar a quem acudir em suas misérias. Gostaria de ter a quem deixar seus bens depois de seus dias e com esse desejo sondava suas forças, e lhe parecia que ainda podia levar a carga de uma esposa. E com esse pensamento vinha um medo tão grande que o pensamento se desbaratava e desfazia como se desfaz a neblina ao vento, porque por seu caráter natural era o homem mais ciumento do mundo, mesmo sem estar casado, pois apenas com a ideia de sê-lo o ciúme começava a ofendê-lo, as suspeitas a angustiar e as fantasias a assustar, e isso com tanta eficácia e veemência que resolveu terminantemente não se casar.

E tendo resolvido isso, mas não tendo o que havia de fazer de sua vida, quis a sorte que, passando um dia por uma rua, erguesse os olhos e visse uma moça numa janela, pelo visto entre treze e catorze anos, de rosto tão agradável e tão formosa que, sem ser capaz de se defender, o bom velho Carrizales rendeu a debilidade de seus muitos anos aos poucos de Leonora, que assim era o nome da formosa donzela. E assim, sem demora, começou a pensar um montão de coisas, e falando consigo mesmo dizia:

– Esta moça é formosa e, pela aparência desta casa, não deve ser rica; ela é uma menina, seus poucos anos são garantia contra minhas suspeitas. Vou me casar com ela; vou trancá-la e moldá-la a meu modo, e com isso não terá outro caráter que aquele que eu lhe ensinar. E não sou tão velho que possa perder a esperança de ter herdeiros. Se tem ou não tem dote, não vem ao caso, pois o céu me deu para todos, e os ricos não devem procurar riqueza em seus casamentos, mas satisfação, pois a satisfação prolonga a vida, e os

desgostos entre os casados a encurtam. Alto, então: a sorte está lançada, e esta é a que o céu quer que eu tenha.

E, assim, feito esse monólogo, não uma vez mas centenas, dali a alguns dias falou com os pais de Leonora, e soube que embora fossem pobres eram da nobreza; e comunicando a eles sua intenção e a condição de sua pessoa e posses, rogou que lhe dessem sua filha por mulher. Eles pediram tempo para se informarem sobre o que dizia, e que ele também o teria para inteirar-se da verdade do que haviam dito sobre sua nobreza.

Despediram-se, as partes se informaram e descobriram que era como haviam dito; e, enfim, Leonora se tornou esposa de Carrizales, que antes deu um dote de vinte mil ducados: tanto estava inflamado o peito do velho ciumento. Ele, mal deu o sim de marido, teve um ataque de ciúme raivoso e, sem causa alguma, começou a tremer e a ter preocupações maiores do que jamais havia tido. E a primeira amostra que deu de sua natureza ciumenta foi não querer que alfaiate algum tomasse as medidas de sua esposa para os muitos vestidos que pensava mandar fazer para ela. Assim, andou procurando outra mulher que tivesse, mais ou menos, o mesmo porte e corpo de Leonora, e encontrou uma moça pobre por cujas medidas mandou fazer uma roupa, e, provando-a sua esposa, achou que lhe caía bem, e por aquela medida mandou fazer o resto dos vestidos, que foram tantos e tão ricos que os pais de Leonora se consideraram mais que felizes por ter topado com genro tão bom, solução para a vida deles e da filha. A menina estava assombrada de ver tantas roupas, porque as que ela havia usado em sua vida não passavam de uma saia de sarja e um corpete de tafetá.

O segundo sinal que Filipo deu foi não querer morar com sua esposa até montar casa à parte. Comprou uma por doze mil ducados, num bairro nobre da cidade, que tinha água corrente e um quintal com muitas laranjeiras, e a arrumou desta maneira: fechou todas as janelas que davam para a rua e abriu-as para o céu, e fez o mesmo com todas as outras da casa. Na porta de entrada, que em Sevilha chamam de porta da rua, fez uma cavaliça para uma mula, e em cima dela um palheiro e um quarto para quem havia de cuidar dela, que foi um negro velho e eunuco; levantou as paredes do

terraço de tal maneira que quem entrava na casa tinha de olhar o céu quase se desnucando, sem que pudesse ver outra coisa; e fez uma roda<sup>8</sup> para comunicar a porta de entrada com o pátio.

Comprou lindos móveis para adornar a casa, de modo que por tapeçarias, estrados e dosséis ricos mostrava ser a moradia de um grande senhor; comprou, também, quatro escravas brancas, e ferrou-as no rosto, e outras duas negras boçais.<sup>9</sup>

Combinou com um despenseiro que comprasse e lhe trouxesse a comida, com a condição de não dormir na casa nem entrar nela, a não ser até a roda, por onde devia entregar o que trouxesse. Feito isso, investiu parte de sua fortuna em propriedades situadas em diversos e bons lugares, para viver de rendas; outra depositou no banco, e ficou com um tanto para as necessidades que surgissem. Fez também uma chave mestra para toda a casa, e encerrou nela tudo o que se costuma comprar de uma vez só e nas estações, para a provisão de todo o ano; e, tendo tudo arranjado e determinado assim, foi à casa de seus sogros e pediu sua mulher, que lhe foi entregue não sem muitas lágrimas, porque lhes pareceu que a levavam à sepultura.

A inexperiente Leonora ainda não sabia o que havia acontecido com ela e assim, chorando com seus pais, pediu a bênção deles, e despedindo-se, rodeada por suas escravas e criadas, segura pela mão do marido, foi para sua casa. Ao entrarem, Carrizales fez um sermão a todas, encarregando-lhes a guarda de Leonora, e que por meio nem modo algum deixassem entrar ninguém da segunda porta para dentro, mesmo que fosse o eunuco negro. E a quem mais encarregou a guarda e o cuidado de Leonora foi a uma aia muito prudente e séria, que foi contratada como dama de companhia de Leonora e para que fosse superintendente de tudo que se fizesse na casa, e para que mandasse nas escravas e outras duas criadas que haviam sido admitidas para que Leonora se distraísse com pessoas de sua mesma idade.

Prometeu-lhes que trataria a todas de maneira que não sentissem seu encerramento e que nos feriados, todos, sem faltar nenhum, iriam ouvir missa, mas tão cedo da manhã que a luz mal

tivesse chance de vê-las. As criadas e as escravas prometeram fazer tudo aquilo que lhes mandava, sem desgosto, de boa vontade e bom humor. E a nova esposa, encolhendo os ombros, baixou a cabeça e disse que ela não tinha outra vontade que a de seu marido e senhor, a quem sempre seria obediente.

Tomadas essas providências e recolhido em casa o bom ciumento, começou a aproveitar como pôde os frutos do matrimônio, os quais, para Leonora, que não tinha experiência de outros, não eram nem saborosos nem insossos. Assim, passava o tempo com sua aia, criadas e escravas, e elas, para passar bem, deram em ser gulosas, e passavam poucos dias sem fazer mil coisas que o mel e o açúcar deixam saborosas. O que necessitavam para isso sobrava em grande abundância, e não sobrava menos a vontade de seu amo de dá-lo, parecendo-lhe que com isso as tinha entretidas e ocupadas, sem terem tempo de se pôr a pensar em seu encerro.

Leonora convivia de igual para igual com suas criadas, e se entretinha com as mesmas coisas que elas, e em sua ingenuidade até começou a fazer bonecas e outras criancices, que mostravam a candura de seu caráter e seus verdes anos. Tudo isso dava grandíssima satisfação ao marido ciumento, pois achava que havia acertado ao escolher a melhor vida que pôde imaginar, e que por meio nenhum a astúcia e a malícia humana poderiam perturbar seu sossego. E assim, só se empenhava em trazer presentes para sua esposa e em lembrá-la que pedisse todos quantos lhe viessem ao pensamento, que ele lhe daria todos.

Nos dias em que ia à missa, o que acontecia, como se disse, quase de madrugada, vinham seus pais e falavam com sua filha na igreja, diante do marido, que os enchia de presentes. Embora sentissem pena pelo acanhamento em que sua filha vivia, essa pena era suavizada pelos muitos presentes que lhes dava Carrizales, seu genro generoso.

Levantava de manhã e esperava que o despenseiro viesse, a quem, por um bilhete que botavam na noite anterior na roda, diziam o que devia trazer no dia seguinte. Depois da vinda do despenseiro, Carrizales saía de casa, na maioria das vezes a pé, deixando as

portas trancadas, a da rua e a do meio, e entre as duas ficava o negro.

Ia tratar de seus negócios, que eram poucos, e voltava em seguida para, trancando-se em casa, entreter-se dando presentes à sua esposa e agradando suas criadas, pois todas lhe queriam bem, por ser simples e agradável, e, principalmente, por se mostrar tão generoso com todas.

Dessa maneira passaram um ano de noviciado e professaram aquela vida, decidindo levá-la até o fim das suas. E assim seria, se o sagaz perturbador do gênero humano não atrapalhasse,<sup>10</sup> como agora ouvireis.

Diga-me agora aquele que se considerar o mais prudente e recatado que outras cautelas para sua segurança podia ter tomado o ancião Felipo, pois se até não consentiu que houvesse dentro de sua casa nem um animal que fosse varão. Os ratos dela jamais foram perseguidos por um gato, nem nela se ouviu o latido de um cachorro; todos eram do gênero feminino. De dia pensava, de noite não dormia; ele era a ronda e sentinela de sua casa e o Argos do que mais amava. Jamais um homem passou da porta para o pátio; com seus amigos negociava na rua. As figuras dos tapetes que enfeitavam seus quartos e outras peças eram todas fêmeas, flores e matas. Toda a sua casa cheirava a castidade, recolhimento e recato; nem mesmo nas histórias que suas criadas contavam nas longas noites de inverno, diante da lareira, por ele estar presente, jamais surgia algum tipo de lascívia. A prata dos cabelos do velho parecia ouro puro aos olhos de Leonora, porque o primeiro amor que as donzelas têm se grava na alma delas como o sinete na cera. Seus cuidados exagerados lhe pareciam prudência recatada; pensava e acreditava que o que acontecia com ela acontecia com todas as recém-casadas. Seus pensamentos não se arriscavam a ultrapassar as paredes de sua casa, nem sua vontade desejava outra coisa além daquela que a de seu marido queria; apenas nos dias em que ia à missa via as ruas, e isso era tão cedo que, se não fosse ao voltar da igreja, não havia luz para olhá-las.

Não se viu convento mais fechado, nem freiras mais recolhidas, nem maçãs de ouro tão guardadas;<sup>11</sup> e, apesar disso tudo, não pôde de jeito nenhum prevenir nem evitar cair no que receava, ou pelo menos pensar que havia caído.

Há em Sevilha um tipo de pessoas ociosas e vagabundas, a quem em geral se costuma chamar de “pessoas de bairro”. Elas são os filhos de moradores de cada bairro, e dos mais ricos; pessoas inúteis, janotas e melífluas, das quais e de suas roupas e maneira de viver, de sua condição e das leis que observam entre si, havia muito que dizer, mas que por bons motivos calamos.

Um desses galãs, que entre eles é chamado de almofadinha – quando moço solteiro, pois aos recém-casados chamam de cobertor de orelha –, por acaso começou a olhar a casa do recatado Carrizales e, vendo-a sempre fechada, teve vontade de saber quem vivia lá; e com tanto empenho e curiosidade investigou que veio a saber tudo o que desejava.

Soube da condição do velho, da formosura de sua esposa e do modo como o marido a guardava; tudo isso inflamou o desejo de ver se seria possível tomar, pela força ou pela astúcia, fortaleza tão inexpugnável. E, conversando com dois almofadinhas e um cobertor de orelha, seus amigos, combinaram botar mãos à obra, pois para tais empreitadas nunca faltam conselheiros e ajudantes.

Discutiam de que modo se tentaria façanha tão difícil; e, tendo se reunido muitas vezes para tratar do assunto, concordaram com isto: que Loaysa, pois assim se chamava o janota, fingindo sair da cidade por alguns dias, sumisse dos olhos de seus amigos, como realmente o fez. Então pôs uns calções de linho e camisa limpos; mas por cima pôs umas vestes tão puídas e remendadas que nenhum pobre em toda a cidade usava algo tão maltrapilho. Tirou o pouco de barba que tinha, cobriu um olho com um emplastro, enfaixou bem apertado uma perna e, apoiando-se em duas muletas, transformou-se num pobre tão aleijado que o estropiado mais verdadeiro não se igualava a ele.

Com esse disfarce, todo dia ao entardecer se punha à porta da casa de Carrizales, que já estava fechada, ficando o negro, que se

chamava Luís, trancado entre as duas portas. Postado ali, Loaysa pegava uma guitarrilha um tanto sebossa com algumas cordas faltando,<sup>12</sup> e como ele entendia um pouco de música, começava a tocar alguns sons alegres e prazerosos, mudando a voz para não ser reconhecido. Com isso, apressava-se a cantar romances de mouros e mouras, sem pé nem cabeça, com tanta graça que todos os que passavam pela rua paravam para ouvir, e sempre, enquanto cantava, estava rodeado de meninos. E Luís, o negro, apurando o ouvido entre as portas, estava caído pela música do almofadinha, e daria um braço para poder abrir a porta e escutá-lo mais à vontade, tamanha é a inclinação que os negros têm para a música. E, quando Loaysa queria que os que o ouviam o deixassem, parava de cantar e guardava o violão e, apoiando-se em suas muletas, ia embora.

Quatro ou cinco vezes havia tocado para o negro – pois tocava apenas para ele –, achando que se aquele edifício ia começar a desmoronar havia e devia ser pelo negro; e não pensou em vão, porque se aproximando da porta uma noite, como de costume, começou a afinar o violão e pressentiu que o negro estava atento, e, aproximando-se das dobradiças da porta, disse em voz baixa:

– Será possível me dar um pouco d'água, Luís, pois morro de sede e não posso cantar?

– Não – disse o negro –, porque não tenho a chave desta porta, nem há um buraco por onde possa dá-la.

– Mas então quem tem a chave? – perguntou Loaysa.

– Meu amo – respondeu o negro –, que é o homem mais ciumento do mundo. E se ele soubesse que eu estou agora falando com alguém, daria cabo de minha vida. Mas quem sois, que me pedis a água?

– Eu sou um pobre aleijado de uma perna – respondeu Loaysa –, que ganho a vida mendigando por Deus às boas pessoas; além disso, ensino alguns morenos<sup>13</sup> e outros pobres a tocar; e já tive três alunos negros, escravos de três corregedores municipais, a quem ensinei de modo que podem cantar e tocar em qualquer baile e em qualquer taberna, e me pagaram muito bem.



– Muito mais vos pagaria eu – disse Luís – se pudesse ter lições, mas não é possível, porque meu amo, ao sair de manhã, fecha a porta da rua, e quando volta faz a mesma coisa, deixando-me emparedado entre duas portas.

– Por Deus, Luís – replicou Loaysa, que já sabia o nome do negro –, se vós désseis um jeito para que eu entrasse algumas noites para vos ensinar, em menos de quinze dias vos deixaria tão afiado no violão que poderíeis tocar sem vergonha alguma em qualquer esquina; porque vos garanto que tenho grande dom para ensinar, e ainda mais que ouvi dizer que tendes grande habilidade, e pelo que percebo e posso julgar por vossa voz, que é aguda, deveis cantar muito bem.

– Não canto mal – respondeu o negro –, mas de que me adianta? Pois não sei entoar mais nada além de A estrela de Vênus e de Por um campo verde<sup>14</sup> e aquela canção muito cantada agora que diz:

Às barras de uma grade  
a inquieta mão agarrada?<sup>15</sup>

– Todas essas são bagatelas – disse Loaysa – perto das que eu poderei vos ensinar, porque sei todas as do mouro Abindarráez, com as de sua dama Xarifa,<sup>16</sup> e todas as que se cantam da história do grande Sofi Tomunibeyo,<sup>17</sup> com as da sarabanda com temas sacros, que são tão boas que pasmam os próprios portugueses.<sup>18</sup> E ensino isso com tais modos e com tanta facilidade que, embora não vos apresseis a aprender, mal havereis comido três ou quatro arrobas de sal, quando já vos vereis músico de cima a baixo em todo tipo de violão.

A isso o negro suspirou e disse:

– De que adianta tudo isso, se não sei como vos botar para dentro de casa?

– É fácil – disse Loaysa –, procurai pegar as chaves de vosso amo, e eu vos darei um pedaço de cera onde as pressionareis, de

maneira que fiquem marcadas as reentrâncias na cera, que eu, por causa da simpatia que tenho por vós, farei com que um serralheiro amigo meu faça as chaves, e assim poderei entrar de noite e vos ensinar melhor que o Preste João das Índias,<sup>19</sup> porque me parece uma grande injustiça que se perca uma voz tão boa como a vossa, faltando-lhe o apoio do violão. Pois quero que saibais, meu irmão Luís, que a melhor voz do mundo perde seus quilates quando não é acompanhada por um instrumento, seja um violão ou um cravo, um órgão ou uma harpa; mas o que mais convém à vossa voz é o violão, por ser o mais jeitoso e menos difícil dos instrumentos.

– Isso parece muito bom – replicou o negro –, mas não pode ser assim, pois as chaves jamais ficam em meu poder, nem meu amo as larga durante todo o dia, e de noite dorme com elas embaixo do travesseiro.

– Então fazei outra coisa, Luís – disse Loaysa –, se é que tendes vontade de ser um músico consumado, pois se não a tiverdes não há por que eu me cansar vos aconselhando.

– Puxa, se tenho vontade! – replicou Luís. – E tanta que farei qualquer coisa, desde que seja possível, em troca de me tornar músico.

– Se é assim – disse o almofadinha –, abri espaço, tirando um pouco de terra perto do marco, que vos darei por baixo da porta um alicate e um martelo, com que podereis tirar os pregos da fechadura de noite com muita facilidade, e com a mesma poremos de novo a chapa, de modo que não se note que foi despregada. E eu estando aí dentro, fechado convosco em vosso palheiro, ou onde dormis, vou me apressar tanto no que tenho de fazer que vereis ainda mais do que vos disse, com proveito de minha pessoa e aumento de vossa maestria. E não vos preocupeis com o que comeremos, que levarei mantimentos para nós dois, e para mais de oito dias, que tenho discípulos e amigos que não me deixarão passar mal.

– Quanto à comida não há problema – replicou o negro –, pois com a ração que meu amo me dá e com as sobras que me dão as escravas, sobra comida para outros dois. Venham esse martelo e esse alicate de que falais, que eu farei um buraco por onde passem

perto deste marco, e depois o taparei com barro. Como meu amo dorme muito longe desta porta, mesmo que eu dê umas pancadas para tirar a chapa, ele só ouvirá por milagre, ou por uma grande falta de sorte nossa.

– Seja o que Deus quiser – disse Loaysa. – Daqui a dois dias tereis, Luís, todo o necessário para pôr em execução nosso virtuoso propósito; e tomai cuidado para não comer coisas fleumáticas,<sup>20</sup> porque não fazem nenhum bem, ao contrário, prejudicam muito a voz.

– Coisa nenhuma me deixa mais rouco que o vinho – replicou o negro –, mas não vou parar de beber nem por todas as vozes do mundo.

– Não chego a tanto – disse Loaysa –, nem Deus permita. Bebei, meu caro Luís, e bom proveito, pois o vinho que se bebe medidamente nunca fez mal a ninguém.

– Bebo com medida – replicou o negro. – Tenho aqui um jarro em que cabem dois litros certinhos; as escravas o enchem sem que meu amo o saiba, e o despenseiro me traz às escondidas um odre em que também cabem quatro litros, com o que se suprem as carências do jarro.

– Pois desejo que minha vida seja tão boa assim – disse Loaysa –, porque a garganta seca não grunhe nem canta.

– Ide com Deus – disse o negro –, mas, por favor, não deixeis de vir cantar aqui à noite, enquanto não trouxerdes as ferramentas para entrar aqui, pois já roo as unhas para ver meus dedos no violão.

– Claro que virei! – replicou Loaysa. – E com músicas novas.

– É o que peço – disse Luís –, e agora não deixeis de me cantar alguma coisa, para que eu vá deitar satisfeito; e quanto ao pagamento, ficai sabendo, senhor pobre, que terei de vos pagar melhor que um rico.

– Nem penso nisso – disse Loaysa –, pois conforme eu vos ensinar, assim me pagareis, e por ora ouvi esta cançãozinha, pois quando eu estiver dentro vereis milagres.

– Não vejo a hora – respondeu o negro.

E acabada essa longa conversa, Loaysa cantou um romancinho com assonantes agudos, com que deixou o negro tão alegre e satisfeito que já não via a hora de abrir a porta.

Mal se afastou da porta, com mais rapidez do que prometiam suas muletas, Loaysa foi informar seus conselheiros sobre seu bom começo, previsão do bom fim que esperava por ele. Encontrou-os e contou o que havia combinado com o negro, e no outro dia acharam as ferramentas, e tão boas que quebravam qualquer prego como se fosse de madeira.

O almofadinha não se descuidou de tocar para o negro, nem o negro se descuidou em fazer o buraco por onde coubesse o que seu mestre lhe desse, cobrindo-o de maneira que, se não se olhasse com malícia e suspeita, não se podia dar conta de que havia um buraco.

Na segunda noite Loaysa entregou as ferramentas, e Luís experimentou sua força, e quase sem fazer nenhuma quebrou os pregos, e com a chapa da fechadura nas mãos, abriu a porta e botou para dentro seu Orfeu e mestre, e, quando o viu com suas duas muletas e tão andrajoso, a perna tão enfaixada, ficou admirado. Loaysa não usava o emplastro no olho, por não ser necessário, e mal entrou abraçou seu bom discípulo e o beijou no rosto, e em seguida lhe pôs nas mãos um odre de vinho e uma caixa de conservas e outras coisas doces, de que levava nuns alforjes bem providos. E deixando as muletas, como se não sofresse de mal algum, começou a fazer cabriolas, do que mais se espantou o negro, a quem Loaysa disse:

– Sabei, meu irmão Luís, que minha manqueira e mutilação não nascem de doença, mas da astúcia. Com ela ganho meu pão pedindo por amor de Deus, e ajudado por ela e por minha música levo a melhor das vidas do mundo, no qual todos aqueles que não forem astutos e trapaceiros morrerão de fome; e isso vereis no decorrer de nossa amizade.

– Logo veremos – respondeu o negro –, mas tratemos de botar esta chapa no lugar, de modo que não se veja a mudança.

– Bem lembrado – disse Loaysa.

E tirando pregos de seus alforjes, consertaram a fechadura de modo que ficou tão bem como antes, o que deixou o negro contentíssimo; e Loaysa, subindo para o quarto que o negro tinha no palheiro, acomodou-se o melhor que pôde.

Em seguida Luís acendeu um pavio de cera, e Loaysa, sem esperar mais, pegou seu violão, e tocando-o baixo e suavemente, deixou pasmo o pobre negro de tal maneira que ficou fora de si escutando-o. Tendo tocado um pouco, pegou comida de novo e deu-a a seu discípulo, que, embora relutante, bebeu com tanto gosto do odre que ficou mais sem sentidos que com a música. Depois disso, tratou de dar a lição a Luís, e como o pobre negro tinha quatro dedos de vinho sobre os miolos, não acertava um traste, mas apesar disso Loaysa o fez pensar que já sabia pelo menos duas canções, e o melhor disso era que o negro acreditava; e em toda aquela noite não fez outra coisa que tocar o violão desafinado e sem as cordas necessárias.

Dormiram o pouco que lhes restava da noite, e aí pelas seis da manhã Carrizales desceu e abriu a porta do meio, e também a da rua, e ficou esperando o despenseiro, que veio dali a pouco, entregou a comida pela roda e foi embora. Então Carrizales chamou o negro para que descesse e pegasse cevada para a mula e sua ração, e logo que ele a pegou, o velho se foi, deixando fechadas ambas as portas, sem perceber o que se havia feito na da rua, do que não se alegraram pouco mestre e discípulo.

Mal o amo saiu de casa, o negro agarrou o violão e começou a tocar de tal maneira que todas as criadas ouviram e lhe perguntaram pela roda:

– O que é isto, Luís? Desde quando tu tens violão, ou quem te deu?

– Quem me deu? – respondeu Luís. – O melhor músico que há no mundo, e que vai me ensinar em menos de seis dias mais de seis mil músicas.

– E onde está esse músico? – perguntou a aia.

– Não está longe daqui – respondeu o negro –, e se não fosse por vergonha e pelo medo que tenho de meu senhor, talvez vos mostrasse agora mesmo, e juro que vos divertíeis de vê-lo.

– E onde ele pode estar que nós possamos ver – replicou a aia –, se nesta casa jamais entrou outro homem além de nosso amo?

– Ora, ora – disse o negro –, não quero vos dizer nada até que vejais o que ele me ensinará no breve tempo de que falei.

– Com certeza – disse a aia –, se não for algum demônio esse que vai te ensinar, eu não sei quem pode te tornar músico com tanta rapidez.

– Ide tratar da vida – disse o negro –, que o ouvireis e o vereis um dia desses.

– Mas como? – disse outra criada. – Não temos janelas para a rua para poder ver nem ouvir ninguém.

– Muito bem – disse o negro –, há remédio para tudo, menos para a morte, e mais ainda se vós sabeis ou quereis calar.

– E como calaremos, irmão Luís! – disse uma das escravas. – Calaremos mais do que se fôssemos mudas, porque te garanto, meu amigo, que morro de vontade de ouvir uma boa voz, pois desde que nos emparedaram aqui, nem mesmo o canto dos passarinhos temos ouvido.

Loaysa estava ouvindo essas conversas todas com grande alegria, achando que elas levavam à realização de seu desejo, e que a boa sorte havia se adiantado em guiá-las conforme sua vontade.

As criadas se despediram com a promessa do negro de que, quando menos pensassem, ele as chamaria para ouvir uma voz muito boa; e com medo de que seu amo voltasse e o encontrasse falando com elas, deixou-as e se recolheu a seu quarto e clausura. Gostaria de ter outra lição, mas não se atreveu a tocar de dia, para não ser ouvido por seu amo, que voltou dali a pouco e, trancando as portas conforme era seu costume, fechou-se em casa. E quando, naquele dia, uma negra deu a comida pela roda, Luís lhe disse que naquela noite, depois que seu amo dormisse, descessem todas sem falta alguma para ouvir a voz que lhes havia prometido. Verdade que antes de dizer isso havia pedido com muitas súplicas a seu mestre que por favor cantasse e tocasse naquela noite perto da roda, para que ele pudesse cumprir a palavra que havia dado de fazer as criadas ouvirem uma voz perfeita, garantindo-lhe que seria muito festejado por todas elas. O mestre se fez um pouco de rogado para

fazer o que mais desejava, mas por fim disse que faria o que seu bom discípulo pedia, apenas para agradá-lo, sem nenhum outro interesse.

O negro o abraçou e lhe deu um beijo na bochecha, em sinal de contentamento pela mercê prometida, e naquele dia deu uma refeição tão boa a Loaysa que foi como se tivesse comido em casa, ou talvez melhor, pois quem sabe em sua casa a mesa fosse menos farta.

Chegou a noite, e pela metade dela, ou pouco menos, chamaram num cochicho na roda, e logo Luís entendeu que era a corja que havia chegado; e, chamando o mestre, desceram do palheiro com o violão bem acordado e mais bem afinado. Luís perguntou quem e quantas escutavam. Responderam que todas, exceto sua senhora, que estava dormindo com seu marido, o que desagradou a Loaysa. Mas, apesar disso, quis dar início ao seu propósito e alegrar seu discípulo e, tocando mansamente o violão, tirou tais notas que deixou o negro admirado, e surpreso o rebanho de mulheres que o escutava.

Pois o que direi sobre o que elas sentiram, quando o ouviram tocar “Pésame dello” e acabar com o endemoniado ritmo da sarabanda, então novo na Espanha?<sup>21</sup> Não ficou velha sem dançar nem moça que não se fizesse em pedaços, tudo na surdina, com um silêncio extraordinário, com sentinelas e espiões para avisar se o velho despertasse.

Loaysa também cantou seguidilhas,<sup>22</sup> com o que acabou por selar o prazer das ouvintes, que pediram veementemente ao negro que lhes dissesse quem era esse músico tão milagroso. O negro lhes disse que era um pobre mendigo, o mais belo e gentil-homem que havia entre todos os pobres de Sevilha.

Elas suplicaram para que ele desse um jeito de o verem, e que não o deixasse ir da casa antes de quinze dias, que elas o tratariam muito bem e dariam tudo o que fosse necessário. Perguntaram como tinham feito para metê-lo em casa. Sobre isso o negro não disse uma palavra; quanto ao resto, disse que para vê-lo fizessem um

buraco pequeno na roda, que depois deviam tapar com cera; e que ele tentaria mantê-lo em casa.

Loaysa também falou com elas, pondo-se à sua disposição, com tão boas palavras que elas perceberam que não era coisa de mendigo pobre. Pediram-lhe que na noite seguinte viesse ao mesmo lugar, que elas fariam com que sua senhora descesse para escutá-lo, apesar do sono leve de seu senhor, cuja leveza não nascia de seus muitos anos, mas de seus muitos ciúmes. Loaysa respondeu que se elas desejavam ouvi-lo sem medo do velho, que ele lhes daria uns pós para que botassem no vinho dele, que o fariam ferrar no sono por mais tempo que o normal.

– Que Jesus me ajude! – disse uma das criadas. – Se isso fosse verdade, que boa sorte teria entrado por nossas portas, sem perceber e sem merecê-lo! Não seriam pós de sono para ele, mas pós de vida para todas nós e para a pobre de minha senhora Leonora, sua mulher, pois ele não a deixa nem ao sol nem à sombra, nem a perde de vista um só momento. Ai, senhor de minha alma, traga esses pós, e que Deus lhe conceda todo o bem que deseja! Vá, e não demore; traga-os, meu senhor, que eu me ofereço para misturar no vinho e ser a servidora; e quisera Deus que o velho dormisse três dias e três noites, que outros tantos teríamos de glória.

– Sim, eu os trarei – disse Loaysa –, e eles não causam outro mal, nem prejudicam quem os toma, a não ser provocar-lhe um sono pesadíssimo.

Todas suplicaram que trouxesse logo, e, combinando de fazer na noite seguinte um buraco na roda com uma broca, e de trazer sua senhora para que o visse e ouvisse, se despediram. E o negro, embora quase fosse de manhã, quis ter sua lição, que Loaysa deu, e o convenceu de que não havia melhor ouvido que o dele entre quantos discípulos tinha; e o negro não sabia, nem nunca soube, fazer um acorde.

Os amigos de Loaysa tinham o cuidado de vir à noite escutar à porta da rua e ver se seu amigo lhes dizia algo ou se precisava de alguma coisa; e fazendo um sinal que tinham combinado, Loaysa percebeu que estavam ali, e pelo buraco perto do marco



rapidamente os informou sobre o bom andamento de seu negócio, pedindo-lhes encarecidamente que arranjassem alguma coisa que provocasse sono, para dá-la a Carrizales, pois ele ouvira dizer que havia uns pós que serviam para isso. Disseram-lhe que tinham um médico amigo que lhes daria o melhor remédio que conhecesse, se é que existia; e animando-o a prosseguir na empresa e prometendo-lhe voltar na noite seguinte com a encomenda, despediram-se depressa.

Veio a noite, e o bando de pombas acorreu ao chamado do violão. Com elas veio a ingênua Leonora, trêmula e receosa de que seu marido acordasse; subjugada por esse temor, não queria vir, mas tantas coisas lhe disseram suas criadas, especialmente a aia, sobre a doçura da música e da bela figura do músico pobre – que sem ter visto gabava e botava acima de Absalão<sup>23</sup> e Orfeu –, que a pobre senhora, convencida e persuadida de tudo aquilo, acabou fazendo o que não tinha vontade, nem nunca teria. A primeira coisa que fizeram foi furar a roda com a broca para ver o músico, que já não usava suas roupas de mendigo, mas uns calções grandes de tafetá fulvo, largos à marinheira, um gibão do mesmo tecido com enfeites trançados de ouro e um gorro de caça de cetim da mesma cor, com colarinho engomado com grandes pontas e rendas, pois de tudo vinham providos os alforjes de Loaysa, já que ele imaginara que poderia se ver em situação em que precisasse trocar de traje.

Era moço, bonito e desembaraçado; e como fazia tanto tempo que aquelas mulheres tinham cansado os olhos de olhar o velho amo, acharam que viam um anjo. Punha-se uma ao buraco para vê-lo, e logo outra; e para que pudessem vê-lo melhor, o negro andava com o pavio de cera aceso mostrando o corpo dele de cima a baixo. E depois que todas o tinham visto, até as negras boçais, Loaysa pegou o violão e cantou naquela noite tão magistralmente que acabou por deixar todas elas surpresas e embevecidas, tanto a velha como as moças, e todas suplicaram a Luís que desse um jeito e mandasse o senhor seu mestre entrar na casa, para ouvi-lo e vê-lo mais de perto e não adivinhando como pelo buraco, e sem o medo de estarem tão afastadas do quarto de seu senhor, que podia pegá-

las de repente e com a boca na botija, o que não aconteceria se o tivessem escondido lá dentro.

A isso sua senhora se opôs com veemência, dizendo que não o deixassem entrar nem o escondessem, porque lhe pesaria na alma, pois dali podiam ver e ouvir facilmente e sem perigo de sua honra.

– Que honra? – disse a aia. – O rei tem de sobra para todas nós. Fique vossa mercê encerrada com seu Matusalém e deixe que nos divertamos como pudermos. Sem falar que esse senhor parece tão honrado que não vai querer outra coisa além do que nós quisermos.

– Eu, minhas senhoras – disse Loaysa neste ponto –, não vim aqui a não ser com a intenção de servir a todas as vossas mercês com a alma e com a vida, condoído com seu retiro nunca visto e com os momentos que se perdem neste miserável modo de vida. Pela vida de meu pai, eu sou homem tão simples, tão tranquilo e de tão bom caráter, e tão obediente, que não farei nada mais que aquilo que me ordenarem; e se qualquer uma de vossas mercês dissesse: “Mestre, sente-se aqui; mestre, vá ali; venha cá, vá para lá”, assim o farei como o cachorro mais manso e amestrado que salta para agradar ao dono.

– Se é assim – disse a ignorante Leonora –, de que modo o senhor mestre vai entrar aqui?

– Bom – disse Loaysa –, tratem vossas mercês de fazer um molde em cera da chave desta porta do meio, que amanhã de noite trarei uma cópia que possa nos servir.

– Fazendo uma cópia dessa chave se faz de todas da casa – disse uma criada –, porque é a chave mestra.

– Nem por isso será pior – replicou Loaysa.

– É verdade – disse Leonora –, mas antes esse senhor deve jurar que não vai fazer outra coisa quando estiver aqui dentro além de tocar e cantar quando lhe ordenarem, e que vai ficar trancado e quietinho onde o puserem.

– Juro, sim – disse Loaysa.

– Esse juramento não vale nada – respondeu Leonora. – Tem de jurar pela vida de seu pai, e pela cruz e beijá-la, de modo que todas nós vejamos.

– Juro pela vida de meu pai – disse Loaysa –, e por este sinal da cruz que beijo com minha boca impura.

E fazendo o sinal da cruz com os dedos, beijou três vezes.

Então outra das criadas disse:

– Vê se não esquece aqueles pós, senhor, pois são o busílis da questão.

Com isso acabou a conversa daquela noite, ficando todos muito contentes com a combinação. E a sorte, que encaminhava os negócios de Loaysa cada vez melhor, trouxe naquela hora – duas depois da meia-noite – os amigos dele, que da rua fizeram o sinal de costume, que era tocar um berimbau de boca. Loaysa falou com eles e informou em que pé estava sua situação, e pediu que trouxessem os pós, ou outra coisa, como já havia pedido, para que Carrizales dormisse. Também falou da chave mestra. Eles disseram que na noite seguinte viriam os pós, ou um unguento tão poderoso que, untando com ele os pulsos ou as têmporas, causava sono profundo, sem que dele pudesse despertar em dois dias se não fosse lavando-se com vinagre todas as partes onde tinham passado; e que, se lhes desse o molde em cera das chaves, eles também a fariam com facilidade.

Com isso se despediram, e Loaysa e seu discípulo dormiram o pouco que restava da noite, Loaysa esperando a seguinte com grande ansiedade, para ver se se cumpria a palavra sobre a chave prometida. E embora o tempo pareça demorado e preguiçoso aos que esperam, ele corre parelho com o próprio pensamento, e chega ao fim que quer, porque nunca para nem descansa.

Veio a noite, pois, e a hora costumeira de ir à roda, aonde foram todas as criadas da casa, grandes e pequenas, negras e brancas, porque todas estavam ansiosas para ver o senhor músico dentro do harém; mas não veio Leonora, e Loaysa, perguntando por ela, soube que estava deitada com seu marido, que tinha trancado com chave a porta do quarto onde dormia, e que depois de chavear a porta botava a chave embaixo do travesseiro, e que sua senhora lhes havia dito que, dormindo o velho, daria um jeito de pegar a chave mestra e fazer o molde na cera, que já tinha preparada e mole, e que dali a pouco iriam pedi-lo por uma bordaleira.

Loaysa ficou impressionado com os cuidados do velho, mas nem por isso seu desejo esmoreceu; estavam nisso, quando se ouviu o berimbau de boca. Acorreu ao posto e encontrou os amigos, que lhe deram um frasquinho com um unguento com as propriedades que tinham anunciado; Loaysa o pegou e disse a eles que esperassem um pouco, que logo daria o molde da chave. Voltou à roda e disse à aia, que era quem mais demonstrava desejar sua entrada, para que o levasse à sua senhora Leonora, dizendo o efeito que causava e que procurasse untar seu marido com tanto tato que ele não percebesse, e que então veria maravilhas. Assim fez a aia, que, aproximando-se do quarto, achou que Leonora estava esperando deitada no chão ao longo da porta, com o rosto na bordaleira. A aia, estendendo-se da mesma maneira, botou a boca no ouvido de sua senhora, e em voz baixa lhe disse que trazia o unguento e de que modo devia usá-lo. Ela pegou o unguento e respondeu à aia que não podia pegar a chave de seu marido de jeito nenhum, porque não estava embaixo do travesseiro, como de costume, mas entre os dois colchões e quase debaixo da metade do corpo dele; mas que dissesse ao músico que se o unguento tinha o efeito que ele afirmava, com facilidade tiraria a chave todas as vezes que quisessem, e assim não seria necessário fazer o molde. Disse que fosse em seguida lhe dizer isso e voltasse para ver se o unguento funcionava, porque pensava untar seu marido já, já.

A aia desceu para falar com mestre Loaysa, e ele despediu seus amigos, que estavam esperando a chave. Tremendo e pé ante pé, quase sem ousar soltar a respiração da boca, Leonora conseguiu untar os pulsos de seu ciumento marido, e também as aberturas do nariz, e quando se aproximou delas parecia que ele estremecia, e ela levou um susto mortal, pensando que a tinha pegado com a mão na massa. Mas, do melhor jeito que pôde, acabou por untar todos os lugares que haviam lhe dito ser necessários, e foi como se tivesse embalsamado o marido para a sepultura.

Demorou muito pouco para o unguento opiado dar mostras de sua virtude, porque logo o velho começou a dar grandes roncos, que puderam ser ouvidos na rua; música, para os ouvidos de sua esposa, mais afinada que a do mestre de seu escravo; e ainda insegura do

que via, aproximou-se dele e o empurrou um pouco, e em seguida de novo, e dali a pouco um pouquinho mais, para ver se despertava; e a tanto se atreveu que o moveu de um lugar para outro sem que despertasse. Depois de ver isso, foi até a porta e, com voz não tão baixa como antes, chamou a aia, que a estava esperando ali, e lhe disse:

– Podes me felicitar, cara irmã, pois Carrizales dorme mais que um morto!

– Então o que esperas para pegar a chave, senhora? – disse a aia. – Olha que o músico está esperando-a faz mais de uma hora.

– Espera, irmã, que já vou – respondeu Leonora.

E voltando à cama, meteu a mão por entre os colchões e pegou a chave sem que o velho sentisse; com ela em suas mãos, começou a dar pulos de contente, e sem esperar mais abriu a porta e a apresentou à aia, que a recebeu com a maior alegria do mundo.

Leonora mandou que fosse abrir a porta para o músico e que o trouxesse à varanda, porque ela não ousava sair dali, por medo do que podia acontecer; mas que, antes de mais nada, fizesse com que ele de novo ratificasse o juramento que havia feito de não fazer mais do que elas ordenassem, e que, se não quisesse jurar outra vez, de jeito nenhum o deixasse entrar.

– Assim será – disse a aia –, e juro que não vai entrar se antes não jurar, e rejuar, e beijar a cruz seis vezes.

– Não cobre juro – disse Leonora. – Que ele a beije quantas vezes quiser, mas vê que jure pela vida de seus pais e por tudo aquilo que amar, porque com isso estaremos seguras e nos fartaremos de ouvi-lo cantar e tocar, pois, por minha alma, ele o faz delicadamente. E anda, não te demores mais, para que a noite não passe em conversas.

A boa aia arregaçou as saias e com imprevista rapidez foi à roda, onde estavam todas as pessoas da casa esperando-a; quando mostrou a chave que trazia, foi tanto o contentamento de todas que a levantaram nos ombros como a um catedrático,<sup>24</sup> dizendo: “Viva, viva!”; e mais ainda quando lhes disse que não havia necessidade de

copiar a chave porque, conforme dormia o velho untado, podiam muito bem se aproveitar da casa todas as vezes que o quisessem.

– Eia, amiga! – disse uma das criadas –, abre logo a porta e que entre esse senhor, que espera há horas, e vamos nos divertir com a música até cansar.

– Mas, antes de cansar – replicou a aia –, temos de fazê-lo jurar como na noite passada.

– Ele é tão bom – disse uma das escravas – que não vai se opor ao juramento.

Nisso a aia abriu a porta e, tendo-a entreaberta, chamou Loaysa, que estivera escutando tudo pelo buraco na roda e, aproximando-se da porta, quis entrar de repente, mas a aia pôs a mão no peito dele e disse:

– Saiba vossa mercê, meu senhor, que, por Deus e minha consciência, todas nós nesta casa somos donzelas como na hora em que nossas mães nos pariram, exceto minha senhora; e, embora eu pareça ter quarenta anos, não tendo trinta completos, porque faltam dois meses e meio, também o sou, para mal de meus pecados; e se por acaso pareço velha é que desgostos, dificuldades e tristezas acrescentaram um zero aos meus anos, e às vezes dois, conforme lhes dá na veneta. Então, sendo isso assim, como realmente é, não seria razão para em troca de ouvir duas, ou três, ou quatro canções puséssemos a perder tanta virgindade como aqui se encerra; porque até esta negra, que se chama Guiomar, é donzela. Assim que, senhor do meu coração, vossa mercê deve nos fazer, antes que entre em nosso reino, um juramento muito solene de que não há de fazer mais do que ordenarmos; e, se lhe parece muito o que pedimos, considere que é muito mais o que arriscamos. E, se é que vossa mercê vem com boa intenção, pouco vai lhe doer o juramento, que ao bom pagador não lhe dói meter a mão no bolso.

– A senhora Marialonso falou muito bem, ou mais até – disse uma das criadas. – Enfim, como pessoa prudente e que sabe como as coisas devem ser. Então, se o senhor não quiser jurar, aqui não entra.

A isso a negra Guiomar, que não falava direito o castelhano, disse:

– Por mim, mais que nunca jura, entre com todo diabo, que embora jure mais, se está aqui, esquece tudo.

Loaysa ouviu com grande tranquilidade a arenga da senhora Marialonso, e respondeu com calma autoridade e circunspeção:

– Com certeza, minhas senhoras, irmãs e companheiras, meu propósito nunca foi, é, nem será outro que vos agradar e divertir até onde minhas forças alcançarem; então, não é engolir sapo nenhum fazer o juramento que me pedem; mas eu gostaria que confiassem em minha palavra, porque dada por uma pessoa como eu sou, era o mesmo que fazer uma assinatura no cartório; e quero que vossa mercê saiba que tamanho não é documento e cara feia às vezes é só de fome. Mas, para que todas estejam seguras de minhas boas intenções, vou jurar como católico e gente de bem; de modo que juro pela eficácia sem mácula, onde mais santa e detalhadamente se explica, e pelas entradas e saídas do santo monte Líbano, e por tudo aquilo que em seu prefácio encerra a verdadeira história de Carlos Magno, com a morte do gigante Ferrabrás, de não sair nem ir além do juramento feito e das ordens da mais ínfima e desdenhada dessas senhoras, sob pena de que se outra coisa fizer ou quiser fazer, desde agora para então e desde então para agora o considero nulo e sem efeito e validade.

O bom Loaysa chegava a esse ponto de seu juramento quando uma das criadas, que havia escutado com atenção, deu um brado, dizendo:

– Este sim que é juramento para enternecer até as pedras! Quero cair morta se quero que jures mais, pois apenas com o que juraste poderias entrar na própria boca do inferno!

E Loaysa, segurando os calções, meteu-se para dentro, e logo as outras mulheres o rodearam. Depois uma foi dar a notícia à sua senhora, que estava de sentinela do sono de seu esposo, e quando a mensageira disse que o músico já subia, alegrou-se e inquietou-se ao mesmo tempo, e perguntou se havia jurado. Ela respondeu que sim e com um modo novo de jurar que jamais tinha visto em sua vida.

– Pois se jurou – disse Leonora –, nós o temos preso. Oh, como fui sabida ao mandar que jurasse!

Nisso chegou o bando todo, e o músico no meio, com o negro e Guiomar iluminando-os. E Loaysa, vendo Leonora, deu sinais de que ia se lançar aos pés dela para lhe beijar as mãos. Ela, calada e com gestos, fez com que levantasse, e as mulheres todas estavam como mudas, sem ousar falar, com medo de que seu senhor as ouvisse; Loaysa percebeu isso e lhes disse que podiam falar alto, porque o unguento com que seu senhor estava untado tinha tal poder que punha um homem como morto, mas sem lhe tirar a vida.

– É o que penso – disse Leonora –, pois se não fosse assim, ele já teria acordado vinte vezes, porque seus muitos achaques tornam o sono dele leve. Mas, depois que o untei, ronca como um animal.

– Pois então – disse a aia –, vamos para aquela sala da frente, onde poderemos ouvir cantar aqui o senhor e nos divertir um pouco.

– Vamos – disse Leonora –, mas fique aqui, Guiomar, vigiando, e nos avise se Carrizales acordar.

Ao que Guiomar respondeu:

– Eu, negra, fico, brancas vão; Deus perdoe a todas!

A negra ficou; foram para a sala, onde havia um rico estrado, e, deixando o senhor no meio, sentaram-se todas. E a boa Marialonso, pegando uma vela, começou a olhar o bom músico de cima a baixo, e uma dizia: “Ai, que topete ele tem, tão lindo e tão cacheado!”. Outra: “Ai, olha a brancura dos dentes! Mau ano para pérolas, que não serão mais brancas nem mais lindas!”. Outra: “Ai, que olhos, tão grandes e amendoados! Pela vida eterna de minha mãe, são verdes, que parecem de esmeraldas, nada menos!”. Esta gabava a boca, aquela os pés, e todas juntas fizeram um exame minucioso. Apenas Leonora se calava, e o olhava, e ia achando que tinha melhor porte que seu marido. Nisso, a aia pegou o violão que o negro trazia e o pôs nas mãos de Loaysa, pedindo-lhe que o tocasse e cantasse umas cançõezinhas muito apreciadas então em Sevilha, que diziam:

Mãe, querida mãe,  
proteção me dais.<sup>25</sup>



Loaysa atendeu ao pedido. Todas se levantaram e começaram a se desmanchar dançando. A aia sabia as coplas e as cantou com mais entusiasmo que boa voz. E eram estas:

Mãe, querida mãe,  
proteção me dais,  
pois se eu não me protejo,  
vós não me protegereis.

Dizem que está escrito,  
e com grande razão,  
ser a privação  
causa de apetite;  
cresce sem limite  
o enclausurado amor,  
por isso é melhor  
que não me tranqueis,  
pois se eu não me protejo,  
vós não me protegereis.

Se a vontade  
por si não se protege,  
nada a protege  
nem medo ou autoridade;  
romperá, na verdade,  
com a própria morte,  
até achar a sorte  
que vós não entendeis,  
pois se eu não me protejo,  
não me protegereis.

Quem tem costume  
de ser amorosa,  
como mariposa

irá atrás de seu lume,  
mesmo que um tapume  
de guardas lhe ponham  
e que por mais proponham  
fazer o que fazeis,  
pois se eu não me protejo,  
vós não me protegereis.

É de tal maneira  
a força amorosa,  
que a mais formosa  
fica sem eira nem beira;  
o peito uma lodeira,  
de fogo a gana,  
as mãos de cigana,  
os pés sem leis,  
pois se eu não me protejo,  
vós não me protegereis.

Chegava ao fim de sua canção e dança o grupo das moças, guiado pela boa aia, quando chegou Guiomar, a sentinela, toda preocupada, tremendo dos pés à cabeça como se tivesse epilepsia, e disse com voz entre rouca e baixa:

– Senhor acordado, senhora; e senhora, acordado senhor, e levanta e vem!

Quem viu bando de pombas comendo no campo, sem medo, o que mãos alheias semearam, e que ao furioso estrépito do disparo de uma escopeta se aturde e levanta voo, e esquecido do pasto, confuso e assustado cruza pelos ares, pode imaginar como ficou o bando das bailarinas, pasmas e amedrontadas, ouvindo a inesperada notícia que Guiomar havia trazido, e cada uma procurando uma desculpa e todas juntas uma solução, uma para cada lado foram se esconder pelos desvãos e cantos da casa, deixando o músico sozinho. Ele, largando o violão e o canto, muito confuso, não sabia o que fazer.

Leonora torcia suas formosas mãos; a senhora Marialonso esbofeteava o rosto, embora sem força. Enfim, tudo era confusão, sobressalto e medo. Mas a aia, mais astuta e mais controlada, ordenou que Loaysa entrasse em seu quarto, e que ela e sua senhora ficariam na sala, pois não faltariam justificativas que dar a seu senhor se as achasse ali.

Loaysa se escondeu logo, e a aia ficou atenta a escutar se seu amo vinha, e, não percebendo rumor algum, criou coragem e pouco a pouco, pé ante pé, foi se aproximando do quarto onde seu senhor dormia, e ouviu que roncava como antes; e, certa de que dormia, levantou as saias e voltou correndo para pedir um presente à sua senhora pelas notícias do sono de seu amo, a qual o deu de muito boa vontade.

A boa aia não quis perder a ocasião que a sorte lhe oferecia de desfrutar, antes de todas, dos encantos que ela imaginava que o músico devia ter; e assim, dizendo a Leonora que esperasse na sala enquanto ia chamá-lo, deixou-a e entrou onde ele estava, não menos confuso que pensativo, esperando saber o que fazia o velho untado. Maldizia a falsidade do unguento e se queixava da credulidade dos amigos, e de como tinha sido tão pouco prevenido que não havia feito antes a experiência com outro em vez de Carrizales.

Nisso chegou a aia e lhe garantiu que o velho dormia a sono solto. O coração acalmado, esteve atento a muitas palavras amorosas que Marialonso lhe disse, das quais deduziu a má intenção dela, e resolveu usá-la como anzol para pescar sua senhora. E, estando os dois nessa conversa, as demais criadas, que estavam escondidas por diversas partes da casa, uma aqui e outra ali, voltaram para ver se era verdade que seu amo havia acordado. E, vendo que tudo estava sepultado em silêncio, chegaram à sala onde haviam deixado sua senhora e por ela souberam do sono de seu amo; e como perguntaram pelo músico e pela aia, disse-lhes onde estavam, e todas, com o mesmo silêncio com que haviam vindo, aproximaram-se para escutar pela porta o que falavam entre eles.

Entre elas não faltou a negra Guiomar, mas o escravo sim, porque logo que ouviu que seu amo havia acordado, abraçou seu

violão e foi se esconder em seu palheiro, e, coberto com a manta de sua pobre cama, suave e transudava de medo; mas, apesar disso, não deixava de apalpar as cordas do violão, tamanha era (que o diabo o carregue!) sua paixão pela música.

As moças entreouviram os galanteios da velha, e cada uma a chamou de tudo e mais um pouco; nenhuma a chamou de velha sem o epíteto e adjetivo de feiticeira e de barbuda, de leviana e de outros que aqui se calam por respeito, mas o que mais riso causaria a quem as ouvisse eram as palavras de Guiomar, a negra, que por ser portuguesa e não falar muito bem o castelhano, vituperava com uma graça singular. Enfim, a conclusão da conversa de Marialonso e Loaysa foi que ele concordaria com a vontade dela, desde que ela antes lhe entregasse sua senhora à total vontade dele.

A aia acabou por engolir o sapo que o músico pedia e, em troca da realização do desejo que já havia se apoderado de sua alma e de seu corpo, ossos e medulas, prometera as coisas mais impossíveis que se podem imaginar. Deixou-o e saiu para falar com sua senhora; e, como viu sua porta rodeada por todas as criadas, disse que se recolhessem a seus aposentos, que na noite seguinte poderiam se divertir com o músico, com menos ou nenhum medo, pois naquela noite a confusão tinha lhes agitado o ânimo.

Entenderam muito bem que a velha queria ficar sozinha, mas não puderam deixar de lhe obedecer, porque mandava em todas. Foram-se as criadas, e ela acudiu à sala para persuadir Leonora a satisfazer a vontade de Loaysa, com uma arenga tão longa e bem elaborada que parecia que a tinha preparado havia muitos dias. Gabou a cortesia, a coragem, o garbo e os demais encantos do músico. Pintou-lhe o quanto seriam mais agradáveis os abraços do amante moço que os do marido velho, garantindo-lhe o segredo e a duração do prazer, com outras coisas semelhantes a essas, que o demônio lhe pôs na língua, cheias de figuras retóricas, tão demonstrativas e eficazes que levariam não só o coração ingênuo e pouco experiente da simples e incauta Leonora como o de uma dura estátua de mármore. Ó velhas aias, nascidas e usadas no mundo para perdição de mil recatadas e boas intenções! Ó longas e afetadas toucas, escolhidas para impor respeito às salas e aos

estrados de senhoras da nobreza, e que uso tão contrário fazeis de vosso quase forçado ofício!<sup>26</sup> Enfim, tanto a aia disse, tanto a aia persuadiu, que Leonora se rendeu, Leonora se enganou e Leonora se perdeu, dando por terra todos os cuidados do prudente Carrizales, que dormia o sono da morte de sua honra.

Marialonso pegou sua senhora pela mão e, quase à força, os olhos rasos de lágrimas, levou-a aonde Loaysa estava e, abençoando-a com um riso falso de demônio, fechando atrás de si a porta, deixou-os trancados e foi dormir no estrado, ou, digamos melhor, esperar as migalhas que caíssem da mesa. Mas como a vigília das noites anteriores a vencesse, acabou dormindo no estrado.

Seria bom perguntar a Carrizales nessas alturas, se não se soubesse de seu sono, onde estavam seus prevenidos recatos, seus receios, seus cuidados, suas convicções, os muros altos de sua casa, não haver entrado nela nem em sombra alguém que tivesse nome de homem, a roda exígua, as paredes grossas, as janelas sem luz, o encerramento extraordinário, o grande dote que havia dado a Leonora, os presentes que dava continuamente, o bom tratamento que dispensava a suas criadas e escravas, o não deixar faltar o mínimo de nada que ele imaginava que era necessário ou que se podia desejar. Mas já foi dito que não havia por que lhe perguntar, pois dormia muito mais do que precisava. E, se ele ouvisse e por acaso respondesse, não podia dar melhor resposta que encolher os ombros, arquear as sobrancelhas e dizer:

– Ao que parece, tudo isso a astúcia de um moço ocioso e viciado derrubou pelos alicerces, e a malícia de uma aia falsa, com a inadvertência de uma moça solicitada e persuadida.

Que Deus nos livre a todos desses inimigos, contra os quais não há escudo de prudência que defenda nem espada de recato que corte.

Mas apesar de tudo, o valor de Leonora foi tanto que, na hora em que mais lhe convinha, se mostrou contra as forças vis de seu astuto enganador, pois não foram suficientes para vencê-la, e ele se cansou à toa, e ela saiu vencedora, e ambos adormecidos. E nisso

ordenou o céu que, apesar do unguento, Carrizales acordasse e, como tinha o costume, apalpasse a cama por todos os lados, e não achando nela sua querida esposa, saltou da cama apavorado e aturdido, com mais rapidez e afoiteza do que seus muitos anos prometiam; e, quando não encontrou no quarto sua esposa e o viu aberto e que a chave havia sumido do meio dos colchões, pensou perder o juízo. Mas, controlando-se um pouco, saiu para o corredor e dali, andando pé ante pé, para não ser percebido, chegou à sala onde a aia dormia e, vendo-a sozinha, sem Leonora, foi ao quarto da aia, e, abrindo a porta bem devagarinho viu o que nunca gostaria de ter visto, viu o que daria por bem empregado não ter olhos para vê-lo. Viu Leonora nos braços de Loaysa, dormindo tão a sono solto como se neles agisse o poder do unguento e não no velho ciumento.

Carrizales ficou sem fôlego com a amarga realidade que via, a voz trancada na garganta, os braços caídos de desânimo, e ficou feito uma estátua de mármore frio; e embora a cólera tenha feito seu trabalho natural, avivando-lhe o espírito quase morto, a dor foi tanta que não o deixou respirar. Mas, apesar disso tudo, teria se vingado como aquela grande maldade requeria se tivesse uma arma com que se vingar; e, assim, resolveu ir a seu quarto para pegar uma adaga, e voltar para lavar as manchas de sua honra com o sangue de seus inimigos, e mesmo com o de todas as pessoas de sua casa. Com essa determinação honrosa e necessária, foi para seu quarto com o mesmo silêncio e recato com que havia vindo, mas lá a dor e a angústia lhe oprimiram tanto o coração que, sem ser capaz de outra coisa, se deixou cair desmaiado sobre a cama.

Nisso chegou o dia e surpreendeu os novos adúlteros enlaçados na rede de seus braços. Marialonso acordou e quis acorrer ao que lhe era devido, em sua opinião; mas, vendo que era tarde, quis deixá-lo para a noite seguinte. Leonora se inquietou ao ver o dia tão alto, amaldiçoou seu descuido e o da desgraçada da aia, e as duas, com passos atemorizados, foram onde estava Carrizales, suplicando ao céu num murmúrio para o acharem ainda roncando; e, quando o viram calado em cima da cama, pensaram que ainda estava sob o efeito do unguento, pois dormia, e com grande regozijo abraçaram uma à outra. Leonora se aproximou do marido e, segurando-o por

um braço, sacudiu-o de um lado para o outro, para ver se acordava sem necessidade de lavá-lo com vinagre, como diziam que era preciso para que voltasse a si. Mas com o movimento, Carrizales acordou do desmaio e, dando um profundo suspiro, com uma voz queixosa e desanimada, disse:

– Desgraçado de mim, a que triste fim o destino me levou!

Leonora não entendeu direito o que seu esposo disse, mas como o viu acordado e que falava, surpresa de ver que o efeito do unguento não durava tanto quanto haviam dito, aproximou-se de Carrizales e, pondo seu rosto junto ao dele, abraçou-o apertado e disse:

– Que tendes, meu senhor, pois me parece que estais vos queixando?

O velho infeliz ouviu a voz da doce inimiga e, abrindo os olhos envesgados, como ausente e enfeitiçado, pousou-os nela e, com grande empenho, sem mover uma pestana, esteve olhando-a um bom tempo, e por fim disse:

– Fazei-me o favor, senhora, de mandar chamar agora mesmo vossos pais, de minha parte, porque sinto não sei o que no coração que me dá uma grande dor, e temo que brevemente isto me tire a vida, e gostaria de vê-los antes de morrer.

Sem dúvida Leonora acreditou ser verdade o que seu marido dizia, pensando antes que a força do unguento o deixara naquele estado, não o que havia visto; e respondendo-lhe que faria o que mandava, enviou o negro imediatamente chamar seus pais e, abraçando seu esposo, fazia-lhe as maiores carícias que jamais lhe havia feito, perguntando-lhe o que era que sentia, com tão ternas e amorosas palavras como se ele fosse a coisa que mais amasse no mundo. Ele a olhava com o enfeitiçamento que se mencionou, cada palavra ou carícia que ela lhe fazia sendo uma lançada que lhe atravessava a alma.

A aia já havia contado às pessoas da casa e a Loaysa sobre a doença de seu amo, com exagero, dizendo que devia ser grave, pois havia esquecido de mandar fechar as portas da rua quando o negro saiu para chamar os pais de sua senhora. Todos se surpreenderam

com essa missão, pois nunca nenhum deles havia entrado naquela casa depois que casaram sua filha.

Enfim, todos andavam calados e pasmos, sem perceber a causa da indisposição de seu amo, que, de instante em instante, suspirava tão profunda e dolorosamente que com cada suspiro parecia arrancar a alma.

Leonora chorava por vê-lo daquele jeito, e ele ria com um riso de pessoa que estava fora de si, considerando a falsidade de suas lágrimas.

Nisso chegaram os pais de Leonora e, como acharam a porta da rua e a do pátio abertas, e a casa sepultada em silêncio e abandonada, ficaram admirados e com uma ponta de medo. Foram ao quarto de seu genro e o acharam como se disse, sempre com os olhos cravados em sua esposa, a quem segurava pelas mãos, os dois derramando muitas lágrimas – ela nada mais do que por vê-lo chorar, ele por ver com que fingimento ela chorava.

Mal os pais de Leonora entraram, Carrizales lhes disse:

– Sentem-se aqui vossas mercês, e todos os outros deixem este quarto desocupado, menos a senhora Marialonso.

Assim fizeram, e, ficando apenas os cinco, sem esperar que outro falasse, com voz calma, secando os olhos, Carrizales disse desta maneira:

– Tenho certeza, meus pais e senhores, de que não será necessário trazer testemunhas para que acreditem na verdade que quero vos dizer. Deveis lembrar bem, pois não é possível que haja sido varrido de vossa memória, com quanto amor, com quanta ternura, faz hoje um ano, um mês, cinco dias e nove horas que me entregastes vossa querida filha por minha legítima mulher. Também sabeis como foi generoso o dote que dei, pois foi tão grande que mais de três moças de sua mesma posição poderiam se casar com reputação de ricas. Também deveis lembrar com que zelo a vesti e adornei com tudo aquilo que por acaso ela desejou e eu consegui saber que lhe convinha. Nem mais nem menos vistes, senhores, como, levado por minha natural condição e receoso do mal de que, sem dúvida, devo morrer, e experimentado por minha grande idade nos singulares e vários acontecimentos do mundo, quis guardar esta



joia, que eu escolhi e vós me destes, com o maior recato que me foi possível. Levantei as muralhas desta casa, tirei a vista das janelas da rua, dobrei as fechaduras das portas, pus uma roda como nos conventos, desterreí perpetuamente dela tudo aquilo que tivesse sombra ou nome de homem; dei-lhe criadas e escravas para que a servissem; nem neguei a elas nem a ela quanto quiseram me pedir; tornei-a minha igual; comuniquei-lhe meus sentimentos mais íntimos; entreguei-lhe toda a minha riqueza. Fiz tudo isso para que, se o considerasse bem, eu vivesse seguro de gozar sem susto o que tanto havia me custado, e ela procurasse não dar ocasião alguma a que nenhum tipo de temor entrasse em meu pensamento. Mas como não se pode prevenir com procedimentos humanos o castigo que a vontade divina quer dar aos que nela não põem total e absolutamente seus desejos e esperanças, não é muito que eu fique frustrado nas minhas, e que eu mesmo tenha sido o fabricante do veneno que vai me tirando a vida. Mas, como vejo o pasmo em que todos vós estais, pendentos de minhas palavras, quero concluir os longos preâmbulos desta conversa dizendo-vos numa palavra o que não é possível dizer com milhares delas. Digo, então, senhores, que tudo o que disse e fiz levou a que nesta madrugada achei esta, nascida no mundo para a perdição de minha tranquilidade e fim de minha vida – dizia isto apontando sua esposa –, nos braços de um belo rapaz que está trancado agora no quarto desta perniciosa aia.

Mal Carrizales acabou estas últimas palavras, Leonora teve o coração nublado e caiu desmaiada nos próprios joelhos de seu marido. Marialonso perdeu a cor, e um nó na garganta dos pais de Leonora impediu que dissessem qualquer coisa. Mas Carrizales seguiu adiante, dizendo:

– A vingança que penso executar por causa dessa afronta não é, nem haverá de ser, daquelas que comumente se costuma executar, pois quero que, assim como eu fui extremado no que fiz, assim seja minha vingança, executando-a contra mim mesmo como o mais culpado nesse delito; pois eu deveria considerar que nem por um ano os quinze desta menina mal podiam conviver com meus quase oitenta ou se apiedar deles. Fui eu que, como o bicho-da-seda,

fabriquei a casa onde morrer,<sup>27</sup> e a ti não culpo, ó criança mal-aconselhada! – e, dizendo isso, se inclinou e beijou o rosto da desmaiada Leonora –, não te culpo, digo, porque persuasões de velhas ladinhas e galanteios de moços apaixonados facilmente vencem e triunfam sobre a pouca inteligência que os poucos anos encerram. Mas, para que todo mundo veja o valor dos quilates da vontade e da fé com que te amei, neste último transe de minha vida quero mostrar de modo que fique no mundo como exemplo, se não de bondade, pelo menos de simplicidade jamais ouvida nem vista. E, assim, quero que se traga logo um escrivão para fazer de novo meu testamento, no qual mandarei dobrar o dote de Leonora, e suplicarei a ela que depois de meus dias, que serão breves, disponha de sua vontade, pois poderá fazê-lo sem esforço, de se casar com aquele rapaz, a quem nunca ofenderam os cabelos brancos deste pobre velho. Assim Leonora verá que, se vivendo jamais fiz algo que pensei ser contra o desejo dela, na morte faço a mesma coisa, e quero que com isso tenha o que tanto ama. Doarei o resto de meus bens a outras obras pias, e a vós, meus senhores, deixarei com que possais viver honradamente o que lhes resta da vida. Que a vinda do escrivão seja imediata, porque a febre que tenho me acossa de tal maneira que, quanto mais anda, mais encurta os passos de minha vida.

Mal acabou de falar, sobreveio-lhe um terrível desmaio, e se deixou cair tão perto de Leonora que seus rostos se juntaram: estranho e triste espetáculo para os pais, que olhavam sua querida filha e seu amado genro. A aia malvada não quis esperar pelas censuras que pensou que os pais de sua senhora lhe fariam; saiu então do quarto e foi dizer a Loaysa tudo que acontecia, aconselhando-lhe que fosse embora daquela casa imediatamente, que ela trataria de avisar pelo negro sobre o que acontecesse, pois já não havia portas nem chaves que o impedissem. Loaysa se surpreendeu com tais notícias e, aceitando o conselho, de novo se vestiu de pobre e foi contar a seus amigos o estranho e nunca visto caso de seus amores.

Assim, enquanto os dois estavam desmaiados, o pai de Leonora mandou chamar um escrivão amigo seu, que chegou quando a filha e o genro tinham voltado a si. Carrizales fez seu testamento da maneira que havia dito, sem mencionar o erro de Leonora – por bons motivos apenas lhe pedia e suplicava que se casasse, se por acaso ele morresse, com aquele rapaz de quem havia falado em segredo. Quando ouviu isso, Leonora se lançou aos pés de seu marido e, com o coração saindo do peito, disse:

– Vivei muitos anos, meu senhor e bem-amado, pois, apesar de não terdes obrigação de acreditar em nada do que vos direi, sabeis que não vos ofendi e não ser em pensamento.

E, começando a se desculpar e a contar por extenso a verdade do caso, não pôde mover a língua e desmaiou de novo. O velho maltratado abraçou a desmaiada; abraçaram-na os pais; choraram todos tão amargamente que obrigaram e até forçaram a acompanhá-los nas lágrimas o escrivão que fazia o testamento, no qual Carrizales deixou herança suficiente para manter todas as criadas da casa, deu alforria às escravas e ao negro, e à falsa Marialonso não deixou nada além do pagamento de seu salário. Mas, seja como for, a dor o oprimiu de tal maneira que dali a sete dias o levou à sepultura.

Leonora ficou viúva, chorosa e rica; e, quando Loaysa esperava que ela cumprisse o que já sabia que seu marido ordenava em seu testamento, viu que em uma semana entrou como freira num dos mais isolados conventos da cidade. Ele, despeitado e quase com vergonha, foi para as Índias. Os pais de Leonora ficaram tristíssimos, embora tenham se consolado com o que seu genro havia lhes deixado e ordenado em seu testamento. As criadas também se consolaram com isso, e as escravas e o escravo, com a liberdade; e a aia malvada, pobre e frustrada em todos os seus maus pensamentos.

E eu fiquei com o desejo de chegar ao fim deste caso, exemplo e espelho do pouco que se pode confiar em chaves, rodas e paredes quando a vontade fica livre, e de como se deve confiar menos ainda em verdes e poucos anos, se lhes andam aos ouvidos exortações dessas aias de hábitos negros e compridos de freiras, e toucas

brancas e longas. Só não sei por que Leonora não se empenhou mais em se desculpar e mostrar a seu ciumento marido o quanto estava limpa e sem ofensa naquele caso, mas o aturdimento lhe atou a língua, e a pressa que seu marido teve em morrer não lhe deu chance à sua desculpa.

- 1 Trapaceiros profissionais que usavam vários baralhos de cartas marcadas para o caso de terem um deles descoberto.
- 2 Nome da parte continental das Índias Ocidentais, chamada assim em princípios do século XVI para diferenciá-la das ilhas do golfo do México; atual América Central.
- 3 Os marinheiros dormiam na coberta em esteiras de esparto. Em caso de morte, o marinheiro era enrolado na própria esteira e jogado ao mar.
- 4 O nome do protagonista oscila entre duas formas: Felipo e Filipo.
- 5 Cartagena de Índias, porto da atual Colômbia.
- 6 Pesos ensayados, no original. O ensaio era o exame que avaliava o ouro e a prata na Espanha. Em termos econômicos atuais, Filipo seria milionário.
- 7 Metais preciosos sem registro podiam ser expropriados.
- 8 Espécie de armário, na portaria dos conventos, hospitais, asilos etc., pelo qual se passam objetos do exterior para o interior.
- 9 Ferrar: marcar com ferro em brasa, como se marca gado. Boçal: que só fala a própria língua. Na época, em Sevilha, eram comuns os escravos.
- 10 O diabo, claro.
- 11 Alusão às maçãs do jardim das Hespérides, protegido pelo dragão Ladão. Obtê-las foi um dos trabalhos de Hércules.
- 12 A guitarrilha, violão de quatro cordas, era instrumento usado pelos mais pobres.
- 13 Assim chamavam aos escravos negros.
- 14 São os primeiros versos de dois romances conhecidos na época. Os temas eram a frustração juvenil e o amor impossível.
- 15 Primeiro verso de romance com tema mourisco.
- 16 Romance de tema mourisco que desenvolve a história de Abindarráez e a famosa Xarifa, novela de meados do século XVI.
- 17 Provável corrupção de "Tommumbeyo", lendário capitão de Alexandria, cujas composições são desconhecidas.
- 18 A sarabanda era dança popular, muito lasciva, mas que foi aproveitada para temas sacros, invertendo seu sentido. O português era personagem satirizado na época, namorador e músico.
- 19 Personagem fabuloso que serve mais uma vez como termo de comparação irônico. Era atribuído ao Preste João das Índias o império de um vasto território

cristão (comumente identificado com a Etiópia) isolado desde sempre e onde a religião teria conservado sua pureza primitiva.

20 Coisas que produzem fleuma, um dos quatro humores, segundo a medicina clássica, e que causaria preguiça e falta de ânimo.

21 Tanto o "Pésame dello" ("Pêsame disso") quanto a sarabanda são danças populares da época.

22 Tipo de copla que na época era relacionada principalmente com rufiões e prostitutas.

23 Filho do rei Davi, símbolo da beleza viril, com longa cabeleira.

24 Era costume da época levantar nos ombros o catedrático que vencias as provas.

25 Copla muito popular em fins do século XVI, acompanhada de imediato pela glosa cervantina. Copla e glosa circularam em algum cancionero da época, e o próprio Cervantes a tinha utilizado de maneira similar à presente, de forma glosada, em sua comédia *La entretenida*. No contexto, não só têm uma forte carga irônica como condensam e prenunciam o sentido da novela.

26 As aias usavam vestidos semelhantes aos das freiras, com toucas com adornos cheios de dobras complicadas. A profissão era forçada na medida em que quase todas as aias eram viúvas que não tinham outro meio de subsistência.

27 Acreditava-se que a metamorfose do bicho-da-seda no casulo era sua morte.

**NOVELA DA  
ILUSTRE  
FREGONA**



EM BURGOS, CIDADE ilustre e famosa, não faz muitos anos viviam dois cavaleiros nobres e ricos; um se chamava dom Diego de Carriazo, e o outro, dom Juan de Avendaño. Dom Diego teve um filho, a quem batizou com o mesmo nome, e dom Juan outro, a quem chamou de dom Tomás de Avendaño. A esses dois jovens cavaleiros, que serão os principais personagens desta história, chamaremos apenas pelos sobrenomes para economizar letras: Carriazo e Avendaño.

Carriazo teria treze anos, ou pouco mais, quando, levado por uma inclinação picaresca, sem forçá-lo a isso nenhum mau tratamento de seus pais, apenas por seu gosto e capricho, se desgarrou da casa paterna, como dizem os rapazes, e se foi por este mundo afora, tão contente com a vida livre que, em meio às dificuldades e misérias que trazia consigo, não sentia saudade da abundância da casa de seu pai, nem andar a pé o cansava, nem o frio o ofendia, nem o calor o desgostava. Para ele todas as estações do ano eram doce e cálida primavera; dormia tão bem num monte de restolho como em colchões; enfiava-se no palheiro de uma estalagem com tanto prazer como se se deitasse entre dois lençóis de Holanda. Enfim, ele se saiu tão bem no assunto de pícaro que poderia dar aulas ao famoso Alfarache.<sup>1</sup>

Nos três anos que levou para aparecer e voltar à sua casa, aprendeu a jogar tava em Madri e baralho nas Ventillas de Toledo,<sup>2</sup> e a trapacear em pé nas barbacãs de Sevilha; mas, apesar de a miséria e a escassez andarem parelhas nesse tipo de vida, Carriazo se portava como um príncipe em suas coisas. A tiro de escopeta, por mil detalhes, mostrava ser bem-nascido, porque era generoso e equitativo com seus camaradas. Não frequentava muito as ermidas de Baco e, embora gostasse de vinho, bebia tão pouco que nunca



pôde fazer parte dos que chamam desgraçados, que com qualquer coisa que bebam demais ficam com o rosto como se o houvessem pintado de vermelhão e almagre. Enfim, em Carriazo o mundo viu um pícaro virtuoso, limpo, educado e mais que medianamente sagaz. Passou por todos os estágios de pícaro até que se formou como mestre nas almadravas de Zahara,<sup>3</sup> que é o topo da picaresca.

Ó pícaros de cozinha, sujos, gordos e vaidosos, pobres fingidos, falsos aleijados, punguistas de Zocodover e da praça de Madri, cegos vistosos com suas orações, carregadores de Sevilha,<sup>4</sup> mandaletes de criminosos, com toda a corja inumerável que se encerra sob esta palavra: pícaro! Baixai o topete, amainai o brio, não vos chameis pícaros se não passastes pelos cursos da academia da pesca dos atuns! Ali, é ali que está o centro do trabalho junto com a diversão! Ali está a sujeira limpa, a gordura roliça, a fome rápida, a fartura abundante, o vício sem disfarce, o jogo sempre, as brigas contínuas, as mortes a toda hora, zombarias a cada passo, as danças como em casamentos, as seguidilhas mais conhecidas, os romances com estribilho e poesias sem. Aqui se canta, ali se pragueja, lá se repreende, cá se brinca e em toda parte se furta. Ali campeia a liberdade e brilha o trabalho. Ali muitos pais nobres vão buscar seus filhos, ou enviam alguém, e os encontram; e sentem tanto tirá-los daquela vida como se os levassem para morrer.

Mas toda essa doçura que pinteí tem um sabor de babosa que a amarga, que é não poder dormir sono seguro, sem o medo de num instante ser levado de Zahara para Berbéria. Por isso, à noite, os homens se abrigam numas torres da praia e têm seus batedores e sentinelas, na confiança de cujos olhos eles fecham os seus, apesar de que às vezes tenha acontecido de sentinelas e batedores, pícaros, mandachuvas, barcos e redes, com toda a turbamulta que se ocupa ali, anoitecerem na Espanha e amanhecerem em Tetuão. Mas esse temor não foi motivo para que nosso Carriazo deixasse de ir ali passar bem por três verões. No último verão teve tanta sorte que ganhou nas cartas perto de setecentos reais, com os quais quis se vestir e voltar a Burgos e aos olhos de sua mãe, que haviam derramado por ele muitas lágrimas. Despediu-se de seus amigos,

que eram muitos e muito bons, e prometeu-lhes que no verão seguinte estaria com eles, se doença ou morte não o atrapalhasse. Deixou com eles a metade de sua alma e entregou todos os seus desejos àquelas areias secas, que pareciam a ele mais frescas e verdes que os campos Elíseos. E, por já estar acostumado a caminhar a pé, largou-se estrada afora e, sobre duas alpargatas, foi desde Zahara até Valladolid cantando “Três patos, mãe”.<sup>5</sup> Ali esteve por quinze dias para recuperar a cor do rosto, trocando a mulata pela flamenga, e para passar a limpo o pícaro e sair um cavaleiro.

Fez tudo isso conforme as possibilidades que lhe deram quinhentos reais com que chegou a Valladolid, e ainda reservou deles cem para alugar uma mula e um moço, de modo que se apresentou a seus pais honrado e contente. Eles o receberam com muita alegria, e todos os amigos e parentes vieram felicitá-los pela auspiciosa vinda do senhor dom Diego de Carriazo, seu filho. É bom notar que em sua peregrinação dom Diego mudou o sobrenome Carriazo para Urdiales, e com ele se fez chamar pelos que não conheciam o seu. Entre os que vieram ver o recém-chegado estavam dom Juan de Avendaño e seu filho dom Tomás, com quem Carriazo, por serem ambos da mesma idade e vizinhos, travou e manteve uma amizade estreitíssima.

Carriazo contou a seus pais e a todos mil magníficas e longas mentiras de coisas que haviam acontecido com ele nos três anos de sua ausência. Mas nunca tocou, nem em sonhos, nas almadras, mesmo que pensasse continuamente nelas, sobretudo quando viu que chegava o tempo da volta que havia prometido aos amigos. Nem o entretinha a caça com que seu pai se ocupava, nem os muitos, honestos e agradáveis convites usuais naquela cidade o alegravam; todo passatempo o cansava, e, aos maiores que se ofereciam a ele, antepunha o que havia vivido nas almadras.

Avendaño, seu amigo, vendo-o muitas vezes melancólico e pensativo, confiando em sua amizade, atreveu-se a lhe perguntar a causa, e se comprometeu a dar um jeito nela, se pudesse e fosse necessário, com seu próprio sangue. Carriazo não quis mantê-la em segredo, para não pôr em risco a grande amizade que tinham; e

assim contou a Avendaño tim-tim por tim-tim a vida de pícaro, e como todas as suas tristezas e pensamentos nasciam do desejo que tinha de voltar a ela. Pintou-a de modo que Avendaño, ao acabar de ouvir, antes gabou que repreendeu seu gosto.

Enfim, a conversa acabou por atizar a vontade de Avendaño de maneira que ele resolveu ir com Carriazo desfrutar de um verão daquela felicíssima vida que lhe fora descrita, o que deixou Carriazo muito contente, por achar que havia ganhado uma testemunha de defesa para sua baixa determinação. Pensaram também em juntar todo o dinheiro que pudessem, e o melhor modo que encontraram para isso foi que dali a dois meses Avendaño havia de ir a Salamanca, onde por vontade própria estivera estudando as línguas grega e latina, e seu pai queria que continuasse e fizesse a faculdade que quisesse – então o dinheiro que lhe desse serviria para o que desejavam.

Nesse meio-tempo, Carriazo disse a seu pai que tinha vontade de ir com Avendaño estudar em Salamanca. Seu pai aceitou isso com tanto prazer que, falando com o de Avendaño, combinaram de arrumar uma casa em Salamanca para que morassem juntos, com tudo o que a nobreza de seus filhos exigia.

Chegou a hora da partida, proveram-nos de dinheiro e enviaram com eles um tutor que os orientasse, que era mais bondoso que sagaz. Os pais aconselharam seus filhos para que se beneficiassem da virtude e das ciências, que são o fruto que todo estudante deve pretender tirar de seus esforços e vigílias, principalmente os bem-nascidos. Os filhos se mostraram humildes e obedientes; as mães choraram; receberam a bênção de todos; puseram-se a caminho com mulas próprias e com dois criados domésticos, além do tutor, que havia deixado crescer a barba para que desse autoridade a seu cargo.

Chegando à cidade de Valladolid, disseram ao tutor que queriam ficar dois dias naquele lugar para vê-lo, porque nunca o tinham visto nem estado nele. O tutor os repreendeu muito, severa e asperamente, por aquela parada, dizendo-lhes que os que iam estudar com tanta pressa como eles não deviam se deter uma hora para olhar ninharias, quanto mais dois dias, e que ele se preocuparia

se os deixasse parar um só instante, e que partissem logo, e que assunto encerrado.

Até aqui se estendia a habilidade do senhor tutor, ou mordomo, como nos der na telha chamá-lo. Os rapazinhos, que já tinham colhido sem plantar, pois já haviam roubado quatrocentos escudos de ouro que seu tutor levava, disseram que os deixasse apenas aquele dia, porque queriam ir ver a fonte de Argales, pois começavam a ligar à cidade por grandes e longos aquedutos. Por fim, ele lhes deu permissão, ainda que com dor na alma, porque gostaria de evitar o gasto daquela noite, e fazê-lo em Valdeastillas e dividir as dezoito léguas que há desde Valdeastillas a Salamanca em dois dias, e não as vinte e duas que há desde Valladolid. Mas como quem trata do cavalo não é quem o encilha, aconteceu tudo ao contrário do que ele queria.

Os rapazes, apenas com um criado e a cavalo em duas mulas próprias muito boas, foram ver a fonte de Argales, famosa por sua antiguidade e suas águas, apesar do Cano Dourado e da reverenda Prioriza, de Leganitos e da excepcional fonte Castellana, em cuja disputa podem calar Corpa e a Pizarra de La Mancha.<sup>6</sup> Chegaram a Argales, e quando o criado pensou que Avendaño tirava do coxim<sup>7</sup> alguma coisa para beber, viu que tirou uma carta fechada, dizendo-lhe que voltasse agora mesmo à cidade e a entregasse a seu tutor, e que depois os esperasse na porta do Campo.

O criado obedeceu: pegou a carta e voltou à cidade, e eles viraram as rédeas para outro lado e naquela noite dormiram em Mojados, e dali a dois dias em Madri, e em outros quatro venderam as mulas num leilão público, e houve quem oferecesse seis escudos no primeiro lance, e até quem pagasse em ouro seu preço exato. Vestiram-se como camponeses, com capotilho sem mangas, calções largos e malfeitos e meias de pano pardo. Houve vendedor de roupas que pela manhã comprou as vestes deles e à noite as tinha vestido de maneira que não o reconheceria a própria mãe que o havia parido.

Então, sem aparato e como Avendaño desejou e pôde, puseram-se a caminho de Toledo ad pedem literae<sup>8</sup> e sem espadas; pois o

vendedor de roupa as havia comprado, embora esse não fosse seu negócio.

Vamos deixá-los ir, por ora, pois vão contentes e alegres, e voltemos a contar o que o tutor fez quando abriu a carta que o criado levou e viu que dizia isto:

Senhor Pedro Alonso, por favor tenha vossa mercê paciência e volte a Burgos, onde dirá a nossos pais que nós, seus filhos, tendo, depois de madura consideração, concluído o quanto mais próprias de cavaleiros são as armas que as letras, decidimos trocar Salamanca por Bruxelas, e a Espanha por Flandes. Levamos os quatrocentos escudos, e pensamos vender as mulas. Nossa fidalga intenção e o longo caminho são desculpas suficientes para nosso erro, embora ninguém o julgará como tal, se não for covarde. Nossa partida é agora; a volta será quando Deus quiser, e que Ele guarde vossa mercê é o que estes verdes discípulos desejamos. Da fonte de Argales, com o pé no estribo, a caminho de Flandes.

Carriazo e Avendaño

Pedro Alonso ficou desorientado ao ler a carta e correu à sua mala, e ao achá-la vazia acabou por confirmar a verdade; e em seguida, na mula que havia restado, partiu a toda a pressa para Burgos para dar as novas a seus amos, para que assim tomassem uma atitude e dessem um jeito de alcançar seus filhos. Mas sobre essas coisas o autor desta novela não diz nada, porque assim que deixou Pedro Alonso a cavalo, voltou a contar o que aconteceu a Avendaño e a Carriazo à entrada de Illescas, dizendo que ao passar pela porta da vila encontraram dois moços de mulas, pelo visto andaluzes, em calções largos de linho, gibões de linho grosso com aberturas, colete de pele curtida,<sup>9</sup> adagas longas, com guarda-mãos em forma de S, e espadas sem correias. Parecia que um vinha de Sevilha e que o outro ia para lá. O que ia estava dizendo ao outro:

– Se meus amos não estivessem tão adiantados, eu ainda ficaria um pouco para te perguntar mil coisas que desejo saber, porque me

deixaste muito pasmo com isso de que o conde enforcou Alonso Genís e Ribera sem lhes conceder a apelação.<sup>10</sup>

– Minha nossa! – replicou o sevilhano. – O conde lhes armou uma arapuca e os pegou fora de sua jurisdição, pois eram soldados, e os julgou ilegalmente, sem que pudessem apelar na Audiência. Olha, meu amigo, esse conde de Puñonrostro tem um Belzebu no corpo, que mete os dedos de seu punho em nossa alma. Sevilha foi varrida até dez léguas em volta de todo valentão; não tem ladrão que pare pelos arredores. Todos o temem como ao fogo, embora já se diga que logo deixará o cargo de assistente, porque não tem paciência para todo dia ficar de lenga-lenga com os senhores da Audiência.<sup>11</sup>

– Vivam eles mil anos – disse o que ia a Sevilha –, pois são pais dos miseráveis e amparo dos desgraçados! Quantos pobres estão comendo grama pela raiz só pela cólera de um juiz absoluto, de um corregedor, ou mal informado, ou bem apaixonado. Muitos olhos veem mais que dois; o veneno da injustiça não se apodera tão rápido de muitos corações como se apodera de um só.

– Tu te tornaste pregador – disse o de Sevilha –, e pelo andar da ladainha, não acabarás tão cedo, e eu não posso esperar. E esta noite não vás dormir no lugar de costume, mas na pousada do Sevilhano, porque verás lá a mais formosa fregona<sup>12</sup> que se conhece. Marinilla, da estalagem Tejada, é um nojo em comparação. Não te digo mais, exceto que se comenta que o filho do corregedor se baba por ela. Um desses meus amos, que vão lá, jura que ao voltar da Andaluzia vai ficar dois meses em Toledo e na mesma pousada, só para se cansar de olhá-la. Bem, eu lhe deixo um beliscão como sinal e em troca levo um bofetão. É dura como mármore, intratável como aldeã de Sayago<sup>13</sup> e áspera como urtiga, mas não tem a cara amarrada e vende saúde; numa face tem o sol, na outra, a lua; uma é feita de rosas e a outra, de cravos, e entre elas ainda há açucenas e jasmims. Não te digo mais nada, fora que a vejas, e verás que não te disse coisa alguma, se penso no que poderia dizer sobre sua formosura. Conheces as duas mulas ruças que tenho? De boa vontade eu as daria de dote se quisessem me

dá-la por mulher. Mas eu sei que não me darão, pois é a joia para um arcipreste ou para um conde. E te digo de novo que lá verás tudo isso; e adeus, pois já vou indo.

Com isso se despediram os dois moços de mulas, cuja conversa deixou mudos os dois amigos que a tinham escutado, especialmente Avendaño, em quem a simples relação que o moço de mulas havia feito da formosura da fregona despertou um intenso desejo de vê-la. Também despertou em Carriazo, mas não de maneira que não desejasse mais chegar a suas almadras que parar para ver as pirâmides ou outra das sete maravilhas, ou todas juntas.

Repetir as palavras dos moços e arremedar e exagerar o modo e os gestos com que as diziam os distraiu no caminho até Toledo; em seguida, com Carriazo de guia, pois já havia estado naquela cidade outra vez, descendo pela Sangue de Cristo deram com a pensão do Sevilhano;<sup>14</sup> mas não se atreveram a entrar, porque os trajes deles não estavam à altura.

Já anoitecera, e embora Carriazo importunasse Avendaño a irem para outro lugar em busca de uma pousada, não pôde tirá-lo da porta da do Sevilhano, esperando para ver se por acaso aparecia a celebrada fregona. A noite avançava e a fregona não saía; Carriazo se impacientava, e Avendaño continuava quieto. Por fim, para pôr em prática sua intenção, com o pretexto de perguntar por uns cavaleiros de Burgos que iam à cidade de Sevilha, Avendaño entrou até o pátio da pousada. E, mal havia entrado, viu sair uma moça de uma sala que dava para o pátio, que parecia ter mais ou menos quinze anos, vestida como camponesa, com uma vela acesa num candelabro. Avendaño não pôs os olhos nas roupas da moça, mas no rosto dela, onde lhe parecia ver o que costumam pintar no dos anjos. Ficou surpreso e pasmo com sua formosura, e não conseguiu perguntar nada, tais eram sua perturbação e embevecimento. A moça, vendo aquele homem diante de si, disse:

– O que quer, meu irmão? Por acaso é algum criado dos hóspedes da casa?

– Não sou criado de nenhum, apenas vosso – respondeu Avendaño, todo confuso e alarmado.

A moça, ao ver o modo como lhe respondiam, disse:

– Adeus, meu caro, pois nós que servimos não precisamos de criados.

E, chamando seu senhor, disse:

– Veja, senhor, o que este rapaz quer.

Seu amo saiu e perguntou a ele o que queria. Avendaño respondeu que estava ali por causa de uns cavaleiros de Burgos que iam para Sevilha, um dos quais era seu senhor, que o tinha enviado antes por Alcalá de Henares aonde ia fazer um negócio importante para eles, e que além disso o mandou vir a Toledo e esperá-lo na pensão do Sevilhano, onde viria se hospedar, e que pensava que chegaria naquela noite ou no dia seguinte, o mais tardar. Avendaño coloriu tão bem sua mentira que para o hospedeiro passou por verdade, pois lhe disse:

– Fique na pousada, meu amigo, que aqui poderá esperar seu senhor até que venha.

– Muito obrigado, senhor hospedeiro – respondeu Avendaño –, e mande vossa mercê que me dê um quarto para mim e um companheiro que vem comigo, que está ali fora, pois temos dinheiro para pagar-lhe tão bem quanto qualquer outro.

– Muito bem – respondeu o hospedeiro.

E, virando-se para a moça, disse:

– Costancica, diga à Argüello<sup>15</sup> que leve estes rapazes ao quarto do canto e que bote lençóis limpos.

– Sim, senhor – respondeu Costanza, pois assim se chamava a donzela.

E, fazendo uma reverência a seu amo, sumiu da frente deles, e sua ausência foi para Avendaño o que costuma ser para o viajante o sol se pôr e sobrevir a noite lúgubre e escura. Mesmo assim saiu para contar a Carriazo o que havia visto e o que havia combinado; por mil sinais o amigo percebeu que seu companheiro vinha ferido pela peste amorosa, mas não quis lhe dizer nada por ora, até ver se merecia a causa de onde nasciam as extraordinárias louvações e grandes hipérbolas com que Avendaño elevava a beleza de Costanza acima dos próprios céus.



Entraram, por fim, na pousada, e a Argüello, que era uma mulher de uns quarenta e cinco anos, encarregada das camas e arrumação dos quartos, levou-os a um que nem era de cavaleiros nem de criados, mas de pessoas que podiam estar entre os dois extremos. Pediram jantar; a Argüello lhes respondeu que naquela pousada não davam de comer a ninguém, embora cozinhassem e preparassem o que os hóspedes comprassem fora, mas que havia por perto bodegas e tabernas onde podiam jantar o que quisessem sem nenhum problema. Os dois seguiram o conselho da Argüello e deram com os costados numa bodega onde Carriazo comeu o que lhe deram e Avendaño o que levava, que eram pensamentos e fantasias.

Carriazo se espantava muito com o pouco ou nada que Avendaño comia. Para se inteirar de todos os pensamentos de seu amigo, na volta à pousada lhe disse:

– Convém que madruguemos amanhã, para que estejamos em Orgaz antes que es quente.

– Nada disso – respondeu Avendaño –, porque penso, antes de partir desta cidade, ver o que consideram famoso por aqui, como o Sacrário, o engenho de Juanelo, as Vistas de Santo Agostinho, o Horto do Rei e a Vega.<sup>16</sup>

– Muito bem – respondeu Carriazo –, isso dá para ver em dois dias.

– Mas quero ver com calma, pois não vamos a Roma atrás de um cargo vacante.

– Ai, ai, ai! – replicou Carriazo. – Quero cair morto, meu amigo, se não tendes mais desejo de ficar em Toledo que de seguir nossa mal começada romaria!

– É verdade – respondeu Avendaño –, e será tão impossível me afastar do rosto dessa donzela como não é possível ir para o céu sem boas ações.

– Gracioso elogio – disse Carriazo – e resolução digna de um peito tão valoroso como o vosso! O que é bom cai muito bem a um dom Tomás de Avendaño, filho de dom Juan de Avendaño, cavaleiro; rico, o suficiente; moço, o que alegra; sensato, o que espanta:

apaixonado e perdido por uma fregona que trabalha na hospedaria do Sevilhano.

– Acho que é a mesma coisa – respondeu Avendaño – considerar um dom Diego de Carriazo, filho do mesmo, cavaleiro da Ordem de Alcântara o pai, e o filho, como primogênito, a pique de herdar, não menos elegante de corpo que de temperamento, e com todos esses generosos atributos, vê-lo apaixonado de quem mesmo? Da rainha Guinevere? Não, com certeza, mas da almadrava de Zahara, que é mais feia, pelo que penso, que as tentações de Santo Antão!

– Pediu, levou, meu amigo! – respondeu Carriazo. – Fui morto com o ferro que te feriu. Fique por aqui nossa pendência, e vamos dormir, que amanhã será outro dia se Deus quiser.

– Olha, Carriazo, não viste Costanza até agora; depois de vê-la, eu te dou licença para que me digas todas as injúrias ou me censures como quiseres.

– Já sei como isto vai terminar – disse Carriazo.

– E como? – replicou Avendaño.

– Eu irei à minha almadrava e tu ficarás com tua fregona – disse Carriazo.

– Não serei tão felizardo – disse Avendaño.

– Nem eu tão tolo – respondeu Carriazo – que, para seguir teu péssimo capricho, deixe de seguir o meu, que é ótimo.

Nessa conversa chegaram à pousada, e em outras semelhantes passaram metade da noite. E, tendo dormido, em sua opinião, pouco mais de uma hora, foram acordados pelo som de muitas charamelas que tocavam na rua. Sentaram-se na cama e ficaram atentos, e Carriazo disse:

– Aposto que já é de dia e que deve haver alguma festa no convento de Nossa Senhora do Carmo, que fica aqui perto, e por isso tocam essas charamelas.

– Aposto que não – respondeu Avendaño –, porque não faz tanto que dormimos que já possa ser de dia.

Estavam nisso quando ouviram bater na porta de seu quarto e, perguntando quem era, responderam de fora, dizendo:

– Rapazes, se quereis ouvir uma bela música, levantai-vos e ide a uma grade que dá para a rua naquela sala na frente, pois não há ninguém lá.

Os dois levantaram e, quando abriram a porta, não encontraram a pessoa nem souberam quem havia lhes avisado; mas, como ouviram o som de uma harpa, pensaram que era verdade a música, e assim, em roupas de baixo, como se achavam, foram para a sala, onde já estavam outros três ou quatro hóspedes junto às grades. Encontraram lugar, e dali a pouco, ao som da harpa e de uma viola, com maravilhosa voz ouviram cantar este soneto, que não saiu da memória de Avendaño:

Raro, humilde sujeito, que levantas  
a tão excelso topo a beleza,  
que nela se excedeu a natureza  
a si mesma, e ao céu a adiantas;

Se falas, ou se ris, ou se cantas,  
se mostras mansidão ou aspereza,  
efeito apenas de tua gentileza,  
as potências da alma nos encantas.<sup>17</sup>

Para que possa ser mais conhecida  
tua formosura sem disfarces  
e o recato com que nos magoas

deixa o servir, pois debes ser servida  
por quantos veem suas mãos e suas faces  
resplandecer por cetros e coroas.

Não foi preciso que ninguém dissesse aos dois que se tocava aquela música para Costanza, pois o soneto o havia mostrado com clareza, e ele souu de tal maneira nos ouvidos de Avendaño que o rapaz daria por bem empregado, para não tê-lo ouvido, haver nascido

surdo e ficá-lo todos os dias da vida que lhe restava, porque desde aquele instante sua vida começou a ser tão má como a de quem teve o coração trespassado pela rigorosa lança do ciúme. E o pior era que não sabia de quem devia ou podia tê-los. Mas logo um dos que estavam à grade o tirou dessa preocupação, dizendo:

– Como é tolo esse filho do corregedor para andar fazendo serenata a uma fregona! É verdade que ela é das mais formosas que já vi, e vi muitas, mas nem por isso havia de cortejá-la tão abertamente.

Ao que acrescentou outro dos da grade:

– Pois olha, ouvi dizer como coisa muito certa que ela faz tanto caso dele como se não fosse ninguém; aposto que agora ela está dormindo a sono solto atrás da cama de sua ama, onde dizem que dorme, sem se lembrar de música nem de canções.

– É verdade, sim – replicou o outro –, porque é a donzela mais pudica que se conhece, e é surpreendente que, estando nesta casa que é um entra e sai constante, e onde todo dia tem gente nova, e tendo de andar por todos os quartos, não se saiba dela o menor deslize do mundo.

Ao ouvir isso, Avendaño renasceu e ganhou ânimo para poder escutar outras muitas coisas, que ao som de diversos instrumentos os músicos cantaram, todas dirigidas a Costanza, que, como havia dito o hóspede, estava dormindo sem nenhuma preocupação.

Por vir o dia, os músicos foram embora, despedindo-se com as charamelas. Avendaño e Carriazo voltaram ao quarto, onde aquele que pôde dormiu até de manhã, quando os dois levantaram, ambos com desejo de ver Costanza, mas o desejo de um era desejo curioso, e o do outro, desejo apaixonado. Costanza satisfez aos dois, saindo da sala de seu amo tão formosa que lhes pareceu que todos os elogios que o moço de mulas lhe havia feito eram poucos e de nenhum valor.

Usava uma saia e corpete verdes, com uns debruns do mesmo tecido. O corpinho era baixo, mas a camisa alta, o colarinho dobrado, com um decote adornado de seda negra, que mostrava uma gargantilha de estrelas de azeviche sobre o pedaço de uma coluna de alabastro, pois não era menos branca sua garganta; com

um cordão da Ordem de São Francisco cingia a cintura, e, pendendo de uma tira, ao lado direito, havia um grande molho de chaves. Não trazia chinelas, mas sapatos de sola dupla, vermelhos, e usava umas calças que não se viam, exceto quando por um lado mostravam ser vermelhas também. Tinha o cabelo trançado com umas fitas brancas de seda; mas as tranças eram tão compridas que lhe ultrapassavam a cintura; a cor saía de castanho e beirava o loiro, mas o cabelo, pelo visto, era tão limpo, tão igual e tão penteado que a nenhum outro poderia se comparar, mesmo que fosse de fios de ouro. Pendiam das orelhas de Costanza dois brincos de vidro que pareciam pérolas; e os próprios cabelos lhe serviam de coifa e touca.

Benzeu-se quando saiu da sala e, com muita calma e devoção, fez uma profunda reverência a uma imagem de Nossa Senhora que estava pendurada numa das paredes do pátio e, elevando os olhos, viu os dois que a estavam olhando, e mal os viu se retirou e voltou a entrar na sala, de onde gritou à Argüello que se levantasse.

Resta agora dizer o que Carriazo achou da formosura de Costanza, pois do que Avendaño achou já foi dito, quando a viu pela primeira vez. Não digo nada além de que a Carriazo pareceu tão grande como a seu companheiro, mas apaixonou-o muito menos, tanto que gostaria de não anoitecer na pousada, mas partir logo para suas almadravas.

Nisso, aos gritos de Costanza saiu para a varanda a Argüello com outras duas moças grandalhonas, também criadas da casa, de quem se disse que eram galegas;<sup>18</sup> e havia tantas porque o requeriam as muitas pessoas que vinham para a pousada do Sevilhano, que é uma das melhores e mais frequentadas que há em Toledo. Surgiram também os criados dos hóspedes para pedir cevada. O dono da casa apareceu para dá-la, praguejando contra as criadas, pois por causa delas havia ido embora um criado que costumava dar a cevada com as contas em dia, sem que lhe faltasse um só grão, em sua opinião. Avendaño, que ouviu isso, disse:

– Não se preocupe, senhor hospedeiro: dê-me o livro das contas, que nos dias em que eu estiver aqui anotarei tão bem toda

cevada e palha que pedirem, que não sentirá falta do criado que se foi.

– Eu vos agradeço de verdade, rapaz – respondeu o hospedeiro –, porque não posso me ocupar disso, pois tenho muitas outras coisas que fazer fora de casa. Descei, que vos darei o livro, e olhai que esses moços de mulas são o diabo em pessoa e vos passam para trás num quarto de arroba de cevada com menos escrúpulos que se fosse de palha.

Avendaño desceu para o pátio e se aplicou no livro, e começou a despachar cevada e palha como se fosse água, e a anotar tudo em tão boa ordem que o hospedeiro, que o estava olhando, ficou contente, tanto que lhe disse:

– Queira Deus que vosso amo não viesse e tivésseis vontade de ficar aqui em casa, pois juro que bons ventos vos trazem, porque o criado que foi embora veio para cá, deve fazer uns oito meses, magro e esfarrapado, e agora tem dois pares de roupas muito bons e está gordo como uma lontra. Porque quero que saibais, meu filho, que nesta casa se paga bem, fora a cama e a comida.

– Se eu ficasse – replicou Avendaño – não repararia muito no pagamento, pois com qualquer coisa me contentaria a troco de estar nesta cidade que me dizem que é a melhor da Espanha.

– É pelo menos das melhores – respondeu o hospedeiro – e das mais fartas. Mas nos falta outra coisa agora, que é quem possa ir buscar água no rio, pois também se foi o outro criado que, com um burro digno de fama que tenho, mantinha as bilhas transbordando e a casa feita um lago. Os moços de mulas gostam de trazer seus amos à minha pousada, entre outras coisas, por causa da abundância de água que sempre encontram aqui, então não precisam levar os animais ao rio, pois bebem dentro de casa nuns cochos grandes.

Carriazo estava ouvindo tudo isso e, vendo que Avendaño já havia se arranjado e tinha trabalho na casa, não quis ficar a ver navios, além de ter considerado a grande satisfação que daria a Avendaño se acompanhasse o capricho dele; e, assim, disse ao hospedeiro:

– Que venha o burro, senhor hospedeiro, pois também saberei encilhá-lo e carregá-lo, como sabe meu companheiro anotar no livro sua mercadoria.

– Sim – disse Avendaño –, meu companheiro Lope Asturiano trará a água como um príncipe, isso eu garanto.

A Argüello, que estava na varanda, atenta a toda essa conversa, ouvindo Avendaño dizer que avalizava seu companheiro, disse:

– Diga-me, gentil-homem, quem o garante? Pois na verdade me parece que tem mais necessidade de ser afiançado que ser fiador.

– Cala a boca, Argüello – disse o hospedeiro –, não te metas onde não és chamada; eu garanto os dois, e por vossa vida não fiqueis de arranca-rabo com os criados da casa, que por vossa causa todos se vão.

– Quer dizer que esses rapazes ficam em casa? – disse outra criada. – Benza Deus, se eu fosse de viagem com eles, nunca lhes confiaria o odre.

– Deixa de gracejos, senhora Galega – respondeu o hospedeiro –, e trata de teus assuntos, e não te metas com os rapazes ou te moerei a pau.

– Sim, senhor, com certeza! – replicou a galega. – Olhai que joias para cobiçar! Mas na verdade o senhor meu amo não me viu tão brincalhona com os criados da casa, nem com os de fora, para pensar tão mal assim de mim. Eles são velhacos e vão embora quando lhes dá na veneta, sem que a gente dê motivo algum. Belas pessoas estas, com certeza, com apetites que as levam a dar uma rasteira em seus amos quando eles menos esperam!

– Falais demais, cara galega – respondeu seu amo. – Costurai a boca e tratai de vosso trabalho.

Enquanto isso, Carriazo já havia encilhado o burro e, montando-o de um salto, encaminhou-se ao rio, deixando Avendaño muito alegre por ter visto sua galante decisão.

Eis aqui: já temos – em boa hora se conte – Avendaño feito criado da estalagem com o nome de Tomás Pedro, pois assim disse que se chamava, e Carriazo, com o de Lope Asturiano, feito

aguador; transformações dignas de se comparar às do poeta narigudo.<sup>19</sup>

A duras penas, a Argüello terminou por entender que os dois ficavam na casa, quando prestou atenção no Asturiano e o marcou para si, decidindo tratá-lo bem de modo que, embora ele fosse de temperamento esquivo e recatado, iria se tornar mais macio que uma luva. O mesmo pensamento teve a galega melindrosa sobre Avendaño, e como as duas, pela convivência e conversas e por dormirem juntas, fossem grandes amigas, em seguida uma falou para a outra de sua resolução amorosa e desde aquela noite decidiram dar início à conquista de seus dois desapaixonados amantes. Mas a primeira coisa que concluíram foi que deviam pedir a eles que não deviam ter ciúme por coisa que as vissem fazer, porque as moças mal podem agradar aos da casa se não tornam pagantes os de fora.

– Calai, irmãos – diziam elas, como se os tivessem presentes e já fossem seus verdadeiros amigos, ou amigados –, calai e tapai-vos os olhos, e deixai que quem sabe toque o pandeiro e que guie a dança quem conhece os passos, e não haverá par de cônegos mais presenteado nesta cidade que vós sereis por estas vossas cortesãs.

Essas e outras coisas desta substância e jaez disseram a Galega e a Argüello, e enquanto isso nosso bom Lope Asturiano ia para o rio, pela encosta do Carmen, com os pensamentos voltados para suas almadras e para a súbita mudança de sua situação. Fosse por isso, ou porque a sorte assim o ordenasse, numa passagem estreita, ao descer a encosta se deparou com o burro de um aguador que subia carregado. E como ele descia e seu burro era valente, bem-disposto e trabalhava pouco, deu tal encontrão ao cansado e magro que subia que o derrubou no chão, e, como os cântaros se quebraram, também a água se derramou, e infelizmente o aguador antigo, despeitado e cheio de raiva, atacou o aguador novato, que ainda estava montado, e antes que se mexesse e apeasse lhe havia dado e assentado uma dezena de murros, do que o Asturiano não gostou nem um pouco.



Enfim apeou, mas com tão maus bofes que se lançou a seu inimigo e, agarrando-o com ambas as mãos pela garganta, deu com ele no chão, e deu tal golpe com a cabeça sobre uma pedra que a abriu em duas partes, de onde saiu tanto sangue que pensou que havia matado o homem.

Muitos outros aguadores que passavam por ali, ao verem seu companheiro levando a pior, atacaram Lope e o seguraram fortemente, gritando:

– Justiça, justiça! Pois este aguador matou um homem!

Em meio a essa gritaria, moíam-no a sopapos e bofetões. Outros acudiram o caído e viram que tinha a cabeça rachada e que quase estava expirando. Os gritos subiram de boca em boca encosta acima, e na praça do Carmen deram nos ouvidos de um aguazil que, com dois oficiais, mais rápido do que se voasse, chegou ao lugar da pendência, a tempo de ver que o ferido estava atravessado sobre seu burro e o de Lope preso, e Lope rodeado de mais de vinte aguadores que não o deixavam nem se virar, antes lhe castigavam as costelas de maneira que mais se podia temer por sua vida que pela do ferido, pois repetiam sobre ele os golpes com os punhos e as varas aqueles vingadores da injúria alheia.

Chegou o aguazil, afastou as pessoas, entregou a seus oficiais o Asturiano, e, pegando pelas rédeas o burro dele e o que levava o ferido, levou-os para a prisão, acompanhado de tanta gente e de tantos meninos que o seguiam que mal se podia abrir caminho pelas ruas.

Com o barulho das pessoas, Tomás Pedro e seu amo saíram à porta da casa para ver o que causava tanta gritaria, e avistaram Lope entre os dois oficiais, com o rosto e a boca cheios de sangue. Em seguida o hospedeiro tratou de ver seu burro, e o viu em poder de outro oficial que já havia se reunido ao grupo. Perguntou a causa daquelas detenções; contaram-lhe a verdade do caso. Preocupou-se por seu burro, temendo perdê-lo ou, pelo menos, haver mais custos do que ele valia.

Tomás Pedro seguiu seu companheiro, sem que o deixassem se aproximar para lhe dizer uma palavra, tantas eram as pessoas que o impediam e tamanho o zelo dos oficiais e do aguazil. Enfim, não o

deixou até vê-lo ser levado ao cárcere e posto num calabouço, com dois pares de grilhões, e ao ferido na enfermaria, aonde foi vê-lo ser tratado, e viu que a ferida era perigosa, e muito, e a mesma coisa disse o cirurgião.

O aguazil levou para sua casa os dois burros, e mais cinco moedas de oito reais que os oficiais haviam tirado de Lope.

Voltou à pousada cheio de confusão e tristeza. Encontrou o que já tinha por amo não menos preocupado, a quem disse como seu companheiro havia ficado, e que o ferido corria risco de morrer, e o que acontecera ao seu burro. Disse-lhe mais: que à sua desgraça havia se somado outra não menos preocupante, e era que um grande amigo de seu senhor o encontrara pelo caminho e lhe havia dito que seu senhor, por estar com muita pressa e querer poupar duas léguas de viagem, tinha passado de barca de Madri para Aceca, e que naquela noite dormiria em Orgaz, e que lhe havia dado doze escudos para lhe entregar, com ordem de que fosse a Sevilha, onde o esperava.

– Mas não pode ser assim – acrescentou Tomás –, pois não posso deixar meu amigo e camarada no cárcere e em tão grande perigo. Meu amo poderá me perdoar por ora, ainda mais que ele é tão bom e honrado que não se importará com qualquer erro que eu cometer, se não o fizer contra meu camarada. Vossa mercê, senhor meu amo, faça-me o favor de pegar este dinheiro e tratar deste negócio; e, enquanto o gastamos, escreverei a meu senhor contando o que acontece, e sei que me enviará dinheiro suficiente para nos tirar de qualquer perigo.

O hospedeiro arregalou um palmo os olhos, alegre de ver que em parte ia sanando a perda de seu burro. Pegou o dinheiro e consolou Tomás, dizendo que ele conhecia pessoas importantes em Toledo que tinham influência na Justiça, especialmente uma senhora freira, parenta do corregedor, que mandava nele com uma mão amarrada, e que uma lavadeira do convento da tal freira tinha uma filha que era grandíssima amiga de uma irmã de um frade muito íntimo e conhecido do confessor da dita freira, e essa lavadeira lavava a roupa em casa.

– E logo que ela peça à sua filha (pois pedirá, sim) que fale com a irmã do frade que fale a seu irmão que fale ao confessor, e o confessor à freira, e a freira resolva mandar um bilhete (coisa que será fácil) para o corregedor, em que lhe peça encarecidamente que olhe pelo negócio de Tomás,<sup>20</sup> sem dúvida alguma se poderá esperar um bom resultado. Mas isso desde que o tal aguador não morra e não falte azeite para as engrenagens de todos os oficiais da Justiça, porque, se não forem azeitadas, rangem mais que carros de bois.

Caíram nas graças de Tomás as ofertas do favor que seu amo havia feito e os infinitos e intrincados canais por onde seguiria; e, embora reconhecesse que antes havia falado mais por deboche que inocência, agradeceu-lhe sua boa disposição e lhe entregou o dinheiro, com a promessa de que não faltaria muito mais, pois tinha confiança em seu senhor, como já lhe havia dito.

A Argüello, que viu preso seu novo rufião, correu logo ao cárcere para lhe levar comida, mas não a deixaram vê-lo, o que a fez voltar muito sentida e descontente, mas nem por isso desistiu de seu propósito.

Enfim, dentro de quinze dias o ferido esteve fora de perigo, e dali a vinte o cirurgião declarou que estava totalmente curado, e nesse meio-tempo Tomás já havia dado um jeito de que parecesse que recebera cinquenta escudos de Sevilha, e tirando-os de seu próprio seio, entregou-os ao hospedeiro com uma ordem de pagamento falsa de seu amo. E como o hospedeiro pouco se importava em averiguar a verdade daquela correspondência, pegou o dinheiro, que por ser em escudos de ouro o deixava muito alegre.

Por seis ducados se retirou a queixa do ferido; sentenciaram o Asturiano em dez escudos, mais o burro e as custas. Saiu do cárcere, mas não quis ficar com seu companheiro, dando como desculpa que, nos dias em que esteve preso, a Argüello o tinha visitado para cortejá-lo, coisa para ele tão incômoda e tediosa que antes se deixaria enforcar que corresponder aos desejos de uma fêmea desgraçada dessas; o que pensava fazer agora era, já que ele estava decidido a continuar ali e tocar para a frente sua intenção,

comprar um burro e usar o ofício de aguador enquanto estivessem em Toledo; e assim, com esse disfarce, não seria julgado nem preso como vagabundo, e com apenas um carregamento de água podia andar todo o dia pela cidade, muito à vontade, olhando à toa.

– Olharás antes formosas que mulheres à toa nesta cidade, que tem fama de ter as mais polidas da Espanha, e que unem a polidez com a formosura. Se duvidas, vê por Costancica: as sobras de sua beleza podem enriquecer não só as formosas desta cidade como as de todo o mundo.

– Calma, senhor Tomás – replicou Lope. – Vamos devagar nisso dos elogios à senhora fregona, se não quiser que, já o tendo por louco, o tenha também por herege.

– Chamaste Costanza de fregona, meu caro Lope? – respondeu Tomás. – Deus te perdoe e te ilumine em tamanho erro.

– Mas não é fregona? – replicou o Asturiano.

– Até agora não a vi lavar o primeiro prato.

– Não importa – disse Lope – não ter visto lavar o primeiro prato se a viste lavar o segundo, e até o centésimo.

– Eu te digo, meu irmão – replicou Tomás –, que ela não lava nem limpa nem entende de outra coisa que seu bordado, e em ser responsável pela prataria da casa, que é grande.

– Mas então como a chamam de ilustre fregona por toda a cidade – disse Lope –, se não é fregona? Sem dúvida deve ser porque, como cuida da prataria, não da louça, a chamam de ilustre. Mas, deixando isso de lado, diz-me, Tomás, qual a tua situação?

– A caminho da perdição – respondeu Tomás –, porque em todos estes dias em que estiveste preso nunca pude lhe dizer uma palavra, e às muitas que os hóspedes lhe dizem, não responde com outra coisa que baixar os olhos e não despregar os lábios; são tamanhos sua reserva e recato que não menos cativa com seu pudor que com sua formosura. O que me tira a paciência é saber que o filho do corregedor, que é moço bonito e meio atrevido, morre por ela e a corteja com músicas, que poucas noites se passam sem elas, e de modo tão escancarado que até a nomeiam no que cantam, elogiam e celebram. Mas ela não as ouve nem sai do quarto de sua

ama desde que anoitece até de manhã, escudo que não deixa que me atravesse o coração a dura seta do ciúme.

– E então, o que pensas fazer com a impossibilidade com que te deparas na conquista dessa Pórcia, dessa Minerva e desta nova Penélope que, em forma de donzela, te apaixona, te acovarda e te faz desfalecer?<sup>21</sup>

– Podes zombar de mim como quiseres, meu amigo Lope, pois eu sei que estou apaixonado pelo mais formoso rosto que a natureza pôde formar e da mais incomparável pureza que agora se pode ter neste mundo. Ela se chama Costanza, não Pórcia, Minerva ou Penélope; trabalha numa estalagem, não posso negar, mas o que eu posso fazer se me parece que o destino me inclina para ela com força oculta e o livre-arbítrio, com claro traçado, me leva a adorá-la? Olha, meu amigo, não sei como te dizer – prosseguiu Tomás – de que forma o Amor a engrandece para mim e eleva tão alto a baixa condição dessa fregona, como tu a chamas, pois, vendo-a, não a vejo, e conhecendo-a, eu a desconheço. Não é possível que, embora eu o tente, possa olhar com arroubo religioso, se assim se pode dizer, a baixaza de sua condição, porque logo vêm me apagar esse pensamento sua beleza, sua graça, sua calma, sua pureza e recato, e me dão a entender que embaixo daquela rústica casca deve estar encerrada e escondida alguma mina de grande valor e de grande mérito. Enfim, seja lá o que for, eu a amo, e não com aquele amor vulgar com que amei outras, mas com amor tão limpo que não vai além de seguir amando e de procurar que ela me ame, pagando com honesta intenção o que se deve a minha, também honesta.

Nesse ponto, o Asturiano deu um grande brado e, como que exclamando, disse:

– Oh, o amor platônico! Oh, fregona ilustre! Oh, felicíssimos tempos os nossos, em que vemos que a beleza cativa sem malícia, a candura inflama sem abrasar, a graça dá prazer sem que incite, e a baixaza da condição humilde obriga e força a que a ponham sobre a Roda da Fortuna, como dizem! Ó coitados de meus atuns, que passais este ano sem serdes visitados por este tão vosso cativado e apaixonado! Mas no ano que vem eu vos compensarei de tal

maneira que não se queixem de mim os mandachugas de minhas ansiadas almadras.

A isso, Tomás disse:

– Já percebi, Asturiano, com que descaramento zombas de mim. O que podias fazer, em boa hora, era ir para tua pescaria, que eu ficarei com minha caça, e aqui me acharás na volta. Se quiseres levar contigo tua parte do dinheiro, eu a entrego agora mesmo, e vai em paz, e cada um siga o caminho por onde o destino o guiar.

– Eu te considerava mais arguto – replicou Lope. – Tu não vês que o que digo é de brincadeira? Mas já que sei que falas a sério, a sério te servirei em tudo aquilo que for de teu gosto. Só te peço uma coisa, em recompensa das muitas que penso fazer a teu serviço, e é que não me deixes em situação em que a Argüello me corteje ou se engrace, porque prefiro perder tua amizade a correr o risco de ter a dela. Por Deus, meu amigo, a dona fala mais que um relator e o hálito cheira a vinho a uma légua! Todos os dentes de cima são postiços, e tenho a impressão de que os cabelos são peruca; e para suprir essas falhas e se embelezar, depois que me revelou suas más intenções, deu para se enfeitar com alvaiade, e assim pinta o rosto, que fica como uma máscara de gesso puro.

– Tudo isso é verdade – replicou Tomás –, e não é tão ruim a Galega que me persegue. O que se poderá fazer é que passes apenas esta noite na pousada e amanhã comprarás o burro de que falaste e procurarás um lugar para ficar, e assim escaparás das investidas da Argüello, e eu ficarei sujeito às da Galega e às irreparáveis dos raios da vista de minha Costanza.

Isso os amigos combinaram e foram para a pousada, onde o Asturiano foi recebido pela Argüello com mostras de muito amor. Naquela noite houve dança na porta da pousada, com muitos moços de mulas que estavam nela ou nas vizinhas. Quem tocou o violão foi o Asturiano; as bailarinas, além das duas galegas e da Argüello, foram outras três moças de outra pousada. Juntaram-se muitos encapuzados, com mais desejo de ver Costanza que a dança, mas ela não apareceu para dançar nem saiu para ver, com o que ludibriou muitos desejos.

Lope tocava de tal maneira o violão que o fazia falar, diziam. As moças lhe pediram, e a Argüello com mais empenho, que cantasse algum romance. Ele disse que cantaria, se elas dançassem ao modo que se canta e dança nas comédias, e, para que não errassem, fizessem tudo aquilo que ele dissesse cantando, e não outra coisa.

Havia entre os moços de mulas alguns bailarinos, e entre as moças nem mais nem menos. Lope pigarreou, cuspiu duas vezes, enquanto pensava no que diria e, como era de inventiva rápida, fácil e linda, com uma felicíssima destreza, de improviso, começou a cantar desta maneira:

Saia a formosa Argüello,  
moça uma vez, não mais,  
e fazendo uma reverência  
dê dois passos para trás.

Pela mão a arrebate  
aquele que chamam Barrabás,  
andaluz, moço de mulas,  
cônego do Compás.<sup>22</sup>

Das duas moças galegas  
que nesta pousada estão,  
saia a mais bochechuda  
meio pelada e sem avental.

Agarre-a Torote  
e os quatro juntos,  
com ritmo e meneios  
comecem um contrapasso.

Tudo o que o Asturiano ia cantando elas e eles fizeram ao pé da letra; mas, quando chegou ao ponto em que disse para se começar

o contrapasso, Barrabás – pois com esse mau nome se chamava o moço de mulas – respondeu:

– Meu caro músico, olha o que cantas e não zombes dos dançarinos, que todos são a favor dos passos, e cada um dança como Deus ajuda.

O hospedeiro, que ouviu a ignorância do moço, disse:

– Contrapasso, meu caro rapaz, é um passo de dança estrangeiro, não brincadeira com ninguém.

– Se é assim – replicou o moço –, vamos deixar de embromar; toquem suas sarabandas, chaconas e folias<sup>23</sup> bem conhecidas, e deem e rolem, que aqui tem gente que sabe encher as medidas até os gorgomilos.

O Asturiano, sem responder uma palavra, continuou seu canto, dizendo:

Entrem, pois, todas as ninfas  
e os ninfos que vão entrar,  
que a dança da chacona  
é mais folgada que o mar.

Peçam as castanholas,  
e baixem para esfregar  
as mãos pela areia  
ou terra do muladar.

Todos fizeram bem,  
não tenho que emendar,  
benzam-se, e deem ao diabo  
duas figas de seu figueiral.

Cuspam no fiadaputa,  
para que nos deixe folgar,  
pois da chacona  
não costuma se afastar.



Troco a música, divina Argüello,  
mais bela que um hospital,<sup>24</sup>  
pois és minha nova amásia,  
seus favores quer me dar.

A dança da chacona  
espanta a vida chorona.

Acha-se ali o exercício  
que a saúde melhora,

sacudindo os membros  
a preguiça vai embora.

Agita-se o riso no peito  
de quem dança, e de quem toca,  
de quem olha e de quem escuta  
dança e música sonora.

Têm asas os pés,  
derrete-se a pessoa  
e com prazer do dono  
o sapato ressoa.

O brio e a rapidez  
nos velhos se remoça,  
e nos moços se exalta,  
que nada disso é troça,

pois a dança da chacona  
espanta a vida chorona.

Quantas vezes tentou

essa nobre senhora,  
com a alegre sarabanda,  
o "Pésame" e "Perra mora",<sup>25</sup>

entrar pelas frestas  
das casas religiosas  
e inquietar a castidade  
que nas santas celas mora!<sup>26</sup>

Quantas foram vituperadas  
pelos mesmos que a adoram!  
Porque imagina o lascivo  
e com ela os tolos sonham

pois a dança da chacona  
espanta a vida chorona.

Essa indiana amulatada  
de quem a fama apregoa  
que cometeu mais sacrilégios  
e insultos que fez Aroba;

esta, a quem é tributária  
a turba das criadas,  
a súa dos pajens  
e as tropas de lacaios,

diz, jura e não se cansa,  
pois, apesar da pessoa  
do soberbo zambapalo,<sup>27</sup>  
é a flor das flores.

É que só a chacona

espanta a vida chorona.

Enquanto Lope cantava, a turbamulta dos muleiros e fregonas se arrebetava na dança; e, enquanto Lope se preparava para seguir adiante, cantando outras com mais peso, substância e consideração que as cantadas, um dos moços encapuzados que olhavam a dança disse, sem tirar a cobertura do rosto:

– Cala a boca, borracho! Cala, odre! Cala, pipa, poeta velho, músico falso!

Depois disso outros surgiram com tantos insultos e caretas que Lope achou melhor se calar, mas os moços de mulas levaram a coisa a mal, tanto que, se não fosse pelo hospedeiro, que com bons argumentos os acalmou, teria fechado o tempo; e mesmo assim não deixariam de dançar se naquele instante não chegasse a Justiça e fizesse que todos se recolhessem.

Mal haviam se retirado, chegou aos ouvidos de todos os que estavam acordados no bairro a voz de um homem que, sentado sobre uma pedra, diante da pousada do Sevilhano, cantava com harmonia tão suave e maravilhosa que os deixou admirados e os obrigou a escutá-lo até o fim. Mas quem estava mais atento era Tomás Pedro, pois era o mais emocionado, não só pela música, como por entender a letra, que para ele não foi ouvir canções, mas cartas de excomunhão que lhe oprimiam a alma, porque o que o músico cantou foi este romance:

Onde estás, que não apareces,  
astro da formosura,  
beleza à vida humana  
de divina compostura?  
Céu empíreo, onde amor  
tem sua morada segura;  
primeiro móbil, que arrebatã  
atrás de si todas as venturas;  
lugar cristalino, onde  
transparentes águas puras

esfriam de amor as chamas,  
aumentam-nas e apuram;  
novo, formoso firmamento,  
onde duas estrelas juntas,  
sem tomar a luz emprestada,  
ao céu e ao solo alumbram;  
alegria que se opõe  
às tristezas confusas  
do pai que dá a seus filhos  
em seu ventre sepultura;<sup>28</sup>  
humildade que resiste  
à nobreza com que enaltecem  
o grande Jove, a quem influi  
sua benignidade, que é muita;<sup>29</sup>  
rede invisível, e sutil,  
que põe em prisões duras  
o adúltero guerreiro  
que das batalhas triunfa;<sup>30</sup>  
quarto céu e sol segundo;<sup>31</sup>  
que o primeiro deixa a escuras  
quando por acaso se deixa ver,  
que vê-lo é sorte e ventura;  
grave embaixador,<sup>32</sup> que falas  
com tão estranha cordura  
que persuades calando,  
mais ainda do que procuras.  
Do segundo céu tens  
não mais que a formosura,  
e do primeiro, não mais  
que o resplendor da lua.<sup>33</sup>  
Esse astro sois, Costanza,  
posta, por má fortuna,  
em lugar que, por indigno,  
vossas venturas deslumbra.  
Fabricai vós vossa sorte

consentindo se reduza  
a inteireza a trato usual,  
a esquivança a brandura.  
Com isso vereis, senhora,  
que invejam vossa fortuna  
as soberbas por linhagem,  
as grandes por formosura,  
se quiserdes poupar caminho,  
a mais rica, e a mais pura  
vontade em mim vos ofereço  
que amor não viu em alma alguma.

Acabar estes últimos versos e chegar voando dois meios tijolos foi uma coisa só, que, se não dessem perto dos pés do músico mas no meio de sua cabeça, com facilidade lhe tirariam do coco a música e a poesia. O pobre se assustou e deitou a correr por aquela encosta acima com tanta pressa que um galgo não o alcançaria. Infeliz situação dos músicos, morcegos e corujas, sempre sujeitos a semelhantes chuvas e injúrias! Todos os que escutaram a voz do apedrejado acharam-na boa, mas quem a achou melhor foi Tomás Pedro, que admirou a voz e o romance. Mas ele gostaria que outra donzela, não Costanza, fosse o motivo de tantas músicas, embora a seus ouvidos jamais tenha chegado nenhuma.

Contrário a essa opinião foi Barrabás, o moço de mulas, que também esteve atento à música, pois assim que viu o músico fugir disse:

– Vai, seu imbecil, trovador de Judas, que os vermes te comam os olhos! Quem diabos te ensinou a cantar a uma fregona coisas de astros e de céus, chamando-a de luas e martes, e de rodas da fortuna? Devias dizer, para não ser besta, tu e os que gostaram de tua trova, que ela é tesa como um aspargo, vaidosa como um pavão, branca como leite, casta como um padre noviço, manhosa e intratável como uma mula de aluguel, e mais dura que um pedaço de argamassa. Se lhe disseses isso, ela entenderia e ia gostar, mas chamá-la de embaixador e rede e móbil, e nobreza e baixeza, está

mais para se dizer a estudantes de teologia que a uma fregona. Realmente existem no mundo poetas que escrevem trovas que não há diabo que entenda. Eu, pelo menos, embora seja Barrabás, não entendo de jeito nenhum a que esse músico cantou. Vejam o que Costancica fará! Mas ela faz melhor ainda, pois está em sua cama zombando do próprio Preste João das Índias. Esse músico, pelo menos, não é dos do filho do corregedor, pois aqueles são muitos, e uma vez que outra se deixam entender, mas esse me deixa enjoado, juro por Deus!

Todos os que escutaram Barrabás gostaram muito, e consideraram sua censura e opinião muito acertadas.

Depois disso, todos se deitaram, e, mal as pessoas estavam sossegadas, Lope percebeu que batiam na porta de seu quarto com muito cuidado. E, perguntando quem era, responderam em voz baixa:

– A Argüello e a Galega. Abram, que morremos de frio.

– Mas – respondeu Lope – estamos no meio do verão!

– Deixa de gracejos, Lope – replicou a Galega –, levanta e abre, que viemos feito umas arquidquesas.

– Arquidquesas, e a esta hora? – respondeu Lope. – Não acredito nelas, acho que na verdade são bruxas, ou umas grandessíssimas velhacas; sumam daqui, senão, quero ver minha mãe... juro que, se me levantar, vou lhes deixar o traseiro como uma papoula com a fivela do meu cinto!

Elas, ao ouvirem resposta tão áspera e tão distante daquilo que esperavam, tiveram medo da raiva do Asturiano e, frustradas suas esperanças e esfumadas suas pretensões, voltaram tristes e infelizes para suas camas, embora, antes de se afastar da porta, a Argüello tenha dito, botando o focinho no buraco da chave:

– O mel não foi feito para a boca do burro.

E, com isso, como se houvesse dito uma grande sentença e se vingado com justiça, voltou, como se disse, para sua cama triste.

Lope, que percebeu que haviam ido, disse a Tomás Pedro, que estava acordado:

– Olhai, Tomás, ponde-me a lutar com dois gigantes ou numa situação em que a vosso serviço eu seja forçado a quebrar a cara de

meia ou de uma dúzia de valentões, e eu o farei com mais facilidade que beber uma taça de vinho; mas não permitirei que me deixeis numa guerra sem quartel com a Argüello nem sob a ameaça das flechas da Santa Irmandade. Olhai que donzelas da Dinamarca a sorte tinha de nos oferecer esta noite!<sup>34</sup> Mas, enfim, amanhã será outro dia, e seja o que Deus quiser.

– Já te disse, meu amigo – respondeu Tomás –, que podes fazer o que achares melhor, ou ir em tua romaria, ou comprar o burro e te tornar aguador, como pensaste.

– Já me decidi a ser aguador – respondeu Lope –, e vamos dormir o pouco que falta para nascer o dia, pois, falando em lutas e taça de vinho, estou mais alto que uma torre, e não estou para discutir contigo a esta hora.

Dormiram; veio o dia; levantaram, e Tomás correu a distribuir cevada e Lope foi ao mercado dos animais, que é perto dali, comprar um burro que parecesse bom.

Aconteceu, então, que Tomás, levado por seus pensamentos e pelas condições que a solidão das sestas lhe proporcionava, havia composto uns versos amorosos que escrevera no mesmo livro em que mantinha as contas da cevada, com a intenção de copiá-los e rasgar ou apagar aquelas folhas. Mas, antes que fizesse isso, estando ele fora de casa e tendo deixado o livro sobre o caixão da cevada, seu amo o pegou e, abrindo para ver como estava a conta, deu com os versos, que, lidos, o perturbaram e assustaram.

Foi com eles ver sua mulher, e antes que os lesse, chamou Costanza, e com grandes ponderações misturadas com ameaças perguntou se Tomás Pedro, o criado da cevada, lhe fizera algum galanteio ou dissera alguma palavra lasciva ou que demonstrasse lhe ter afeição. Costanza jurou que a primeira palavra, nesse ou em outro assunto qualquer, ainda estava para ser falada, e que jamais, nem mesmo com os olhos, o rapaz havia dado mostras de alguma má intenção.

Os amos acreditaram nela, por estarem acostumados a ouvi-la sempre dizer a verdade em tudo quanto lhe perguntavam. Disseram que se fosse dali, e o hospedeiro disse à sua mulher:

– Não sei o que pensar disso. Sabei, senhora, que Tomás escreveu neste livro da cevada umas coplas que me deixaram com a pulga atrás da orelha: acho que está apaixonado por Costancica.

– Vamos ver as coplas – respondeu a mulher –, que eu vos direi o que deve haver aí.

– Com certeza, senhora – replicou o marido –, pois como sois poeta logo vereis seu sentido.

– Não sou poeta – respondeu a mulher –, mas já sabeis que tenho boa cabeça e que sei rezar em latim as quatro orações.<sup>35</sup>

– Seria melhor que rezásseis em castelhano, pois, como já vos disse vosso tio, o clérigo, dizeis mil asneiras quando rezais em latim, e não rezais coisa com coisa.

– Essa flecha saiu da aljava de sua sobrinha, que está com inveja de me ver tomar o livro das Horas nas mãos e recitá-las como quem toma um copo d'água.

– Seja como quiserdes – respondeu o hospedeiro. – Ouvi bem, que as coplas são estas:

Quem no amor não se abala?  
O que cala.  
Quem triunfa de sua aspereza?  
A firmeza.  
Quem alcança sua alegria?  
A porfia.  
Desse modo, bem poderia  
esperar feliz palma<sup>36</sup>  
se nesta empresa minha alma  
cala, está firme e porfia.

Com que se sustenta o amor?  
Com favor.  
E com que suaviza sua fúria?  
Com injúria.  
Antes com desdéns cresce?  
Desfalece.



Claro que nisso parece  
que meu amor será imortal,  
pois a causa de meu mal  
nem injuria nem favorece.

De quem desespera, qual a bandeira?  
Morte inteira.  
Pois que morte o mal remedeia?  
A que é meia.  
Então, é bom morrer?  
Melhor sofrer.  
Porque se costuma dizer,  
e com essa verdade se viva,  
que após a tormenta esquiva  
a calma costuma se ver.

Revelarei minha paixão?  
Na ocasião.  
E algum dia ela chegará?  
Sim, chegará.  
Antes chegará a morte.  
Chegue, sou forte.  
Mas espero com esperança  
que ao saber Costanza  
converta o azar em sorte.

- Tem mais? – disse a hospedeira.
- Não – respondeu o marido –, mas o que vos parecem esses versos?
  - Primeiro – disse ela –, é preciso averiguar se são de Tomás.
  - Não há dúvida disso – replicou o marido –, porque a letra das contas da cevada e a das coplas é a mesma, sem que se possa negar.
  - Olha, marido – disse a hospedeira –, pelo que eu vejo, já que as coplas nomeiam Costancica, pode-se pensar que foram feitas

para ela, mas nem por isso podemos afirmar como verdade como se tivéssemos visto o rapaz escrevê-las, quanto mais que há outras Costanzas além da nossa no mundo; mas, mesmo que seja por esta, aí não diz nada que a desonre nem lhe pede coisas que comprometam. Fiquemos de olho e avisemos a moça, pois, se ele está apaixonado por ela, com certeza fará mais coplas, e procurará entregá-las.

– Não seria melhor nos livrarmos dessas preocupações – disse o marido – e tocá-lo de casa?

– Isso está em vossas mãos – respondeu a hospedeira –, mas na verdade, pelo que dizeis, o moço trabalha de tal maneira que não sei se seria justo despedi-lo por motivo tão leviano.

– Assim sendo – disse o marido –, ficaremos alertas, como dizeis, e o tempo nos dirá o que teremos de fazer.

Assim acertados, o hospedeiro pôs de novo o livro onde o havia achado. Tomás voltou, ansioso, em busca de seu livro, encontrou-o e, para não levar outro susto, copiou as coplas e rasgou aquelas folhas, e decidiu se aventurar a revelar sua intenção a Costanza na primeira oportunidade que surgisse. Mas, como ela nunca perdia as estribeiras de seu pudor e recato, não dava chances a ninguém de olhá-la, quanto mais de conversar com ela; e, como geralmente havia tanta gente e tantos olhos na pousada, aumentava a dificuldade de lhe falar, do que se desesperava o pobre apaixonado. Mas naquele dia – tendo Costanza saído com uma touca que cobria as faces e dito, a quem lhe perguntou por que isso, que era por causa de uma grande dor de dentes –, Tomás, a quem os desejos avivavam a inteligência, num instante pensou no que seria bom fazer, e disse:

– Senhora Costanza, eu lhe darei por escrito uma oração que, rezada por duas vezes, é como tirar a dor com a mão.

– Muito bem, eu a rezarei – respondeu Costanza –, porque sei ler.

– Mas deve ser com a condição – disse Tomás – de não mostrá-la a ninguém, porque gosto muito dela, e não fica bem que seja menosprezada por muitos a saberem.

– Eu lhe garanto, Tomás – disse Costanza –, que não vou mostrá-la a ninguém; agora me dê logo, porque não aguento mais de dor.

– Eu a escreverei, pois sei de cor – respondeu Tomás –, e logo lhe darei.

Essas foram as primeiras palavras que Tomás disse a Costanza, e Costanza a Tomás, desde que ele estava na casa, havia mais de vinte e quatro dias.

Tomás se retirou, escreveu a oração e conseguiu entregá-la a Costanza sem que ninguém o visse. E ela, com muita satisfação e maior devoção, entrou sozinha num quarto e, abrindo o papel, viu que dizia desta maneira:

Senhora de minha alma: eu sou um cavaleiro de Burgos. Se sobreviver a meu pai, receberei uma herança de seis mil ducados de renda. Pela fama de vossa formosura, que por muitas léguas se estende, deixei minha pátria, mudei de roupa, e no traje que me vedes vim servir a vosso dono. Se quiserdes ser minha dona, pelos meios que mais convenham à vossa honestidade, vede que provas quereis que dê para vos inteirar dessa verdade; e inteirada dela, sendo vosso desejo, serei vosso esposo e me considerarei o mais feliz do mundo. Peço apenas, por ora, que não jogeis na rua tão apaixonados e puros pensamentos como os meus, pois se vosso dono os conhecer e não acreditar neles, irá me condenar ao desterro de vossa presença, o que seria o mesmo que me condenar à morte. Deixai-me, senhora, que vos veja até que acrediteis em mim, considerando que não merece o rigoroso castigo de não vos ver aquele que não cometeu outro pecado que vos adorar. Com os olhos podereis me responder, às escondidas dos muitos que estão sempre vos olhando, pois sendo eles como são, irados matam e piedosos ressuscitam.

Enquanto Costanza havia ido ler o bilhete, o coração de Tomás esteve palpitando, temendo e esperando a sentença de sua morte ou a restauração de sua vida. Então Costanza voltou, tão formosa,

mesmo com a touca cobrindo as faces, que, se sua beleza pudesse ser aumentada com algo inesperado, talvez se pudesse julgar que o sobressalto de ter visto no bilhete de Tomás outra coisa tão longe da que esperava havia aumentado sua beleza. Saiu com o papel feito em pedacinhos entre as mãos e disse a Tomás, que mal podia se manter de pé:

– Caro Tomás, esta tua oração mais parece feitiçaria e embuste que oração santa, por isso eu não acredito nela nem vou usá-la, daí que a rasguei, para que não a veja ninguém que seja mais crédula que eu. Aprende outras orações mais fáceis, porque esta será impossível que te seja de proveito.

Dizendo isso, foi procurar sua ama, e Tomás ficou aturdido, mas um tanto consolado ao ver que o segredo de seu desejo ficava apenas no peito de Costanza; pois achou que, se ela não tinha contado a seu amo, pelo menos não corria o risco de que o tocassem de casa. Achou que no primeiro passo que dera em sua pretensão havia vencido mil montanhas de obstáculos e que, nas coisas grandes e incertas, a maior dificuldade está no começo.

Enquanto isso acontecia na pousada, o Asturiano andava comprando o burro onde os vendiam. E embora tenha achado muitos, nenhum o satisfaz, ainda que um cigano, muito solícito, tenha tentado lhe empurrar um que caminhava mais pelo azougue que lhe havia posto nos ouvidos que por vontade própria,<sup>37</sup> mas o que lhe agradava pelo passo, desagradava pelo corpo, que era muito pequeno e não do tamanho e porte que Lope queria, pois buscava um que de quebra pudesse levá-lo, fossem os cântaros vazios ou cheios.

Nisso se aproximou um moço, que lhe disse ao ouvido:

– Rapaz, se procura um burro apropriado para o trabalho de aguador, eu tenho um perto daqui, num campo, que não há outro melhor na cidade; e aconselho a não comprar animal de ciganos, porque mesmo que pareçam são e bons, todos são falsos e cheios de mazelas. Se quer comprar um como lhe convém, venha comigo e cale a boca.

O Asturiano acreditou nele e disse que o levasse aonde estava o burro que elogiava tanto. Os dois foram lado a lado, como amigos, até que chegaram ao Horto do Rei, onde à sombra de uma azuda<sup>38</sup> encontraram muitos aguadores, cujos burros pastavam num campo que ficava perto dali. O vendedor mostrou seu burro, que fez os olhos do Asturiano se arregalarem de contentamento; e o burro foi elogiado por todos os que estavam ali como forte, caminhador e corredor como poucos. Trataram do negócio, e sem outra garantia nem informação, sendo corretores e intermediários os demais aguadores, o Asturiano deu dezesseis ducados pelo burro e todos os petrechos do ofício.

Pagou à vista, em escudos de ouro. Deram-lhe os parabéns pela compra e pela entrada no ofício, e lhe garantiram que havia comprado um burro felicíssimo, porque o dono antigo, sem que o deixasse manco nem troncho, havia ganhado com ele em menos de um ano, depois de ter se sustentado a ele e ao burro honradamente, dois pares de roupas e mais aqueles dezesseis ducados, com que pensava voltar à sua terra, onde tinham lhe arranjado um casamento com uma meio parenta sua.

Além dos intermediários na venda do burro, estavam ali outros quatro aguadores jogando a primeira,<sup>39</sup> estendidos no chão, servindo-lhes de mesa a terra e toalha suas capas. O Asturiano se pôs a olhá-los e viu que não jogavam como aguadores, mas como arcebispos, porque cada um fazia uma aposta de mais de cem reais em prata e prata de lei.<sup>40</sup> Chegou uma mão em que todos deviam apostar tudo, e se um jogador não desse vantagem ao que tinha menos, ele limparia a mesa. Enfim, acabou o dinheiro de dois aguadores naquela aposta, e se levantaram. Vendo isso, o vendedor do burro disse que, se houvesse quatro jogadores, ele jogaria, pois era inimigo de jogar a três. O Asturiano, que nunca teve medo de chuva, pois não era feito de açúcar,<sup>41</sup> disse que toparia ser o quarto. Sentaram-se logo; a coisa andou de boa maneira, e, querendo jogar antes o dinheiro que o tempo, num instante Lope perdeu seis escudos que tinha e, vendo-se sem prata, disse que, se quisessem jogar o burro, ele o apostaria. Aceitaram-lhe o desafio, e apostou um

quarto do burro, dizendo que queria apostá-lo por quartos. Teve tão má sorte que em quatro apostas consecutivas perdeu os quatro quartos do burro, e quem ganhou foi o que lho havia vendido. E levantando-se para tomar posse dele de novo, o Asturiano lhe disse que notasse que ele havia jogado apenas os quatro quartos do burro, mas que lhe desse o rabo e levasse o resto sem problema.

Todos acharam graça no pedido do rabo, e houve corretores que foram de opinião de que não tinha razão no que pedia, dizendo que quando se vende um carneiro, ou outra rês qualquer, não se tira o rabo, que com um dos quartos traseiros deve ir forçosamente. A isso Lope replicou que os carneiros de Berbéria têm comumente cinco quartos, que o quinto é o do rabo, e, quando os tais carneiros são esquartejados, tanto vale o rabo como qualquer quarto; e que ele concordava com esse negócio de ir o rabo junto com a rês que se vende viva e não esquartejada; mas que a sua não foi vendida, mas jogada, e que nunca foi sua intenção jogar o rabo, e que lhe devolvessem agora mesmo o rabo com tudo que lhe dizia respeito e lhe concernia, que era desde a ponta do cérebro, incluída a ossamenta do espinhaço, onde ele começava e seguia, até parar nos últimos pelos.

– Suponhamos – disse um – que a coisa seja assim como dizeis, e vos deem o rabo como pedis, e vos sentais junto ao que resta do burro.

– Pois é assim! – replicou Lope. – Venha meu rabo; se não, por Deus que não me levam o burro nem que viessem por ele quantos aguadores há no mundo. E não pensem que por ser tantos os que estão aqui vão me passar a perna, porque sou um homem que sabe chegar a outro homem e lhe meter dois palmos de adaga pelas tripas sem que saiba de quem, por onde ou como lhe veio; e mais, não quero que me paguem o rabo por rateio entre os jogadores, mas sim que me deem o rabo em pessoa e o cortem do burro como já disse.

Ao ganancioso e aos demais não pareceu bom levar aquele negócio à força, porque julgaram que o Asturiano era tão valente que não consentiria que o fizessem; e ele, como estava acostumado com os modos das almadravas, onde havia todo tipo de perigos e

ameaças, e de demonstrações de coragem, tirou o chapéu e empunhou um punhal que trazia debaixo do capotilho que usava, e ficou em tal postura que infundiu medo e respeito em toda aquela companhia aguadora. Por fim, um deles, que parecia mais razoável e sensato, propôs que se jogasse o rabo contra um quarto do burro numa partida de quínola ou algum outro jogo. Alegraram-se, Lope ganhou a quínola; irritou-se o outro, apostou o outro quarto e em outras três mãos ficou sem burro. Quis jogar o dinheiro; Lope não queria; mas tanto teimaram que teve de jogar, com o que depenou o antigo dono do burro, deixando-o sem um só maravedi; e foi tanto o desgosto que isso causou no perdedor que ele se atirou no chão e começou a dar muitas cabeçadas na terra. Lope, como bem-nascido e como generoso e compassivo, levantou-o e lhe devolveu todo o dinheiro que havia ganhado e os dezesseis ducados do burro, e do que ainda lhe restava repartiu com os presentes, e essa estranha generosidade pasmou a todos; e, se fossem os tempos e épocas de Tamerlão,<sup>42</sup> o teriam nomeado rei dos aguadeiros.

Lope voltou com grande séquito para a cidade, onde contou a Tomás o que havia acontecido, e Tomás também contou sua bela aventura. Não houve taberna, nem bodega, nem grupinho de pícaros onde não se soubesse do jogo do burro, da desforra pelo rabo e da coragem e generosidade do Asturiano. Mas, como a fera malvada do vulgo, na maior parte, é má, maldita e maledicente, não guardou na memória o desprendimento, coragem e demais boas qualidades do grande Lope, mas apenas o rabo; e assim, mal tinha andado dois dias distribuindo água pela cidade, viu-se apontar por muitos com o dedo, que diziam: "Este é o aguador do rabo". Os meninos, sempre atentos, souberam do caso, e nem Lope havia assomado na boca de qualquer rua, por toda ela lhe gritavam, uns aqui, outros ali: "Asturiano, dá cá o rabo! Dá cá o rabo, Asturiano!".<sup>43</sup>

Lope, que se viu flechado por tantas línguas e por tantos gritos, preferiu calar, acreditando que em seu grande silêncio se afogaria tanta insolência; mas não teve jeito, pois quanto mais calava mais os meninos gritavam. E assim, resolveu trocar sua paciência pela raiva,

e apeando do burro deu uns cascudos nos meninos que alcançou, que foi como preparar um rastilho de pólvora e botar fogo, e foi também cortar as cabeças da serpente, pois no mesmo instante não nasceram outras sete,<sup>44</sup> mas setecentas que com maior empenho e repetição lhe pediam o rabo. Por fim, achou melhor se retirar a uma pousada – não a de seu companheiro – para onde tinha fugido da Argüello e ficar lá até que a influência daquele mau planeta passasse e se apagasse da memória dos meninos aquele pedido nefasto do rabo.

Seis dias se passaram sem que saísse de casa, a não ser de noite, quando ia ver Tomás e perguntar como estavam as coisas. Tomás lhe contou que, depois que havia dado o bilhete para Costanza, nunca mais tinha podido lhe dizer uma só palavra, e que andava mais recatada que de costume, ainda que uma vez tenha tido oportunidade de lhe falar, e ela, vendo-o, havia lhe dito antes que se aproximasse:

– Tomás, não me dói nada; então não tenho necessidade de tuas palavras nem de tuas orações; contenta-te que não te denuncio para a Inquisição, e não te canses.

Mas disse essas palavras sem mostrar raiva nos olhos nem desgosto que pudesse ser o início de alguma rispidez. Lope lhe contou o aperto que lhe davam os meninos pedindo o rabo, porque ele havia pedido o do burro em sua famosa desforra. Tomás o aconselhou a não sair de casa, pelo menos não montado no burro, e que, se saísse, fosse pelas ruas afastadas e com pouco movimento, e, se isso não resolvesse, bastaria deixar o ofício, último remédio para pôr fim a pedido nada pudico. Lope lhe perguntou se a Galega havia aparecido de novo em seu quarto. Tomás disse que não, mas que não deixava de subornar sua vontade com cuidados e coisas que furtava da cozinha dos hospedeiros. Depois disso, Lope se retirou para sua pousada, decidido a não sair dela por outros seis dias, pelo menos, com o burro.

Seriam onze da noite quando de repente e sem esperar por isso viram entrar na pousada muitos oficiais da Justiça e, por fim, o corregedor. O hospedeiro se preocupou, e os hóspedes também,



porque assim como os cometas sempre causam temores de desgraça e infortúnio quando surgem, nem mais nem menos a Justiça, quando subitamente e de tropel entra numa casa, assusta e amedronta até as consciências sem culpa. O corregedor entrou numa sala e chamou o hospedeiro, que veio tremendo ver o que o senhor corregedor queria. Assim, mal o corregedor o viu, perguntou com muita circunspecção:

– Sois vós o hospedeiro?

– Sim, senhor – respondeu ele –, um servo às ordens de vossa mercê.

O corregedor mandou que saíssem da sala todos os que estavam lá e que o deixassem sozinho com o hospedeiro. Assim fizeram, e, ficando sozinhos, o corregedor disse ao hospedeiro:

– Hospedeiro, que criados tendes nesta vossa pousada?

– Senhor – respondeu ele –, tenho duas moças galegas, e uma aia, e um rapaz que cuida da cevada e da palha.

– Ninguém mais? – respondeu o corregedor.

– Não, senhor – respondeu o hospedeiro.

– Então dizei-me, hospedeiro – disse o corregedor –, onde está uma moça que dizem que trabalha nesta casa, tão formosa que por toda a cidade a chamam de ilustre fregona, e até andaram me dizendo que meu filho, dom Periquito,<sup>45</sup> está apaixonado por ela, e que não há noite em que não venha fazer serenata?

– Senhor – respondeu o hospedeiro –, é verdade que essa fregona ilustre de que falam está nesta casa, mas não é minha criada nem deixa de sê-lo.

– Não entendo o que dizeis, hospedeiro: isso de ser e não ser vossa criada essa fregona.

– Mas é isso mesmo – acrescentou o hospedeiro –, e se vossa mercê me der licença, direi o que há nessa história, coisa que nunca falei a pessoa alguma.

– Antes quero ver a fregona que saber o resto; trouxe-a aqui – disse o corregedor.

O hospedeiro foi até a porta da sala e disse:

– Patroa, fazei o favor de chamar Costanza!

Quando a hospedeira ouviu que o corregedor chamava Costanza, angustiou-se e começou a retorcer as mãos, dizendo:

– Ai, pobre de mim! O corregedor quer ver Costanza, e a sós! Deve ter acontecido alguma grande desgraça, pois a formosura dessa moça encanta os homens.

Costanza, que a ouvia, disse:

– Senhora, não se preocupe, que eu irei ver o que o senhor corregedor quer, e, se aconteceu algum mal, tenha certeza vossa mercê de que eu não tenho a culpa.

E nisso, sem esperar que a chamassem outra vez, pegou uma vela acesa num castiçal de prata, e com mais vergonha que temor foi para onde estava o corregedor.

Assim que o corregedor a viu, mandou o hospedeiro fechar a porta da sala; feito isso, o corregedor se levantou e, pegando o castiçal que Costanza trazia, aproximou a luz do rosto dela e ficou olhando-a toda de cima a baixo; e como Costanza estava assustada, seu rosto ficou todo corado, e estava tão formosa e tão cândida que pareceu ao corregedor que olhava a beleza de um anjo na terra; e, depois de tê-la olhado bem, disse:

– Hospedeiro, esta não é joia para estar no baixo engaste de uma estalagem; desde já digo que meu filho Periquito é sagaz, pois soube muito bem empregar seus pensamentos. Digo, donzela, que não somente vos podem e devem chamar ilustre, como ilustríssima; mas esses títulos não deviam cair sobre o nome de fregona e sim sobre o de uma duquesa.

– Não é fregona, senhor – disse o hospedeiro –, pois todo o seu trabalho nesta casa é ter as chaves da prataria, que pela bondade de Deus tenho alguma, com que servimos os hóspedes honrados que vêm a esta pousada.

– Mesmo assim, hospedeiro – disse o corregedor –, digo que não é decente nem convém que essa donzela esteja numa estalagem. Por acaso é parenta vossa?

– Nem é minha parenta nem é minha criada; e se vossa mercê desejar saber quem é, desde que ela não esteja presente, vossa mercê ouvirá coisa que vai surpreendê-lo, além de lhe agradecer.

– Sim, desejo – disse o corregedor. – E saia da sala, Costancica, e espere de mim o que poderia esperar de seu próprio pai, pois sua grande modéstia e formosura obrigam a todos que a veem a se porem a seu serviço.

Costanza não respondeu uma palavra, apenas, com muita educação, fez uma profunda reverência ao corregedor e saiu da sala, e encontrou sua ama preocupada, esperando-a para saber o que o corregedor queria com ela. Costanza lhe contou o que havia acontecido, e como seu senhor ficava com ele para lhe contar não sabia que coisas que não queria que ela ouvisse. Isso não acalmou a hospedeira, e ela esteve rezando o tempo todo até que o corregedor se foi e viu seu marido sair livre, o qual, enquanto esteve com o corregedor, havia dito a ele:

– Hoje, senhor, segundo minhas contas, faz quinze anos, um mês e quatro dias que chegou a esta pousada uma senhora trajada de peregrina, numa liteira, acompanhada por quatro criados a cavalo e duas aias e uma criada, que vinham num coche. Trazia também dois burros de carga cobertos com duas ricas mantas com as armas de sua família, e carregados com uma linda cama e apetrechos de cozinha; enfim, um aparato de nobre, e a peregrina aparentava ser uma grande senhora; e, embora mostrasse ter uns quarenta anos ou pouco mais, nem por isso deixava de parecer formosa ao extremo. Vinha doente e pálida, e tão fatigada que mandou que lhe fizessem a cama imediatamente, e seus criados a fizeram nesta mesma sala. Perguntaram-me qual era o médico mais famoso desta cidade. Disse-lhes que era o doutor De La Fuente. Foram procurá-lo em seguida, e em seguida ele veio. A senhora falou a sós com ele sobre sua doença, e o que resultou da conversa foi que o médico mandou que lhe fizessem a cama em outro lugar, e onde não se ouvisse barulho algum. No mesmo instante a mudaram para outro aposento que fica aqui em cima, afastado, e com a comodidade que o doutor pedia. Nenhum dos criados entrou onde estava sua senhora, e somente as duas aias e a criada a serviam. Eu e minha mulher perguntamos aos criados quem era a senhora e como se chamava, de onde vinha e aonde ia, se era casada, viúva ou donzela e por que se vestia com aquela roupa de peregrina. A todas essas perguntas,

que fizemos muitas e muitas vezes, nenhum deles nos respondeu outra coisa que aquela peregrina era uma senhora nobre e rica de Castela, a Velha, e que era viúva, e que não tinha filhos que pudessem herdar; e como havia alguns meses estava doente de hidropisia tinha resolvido ir em romaria à Nossa Senhora de Guadalupe, e por isso ia vestida naqueles trajés. Quanto a seu nome, tinham ordem de chamá-la apenas por senhora peregrina. Isso soubemos então, mas, ao cabo de três dias, por causa da doença, a senhora continuava aqui em casa, e uma das aias chamou de sua parte a mim e minha mulher. Fomos ver o que queria e, a portas fechadas e diante de suas criadas, quase com lágrimas nos olhos, nos disse acredito que estas mesmas palavras:

“Meus senhores, os céus são testemunhas de que sem culpa minha me acho no rude transe que agora vos contarei. Eu estou grávida, e tão perto do parto que as dores já me atormentam. Nenhum dos criados que vêm comigo sabe de minha necessidade nem de minha desgraça; a estas minhas mulheres não pude nem quis ocultar nada. Para fugir dos olhos maliciosos de minha terra e para que a esta hora não me encontrasse nela, jurei ir à Nossa Senhora de Guadalupe; ela deve ter desejado que o parto fosse em vossa casa; a vós cabe agora me ajudar e me auxiliar, com o segredo que sua honra merece e põe em vossas mãos. O pagamento pelo favor que me fizerdes, pois assim quero chamá-lo, se não corresponder ao grande benefício que espero, pelo menos será suficiente para dar mostras de uma intenção muito agradecida; e quero que estes duzentos escudos de ouro que estão nesta bolsinha comecem a dar mostras de minha intenção.’

“E tirando de sob o travesseiro da cama uma bolsinha de bordado, verde e dourada, botou-a nas mãos de minha mulher, que, simplória, sem ver o que fazia, porque estava surpresa e embevecida com a peregrina, pegou a bolsinha sem responder uma palavra de agradecimento nem de cortesia alguma. Eu me lembro de que lhe disse que não era preciso nada daquilo, que não éramos pessoas que faziam o bem mais por interesse que por caridade. Ela prosseguiu dizendo:

“É necessário, meus amigos, que busqueis aonde levar quem vou parir daqui a pouco, buscando também mentiras para dizer a quem o entregardes, que por ora será na cidade, mas depois quero que o leve a uma aldeia. Sobre o que se tiver de fazer depois, querendo Deus me guiar e me levar a cumprir meu juramento, quando voltar de Guadalupe sabereis, porque o tempo me terá dado oportunidade de pensar e escolher o que melhor me convenha. Não preciso de parteira, nem a quero, pois outros partos mais honrados que tive me garantem que apenas com a ajuda dessas criadas superarei suas dificuldades e pouparei uma testemunha de minhas desgraças.”

“Aqui a pobre peregrina deu fim à sua explicação e começou um copioso pranto, que em parte foi consolado pelas muitas e compassivas palavras que minha mulher, já mais desperta, disse para ela. Enfim, eu saí em seguida para procurar aonde levar a criança que ia nascer, a qualquer hora que fosse; e entre as doze e a uma daquela mesma noite, quando todas as pessoas da casa estavam entregues ao sono, a boa senhora pariu uma menina, a mais formosa que meus olhos até então haviam visto, que é esta mesma que vossa mercê acaba de ver há pouco. Nem a mãe se queixou no parto nem a filha nasceu chorando; em todos havia calma e um silêncio maravilhoso, o que muito convinha ao segredo daquele caso estranho. Outros seis dias estive na cama, e em todos eles vinha o médico visitá-la, mas não porque ela lhe houvesse revelado a procedência de seu mal; e os remédios que ele receitava ela nunca tomou, porque pretendia apenas enganar seus criados com a visita do médico. Tudo isso ela mesma me disse depois que se viu fora de perigo, e dali a oito dias se levantou com o mesmo perfil, ou outro que se parecia àquele com que havia se deitado.

“Foi em sua romaria e voltou dali a vinte dias, já quase sã, porque pouco a pouco ia se desfazendo do artifício com que depois do parto se mostrava hidrópica. Quando voltou, a menina já tinha sido dada para criar por ordem minha, como se fosse minha sobrinha, numa aldeia a duas léguas daqui. No batismo lhe dei o nome de Costanza, pois assim me havia ordenado sua mãe; ela, contente com o que eu tinha feito, na hora da despedida me deu

uma corrente de ouro que tenho até hoje, da qual tirou seis pedaços, que seriam trazidos pela pessoa que viesse procurar a menina. Também cortou de forma denteada um pergaminho branco, como quando se cruzam as mãos e se escreve alguma coisa nos dedos – estando os dedos entrecruzados pode-se ler e depois, com as mãos separadas, as palavras ficam divididas, porque se dividem as letras que, se se cruzarem as mãos de novo, se juntam e correspondem de maneira que se podem ler normalmente. Digo que um pedaço do pergaminho serve de alma ao outro, e encaixados poderão ser lidos, mas não divididos, a não ser adivinhando uma das metades. E quase toda a corrente ficou em meu poder, e guardo tudo, esperando a contrassenha até agora, embora a senhora tenha me dito que dentro de dois anos enviaria alguém em busca da filha, encarregando-me que a criasse não como quem ela era, mas do modo que se costuma criar uma camponesa. Encarregou-me também de que, se por algum motivo não fosse possível enviar tão rápido alguém pela filha, mesmo que crescesse e chegasse a ter entendimento, não lhe falasse sobre o modo como havia nascido, e que a perdoasse por não me dizer seu nome nem quem era, pois o guardava para outra ocasião mais importante. Em resumo, dando-me outros quatrocentos escudos de ouro e abraçando minha mulher, partiu com lágrimas ternas, deixando-nos admirados com sua discricção, coragem, formosura e recato. Costanza ficou por dois anos na aldeia, e depois a trouxe comigo, e sempre a mantive usando roupas de camponesa, como sua mãe me ordenou. Quinze anos, um mês e quatro dias faz que aguardo a pessoa que deveria buscá-la, e a grande demora me consumiu a esperança de que venha; e se não vier neste ano em que estamos, decidi adotá-la e lhe dar todos os meus bens, que valem mais de seis mil ducados, Deus seja bendito.

“Agora, senhor corregedor, só resta falar a vossa mercê, caso eu saiba, sobre as qualidades e as virtudes de Costanza. A primeira e a principal: ela é devotíssima de Nossa Senhora; confessa e comunga todo mês. E sabe escrever e ler; não há maior rendeira em Toledo; em particular, canta como anjo; quanto a ser honesta não há outra igual, e no que se refere a ser formosa vossa mercê já viu. O senhor dom Pedro, filho de vossa mercê, jamais em sua vida lhe falou; é

bem verdade que de quando em quando lhe faz uma serenata, que ela nunca escuta. Muitos senhores, e nobres, hospedaram-se nesta pousada, e para vê-la adiaram de propósito sua viagem por muitos dias; mas bem sei que não há um que com sinceridade possa se gabar de que ela lhe tenha dado oportunidade de lhe dizer uma palavra só ou acompanhada. Esta é, senhor, a verdadeira história da ilustre fregona que não serve, na qual não me afastei um ponto da verdade.”

O hospedeiro se calou, e o corregedor demorou um bom tempo para lhe falar, tão surpreso o tinha deixado o caso que o hospedeiro havia contado. Por fim lhe disse que trouxesse a corrente e o pergaminho, que queria vê-los. O hospedeiro saiu e os trouxe, e o corregedor viu que era como ele havia dito. A corrente estava em pedaços, e era cuidadosamente trabalhada; no pergaminho estavam escritas, uma debaixo da outra, no espaço que havia de preencher o vazio da outra metade, estas letras: E T É S N L E D D I O, pelas quais viu ser forçoso que se juntassem com as da outra metade do pergaminho para poder ser entendidas. Considerou sensato o sinal do reconhecimento, e julgou por muito rica a senhora peregrina que havia deixado aquela corrente com o hospedeiro; e tendo a ideia de tirar daquela pousada a formosa moça quando houvesse arranjado um convento aonde levá-la, por ora contentou-se em levar apenas o pergaminho, encarregando o hospedeiro, caso viesse alguém procurar por Costanza, de lhe dar notícias antes de mostrar a corrente que deixava em seu poder. Com isso se foi tão admirado com a história e a adversidade da ilustre fregona quanto de sua incomparável formosura.

Todo o tempo que o hospedeiro gastou com o corregedor e o que Costanza ocupou quando a chamaram, Tomás esteve fora de si, a alma combatida por mil pensamentos descontraídos, sem topar com nenhum que lhe agradasse. Mas quando viu que o corregedor ia embora e Costanza ficava, seu espírito respirou e recobrou o ânimo, que o tinha quase desamparado. Não ousou perguntar ao hospedeiro o que o corregedor queria, nem o hospedeiro disse a ninguém além de sua mulher, com o que também ela voltou a si, dando graças a Deus que a tinha livrado de tão grande susto.

No dia seguinte, cerca da uma, chegaram à pousada, acompanhados por quatro homens a cavalo, dois cavaleiros anciãos de aparência venerável, tendo antes um dos dois criados que vinham a pé com eles perguntando se aquela era a pousada do Sevilhano; como responderam que sim, entraram todos. Os quatro apearam e foram ajudar os dois anciãos, sinal que demonstrou que eles eram vereadores. Costanza saiu com sua costumeira cortesia para ver os novos hóspedes, e mal um dos anciãos a viu, disse ao outro:

– Penso, senhor dom Juan, que achamos tudo aquilo que viemos procurar.

Tomás, que veio alimentar as cavalgadas, logo reconheceu os dois criados de seu pai e a seguir, seu pai e o pai de Carriazo, que eram os dois anciãos a quem os demais mostravam respeito. E, embora tenha se admirado da vinda deles, considerou que deviam estar indo em busca dele e de Carriazo nas almadras, pois não deveria ter faltado quem lhes houvesse dito que os encontrariam nelas, e não em Flandes; mas não se atreveu a se deixar ver naquele traje; antes, arriscando tudo, com a mão no rosto, passou diante deles e foi procurar Costanza, e quis a boa sorte que a encontrasse só, e apressado e com a língua confusa, medroso de que ela não o deixasse falar nada, disse:

– Costanza, um destes dois cavaleiros anciãos que chegaram agora é meu pai. É aquele que ouvirás chamar de dom Juan de Avendaño; informa-te com os criados dele se tem um filho que se chama dom Tomás de Avendaño, que sou eu, e daí poderás averiguar e deduzir que te disse a verdade sobre a condição de minha pessoa e sobre o quanto de minha parte te ofereci. E fica com Deus, que até que eles tenham ido embora não penso voltar a esta casa.

Costanza não lhe respondeu nada nem ele aguardou que respondesse, apenas, virando-se para sair, o rosto coberto como havia entrado, foi contar a Carriazo que seus pais estavam na pousada. O hospedeiro gritou por Tomás, para que viesse dar a cevada, mas como ele não apareceu, deu-a ele mesmo. Um dos dois anciãos chamou à parte uma das criadas galegas e perguntou como



se chamava aquela moça formosa que haviam visto, e se era filha ou parenta do hospedeiro ou da mulher dele. A Galega respondeu:

– A moça se chama Costanza; não é parenta do hospedeiro nem da hospedeira, nem sei o que é; só digo que quero que vá para os quintos, pois não sei o que tem que não dá canja nenhuma às criadas da casa. É verdade que temos a cara que Deus nos deu! Não entra hóspede que não pergunte logo quem é a formosa e não diga: “É bonita; bem-apeçoada; por Deus, não é má; azar das mais sabidas; que Deus a conserve assim!”. E a nós não há quem não diga: “Que tendes aí, diabos ou mulheres, ou o que sois?”.

– Se é assim – replicou o cavaleiro –, essa menina deve se deixar galantear e sovar pelos hóspedes.

– Ah, meu senhor – replicou a galega –, olhai bem o lado de montar! A menina é um doce para isso! Por Deus, senhor, se ao menos ela se deixasse ver, choveria ouro; é mais intratável que um porco-espinho; é uma papa-hóstias, passa os dias bordando e rezando. No Dia do Juízo eu queria trocar de lugar com ela. Minha ama diz que usa um cilício na cintura. Eu, hein, senhor?!

Contentíssimo com o que a Galega contou, o cavaleiro, sem esperar que lhe tirassem as esporas, chamou o hospedeiro e, retirando-se com ele para uma sala, disse:

– Eu, senhor hospedeiro, venho vos tirar uma prenda minha que faz alguns anos que tendes em vosso poder; para isso vos trago mil escudos de ouro, estes pedaços de corrente e este pergaminho.

E, dizendo isso, o vereador tirou os pedaços da corrente que trazia. O hospedeiro também reconheceu o pergaminho e, extremamente alegre com a oferta dos mil escudos, respondeu:

– Senhor, a prenda que quereis levar está em casa; mas não estão a corrente nem o pergaminho com que se deve provar a verdade que penso que vossa mercê trata; e assim, suplico-lhe que tenha paciência, que já volto.

E no mesmo instante foi avisar o corregedor do que se passava e de como dois cavaleiros, que estavam em sua pousada, procuravam por Costanza.

O corregedor acabava de comer, mas com o desejo que tinha de ver o fim daquela história, montou logo em seu cavalo e foi para a

pousada do Sevilhano, levando consigo o pergaminho da prova. E, mal tinha visto os dois cavaleiros, abriu os braços e foi abraçar um deles, dizendo:

– Valha-me Deus! Que bons ventos vos trazem, senhor dom Juan de Avendaño, meu primo e senhor?

O cavaleiro o abraçou também, dizendo:

– Sem dúvida, senhor meu primo, bons ventos me trouxeram, pois vos vejo e com a saúde que sempre vos desejo. Abraçai, primo, este cavaleiro, que é o senhor dom Diego de Carriazo, grande senhor e amigo meu.

– Já conheço o senhor dom Diego – respondeu o corregedor – e sou seu humilde criado.

E, abraçando-se os dois, depois de haverem se saudado com grande amor e grandes cortesias, entraram numa sala, onde ficaram a sós com o hospedeiro, que já tinha consigo a corrente, e disse:

– O senhor corregedor já sabe por que veio vossa mercê, senhor dom Diego de Carriazo; pegue vossa mercê os pedaços que faltam desta corrente, e o senhor corregedor pegará o pergaminho que está em seu poder, e façamos a prova que há tantos anos espero que se faça.

– Então – respondeu dom Diego – não haverá necessidade de explicar de novo ao senhor corregedor o motivo de nossa vinda, pois se verá com certeza que é pelo que vós, senhor hospedeiro, deveis ter dito.

– Disse alguma coisa, mas ficou muito por saber. O pergaminho, ei-lo aqui.

Dom Diego pegou o outro e, juntando as duas partes, fizeram uma, e às letras da parte que o hospedeiro tinha, que como se disse eram E T É S N L E D D I O, correspondiam à outra parte: S E O I A V R A E R; e todas juntas diziam: ESTE É O SINAL VERDADEIRO. Em seguida cotejaram os pedaços da corrente e acharam que encaixavam com exatidão.

– Isto está feito! – disse o corregedor. – Resta agora saber, se é possível, quem são os pais dessa formosíssima moça.

– O pai sou eu – respondeu dom Diego –, e a mãe já não vive; basta saber que foi tão nobre que eu poderia ser seu criado. E para

que, como se oculta seu nome, não se oculte sua reputação, nem se culpe o que nela parece um erro claro e culpa evidente, deve-se saber que a mãe dessa moça, sendo viúva de um grande cavaleiro, retirou-se para viver numa aldeia sua, e ali, com recato e com grandíssima compostura, vivia com seus criados e vassallos uma vida sossegada e tranquila. Quis a sorte que um dia, indo eu à caça na região de sua aldeia, desejei visitá-la, e era a hora da sesta quando cheguei à sua fortaleza, que assim se pode chamar sua grande casa. Deixei o cavalo com um criado meu; subi sem encontrar ninguém até o próprio aposento onde ela estava dormindo a sesta sobre um estrado negro. Era formosa ao extremo, e o silêncio, a solidão, a ocasião despertaram em mim um desejo mais atrevido que honesto, e sem pensar com sensatez fechei a porta às minhas costas, e me aproximando dela, acordei-a, e segurando-a firmemente lhe disse: “Não grite, minha senhora, pois os brados que vossa mercê der serão o anúncio de sua desonra. Ninguém me viu entrar neste aposento, pois minha sorte, para ser excelente ao vos possuir, choveu sono em todos os vossos criados, e quando eles acorrerem aos vossos gritos não poderão mais que me tirar a vida, e isso haverá de ser em vossos próprios braços, e nem com minha morte deixará vossa reputação de ficar à mercê da opinião pública”. Por fim, eu a possuí contra sua vontade e à força, pura e simplesmente. Ela, cansada, rendida e perturbada, não pôde ou não quis me dizer uma palavra, e eu, deixando-a como tonta e indecisa, saí de novo por onde entrei, e fui para a aldeia de outro amigo meu, que ficava a duas léguas da sua. Essa senhora se mudou daquele lugar para outro, e sem que eu jamais a visse, nem procurasse vê-la, passaram-se dois anos, ao cabo dos quais soube que estava morta. E deve fazer uns vinte dias que, com grande empenho, um administrador dessa senhora escreveu me chamando para tratar de coisa importante para minha felicidade e honra. Fui ver por que me chamava, sem nem imaginar o que me disse. Encontrei-o a ponto de morrer, e, para resumir, em rápidas palavras me disse como, na época em que morreu sua senhora, ela lhe contou tudo o que havia acontecido com ela, e como tinha ficado grávida daquela violação, e que para encobrir o volume da barriga havia ido em peregrinação a

Nossa Senhora de Guadalupe, e como tinha ganhado nesta casa uma menina, que havia de se chamar Costanza. Deu-me a corrente e o pergaminho que vistes para poder identificá-la. E deu-me também trinta mil escudos de ouro, que sua senhora deixou para casar sua filha. Disse-me ainda que não havia me dado tudo isso logo após a morte de sua senhora, nem me revelado o que ela confiou à sua confiança e segredo, por pura cobiça e poder se aproveitar daquele dinheiro, mas que, já que estava a ponto de ir prestar contas a Deus, por desencargo de consciência me dava o dinheiro e me avisava onde e como havia de achar minha filha. Recebi o dinheiro, o pergaminho e a corrente, e contando tudo isso ao senhor dom Juan de Avendaño, pusemo-nos a caminho desta cidade.

Dom Diego chegava a esse ponto, quando ouviram que na porta da rua diziam em grandes brados:

– Digam a Tomás Pedro, o moço da cevada, que levam preso o Asturiano, seu amigo; que corra ao cárcere, que o espera lá.

Às palavras cárcere e preso, o corregedor disse que entrassem o preso e o aguazil que o levava. Disseram ao aguazil que o corregedor estava ali e o mandava entrar com o preso, e assim teve de fazer.

O Asturiano vinha com todos os dentes banhados em sangue, todo estropiado, e muito bem seguro pelo aguazil; e mal entrou na sala, reconheceu seu pai e o de Avendaño. Perturbou-se e, para não ser reconhecido, cobriu o rosto com um pano fazendo de conta que limpava o sangue. O corregedor perguntou que havia feito aquele rapaz, que estava tão mal. O aguazil respondeu que aquele rapaz era um aguador que chamavam de Asturiano, a quem os meninos diziam pelas ruas: “Dá cá o rabo, Asturiano, dá cá o rabo!”. E em seguida, em rápidas palavras, contou a causa de lhe pedirem o rabo, do que todos não se riram pouco. Disse mais: que saindo pela ponte de Alcântara, os meninos atanzando-o com o pedido do rabo, havia apeado do burro e, correndo atrás deles todos, alcançou um, a quem deu uma sova que o deixou meio morto; e que querendo prendê-lo, havia resistido, e que por isso ia todo estropiado.

O corregedor mandou que o Asturiano descobrisse o rosto e, como teimasse em não se descobrir, o aguazil se aproximou e lhe tomou o lenço, e naquele momento seu pai o reconheceu e disse, todo alterado:

– Dom Diego, meu filho, como estás assim? Que roupas são estas? Ainda não te esqueceste de tuas picardias?

Carriazo caiu de joelhos e foi se pôr aos pés de seu pai, que, com lágrimas nos olhos, o abraçou por um bom tempo. Dom Juan de Avendaño, que sabia que dom Diego havia vindo com dom Tomás, seu filho, perguntou-lhe por ele, e ele respondeu que dom Tomás de Avendaño era o moço que distribuía a cevada e a palha naquela pousada. Com isso que o Asturiano disse, a admiração acabou de se apoderar de todos os presentes, e o corregedor mandou o hospedeiro trazer ali o moço da cevada.

– Acho que não está em casa – respondeu o hospedeiro –, mas vou procurá-lo.

E foi.

Dom Diego perguntou a Carriazo que transformações eram aquelas e o que os havia levado a ser aguador e criado de estalagem. A isso Carriazo respondeu que não podia responder àquelas perguntas assim em público, que ele responderia a sós.

Tomás Pedro estava escondido em seu quarto, para ver dali, sem ser visto, o que faziam seu pai e o de Carriazo. Estava intrigado com a vinda do corregedor e o alvoroço que grassava em toda a pousada. Não faltou quem dissesse ao hospedeiro que ele estava escondido ali. Então, o hospedeiro subiu e mais à força que por bom grado o fez descer; e mesmo assim não teria descido se o próprio corregedor não saísse ao pátio e o chamasse pelo nome, dizendo:

– Desça vossa mercê, senhor meu parente, que aqui não o aguardam nem ursos nem leões.

Tomás desceu, e com os olhos baixos e grande submissão caiu de joelhos diante de seu pai, que o abraçou com grandíssima alegria, como a que teve o pai do Filho Pródigo quando ele voltou para casa.

Nisso já havia vindo um coche do corregedor para levá-lo de volta, pois a grande festa não permitia voltar a cavalo. Mandou

chamar Costanza e, pegando-a pela mão, apresentou-a a seu pai, dizendo:

– Recebei, senhor dom Diego, esta prenda, e estimai-a como a mais rica que se pode desejar. E vós, formosa donzela, beijai a mão de vosso pai e dai graças a Deus, pois com tão honrado ato emendou, elevou e melhorou a baixeza de vossa condição.

Costanza, que não sabia nem imaginava o que lhe havia acontecido, aturdida e tremendo, não soube fazer outra coisa que se ajoelhar diante de seu pai e, tomando-lhe as mãos, começou a beijá-las ternamente, banhando-as com infinitas lágrimas que derramava por seus belíssimos olhos.

Enquanto isso acontecia, o corregedor havia convidado seu primo dom Juan a ir com todos à sua casa, e embora dom Juan se negasse, o corregedor foi tão persuasivo que teve de aceitar; e assim entraram todos no coche. Mas quando o corregedor disse a Costanza que entrasse também no coche, o coração dela se nublou, e Costanza e a hospedeira se agarraram uma na outra e começaram um pranto tão amargo que partiu o coração de quantos o escutavam. A hospedeira dizia:

– Como, filha do meu coração? Como te vais e me deixas? Como tens coragem de deixar esta mãe, que com tanto amor te criou?

Costanza chorava e respondia com palavras não menos ternas. Mas o corregedor, comovido, mandou que também a hospedeira entrasse no coche e que não se afastasse de sua filha, pois assim a considerava, até que saísse de Toledo. Assim a hospedeira e todos entraram no coche, e foram para a casa do corregedor, onde foram bem recebidos por sua mulher, que era uma senhora nobre. Comeram deliciosa e suntuosamente, e depois Carriazo contou a seu pai como, devido ao amor por Costanza, dom Tomás havia começado a trabalhar na estalagem, e que estava apaixonado de tal maneira por ela que, mesmo sem nem suspeitar ser ela tão nobre como era sendo sua filha, a tomara por sua mulher na condição de fregona. A mulher do corregedor em seguida vestiu Costanza com umas roupas de sua filha, que tinha a mesma idade e corpo de Costanza, e se ela parecia formosa com as de camponesa, com as de cortesã parecia coisa do céu; caíam-lhe tão bem que davam a

entender que desde que nasceu havia sido senhora e usado costumeiramente os melhores trajés.

Mas entre tanta gente alegre, não pôde faltar alguém triste, que foi dom Pedro, o filho do corregedor, que logo pensou que Costanza não haveria de ser sua, e realmente não foi, porque o corregedor e dom Diego de Carriazo e dom Juan de Avendaño resolveram que dom Tomás se casasse com Costanza, dando-lhe seu pai os trinta mil escudos que sua mãe havia lhe deixado, e que o aguador dom Diego de Carriazo casasse com a filha do corregedor, e dom Pedro, o filho do corregedor, com uma filha de dom Juan de Avendaño, que se oferecia para conseguir a dispensa do parentesco.<sup>46</sup>

Dessa maneira, todos ficaram contentes, alegres e satisfeitos, e a notícia dos casamentos e da aventura da fregona ilustre se espalhou pela cidade, e muita gente vinha ver Costanza com suas novas vestes, nas quais se mostrava tão senhora como foi dito. Viram o moço da cevada Tomás Pedro transformado em dom Tomás de Avendaño e vestido como senhor; notaram que Lope Asturiano era um gentil-homem depois que havia trocado de roupa e deixado o burro e os bebedouros; mas apesar de tudo, quando ia pela rua, com toda a sua pompa, não faltava quem lhe pedisse o rabo.

Estiveram um mês em Toledo e por fim voltaram a Burgos dom Diego de Carriazo, sua mulher e seu pai, e Costanza com seu marido dom Tomás, e o filho do corregedor, que quis ir conhecer sua parenta e esposa. Ficou o Sevilhano rico com os mil escudos e com muitas joias que Costanza deu à sua senhora, pois sempre chamava aquela que a havia criado por esse nome. A história da fregona ilustre foi a oportunidade para que poetas do dourado Tejo exercitassem suas penas ao festejar e exaltar a formosura sem-par de Costanza, que ainda vive em companhia de seu bom criado de estalagem, e Carriazo nem mais nem menos, com três filhos, que, sem seguirem o estilo do pai nem se lembrarem de que existem almadras no mundo, hoje estão estudando em Salamanca; e seu pai, mal vê um burro de aguador, tem vivo na memória o que teve em Toledo, e teme que quando menos espere há de aparecer de

repente em alguma sátira o “Dá cá o rabo, Asturiano! Asturiano, dá cá o rabo!”.

- 1 Alusão à obra Guzmán de Alfarache (1599, 1604), de Mateo Alemán. O Guzmán e o Lazarillo de Tormes são as obras fundadoras da narrativa picaresca.
- 2 Pequenas estalagens nos arredores da cidade, na estrada para Madri. Cenário conhecido na literatura picaresca.
- 3 Local de pesca de atum.
- 4 Lembre-se de Rinconete e Cortadillo levando compras em suas cestas de vime.
- 5 Começo de canção tradicional de estrada, com o sentido de “caminhando alegremente”.
- 6 Com exceção desta última, todas as outras são fontes da Madri da época e seus arredores.
- 7 Espécie de almofada de couro que se usava sobre as selas para se andar a cavalo mais comodamente. Às vezes, como é o caso aqui, tinha bolsos ou argolas.
- 8 “A pé”, uso burlesco da fórmula latina “ao pé da letra”.
- 9 Espécie de casaco semelhante ao gibão, com ou sem mangas, feito de couro de anta ou qualquer couro curtido.
- 10 Personagens históricos do baixo mundo. O conde aludido é o de Puñonrostro, conhecido pela dureza e rigor com que tratou os delinquentes da cidade. Mas Alonso Genís e Ribera foram condenados pelo conde de Priego.
- 11 A Audiência era um tribunal de pleitos. O cargo de assistente, em Sevilha, era o de corregedor.
- 12 Criada que faz o serviço mais rude da casa, especialmente na cozinha. Também criada que trabalha no campo, acrescenta Houaiss. Em espanhol, o termo é usado depreciativamente.
- 13 Os aldeões de Sayago, de língua peculiar e caráter tosco, são personagens cômicos do teatro popular e lopesco.
- 14 A Sangue de Cristo era a escada que subia do Zocodover à encosta do Carmen. Essa região de Toledo desapareceu com um incêndio durante a Guerra Civil.
- 15 Argüello significa pessoa mal alimentada, desmazelada, suja.
- 16 O Sacrário é o da Catedral; o engenho de Juanelo tirava a água do Tejo para a cidade; Vistas de Santo Agostinho: passeio com belas vistas perto do porto de São Martinho, hoje desaparecido; Horto do Rei: pomar próximo ao Tejo; a Vega é uma planície que fica diante do Horto do Rei, que segue o curso do rio.
- 17 Eco da doutrina clássica, originada na psicologia aristotélica, das três potências da alma: memória, entendimento e vontade.
- 18 Tinha-se péssima opinião dos galegos na época, geralmente emigrantes que trabalhavam como servos ou outras profissões desprezadas. A “moça galega” era



considerada um mostruário de quase todos os defeitos e vícios. As que trabalhavam em estalagens eram tidas como simples prostitutas.

19 Referência a Públio Ovídio Nasão e a suas Metamorfoses.

20 Cochilo de Cervantes, já que o hospedeiro devia chamar o rapaz de Lope Asturiano.

21 Pórcia e Penélope: símbolos da fidelidade. Minerva, da castidade.

22 Compás de la Mancebía. Zona de prostituição que, hoje, compreende a praça Molviedro e as ruas Castelar e Gamazo. E cômico porque "vivía" do Compás, onde tinha sua "coneira".

23 Danças muito populares. A sarabanda e a chacona eram consideradas muito lascivas, e a folia, de origem portuguesa, tinha homens vestidos de mulher.

24 Cervantes não tinha boa opinião sobre os hospitais na época.

25 Personificação da chacona no contexto de uma implícita genealogia das danças, daí que mais adiante seja chamada de indiana amulatada, quer dizer, originária do Novo Mundo. Não deixa de ter sua graça o fato de que um dos mais famosos compositores de chaconnes (forma entoada e cortesã da chacona) foi Johann Sebastian Bach. "Pésame" ou "Pésame dello" (Pêsames disso) e "Perra mora" também são danças populares. As coplas da "Perra mora" eram estas: "Diz, cadela moura, / diz, matadora, / por que me matas; / e sendo teu / tão mal me trata".

26 A sarabanda, considerada perigosa para os costumes públicos por teólogos e moralistas, foi proibida pelo Conselho de Castilha em 1630.

27 Dança trazida das Índias Ocidentais, popular na Espanha nos séculos XVI e XVII.

28 Referência a Saturno, deus que devorou os filhos.

29 Jove: Júpiter, o pai dos deuses.

30 Marte, deus da guerra, que tinha um caso com Vênus.

31 Os deuses Apolo e Vênus.

32 Mercúrio, mensageiro dos deuses.

33 A deusa Diana.

34 Donzela da Dinamarca é a confidente de Oriana em seus amores com o cavaleiro andante Amadis de Gaula.

35 Refere-se ao pai-nosso, à ave-maria, ao credo e à salve-rainha.

36 Palma, no sentido figurado de vitória, hoje raramente usado, tanto em espanhol como em português.

37 Punha-se azougue (mercúrio) nos ouvidos das cavalgaduras para que se mostrassem rápidas. Era conhecida trapaça usada por ciganos.

38 Máquina que captava água dos rios, com uma grande roda como de moinhos. A palavra açude descende dela.

39 Jogo em que as cartas têm outros valores.

40 Prata de lei é a prata misturada com cobre, liga com que eram feitas as moedas de quarto.

41 No original, literalmente: "O Asturiano, que era da propriedade do açúcar, que jamais gastou menestra, como diz o italiano, disse que ele toparia jogar".

Cervantes alude a dois ditados italianos: "Zuccherò non guastò mai vivanda" (algo como "o açúcar é comida que nunca estraga") e "mangia questa minestra o salta quella finestra" ("come esta sopa ou salta aquela janela"). A tradução preferiu apostar no ditado brasileiro.

42 Pastor que chegou a rei da Pérsia.

43 O episódio do rabo do burro era um conto popular.

44 Alusão à Hidra. Matar essa serpente foi o segundo trabalho de Hércules.

45 Periquito era diminutivo afetivo de Pedro.

46 A dispensa eclesiástica era necessária, porque os noivos eram primos.

**NOVELA  
DAS DUAS  
DONZELAS**



FICA A CINCO léguas da cidade de sevilha uma aldeia que se chama Castilblanco, e ao anoitecer, numa das muitas estalagens que há por lá, chegou um viajante montado num cuartago estrangeiro.<sup>1</sup> Não trazia criado algum e, sem esperar que lhe segurassem o estribo, saltou da sela com grande agilidade.

Logo ocorreu o hospedeiro, que era homem diligente e atencioso, mas não foi tão rápido que o viajante já não estivesse sentado num poial que havia na entrada, desabotoando com muita pressa os botões no peito e a seguir deixando cair os braços em ambos os lados com sinais claros de que desmaiava. A hospedeira, que era caritativa, aproximou-se dele e lhe salpicou o rosto com água, fazendo-o voltar a si; e ele, dando mostras de que lhe havia pesado que o tivessem visto assim, abotoou-se de novo, pedindo que lhe dessem logo um quarto onde se recolher e que, se possível, fosse sozinho.

A hospedeira disse que não havia mais que um em toda a casa e que tinha duas camas, e que era forçoso, se algum hóspede chegasse, acomodá-lo numa delas. O viajante respondeu que ele pagaria os dois leitos, viesse ou não algum hóspede. E, pegando um escudo de ouro, deu-o à hospedeira com a condição de que não desse a ninguém o leito vazio.

A hospedeira não se desagradou com o pagamento; ao contrário, prometeu fazer o que o viajante pedia, mesmo que o deão de Sevilha chegasse naquela noite em sua casa. Perguntou-lhe se queria jantar e ele respondeu que não, mas gostaria que cuidassem muito bem de seu cavalo. Pediu a chave do quarto e, levando consigo uns sacos grandes de couro, entrou nele, chaveou a porta, e, como se supôs depois, ainda escorou duas cadeiras nela.

Mal o viajante se trancou, reuniram-se o hospedeiro e a hospedeira, o criado que dava a cevada aos animais e outros dois vizinhos que por acaso se encontravam ali, e todos trataram da grande formosura e aparência elegante do novo hóspede, concluindo que jamais tinham visto tamanha beleza. Avaliaram-lhe a idade e concluíram que devia ter uns dezesseis ou dezessete anos. Deram voltas e mais voltas ao assunto do desmaio, como se diz, sobre o que o teria causado, mas como não chegaram a nada, ficaram na admiração da beleza do rapaz.

Os vizinhos foram para casa, o hospedeiro tratar do cavalo e a hospedeira preparar algo para o jantar, pois podiam chegar outros hóspedes. E não demorou muito, chegou outro, pouca coisa mais velho que o primeiro e não menos belo; e mal o viu, a hospedeira disse:

– Valha-me Deus! O que é isto? Por acaso anjos vêm pousar esta noite em minha casa?

– Por que diz isso a senhora hospedeira? – disse o cavaleiro.

– Por nada, não, senhor – respondeu a mulher –, apenas digo a vossa mercê que não apeie, porque não tenho cama para lhe dar, pois as duas que tinha foram ocupadas por um cavaleiro que está naquele quarto e me pagou pelas duas, embora não necessitasse mais que uma, para que ninguém entre no quarto. Acho que deve gostar da solidão, mas por Deus e por minha alma que não sei por quê, pois ele não tem cara nem aparência para se esconder, pelo contrário, tem-nas para que todo mundo veja e bendiga.

– É tão bonito assim, senhora hospedeira? – replicou o cavaleiro.

– E como! – disse ela. – É mais que bonito!

– Pegue aqui, moço – disse nessa altura o cavaleiro –, pois, mesmo que durma no chão, tenho de ver esse homem tão elogiado.

E, dando o estribo a um moço de mulas que vinha com ele, apeou e mandou que lhe dessem logo o jantar, e assim foi feito. E quando estava jantando, entrou o aguazil do povoado, como comumente acontece nos lugares pequenos, e sentou-se para conversar com o cavaleiro enquanto ele comia, e não deixou de mandar para dentro três copos de vinho entre uma palavra e outra e de roer um peito e uma coxa de perdiz que o cavaleiro lhe deu; e o

aguazil lhe pagou tudo apenas lhe pedindo notícias da corte e das guerras de Flandes e da descida do Turco, não esquecendo dos acontecimentos do Transilvano, que nosso Senhor o tenha.<sup>2</sup>

O cavaleiro jantava e calava, porque não vinha de lugar que pudesse lhe satisfazer a curiosidade. Nessas alturas o estalajadeiro já havia alimentado o quartago e se sentou para participar da conversa, e a provar de seu próprio vinho não menos tragos que o aguazil. E, a cada trago que empinava, virava e baixava a cabeça sobre o ombro esquerdo e elogiava o vinho, que botava nas nuvens, embora não se atrevesse a deixá-lo muito tempo nelas, para que não se aguasse. De assunto em assunto, voltaram aos elogios ao hóspede encerrado, e falaram do desmaio e retiro dele, e de que não quisera jantar coisa alguma. Avaliaram o luxo dos sacos de couro, a excelência do cavalo e as roupas de viagem vistosas que usava; tudo isso exigia vir com um criado que o servisse. Todas essas reflexões aticaram novo desejo de vê-lo, e o cavaleiro pediu ao estalajadeiro que desse um jeito para que ele fosse dormir na outra cama, e lhe daria um escudo de ouro por isso. Embora a cobiça do dinheiro levasse a vontade do estalajadeiro a aceitar, ele achou ser impossível, porque o quarto estava fechado por dentro, e não se atrevia a acordar o que dormia lá, e também porque havia pagado pelos dois leitos. O aguazil facilitou tudo, dizendo:

– O que se pode fazer é eu bater na porta dizendo que sou da Justiça, que por ordem do senhor alcaide trago esse cavaleiro para alojar nesta estalagem, e que não havendo outra cama, manda que se dê aquela. A isso o hóspede vai responder dizendo que o prejudicam, porque a cama já está alugada, e não há motivo para tirá-la de quem a tem. Com isso o estalajadeiro ficará desculpado, e vossa mercê conseguirá o que quer.

A todos pareceu bom o plano do aguazil, e por ele o curioso pagou quatro reais.

Logo o puseram em prática. Enfim, demonstrando grande emoção, o primeiro hóspede abriu a porta para a Justiça, e o segundo, pedindo-lhe perdão pelo transtorno que pelo visto lhe causavam, foi se deitar na cama desocupada. Mas o outro não lhe

respondeu uma palavra nem deixou que visse seu rosto, porque mal havia aberto a porta voltou para a cama e, com a cara virada para a parede, para não responder, fez de conta que dormia. O outro se deitou, esperando realizar seu desejo de manhã, quando se levantassem.

Era uma dessas noites longas e preguiçosas de dezembro, e o frio e o cansaço da viagem forçavam a procurar passá-la com tranquilidade, mas como o primeiro hóspede não a tinha, pouco depois da meia-noite começou a suspirar tão amargamente que com cada suspiro a alma parecia se despedir dele; e suspirou de tal maneira que, embora o segundo dormisse, acabou acordando com a voz queixosa do que se lamentava. E, admirado dos soluços com que acompanhava os suspiros, atentamente se pôs a escutar o que pelo visto murmurava para si mesmo. A peça estava escura e as camas bem separadas, mas nem por isso deixou de ouvir, entre outras palavras, estas, que, com voz debilitada e baixa, o primeiro hóspede queixoso dizia:

– Ai, infeliz! Aonde me leva a força imbatível de meu destino? Qual é meu caminho, ou que saída espero ter no intrincado labirinto em que me encontro? Ai, poucos e inexperientes anos, incapazes de pensar bem e ter um bom julgamento! Que fim pode ter esta minha peregrinação desconhecida? Ai, honra menosprezada! Ai, amor mal-agradecido! Ai, respeitos atropelados de pais e parentes honrados! E ai de mim mil e uma vezes, que me deixei levar à rédea solta por meus desejos! Oh, palavras fingidas, que me obrigastes a responder tão efetivamente com ações! Mas de quem me queixo, pobre de mim? Não fui eu a que quis se enganar? Não fui eu a que pegou, com suas próprias mãos, a faca com que cortei e joguei por terra meu crédito, com o que meus velhos pais tinham de meu valor? Oh, desleal Marco Antônio! Como é possível que nas doces palavras que me dizias viesse misturado o fel de tuas descortesias e desdéns? Onde estás, ingrato? Para onde foste, impiedoso? Responde-me, pois te falo; espera-me, pois te sigo; ampara-me, pois desfaleço; paga-me, pois me deves; socorre-me, pois tens muitas obrigações para comigo.



Calou depois de dizer isso, demonstrando nos ais e suspiros que os olhos não deixavam de derramar ternas lágrimas. O segundo hóspede escutou tudo com calmo silêncio, deduzindo pelas palavras que havia ouvido que sem dúvida alguma era uma mulher quem se queixava, coisa que lhe avivou mais o desejo de conhecê-la, e muitas vezes esteve disposto a ir à cama daquela que pensava ser mulher; e teria ido se naquele instante não percebesse que ela levantava e, abrindo a porta do quarto, gritava para o hospedeiro que lhe encilhasse o cavalo, porque queria partir. Depois de se deixar chamar um bom tempo, o estalajadeiro respondeu que sossegasse, porque ainda não passava da meia-noite, e que a escuridão era tanta que seria temeridade pôr-se a caminho. Com isso, aquietou-se e, fechando de novo a porta, lançou-se na cama de repente, dando um profundo suspiro.

Pareceu ao que escutava que seria bom lhe falar e oferecer a ajuda que poderia dar de sua parte, para obrigá-la com isso a se mostrar e lhe contar sua história lamentável, e então lhe disse:

– Com certeza, senhor gentil-homem, que se os suspiros que destes e as palavras que dissestes não me houvessem levado a condoer-me do mal de que vos queixais, poder-se-ia entender que eu careço de sentimento natural, ou que minha alma é de pedra e meu peito de bronze impenetrável; e, se essa compaixão que tenho por vós e o propósito que em mim nasceu de dedicar minha vida na reparação de vosso mal, caso ele a tenha, merece alguma cortesia em recompensa, rogo-vos que a useis comigo, declarando-me, sem me ocultar nada, a causa de vossa dor.

– Se esta dor não houvesse me aturdido – respondeu o que se queixava –, eu deveria me lembrar muito bem de que não estava sozinho neste quarto, e assim ter posto mais freio em minha língua e dado trégua a meus suspiros; mas, como castigo por ter me faltado a memória quando era tão importante tê-la, quero atender vosso pedido, porque revivendo a amarga história de minhas desgraças, talvez o novo sentimento acabe comigo. Mas, se realmente quereis me ouvir, deveis me jurar, mesmo que eu diga certas coisas, pela fé que demonstrastes na oferta que fizestes e por quem sois vós (já que prometeis muito, como vossas palavras revelam), que não

haveis de vos mover de vosso leito, nem vir ao meu, nem me perguntar mais nada além do que eu quizer vos dizer, porque, se fizerdes o contrário disso, no instante em que eu perceba que vos moveis, atravessarei o peito com uma espada que tenho à cabeceira.

O outro, que prometera mundos e fundos para saber o que tanto desejava, respondeu que não avançaria um ponto além do que havia pedido, garantindo isso com mil juramentos.

– Com essa promessa, então – disse o primeiro –, eu farei o que até agora não fiz, que é prestar contas de minha vida a alguém; portanto, escutai. Deveis saber, senhor, que eu, que entrei nesta pousada em trajes de homem, como sem dúvida vos terão dito, sou uma pobre donzela, pelo menos uma que o foi não faz oito dias, e o deixou de ser por descuidada e louca, e por acreditar nas palavras bonitas e enfeitadas de homens desleais. Meu nome é Teodósia; minha pátria, uma ilustre aldeia desta Andaluzia, cujo nome calo, porque não vos importa tanto sabê-lo como a mim ocultá-lo; meus pais são nobres e mais que medianamente ricos, os quais tiveram um filho e uma filha: ele para descanso e honra sua, e ela para o contrário disso tudo. A ele enviaram a Salamanca para estudar; a mim mantinham em sua casa, onde me criavam com o recolhimento e recato que suas virtude e nobreza pediam, e eu, sem desgosto algum, sempre fui obediente a eles, ajustando minha vontade à sua sem a contrariar em um só ponto, até que minha pouca sorte ou minha desenvoltura excessiva botaram sob meus olhos o filho de um vizinho nosso, mais rico que meus pais, e tão nobre como eles. Quando o vi pela primeira vez, não senti outra coisa além de satisfação de tê-lo visto; e não foi muito, porque suas roupas, elegância, rosto e costumes eram dos mais elogiados e estimados no lugar, com sua rara inteligência e cortesia. Mas de que me serve elogiar meu inimigo, nem ir espichando com palavras meu caso tão infeliz ou, digamos melhor, o princípio de minha loucura? Enfim, digo que ele me viu muitas e muitas vezes de uma janela que fica em frente a uma minha. Dali, pelo que me pareceu, enviou-me a alma pelos olhos, e os meus, com uma alegria diferente da primeira vez, gostaram de olhá-lo, e até me forçaram a acreditar que eram puras verdades quanto lia em seu rosto e em seus gestos. A visão foi a

intercessora e intermediária da fala; a fala, de declarar seu desejo; seu desejo, de acender o meu e de tornar crível o seu. A todas essas se chegou às promessas, aos juramentos, às lágrimas, aos suspiros, e a tudo aquilo que penso que um apaixonado verdadeiro pode fazer para demonstrar a integridade de sua vontade e a firmeza de seu coração, e em mim, infeliz, que jamais em semelhantes situações e transes havia me visto, cada palavra era um tiro de artilharia que derrubava parte da fortaleza de minha honra; cada lágrima era um fogo em que se ardia meu decoro; cada suspiro, um vento furioso que aumentava o incêndio, de tal modo que acabou por consumir a virtude que até então ainda não havia sido tocada. E por fim, com a promessa de ser meu esposo, apesar de seus pais, que para outra o queriam, deu por terra com todo o meu pudor, e sem saber como me entreguei a seu poder às escondidas de meus pais, sem ter outro testemunho de meu desatino que um pajem de Marco Antônio, que esse é o nome do atormentador de meu sossego; e apenas tomou posse do que queria de mim, dali a dois dias desapareceu da aldeia sem que seus pais (nem outra pessoa qualquer) soubessem dizer nem imaginar aonde havia ido. Como eu fiquei, diga-o quem tem poder para dizê-lo, pois eu não sei nem soube mais que sentir. Castiguei meus cabelos, como se eles tivessem a culpa de meu erro; martirizei meu rosto, por me parecer que ele havia sido o causador de minha desventura;<sup>3</sup> amaldiçoei minha sorte; acusei minha decisão apressada; derramei muitas e infinitas lágrimas; quase me vi sufocada entre elas e entre os suspiros que saíam de meu peito ferido; queixei-me em silêncio ao céu; dei tratos à imaginação para ver se descobria algum caminho ou senda para minha reparação, e o que pensei foi me vestir de homem e ir embora da casa de meus pais em busca desse enganador, segundo Eneias, esse cruel e falso Vireno, esse espoliador de minhas boas intenções e legítimas e bem fundadas esperanças.<sup>4</sup> E assim, sem me aprofundar muito em meus pensamentos, o acaso me oferecendo um traje de viagem de meu irmão e um cavalo de meu pai, que eu encilhei, numa noite escuríssima saí de casa com a intenção de ir a Salamanca, aonde,

conforme se disse depois, acreditavam que Marco Antônio pode ter ido, porque também é estudante e amigo de meu irmão, de quem vos falei. Também não deixei de pegar uma quantidade de dinheiro em ouro para tudo aquilo que possa me acontecer em minha viagem irrefletida. E o que mais me angustia é que meus pais irão me seguir e me achar por causa dos indícios do traje e do cavalo; e, quando não temo isso, temo meu irmão que está em Salamanca, pois, se eu for reconhecida por ele, já se pode imaginar o perigo que corre minha vida; porque mesmo que ele ouça minhas desculpas, o menor ponto de sua honra passa por quanta honra eu possa lhe proporcionar.<sup>5</sup> Contudo, minha principal determinação é, mesmo que perca a vida, procurar o desalmado de meu esposo, pois não pode negar sê-lo sem que o desminta a joia que deixou em meu poder, um anel de diamantes com umas palavras que dizem: "Marco Antônio é esposo de Teodósia". Se o encontrar, saberei dele o que achou em mim que tão logo o levou a me deixar, e, enfim, farei com que cumpra a palavra prometida e o juramento, ou lhe tirarei a vida, mostrando-me tão rápida na vingança como fui fácil ao me deixar afrontar; porque a nobreza do sangue que meus pais me deram vai despertando em mim brios que me prometem ou uma solução para meu agravo, ou a vingança. Essa é, senhor cavaleiro, a verdadeira e infeliz história que desejáveis saber, que será desculpa suficiente pelos suspiros e palavras que vos despertaram. O que vos rogo e suplico é que, já que não podereis me ajudar, pelo menos me aconselheis sobre como evitar os perigos que me acossam e acalmar o temor que tenho de ser achada, e facilitar os meios que devo usar para conseguir o que tanto desejo e necessito.

Um bom pedaço de tempo estive sem responder uma palavra o rapaz que havia escutado a história da apaixonada Teodósia, tão grande que ela pensou que estava adormecido e que não havia ouvido coisa nenhuma, e, para se certificar do que suspeitava, disse:

– Dormis, senhor? E não seria mau se dormísseis, porque o apaixonado que conta suas desgraças a quem não as sente causa mais sono que pena em quem o ouve.

– Não durmo – respondeu o cavaleiro –, pelo contrário, estou tão acordado e sinto tanto vossa desventura que não sei dizer se me angustia e dói no mesmo grau que em vós mesma, e por essa causa o conselho que me pedis não ficará apenas em vos aconselhar, mas em vos ajudar com tudo aquilo que minhas forças alcançarem; pois como na maneira que tivestes ao me contar vosso caso transpareceu o raro entendimento de que sois dotada, portanto deve ter vos enganado mais vossa vontade rendida que as persuasões de Marco Antônio, no entanto quero tomar por desculpa de vosso erro vossos poucos anos, nos quais não cabe ter experiência dos muitos enganados dos homens. Acalmai-vos, senhora, e dormi, se puderdes, o pouco que deve restar da noite, que, vindo o dia, nós dois nos aconselharemos e veremos que saída se poderá dar à vossa reparação.

Teodósia lhe agradeceu o melhor que pôde e procurou se acalmar um pouco para que o cavaleiro pudesse dormir, o que não foi possível; ao contrário, ele começou a se remexer na cama e a suspirar de maneira que forçou Teodósia a lhe perguntar o que era que sentia, se era algum padecimento em que ela pudesse ajudar, ajudaria com a mesma boa vontade com que ele havia se oferecido a ela. A isso o cavaleiro respondeu:

– Como sois vós, senhora, a causa da inquietação que haveis percebido em mim, não sois vós quem podereis me ajudar, pois, se o fosse, eu não sofreria aflição alguma.

Teodósia não conseguiu entender para onde aquelas palavras confusas se encaminhavam, mas suspeitou no entanto que alguma paixão amorosa angustiava o cavaleiro, e pensou também ser ela a causa, e era de suspeitar e de pensar, pois a conveniência do aposento, a solidão e a escuridão, mais o fato de saber que ela era mulher eram suficientes para haver despertado nele algum mau pensamento. E, com medo disso, vestiu-se com grande pressa e em total silêncio, e agarrou-se à sua espada e adaga, e daquela maneira, sentada na cama, ficou à espera do dia, que dali a pouco tempo deu sinais de sua vinda com a luz que entrava pelas muitas janelas e frestas que têm os quartos das estalagens e pousadas. O

cavaleiro havia feito a mesma coisa que Teodósia e, mal viu o quarto cortado pela luz do dia, levantou-se da cama, dizendo:

– Levantai-vos, senhora Teodósia, que eu quero vos acompanhar nesta jornada, e não sair de vosso lado até que tenhais como legítimo esposo vosso Marco Antônio ou que ele ou eu percamos a vida; e aqui vereis a obrigação e vontade em que me pôs vossa desgraça.

E, dizendo isso, abriu as janelas e portas do quarto.

Teodósia desejava a claridade para poder ver que aspecto e aparência tinha aquele com quem estivera falando toda a noite. Mas, quando olhou para ele e o reconheceu, gostaria que jamais houvesse amanhecido e sim que ali, em noite perpétua, seus olhos houvessem se fechado, porque mal o cavaleiro virou os olhos para olhá-la, ela reconheceu seu irmão, a quem tanto temia – à visão dele quase perdeu a dos próprios olhos, e ficou paralisada e muda, e sem cor no rosto. Mas, tirando coragem do medo e prudência do perigo, levando a mão à adaga, pegou-a pela ponta e foi se ajoelhar diante de seu irmão, dizendo com voz atordoada e medrosa:

– Toma, meu senhor e querido irmão, e castiga com esta adaga o erro cometido, reparando teu desgosto, pois para tão grande culpa como a minha não fica bem que misericórdia alguma me defenda. Eu confesso meu pecado, e não quero que meu arrependimento me sirva de desculpa. Apenas te suplico que a pena seja de modo que me tire a vida, mas não a honra, pois, mesmo que eu a tenha posto em evidente perigo, ao fugir da casa de meus pais, minha reputação permanecerá se o castigo que me deres for secreto.

Seu irmão a olhava, e embora a desenvoltura de seu atrevimento o incitasse à vingança, as palavras tão ternas e tão eficazes com que manifestava sua culpa abrandaram-lhe de tal modo o coração que, com o semblante pacífico e agradável, levantou a irmã do chão como pôde e soube, dizendo-lhe, entre outras coisas, que por não achar castigo igual à sua loucura, por ora ele o adiava; por isso, então, tanto como por lhe parecer que o destino ainda não havia fechado totalmente as portas de sua reparação, queria antes procurá-la por todos os meios possíveis, em vez de partir para a vingança da afronta que o atingia devido à sua grande leviandade.

Com essas palavras Teodósia recobrou de novo o ânimo perdido; a cor voltou a seu rosto e renasceram suas quase mortas esperanças. Dom Rafael – pois assim se chamava seu irmão – não quis mais falar de seu caso. Disse-lhe apenas que trocasse o nome Teodósia por Teodoro e que fossem logo para Salamanca, os dois juntos, procurar Marco Antônio, mesmo achando que ele não estava lá, porque sendo seu amigo teria lhe falado, embora pudesse ser que a afronta que lhe havia feito lhe emudecesse e lhe tirasse a vontade de vê-lo. O novo Teodoro se conformou com o que seu irmão queria. Nisso chegou o hospedeiro, a quem ordenaram que lhes desse algo para o desjejum, porque queriam partir em seguida.

Enquanto o moço das mulas encilhava os animais e vinha o desjejum, entrou na estalagem um fidalgo que vinha de viagem, que foi reconhecido imediatamente por dom Rafael. Teodoro também o conhecia e não ousou sair do quarto para não ser visto. Os dois se abraçaram, e dom Rafael perguntou ao recém-chegado que novas trazia de sua aldeia. Ele respondeu que vinha do Porto de Santa Maria, onde deixara quatro galeras de partida para Nápoles, e que havia visto Marco Antônio Adorno, o filho de dom Leonardo Adorno, embarcando numa delas, notícia que alegrou dom Rafael, parecendo-lhe que saber de modo tão inesperado notícias do que tanto lhe interessava era sinal de que aquele caso teria bom fim. Pediu a seu amigo que trocasse o quartago de seu pai pela mula que trazia, não lhe dizendo que vinha de Salamanca, mas que ia para lá, e que não queria levar cavalo tão bom em viagem tão longa. O outro, que era prudente e amigo seu, concordou com a troca e se encarregou de entregar o cavalo a seu pai. Fizeram o desjejum juntos, e Teodoro sozinho, e, chegado o momento de partir, o amigo tomou o caminho para Cazalla, onde tinha uma rica fazenda.

Dom Rafael não partiu com o amigo e, para escapar dele, disse que lhe convinha voltar a Sevilha naquele dia; e assim que o viu ir, estando as cavalgadas prontas, feita a conta e pago o hospedeiro, dizendo adeus, saíram da pousada, deixando admirados a quantos ficavam nela com sua formosura e galante disposição, pois dom Rafael não tinha como homem menos graça, brio e compostura que sua irmã tinha de beleza e elegância.

Logo depois de saírem, dom Rafael contou à sua irmã as notícias de Marco Antônio que seu amigo havia lhe dado, e que achava que deviam ir com a rapidez possível até Barcelona, onde em geral as galeras que vão para a Itália ou vêm para a Espanha costumam parar alguns dias, e que se não houvessem chegado, poderiam esperá-las, e ali sem dúvida encontrariam Marco Antônio. Sua irmã disse que fizessem tudo aquilo que ele achasse melhor, porque ela não tinha mais vontade que a dele.

Dom Rafael disse ao moço de mulas que estava com ele que tivesse paciência, porque lhe convinha ir para Barcelona, garantindo-lhe pagamento satisfatório pelo tempo que com ele andasse. O moço, que era dos alegres do ofício e que sabia que dom Rafael era generoso, respondeu que o acompanharia e o serviria até o fim do mundo. Dom Rafael perguntou à sua irmã quanto dinheiro levava. Respondeu que não tinha contado, e que só sabia que havia metido a mão na gaveta de seu pai sete ou oito vezes, tirando-a cheia de escudos de ouro; e por isso dom Rafael avaliou que podia ter uns quinhentos escudos, que, com outros duzentos que ele tinha e uma corrente de ouro que levava, pareceu-lhe não ir muito despreparado, sem falar que estava convencido de que ia encontrar Marco Antônio em Barcelona.

Com isso, apressaram-se a andar, sem perder uma jornada, e, sem que houvesse nenhum imprevisto ou empecilho, chegaram a duas léguas de uma aldeia que fica a nove de Barcelona, que se chama Igualada. Souberam pelo caminho que um cavaleiro que viajava como embaixador para Roma estava em Barcelona esperando as galeras, que ainda não haviam chegado; essa notícia os deixou muito contentes. Satisfeitos assim, andaram até entrar num pequeno mato que ficava no caminho, do qual viram sair um homem correndo e olhando para trás, como que espantado. Dom Rafael se pôs diante dele, dizendo-lhe:

– Por que fugis, bom homem? Que coisa vos aconteceu que pareceis tão amedrontado e tão ligeiro?

– Não quereis que corra depressa e com medo – respondeu o homem – se por milagre escapei de uma quadrilha de bandoleiros que está neste mato?



– Isso é mau, muito mau – disse o moço de mulas. – Deus nos livre! Bandidinhos a estas horas? Minha nossa, se nos pegam nos botam pelo avesso.

– Não vos preocupeis, meu caro – replicou o homem do mato –, que os bandoleiros já foram embora e deixaram amarrados às árvores mais de trinta viajantes, largando-os sem tostão. Deixaram apenas um homem livre para que desatasse os demais depois que eles tivessem ultrapassado um morro que indicaram como limite.

– Se é assim – disse Calvete, que esse era o nome do moço de mulas –, com certeza podemos passar, porque os bandoleiros não voltam por alguns dias ao lugar que assaltam, e posso garantir isso como quem esteve duas vezes em suas mãos e sabe de cor e salteado seus usos e costumes.

– É assim mesmo – disse o homem.

Dom Rafael ouviu tudo e resolveu seguir em frente. E não andaram muito quando deram com os amarrados, que passavam de quarenta e estavam sendo desamarrados pelo homem que ficara solto. Era um espetáculo estranho vê-los: uns, nus de todo; outros, vestidos com os farrapos dos bandoleiros; uns, chorando por se verem roubados; outros, rindo por ver as roupas esquisitas de alguns; este contava em detalhes o que tinham levado dele; aquele dizia que sentia mais por um ágnus-dei que trazia de Roma que por outras inúmeras coisas que lhe levaram. Enfim, tudo o que acontecia ali eram choros e gemidos dos pobres despojados. Os dois irmãos olhavam tudo, não sem muita dor, dando graças ao céu que os tinha livrado de perigo tão grande e imediato. Mas o que mais os compadeceu, especialmente a Teodoro, foi ver amarrado ao tronco de uma azinheira um rapaz de uns dezesseis anos, apenas com a camisa e uns calções de linho, mas tão formoso de rosto que movia ou até forçava a todos a olhá-lo.

Teodoro apeou para desatá-lo, e ele lhe agradeceu com palavras muito corteses o favor, e para tornar o favor maior ainda, Teodoro pediu a Calvete, o moço de mulas, que lhe emprestasse sua capa até que na primeira aldeia comprassem outra para aquele belo rapaz. Calvete a deu, e Teodoro cobriu com ela o moço, perguntando-lhe de onde era, de onde vinha e para onde ia.

Dom Rafael presenciava tudo isso, e o moço respondeu que era da Andaluzia e de uma aldeia que, ao nomeá-la, viram que ficava apenas a duas léguas da sua. Disse que vinha de Sevilha e que seu plano era ir para a Itália tentar a sorte no exercício das armas, como muitos outros espanhóis faziam; mas que sua sorte dera azar com o mau encontro com os bandoleiros, que lhe levaram uma boa quantidade de dinheiro e roupas tão boas que não se comprariam com trezentos escudos; mas que apesar disso tudo pensava prosseguir seu caminho, porque não descendia de casta que deixaria esfriar o calor de seu fervoroso desejo ao primeiro contratempo.

As palavras esperançosas do rapaz, somadas ao fato de que era de uma aldeia próxima à deles e à carta de recomendação que apresentava sua formosura, levaram os dois irmãos a pensar em ajudá-lo o quanto pudessem. E, repartindo algum dinheiro entre os que em sua opinião mais precisavam, especialmente entre frades e clérigos, pois havia mais de oito, fizeram com que o rapaz montasse a mula de Calvete, e sem se deter mais, em pouco tempo chegaram a Igualada, onde souberam que as galeras haviam chegado um dia antes a Barcelona, e que dali a dois dias partiriam, se antes não as obrigasse a segurança da praia.

Essas notícias fizeram com que madrugassem na manhã seguinte antes que o sol, apesar de que naquela noite não a dormiram toda, passada com mais preocupações do que os irmãos pensavam, porque, estando na mesa, e com eles o rapaz que haviam desamarrado, Teodoro cravou fixamente os olhos no rosto dele e, olhando-o com alguma curiosidade, achou que tinha as orelhas furadas, e por isso e pelo olhar envergonhado que tinha suspeitou que devia ser mulher, e desejava acabar de jantar para a sós se certificar de sua suspeita. E, durante o jantar, dom Rafael lhe perguntou de quem era filho, porque ele conhecia todos os nobres de sua aldeia, se era a que havia mencionado. A isso o rapaz respondeu que era filho de dom Enrique de Cárdenas, cavaleiro bem conhecido. Dom Rafael disse que conhecia dom Enrique de Cárdenas muito bem, mas que sabia com certeza que não tinha filho algum, porém se ele dissera isso para ocultar seus pais não havia problema e que nunca mais lhe perguntaria.

– É verdade – replicou o rapaz – que dom Enrique não tem filhos, mas um irmão seu que se chama dom Sancho tem.

– Esse também não tem filhos – respondeu dom Rafael –, mas apenas uma filha, e dizem ainda que é uma das mais formosas donzelas que há na Andaluzia, e sei disso apenas por ouvir dizer, pois, embora tenha estado em sua aldeia muitas vezes, jamais a vi.

– Tudo o que dizeis é verdade, senhor – respondeu o rapaz –, pois dom Sancho não tem mais que uma filha, mas não tão formosa como a fama que corre; e, se eu disse que era filho de dom Enrique, foi para que tivessem alguma consideração por mim, senhores, pois não sou mais que um administrador de dom Sancho que o serve há muitos anos, e eu nasci em sua casa, e por certo desgosto que causei a meu pai, tendo pegado dele grande quantidade de dinheiro, quis ir para a Itália, como vos disse, e seguir o caminho da guerra, pelo qual vêm a se tornar ilustres os de linhagem mais obscura, conforme vi.

Teodoro prestava atenção em todas essas palavras e ao modo como o rapaz as dizia, e ia confirmando sua suspeita cada vez mais.

Acabou o jantar, tiraram a mesa, e, enquanto dom Rafael se despia, tendo Teodoro falado de sua suspeita, com seu conselho e licença se afastou com o rapaz para a sacada de uma ampla janela que dava para a rua, e lá, os dois debruçados no parapeito, Teodoro começou a falar assim com o rapaz:

– Gostaria, senhor Francisco – pois assim ele havia dito que se chamava –, de vos ter feito tantas mercês que vos obrigasse a não me negar coisa alguma que eu pudesse ou quisesse vos pedir, mas como faz pouco tempo que vos conheço não houve oportunidade para isso. Poderia ser que no futuro percebêsseis o que merece meu desejo, e, se ao que tenho agora não vos agradais satisfazer, nem por isso deixarei de ser vosso servidor, como o sou também antes que vós o descubrais. Sabei que embora eu tenha tão poucos anos como os vossos, tenho mais experiência das coisas do mundo que eles prometem, pois com ela vim a suspeitar que vós não sois homem, como vosso traje mostra, mas mulher, e tão bem-nascida como vossa formosura anuncia, e talvez tão infeliz como o dá a entender a troca de traje, pois jamais tais trocas são pelo bem de

quem as faz. Se for verdade o que suspeito,izei-me, que vos juro, pela fé de cavaleiro que professo, de vos ajudar e vos servir em tudo aquilo que puder. Não podeis me negar que sois mulher, pois pelos furos de vossas orelhas se vê essa verdade com muita clareza, e andastes descuidada em não fechá-los e dissimulá-los com alguma cera avermelhada, pois poderia ser que outro tão observador como eu, mas não tão honrado, percebesse o que vós soubestes ocultar tão mal. Digo que não duvideis em me dizer quem sois, dando por certo que vos ofereço minha ajuda. Eu vos garanto manter o segredo que quiserdes.

O rapaz estava escutando com grande atenção o que Teodoro dizia e, vendo que se calava, antes de responder uma palavra, pegou as mãos de Teodoro e, aproximando-as da boca, beijou-as à força, e ainda as banhou com grande quantidade de lágrimas que de seus formosos olhos derramava, o que causou em Teodoro um estranho sentimento, de modo que ele não pôde deixar de acompanhar suas lágrimas (condição própria e natural de mulheres nobres, enternecer-se pelos sentimentos e tribulações alheios). Mas, depois que afastou com dificuldade suas mãos da boca do rapaz, Teodoro ficou atento para ver o que lhe respondia, e ele, dando um profundo gemido, acompanhado de muitos suspiros, disse:

– Não quero nem posso vos negar, senhor, que vossa suspeita não tenha sido verdadeira; sou mulher, e a mais desgraçada que uma mãe botou no mundo, e as mercês que me fizestes e as promessas que me fazeis me obrigam a vos obedecer em tudo que me mandardes. Escutai, que eu vos direi quem sou, se já não vos cansa ouvir as desventuras alheias.

– Nelas viva eu sempre – replicou Teodoro –, se o prazer de ouvi-las não chegue à pena que me darão por ser vossas, pois eu as vou sentindo como minhas.

E, abraçando-o de novo e pondo-se novamente e com sinceridade à sua disposição, o rapaz, um pouco mais calmo, começou a dizer estas palavras:

– No que se refere à minha pátria, disse a verdade; no que se refere a meus pais, não a disse, porque dom Enrique é apenas meu tio e seu irmão, dom Sancho, é que é meu pai, pois eu sou a filha

infeliz que vosso irmão diz que dom Sancho tem tão celebrada pela formosura, cujo engano e desengano podem se ver em minha total falta de beleza. Meu nome é Leocádia; por que troquei de traje ouvireis agora. A duas léguas de minha aldeia fica outra das mais ricas e ilustres da Andaluzia, onde vive um cavaleiro nobre, que descende dos nobres e antigos Adorno de Gênova. Este tem um filho que, se não é que a fama se adianta em seus elogios, como nos meus, é dos gentis-homens que se podem desejar. Este, pois, tanto pela proximidade das aldeias como por ser um entusiasta da caça, como meu pai, algumas vezes vinha à minha casa, e nela ficava cinco ou seis dias, e todos, e ainda parte das noites, ele e meu pai passavam no campo. Essa circunstância foi suficiente para que o destino, ou o amor, ou minha falta de prevenção me derrubasse da altura de minhas boas intenções à baixeza do estado em que me vejo, pois havendo olhado mais do que era lícito a uma donzela recatada a beleza e inteligência de Marco Antônio, e considerando a qualidade de sua linhagem e a grandeza de seus bens que chamam riqueza que seu pai tinha, pareceu-me que, se o conseguisse como esposo, seria toda a felicidade que podia caber em meu desejo. Com esse pensamento, comecei a olhá-lo mais cuidadosamente, e sem dúvida deve ter sido com mais descuido, pois ele veio a perceber que eu o olhava, e o traidor não quis nem lhe foi necessário outro sinal para entrar no segredo de meu peito e me roubar as melhores prendas de minha alma. Mas não sei para que me ponho a vos contar, senhor, ponto por ponto, as miudezas de meus amores, pois mal vêm ao caso, em vez de vos dizer logo o que ele com muita solicitude granjeou comigo, que foi que, havendo me dado sua fé e palavra, debaixo de grandes e, em minha opinião, firmes e cristãos juramentos de ser meu esposo, ofereci-me a que fizesse de mim tudo o que quisesse. Mas ainda não muito satisfeita com seus juramentos e palavras, para que não os levasse o vento, fiz com que as escrevesse num papel que ele me deu assinado com seu nome, com tantos compromissos e obrigações, que me deixou satisfeita. Recebido o papel, dei um jeito para que viesse uma noite de sua aldeia à minha e saltasse os muros do jardim para meu quarto, onde

sem sobressalto algum poderia colher o fruto que estava destinado só para ele. Chegou enfim a noite por mim tão desejada.

Até esse ponto Teodoro estava calado, a alma pendente das palavras de Leocádia, que com cada uma delas lhe trespassava o peito, principalmente quando ouviu o nome de Marco Antônio e viu a peregrina formosura de Leocádia, e considerou a grandeza de sua coragem e sua rara inteligência, que demonstrava com clareza no modo de contar sua história. Mas, quando disse “chegou a noite por mim tão desejada”, esteve para perder a calma e, sem poder fazer outra coisa, adiantou-se a suas palavras, dizendo:

– E então, que fizestes quando chegou essa noite felicíssima? Por acaso ele entrou? Vós vos entregastes a ele? Ele jurou de novo o que havia no papel? Ficou contente por ter alcançado de vós o que dizeis que era seu? Vosso pai soube ou em que foi parar início tão prudente e sábio?

– Veio parar – disse Leocádia – em me deixar do modo que me vedes, pois não me entreguei a ele, nem ele me possuiu, nem veio ao encontro combinado.

Teodósia respirou com essas palavras e recuperou a cabeça, que pouco a pouco ia perdendo, incitada e espicaçada pela raivosa pestilência do ciúme, que rapidamente ia entrando em seus ossos e medulas para dominar por completo sua calma; mas não a deixou tão livre que não voltasse a escutar com temor o que Leocádia prosseguiu dizendo:

– Não somente não veio como dali a oito dias eu soube, de fonte segura, que havia ido embora de sua aldeia e levado da casa de seus pais uma donzela de lá, filha de um cavaleiro nobre, chamada Teodósia, donzela de grande formosura e de rara inteligência. E, por ser de família tão nobre, soube-se do roubo em minha aldeia, e logo chegou a meus ouvidos, e com ele a fria e temida lança do ciúme, que me atravessou o coração e me inflamou a alma em tamanho fogo que nele se fez cinza minha honra e consumiu-se minha reputação, esgotou-se minha tranquilidade e acabou-se minha sensatez. Ai, pobre de mim! Em seguida vi Teodósia em minha imaginação, mais formosa que o sol e mais sagaz que a própria sagacidade e, sobretudo, mais feliz que eu, a

desgraçada. Li então as palavras no papel, legítimas e definitivas, e que não podiam falhar na fé que anunciavam, e embora a elas se apegasse minha esperança, como a coisa sagrada, dando-me conta da suspeita companhia que Marco Antônio levava consigo, dava com todas elas por terra. Castiguei meu rosto, arranquei meus cabelos, amaldiçoei minha sorte; e o que mais sentia era não poder fazer esses sacrifícios a qualquer hora, pela imperiosa presença de meu pai. Enfim, para poder me lamentar sem obstáculos ou para acabar com minha vida, coisa mais certa, resolvi deixar a casa de meu pai. E como para pôr em prática uma má intenção parece que a ocasião facilita e supera todos os inconvenientes, sem temer nenhum, furtei as roupas de um pajem de meu pai e dele mesmo uma grande quantidade de dinheiro, e uma noite, coberta com sua capa negra, saí de casa e a pé caminhei algumas léguas e cheguei a um lugar que se chama Osuna e, pegando um coche, dali a dois dias entrei em Sevilha, que foi ter alcançado a segurança possível para não ser achada, embora me procurassem. Ali comprei outras roupas e uma mula, e com uns cavaleiros que vinham apressados para Barcelona, para não perder a oportunidade de pegar umas galeras que vão para a Itália, andei até ontem, quando me aconteceu o que já sabeis dos bandoleiros, que me tiraram quanto eu trazia, e entre outras coisas a joia que sustentava minha saúde e aliviava a carga de minhas angústias, que foi o papel de Marco Antônio, pois eu pensava ir para a Itália com ele e, encontrando Marco Antônio, apresentá-lo como testemunho de sua pouca fé e confirmação de minha grande firmeza, e dar um jeito para que cumprisse sua promessa. Mas, juntamente com isso, considere com que facilidade negará as palavras que estão escritas naquele papel quem nega as obrigações que deviam estar gravadas na alma; pois está claro que, se ele tem em sua companhia a sem-par Teodósia, não vai querer olhar a infeliz Leocádia, embora eu pense, depois disso tudo, morrer ou me pôr na presença dos dois para que minha visão embarace a felicidade deles. Não pense aquela inimiga de meu repouso desfrutar com tão pouco custo o que é meu! Eu a procurarei, eu a acharei, e eu lhe tirarei a vida, se puder.

– Mas que culpa tem Teodósia – disse Teodoro –, se ela também pode ter sido enganada por Marco Antônio, como fostes vós, senhora Leocádia?

– Mas pode ter acontecido isso – disse Leocádia –, se ele a levou consigo? E, estando juntos os que se amam muito, que engano pode haver? Nenhum, com certeza; eles estão felizes, pois estão juntos, estejam, como se costuma dizer, nos remotos e ardentes desertos da Líbia ou nos solitários e distantes da gelada Cítia.<sup>6</sup> Ela o possui, sem dúvida, seja onde for, e somente ela deve pagar pelo que sofro até que a encontre.

– Talvez vos enganeis – replicou Teodósia –, pois eu conheço muito bem essa vossa inimiga de que falais e sei de seu recato e caráter: ela nunca se aventuraria a deixar a casa de seus pais nem a atender ao desejo de Marco Antônio; e, se o houvesse feito, não vos conhecendo nem sabendo coisa alguma do que tínheis com ele, não vos ofendeu em nada, e onde não há ofensa não cabe a vingança.

– Não me faleis de recato – disse Leocádia –, pois tão recatada e tão pudica era eu como quantas donzelas poderiam se encontrar, e mesmo assim fiz o que ouvistes; de que ele a levou, não há dúvida, e quanto a ela não ter me ofendido, olhando sem paixão, concordo que sim. Mas a dor que sinto por causa do ciúme a pinta em minha imaginação exatamente como espada que tenho cravada no meio do coração, daí que não é estranho que, como a instrumento que tanto me fere, procure arrancá-lo dele e fazê-lo em pedaços, tanto mais que é prudente afastar de nós as coisas que nos prejudicam, e é coisa natural detestar as que nos fazem mal e aquelas que nos dificultam o bem.

– Seja como dizeis, senhora Leocádia – respondeu Teodósia –, pois assim como vejo que a paixão não vos deixa raciocinar com mais acerto, vejo que não estais em condições de aceitar bons conselhos. De mim posso garantir o que já vos disse, que hei de vos ajudar e favorecer em tudo aquilo que for justo e eu puder, e o mesmo vos prometo em nome de meu irmão, que suas naturais condição e nobreza não o deixarão fazer outra coisa. Nosso destino é a Itália; se vos agradar vir conosco, já sabeis mais ou menos como



sereis tratada em nossa companhia. O que vos rogo é que me deis licença para dizer a meu irmão o que sei de vossa situação, para que vos trate com a deferência e respeito que mereceis, e para que se obrigue a olhar por vós como é justo. Ao mesmo tempo não me parece bom que mudeis de traje, e, se neste povoado houver condições para vos vestir, pela manhã vos comprarei as melhores roupas que houver e que mais vos convenham. Quanto às vossas demais pretensões, deixai aos cuidados do tempo, que é grande mestre em dar e encontrar solução aos casos mais desesperados.

Leocádia agradeceu a Teodósia, que ela pensava ser Teodoro, seus muitos oferecimentos e lhe deu licença para dizer a seu irmão tudo o que quisesse, suplicando-lhe que não a desamparasse, pois via a quantos perigos estava exposta se fosse reconhecida como mulher. Com isso se despediram e foram se deitar, Teodósia no quarto de seu irmão e Leocádia em outro ao lado do dele.

Dom Rafael ainda não havia dormido, esperando sua irmã, para saber o que acontecera com aquele que pensava ser mulher, e logo que ela entrou e antes que se deitasse lhe perguntou. Teodósia contou tim-tim por tim-tim tudo o que Leocádia havia dito: de quem era filha, seus amores, o papel de Marco Antônio e a intenção que tinha. Dom Rafael se admirou e disse à sua irmã:

– Se ela é quem disse, posso vos dizer, cara irmã, que é uma das mais distintas senhoras de sua terra e uma das mais nobres de toda a Andaluzia. Seu pai é muito conhecido do nosso, e a fama que ela tinha de formosa corresponde muito bem à que vemos agora em seu rosto. E o que penso disso é que devemos andar com cuidado, de modo que ela não fale antes de nós com Marco Antônio, pois me dá alguma preocupação o papel que ela diz que ele assinou, embora o tenha perdido. Mas acalmai-vos e deitai-vos, cara irmã, que buscaremos solução para tudo.

Teodósia fez o que seu irmão mandava quanto a se deitar, mas quanto a se acalmar não esteve ao seu alcance, pois sua alma já tinha sido tomada pela raivosa doença do ciúme. Oh, como em sua imaginação a formosura de Leocádia e a deslealdade de Marco Antônio pareciam muito maiores do que eram! Oh, quantas vezes lia, ou fingia ler, o papel que ele havia dado a ela! Quantas palavras

e argumentos lhe acrescentava, o que o tornava mais justo e eficaz! Quantas vezes não acreditou que Leocádia o houvesse perdido! E quantas imaginou que mesmo sem ele Marco Antônio não deixaria de cumprir sua promessa, sem se lembrar da obrigação que tinha para com ela!

Assim passou a maior parte da noite sem pegar no sono. E não a passou mais sossegado dom Rafael, seu irmão, porque, logo que soube quem era Leocádia, seu coração se inflamou de amores, como se a tivesse conhecido de muito antes, pois a formosura tem esta força: num repente, num instante, arrasta atrás de si o desejo de quem a olha e a conhece, e quando surge ou se percebe algum meio de alcançá-la e possuí-la se incendeia com poderosa veemência a alma de quem a contempla, do mesmo modo e com a mesma facilidade com que se incendeia a pólvora seca à espera de qualquer centelha que a toque.

Não a imaginava amarrada à árvore, nem vestida com as roupas esfarrapadas de homem, mas nas suas de mulher e na casa de seus pais, de tão rica e nobre linhagem como eram. Não detinha nem queria deter o pensamento no motivo que a trouxera até ele. Desejava que o dia chegasse para prosseguir sua viagem e procurar Marco Antônio, não tanto para fazer dele seu cunhado como para impedir que fosse marido de Leocádia, e o amor e o ciúme já o tinham de tal maneira que tomava por boa solução ver sua irmã sem a reparação que procurava e Marco Antônio sem vida, em troca de não se ver sem esperança de ter Leocádia. Essa esperança já ia lhe prometendo feliz sucesso em seu desejo, ou pelo caminho da força, ou pelo dos presentes e mercês, pois para tudo tinha tempo e oportunidade.

Com essas coisas que prometia a si mesmo se acalmou um tanto, e dali a pouco chegou o dia, e eles deixaram a cama, e dom Rafael, chamando o hospedeiro, perguntou a ele se naquele povoado havia condições de vestir um pajem a quem os bandoleiros tinham despido. O hospedeiro disse que ele dispunha de uma roupa razoável para vender; trouxe-a, e serviu bem em Leocádia. Dom Rafael pagou-a, e Leocádia a vestiu e prendeu à cintura uma espada e uma adaga com tanta elegância e beleza que mesmo naquele traje

deixou dom Rafael embevecido e dobrou o ciúme de Teodósia. Calvete encilhou as mulas, e às oito da manhã partiram para Barcelona, sem querer visitar o famoso mosteiro de Monserrat, deixando-o para quando Deus quisesse trazê-los de volta com mais calma à sua pátria.

Não se poderão contar facilmente os pensamentos que os dois irmãos tinham, nem com quão diferentes ânimos os dois iam olhando Leocádia – Teodósia lhe desejando a morte e dom Rafael a vida, ambos ciumentos e apaixonados; Teodósia procurando defeitos nela, para não desanimar em sua esperança, e dom Rafael achando-lhe perfeições que, de uma em uma, o obrigavam a amá-la mais. Apesar disso tudo, não se descuidaram de se apressar, de modo que chegaram a Barcelona pouco antes que o sol se pusesse.

Ficaram admirados com o formoso lugar onde se situava a cidade, e a julgaram a flor das belas cidades do mundo, honra da Espanha, temor e espanto dos inimigos próximos e distantes, dádiva e delícia de seus moradores, amparo dos estrangeiros, escola da cavalaria, exemplo de lealdade e satisfação de tudo aquilo que um judicioso e culto desejo pode pedir de uma grande, rica e bem fundada cidade.

Ao entrarem nela, ouviram um tremendo barulho e viram correr uma multidão de pessoas com grande alvoroço, e perguntando a causa daquele barulho e agitação lhes responderam que as pessoas das galeras que estavam na praia haviam se revoltado e travado uma luta com a cidade. Ouvindo isso, dom Rafael quis ir ver o que acontecia, embora Calvete lhe dissesse que não o fizesse, por ser mais sensato não ir se meter no meio de um perigo evidente, pois ele bem sabia como se saíam mal os que se metiam em tais pendências, que eram comuns naquela cidade quando chegavam galeras. O bom conselho de Calvete não foi suficiente para impedir que dom Rafael fosse, e então todos o seguiram. E, chegando à praia, viram muitas espadas desembainhadas e muitas pessoas atacando-se sem piedade. Com tudo isso, sem aprear, chegaram tão perto que viam distintamente o rosto dos que lutavam, porque o sol ainda não havia se posto.

Eram inumeráveis as pessoas da cidade que apareciam e muitas as que desembarcavam das galeras, mesmo que o encarregado delas, que era um cavaleiro valenciano chamado dom Pedro Vique,<sup>7</sup> ameaçasse da popa da galera capitânia os que haviam embarcado nos botes para ir socorrer os seus. Mas, vendo que de nada adiantavam seus brados nem suas ameaças, ordenou que virassem a proa das galeras para a cidade e disparassem uma peça de artilharia sem bala, sinal de que, se não se afastassem, a próxima não iria sem ela.

Enquanto dom Rafael estava olhando atentamente a cruel e bem disputada luta, notou que entre os que mais sobressaíam no lado das galeras o fazia garbosamente um rapaz de uns vinte e dois anos mais ou menos, vestido de verde, com um chapéu da mesma cor, enfeitado com um cinteiro com pedrarias, pelo visto diamantes. A destreza com que o rapaz combatia e a elegância de suas roupas faziam com que todos os que o observavam a batalha olhassem de novo para ele, e dessa maneira o encontraram os olhos de Teodósia e os de Leocádia, pois ambas disseram ao mesmo tempo:

– Que Deus me ajude, ou eu não tenho olhos, ou aquele de verde é Marco Antônio!

E, dizendo isso, com grande rapidez saltaram das mulas, e, levando as mãos a suas adagas e espadas, sem temor algum entraram no meio da turba e se puseram uma de cada lado de Marco Antônio, pois era ele o rapaz de verde que se mencionou.

– Não temeis, senhor Marco Antônio – disse Leocádia assim que chegou –, pois tendes ao vosso lado quem defenderá vossa vida com a própria.

– Quem duvida, estando eu aqui? – replicou Teodósia.

Dom Rafael, que viu e ouviu o que acontecia, seguiu-as também e ficou ao lado delas. Marco Antônio, ocupado em atacar e se defender, não deu atenção às palavras que as duas lhe disseram; pelo contrário, distraído na luta, fazia coisas que pareciam incríveis. Mas, como as pessoas da cidade aumentavam a cada instante, as das galeras foram forçadas a se retirar até se meter na água. Marco Antônio se retirava de má vontade, e nesse mesmo compasso iam se

retirando com ele as duas valentes e novas Bradamante e Marfisa ou Hipólita e Pantasileia.<sup>8</sup>

Nesse instante surgiu um cavaleiro catalão da famosa família dos Cardona, montado num cavalo poderoso, e pondo-se entre as duas partes fazia os da cidade se retirarem, pois ao reconhecê-lo demonstraram muito respeito. Mas alguns, de longe, atiravam pedras nos que já iam se protegendo na água, e quis a má sorte que uma acertasse Marco Antônio na têmpora com tanta fúria que deu com ele na água, que já lhe batia pelos joelhos; e, mal Leocádia o viu caído, abraçou-o e o segurou, e a mesma coisa fez Teodósia. Dom Rafael estava um pouco afastado, defendendo-se das inumeráveis pedras que choviam sobre ele e, quando quis ajudar o bálsamo de sua alma e sua irmã e cunhado, o cavaleiro catalão se pôs diante dele, dizendo:

– Acalmai-vos, senhor, como bom soldado que sois, e fazei-me o favor de ficar ao meu lado, que eu vos livrarei da insolência e atrevimento do povo rebelde.

– Ah, senhor – respondeu dom Rafael –, deixai-me passar, pois vejo em grande perigo as coisas que mais amo nesta vida!

O cavaleiro o deixou passar, mas ele não chegou a tempo – Marco Antônio e Leocádia, que jamais o soltou de seus braços, já haviam sido recolhidos pelo bote da galera capitânia; e Teodósia, querendo embarcar com eles, ou fosse por estar cansada, ou pela tristeza de haver visto Marco Antônio ferido, ou por ver que ia com ele sua maior inimiga, não teve forças para subir no bote, e sem dúvida teria caído desmaiada na água se seu irmão não chegasse a tempo de socorrê-la, o qual não sentiu tristeza menor que sua irmã ao ver que Leocádia se ia com Marco Antônio, pois ele também já havia reconhecido Marco Antônio. O cavaleiro catalão, simpatizando com a presença graciosa de dom Rafael e de sua irmã, que tinha por homem, chamou-os da margem e pediu que fossem com ele, e eles, forçados pela necessidade e com medo de que as pessoas, que ainda não estavam pacíficas, lhes fizessem alguma afronta, aceitaram a oferta que lhes era feita.

O cavaleiro apeou e, mantendo-os a seu lado, com a espada nua, passou pelo meio da turba alvoroçada, pedindo às pessoas que se retirassem, o que fizeram. Dom Rafael olhou para todos os lados, para ver se via Calvete com as mulas, mas não o enxergou, porque ele, mal viu que apeavam, as puxou pelas rédeas e se foi para uma estalagem onde costumava ficar outras vezes.

O cavaleiro chegou à sua casa, que era uma das mais ilustres da cidade, e, perguntando a dom Rafael em que galera vinha, ele lhe respondeu que em nenhuma, pois havia chegado à cidade no mesmo instante em que começara o tumulto, e que por haver reconhecido nela o cavaleiro que levavam ferido pela pedrada no bote, havia se metido naquele contratempo, e que lhe suplicava que desse ordem para que trouxessem o ferido para terra, pois disso dependia sua felicidade e vida.

– Farei isso de boa vontade – disse o cavaleiro –, e com certeza o comandante vai concordar, pois é um cavaleiro nobre e parente meu.

E sem esperar mais voltou à galera e viu que estavam tratando de Marco Antônio, e a ferida que tinha era perigosa, por ser na têmpora esquerda, como dizia o cirurgião. Conseguiu licença com o comandante para tratá-lo em terra, e assim foi levado com grande cuidado para o bote, sem que Leocádia quisesse deixá-lo, pois embarcou com ele como se seguisse o norte de sua esperança. Chegando em terra, o cavaleiro mandou trazer de sua casa uma liteira para que levassem o ferido. Enquanto isso, dom Rafael tinha enviado alguém em busca de Calvete, que estava preocupado na estalagem para saber o que a sorte havia feito com seus amos, e quando soube que estavam bem, alegrou-se ao extremo e foi aonde dom Rafael estava.

Nisso chegaram o senhor da casa, Marco Antônio e Leocádia, e a todos o senhor alojou nela com muito luxo e afeto. Em seguida ordenou que trouxessem da cidade um cirurgião famoso para que tratasse Marco Antônio de novo. Ele veio, mas não quis fazer nada até o dia seguinte, dizendo que os cirurgiões dos exércitos e armadas são sempre muito experientes, porque têm entre as mãos muitos feridos a cada passo, e assim não convinha fazer novo

curativo naquele momento. O que ordenou foi que pusessem Marco Antônio num quarto confortável, onde o deixassem descansar.

Chegou naquele instante o cirurgião das galeras e explicou o ferimento ao da cidade, como o tratara e o perigo que, em sua opinião, a vida do ferido corria. Com isso o da cidade acabou por concluir que Marco Antônio tinha sido bem cuidado, mas que, conforme os detalhes do relato, o cirurgião havia exagerado o perigo.

Leocádia e Teodósia ouviram isso com aquele sentimento de quem ouve a própria sentença de morte, mas, para não demonstrar sua dor, reprimiram-no e se calaram, e Leocádia resolveu fazer o que lhe pareceu conveniente para reparar sua honra. Então, logo que os cirurgiões foram embora, entrou no quarto de Marco Antônio e, diante do senhor da casa, de dom Rafael, Teodósia e de outras pessoas, aproximou-se da cabeceira do ferido e, segurando a mão dele, disse-lhe estas palavras:

– Não estais em situação, senhor Marco Antônio Adorno, em que se possam ou se devam gastar muitas palavras convosco; assim gostaria apenas que me ouvísseis algumas que são apropriadas, se não para a saúde de vosso corpo, para a de vossa alma, e para que vos diga estas palavras é necessário que me deis licença e me aviseis se estais em condições de escutar-me, pois não seria razão que havendo eu procurado, desde que vos conheci, não contrariar vosso gosto, neste instante, que considero o último, ser causa de vossa preocupação.

A essas palavras, Marco Antônio abriu os olhos e os pôs atentamente no rosto de Leocádia, e tendo-a quase reconhecido, mais pelo tom da voz que pela vista, com voz debilitada e queixosa, disse-lhe:

– Dizei, senhor, o que quiserdes, pois não estou tão mal que não possa vos escutar, nem vossa voz me é tão desagradável que me incomode ouvi-la.

Teodósia estava atentíssima a toda essa conversa, e cada palavra que Leocádia dizia era uma flecha aguda que lhe atravessava o coração, e também a alma de dom Rafael, que igualmente a escutava. E, prossequindo, Leocádia disse:

– Se a pancada em vossa cabeça, ou, digamos melhor, a que deram em minha alma, não vos levou da memória, senhor Marco Antônio, a imagem daquela que há pouco tempo dizíeis ser vossa glória e vosso céu, com certeza deveis lembrar quem foi Leocádia e quais foram as palavras que lhe dissestes, escritas e assinadas de próprio punho por vós, nem vos terá esquecido da nobreza de seus pais, da integridade de seu recato e compostura e da obrigação que contraístes com ela, por ter se submetido à vossa vontade em tudo o que quisestes. Se não vos esquecesteis disto, embora me vejais neste traje tão diferente, perceberéis com facilidade que eu sou Leocádia, que, com medo de que novos incidentes e novas situações me tirassem o que tão justamente é meu, assim que soube que havíeis partido de vossa aldeia, superando inumeráveis inconvenientes, resolvi vos seguir com estas roupas, com a intenção de vos procurar por todos os lugares da Terra, até vos encontrar. Não deveis vos admirar disso, se é que alguma vez sentistes até onde chegam as forças de um amor verdadeiro e a raiva de uma mulher enganada. Passei algumas dificuldades nesta minha busca, mas eu as julgo e tenho por alegrias em troca do alívio que sinto agora ao vos encontrar, embora estejais desta maneira, pois, se Deus quiser vos levar desta para uma vida melhor, com fazer o que deveis a quem sois antes da partida, poderei me julgar a mais feliz das mulheres, prometendo-vos, como agora vos prometo, de levar tal vida depois de vossa morte que bem pouco tempo se passe sem que vos siga nesta última e forçosa jornada. E assim vos rogo primeiramente por Deus, a quem meus desejos e intenções vão encaminhados, depois a vós, que deveis muito por ser quem sois, e finalmente por mim, a quem deveis mais que a qualquer outra pessoa no mundo, que me recebais por vossa legítima esposa aqui, neste momento, não permitindo que a Justiça faça o que a razão vos mostra com tanta verdade e obrigações.

Leocádia não disse mais nada, e todos os que estavam na sala mantiveram um maravilhoso silêncio enquanto ela esteve falando. E com o mesmo silêncio esperavam a resposta de Marco Antônio, que foi esta:



– Não posso negar, senhora, que vos conheço, pois vossa voz e vosso rosto não consentirão uma negativa. Também não posso negar o que vos devo, nem a grande nobreza de vossos pais, junto com vossos incomparáveis pudor e recato, nem os considero nem os considerarei menos pelo que haveis feito vindo me procurar com roupas tão diferentes das vossas; pelo contrário, estimo-os e os estimarei em mais alto grau ainda; mas, como minha má sorte me trouxe a esta situação que, como dizeis, penso ser a última de minha vida (e transeis semelhantes estão repletos de verdades), quero vos dizer uma verdade, que se agora não for de vosso agrado, poderia ser que depois vos fosse de proveito. Confesso, formosa Leocádia, que vos quis bem e me quisestes, e junto com isso confesso que o papel que vos dei foi mais para atender ao vosso desejo que ao meu; porque muitos dias antes que o assinasse tinha entregado minha vontade e minha alma a outra donzela de minha aldeia, que bem conheceis, chamada Teodósia, filha de pais tão nobres como os vossos; e se dei a vós o papel assinado por minha mão, a ela dei a mão assinada e creditada com tais ações e testemunhos que fiquei impossibilitado de dar minha liberdade a outra pessoa no mundo. Os amores que tive convosco foram passatempo, sem que deles alcançasse outra coisa além dos galanteios que sabeis, os quais não vos ofenderam nem podem ofender em coisa alguma; o que me aconteceu com Teodósia foi alcançar o fruto que ela pôde me dar e eu quis que me desse, com o juramento e segurança de ser seu esposo, como o sou. E se a ela e a vós vos deixei ao mesmo tempo, a vós surpresa e enganada, e a ela amedrontada e, em sua opinião, sem honra, foi porque agi sem pensar e com a falta de juízo do jovem que sou, acreditando que todas aquelas coisas eram de pouca importância, e que as podia fazer sem escrúpulo algum, com outros pensamentos que tive então e me levaram ao que queria fazer, que era ir para a Itália e empregar ali alguns dos anos de minha juventude, e depois voltar para ver o que Deus havia feito de vós e de minha verdadeira esposa. Mas o céu, condoendo-se de mim, sem dúvida me permitiu estar da maneira que me vedes para que, confessando estas verdades, nascidas de minhas muitas culpas, pague nesta vida o que

devo, e vós fiquéis livre de ilusão e livre para fazer o que melhor vos parecer. E se, em algum momento, Teodósia souber de minha morte, saberá por vós e pelos presentes como na morte cumpri a palavra que lhe dei em vida. E se, no pouco tempo que dela me resta, senhora Leocádia, posso vos servir em alguma coisa, digei-me, pois desde que não seja vos receber como esposa, porque não posso, não deixarei de fazer nenhuma outra que esteja ao meu alcance para vos satisfazer.

Enquanto Marco Antônio dizia essas palavras, tinha a cabeça sobre o cotovelo, e ao acabá-las deixou cair o braço, dando sinais de que desmaiava. Acorreu logo dom Rafael e, abraçando-o apertado, disse-lhe:

– Voltai a si, meu senhor, e abraçai vosso amigo e vosso irmão, pois vós quereis que o seja. Reconheci dom Rafael, vosso camarada, que será a testemunha verdadeira de vossa vontade e da mercê que à sua irmã quereis fazer ao admiti-la como vossa.

Marco Antônio voltou a si e dali a pouco reconheceu dom Rafael, abraçou-o apertado e, beijando-lhe o rosto, disse-lhe:

– Digo agora, irmão e meu senhor, que a grande alegria que senti ao vos ver não pode diminuir um grandíssimo pesar, pois se diz que depois do prazer vem a tristeza, mas eu darei por bem empregada qualquer uma que me vier, em troca de ter desfrutado da alegria de vos ver.

– Pois eu quero tornar esta alegria mais completa – replicou dom Rafael – apresentando-vos esta joia que é vossa amada esposa.

E, procurando Teodósia, encontrou-a chorando atrás de toda aquela gente, surpresa e aturdida entre o pesar e a alegria, pelo que via e pelo que havia ouvido. Seu irmão a pegou pela mão, e ela, sem oferecer resistência, deixou-se levar aonde ele quis, que foi diante de Marco Antônio, que a reconheceu e a abraçou, os dois chorando ternas e amorosas lágrimas.

Ficaram admirados quantos estavam na sala, vendo acontecimento tão singular. Olhavam-se uns aos outros sem dizer uma palavra, à espera do fim daquilo tudo. Mas Leocádia, a desiludida e sem sorte, que viu com seus próprios olhos o que Marco Antônio fazia, que viu a quem pensava ser irmão de dom Rafael nos

braços do que tinha por seu esposo e que viu assim frustrados seus desejos e perdidas suas esperanças, furtou-se dos olhos de todos (que estavam atentos olhando o que o doente fazia com o pajem que abraçara) e saiu da sala ou quarto, e num instante estava na rua, com a intenção de ir desesperada pelo mundo, atrás de um lugar onde as pessoas não a vissem. Mas, mal ela havia chegado à rua, dom Rafael sentiu sua falta e, como se houvesse perdido a alma, perguntou por ela e ninguém lhe soube dizer aonde tinha ido. E assim, sem esperar mais, saiu desesperado para procurá-la e correu para onde disseram que Calvete se alojava, para o caso de Leocádia ter ido para lá procurar alguma cavalgada para ir embora; e não a encontrando lá, andava como louco pelas ruas procurando-a, de um lado para outro; e pensando que talvez houvesse voltado para as galeras foi até a praia, e um pouco antes de chegar ouviu que em grandes brados chamavam de terra o bote da galera capitânia, e reconheceu que quem gritava era a formosa Leocádia, que, com medo de algum abuso, percebendo passos às suas costas, empunhou a espada e esperou preparada que dom Rafael chegasse. Mas ela logo o reconheceu e angustiou-se por ver que ele a tinha achado, e mais ainda em lugar tão solitário, pois ela havia entendido, por mais de um indício; que dom Rafael havia dado, que não a queria mal; pelo contrário, queria tão bem que consideraria uma ótima coisa que Marco Antônio a amasse outro tanto.

Com que palavras eu poderei dizer agora as que dom Rafael disse a Leocádia, expondo-lhe sua alma? Foram tantas e tais que não me atrevo a escrevê-las. Mas, como é forçoso dizer algumas, repito estas, entre outras que ele lhe disse:

– Se com a sorte que me falta, formosa Leocádia, agora me faltasse o atrevimento de vos revelar os segredos de minha alma, ficaria enterrado no seio do esquecimento perpétuo o mais ardente e honesto anseio que nasceu nem pode nascer num coração apaixonado. Mas, para não fazer essa afronta a meu justo desejo, aconteça o que me acontecer, quero que compreendais, senhora, se é que vos permite vosso arrebatado pensamento, que em coisa alguma Marco Antônio tem vantagem sobre mim, a não ser na

maravilha de ser amado por vós. Minha linhagem é tão boa quanto a dele, e nos bens que chamam riqueza não se destaca muito; quanto aos bens naturais, não convém que eu me gabe, e mais ainda se a vossos olhos não valem muito. Digo tudo isso, apaixonada senhora, para que aceiteis a reparação e o meio que a sorte vos oferece no extremo de vossa desgraça. Já vedes que Marco Antônio não pode ser vosso porque o céu o fez de minha irmã, e o mesmo céu, que hoje vos tirou Marco Antônio, quer recompensá-vos comigo, que não desejo outra felicidade nesta vida que me entregar por vosso esposo. Vede que a boa sorte está batendo às portas da má que até agora haveis tido, e não penseis que o atrevimento que demonstrastes ao procurar Marco Antônio há de ser empecilho para que eu não vos estime e considere como teríeis merecido se nunca o houvésseis tido, pois na hora em que desejo e decido me igualar a vós, escolhendo-vos por perpétua amada minha, hei de esquecer (na verdade já esqueci) tudo quanto soube e vi neste caso, porque sei muito bem que as forças que me forçaram e me levaram, de roldão e a rédeas soltas, a vos adorar e me entregar por vosso são as mesmas que vos trouxeram à situação em que estais, e assim não haverá necessidade de buscar desculpa onde não houve erro algum.

Leocádia manteve-se calada a tudo quanto dom Rafael lhe disse; apenas, de quando em quando, dava uns suspiros profundos, saídos do íntimo de seu coração. Dom Rafael teve a audácia de pegar sua mão e ela não teve força para impedi-lo, e ele, beijando-a muitas vezes, dizia:

– Aceitai, senhora de minh'alma, em ser de todo esta senhora à vista destes céus estrelados que nos cobrem, e deste tranquilo mar que nos escuta, e destas banhadas areias que nos sustentam. Dai-me já o sim, que sem dúvida convém tanto à vossa honra como à minha alegria. Volto a vos dizer que sou cavaleiro como vós sabeis, e rico, e que vos amo muito, que é o que mais deveis considerar, e que em troca de vos achar sozinha e em roupas que desmerecem muito vossa honra, longe da casa de vossos pais e parentes, sem pessoa que vos acuda no que vos for necessário, e sem esperança de alcançar o que buscastes, podeis voltar à vossa pátria em vossas

próprias, honradas e verdadeiras roupas, acompanhada de tão bom esposo como o que vós soubestes escolher, rica, contente, querida e amparada, e ainda com o louvor de todos aqueles que ouvirem a notícia de vossa história. Se isso for assim, como realmente é, não sei por que estais hesitando. Outra vez vos digo: aceitai me elevar do solo de minha miséria ao céu de vos merecer, que isso fareis por vós mesma, e cumprireis com as leis da cortesia e do bom conhecimento, mostrando-vos ao mesmo tempo agradecida e sensata.

– Pois é – disse a essas alturas a hesitante Leocádia –, como assim o céu ordenou as coisas, e não está em meu poder nem de criatura alguma opor-se ao que Ele tem determinado, faça-se o que Ele quer e vós quereis, meu senhor. Mas o mesmo céu sabe com que vergonha venho a concordar com vossa vontade, não porque não entenda o quanto ganho em vos obedecer, senão porque temo que, ao satisfazer vosso desejo, havereis de me olhar com outros olhos que os olhos que até agora, olhando-me, vos enganaram. Enfim, seja como for, a reputação de ser mulher legítima de dom Rafael de Villavicencio não se podia perder; e somente com esse título viverei contente. E, se as qualidades que virdes em mim, depois de ser vossa, forem suficientes para que me estimeis um pouco, darei graças ao céu por haver-me trazido por tão estranhos caminhos e por tantas desgraças à felicidade de ser vossa. Dai-me, senhor Rafael, a mão para ser meu, e vede aqui como vos dou a minha para ser vossa, e sirvam de testemunhas as que mencionastes: o céu, o mar, as areias e este silêncio interrompido apenas por meus suspiros e por vossas súplicas.

Dizendo isso, deixou-se abraçar e lhe deu a mão, e dom Rafael lhe deu a sua, celebrando o noturno e novo casamento apenas as lágrimas que a alegria, apesar da tristeza passada, tirava de seus olhos. Logo voltaram à casa do cavaleiro, que estava muito ansioso com sua ausência, e assim também estavam Marco Antônio e Teodósia, que, pela mão do clérigo, estavam casados, pois Teodósia, com medo de que alguma contrariedade inesperada perturbasse a felicidade encontrada, persuadiu o cavaleiro a enviar alguém em

busca de quem os pudesse casar,<sup>9</sup> de modo que, quando dom Rafael e Leocádia chegaram e dom Rafael contou o que havia acontecido com Leocádia, aumentou-lhes o prazer como se eles fossem seus parentes próximos, pois é condição natural e própria da nobreza catalã saber ser amiga e favorecer os estrangeiros que têm alguma necessidade dela.

O sacerdote, que estava presente, ordenou que Leocádia trocasse de roupas e se vestisse como convinha; e o cavaleiro resolveu isso rapidamente, vestindo as duas moças com ricos vestidos de sua mulher, que era uma dama nobre da família dos Granolleque, famosa e antiga naquele reino; e em seguida chamou o cirurgião, pois, por caridade, preocupava-se com o ferido porque falava muito e não o deixavam sozinho; quando o cirurgião chegou, ordenou o mesmo de antes, que deixassem Marco Antônio em silêncio. Mas Deus, que assim o tinha ordenado, tomando por meio e instrumento de suas obras – quando a nossos olhos quer fazer algum milagre – o que a própria natureza não consegue, ordenou que a alegria e o pouco silêncio que Marco Antônio havia guardado fossem motivo para sua melhora, de maneira que no dia seguinte, quando lhe fizeram o curativo, o encontraram fora de perigo, e dali a catorze dias se levantou tão saudável que sem medo algum pôde viajar.

Deve-se saber que no tempo em que Marco Antônio esteve de cama jurou, se Deus o curasse, ir em peregrinação, a pé, a Santiago de Galícia, e nessa promessa foi acompanhado por dom Rafael, Leocádia e Teodósia, e ainda por Calvete, o moço de mulas – coisa pouco vista em situações semelhantes, mas a amabilidade e franqueza que havia conhecido em dom Rafael o obrigaram a não deixá-lo até que voltasse à sua terra; e, vendo que haviam de ir a pé, como peregrinos, enviou as mulas para Salamanca, junto com a de dom Rafael, pois não faltou por quem enviá-las.

Chegou então o dia da partida, e munidos de suas esclavinas e todo o necessário, despediram-se do generoso cavaleiro que tanto os havia acolhido e auxiliado, cujo nome era dom Sancho de Cardona, ilustríssimo por sangue e famoso por sua pessoa. Eles

todos prometeram – e seus descendentes, a quem deixariam ordens – lembrar eternamente das mercês tão singulares recebidas dele, ao menos para lhe agradecer, já que não podiam retribuí-las. Dom Sancho abraçou a todos, dizendo-lhes que devido ao seu caráter natural fazia todas aquelas coisas, ou outras que fossem boas, a todos os que conhecia ou imaginava ser fidalgos castelhanos.

Repetiram-se duas vezes os abraços e com alegria mesclada com alguma tristeza se despediram, e, caminhando com a rapidez que permitia a delicadeza das duas novas peregrinas, em três dias chegaram a Monserrat e ficaram ali outros tantos, fazendo o que deviam como bons e católicos cristãos, antes de retomarem a viagem, e sem lhes acontecer contratempo nem infortúnio algum chegaram a Santiago. E depois de cumprir sua promessa, com a maior devoção que puderam, não quiseram deixar os trajes de peregrinos até entrarem em suas casas, aonde chegaram devagar, descansados e contentes. Mas antes que chegassem, estando à vista da aldeia de Leocádia, que, como se disse, ficava a uma légua da de Teodósia, do alto de uma encosta avistaram a ambas, sem poder ocultar as lágrimas que a alegria de vê-las lhes trouxe aos olhos, pelo menos das duas casadas, que com sua vista reavivaram a memória das coisas passadas.

Avistava-se de onde estavam um amplo vale que separava os dois povoados, no qual viram, à sombra de uma oliveira, um elegante cavaleiro sobre um cavalo poderoso, com uma branquíssima adarga no braço esquerdo e uma grossa e longa lança apoiada no direito; e, olhando-o com atenção, também viram que por entre umas oliveiras vinham outros dois cavaleiros com as mesmas armas, e com a mesma elegância e postura; dali a pouco viram que se juntaram os três e, tendo ficado juntos um pouco, se afastaram, e um dos que haviam vindo por último se afastou com o que viram primeiro embaixo da oliveira. Estes, então, esporeando os cavalos, arremeteram um contra o outro com mostras de que eram inimigos mortais, começando a se dar ferozes e destros golpes com a ponta da lança, ora esquivando o corpo, ora defendendo-os com a adarga com tanta destreza que deixavam ver claramente serem mestres naquela arte. O terceiro os olhava, sem se mover de seu

lugar. Mas dom Rafael, não aguentando ficar tão longe, olhando aquela renhida e singular batalha, correu encosta abaixo com toda rapidez, seguindo-o sua irmã e sua esposa, e em pouco tempo se pôs junto aos dois combatentes, quando eles já andavam um tanto feridos. E, havendo caído o chapéu de um deles, e com ele um gorro de aço, ao virar o rosto dom Rafael reconheceu seu pai, e Marco Antônio reconheceu o outro combatente como o seu. Leocádia, que com atenção havia olhado ao que não combatia, viu que era o pai que a havia criado. Com isso todos os quatro ficaram pasmos, perplexos e fora de si. Mas dando o susto lugar à volta da razão, os dois cunhados, sem se deterem, puseram-se entre os dois cavaleiros que lutavam, dizendo aos brados:

– Basta, cavaleiros, basta, que os que vos pedem e suplicam isso são vossos próprios filhos. Eu sou Marco Antônio, pai e senhor meu – dizia Marco Antônio. – Eu sou aquele por quem, pelo que imagino, vossos cabelos brancos estão metidos neste rigoroso transe. Moderai a fúria e largai a lança, ou apontai-a contra outro inimigo, pois aquele que tendes pela frente haverá de ser vosso irmão de hoje em diante.

Quase essas mesmas palavras dom Rafael dizia a seu pai, e com elas os cavaleiros se detiveram, e se puseram a olhar com atenção aos que as diziam, e virando a cabeça viram que dom Enrique, o pai de Leocádia, havia apeado e estava abraçado com alguém que pensavam ser peregrino. Era que Leocádia havia se aproximado dele e, dando-se a conhecer, rogou-lhe que apaziguasse os que combatiam, contando-lhe em rápidas palavras como dom Rafael era seu esposo e Marco Antônio o era de Teodósia.

Ao ouvir isso, seu pai apeou e abraçou-a, como se disse; mas, deixando-a, correu para estabelecer a paz, embora não tenha sido necessário, pois os dois cavaleiros já haviam reconhecido seus filhos e, desmontados, mantinham-nos abraçados, todos chorando lágrimas nascidas do amor e da alegria. Reuniram-se e olharam seus filhos de novo, e não sabiam o que se dizer. Tocavam o corpo deles para ver se eram fantasmas, pois a chegada inesperada engendrava essa e outras suspeitas; mas, quase convencidos da verdade, voltaram às lágrimas e aos abraços.



E nesse instante surgiu, pelo mesmo vale, grande quantidade de pessoas armadas, a pé e a cavalo, que vinham defender o cavaleiro de sua aldeia. Mas logo que chegaram e os viram abraçados àqueles peregrinos, e com os olhos rasos de lágrimas, apearam e, pasmos, ficaram olhando tão admirados que dom Enrique lhes disse resumidamente o que Leocádia, sua filha, havia lhe contado.<sup>10</sup>

Todos foram abraçar os peregrinos com tão grandes mostras de alegria que mal se podem contá-las. Dom Rafael contou de novo, com a brevidade que o tempo requeria, todo o caso de seus amores, e de como vinha casado com Leocádia, e sua irmã Teodósia com Marco Antônio, notícias que causaram alegria mais uma vez. Depois, dentre os cavalos das pessoas que tinham vindo em socorro, pegaram os que precisaram para os cinco peregrinos e combinaram ir à aldeia de Marco Antônio, seu pai propondo fazer ali o casamento de todos, e com essa proposta partiram; e alguns dos presentes se adiantaram para pedir aos parentes e amigos dos casais que os felicitassem. No caminho, dom Rafael e Marco Antônio souberam a causa daquele duelo: o pai de Teodósia e o de Leocádia haviam desafiado o pai de Marco Antônio, pois ele sabia das trapaças de seu filho, e tendo vindo os dois e o encontrado sozinho, não quiseram combater com nenhuma vantagem, mas um por vez, como cavaleiros, e a luta terminaria com a morte de um ou de ambos se os filhos não houvessem chegado. Os quatro peregrinos deram graças a Deus pelo feliz desenlace.

E no dia seguinte ao da chegada, com real e esplêndida magnificência e gasto suntuoso, o pai de Marco Antônio celebrou o casamento de seu filho e Teodósia, e o de dom Rafael e de Leocádia. E eles viveram longos e felizes anos em companhia de suas esposas, deixando uma ilustre prole e descendência, que até hoje perdura nessas duas aldeias, que são das melhores da Andaluzia, que não são nomeadas aqui para guardar o decoro das duas donzelas, a quem talvez as línguas maledicentes, ou estupidamente escrupulosas, censurarão a leviandade de seus desejos e da súbita mudança de trajés. Mas rogo aos detratores que não se lancem a vituperar semelhantes liberdades até que olhem

para si mesmos e vejam se alguma vez foram tocados pelo que chamam de flechas de Cupido, que são realmente uma força, se assim se pode chamar, que torna o desejo invencível para a razão.

Calvete, o moço de mulas, ficou com a que dom Rafael havia mandado para Salamanca, e com muitos outros presentes que os dois recém-casados lhe deram. E os poetas daquele tempo encontraram em que empregar suas penas, exagerando a formosura e as aventuras das duas donzelas, tão atrevidas quanto honestas, assunto principal desta estranha história.

---

1 Cuartago ou jaca era o cavalo de pequeno porte, com menos de um metro e meio de altura. Dele descende o pônei atual. Animal rápido e muito resistente.

2 A descida do Turco aludia ao fato de que a frota naval de Constantinopla havia saído dos Dardanelos rumo às costas do Mediterrâneo ocidental; era o assunto preferido em conversas fiadas. O Transilvano foi identificado como o príncipe Zsigmond Báthory (1572-1613), que em 1599 abdicou do trono e posteriormente lutou para recuperá-lo, personagem de grande atualidade em fins do século XVI, assim como Juan Sigismundo, príncipe da Transilvânia, que manteve longas guerras com Fernando de Habsburgo.

3 Bater no próprio rosto e arrancar os cabelos eram demonstrações clássicas de dor.

4 Eneias abandona a rainha Dido e ela se suicida (Eneida, II); Vireno é personagem do Orlando furioso de Ariosto, amante de Olímpia, a quem abandona numa praia deserta, apaixonando-se por uma filha do rei da Frísia.

5 Como ela não é casada, caberia ao irmão ocupar o lugar do marido e lavar com sangue a honra da família.

6 A Cítia era lugar de localização vaga no oeste da Ásia antiga. A comparação entre Líbia (calor) e Cítia (frio) era lugar-comum poético para indicar uma grande distância.

7 Pedro Vic y Manrique (1537-1607) foi um grande marinheiro valenciano que chegou a ser comandante da esquadra das Índias.

8 Bradamante e Marfisa são duas guerreiras do Orlando furioso de Ludovico Ariosto, que passaram à literatura espanhola como exemplos de mulheres selvagens ou bandoleiras; Hipólita e Pantasileia foram rainhas das amazonas.

9 A possibilidade de Marco Antônio morrer permitia um casamento rápido, sem as burocracias de praxe.

10 Antes Leocádia havia dito que seu pai era dom Sancho.

**NOVELA DA  
SENHORA  
CORNÉLIA**



DOM ANTÔNIO DE isunza e dom juan de gamboa, cavaleiros nobres da mesma idade, muito sagazes e grandes amigos, sendo estudantes em Salamanca, decidiram deixar seus estudos para ir a Flandes, levados pelo ardor do desejo e da juventude, como se costuma dizer, de ver o mundo, e por pensarem que o exercício das armas, embora enobreça e convenha a todos, fica melhor e convém mais aos bem-nascidos e às famílias ilustres.

Chegaram, pois, a Flandes quando as coisas estavam em paz, ou em negociações e tratos para tê-la logo. Em Amberes<sup>1</sup> receberam cartas de seus pais, em que eles descreviam o grande desgosto que sentiram pelos rapazes terem deixado seus estudos sem avisá-los, pois então poderiam ter viajado com a comodidade que exigia o fato de serem quem eram. Enfim, sabendo da contrariedade de seus pais, resolveram voltar à Espanha, pois não havia o que fazer em Flandes, mas antes quiseram ver todas as mais famosas cidades da Itália. E, tendo visto todas, pararam em Bolonha e, admirados com os cursos daquela insigne universidade,<sup>2</sup> quiseram prosseguir ali seus estudos. Informaram os pais de seu propósito, o que os deixou muito satisfeitos, e o demonstraram provendo-os magnificamente e de modo que mostrassem em seu modo de vida quem eram e que pais tinham. E, desde o primeiro dia em que foram à universidade, ficaram conhecidos de todos por cavaleiros, belos, argutos e educados.

Dom Antônio teria uns vinte e quatro anos, e dom Juan não passava de vinte e seis; e adornavam essa boa idade sendo muito fidalgos, músicos, poetas, sagazes e valentes, qualidades que os tornavam amáveis e queridos por quantos os conheciam.

Logo fizeram muitos amigos, tanto estudantes espanhóis, entre os muitos que frequentavam aquela universidade, como nativos da

cidade e estrangeiros. Com todos se mostravam generosos e comedidos, e muito alheios à arrogância que, dizem, costumam ter os espanhóis. E como eram moços e alegres, não se desagradavam de ter notícias das belas da cidade; e, embora houvesse muitas senhoras, donzelas e casadas com grande fama de ser honestas e formosas, a todas levava vantagem a senhora Cornélia Bentibolli, da antiga família dos Bentibolli, que foram os senhores de Bolonha por um tempo.

Cornélia era belíssima ao extremo e estava sob a guarda e amparo de Lorenzo Bentibolli, seu irmão, honrado e valente cavaleiro, órfão de pai e mãe que, mesmo os tendo deixado sós, os deixaram ricos, e a riqueza é grande alívio da orfandade.

O recato de Cornélia era tanto e tanta a solicitude de seu irmão em protegê-la que nem ela se deixava ver nem seu irmão consentia que a vissem. Essa fama deixava dom Juan e dom Antônio ansiosos para vê-la, mesmo que fosse na igreja. Mas o empenho que puseram nisso foi em vão, e o desejo, devido à impossibilidade, algoz da esperança, foi se reduzindo. E, assim, apenas com o amor a seus estudos e a distração de algumas inocentes traquinagens, levavam uma vida tão alegre quanto honrada. Poucas vezes saíam à noite, e se saíam iam juntos e bem armados.

Aconteceu, assim, que uma noite em que dom Juan ia sair, dom Antônio lhe disse que queria ficar para rezar algumas orações; fosse, então, que depois o seguiria.

– Não há pressa – disse dom Juan. – Eu vos espero e, se não sairmos esta noite, não importa.

– Não, por Deus – replicou dom Antônio. – Ide tomar um ar, que logo estarei convosco, se é que ireis por onde costumamos ir.

– Ficai então com vossas orações – disse dom Juan –, e, se sairdes, sabeí que andarei pelos mesmos lugares das outras noites.

Dom Juan se foi, e dom Antônio ficou. A noite era mais ou menos escura, e a hora, as onze; e, tendo andado duas ou três ruas e vendo-se sozinho, sem ninguém com quem falar, resolveu voltar para casa. E na volta, ao passar por uma rua que tinha portais sustentados por mármore, ouviu que chamavam baixinho de uma porta. A escuridão da noite e a sombra que os portais faziam não

deixavam atinar de onde vinha o chamado. Deteve-se e ficou atento um pouco e viu uma porta entreabrir. Aproximou-se dela e ouviu uma voz baixa que disse:

– Por acaso sois Fábio?

Pelo sim, pelo não, dom Juan respondeu:

– Sim.

– Então pegai – responderam de dentro –, e ponde-o a salvo, e voltai logo, que é importante.

Dom Juan estendeu a mão e topou com uma trouxa, e querendo pegá-la viu que eram necessárias as duas mãos, e assim teve de segurá-la com ambas. E mal lhe deixaram a trouxa, fecharam a porta, e ele se encontrou na rua, as mãos carregadas, e sem saber de quê. Mas quase em seguida uma criança começou a chorar, pelo visto recém-nascida, o que deixou dom Juan surpreso e confuso, sem saber o que fazer nem como encarar aquele caso; porque bater de novo na porta lhe pareceu que podia botar em risco o dono da criança, e deixar a criança ali era botar a própria criança em risco; e não podia levá-la para sua casa, pois não tinha quem cuidasse dela, nem ele conhecia em toda a cidade pessoa a quem pudesse entregá-la. Mas, vendo que lhe haviam dito que a pusesse a salvo e que voltasse logo, resolveu levá-la para sua casa e deixá-la em poder de uma ama que trabalhava para ele e seu amigo, e voltar em seguida para ver se sua ajuda era necessária em alguma coisa, embora soubesse muito bem que o tomavam por outro e que havia sido um erro lhe dar a criança.

Enfim, sem pensar mais, foi para casa com ela, mas dom Antônio já havia saído. Entrou num quarto, chamou a ama e destapou a criança, e viu que era a mais formosa que jamais havia visto. Os panos em que vinha enrolada mostraram que tinha pais ricos. A ama retirou os panos e viram que era um menino.

– É preciso – disse dom Juan – dar de mamar a este menino, e deve ser assim: vós, ama, deveis tirar estas mantilhas ricas e lhe pôr outras mais humildes, e sem dizer que eu vos trouxe deveis levá-la à casa de uma parteira, pois elas costumam ajudar sempre em semelhantes apertos. Levareis dinheiro para que ela fique satisfeita e

arranjai os pais que quiserdes para o menino, para ocultar o fato de eu tê-lo trazido.

A ama respondeu que assim o faria, e dom Juan, com a rapidez que pôde, voltou para ver se o chamavam de novo; mas, um pouco antes de chegar àquela casa, ouviu grande ruído de espadas, como se muitas pessoas se golpeassem. Ficou atento, mas não percebeu palavra alguma: lutavam na surdina. E, à luz das faíscas que as pedras feridas pelas espadas levantavam, quase pôde ver que muitos atacavam um só, e teve certeza disso quando ouviu dizer:

– Ah, traidores! São muitos e eu um só! Mas de nada há de vos valer esta perfídia.

Dom Juan, vendo e ouvindo tudo isso, levado por seu valoroso coração, em dois saltos se pôs ao lado do que se defendia e, empunhando a espada e um pequeno broquel que levava, disse-lhe em italiano, para não ser reconhecido como espanhol:

– Não temais, que chegou socorro que não vos faltará até perder a vida. Esgrimi firme, meu senhor, que traidores não vão longe, mesmo quando são muitos.

A essas palavras um dos adversários respondeu:

– Mentos! Aqui não há nenhum traidor, pois querer recuperar a honra perdida dá licença a todo atrevimento.

Não lhe disse mais nada, pois não havia tempo, na pressa que tinham de ferir os inimigos, que a dom Juan pareceu serem seis. Acossaram tanto seu companheiro, que, em duas estocadas que lhe deram ao mesmo tempo no peito, deram com ele por terra. Dom Juan pensou que o tinham matado e, com rapidez e coragem singulares, se pôs diante de todos e os fez recuar à força de uma chuva de cutiladas e estocadas. Mas sua diligência não seria suficiente para atacar e se defender, se não o ajudasse a boa sorte ao fazer os moradores da rua aparecerem com candeeiros nas janelas e clamarem aos gritos pela Justiça. Vendo isso, os adversários deixaram a rua e, com as espadas embainhadas, foram embora.

Nesse meio-tempo, o caído já havia se levantado, porque as estocadas atingiram um peitoral duro como diamante. Na refrega o chapéu de dom Juan havia caído e, procurando-o, o cavaleiro achou



outro, que botou distraído, sem olhar se era o seu ou não. O caído se aproximou e lhe disse:

– Senhor cavaleiro, sejais quem for, eu vos confesso que vos devo a vida, a qual, com o que valho e posso, empenharei em vosso favor. Fazei-me a mercê de me dizer quem sois e vosso nome, para que eu saiba a quem tenho de me mostrar agradecido.

Ao que dom Juan respondeu:

– Agi desinteressadamente, mas não quero ser descortês. Para fazer, então, o que me pedis, senhor, e apenas para vos satisfazer, digo-vos que sou um cavaleiro espanhol e estudante nesta cidade. Se mal vos importasse saber meu nome, eu vos diria; mas se por acaso quiserdes minha ajuda em outra coisa, sabeis que me chamo dom Juan de Gamboa.

– Grande mercê me fizestes – respondeu o caído –, mas eu, senhor dom Juan de Gamboa, não quero vos dizer quem sou nem meu nome, porque prefiro que o saibais por outra pessoa que não eu, e eu tratarei para que sejais informado.

Antes dom Juan havia perguntado se estava ferido, porque o havia visto ser atingido por duas grandes estocadas, e ele respondera que um famoso peitoral que usava o havia salvado, depois de Deus; mas mesmo assim seus inimigos teriam acabado com ele se dom Juan não houvesse ficado ao seu lado. Nisso viram se aproximar um grande grupo de pessoas, e dom Juan disse:

– Se estes são os inimigos que voltam, preparai-vos, senhor, e agi como se deve.

– Pelo que vejo, não são inimigos, mas amigos.

Era verdade, porque os que chegaram – que eram oito homens – rodearam o cavaleiro e falaram com ele umas poucas palavras, mas tão cochichadas e sigilosas que dom Juan não as pôde ouvir.

Em seguida o cavaleiro voltou a dom Juan e lhe disse:

– Se não houvessem vindo estes amigos, senhor dom Juan, de maneira nenhuma eu vos deixaria até que me deixásseis a salvo; mas agora vos suplico encarecidamente que vades e me deixeis, pois assim é mais conveniente para mim.

Falando isso, apalpou a cabeça e viu que estava sem chapéu, e virando-se para os que haviam chegado pediu que lhe dessem um

chapéu, que o seu havia caído. Mal falou, dom Juan lhe pôs na cabeça o que havia achado. O cavaleiro o apalpou e, virando-se para dom Juan, disse:

– Este chapéu não é meu; por Deus, senhor dom Juan, deveis levá-lo como troféu desta refrega, e guardai-o, pois penso que é conhecido.

Deram outro chapéu ao cavaleiro, e dom Juan, para fazer o que lhe fora pedido, depois de outras cortesias, embora rápidas, deixou-o sem saber quem era e foi para sua casa, sem querer se aproximar da porta onde haviam lhe dado a criança, por achar que todo o bairro estava desperto e alvoroçado com a luta.

Aconteceu então que, voltando para sua pousada, na metade do caminho encontrou seu amigo, dom Antônio de Isunza, e, ao se reconhecerem, dom Antônio disse:

– Vinde comigo, dom Juan, até aqui em cima, e no caminho vos contarei uma coisa estranha que me aconteceu, que nunca deveis ter ouvido na vida.

– Eu sim posso vos contar uma – respondeu dom Juan –, mas vamos aonde quereis ir, e contai-me o que se passou.

Dom Antônio tomou a dianteira e disse:

– Sabei que pouco mais de uma hora depois que saístes de casa saí para procurá-lo, e a menos de trinta passos daqui vi vir, quase ao meu encontro, o vulto negro de uma pessoa, que vinha muito apressada; quando chegou perto, percebi que era uma mulher com roupa longa, que, com a voz interrompida por soluços e suspiros, me disse: “Por acaso, senhor, sois estrangeiro ou daqui da cidade?”. Eu respondi: “Sou estrangeiro, e espanhol”. E ela: “Graças ao céu, que não quer que eu morra sem os sacramentos”. Eu repliquei: “Vindes ferida, senhora, ou tendes algum mal mortal?”. “Pode ser que o que tenho o seja, se eu não receber ajuda logo; pela cortesia que costuma reinar sempre nos de vossa nação, suplico-vos, senhor espanhol, que me tireis destas ruas e me leveis à vossa pousada com a maior rapidez que puderdes, que lá, se vos agradardes, conhecereis o mal de que padeço e quem sou, embora seja à custa de minha reputação.” Ouvindo isso, parecendo-me que tinha necessidade do que pedia, sem lhe responder mais nada, peguei-a

pela mão e por ruas secundárias a levei até a pousada. Santisteban, o pajem, abriu-me a porta; mandei que se retirasse e, sem que ele visse, levei-a a meu quarto, e ela entrou e se jogou em minha cama, desmaiada. Aproximei-me e descobri o rosto dela, que trazia coberto por um manto, e vi nele a maior beleza que olhos humanos já viram; penso que tem uns dezoito anos, talvez menos que mais. Fiquei pasmo ao ver tamanha beleza; tratei de lhe jogar um pouco de água no rosto, e com isso ela voltou a si, suspirando ternamente. E a primeira coisa que disse foi: “Conheceis-me, senhor?”. Eu respondi: “Não, nem mereço a felicidade de ter conhecido tamanha formosura”. Ela respondeu: “Desgraçada daquela a quem se dá o céu para maior infortúnio seu. Mas não é hora para elogiar formosuras, senhor, mas de reparar infelicidades. Por quem sois, deixai-me trancada aqui, e não permitais que ninguém me veja, e ide de volta ao mesmo lugar em que me encontrastes e olhai se algumas pessoas lutam, e não favoreçais a nenhum dos que lutam, mas estabeleci a paz, pois qualquer dano em qualquer um dos lados será para aumentar o meu”. Deixei-a trancada e vim estabelecer a paz nessa pendência.

– Tendes mais o que contar, dom Antônio? – perguntou dom Juan.

– Então, isso não vos parece o bastante? – respondeu dom Antônio. – Pois não vos disse que tenho abaixo de chave, e em meu quarto, a maior beleza que olhos humanos já viram?

– O caso é estranho, sem dúvida – disse dom Juan –, mas ouvi o meu.

E em seguida lhe contou tudo o que lhe tinha acontecido, e como a criança que lhe haviam dado estava em casa em poder da ama, e a ordem que deixara de trocar as mantilhas ricas por pobres e de levá-la aonde a criassem ou pelo menos a socorressem na situação presente. E disse mais, que a luta mencionada pela mulher já havia terminado, pois ele tinha se envolvido nela, e que pelo que imaginava todos os participantes dela deviam ser pessoas nobres e de posses.

Ficaram muito admirados um com o caso do outro e com pressa voltaram à pousada, para ver de que a mulher precisava. No

caminho dom Antônio disse a dom Juan que havia prometido a ela que não deixaria ninguém vê-la, nem entrar no quarto, exceto ele, enquanto ela não decidisse outra coisa.

– Não importa – respondeu dom Juan –, pois não faltará oportunidade para vê-la, embora eu deseje isso ao extremo, tanto a gabastes de formosa.

Nesse instante, chegaram e, à luz que trouxe um dos três pajens que tinham, dom Antônio levantou os olhos para o chapéu que dom Juan trazia, e o viu resplandecente de diamantes. Pegou-o e viu que todo o brilho vinha das muitas pedras que havia no cinto que o cingia. Ambos o olharam com toda a atenção e concluíram que, se os diamantes eram verdadeiros, como pareciam, valiam mais de doze mil ducados. Então se convenceram de vez: as pessoas envolvidas na luta eram nobres, especialmente a que fora socorrida por dom Juan, de quem lembrou ter dito que trouxesse o chapéu e o guardasse porque era conhecido. Mandaram os pajens se retirar, e dom Antônio abriu seu quarto e encontrou a senhora sentada na cama, o rosto apoiado na mão, derramando lágrimas ternas. Dom Juan, com o desejo que o consumia, botou a cabeça na porta para vê-la, e nesse instante o reflexo dos diamantes deu nos olhos da que chorava e, levantando-os, ela disse:

– Entrai, senhor duque, entrai. Por que quereis me dar tão pouco o bem de sua presença?

A isso, dom Antônio disse:

– Aqui, senhora, não há nenhum duque que se esquive a vê-la.

– Como não? – replicou ela. – Aquele que se assomou agora à porta é o duque de Ferrara, pois mal pode ocultá-lo a riqueza de seu chapéu.

– Na verdade, senhora, o chapéu que vistas não era usado por duque nenhum; e se quereis comprovar quem o usa, dai-lhe licença para que entre.

– Muito bem, que entre – disse ela –, embora minhas desgraças sejam maiores se não for o duque.

Dom Juan ouviu todas essas palavras e, vendo que tinha licença, entrou no quarto com o chapéu na mão, e, assim que parou diante

da senhora, ela viu que ele não era o duque e disse com pressa e voz alterada:

– Ai, pobre de mim! Meu senhor, dizei-me logo, sem me deixar mais intrigada: conheceis o dono desse chapéu? Onde o achastes, ou como veio parar em vosso poder? Ele está vivo ou essas são notícias que me manda de sua morte? Ai, meu querido! O que foi que aconteceu? Vejo aqui teus pertences e aqui me vejo sem ti, encerrada e em poder destes senhores, que se não soubesse que são gentis-homens espanhóis, o medo de perder minha honestidade já me teria tirado a vida.

– Acalmai-vos, senhora – disse dom Juan –, pois o dono deste chapéu não está morto, nem vós estais em lugar onde vos possam fazer afronta alguma, pelo contrário, estamos aqui para vos servir até onde nossas forças permitirem, até dar nossas vidas para vos defender e vos amparar, pois não fica bem que seja vã a fé que tendes na bondade dos espanhóis. Sim, nós somos espanhóis, e nobres (que aqui não fica mal isso que parece arrogância), e tende certeza de que guardaremos o decoro que vossa presença merece.

– Acredito – respondeu ela –, mas mesmo assim, dizei-me, senhor, como veio a vosso poder esse rico chapéu, ou onde está seu dono, que deve ser Alfonso de Este, duque de Ferrara?<sup>3</sup>

Então dom Juan, para não mantê-la mais à espera, contou como se envolvera numa luta, e nela havia favorecido e ajudado um certo cavaleiro que, pelo que se via, sem dúvida devia ser o duque de Ferrara, e que na luta tinha perdido o chapéu e achado aquele, e que aquele cavaleiro lhe havia dito que o guardasse, que era conhecido, e que a refrega tinha concluído sem que o cavaleiro se ferisse, ele tampouco, e que, depois de acabada, haviam chegado umas pessoas que pelo visto deviam ser criados ou amigos do que ele pensava ser o duque, o qual lhe pedira que o deixasse e fosse embora, “mostrando-se muito agradecido pela ajuda que eu lhe havia dado”.

– De modo, minha senhora, que este rico chapéu ficou em meu poder assim como vos disse, e deixei seu dono (se for o duque, como dizeis) bem, são e salvo, há menos de uma hora. Que esses

fatos vos sirvam de consolo, se é que o tereis ao saber da boa situação do duque.

– Para que saibais, senhores, se tenho razão e motivo para perguntar por ele, prestai atenção e escutai, nem sei como dizer, minha triste história.

No tempo em que aconteceu tudo isso, a ama esteve dando mel ao menino<sup>4</sup> e lhe mudando as mantilhas ricas por umas pobres. E, quando o teve todo arrumado, quis levá-lo à casa de uma parteira como dom Juan lhe ordenara. E, ao passar perto do quarto onde estava a que queria começar sua história, a criança chorou, de modo que a senhora ouviu e, pondo-se de pé, ficou ouvindo com atenção, e ouviu mais distintamente o pranto da criança e disse:

– Meus senhores, que criança é esta que parece recém-nascida?

Dom Juan respondeu:

– É um menino que esta noite nos deixaram à porta da casa, e a ama vai procurar alguém que lhe dê de mamar.

– Tragam-no aqui, pelo amor de Deus – disse a senhora –, que eu farei essa caridade aos filhos alheios, pois o céu não quer que o faça com os meus.

Dom Juan chamou a ama, pegou o menino e o pôs nos braços da que o pedia, dizendo:

– Vede, senhora, o presente que nos fizeram esta noite, e este não foi o primeiro, pois não passam muitos meses sem que achemos semelhantes coisas na soleira de nossas portas.

Ela pegou a criança e olhou-a atentamente, tanto o rosto como os pobres, embora limpos, panos em que vinha enrolada, e depois, sem poder conter as lágrimas, tirou a touca da cabeça para cobrir os seios e poder dar de mamar com recato. Aproximou a criança deles e colou o rosto ao dela – e com o leite a nutria e com as lágrimas lhe banhava as faces. E esteve dessa maneira enquanto o menino não quis largar o peito. Durante este tempo, todos os quatro mantinham silêncio. O menino mamava, mas não muito bem, pois as parturientes não podem dar o peito, e assim, ao se dar conta de que o dava, a senhora se virou para dom Juan, dizendo:

– Em vão me mostrei caritativa; bem novata me mostro nestes assuntos. Senhor, mandai dar um pouco de mel a este menino e não permitais que o levem pelas ruas a estas horas. Esperai chegar o dia e, antes que o levem, trazei-no de novo para mim, pois me consolo ao vê-lo.

Dom Juan devolveu o menino à ama e lhe ordenou que cuidasse dele e que lhe pusesse outra vez as mantilhas ricas com que tinha vindo, e que não o levasse sem antes lhe dizer. E, voltando a entrar no quarto, de novo os três a sós, a bela senhora disse:

– Se quereis que fale, dai-me antes alguma coisa para comer, pois estou quase desmaiando, e tenho muitos motivos para isso.

Rapidamente dom Antônio foi ao armário e pegou muitas conservas, e a senhora provou algumas, e bebeu um copo de água fria, com o que voltou a si e, um pouco mais calma, disse:

– Sentai-vos, senhores, e escutai-me.

Assim fizeram, e ela, recolhendo-se sobre a cama e cobrindo-se bem com as fraldas do vestido, deixou cair pelas costas um véu que trazia na cabeça, deixando o rosto livre e descoberto, mostrando nas faces as da lua ou, digamos melhor, as do próprio sol, quando mais claro e belo se mostra. Choviam pérolas líquidas de seus olhos, e secava-as com um lenço branquíssimo e mãos não menos brancas, tanto que seria um sábio quem distinguisse a brancura delas da do lenço. Por fim, depois de ter dado muitos suspiros e depois de ter procurado acalmar um pouco o coração, com voz um tanto queixosa e alterada, disse:

– Senhores, eu sou aquela de quem, sem dúvida alguma, deveis ter ouvido falar muitas vezes por aí, porque a fama de minha beleza, tal como ela é, por poucas línguas não foi apregoada. Sou Cornélia Bentibolli, irmã de Lorenzo Bentibolli; ao vos dizer isso, talvez tenha dito duas verdades: uma, a de minha nobreza; a outra, a de minha formosura. Muito pequena, fiquei órfã de pai e mãe, em poder de meu irmão, que me deixou desde criança sob a guarda do próprio recato, embora confiasse mais em meu caráter honrado que no desvelo que punha em me cuidar. Enfim, fui crescendo entre paredes e entre solidões, acompanhada não mais que por minhas criadas, e junto comigo crescia a fama de minha perfeição, espalhada pelos

criados e por aqueles que me viam em segredo, e por um retrato que meu irmão mandou fazer por um pintor famoso, para que, como ele dizia, o mundo não ficasse sem minha pessoa, quando o céu me levasse à melhor vida. Mas tudo isso não seria suficiente para apressar minha perdição se não acontecesse de o duque de Ferrara vir a ser padrinho de casamento de uma prima minha, a que meu irmão me levou com intenção louvável e em honra de minha parenta. Aí olhei e fui vista; aí, acredito, rendi corações e dobrei vontades; aí senti o prazer dos elogios, embora fossem dados por línguas lisonjeiras; aí, enfim, vi o duque e ele viu a mim, e por isso me vejo agora nesta situação. Não vos quero contar, senhores, porque seria me alongar infinitamente, os meios, os subterfúgios e manobras que o duque e eu usamos para realizar, ao cabo de dois anos, os desejos que nasceram durante aquele casamento, porque nem cuidados, nem recatos, nem honrosas admoestações, nem outra diligência humana foi suficiente para impedir nossa união, que se realizou por fim sob a palavra empenhada do duque de ser meu esposo, porque sem ela seria impossível render a rocha valorosa e íntegra de minha honra. Mil vezes lhe disse que me pedisse publicamente a meu irmão, pois não era possível que ele me negasse, e que não havia que dar desculpas ao povo pela culpa que atribuiriam à desigualdade de nosso casamento, pois a nobreza da linhagem Bentibolli não devia nada à Este. A isso me respondeu com escusas, que eu considerei suficientes e necessárias, e tão confiante como rendida, acreditei como apaixonada, e entreguei toda a minha vontade à sua por intermédio de uma criada minha, mais branda aos presentes e promessas do duque do que devia à confiança que meu irmão tinha em sua fidelidade. Em resumo, ao fim de poucos dias me senti grávida e, antes que minhas vestes demonstrassem minha liberdade, digamos para não lhe dar outro nome, fingi estar doente e melancólica e fiz com que meu irmão me levasse para a casa daquela prima de quem o duque havia sido padrinho. Ali falei para ela da situação em que me encontrava e do perigo que me ameaçava, e da pouca segurança que tinha minha vida, por suspeitar que meu irmão desconfiava de minha leviandade. Ficou combinado entre minha prima e o duque que, entrando no mês do



parto, ele fosse avisado, pois viria por mim com outros amigos seus e me levaria para Ferrara, onde na ocasião que esperava se casaria publicamente comigo. A noite de hoje foi a combinada para sua vinda, e nesta mesma noite, estando à espera, percebi passar meu irmão com muitos outros homens, pelo visto de armaduras, pois elas rangiam, e de susto pelo imprevisto entrei em trabalho de parto, e num instante pari um formoso menino. Aquela minha criada, conhecedora e intermediária de meus atos, que já estava prevenida para o caso, enrolou a criança em panos diferentes daqueles que usava a que puseram em vossa porta, e saindo à porta da rua a deu, pelo que me disse, a um criado do duque. Eu, dali a pouco, pegando o que pude, conforme as necessidades imediatas, saí da casa acreditando que na rua estava o duque, e não deveria ter feito isso até que ele chegasse à porta; mas o medo que me havia dado o grupo armado de meu irmão, acreditando que já esgrimia sua espada sobre meu pescoço, não me deixou pensar em solução melhor; e assim, desatinada e louca, saí onde me aconteceu o que vistes. E, embora me veja sem filho e sem esposo, e com medo de coisas piores, dou graças ao céu que me trouxe a vosso poder, de quem espero tudo aquilo que a cortesia espanhola pode me oferecer, e mais ainda da vossa, pois sabereis realçá-la, por serdes tão nobres quanto pareceis.

Dizendo isso, deixou-se cair de todo sobre a cama, e os dois, acorrendo para ver se havia desmaiado, viram que não, mas que chorava amargamente, e então dom Juan lhe disse:

– Se até aqui, bela senhora, eu e dom Antônio, meu amigo, tínhamos compaixão e pena por serdes mulher, agora, que conhecemos vossa nobreza, a pena e a compaixão passam a ser a justa obrigação de vos servir. Recuperai o ânimo e não desmaieis, e, embora desacostumada a semelhantes casos, tanto mais mostrais quem sois, quanto mais com paciência souberdes levá-los. Acreditai, senhora: eu imagino que esses fatos tão estranhos deverão ter um desenlace feliz, pois os céus não permitirão que tanta beleza seja em vão e tão honestas intenções se malogrem. Deitai-vos, senhora, e cuidai de vossa pessoa, pois necessitais, que aqui virá uma criada nossa que vos servirá, em quem podeis confiar como em nós

mesmos. Saberá manter em silêncio vossa desgraça tão bem quanto cuidar de vossas necessidades.

– É tamanha a necessidade que tenho, que a coisas mais difíceis me obriga – respondeu ela. – Mandai entrar quem quiserdes, senhor, pois vindo de vossa parte não posso deixar de confiar muito em tudo que for preciso; mas, apesar de tudo, suplico-vos que não deixeis mais ninguém me ver além de vossa criada.

– Assim será – respondeu dom Antônio.

E saíram, deixando-a só, e dom Juan disse à ama que fosse ao quarto e levasse a criança com os panos ricos, se os havia posto. A ama disse que sim, que ela já estava da mesma maneira que fora trazida. A ama, avisada do que deveria responder ao que a senhora perguntasse sobre aquela criança, entrou no quarto.

Ao vê-la, Cornélia lhe disse:

– Vinde em boa hora, minha amiga; dai-me essa criança e aproximai aqui essa vela.

Assim o fez a ama, e Cornélia, pegando o menino em seus braços, ficou muito emocionada e olhou-o atentamente, e disse à ama:

– Dizei-me, senhora, este menino e o que me trouxestes ou me trouxeram antes é o mesmo?

– Sim, senhora – respondeu a ama.

– Mas como está com outras mantilhas? – replicou Cornélia. – Na verdade, minha amiga, parece-me que estas mantilhas são outras ou esta criança não é a mesma.

– Pode ser uma coisa ou outra – respondeu a ama.

– Pelos meus pecados! – disse Cornélia. – Como pode ser uma coisa ou outra? O que está havendo, minha ama? Meu coração vai arrebentar até saber desta troca. Dizei-me, minha amiga, por tudo aquilo que mais ama. Vamos, dizei-me onde encontrastes estas ricas mantilhas, pois vos garanto que são minhas, se meus olhos não mentem ou a memória não me falha. Com estas mesmas mantilhas ou outras muito parecidas entreguei à minha criada o bem mais querido de minha alma. Quem as tirou? Ai, infeliz! E quem as trouxe para cá? Ai, pobre de mim!

Dom Juan e dom Antônio, que escutavam esses lamentos todos, não quiseram que eles continuassem, nem permitiram que o engano das mantilhas trocadas atormentasse mais a senhora, e assim entraram no quarto, e dom Juan disse:

– Essas mantilhas e esse menino são vossos, senhora Cornélia.

Em seguida contou tim-tim por tim-tim como ele havia sido a pessoa a quem a criada entregara a criança, e de como a tinha trazido para casa e ordenado à ama que trocasse as mantilhas e por que havia feito tudo isso. Mas, depois que ela contou seu parto, teve certeza de que aquele menino era seu filho, e se não havia dito nada fora porque temera que, depois da angústia por estar em dúvida se reconheceria ou não o filho, a alegria de tê-lo reconhecido fosse perigosa.

Então foram infinitas as lágrimas de alegria de Cornélia, infinitos os beijos que deu em seu filho, infinitos os agradecimentos aos seus benfeitores, chamando-os de anjos da guarda humanos e outras coisas que davam notórias mostras de sua gratidão. Deixaram-na com a ama, a quem pediram que olhasse por ela e a servisse tanto quanto possível, advertindo-a do estado em que se encontrava, para que acudisse em sua ajuda se fosse necessário, pois ela, por ser mulher, sabia melhor que eles o que fazer.

Com isso, foram descansar o que restava daquela noite, com a intenção de não entrar no quarto de Cornélia se ela não os chamasse ou não houvesse alguma emergência. Veio o dia, e a ama trouxe em segredo quem desse de mamar às escuras ao menino, e eles perguntaram por Cornélia. A ama disse que descansava um pouco. Foram para a universidade e passaram pela rua onde acontecera a contenda e pela casa de onde Cornélia tinha saído, para ver se sua ausência era conhecida ou se havia mexericos sobre ela. Mas não viram nem ouviram coisa alguma, nem sobre a briga, nem sobre a ausência de Cornélia. Com isso, terminadas suas aulas, voltaram à pousada.

Cornélia os chamou através da ama, a quem responderam que tinham resolvido não botar os pés em seu quarto para que, com mais decoro, ela resguardasse sua honestidade como era devido. Mas ela replicou em lágrimas e com súplicas que entrassem para vê-

la, pois isso era mais digno e mais conveniente, se não para ajudá-la, pelo menos para consolá-la. Assim o fizeram, e ela os recebeu com rosto alegre e com muita cortesia; pediu a eles que lhe fizessem a mercê de sair pela cidade e ver se ouviam alguma notícia sobre sua petulância. Responderam-lhe que já tinham feito isso com muito zelo, mas que não se dizia nada.

Nisso chegou um dos três pajens que tinham e, de fora, à porta do quarto, disse:

– Está aí um cavaleiro com dois criados que diz se chamar Lorenzo Bentibolli e procura meu senhor dom Juan de Gamboa.

A essas palavras, Cornélia fechou os punhos e os pôs na boca, e por entre eles disse com voz baixa e amedrontada:

– Meu irmão, senhores! Esse é meu irmão! Sem dúvida soube que estou aqui, e vem me tirar a vida. Socorro, senhores! Protejam-me!

– Acalmai-vos, senhora – disse dom Antônio –, pois estais em lugar e em poder de quem não vos deixará sofrer a menor afronta do mundo. Ide, dom Juan, e vede o que quer esse cavaleiro, e eu ficarei aqui para defender Cornélia, se for necessário.

Dom Juan, sem alterar o semblante, desceu, e dom Antônio mandou em seguida trazer duas pistolas carregadas e disse aos pajens que pegassem suas espadas e ficassem preparados. A ama, vendo aquelas providências, tremia; Cornélia, com medo de alguma desgraça, também. Apenas dom Antônio e dom Juan estavam calmos e bem determinados sobre o que haviam de fazer. Na porta da rua, dom Juan encontrou dom Lorenzo, que, vendo dom Juan, lhe disse:

– Suplico a vossa senhoria – que esse é o tratamento na Itália – que faça o favor de vir comigo àquela igreja que fica ali em frente, pois tenho um negócio para tratar com vossa senhoria em que se jogam minha vida e minha honra.

– Com muito prazer – respondeu dom Juan. – Vamos, senhor, aonde quiserdes.

Dito isso, foram para a igreja, lado a lado, e, sentando-se num banco e em lugar onde não pudessem ser ouvidos, Lorenzo falou primeiro, dizendo:

– Eu, senhor espanhol, sou Lorenzo Bentibolli, se não dos mais ricos, dos mais nobres desta cidade. Por essa verdade ser tão notória servirá de desculpa por eu próprio me gabar. Fiquei órfão faz alguns anos, e ficou em meu poder uma irmã, tão formosa que, não fosse tão próxima a mim, talvez eu a elogiasse de maneira que me faltariam palavras, por nenhuma ser suficiente para definir sua beleza. Ser eu honrado e ela moça e formosa me fazia andar solícito em protegê-la, mas todas as minhas providências e cuidados foram frustrados pela vontade arrojada de minha irmã Cornélia, que esse é seu nome. Enfim, em resumo, para não vos cansar esta história que poderia ser longa, digo que o duque de Ferrara, Alfonso de Este, com olhos de lince venceu os de Argos, derrubou e derrotou minha diligência, triunfando sobre minha irmã, e ontem à noite tirou-a da casa de uma parenta nossa e a levou, e dizem ainda que logo após ter uma criança. Soube disso ontem à noite, e à noite saí para procurá-lo, e penso que o achei e o feri; mas foi socorrido por algum anjo, que não consentiu que com seu sangue lavasse a mancha de minha desonra. Minha parenta me disse, pois foi quem me contou tudo, que o duque enganou minha irmã sob a palavra de recebê-la por sua mulher. Eu não acredito nisso, por ser casamento desigual quanto aos bens da riqueza, pois nos da natureza o mundo conhece a qualidade dos Bentibolli de Bolonha. Acredito que ele se ateu ao que se atêm os poderosos que querem abusar de uma donzela medrosa e recatada, pondo-lhe sob os olhos o doce nome de esposo, fazendo-a acreditar que por certos motivos não se casam em seguida; mentiras com aparência de verdade, mas falsas e mal-intencionadas. Mas, seja lá o que for, eu me encontro sem irmã e sem honra, embora tudo isso, até agora, eu tenha mantido sob a chave do silêncio, e não quis contar a ninguém essa afronta até ver se posso resolvê-la ou remediá-la de alguma maneira. Pois é melhor que conjecturem ou suspeitem das injúrias do que saibam de modo claro e evidente, porque entre o sim e o não da dúvida cada um pode se inclinar para o lado que mais lhe agrada, e cada lado terá seus defensores. Enfim, eu resolvi ir a Ferrara e pedir ao próprio duque a reparação de minha ofensa, e, se a negar, vou desafiá-lo. E isso não há de ser com esquadrões, pois não os posso formar nem

sustentar, mas mano a mano, para o que gostaria de vossa ajuda, e que me acompanhásseis nessa jornada, confiado em que o fareis por ser espanhol e cavaleiro, como já fui informado. E, para não contar a nenhum parente ou amigo meu, de quem não espero nada além de conselhos e dissuasões, eu vos procurei, pois de vós posso esperar os que sejam bons e honrados, embora suponham qualquer perigo. Fazei a mercê, senhor, de vir comigo, pois levando um espanhol a meu lado, e um como penso que sois vós, farei de conta que vou escoltado pelos exércitos de Xerxes. Peço-vos muito, contudo a mais obriga a dívida de corresponder ao que a fama de vossa nação apregoa.

– Basta, senhor Lorenzo! – disse dom Juan nessa altura, pois até ali, sem interromper uma palavra, estivera escutando. – Basta! Desde já me constituo vosso defensor e conselheiro e tomo a meu cargo a reparação ou a vingança de vossa afronta. E isso não apenas por ser espanhol, mas por ser cavaleiro e por serdes tão nobre como dissestes, e como eu sei e como todo mundo sabe. Vede quando quereis que seja nossa partida, e seria melhor que fosse logo, porque o ferro deve ser moldado enquanto está em brasa, e o ardor da cólera eleva o ânimo, e a injúria recente desperta a vingança.

Lorenzo levantou e abraçou dom Juan com força e disse:

– A coração tão generoso como o vosso, senhor dom Juan, não é preciso mover com outro incentivo que o da honra que ganhará nesse feito, a qual vos concedo desde já se com felicidade sairmos deste caso, e vos ofereço, de quebra, o quanto tenho, posso e valho. Quero partir amanhã, para poder preparar hoje o que for necessário.

– Bem pensado, senhor Lorenzo – disse dom Juan –, e dai-me licença para que eu possa falar com um cavaleiro, amigo meu, de quem podeis esperar valor e discrição muito maiores que os meus.

– Como vós, senhor dom Juan, conforme dizeis, tomastes minha honra a vosso cargo, disponde dela como quiserdes e dizei dela o que quiserdes e a quem quiserdes, quanto mais que, sendo vosso amigo, quem pode não ser muito bom?

Com isso se abraçaram e se despediram, combinando que no dia seguinte, pela manhã, Lorenzo mandaria alguém levá-lo para fora da

cidade, onde montariam seus cavalos e disfarçados seguiriam viagem.

Dom Juan voltou e contou a dom Antônio e a Cornélia o que havia acontecido com Lorenzo e a combinação que tinham feito.

– Que Deus me ajude! – disse Cornélia. – É grande vossa cortesia, senhor, e grande vossa confiança, pois como, com tanta pressa, pudestes vos dispor a empreender uma façanha com tantos riscos? E como tendes certeza, senhor, de que meu irmão vos leva a Ferrara e não a outro lugar? Mas, seja lá aonde for, podeis estar certo de que vai convosco a fidelidade em pessoa, embora eu, pobre infeliz, tropece num grão de poeira e tenha medo de qualquer sombra. E como quereis que não tenha medo, se da resposta do duque depende minha vida ou minha morte? E como posso saber se responderá com tanto tino que a cólera de meu irmão se contenha nos limites de sua sensatez? E, se não responder, parece-vos que tem inimigo fraco? E não vos parece que os dias que demorardes hei de ficar aflita, com medo e preocupada, à espera das doces ou amargas notícias do desenlace do caso? Amo tão pouco ao duque ou a meu irmão que por qualquer um deles não tema as desgraças e as sinta na alma?

– Muito pensais e muito temeis, senhora Cornélia – disse dom Juan –, mas dai lugar, entre tantos medos, à esperança e confiai em Deus, em minha astúcia e boas intenções, que vereis com toda a felicidade a realização de vosso desejo. A ida a Ferrara não é uma evasiva, tampouco eu deixo de ajudar vosso irmão. Até agora não sabemos qual a intenção do duque, nem se ele sabe de vossa ausência, e iremos saber de tudo isso de sua boca, e ninguém melhor que eu para perguntar a ele. E entendei, senhora Cornélia, que a reputação e contentamento de vosso irmão e os do duque são as meninas de meus olhos; eu olharei por eles, como por elas.

– Senhor dom Juan – respondeu Cornélia –, se o céu vos dá tanto poder para amparar quanto dom para consolar em meio destas minhas desgraças, dou-me por muito feliz. Gostaria de vos ver agora ir e voltar, por mais que o medo me aflija em vossa ausência, ou a esperança me agonie.

Dom Antônio aprovou a decisão de dom Juan, e lhe gabou a justa reciprocidade que nele havia encontrado a confiança de Lorenzo Bentibolli. Disse-lhe mais: que ele queria acompanhá-lo, pelo que poderia acontecer.

– Não, senhor – disse dom Juan –, tanto porque não fica bem que a senhora Cornélia fique sozinha, como para que o senhor Lorenzo não pense que quero me valer da coragem alheia.

– A minha é a vossa mesma – replicou dom Antônio. – E assim, mesmo que seja disfarçado e de longe, tenho de vos acompanhar, pois sei que isso agradará à senhora Cornélia, e ela não fica tão sozinha que lhe falte quem a sirva, proteja e acompanhe.

A isso, Cornélia disse:

– Para mim, senhores, será um grande consolo saber que ireis juntos, ou pelo menos de modo que possam ajudar um ao outro se a situação o exigir; e como me parece que os que vão correm mais perigo, fazei-me a mercê, senhores, de levar estas relíquias.

E, dizendo isso, tirou do seio uma cruz de diamantes de valor inestimável e um águs-dei de ouro, tão rico como a cruz. Os dois olharam as lindas joias e apreciaram-nas mais ainda que o cinteiro do chapéu do duque, mas as devolveram, não querendo pegá-las de jeito nenhum, dizendo que eles levariam relíquias consigo, se não tão bem adornadas, pelo menos de qualidade igualmente boa. Pesou a Cornélia que não aceitassem, mas por fim teve de concordar com eles.

A ama tratava Cornélia muito bem e, sabendo da partida de seus amos, que a tinham informado, mas não por que iam nem aonde iam, encarregou-se de olhar pela senhora (cujo nome ainda não sabia), de modo que os favores deles não lhe fizessem falta. No dia seguinte, bem cedo, Lorenzo já estava à porta, e dom Juan vestido para viagem com o chapéu do cinteiro com diamantes, que havia enfeitado com penas pretas e amarelas, tendo ainda coberto o cinteiro com um lenço preto. Despediram-se de Cornélia, que, imaginando a grande proximidade de seu irmão, estava amedrontada, tanto que não conseguiu dizer uma palavra aos dois quando se despediram dela.



Dom Juan saiu primeiro, e foi com Lorenzo para fora da cidade, e num pomar mais ou menos afastado encontraram dois cavalos muito bons, com dois criados que os seguravam pelas rédeas. Montaram e, com os criados adiante, por atalhos e estradas abandonadas, foram para Ferrara. Dom Antônio os seguia num cavalo seu, com outro traje e disfarçado; mas achou que se escondiam dele, especialmente Lorenzo, e resolveu ir para Ferrara pela estrada usual, certo de que lá os encontraria.

Mal haviam saído da cidade, Cornélia contou toda a sua história para a ama, e de como aquele menino era seu e do duque de Ferrara, com todos os detalhes que até ali se narraram do caso, não lhe ocultando a viagem de seus senhores a Ferrara, acompanhando seu irmão que ia desafiar o duque Alfonso. Ouvindo isso, a ama, como se o demônio lhe ordenasse, para complicar, atrapalhar e retardar a reparação de Cornélia, disse:

– Ai, senhora de minha alma! Isso tudo aconteceu com a senhora e estais aqui despreocupada como se nada? Ou não tendes alma, ou estais tão calejada que ela nada sente. Como? Por acaso pensais que vosso irmão vai a Ferrara? Não penseis, não; pensai e acreditai que quis levar meus amos daqui e afastá-los desta casa para voltar e acabar com vossa vida, pois poderá fazê-lo como quem toma um copo d'água. Vede sob que guarda e amparo ficamos, apenas com os três pajens! Eles já têm mais o que fazer coçando a sarna de que estão cheios do que se meter em complicações; eu pelo menos sei que não terei coragem para esperar a desgraça e a ruína que ameaça esta casa. O senhor Lorenzo, italiano, e que confia em espanhóis e lhes pede ajuda e apoio?! Quero cair morta se acredito nisso! – e se benzeu. – Se vós, minha filha, quisésseis seguir meu conselho, eu vos daria um que vos iluminaria.

Pasmada, atônita e confusa estava Cornélia ouvindo as palavras da ama, que as dizia com tanta veemência e com tantas mostras de medo que tudo o que ela lhe dizia pareceu verdadeiro, e talvez dom Juan e dom Antônio estivessem mortos, talvez seu irmão entrasse por aquelas portas e as crivasse de punhaladas; e então disse:

– E que conselho me daríeis, minha amiga, que fosse útil e prevenisse a iminente desventura?

– Claro que te darei! E tão bom que não se pode melhorar! – disse a ama. – Eu, senhora, trabalhei para um piovano, digo, para um padre, de uma aldeia que fica a duas milhas de Ferrara. É uma pessoa santa e boa e que fará por mim tudo o que eu pedir, porque me deve favores mais que de amo. Vamos para lá, e eu procurarei quem nos leve logo, e a quem vem dar de mamar ao menino é mulher pobre e irá conosco ao fim do mundo. E como supomos, senhora, que irão te encontrar, será melhor que seja na casa de um sacerdote de missa, velho e honrado, que em poder de dois estudantes moços e espanhóis, pois eles, como pude testemunhar, não deixam escapar uma. Agora, como não estás bem, senhora, mostram respeito, mas caso melhores e convalesças em seu poder, só Deus poderá te ajudar. Porque, na verdade, se não tivessem topado com minhas rejeições, desdéns e pudores, já teriam me mandado a mim e à minha honra para os quintos, pois nem tudo que reluz neles é ouro, dizem uma coisa e pensam outra; mas se meteram comigo, que sou ladina e sei onde me aperta o sapato, e sobretudo sou bem-nascida, pois sou dos Cribelo de Milão,<sup>5</sup> e o topo de minha honra fica dez milhas acima das nuvens. E nisso pode se ver, minha senhora, as calamidades por que passei, pois, sendo quem sou, vim a ser masara de espanhóis, a quem eles chamam criada; embora, na verdade, não tenha de que me queixar de meus amos, porque são uns benditos, desde que não estejam irritados; e nisso parecem biscainhos, como eles dizem que o são. Mas talvez para consigo sejam galegos, que é outro povo, conforme a fama, um pouco menos diligente e honrado que o biscainho.<sup>6</sup>

Enfim, ela disse tantas e tais palavras que a pobre Cornélia resolveu seguir seu conselho; e assim, em menos de quatro horas, com o consentimento de Cornélia, a ama arrumou tudo, e as duas se viram num coche com a ama-seca do menino e, sem serem notadas pelos pajens, puseram-se a caminho da aldeia do padre. E tudo isso se fez pela vontade da ama, e com dinheiro dela, porque fazia pouco que seus senhores tinham lhe pagado um ano de soldo, e assim não foi preciso empenhar uma joia que Cornélia lhe dava. E como haviam ouvido dom Juan dizer que ele e Lorenzo não haviam de

seguir a estrada que ia direto a Ferrara, mas por atalhos afastados, elas quiseram ir direto, e devagar, para não se encontrar com eles; e o dono do coche se acomodou ao passo da vontade delas, porque lhe pagaram ao gosto da sua.

Vamos deixá-las ir, pois elas vão tão atrevidas quanto bem encaminhadas, e tratemos de saber o que aconteceu a dom Juan de Gamboa e ao senhor Lorenzo Bentibolli. Deles se diz que no caminho souberam que o duque não estava em Ferrara, mas em Bolonha. E assim, deixando o rodeio que faziam, foram para a estrada real, ou estrada mestra, como dizem por lá, considerando que aquela havia de trazer o duque quando voltasse de Bolonha. E pouco tempo depois de entrar nela, espichando a vista até Bolonha para ver se vinha alguém, viram o tropel de gente a cavalo, e então dom Juan disse a Lorenzo que se afastasse da estrada, porque, se por acaso entre aquelas pessoas viesse o duque, gostaria de lhe falar ali antes que se refugiasse em Ferrara, que não estava longe. Lorenzo assim o fez e aprovou a ideia de dom Juan.

Logo que Lorenzo se afastou, dom Juan tirou o lenço que encobria o rico cinteiro do chapéu, e isso sem deixar de refletir com prudência, como ele depois contou.

Nisso chegou a tropa de viajantes, e entre eles vinha uma mulher sobre uma égua tobianana, com um traje de viagem e o rosto coberto com um véu, ou para se ocultar melhor, ou para se proteger do sol e do ar. Dom Juan parou o cavalo no meio da estrada e esperou, com o rosto descoberto, que os viajantes chegassem; quando estavam perto, o porte, o brio, o cavalo poderoso, a elegância do traje e o brilho dos diamantes no chapéu arrastaram os olhos de quantos vinham ali, especialmente os do duque de Ferrara, que era um deles, o qual, logo que pôs os olhos no cinteiro com os diamantes entendeu que era dom Juan que trazia seu chapéu, que havia derrubado na contenda; e mal percebeu isso, sem pensar duas vezes, arremeteu seu cavalo em direção a dom Juan, dizendo:

– Não acredito que me engane em nada, senhor cavaleiro, se vos chamar de dom Juan de Gamboa, pois vossa galharda aparência e o adorno desse chapéu estão me dizendo.

– É verdade – respondeu dom Juan –, porque jamais soube, nem quis, ocultar meu nome. Mas dissei-me, senhor, quem sois, para que eu não caia em alguma descortesia.

– Isso será impossível – respondeu o duque –, pois acredito que não podeis ser descortês em caso algum. Apesar disso, senhor dom Juan, vos digo que sou o duque de Ferrara e aquele que está obrigado a vos servir todos os dias de sua vida, pois não faz quatro noites que a destes a mim.

Nem o duque acabara de dizer isso quando dom Juan, com singular rapidez, saltou do cavalo e foi beijar os pés do duque; mas, por mais ligeiro que tenha chegado, já o duque estava fora da sela, de modo que acabou de apejar nos braços de dom Juan.

O senhor Lorenzo, que, um pouco longe, olhava essas cerimônias, pensando que eram de cólera, não de cortesia, arremeteu seu cavalo; mas na metade do galope se deteve, porque viu dom Juan e o duque (pois já o havia reconhecido) abraçados muito fortemente. O duque, por cima dos ombros de dom Juan, viu Lorenzo e o reconheceu, e por isso teve um pequeno sobressalto, e assim, abraçado como estava, perguntou a dom Juan se Lorenzo Bentibolli, que estava ali, vinha com ele ou não. Ao que dom Juan respondeu:

– Vamos nos afastar um pouco daqui, e contarei grandes coisas a vossa excelência.

O duque assim o fez, e dom Juan disse:

– Senhor, Lorenzo Bentibolli, que vem ali, tem uma queixa de vós, nada pequena. Diz que há umas quatro noites levastes sua irmã, a senhora Cornélia, da casa de uma prima sua, e que a havia enganado e desonrado, e quer saber que satisfações pensais lhe dar, para que ele veja como lhe convém agir. Pediu-me que fosse seu defensor e intermediário. Eu aceitei, porque pelos indícios que ele me deu da pendência, percebi que vós, senhor, éreis o dono deste chapéu, que por generosidade e cortesia vossa quisestes que fosse meu; e, vendo que ninguém melhor que eu poderia defender vossos casos, como já disse, ofereci minha ajuda. Eu gostaria que me dissésseis agora, senhor, o que sabeis acerca desse caso, e se é verdade o que Lorenzo diz.

– Ai, meu amigo! – respondeu o duque. – É tão verdade que não me atreveria a negá-la mesmo que quisesse. Eu não enganei nem levei Cornélia, embora saiba que desapareceu da casa dessa prima; não a enganei, porque a tenho por minha esposa; não a levei, porque não sei onde ela está. Se publicamente não celebrei meu casamento, foi porque aguardava que minha mãe, que está nas últimas, passasse desta à melhor vida, pois deseja que seja minha esposa a senhora Lívia, filha do duque de Mântua, e por outros obstáculos talvez mais efetivos que os mencionados, dos quais não convém falar agora. O que acontece é que na noite em que me socorrestes eu devia trazer Cornélia para Ferrara, porque já estava no mês em que ia dar à luz a prenda que o céu ordenou que nela se depositasse; ou foi pela contenda, ou por descuido meu, mas quando cheguei à sua casa encontrei a intermediária de nossos acordos saindo dela. Perguntei-lhe por Cornélia, e disse-me que já havia saído, e que naquela noite ganhara um menino, o mais belo do mundo, e que o havia entregado a Fábio, um criado meu. A criada é aquela que vem ali; Fábio está aqui também, mas o menino e Cornélia não apareceram. Eu estive estes dois dias em Bolonha, investigando, à espera de ouvir algumas notícias de Cornélia, mas não soube de nada.

– Desse modo, senhor – disse dom Juan –, quando Cornélia e vosso filho aparecerem, não negareis ser ela vossa esposa e ele vosso filho?

– Não, com certeza, porque embora me gabe de ser cavaleiro, gabo-me mais de ser cristão; e mais, pois Cornélia, sendo como é, merece ser senhora de um reino. Se ela aparecer, viva ou morra minha mãe, o mundo saberá que, se eu soube ser amante, sei manter em público o juramento que fiz em segredo.

– Então – disse dom Juan – direis agora a vosso irmão, o senhor Lorenzo, o que acabastes de me dizer?

– Sim – respondeu o duque –, porque me pesa muito que demore tanto em sabê-lo.

No mesmo instante, dom Juan fez sinais a Lorenzo para que apeasse e viesse onde eles estavam, o que ele fez, sem nem suspeitar da boa notícia que o aguardava. O duque se adiantou para

recebê-lo com os braços abertos, e a primeira coisa que lhe disse foi chamá-lo de irmão.

Lorenzo mal soube responder a saudação tão amorosa ou a tão cortês recepção; e, estando indeciso assim, antes que falasse qualquer palavra, dom Juan disse:

– O duque, senhor Lorenzo, confessa a conversa secreta que teve com vossa irmã, a senhora Cornélia. Confessa também que é sua legítima esposa e que, como o afirma aqui, dirá publicamente quando tiver oportunidade. Concorde ainda que foi, há quatro noites, pegá-la na casa de sua prima para levá-la a Ferrara e aguardar a ocasião para celebrar seu casamento, que adiou por justíssimos motivos que me relatou. Admite também a refrega que teve convosco e que, quando foi encontrar Cornélia, encontrou com Sulpícia, sua criada, que é aquela mulher que vem ali, por quem soube que Cornélia havia dado à luz não fazia uma hora e que ela deu a criança a um criado do duque, e que depois Cornélia, acreditando que o duque estava ali, havia saído da casa, amedrontada, porque imaginava que vós, senhor Lorenzo, já sabíeis de seus tratos. Sulpícia não deu o menino para o criado do duque, mas a outro que tomou seu lugar. Cornélia não apareceu, ele se culpa por tudo e diz que, quando a senhora Cornélia aparecer, a receberá como sua verdadeira esposa. Vede, senhor Lorenzo, se há mais o que dizer, ou mais que desejar, exceto encontrar as duas tão infelizes criaturas.

A isso respondeu o senhor Lorenzo, lançando-se aos pés do duque, que lutava para levantá-lo:

– De vossa devoção cristã e grandeza, sereníssimo senhor e irmão meu, não podíamos minha irmã e eu esperar menor bem do que nos fazeis a ambos: a ela, igualá-la a vós, e a mim, pôr-me entre os vossos.

Nessas alturas tinha os olhos rasos de lágrimas, e o duque também, ambos os cavaleiros enternecidos, um pela perda de sua esposa, o outro pelo encontro de tão bom cunhado. Mas consideraram que parecia fraqueza dar mostras de tanto sentimento com lágrimas e as reprimiram e voltaram a trancá-las nos olhos; e os

de dom Juan, alegres, quase lhes pedia alvíssaras por saber onde estava Cornélia e seu filho, já que os deixara em sua própria casa.

Estavam nisso quando se avistou dom Antônio de Isunza, que foi reconhecido no seu quartago de longe por dom Juan; mas, quando chegou mais perto, parou e viu os cavalos de dom Juan e de Lorenzo, que os criados seguravam pelas rédeas, e um pouco mais afastados reconheceu dom Juan e Lorenzo, mas não o duque, e não sabia o que fazer, se se aproximava de onde estava dom Juan ou não. Aproximando-se dos criados do duque, perguntou a eles se conheciam aquele cavaleiro que estava com os outros dois, apontando o duque. Responderam que era o duque de Ferrara, o que o deixou mais confuso e mais sem saber o que fazer; mas dom Juan o tirou dessa perplexidade, chamando-o pelo nome. Dom Antônio apeou, vendo que todos estavam a pé, e aproximou-se deles; o duque o recebeu com muita cortesia, porque dom Juan lhe disse que era amigo seu. Por fim, dom Juan contou a dom Antônio tudo o que havia lhe acontecido com o duque até sua chegada. Dom Antônio se alegrou ao extremo e disse a dom Juan:

– Por que, senhor dom Juan, não acabais de elevar ao máximo a alegria e contentamento destes senhores pedindo as alvíssaras pelo encontro da senhora Cornélia e de seu filho?

– Se não houvésseis chegado, senhor dom Antônio, eu as pediria, mas pedi-as vós, que tenho certeza de que vos darão de muito boa vontade.

Como o duque e Lorenzo ouviram falar de alvíssaras e de que tinham encontrado Cornélia, perguntaram do que se tratava.

– O que pode ser – respondeu dom Antônio –, senão que eu quero ser um personagem nesta trágica comédia, e serei aquele que pede as alvíssaras por ter achado a senhora Cornélia e seu filho, que se encontram em minha casa?

E a seguir lhes contou tim-tim por tim-tim tudo o que até agora se narrou; com isso o duque e o senhor Lorenzo tiveram tanto prazer e satisfação que dom Lorenzo abraçou dom Juan, e o duque a dom Antônio. O duque prometeu todos os seus domínios em alvíssaras, e o senhor Lorenzo, sua riqueza, sua vida e sua alma. Chamaram a criada, que entregou a criança a dom Juan, e ela

estava tremendo, pois tinha reconhecido Lorenzo; perguntaram-lhe se reconhecia o homem a quem havia dado o menino. Disse que não, mas que ela tinha lhe perguntado se era Fábio, e ele havia respondido que sim, e com essa boa-fé o tinha entregado.

– É verdade – respondeu dom Juan –, e vós, senhora, fechastes a porta em seguida, e me dissestes que pusesse a criança a salvo e voltasse logo.

– Foi isso mesmo, senhor – respondeu a criada, chorando.

E o duque disse:

– Já não são necessárias lágrimas aqui, mas júbilo e festa. O caso é que não tenho de entrar em Ferrara, mas voltar logo a Bolonha, porque todas essas alegrias são apenas sombras até que a presença de Cornélia as torne verdadeiras.

E, sem dizer mais, de comum acordo voltaram para Bolonha. Dom Antônio seguiu à frente para prevenir Cornélia, para não assustá-la com a chegada imprevista do duque e de seu irmão. Mas como não a encontrou, nem os pajens souberam dar notícias dela, ficou o mais triste e confuso homem do mundo; e como viu que a ama não estava, imaginou que por tramoias dela Cornélia estava ausente. Os pajens lhe disseram que a ama havia sumido no mesmo dia em que eles haviam partido e que nunca tinham visto esta tal Cornélia por quem perguntava. Dom Antônio ficou fora de si com essa história inacreditável, temendo que o duque pudesse talvez considerá-los mentirosos ou embusteiros, ou talvez imaginasse outras coisas piores que resultassem em prejuízo de sua honra e da boa reputação de Cornélia. Estava nessas reflexões quando chegaram o duque, dom Juan e Lorenzo, que por ruas desertas e ocultas, deixando o resto de seu séquito fora da cidade, chegaram à casa de dom Juan, e acharam dom Antônio sentado numa cadeira, com a mão na face e pálido como um morto.

Dom Juan perguntou se se sentia mal e onde estava Cornélia. Dom Antônio respondeu:

– Como não quereis que me sinta mal? Pois Cornélia desapareceu, com a ama com quem deixamos para lhe fazer companhia, no mesmo dia em que partimos.



Pouco faltou para o duque expirar e para Lorenzo se suicidar, ouvindo tais notícias. Enfim, todos ficaram perturbados, confusos e pensativos.

Nisso chegou um pajem de dom Antônio e lhe disse ao ouvido:

– Senhor, Santisteban, o pajem do senhor dom Juan, tem uma mulher muito bonita trancada em seu quarto desde o dia em que vossas mercês se foram, e eu penso que se chama Cornélia, pois assim eu ouvi que a chamava.

Dom Antônio se inquietou de novo, e teria preferido que Cornélia não houvesse aparecido, pois sem dúvida pensou que era a que o pajem tinha escondida, e não era bom que a achassem em tal lugar. Mas não disse nada e foi ao quarto do pajem, que encontrou trancado, e soube que o pajem não estava em casa. Aproximou-se da porta e disse em voz baixa:

– Abri, senhora Cornélia, e saí para receber vosso irmão e o duque, vosso esposo, que vêm vos buscar.

Responderam de dentro:

– Está brincando comigo? Pois na verdade não sou tão feia nem tão desprezível que não possam me procurar duques e condes. É nisso que dá a gente andar com pajens.

Por essas palavras, dom Antônio entendeu que não era Cornélia quem respondia. Então chegou o pajem, Santisteban, e correu logo a seu quarto e encontrou ali dom Antônio, que pedia que lhe trouxessem as chaves que havia na casa para ver se alguma abria a porta. O pajem, de joelhos e com a chave na mão, disse:

– A ausência de vossas mercês e minha velhacaria, para falar claramente, fez-me trazer uma mulher para ficar comigo estas três noites. Senhor dom Antônio de Isunza, suplico a vossa mercê, tanto quanto ouça boas notícias de Espanha, que não diga nada a meu senhor, dom Juan de Gamboa, se ele não o sabe, que num instante mando a mulher embora.

– E como se chama esta mulher? – perguntou Antônio.

– Chama-se Cornélia – respondeu o pajem.

O pajem que havia descoberto a trama, que não era amigo de Santisteban, não se sabe se por simplicidade ou por malícia, desceu onde estavam o duque, dom Juan e Lorenzo, dizendo:

– Minha nossa, o pajem! Por Deus, teve de entregar a senhora Cornélia! Ele a tinha escondidinha; com certeza não queria que os senhores tivessem vindo, para prolongar a festança por mais três ou quatro dias.

Lorenzo ouviu isso e perguntou-lhe:

– O que dizeis, gentil-homem? Onde está Cornélia?

– Lá em cima – disse o pajem.

Mal ouviu isso, o duque subiu como um raio a escada para ver Cornélia, pois pensou que ela houvesse aparecido, e topou logo com o quarto onde estava dom Antônio e, entrando, disse:

– Onde está Cornélia? Onde está a vida de minha vida?

– Aqui está Cornélia – respondeu uma mulher que estava enrolada num lençol da cama e com o rosto coberto, e que prosseguiu, dizendo: – Vamos, por Deus! Deixem de tempestade em copo d’água! Ou é coisa do outro mundo uma mulher dormir com um pajem?

Lorenzo, que havia chegado, com despeito e raiva deu um puxão no lençol e descobriu a mulher, que era moça e nada feia, a qual, com vergonha, botou as mãos diante do rosto e correu para pôr suas roupas, que lhe serviam de travesseiro, porque a cama não o tinha, e nisso viram que devia ser alguma dessas embusteiças perdidas do mundo.

O duque lhe perguntou se era verdade que se chamava Cornélia; respondeu que sim e que tinha parentes muito honrados na cidade, e que ninguém dissesse desta água não beberei. O duque ficou tão desconcertado que quase esteve por pensar que os espanhóis estavam zombando dele; mas, para não se deixar levar por suspeita tão ruim, virou as costas e saiu, sem falar uma palavra, seguindo-o Lorenzo, e montaram em seus cavalos e foram embora, deixando dom Juan e dom Antônio muito mais desconcertados que eles, que resolveram então fazer o que era possível, ou mesmo o impossível, para encontrar Cornélia e mostrar ao duque suas boas intenções e que falavam a verdade. Despediram Santisteban por atrevido e botaram na rua a pícara Cornélia, e nesse momento lhes veio à memória que haviam se esquecido de falar ao duque sobre as joias, o águs-dei e a cruz de diamantes, que Cornélia lhes havia

oferecido, pois com essas provas acreditaria que Cornélia tinha estado em seu poder e que, se se ausentara, não era por culpa deles. Saíram para lhe dizer isso, mas não o acharam na casa de Lorenzo, onde pensaram que estaria. Mas encontraram Lorenzo, que lhes disse que sem se deter um instante o duque havia voltado para Ferrara, deixando ordem para procurar sua irmã.

Disseram o que haviam ido dizer, mas Lorenzo lhes disse que o duque fora muito satisfeito com o comportamento deles, e entre ambos haviam concluído que a ausência de Cornélia se devia ao grande medo dela, e que se Deus quisesse ela apareceria, pois a terra não teria tragado o menino, a ama e ela. Com isso todos se consolaram e não quiseram procurar por ela investigando publicamente, mas por diligências secretas, pois ninguém, além da prima, sabia de sua ausência; e, entre os que não sabiam da intenção do duque, a reputação de sua irmã correria perigo caso a notícia se espalhasse, sem falar que seria um grande trabalho andar desmentindo cada uma das suspeitas que um boato veemente infunde.

O duque seguiu viagem, e a boa sorte, que ia dispondo seu destino, fez com que chegasse à aldeia do padre onde já estavam Cornélia, o menino e sua ama, mais a conselheira; e elas haviam contado sua vida ao padre e pedido conselho sobre o que fariam.

O padre era grande amigo do duque, em cuja casa, arrumada com zelo e riqueza, o duque costumava ficar vindo muitas vezes de Ferrara, e dali saía para caçar, porque gostava muito tanto da sabedoria do padre como de sua graça, pois a tinha em tudo que dizia e fazia. Não se preocupou ao ver o duque em sua casa, porque, como se disse, não era a primeira vez; mas desgostou-o vê-lo chegar triste, porque percebeu em seguida que alguma coisa o agoniava.

Cornélia entreouviu que o duque de Ferrara estava ali e perturbou-se ao extremo, por não saber com que intenção ele vinha; retorcia as mãos e andava de um lado para o outro, como pessoa fora de si. Cornélia gostaria de falar com o padre, mas, como ele estava conversando com o duque, não tinha oportunidade de lhe falar.

O duque lhe disse:

– Eu venho tristíssimo, meu caro padre, e hoje não quero entrar em Ferrara, mas ser vosso hóspede; dissei aos que vêm comigo que vão para Ferrara e que apenas Fábio fique.

Assim fez o bom padre e em seguida foi dar ordens de como atender e servir o duque, e com isso pôde falar com Cornélia, que, pegando-lhe as mãos, disse-lhe:

– Ai, padre, meu senhor! O que é que o duque quer? Pelo amor de Deus, senhor, sonde com ele meu caso e procure descobrir e encontrar algum indício de suas intenções; enfim, encaminhe a conversa como achar melhor, e sua grande prudência aconselhar.

A isso o padre respondeu:

– O duque chegou triste; até agora não me disse por quê. O que temos de fazer é vestir muito bem esse menino, e ponde nele, senhora, todas as joias que tiverdes, principalmente as que o duque vos deu, e deixai o resto comigo, que espero, com a ajuda do céu, termos hoje um bom dia.

Cornélia o abraçou e lhe beijou a mão, e retirou-se para vestir e enfeitar o menino. O padre saiu para distrair o duque enquanto esperavam a hora do jantar, e durante a conversa o padre perguntou se era possível saber a causa de sua melancolia, porque a uma légua de distância dava para ver que estava triste.

– Está claro, padre, que a tristeza do coração transparece no rosto – respondeu o duque. – Nos olhos se lê o que se passa na alma, e o pior de tudo é que por ora não posso falar a ninguém sobre minha tristeza.

– Na verdade, senhor – respondeu o padre –, se tivésseis disposição para coisas agradáveis, eu poderia vos mostrar uma que me parece que vos daria prazer, e grande.

– Seria um tolo – respondeu o duque – aquele que recusasse o alívio que lhe oferecem para seu mal. Por minha vida, padre, mostrai logo isso de que falastes, pois deve ser algum de vossos objetos curiosos, que sempre me dão grande satisfação de ver.

O padre se levantou e foi para onde estava Cornélia, que já tinha o filho arrumado e com as ricas joias da cruz e do águs-dei, mais outras três peças preciosíssimas, todas dadas pelo duque a Cornélia.

Pegando o menino entre os braços, o padre voltou para onde o duque estava e, dizendo-lhe que se levantasse e se aproximasse da claridade de uma janela, estendeu os braços e pôs o menino nos do duque, que, ao ver e reconhecer as joias como as mesmas que havia dado a Cornélia, ficou pasmo; e, olhando firmemente o menino, teve a impressão de olhar para seu próprio retrato, e cheio de assombro perguntou ao padre de quem era aquela criança que, com aquelas roupas e joias, parecia filho de algum príncipe.

– Não sei – respondeu o padre. – Só sei que uma noite destas um cavaleiro de Bolonha o trouxe e me encarregou de olhar por ele e o criar, pois era filho de um pai valoroso e de uma mãe nobre e formosíssima. Também veio com o cavaleiro uma ama para dar de mamar ao menino, a quem perguntei se sabia alguma coisa sobre os pais desta criança, e me respondeu que não sabe coisa alguma. Na verdade, se a mãe for tão formosa como a ama, deve ser a mais formosa mulher da Itália.

– Eu poderia vê-la? – perguntou o duque.

– Sim, com certeza – respondeu o padre. – Vinde comigo, senhor, pois se vos surpreendem os adornos e beleza desta criança, como penso que vos surpreenderam, acho que haverá o mesmo efeito ao ver sua ama.

Quis pegar a criança que o duque levava, mas ele não quis entregá-la; pelo contrário, apertou-a em seus braços e lhe deu muitos beijos. O padre se adiantou um pouco e disse a Cornélia que saísse sem preocupação nenhuma para receber o duque. Cornélia obedeceu, e a comoção lhe pôs no rosto tais cores que, sobre a palidez mortal, a deixaram mais bela. O duque ficou pasmo quando a viu, e ela, lançando-se a seus pés, quis beijá-los, mas o duque, sem falar uma palavra, deu o menino para o padre e, virando as costas, saiu com muita pressa da sala. Cornélia, vendo isso, virou-se para o padre e disse:

– Ai, meu senhor! O duque se espantou ao me ver? Tem aversão por mim? Pareci feia para ele? Terá esquecido as obrigações que tem comigo? Não me falará nem mesmo uma palavra? Seu filho o cansava tanto que o atirou em seus braços?

A tudo isso o padre não dizia nada, admirado com a fuga do duque, pois isso lhe pareceu que fosse antes que qualquer outra coisa; mas não foi, porque ele saiu para chamar Fábio e lhe dizer:

– Corre, meu amigo Fábio! Volta a Bolonha a toda a pressa e diz a Lorenzo Bentibolli e aos dois cavaleiros espanhóis, dom Juan de Gamboa e dom Antônio de Isunza, que venham agora mesmo para esta aldeia, sem desculpa nenhuma. Olha, amigo: deves voar, e não voltas sem eles, que preciso vê-los sem falta.

Nada preguiçoso, Fábio logo obedeceu às ordens de seu senhor.

O duque voltou em seguida à sala, onde Cornélia estava derramando lindas lágrimas. O duque abraçou-a e, acrescentando lágrimas às lágrimas, mil vezes bebeu o alento nos lábios dela, a alegria mantendo presa a língua deles; e assim, em silêncio recatado e amoroso, deleitavam-se os dois felizes amantes e esposos verdadeiros.

A ama-seca do menino e a dita Cribela, como ela mesma se chamava, que estiveram olhando o que acontecia entre o duque e Cornélia pelas portas do outro aposento, subiam pelas paredes de alegria, que até pareciam ter perdido o juízo. O padre dava mil beijos no menino em seus braços e, com a mão direita, que libertou, não se cansava de dar bênçãos aos dois senhores abraçados. A criada do padre, que não estivera presente aos grandes acontecimentos por estar preparando o jantar, quando o terminou veio chamar a todos para se sentarem à mesa. Isso desfez os abraços, e o duque desvencilhou o padre do menino e o pegou no colo, e assim o manteve o tempo todo em que durou o cuidado e bem temperado, mais que suntuoso, jantar. E, enquanto comiam, Cornélia contou tudo o que lhe havia sucedido até vir àquela casa por conselho da ama dos dois cavaleiros espanhóis, que a tinham servido, amparado e protegido com o mais honesto e exato decoro que se poderia imaginar. O duque também contou a ela tudo o que lhe acontecera até aquele momento. Encontravam-se presentes as duas amas, e tiveram do duque grandes ofertas e promessas. Em todos se renovou a alegria com o feliz desenlace do caso, e só esperavam, para que fosse completa, coroá-la com a chegada de Lorenzo, dom Juan e dom Antônio, que chegaram dali a três dias,

apreensivos e ansiosos para saber se o duque tinha alguma notícia de Cornélia, pois Fábio, que os foi chamar, não pôde lhes dizer coisa alguma sobre o encontro, já que o desconhecia.

O duque saiu para recebê-los numa sala diante da sala em que Cornélia estava, e isso sem sinal nenhum de alegria, coisa que entristeceu os dois recém-chegados. O duque os fez sentar e, sentando-se com eles, começou a falar para Lorenzo:

– Bem sabeis, senhor Lorenzo Bentibolli, que eu jamais enganei vossa irmã, do que o céu e minha consciência são boas testemunhas. Sabeis também do empenho com que a procurei e o desejo que tive de encontrá-la para me casar com ela, como havia prometido. Ela não aparece, e minha palavra não há de ser eterna. Eu sou moço, e não tenho tanta experiência das coisas do mundo que não me deixe levar pelos prazeres que me oferece a cada passo. A mesma afeição que me fez prometer ser marido de Cornélia me levou, antes, a prometer casamento a uma camponesa desta aldeia, a quem pensava enganar devido ao valor de Cornélia, embora não fizesse o que minha consciência pedia, o que não era pequena demonstração de amor. Mas como ninguém se casa com mulher que não aparece, nem é coisa razoável que alguém procure mulher que o abandona para não encontrar quem o detesta, digo que vejais, senhor Lorenzo, que reparação posso vos dar pela afronta que não vos fiz, pois jamais tive intenção de fazê-la, e depois quero que me deis licença para cumprir minha palavra e me casar com a camponesa, que já está nesta casa.

Enquanto o duque dizia isso, o rosto de Lorenzo ia mudando de cor mil vezes, e ele não conseguia se acomodar na cadeira, sinais claros de que a cólera ia se apossando inteiramente dele. A mesma coisa acontecia com dom Juan e dom Antônio, que de imediato resolveram não deixar o duque realizar sua intenção, mesmo que tivessem de lhe tirar a vida. O duque, porém, lendo no rosto deles o que pensavam, disse:

– Calma, senhor Lorenzo, porque antes que me respondais uma palavra, quero que a formosura que vereis naquela que desejo receber como minha esposa vos obrigue a me dar licença para o que

vos peço, pois é tamanha sua perfeição que será desculpa de maiores erros.

Dito isso, levantou-se e foi até onde estava Cornélia, riquissimamente adornada com todas as joias que o menino tinha usado e muitas outras. Quando o duque virou as costas, dom Juan se levantou e, com ambas as mãos postas nos braços da cadeira em que Lorenzo estava sentado, disse-lhe ao ouvido:

– Por Santiago da Galícia, senhor Lorenzo, e pela fé de cristão e de cavaleiro que professo, eu deixo o duque realizar sua intenção tanto quanto vou me tornar mouro! Aqui, aqui, e em minhas mãos, haverá de deixar a vida ou cumprir a palavra que empenhou à senhora Cornélia, vossa irmã, ou pelo menos haverá de nos dar tempo de procurá-la e, enquanto não houver certeza de que está morta, ele não vai se casar!

– Tenho a mesma opinião – respondeu Lorenzo.

– Também será a de meu amigo dom Antônio – replicou dom Juan.

Nisso, Cornélia entrou na sala entre o padre e o duque, que a trazia pela mão, e atrás deles vinham Sulpícia, a criada de Cornélia, que o duque havia mandado buscar em Ferrara, e as duas amas, a do menino e a dos cavaleiros espanhóis.

Quando Lorenzo viu sua irmã – e por fim a distinguiu e reconheceu, pois no começo a impossibilidade de tal acontecimento, em sua opinião, não lhe permitia aceitar a verdade –, saiu tropeçando nos próprios pés e foi se lançar aos do duque, que o levantou e o pôs nos braços de sua irmã. Ela então o abraçou com a demonstração possível de alegria. Dom Juan e dom Antônio disseram ao duque que havia sido a mais sagaz e saborosa brincadeira do mundo. O duque pegou o menino, que Sulpícia trazia e, entregando-o a Lorenzo, disse:

– Recebei, meu irmão, vosso sobrinho e meu filho, e vede se quereis me dar licença para que me case com esta camponesa, que é a primeira a quem dei minha palavra de casamento.

Não iria terminar nunca se contasse o que Lorenzo respondeu, o que dom Juan perguntou, o que sentiu dom Antônio, o regozijo do padre, a alegria de Sulpícia, o contentamento da conselheira, o



júbilo da ama-seca, a admiração de Fábio, enfim, a exaltação de todos.

A seguir o padre os casou, sendo dom Juan de Gamboa o padrinho do duque; e combinaram entre todos manter o casamento em segredo até ver no que dava a doença que tinha sua mãe, a duquesa, a ponto de morrer, e enquanto isso a senhora Cornélia devia voltar a Bolonha com seu irmão. Tudo se fez assim; a duquesa morreu, Cornélia foi para Ferrara alegrando o mundo com sua presença; os lutos se transformaram em festas; as amas ficaram ricas; Sulpícia casou com Fábio; dom Antônio e dom Juan, contentíssimos por terem ajudado um pouco o duque, que lhes ofereceu duas primas suas por mulheres com riquíssimo dote. Eles disseram que os cavaleiros da nação biscainha, em sua maioria, casavam em sua pátria, e que não por menosprezo, pois isso não era possível, mas para seguir o louvável costume e a vontade de seus pais, que já deviam tê-los casados, não aceitavam oferta tão ilustre.

O duque aceitou a desculpa e, por meios honestos e honrosos, e buscando oportunidades lícitas, enviou-lhes muitos presentes para Bolonha, e alguns tão ricos e enviados em momento tão oportuno que, mesmo que pudessem recusá-los para não parecer que recebiam pagamento, não podiam, porque a hora em que chegavam facilitava tudo; especialmente os que lhes enviou na época de sua partida para a Espanha, e os que lhes deu quando foram a Ferrara se despedir dele; e lá já encontraram Cornélia com outras duas crianças, duas meninas, e o duque mais apaixonado que nunca. A duquesa deu a cruz de diamantes para dom Juan e o águs-dei para dom Antônio, que, sem outra opção, os aceitaram.

Chegaram à Espanha e à sua terra, onde se casaram com ricas, nobres e formosas mulheres, e mantiveram sempre correspondência com o duque e a duquesa, e com o senhor Lorenzo Bentibolli, com grande satisfação de todos.

---

1 Trata-se da moderna Antuérpia.

2 Lembre-se de que na Universidade de Bolonha estava o Colégio dos Espanhóis, fundado por Juan de Albornoz em 1369 para receber 24 estudantes espanhóis. Era a única universidade estrangeira em que os espanhóis podiam estudar desde a pragmática de Felipe II de 1559, que se manteve em vigor até 1843.

3 Alfonso II de Este (1533-97) foi o quinto e último duque de Ferrara desde 1559. O personagem de Cervantes não tem nada a ver com o histórico, além do nome.

4 Era costume estimular assim os recém-nascidos para que mamassem.

5 Os Cribelo foram família importante de Milão, com papa e cardeal.

6 A visão negativa dos galegos era geral na época. Biscainho era o termo genérico para designar os bascos.

**NOVELA DO  
CASAMENTO  
ENGANOSO**



SAÍA DO HOSPITAL da ressurreição, que fica em Valladolid, no lado de fora da porta do Campo,<sup>1</sup> um soldado que mostrava claramente, pela espada lhe servir de bengala, pela magreza de suas pernas e palidez de seu rosto, que, embora o tempo não fosse muito quente, devia ter suado em vinte dias toda a doença que ganhou talvez em uma hora.<sup>2</sup> Ia trocando os passos e tropeçando como convalescente e viu, ao entrar pela porta da cidade, que vinha ao seu encontro um amigo a quem não via fazia mais de seis meses. Benzendo-se como se visse alguma assombração, o amigo se aproximou dele e disse:

– O que houve, senhor alferes Campuzano? É possível que vossa mercê esteja nesta terra? Juro que pensei que estivesse em Flandes, empunhando a lança, e não por aqui, arrastando a espada! Que palidez! E que magreza é essa?!

Ao que Campuzano respondeu:

– Se estou nesta terra ou não, senhor licenciado Peralta, ver-me nela lhe responde. Quanto ao resto, só tenho que dizer que saio daquele hospital depois de suar umas cinquenta arrobas de bubo que me jogou nas costas uma mulher que escolhi por esposa, mas que não deveria.<sup>3</sup>

– Então vossa mercê se casou? – replicou Peralta.

– Sim, senhor – respondeu Campuzano.

– Seria por amores? – disse Peralta. – Esses casamentos trazem junto a execução do arrependimento.

– Não sei dizer se foi por amores – respondeu o alferes –, mas posso garantir que foi por dores, pois com meu casamento, ou cansamento, arrumei tantas no corpo e na alma que amenizar as do corpo me custaram quarenta suadouros e as da alma não encontro remédio nem para aliviá-las. Mas, como não estou para longas conversas na rua, vossa mercê me perdoe, que outro dia com mais

calma lhe contarei minhas desgraças, que são as mais originais e estranhas que vossa mercê terá ouvido em todos os dias de sua vida.

– Não há de ser assim – disse o licenciado –, porque quero que venha comigo à minha pousada, que ali faremos o sacrifício, pois o refogado é de doente mesmo, e embora seja para dois, meu criado comerá um pastel, e se sua convalescença aguentar, começaremos com umas talhadas de presunto de Rute.<sup>4</sup> E pense sobretudo na boa vontade com que o convido, não apenas esta vez como todas as que vossa mercê quiser.

Campuzano lhe agradeceu e aceitou o convite e demais ofertas. Foram a San Llorente,<sup>5</sup> ouviram a missa, e Peralta o levou à sua casa, deu-lhe o prometido e de novo se pôs à sua disposição, e no fim da comida lhe pediu que contasse as desgraças tão originais e estranhas de que tinha falado. Campuzano não se fez de rogado e começou a contar desta maneira:

– Vossa mercê deve se lembrar bem, senhor licenciado Peralta, de como, nesta cidade, eu era amigo do capitão Pedro de Herrera, que agora está em Flandes.

– Sim, lembro-me bem – respondeu Peralta.

– Pois um dia, quando acabávamos nossa refeição naquela pousada da Solana onde morávamos<sup>6</sup> – prosseguiu Campuzano –, entraram duas mulheres de boa aparência com duas criadas. Uma delas se pôs a falar com o capitão, em pé, escorados a uma janela; e a outra se sentou numa cadeira perto de mim, baixando o manto até o queixo, sem mostrar o rosto mais do que permitia a pouca espessura do tecido. Embora eu tenha suplicado que por cortesia me fizesse a mercê de se descobrir, não foi possível convencê-la, coisa que me inflamou mais o desejo de vê-la. E, para aumentá-lo mais, fosse por astúcia ou por acaso, a senhora mostrou uma mão muito branca com muitos bons anéis. Eu estava elegantíssimo, com aquela grande corrente que vossa mercê deve ter conhecido, o chapéu com plumas e cinteiro enfeitado de pedrarias, as roupas coloridas ao modo dos soldados,<sup>7</sup> e tão garboso aos olhos de minha loucura que

me sentia capaz de tudo e mais um pouco. Então supliquei a ela que se descobrisse, ao que me respondeu:

“Não sejais importuno. Tenho casa; fazei com que um pajem me siga, pois, embora eu seja mais honrada do que dá a entender esta resposta, em troca de ver se vosso tino se compara à vossa galhardia, terei prazer em que me vejais.’

“Beijei-lhe as mãos pela grande mercê que me fazia e lhe prometi montes de ouro em pagamento por ela. O capitão acabou sua conversa; elas foram embora; um criado meu as seguiu. O capitão me disse que o que a dama queria dele era que levasse umas cartas a Flandes para outro capitão, que ela dizia ser seu primo, embora ele soubesse que era apenas seu amante.

“Eu fiquei em brasas com as mãos de neve que havia visto e louco pelo rosto que desejava ver. E assim, no dia seguinte, meu criado me guiou até a mulher, que me deixou entrar livremente. Achei uma casa muito bem-arrumada e uma mulher de uns trinta anos, a quem reconheci pelas mãos. Não era formosa ao extremo, mas o era de um jeito que podia apaixonar com a convivência, porque tinha um tom de voz tão suave que entrava na alma pelos ouvidos. Tive longas e amorosas conversas com ela; gabei-me, esgrimi, ataquei, ofereci, prometi e fiz todas as demonstrações que me pareceram necessárias para me tornar benquisto. Mas, como ela estava acostumada a ouvir conversas e galanteios semelhantes ou maiores, parecia que lhes dava mais atenção que crédito. Enfim, os quatro dias que continuei a visitá-la passaram em brancas nuvens, sem que eu conseguisse colher o fruto que desejava.

“No tempo em que a visitei, sempre achei a casa desimpedida, sem ver nela nem sombra de parentes falsos ou de amigos verdadeiros; era servida por uma criada mais ladina que boba. Enfim, tratando meus amores como soldado que está em véspera de partida, apressei minha senhora dona Estefânia de Caicedo (esse é o nome da que me tem neste estado), que me respondeu:

“Senhor alferes Campuzano, seria ingenuidade se eu quisesse me vender por santa a vossa mercê. Fui pecadora e ainda hoje o sou, mas não de maneira que os vizinhos mexeriquem de mim, nem que os distantes percebam. Nem de meus pais nem de outro

parente herdei bem algum, mas apesar disso os móveis de minha casa valem, bem avaliados, dois mil e quinhentos escudos, e estes em coisas que, levadas a leilão, o que se tardar em levá-las se tardará em transformá-las em dinheiro. Com essas posses procuro marido a quem me entregar e a quem obedecer, a quem juntamente com o concerto de minha vida entregarei uma incrível vontade de cuidá-lo e servi-lo, porque não há príncipe com melhor cozinheiro nem que saiba mais dar o ponto aos refogados do que eu sei dar quando, mostrando ser caseira, assim o desejo. Sei ser mordomo em casa, criada na cozinha e senhora na sala. Na verdade, sei mandar, e sei fazer com que me obedçam. Não desperdiço nada e poupo muito; meu dinheiro não vale menos, mas muito mais, quando se gasta por ordem minha. A roupa-branca que tenho, que é muita e muito boa, não se pegou em lojas nem com mercadores: estes polegares e os de minhas criadas a fiaram; e se pudesse tecer em casa, eu teceria. Faço esses elogios a mim mesma porque não acarretam recriminação quando é forçosa a necessidade de dizê-los. Enfim, quero dizer que eu procuro marido que me ampare, que mande em mim e me honre, e não um amante que me sirva e me repreenda. Se vossa mercê quiser aceitar o mimo que lhe é oferecido, aqui estou sem tirar nem pôr, sujeita a tudo aquilo que vossa mercê ordenar, sem passar os dias na janela, que é a mesma coisa que andar na língua dos casamenteiros, e não há nenhum tão bom para arrumar o todo como as próprias partes.'

"Eu, que tinha então o juízo não na cabeça, mas nos calcanhares, julgando naquela hora a satisfação maior do que a imaginação pintava, e tantos bens à vista que eu já via transformados em dinheiro, sem pensar em nada além do que o prazer prometia, pois tinha me posto grilhões ao entendimento, disse a ela que eu tinha muita sorte e era feliz por o céu ter me dado, quase por milagre, tal companheira para fazê-la senhora de minha vontade e de meus bens, que não eram tão poucos (como aquela corrente que trazia no pescoço, e outras joiazinhas que tinha em casa, e algumas roupas de soldado de que devia me desfazer) que não valessem mais de dois mil ducados, que juntos com os dois mil e quinhentos seus era quantidade suficiente para nos retirarmos



para viver numa aldeia de que eu era natural e onde tinha algumas propriedades; enfim, todas essas coisas, bem administradas com o dinheiro, vendendo os frutos a seu tempo, podiam nos dar uma vida alegre e descansada. Em resumo, combinamos naquela vez nosso casamento e se pensou nos documentos que provavam que éramos solteiros, e nos três dias de festa que vieram em seguida, durante uma Páscoa, se fizeram os proclamas, e no quarto dia nos casamos, achando-se presentes à cerimônia dois amigos meus e um rapaz que ela disse ser seu primo, a quem eu me pus à disposição como parente com palavras muito educadas, como haviam sido todas as que até então havia dirigido à minha nova esposa, com intenção tão desonesta e traidora que prefiro calar; porque, embora eu esteja dizendo a verdade, não são verdades de confissão que não podem deixar de se dizer.

“Meu criado levou o baú da pousada para a casa de minha mulher; tranquei nele, diante de minha mulher, minha magnífica corrente; mostrei-lhe outras três ou quatro, se não tão grandes, de melhor acabamento, com outros três ou quatro anéis de diversos tipos; mostrei-lhe minhas roupas e plumas, e lhe entreguei para a despesa da casa uns quatrocentos reais que tinha. Por seis dias provei a lua de mel do casamento, divertindo-me em casa como o genro ruim na do sogro rico. Pisei belos tapetes, amarrotei lençóis de Holanda, iluminei-me com candeeiros de prata; tomava o desjejum na cama, levantava-me às onze, almoçava às doze e às duas sesteava no estrado, e dona Estefânia e a criada se adiantavam aos meus desejos. Meu criado, que conheci até ali como preguiçoso e lerdo, havia se tornado uma corça (caraca!). O instante em que dona Estefânia se ausentava do meu lado haviam de encontrá-la na cozinha, toda solícita tratando de refogados que me dessem prazer e despertassem o apetite. Minhas camisas, colarinhos e lenços eram um novo Aranjuez de flores,<sup>8</sup> pelo que cheiravam, lavados em água perfumada e água de flor de laranjeira que se derramavam sobre eles. Esses dias passaram voando, como passam os anos que estão sob a jurisdição do tempo; neles, por me ver tratado tão bem e tão bem servido, ia mudando de má para boa a intenção com que tinha

começado aquele negócio. Ao fim deles, uma manhã, quando ainda estava na cama com dona Estefânia, bateram na porta da rua com grandes golpes. A criada foi até a janela e, voltando num instante, disse:

“Oh, bem-vinda seja ela! Viram como veio bem antes do que avisou outro dia?”

“Quem é que chegou, moça?”, perguntei.

“Quem?”, respondeu ela. ‘Minha senhora Clementa Bueso, claro, e vem com ela o senhor dom Lope Meléndez de Almendárez, com outros dois criados e Hortigosa, a aia que levou consigo.’

“Corre, moça, e abre para eles, que Deus me ajude!”, disse nesse ponto dona Estefânia. ‘E vós, senhor, pelo amor que me tendes, não vos assusteis nem respondais por mim a nenhuma coisa que ouvirdes contra mim.’

“Mas quem há de vos dizer coisas ofensivas, e mais ainda, estando eu presente? Dizei-me quem são essas pessoas, pois pelo visto a chegada delas vos preocupou.’

“Agora não posso vos responder”, disse dona Estefânia. ‘Sabei apenas que tudo o que acontecer aqui é fingido e visa a certo propósito e efeito que depois sabereis.’

“E embora eu quisesse responder a isso, não me deu chance a senhora dona Clementa Bueso, que entrou na sala vestida de cetim verde sem um amassadinho, com muitos enfeites de ouro, capa do mesmo tecido com as mesmas guarnições, chapéu com plumas verdes, brancas e vermelhas, e com um belo cinteiro bordado de ouro, e com um fino véu cobrindo metade do rosto. Entrou com ela o senhor dom Lope Meléndez de Almendárez, não menos elegante que ricamente vestido para viagem. A aia Hortigosa foi a primeira que falou, dizendo:

“Jesus! O que é isto? Ocupando o leito de minha senhora dona Clementa, e com um homem ainda por cima?! Hoje presencio milagres nesta casa; por Deus, a gente dá a mão e a senhora Estefânia já quer o braço, fiada na amizade de minha senhora.’

“Tendes razão, Hortigosa”, replicou dona Clementa, ‘mas a culpa é minha, que nunca aprendo a não ser amiga de quem só sabe ser quando lhe vem a calhar.’

“A isso, dona Estefânia respondeu:

“Não se amofine vossa mercê, minha senhora dona Clementa Bueso, e compreenda que há mistério no que vê em sua casa, e sei que, quando souber de tudo, vossa mercê não terá nenhuma queixa e me desculpará.’

“Nisso eu já estava de calça e gibão, e dona Estefânia, pegando-me pela mão, levou-me a outro aposento e me disse que aquela sua amiga queria enganar aquele dom Lope que vinha com ela, com quem pretendia se casar. E a trapaça era lhe dar a entender que aquela casa e tudo o que havia nela era seu, fazendo constar no documento do dote, e que depois do casamento pouco importava que se descobrisse o engano, confiada no grande amor que dom Lope tinha por ela.

“E em seguida me devolverá o que é meu, e não vamos levá-la a mal, nem a outra mulher qualquer, por procurar marido honrado, embora seja por meio de um embuste.’

“Eu lhe respondi que era um gesto extremo de amizade e que antes olhasse bem o que queria fazer, porque depois poderia precisar da Justiça para recuperar seus bens. Mas ela me respondeu com tantos argumentos, alegando que tinha tantas obrigações com dona Clementa, e coisas ainda mais importantes, que eu, com muitas dúvidas e grande desgosto, tive de condescender com a vontade de dona Estefânia, garantindo-me ela que o embuste só podia durar oito dias, durante os quais ficaríamos na casa de outra amiga sua.

“Acabamos de nos vestir, ela e eu, e depois ela foi se despedir da senhora dona Clementa Bueso e do senhor dom Lope Meléndez de Almendárez, e eu ordenei que meu criado carregasse o baú e a seguisse, a quem eu também segui, sem me despedir de ninguém. Dona Estefânia parou na casa de uma amiga sua e, antes que entrássemos, esteve falando com ela um bom tempo, ao fim do qual saiu uma criada e disse que eu e meu criado entrássemos. Levou-nos a um quarto estreito, em que havia duas camas tão juntas que pareciam uma, porque não havia espaço entre elas, e os lençóis de ambas se beijavam.

“Pois é, estivemos seis dias ali, e em todos eles não passou uma hora sem que brigássemos, eu dizendo para ela a asneira que havia feito por ter deixado sua casa e seus bens, mesmo que tivesse sido para sua própria mãe. De tanto em tanto, eu voltava ao assunto, até que a dona da casa, num dia em que dona Estefânia disse que ia ver em que pé estava seu negócio, quis saber de mim qual era a causa que me levava a discutir assim com minha mulher, e que coisa havia feito que tanto a ofendia, dizendo que tinha sido uma asneira notória mais que uma amizade perfeita. Contei-lhe toda a história e, quando falei que havia me casado com dona Estefânia e que dote ela trouxe, e a ingenuidade que tinha feito em deixar sua casa e bens para dona Clementa, ainda que fosse com tão boa intenção como era conseguir marido tão nobre como dom Lope, a dona começou a se benzer e a fazer o sinal da cruz com tanta pressa e com tantos ‘Jesus, Jesus, mulher desgraçada!’ que me deixou muito perturbado, e por fim me disse:

“‘Senhor alferes, não sei se vou contra minha consciência ao vos revelar o que me parece que também a pesaria se calasse; mas fé em Deus, aconteça o que acontecer: viva a verdade e morra a mentira! A verdade é que a senhora Clementa Bueso é a verdadeira dona daquela casa e dos bens que vos deram como dote; é mentira tudo quanto dona Estefânia vos disse, pois ela nem tem casa, nem bens, nem outra roupa que a que está vestindo. E ela teve tempo e oportunidade para fazer esse embuste porque dona Clementa foi visitar uns parentes seus na cidade de Plasência, e dali foi em peregrinação de nove dias a Nossa Senhora de Guadalupe. E nesse meio-tempo deixou dona Estefânia em sua casa para que olhasse por ela, porque realmente são grandes amigas, embora, pensando bem, não se possa culpar a pobre senhora, pois soube arrumar uma pessoa como o senhor alferes como marido.’

“Aqui acabou a conversa dela e começou minha vontade de me matar. E sem dúvida teria me matado, se meu anjo da guarda se descuidasse um pouquinho em me socorrer, vindo me dizer no coração que olhasse que era cristão e que o maior pecado dos homens era o do desespero, por ser pecado de demônios. Essa consideração ou boa inspiração me consolou um pouco, mas não

tanto que eu deixasse de pegar minha capa e espada e saísse em busca de dona Estefânia, com o propósito de lhe dar um castigo exemplar. Mas a sorte, que não saberei dizer se melhorava ou piorava minhas coisas, ordenou que eu não achasse dona Estefânia em nenhum lugar onde pensei encontrá-la. Fui a San Llorente, encomendei-me a Nossa Senhora, sentei-me num escano e com a angústia me tomou um sono tão pesado que eu não teria acordado logo se não me acordassem. Fui cheio de pensamentos e ansiedade à casa de dona Clementa, e encontrei-a muito tranquila como senhora de sua casa. Não ousei lhe dizer nada, porque estava presente o senhor dom Lope; voltei à casa de minha hospedeira, que me disse ter contado a dona Estefânia como eu sabia de toda a tramoia e embuste, e que ela lhe perguntou que cara eu havia mostrado com a notícia, e que lhe tinha respondido que muito má, e que em sua opinião eu havia saído com péssima intenção e pior determinação à sua procura. Disse-me, por fim, que dona Estefânia tinha levado tudo o que havia no baú sem me deixar uma só roupa de viagem.

“Aí é que são elas!, pensei, mas a mão de Deus me amparou de novo. Fui ver meu baú, e o encontrei aberto e como sepultura que esperava o corpo do defunto, e por boa razão havia de ser o meu se eu tivesse cabeça para saber sentir e ponderar tamanha desgraça.”

– E que grande desgraça foi dona Estefânia ter levado tanta corrente e adornos – disse nessas alturas o licenciado Peralta –, pois, como se costuma dizer, com pão todas as dores são boas.

– Isso pouco me importa – respondeu o alferes –, pois eu também poderei dizer: “Dom Simueque pensou que me enganava com sua filha caolha, mas, santo Deus, eu puxo de uma perna”.

– Não sei com que propósito pode vossa mercê dizer isso – respondeu Peralta.

– Ora – respondeu o alferes –, toda aquela mixórdia e aparato de correntes, adornos e joias podia valer no máximo uns dez ou doze escudos.

– Isso não é possível – replicou o licenciado –, porque a corrente que o senhor alferes levava no pescoço parecia valer mais de duzentos ducados.

– Assim seria – respondeu o alferes – se a verdade correspondesse à aparência, mas como nem tudo que reluz é ouro... As correntes, adornos e joias se contentaram em ser ouro de alquimia, mas estavam tão bem-feitos que só um bom exame ou a fundição poderiam descobrir a malícia.

– Quer dizer – disse o licenciado – que vossa mercê e a senhora Estefânia são farinha do mesmo saco.

– Isso mesmo – respondeu o alferes –, tanto que podemos ter uma recaída. Mas o problema, senhor licenciado, é que ela poderá se desfazer de minhas correntes e eu não da falsidade de sua palavra, porque, para mal de meus pecados, é minha querida.

– Dai graças a Deus, senhor Campuzano – disse Peralta –, que foi querida com pés ligeiros e vos deixou, e que não estais obrigado a ir atrás dela.

– É verdade – respondeu o alferes –, mas, apesar de tudo, sem que a procure, encontro-a sempre na imaginação, e onde quer que eu esteja tenho minha afronta presente.

– Não sei o que vos responder – disse Peralta –, além de vos trazer à memória dois versos de Petrarca, que dizem:

Ché qui prende diletto di far fiode,  
Non si de lamentar si altri l'ingana.<sup>9</sup>

Que em nossa língua quer dizer: “Aquele que tem o costume e o gosto de enganar outro não deve se queixar quando é enganado”.

– Eu não me queixo – respondeu o alferes –, mas me entristeço, pois não é por conhecer sua culpa que o culpado deixa de sentir a pena do castigo. Sei muito bem que quis enganar e fui enganado, porque me feriram com minhas próprias armas; mas não posso controlar tão bem meus sentimentos que não me queixe de mim mesmo. Enfim, para mencionar o que mais vem ao caso em minha história, que esse nome se pode dar à narração de meus males, digo que soube que dona Estefânia tinha sido levada por aquele primo que esteve em nosso casamento, e que era amigo dela para o que desse e viesse havia longos anos. Não quis procurá-la, para não

encontrar o mal que me abandonara. Mudei de pousada e, dali a poucos dias, mudei o cabelo, porque começaram a me cair as sobrancelhas e as pestanas, e pouco a pouco os cabelos me deixaram, e antes de ter idade fiquei calvo, dando-me uma doença que chamam de alopecia ou, com um nome de maior clareza, peladura.<sup>10</sup> Encontrei-me realmente pelado, porque não tinha nem barba para pentear nem dinheiro para gastar. A doença foi caminhando junto com minha pobreza, e como a pobreza atropela a honra e a uns leva à força e a outros ao hospital, e a outros os faz bater na porta dos inimigos com súplicas e humilhações, que é uma das maiores misérias que podem acontecer a um desgraçado, para não empenhar as roupas para me tratar, pois haveriam de me cobrir e honrar quando estivesse são, chegou o tempo em que se dão os suadouros no Hospital da Ressurreição, internei-me, onde suei quarenta vezes. Dizem que ficarei são se me cuidar; tenho a espada, o resto é com Deus.

O licenciado ofereceu ajuda de novo, admirando-se das coisas que ele havia lhe contado.

– Vossa mercê se admira com pouca coisa, senhor Peralta – disse o alferes –, pois me restam outros acontecimentos por dizer que excedem a toda imaginação, porque ultrapassam todos os limites da natureza. Não queira vossa mercê saber mais, a não ser que são do tipo que dou por bem empregadas todas as desgraças que me puseram no hospital, onde vi o que vou lhe contar agora, que é o que agora, nem nunca, vossa mercê poderá acreditar, nem haverá pessoa no mundo que acredite.

Todos esses preâmbulos e enaltecimentos que o alferes fazia antes de contar o que havia visto inflamavam o desejo de Peralta, de modo que lhe pediu encarecidamente contasse de uma vez as maravilhas que restavam por contar.

– Vossa mercê já deve ter visto – disse o alferes – dois cachorros que andam de noite com duas lanternas com os irmãos da Capacha,<sup>11</sup> iluminando-os quando pedem esmola.

– Sim, vi – respondeu Peralta.

– Vossa mercê também deve ter visto ou ouvido o que se diz deles – disse o alferes –, que se por acaso jogam esmolas pelas janelas e caem no chão, eles correm logo para iluminar e procurar as moedas, e que param diante das janelas onde sabem que se costuma dar esmolas. Mas, apesar de irem ali tão mansos que mais parecem cordeiros que cachorros, no hospital são uns leões guardando a casa com grande cuidado e vigilância.

– Eu ouvi dizer – disse Peralta – que é assim mesmo, mas isso não pode nem deve me causar espanto.

– Pois o que direi agora sobre eles é motivo para causar, sim, e sem se benzer, nem alegar obstáculos nem dificuldades, trate vossa mercê de se conformar em acreditar. É que eu ouvi e quase vi com meus próprios olhos esses dois cachorros (um se chama Cipião e o outro Berganza) uma noite, que foi a penúltima em que suei, deitados atrás de minha cama numas esteiras velhas, e pela metade daquela noite, estando às escuras e acordado, pensando nas minhas desgraças passadas e presentes, ouvi falar ali perto, e fiquei com o ouvido atento, escutando, para ver se podia descobrir quem falava e do que falavam. E dali a pouco descobri, pelo que falavam, os que falavam, e eram os dois cachorros, Cipião e Berganza.

Mal Campuzano acabou de dizer isso, o licenciado se levantou e disse:

– Pare vossa mercê enquanto é tempo, senhor Campuzano, pois até aqui eu estava em dúvida se devia acreditar ou não no que havia me contado sobre seu casamento, mas isso de que ouviu os cachorros falando me leva a pensar em não acreditar em coisa nenhuma. Pelo amor de Deus, senhor alferes, não conte esses disparates a pessoa alguma, a não ser a quem seja tão seu amigo como eu.

– Não pense vossa mercê que sou tão ignorante assim – replicou Campuzano – que não entenda que, se não for por milagre, os animais não podem falar. Sei muito bem que os tordos, pegas e papagaios não falam nada além das palavras que aprendem e decoram, e por terem a língua adequada para poder pronunciá-las; mas nem por isso podem falar e responder com argumentos racionais como esses cachorros falaram. Então, muitas vezes depois



que os ouvi, eu não quis dar crédito a mim mesmo, e preferi achar que era coisa sonhada o que, estando eu acordado com todos os cinco sentidos, exatamente como Nosso Senhor quis me dar, realmente ouvi, escutei, gravei e por fim escrevi, sem pular uma palavra devido à sua concatenação, indício suficiente para persuadir e levar a acreditar na verdade do que digo. As coisas de que trataram foram importantes e diferentes, e mais para serem tratadas por homens sábios que para serem ditas por boca de cachorros. Assim, como eu não as pude inventar sozinho, apesar de minha opinião ou contra ela, vim a acreditar que não sonhava, e que os cachorros falavam.

– Minha nossa! – replicou o licenciado. – Voltamos ao tempo de Adão e Eva, quando o leão e o cordeiro dormiam juntos, ou de Esopo, quando o galo falava com a raposa e outros animais entre si.

– Um deles seria eu, e o maior – replicou o alferes –, se acreditasse que esse tempo voltou. Mas também seria se deixasse de acreditar no que ouvi e no que vi, e no que me atreverei a jurar com juramento que obrigue e até force a própria incredulidade a acreditar. Mas, supondo que eu tenha me enganado e que minha verdade seja sonho e teimar nela seja absurdo, vossa mercê não terá prazer, senhor Peralta, de ver escritas num diálogo as coisas que esses cachorros, ou seja lá quem forem, falaram?

– Desde que vossa mercê não se canse mais tentando me convencer de que ouviu os cachorros falar – replicou o licenciado –, de muito boa vontade ouvirei esse diálogo, que já julgo bom por ter sido escrito e anotado pela grande inteligência do senhor alferes.

– Pois há nisso outra coisa – disse o alferes. – Como eu estava tão atento e tinha a mente perspicaz, e delicada, sutil e desocupada a memória, graças às muitas passas e amêndoas que havia comido,<sup>12</sup> decorei toda a conversa, e no dia seguinte a escrevi quase com as mesmas palavras que havia ouvido, sem buscar cores retóricas para adorná-la, nem acrescentar ou tirar nada para torná-la saborosa. A conversa não durou apenas uma noite, pois foram duas consecutivamente, embora eu não tenha escrito mais que uma, que é a vida de Berganza, e a do companheiro Cipião penso escrever (foi

a que se contou na segunda noite) quando der ou depois que se acreditar nesta ou, pelo menos, não for desprezada. Trago o diálogo no peito; eu o escrevi em forma de diálogo para economizar o “disse Cipião”, “respondeu Berganza”, que costuma espichar o escrito.

E, dizendo isso, tirou do peito um caderno de apontamentos e o pôs nas mãos do licenciado, que o pegou rindo-se e como que zombando de tudo o que havia ouvido e do que pensava ler.

– Vou me recostar nesta cadeira – disse o alferes –, enquanto vossa mercê lê, se quiser, esses sonhos ou disparates, que não têm outra coisa de bom se não é poder deixá-los quando entediarem.

– Esteja a gosto vossa mercê – disse Peralta –, que eu despacho em seguida esta leitura.

O alferes se recostou, o licenciado abriu o caderno e viu que, no começo, estava escrito este título:

- 
- 1 Nos seus anos em Valladolid, Cervantes morou perto tanto do hospital como da porta do Campo.
  - 2 O alferes Campuzano tratava de uma sífilis, como logo se verá.
  - 3 Em relação ao título da novela, um casamento enganoso era aquele realizado de maneira fraudulenta por um dos cônjuges.
  - 4 O presunto de Rute (Córdoba) era famoso.
  - 5 Igreja de São Lourenço, em Valladolid, onde batizaram Felipe IV.
  - 6 Pousada histórica da Valladolid da época que tinha o nome da rua onde se localizava.
  - 7 Na época, não existiam uniformes, e as plumas no chapéu e as roupas de diversas cores eram a vestimenta usual dos soldados.
  - 8 Os Sítios Reais de Aranjuez eram famosos por suas fontes.
  - 9 “Ché, chi prende diletto de far frode;/Non si de’ lamentar s’altri lo ‘nganna” (Petrarca, Trionfo d’amore, vv. 119-20).
  - 10 Sintomas, claro, de sífilis.
  - 11 Os irmãos da Capacha são os membros da Ordem de São João de Deus, padres esmoleiros que pediam com cestas de palma chamadas capachas na Andaluzia, que é onde essa ordem começou.
  - 12 As passas e as amêndoas faziam parte do tratamento da sífilis. Segundo crença popular, aumentavam a memória.

**NOVELA E  
COLÓQUIO QUE  
HOUBE ENTRE  
CIPIAO E  
BERGANZA**



Cachorros do Hospital da Ressurreição, que fica na cidade de Valladolid, fora da porta do Campo, aos quais chamam comumente de os cachorros de Mahúdes

CIPIÃO. Berganza, meu amigo, deixemos esta noite a guarda do hospital entregue à própria sorte e retiremo-nos para esta solidão, sobre estas esteiras, onde poderemos desfrutar, sem ser percebidos, desta mercê que o céu nos fez aos dois ao mesmo tempo.

BERGANZA. Caro Cipião, eu te ouço falar e sei que te falo, mas não posso acreditar, porque acho que isso ultrapassa os limites da natureza.

CIPIÃO. É verdade, Berganza, e este milagre vem a ser maior porque não somente falamos, como falamos com inteligência, como se tivéssemos razão, não tendo um pinga dela, pois a diferença que há entre o animal bruto e o homem é ser o homem um animal racional, e o bruto, irracional.

BERGANZA. Entendo tudo o que dizes, Cipião, e tu falares e eu entender me causa novo assombro e nova maravilha. É bem verdade que, no curso de minha vida, muitas e diversas vezes ouvi falar de nossas grandes virtudes; tanto que parece que alguns quiseram pensar que temos um instinto natural tão vivo e tão agudo em muitas coisas, que dá indícios e sinais de faltar pouco para mostrar que temos um não sei quê de inteligência capaz de reflexão.

CIPIÃO. O que eu ouvi gabar e enaltecer é nossa grande memória, gratidão e fidelidade, tanto que costumam nos pintar como símbolo da amizade; e por isso terás visto, se prestaste atenção, que nas sepulturas de alabastro, onde costumam estar as figuras dos que ali estão enterrados, quando são marido e mulher,

botam entre os dois, aos pés, uma figura de cachorro, em sinal de que mantiveram na vida amizade e fidelidade invioláveis.

BERGANZA. Sei bem que houve cachorros tão agradecidos que se lançaram com o corpo morto de seus donos na mesma sepultura. Outros ficaram sobre as sepulturas onde estavam enterrados seus senhores, sem se afastar delas, sem comer, até que suas vidas se acabassem. Também sei que, depois do elefante, o cachorro é o primeiro a dar sinais de ter inteligência, depois é o cavalo e, o último, o macaco.<sup>1</sup>

CIPIÃO. É verdade, mas também confessarás sem problemas que não viste, nem ouviste jamais que nenhum elefante, cachorro, cavalo ou macaco hajam falado; por isso sou induzido a pensar que esta nossa conversa tão inesperada cai no número daquelas coisas que chamam portentos, e a experiência tem demonstrado que, quando elas surgem e se mostram, alguma calamidade grande ameaça os povos.

BERGANZA. Dessa maneira, eu não farei muito ao considerar sinal portentoso o que ouvi um estudante dizer esses dias, passando por Alcalá de Henares.

CIPIÃO. O que o ouviste dizer?

BERGANZA. Que de cinco mil alunos que frequentavam aquele ano a universidade, dois mil faziam medicina.

CIPIÃO. Mas o que deduzes disso?

BERGANZA. Deduzo ou que estes dois mil médicos devem ter doentes para tratar, o que seria uma grande praga e má sorte, ou eles vão morrer de fome.

CIPIÃO. Mas seja lá o que for, portentoso ou não, nós falamos, pois o que o céu ordenou que aconteça não há diligência nem sabedoria humana que possam prevenir. Assim, não há por que nos pormos a discutir sobre como ou por que falamos; será melhor que aceitemos este bom dia, ou boa noite, e a passemos do melhor modo que pudermos nestas esteiras, e, como não sabemos quanto durará esta nossa sorte, saibamos aproveitá-la e falemos a noite toda, sem dar oportunidade a que o sono nos impeça este prazer, há longo tempo por mim desejado.

BERGANZA. Por mim também, pois desde que tive forças para roer um osso tive desejo de falar para dizer coisas que depositava na memória, e ali, por antigas e muitas, ou mofavam ou eram esquecidas. Agora, porém, que tão sem esperar me vejo enriquecido por este divino dom da fala, penso desfrutar e me aproveitar dele o mais que puder, apressando-me a dizer tudo aquilo que me lembrar, mesmo que seja atropelada e confusamente, porque não sei quando vão me pedir de volta este bem que me emprestaram.

CIPIÃO. Vamos fazer desta maneira, meu amigo Berganza: esta noite tu me contas tua vida e as atribulações que te trouxeram ao ponto em que te encontras agora, e, se amanhã à noite ainda tivermos o poder da fala, eu te contarei a minha; porque será melhor gastar o tempo em contar as próprias vidas que em procurar saber das alheias.

BERGANZA. Sempre te considereei sensato e amigo, Cipião, e agora mais que nunca, pois como amigo queres me contar as coisas de tua vida e saber das minhas, e de modo sensato dividiste o tempo para que possamos contá-las. Mas antes olha para ver se ninguém nos ouve.

CIPIÃO. Acho que ninguém, embora haja um soldado aqui perto que veio para os suadouros; mas, nestas alturas, estará mais para dormir que para ficar escutando os outros.

BERGANZA. Então, se com essa garantia posso falar, escuta; e, se te cansares do que eu te disser, ou me repreende ou manda que me cale.

CIPIÃO. Fala até que amanheça ou até que nos percebam, que eu te escutarei de muito boa vontade, sem te impedir a não ser quando for necessário.

BERGANZA. Parece-me que a primeira vez que vi o sol foi em Sevilha e em seu matadouro, que fica do lado de fora da porta da Carne;<sup>2</sup> por isso se pensaria, se não fosse pelo que te contarei depois, que meus pais deveriam ser alanos daqueles criados pelos chefes dos açougueiros daquela confusão.<sup>3</sup> O primeiro que conheci por dono foi um chamado Nicolás, o Bronco, moço robusto, enfezado e colérico, como o são todos aqueles que estão no ofício.

Esse tal Nicolás ensinava a mim e a outros filhotes, na companhia de outros alanos velhos, a atacar os touros e a prendê-los pelas orelhas. Com muita facilidade me tornei uma águia nisso.

CIPIÃO. Não me espanto, Berganza, pois, como fazer estrago vem de colheita natural, facilmente se aprende a fazê-lo.

BERGANZA. O que eu te diria, Cipião, meu irmão, do que vi naquele matadouro e sobre as coisas exorbitantes que acontecem lá? Primeiro, debes supor que todos quantos trabalham lá, do mais novo até o mais velho, são gente de consciência elástica, desalmada, que não teme o rei nem sua justiça; a maioria, amancebados. São aves de rapina, carniceiras; eles mantêm a si e suas amigas com o que furtam. Todas as manhãs dos dias de carne,<sup>4</sup> antes que amanheça está no matadouro grande quantidade de mulherzinhas e meninos, todos com sacos que vêm vazios e voltam cheios de pedaços de carne, e as criadas com testículos e lombos quase inteiros. Não há rês que se mate de quem essa gente não leve dízimos e tributos do melhor e mais saboroso. E, como em Sevilha a venda da carne é livre, cada um pode comprar a que quiser, da rês que se mata primeiro, ou da melhor ou com melhor preço; e com esse arranjo sempre há muita abundância. Os donos se entregam a essa boa gente de que falei, não para que não os furtem, pois isso é impossível, mas para que se controlem nas talhadas e trapaças que aplicam em toda rês que matam, pois as aliviam e podam como se fossem salgueiros ou parreiras. Mas coisa nenhuma me admirava mais nem me parecia pior que ver como esses açougueiros matam um homem com a mesma facilidade com que matam uma vaca; por dá cá aquela palha, a dois por três, metem uma faca dessas de cabo amarelo<sup>5</sup> na barriga de uma pessoa como se degolassem um touro. Coisa extraordinária é passar um dia sem brigas e sem ferimentos, e às vezes sem mortes; todos se gabam de valentes, e ainda têm queda para rufiões; não há nenhum que não tenha seu anjo da guarda na praça de São Francisco, tratados com lombos e línguas de vaca.<sup>6</sup> Enfim, ouvi um homem perspicaz dizer que o rei tinha três coisas para ganhar em Sevilha: a rua da Caza, a Costanilla e o matadouro.<sup>7</sup>



CIPIÃO. Se vais ficar falando do caráter dos donos que teve e dos pecados de seus ofícios, meu amigo Berganza, como falaste até agora, será necessário pedir ao céu que nos conceda a fala no mínimo por um ano, e temo ainda que, nesse passo, não chegarás à metade da história. E quero te avisar de uma coisa, de que comprovarás a verdade quando eu te contar os fatos de minha vida: é que umas histórias encerram e têm a graça nelas mesmas; outras, no modo de contá-las; quero dizer que algumas agradam, embora sejam contadas sem rodeios e ornamentos de palavras; há outras que é preciso vestir com palavras, e com expressões do rosto e gestos das mãos e com mudanças na voz fazem algo de uma ninharia, e de frouxas e pobres se tornam agudas e saborosas; e não te esqueças desse aviso, para aproveitá-lo no que te falta dizer.

BERGANZA. Vou fazer assim, se puder e se me der chance a grande tentação que tenho de falar, embora me pareça que, com grandíssima dificuldade, poderei me conter.

CIPIÃO. Segura a língua, pois nela estão os maiores problemas da vida humana.

BERGANZA. Digo, então, que meu dono me ensinou a levar uma cesta na boca e a defendê-la de quem a quisesse me tomar. Também me ensinou a ir à casa de sua amiga, e com isto poupou a vinda de sua criada ao matadouro, porque eu lhe levava de madrugada o que ele havia furtado de noite. E um dia, ao amanhecer, quando eu ia diligente levar a porção, ouvi que me chamavam por meu nome de uma janela; levantei os olhos e vi uma moça extremamente formosa; detive-me um pouco, e ela desceu à porta da rua, e me chamou de novo. Aproximei-me dela como se fosse ver por que me chamava, que não foi outra coisa que pegar o que eu levava na cesta e pôr em seu lugar um tamanco velho.<sup>8</sup> Então disse a mim mesmo: "A carne se foi com a carne".<sup>9</sup> Depois de pegar a carne, a moça me disse: "Andai, Gavião, ou como vos chamais, e dissei a Nicolás, o Bronco, vosso dono, que não se fie em animais, e que ladrão que rouba de ladrão tem cem anos de perdão". Eu bem que poderia pegar o que ela me tirara, mas não

quis pôr minha boca suja de açougueiro naquelas mãos limpas e brancas.

CIPIÃO. Fizeste muito bem, por ser prerrogativa da formosura sempre ser respeitada.

BERGANZA. Foi o que fiz; e assim, voltei a meu dono sem a carne e com o tamanco. Ele achou que voltei rápido; viu o tamanco; imaginou a trapaça; pegou uma faca e me deu uma punhalada que, se não me desviasse, nunca ouvirias agora esta história, nem muitas outras que penso te contar. Saí rachando e me pus a caminho, por trás de São Bernardo, por aqueles campos de Deus aonde a fortuna quisesse me levar. Naquela noite dormi ao relento, e no dia seguinte a sorte me deparou com um rebanho, ou tropa, de ovelhas e carneiros. Assim que o vi, pensei que estava feito na vida, parecendo-me ser próprio e natural ofício de cachorros proteger o gado, que é trabalho em que se encerra uma grande virtude, como é amparar e defender os pobres e humildes dos poderosos e soberbos. Mal me viu um dos três pastores que cuidavam do rebanho, disse:

“Vem, vem’, me chamou.

“E eu, que não desejava outra coisa, aproximei-me dele baixando a cabeça e abanando o rabo. Ele me passou a mão pelo lombo, abriu-me a boca, cuspiu nela,<sup>10</sup> olhou meus caninos, avaliou minha idade e disse aos outros pastores que eu tinha todos os sinais de ser cachorro de raça. Nesse instante chegou o dono do rebanho montado à gineta numa égua ruça, com lança e adarga, que mais parecia um batedor do exército na costa que senhor de gado. Perguntou ao pastor:

“Que cachorro é este, que leva jeito de ser bom?’

“Vossa mercê pode acreditar’, respondeu o pastor, ‘que eu o examinei bem, e não há sinal nele que não mostre e prometa que deve ser um bom cachorro. Chegou agora aqui e não sei de quem é, embora saiba que não é dos rebanhos das redondezas.’

“Se é verdade’, respondeu o dono, ‘põe logo nele a coleira do Leãozinho, o cachorro que morreu, e lhe dá a mesma comida que aos outros, e trata bem dele para que goste do rebanho e fique com ele.’

“Depois de dizer isso, foi embora, e o pastor logo me botou no pescoço uma coleira cheia de pontas de ferro, tendo me dado antes uma gamela com grande quantidade de comida com leite. E também me deu um nome, e me chamou de Brasino. Vi-me satisfeito e contente com o segundo dono e com o novo ofício; mostrei-me solícito e diligente ao cuidar do rebanho, sem me afastar a não ser durante as sextas, que ia passar ou na sombra de alguma árvore ou barranco ou pedras, ou na de alguma mata, à margem de algum arroio dos muitos que corriam por ali. E essas horas de meu descanso não as passava ociosas, porque ocupava nelas a memória em lembrar muitas coisas, especialmente a vida que havia tido no matadouro, e na que tinha meu dono e todos os que são como ele, que estão sujeitos a obedecer aos caprichos impertinentes de suas amigas. Oh, quantas coisas poderia te dizer agora das que aprendi na escola daquela dama açougueira de meu dono! Mas haverei de calá-las, para que não me consideres prolixo e mexeriqueiro”.

CIPIÃO. Por ter ouvido dizer que um grande poeta dos antigos disse que não escrever sátiras era coisa difícil,<sup>11</sup> consentirei que mexeriques com um pouco de luz e não de sangue;<sup>12</sup> quero dizer que mostres e não firas, nem exponhas ninguém nas coisas mostradas, pois os mexericos não são bons, mesmo que façam muitos rir, se expõem uma pessoa; e, se podes agradar sem ele, eu o terei por muito sagaz.

BERGANZA. Eu seguirei teu conselho, e vou esperar com grande desejo que chegue a hora em que me contes tuas aventuras, pois de quem sabe tão bem conhecer e corrigir os defeitos que tenho ao contar as minhas bem se pode esperar que conte as suas de maneira que ensinem e deleitem ao mesmo tempo. Mas, retomado o fio partido da meada de minha história, digo que naquele silêncio e solidão de minhas sextas, entre outras coisas, considerava que não devia ser verdade o que ouvira contar sobre a vida dos pastores; pelo menos daqueles que a dama de meu dono lia nuns livros quando eu ia à sua casa, pois todos tratavam de pastores e pastoras, dizendo que passavam a vida toda cantando e tocando gaitas, flautas, rabecas e charamelas, e outros instrumentos

extraordinários. Eu ficava ouvindo-a ler, e lia como o pastor de Anfriso cantava perfeita e divinamente, elogiando a sem-par Belisarda, sem haver, em todas as montanhas da Arcádia,<sup>13</sup> uma árvore em cujo tronco não tivesse sentado a cantar, desde que saía o sol nos braços da Aurora até que se punha nos de Tétis; e, mesmo depois de a noite ter estendido pela face da Terra suas asas negras e escuras, ele não parava suas queixas tão bem cantadas e melhor choradas. Não ficava entre linhas o pastor Elício, mais apaixonado que atrevido, de quem dizia que, sem atender a seus amores nem a seu rebanho, se entretinha com os problemas alheios.<sup>14</sup> Dizia também que o grande pastor de Fílida, singular pintor de um retrato, havia sido mais crédulo que feliz.<sup>15</sup> Dos desmaios de Sireno e arrependimento de Diana dizia que dava graças a Deus e à maga Felícia, que com sua água encantada desfez aquela imensa tramoia e esclareceu aquele labirinto de dificuldades.<sup>16</sup> Lembrava-me de muitos livros dessa laia que havia ouvido ler, mas não eram dignos de trazê-los à memória.

CIPIÃO. Vais te aproveitando de meu conselho, Berganza; mexerica, apressa-te e segue adiante, e seja limpa tua intenção, embora a língua não o pareça.

BERGANZA. A língua nunca tropeça nessas matérias se antes a intenção não cair, mas, se por acaso ou por malícia eu mexerica, responderei a quem me repreender o que respondeu Mauleão, poeta bobo e acadêmico de brincadeira da Academia dos Imitadores, a uma pessoa que lhe perguntou o que queria dizer Deum de Deo, e ele respondeu que “dê onde der”.<sup>17</sup>

CIPIÃO. Essa foi a resposta de um tolo; mas tu, se fores perspicaz ou quiseres ser, nunca debes dizer coisa de que tens de pedir desculpas. Continua.

BERGANZA. Digo que todos os pensamentos de que falei, e muitos outros, levaram-me a ver as diferentes ocupações e atividades que meus pastores e todos os demais daquelas plagas tinham daquilo que eu ouvira ler que tinham os pastores dos livros; porque se os meus cantavam, não eram canções afinadas e bem-compostas, mas um “Olha o lobo aonde vai, Juanica”<sup>18</sup> e outras

coisas semelhantes; e isso não ao som de charamelas, rabecas e gaitas, mas ao som que fazia dar com um cajado no outro ou ao de uns pedaços de telhas entre os dedos; e não com vozes delicadas, sonoras e admiráveis, mas com vozes roucas, que, sós ou acompanhadas, pareciam não que cantavam mas que gritavam ou grunhiam. A maior parte do dia eles passavam catando piolhos ou remendando suas sandálias; nem entre eles se chamavam de Amarílis, Fíldas, Galateias e Dianas, nem havia Lisardos, Lausos, Jacintos nem Riselos; todos eram Antones, Domingos, Pablos ou Llorentes; por isso vim a compreender o que penso que todos devem pensar: todos aqueles livros são coisa sonhada e bem escrita para entretenimento dos ociosos, e não verdade alguma, pois, se fossem, entre meus pastores haveria algum resto daquela vida felicíssima, e daqueles campos amenos, grandes matas, montanhas sagradas, jardins formosos, riachos claros e fontes cristalinas, e daqueles tão honestos quanto bem articulados galanteios, e aquele negócio de pastor desmaiar aqui, pastora ali; e acolá ressoar a flauta de um, aqui a charamela do outro.

CIPIÃO. Basta, Berganza; volta à tua trilha e caminha.

BERGANZA. Eu te agradeço, Cipião, meu amigo, porque se não me avisasses, do modo como ia me aquecendo a boca não ia parar até te pintar um livro inteiro desses que me tinham enganado. Mas haverá tempo para te contar tudo com melhores palavras e argumentos que agora.

CIPIÃO. Olha-te no espelho e desincha o peito, Berganza. Quero dizer que vejas que és um animal que carece de razão, e, se agora mostras ter alguma, já concluímos entre nós dois ser coisa sobrenatural e nunca vista.

BERGANZA. Isso seria assim se eu estivesse em minha ignorância de antes; mas agora que me veio à memória o que havia de te dizer no começo de nossa conversa, não me espanto com o que falo, mas com o que deixo de falar.

CIPIÃO. Então não podes dizer agora o que lembras?

BERGANZA. É uma coisa que aconteceu com uma grande feiticeira, discípula da Camacha de Montilla.

CIPIÃO. Conta de uma vez antes que sigas em frente com a história de tua vida.

BERGANZA. Não farei isso, com certeza, até chegar o momento. Tem paciência e escuta minhas aventuras por ordem, que te darão mais prazer se já não te cansa querer saber o meio antes do princípio.<sup>19</sup>

CIPIÃO. Sê breve, e conta o que quiseses e como quiseses.

BERGANZA. Bom, então digo que eu me sentia bem com o trabalho de cuidar do rebanho, porque me parecia que comia o pão com o suor de meu esforço, e que a ociosidade, raiz e mãe de todos os vícios, não tinha a ver comigo, pois se folgava de dia, de noite não dormia, já que os lobos atacavam seguido e nos alarmavam; e mal os pastores haviam me dito: "Pega o lobo, Brasino", eu corria, antes que os outros cachorros, para o lugar que apontavam que o lobo estava; corria os vales, esquadrihava os morros, desentranhava as matas, saltava barrancos, cruzava estradas, e pela manhã voltava ao redil, sem haver achado lobo nem rastro dele, ansioso, cansado, feito aos pedaços e com os pés cortados pelos galhos; e encontrava no redil ou uma ovelha morta, ou um carneiro degolado e meio comido pelo lobo. Eu ficava exasperado ao ver como meus grandes cuidados e diligência não serviam para nada. Vinha o senhor das ovelhas; os pastores apareciam para recebê-lo com as peles da rês morta; chamava os pastores de negligentes e mandava castigar os cachorros por preguiçosos; sobre nós choviam pauladas e sobre eles, repreensões; e assim, vendo-me um dia castigado sem culpa e que meu cuidado, rapidez e bravura não eram de proveito para pegar o lobo, resolvi mudar de estilo, não me afastando para procurá-lo, como tinha o costume, longe do rebanho, mas ficar perto dele: pois se o lobo vinha ali, ali seria mais fácil pegá-lo. Toda semana davam o alarme, e numa noite escuríssima tive vista para ver os lobos, de quem era impossível que o rebanho se protegesse. Agachei-me atrás de uns matos, passaram em frente os cachorros, meus companheiros, e dali espiei, e vi que dois pastores agarraram um dos melhores carneiros do curral e o mataram, de maneira que pela manhã realmente pareceu que seu

verdugo havia sido o lobo. Fiquei pasmo, fiquei surpreso quando vi que os pastores eram os lobos e que despedaçavam o carneiro os mesmos que deviam protegê-lo. Depois diziam a seu amo que fora presa do lobo, dando-lhe o pelego e parte da carne, e eles comiam a maior e melhor porção. O senhor os repreendia de novo, e de novo os cachorros eram castigados. Não havia lobo; o rebanho diminuía; eu gostaria de mostrar isso, mas era mudo. Tudo isso me deixava cheio de espanto e de aflição.

“Valha-me Deus!”, eu dizia a mim mesmo. “Quem poderá dar um jeito nessa maldade? Quem terá poder para demonstrar que a defesa ofende, que as sentinelas dormem, que a confiança rouba e o que vos guarda vos mata?!”

CIPIÃO. E falavas muito bem, Berganza, porque não há ladrão maior nem mais engenhoso que o doméstico; e assim, morrem muitos mais entre os confiados que entre os prudentes; mas o problema está em que é impossível que as pessoas possam viver bem se não se fia e se confia. Mas fiquemos por aqui, que não quero que pareçamos pregadores. Em frente.

BERGANZA. Sigo em frente e digo que resolvi deixar aquele trabalho, embora parecesse tão bom, e escolher outro em que, por fazê-lo bem, já que não fosse remunerado, não fosse castigado. Voltei a Sevilha e fui servir a um mercador muito rico.

CIPIÃO. Como fazias para arranjar um amo? Porque, do jeito que as coisas andam hoje em dia, é com grande dificuldade que se acha um homem de bem a quem servir. Os senhores da terra são muito diferentes do Senhor do céu; aqueles, para admitir um criado, primeiro catam os piolhos de sua linhagem, examinam a habilidade, estudam a pessoa, e ainda querem saber que roupas tem; mas para começar a servir a Deus, o mais pobre é o mais rico; o mais humilde, de melhor linhagem; e basta que se disponha a servir com pureza no coração, logo Ele o bota em sua lista de pagamentos, que se mostram tão importantes, tantos e grandes que mal podem caber em seu desejo.

BERGANZA. Tudo isso é pregar, meu amigo Cipião.

CIPIÃO. É o que me parece, então me calo.

BERGANZA. Quanto ao que me perguntaste sobre a forma como eu arranjava um novo dono, digo que, como tu já sabes, a humildade é a base e fundamento de todas as virtudes, e sem ela não há nenhuma que o seja. Ela supera inconvenientes, vence dificuldades, e é um meio que sempre nos conduz a fins gloriosos; dos inimigos faz amigos, suaviza a cólera dos irados e rompe a arrogância dos soberbos; é a mãe da modéstia e irmã da temperança; enfim, com ela os vícios não podem fechar o jogo com proveito, porque em sua brandura e mansidão as flechas do pecado se embotam ou perdem a ponta. Dessa, portanto, eu me aproveitava quando queria entrar a serviço em alguma casa, tendo antes considerado e olhado muito bem ser casa que pudesse manter e onde pudesse entrar um cachorro grande. Logo me chegava à porta e quando, em minha opinião, entrava algum forasteiro, latia, e quando vinha o senhor baixava a cabeça e, abanando o rabo, ia até ele e lhe limpava os sapatos com a língua. Se me corriam a pauladas, aguentava, e com a mesma mansidão voltava a fazer carinho em quem me surrava, pois nenhum continuava me batendo ao ver minha insistência e nobre comportamento. Dessa maneira, em duas tentativas ficava na casa; servia bem, logo gostavam muito de mim, e ninguém me despediu, eu é que me despedia, ou, digamos melhor, eu ia embora; e inclusive tive dono com quem até hoje eu estaria em sua casa, se a sorte adversa não me houvesse perseguido.

CIPIÃO. Dessa mesma forma que contaste, eu passava a servir aos donos que tive, e parece que lemos os pensamentos um do outro.

BERGANZA. Se não me engano, sei por que nos aconteceram coisas parecidas, e a seu tempo te falarei delas, como já prometi; e agora escuta o que houve depois que deixei o rebanho em poder daquele bando.

“Voltei a Sevilha, como disse, que é amparo de pobres e refúgio de desprezados, pois em sua grandeza não só cabem os pequenos, como não se deixa de ver os grandes. Aproximei-me da porta de uma grande casa de um mercador, fiz minhas costumeiras diligências e, em poucos lances, fiquei nela. Receberam-me para me ter



amarrado atrás da porta de dia e solto de noite; servia com grande cuidado e dedicação; latia para os forasteiros e grunhia para os que não eram muito conhecidos; não dormia de noite, visitando os quintais, subindo aos terraços, feito sentinela universal de minha e das casas alheias. Meu dono gostou tanto de meus bons serviços que mandou que me tratassem bem e me dessem ração de pão e os ossos que sobrassem ou jogassem de sua mesa, com as sobras da cozinha, ao que eu me mostrava agradecido, dando infinitos saltos quando via meu dono, especialmente quando vinha de fora; eram tantas as mostras de regozijo que dava e tantos os saltos, que meu dono ordenou que me desatassem e me deixassem andar solto de dia e de noite. Logo que me vi solto corri até ele, dei voltas ao redor, sem ousar tocar nele com as patas, lembrando-me da fábula de Esopo, quando aquele burro tão burro quis fazer em seu senhor as mesmas carícias que lhe fazia uma cachorrinha mimada sua, conseguindo ser moído a pauladas. Pareceu-me que nessa fábula se deu a entender que as graças e gentilezas de alguns não ficam bem em outros; graceje o bufão, brinque com as mãos e faça acrobacias o ator, zurre o pícaro, imite o canto dos pássaros e os diversos gestos e ações dos animais e dos homens o homem baixo que tenha jeito para isso, mas não queira o homem nobre fazê-lo, pois nenhuma dessas habilidades pode lhe dar crédito nem fama honrosa.”

CIPIÃO. Basta. Segue em frente, Berganza, que já foste compreendido.

BERGANZA. Quisera que me entendessem, como tu me entendes, aqueles por quem falo! Não sei, penso que tenho uma bondade natural, pois me pesa infinito quando vejo que um cavaleiro se faz debochado e se gaba de saber o jogo dos três copos e uma bolinha, e de que ninguém sabe dançar a chacona como ele. Eu conheço um cavaleiro que se vangloriava de que, a pedido de um sacristão, havia cortado trinta e dois florões de papel para pôr num monumento sobre panos pretos, e ele se sentia tão importante com esses florões que levava seus amigos para vê-los como se os levasse para ver as bandeiras e despojos de inimigos que estavam postos sobre a sepultura de seus pais e avós. Bom, esse mercador tinha

dois filhos, um de doze e outro de uns catorze anos, que estudavam gramática no colégio da Companhia de Jesus. Iam com pompa, com preceptor e com pajens, que lhes levavam os livros e aquilo que chamam de vade-mécum. Vê-los ir com tanta ostentação, de liteira se fazia sol, de coche se chovia, fez-me considerar e reparar na grande simplicidade com que seu pai ia à Lonja tratar de seus negócios, porque não levava outro criado além de um negro, e algumas vezes exagerava e ia num burrinho mal-ajambrado.

CIPIÃO. Deves saber, Berganza, que é costume e condição dos mercadores de Sevilha, e mesmo de outras cidades, mostrar sua pompa e riqueza não em suas pessoas, mas nas de seus filhos; porque os mercadores são maiores em sua sombra que em si mesmos. E como eles apenas excepcionalmente atendem a outra coisa que a seus tratos e contratos, tratam-se modestamente; e como a ambição e a riqueza se matam para se manifestar, estouram nos filhos, e assim tratam deles e os enchem de importância como se fossem filhos de algum príncipe. E há uns que procuram títulos para eles, e botar-lhes no peito a cruz de alguma ordem que distingue um nobre de um plebeu.

BERGANZA. É ambição, mas ambição generosa, a de quem pretende melhorar seu estado sem prejuízo de terceiro.

CIPIÃO. Poucas vezes, ou nenhuma, a ambição se realiza sem que seja com prejuízo de terceiro.

BERGANZA. Já dissemos que não íamos mexericar.

CIPIÃO. Sim, mas eu não falo mal de ninguém.

BERGANZA. Acabo de confirmar agora o que muitas vezes ouvi dizer como verdade. Um mexeriqueiro maledicente acaba de aniquilar dez linhagens e de caluniar vinte boas pessoas e, se alguém o repreende pelo que disse, responde que ele não disse nada, e que se disse alguma coisa, não o disse por mal, e que se pensasse que alguém haveria de se sentir ofendido, não teria dito. Por Deus, Cipião, deve se saber muito bem, e com muito cuidado deve andar aquele que quiser manter duas horas de conversação sem tocar os limites da mexeriqueice; pois eu vejo em mim mesmo que, sendo um animal, como de fato sou, de cada quatro coisas que digo me acorrem à língua palavras como moscas ao vinho, e todas

maliciosas e mexeriqueiras; por isso, volto a dizer o que já havia dito antes: que herdamos o fazer e o falar mal de nossos primeiros pais e os tragamos no leite que mamamos. Vê-se com clareza que mal a criança livra um braço das mantilhas, levanta a mão demonstrando querer se vingar de quem a ofende, em sua opinião; e a primeira palavra articulada que fala é quase chamar de puta sua ama ou sua mãe.

CIPIÃO. É verdade, e eu confesso meu erro, e quero que me perdoes, pois te perdoei tantos; o que passou, passou, como se diz, e não mexeriquemos daqui por diante; e continua tua história, que deixaste no ponto em que os filhos do mercador, teu dono, iam cheios de pompa estudar na Companhia de Jesus.

BERGANZA. A Ele me encomendo em toda circunstância; e embora considere difícil deixar de mexericar, penso usar o recurso que ouvi dizer que usava um grande jurador: arrependido de seus maus costumes, todas as vezes que caía em tentação jurava que nunca mais e dava um beliscão no braço, ou beijava o chão, como pena por sua culpa; mas, apesar de continuar como sempre, jurava. Assim eu, toda vez que for contra o preceito que me deste de não mexericar e contra a intenção que tenho de não mexericar, morderei a ponta da língua de modo que me doa e me lembre de minha culpa para não voltar a ela.

CIPIÃO. Grande recurso esse, pois se o usares espero que mordas a língua tantas vezes que fiques sem ela, e desse modo ficarás impossibilitado de mexericar.

BERGANZA. Pelo menos, eu terei me esforçado, e o céu se encarregue do que falta. E assim, digo que os filhos de meu dono deixaram um dia um caderno no pátio, onde eu estava naquela hora; e como tinha aprendido a levar a cesta do açougueiro, meu primeiro dono, peguei o caderno e fui atrás deles com a intenção de não soltá-lo até o colégio. Aconteceu tudo como eu desejava: que meus amos, que me viram chegar com o caderno na boca, seguro cuidadosamente pelas tiras, mandaram que um pajem o pegasse; mas eu não o consenti nem o soltei até que entrei na aula com ele, coisa que causou riso em todos os estudantes. Aproximei-me do mais velho de meus amos e o pus em suas mãos, com muita

educação, em minha opinião, e fiquei sentado à porta da aula, olhando atentamente o professor que explicava a matéria. Não sei o que tem a virtude que, tendo eu tão pouco ou nada dela, logo tive gosto por ver o amor, os modos, a solicitude e a competência com que aqueles benditos padres e professores ensinavam aqueles meninos, endireitando as verdes varas de sua juventude, para que não entortassem nem tomassem mau caminho na senda da virtude, que juntamente com as letras lhes mostravam. Considerava como os repreendiam com suavidade, castigavam-nos com misericórdia, animavam-nos com exemplos, incitavam-nos com prêmios e os suportavam com compreensão e, enfim, como lhes pintavam a fealdade e o horror dos vícios, e lhes desenhavam a formosura das virtudes, para que, detestados eles e amadas elas, alcançassem o fim para que foram criados.

CIPIÃO. Dizes muito bem, Berganza, porque eu ouvi dizer dessas santas pessoas que para mestres do mundo não existem outros tão prudentes em todo ele, e para guias e líderes do caminho do céu, poucos os alcançam. São espelhos em que se olham a honestidade, a doutrina católica, a singular prudência e, enfim, a humildade profunda, base sobre quem se ergue todo o edifício da bem-aventurança.

BERGANZA. É assim mesmo como dizes. Voltando à minha história, digo que meus donos gostaram de que eu sempre lhes levasse o caderno, o que fiz de muito boa vontade; com isso tinha uma vida de rei ou melhor ainda, porque era tranquila: os estudantes deram para brincar comigo e me acostumei com eles de tal modo que metiam a mão em minha boca, e os menores montavam em mim. Atiravam os bonés e chapéus, e eu habilmente lhes devolvia na mão e com mostras de grande prazer. Começaram a me dar de comer tudo o que podiam e gostavam de ver que, quando me davam nozes ou avelãs, eu as partia como um macaco, deixando as cascas e comendo a parte mole. Houve quem, para testar minha habilidade, trouxesse num lenço grande quantidade de verduras, que comi como se fosse uma pessoa. Era inverno, quando campeiam em Sevilha os pãozinhos e manteigas, de que era tão bem servido que foram empenhadas ou vendidas mais de duas gramáticas para

que eu almoçasse. Enfim, eu passava uma vida de estudante sem fome e sem sarna, que é o elogio máximo que se pode fazer para dizer que era boa; porque se a sarna e a fome não fossem tão unidas aos estudantes, entre as vidas não haveria outra de maior prazer e diversão, porque correm parselhas nela a virtude e o prazer, e a mocidade passa aprendendo e se divertindo. Dessa glória e dessa tranquilidade veio me tirar uma senhora que me parece chamam por aí de razão de estado, pois quando alguém se compromete com ela, deve-se descomprometer com muitas outras razões. O caso é que aqueles senhores professores acharam que a meia hora que há entre uma lição e outra, para que os estudantes repassem a matéria, era ocupada em se divertir comigo; e assim, ordenaram a meus donos que não me levassem mais ao colégio. Obedeceram, devolveram-me à casa e à antiga guarda da porta, e, como o velho senhor pai deles não se lembrou da mercê que me havia feito de me deixar andar solto de dia e de noite, tive de entregar de novo o pescoço à corrente e o corpo a uma esteirinha que puseram atrás da porta. Ai, meu amigo Cipião, se soubesses como é coisa dura de aguentar passar de um estado feliz a um desgraçado! Olha: quando as misérias e as infelicidades têm a corrente longa e são contínuas, ou se acabam logo, com a morte, ou a continuação delas se torna um hábito e costume em padecê-las, pois em seu maior rigor costuma servir de alívio; mas quando da situação infeliz e calamitosa, sem se esperar, de repente se sai para desfrutar de outra situação próspera, venturosa e alegre, e dali a pouco se volta à situação anterior e se padecem as dificuldades e infelicidades de antes, é uma dor tão severa que, se não acaba com a vida, é para atormentá-la mais vivendo. Digo, enfim, que voltei à minha ração canina e aos ossos que uma negra da casa me jogava, e até esses ossos dois gatos tigrados dizimavam, pois, soltos e ligeiros, era fácil para eles me tirar o que não caía no território que minha corrente alcançava. Cipião, meu irmão, assim como espero que o céu te conceda o bem que desejas, espero que, sem que te aborreças, me deixes filosofar um pouco, porque, se deixasse de dizer as coisas que neste instante me vieram à memória sobre

aquelas que então me ocorreram, parece-me que minha história não seria exata nem frutífera.

CIPIÃO. Olha bem, Berganza, não seja tentação do demônio essa gana de filosofar que dizes que sentes; porque a mexerique não tem melhor véu para dissimular e encobrir sua maldade dissoluta que dar a entender o mexeriqueiro que tudo quanto diz são sentenças de filósofos e que falar mal é reprimenda, e descobrir os defeitos alheios, bom zelo. E, se tu a examinares e analisares, não há vida de mexeriqueiro algum que não seja repleta de vícios e de insolências. E, sabendo disso, filosofa agora o quanto quiseres.

BERGANZA. Podes ter certeza, Cipião, de que não vou mexericar mais, porque foi o que me propus. Enfim, o caso é que, como estava o dia todo ocioso e a ociosidade é a mãe de todos os pensamentos, comecei a repassar pela memória algumas expressões latinas que me ficaram nela do muito que ouvi com meus donos no colégio, com o que, em minha opinião, encontrei meu entendimento um pouco melhorado, e resolvi, como se soubesse falar, aproveitar-me delas nas ocasiões que me surgissem, mas de maneira diferente da que costumam se aproveitar alguns ignorantes. Há os que não sabem latim mas disparam de quando em quando nas conversas alguma expressão latina rápida e sentenciosa, dando a entender aos que não o entendem que são grandes latinistas, e mal sabem declinar um nome ou conjugar um verbo.

CIPIÃO. Acho estes menos prejudiciais que os que realmente sabem latim, entre os quais há alguns tão imprudentes que, falando com um sapateiro ou com um alfaiate, despejam latim como se fosse água.

BERGANZA. Disso podemos inferir que tanto peca o que fala latim a quem o ignora como o que o fala ignorando-o.

CIPIÃO. Pois podes notar outra coisa: há alguns que não deixam de ser uns asnos por saberem latim.

BERGANZA. Claro, quem duvida? A razão está clara, pois no tempo dos romanos, quando todos falavam latim como língua materna sua, deveria haver entre eles algum imbecil que não deixaria de ser tolo por falar latim.

CIPIÃO. Para saber calar em castelhano e falar em latim, é preciso inteligência, meu irmão Berganza.

BERGANZA. É verdade, porque também se pode dizer uma asneira tanto em latim como em castelhano, e eu vi letrados tolos, e gramáticos tediosos, e castelhanos salpicados de latim que com muita facilidade podem aborrecer o mundo não uma mas muitas vezes.

CIPIÃO. Deixemos isso de lado, vamos a tuas filosofias.

BERGANZA. Já falei. Eram essas que acabo de dizer.

CIPIÃO. Quais?

BERGANZA. Essas dos latins e castelhanos, que eu comecei e tu acabaste.

CIPIÃO. Chamas mexericar de filosofar? Assim vamos nós! Canoniza, Berganza, canoniza a maldita praga da mexeriqueice!, e lhe dá o nome que quiseres, que ela dará a nós o de cínicos, que quer dizer cachorros mexeriqueiros.<sup>20</sup> Por tua vida, cala-te e continua tua história.

BERGANZA. Como posso continuar se calo?

CIPIÃO. Quero dizer que a contes direto, sem que a faças parecer um polvo, tantas são as caudas que vais acrescentando nela.

BERGANZA. Falas com propriedade, pois preferes caudas a rabos.<sup>21</sup>

CIPIÃO. Esse é o erro que cometeu quem disse que não era inoportuno nem vício chamar as coisas por seus próprios nomes, como se não fosse melhor, já que é forçoso falar delas, falar por circunlóquios e rodeios que amenizem o nojo que causam ouvi-las pelos próprios nomes. As palavras decentes dão indício da decência de quem as pronuncia ou as escreve.

BERGANZA. Acho que concordo contigo. Bom, digo que minha sorte, não satisfeita de ter-me tirado de meus estudos e da vida que neles levava, tão sóbria e prazerosa, e ter-me posto amarrado atrás de uma porta, e, ao ter trocado a generosidade dos estudantes pela mesquinhez da negra, ordenou me preocupar com o que já considerava quietude e descanso. Olha, Cipião, tem por certo e

comprovado, como eu o tenho, que ao infeliz as desgraças procuram e o encontram, mesmo que se esconda nos lugares mais recônditos da Terra. Digo isso porque a negra estava apaixonada por um negro, também escravo da casa; esse negro dormia no saguão, que fica entre a porta da rua e a do meio, atrás da qual eu estava, e não podiam se ver a não ser de noite, e para isso a negra havia furtado ou copiado as chaves; e assim, na maioria das noites ela descia e, tapando-me a boca com algum pedaço de carne ou queijo, abria a porta para o negro, com quem se divertia por um bom tempo, meu silêncio facilitando o encontro, e à custa de muitas coisas que a negra furtava. Em poucos dias os presentes da negra me corromperam a consciência, parecendo-me que sem eles minhas ilhargas murchariam e de mastim eu acabaria galgo. Mas na verdade, levado por minha bondade natural, quis retribuir o que devia a meu dono, pois recebia seus agrados e comia de seu pão, como o devem fazer não só os cachorros honrados, a quem se dá fama de agradecidos, como todos aqueles que servem.

CIPIÃO. Isso sim, Berganza, devemos considerar filosofia, porque são palavras que contêm boa verdade e bom entendimento. E vamos em frente, mas não fiques dando corda à tua história, para não dizer cauda.

BERGANZA. Antes quero te pedir que me digas, se é que sabes, o que quer dizer filosofia, pois, embora eu a nomeie, não sei o que é. Só me parece que é coisa boa.

CIPIÃO. Eu te direi, sucintamente. Essa palavra se compõe de duas palavras gregas, que são filos e sofia; filos quer dizer amor, e sofia, ciência; de modo que filosofia significa amor pela ciência, e filósofo, amante da ciência.

BERGANZA. Sabes muito, Cipião. Quem diabos te ensinou palavras gregas?

CIPIÃO. Realmente, Berganza, és ingênuo, pois fazes caso disso; são coisas que os meninos da escola sabem, e há também quem presuma saber a língua grega, sem sabê-la, como a latina, ignorando-a.

BERGANZA. É isso o que digo, e gostaria que botassem esses fulanos numa prensa e, à força de espremê-los, tirassem deles o



suco do que sabem, para que não andassem enganando o mundo com o brilho do ouropel de sua aparência e de seu latim falso, como fazem os portugueses com os negros da Guiné.<sup>22</sup>

CIPIÃO. Agora sim, Berganza, podes morder a língua, e eu cortá-la, porque tudo quanto dizemos não passa de mexericos.

BERGANZA. Sim, mas não estou obrigado a fazer o que ouvi dizer que fez um sujeito chamado Corondas, tirense,<sup>23</sup> que estabeleceu a lei para que ninguém entrasse na prefeitura de sua cidade com armas, sob pena de morte. Descuidou-se disso e, no dia seguinte, entrou na prefeitura com a espada na cintura; advertiram-no, e lembrando a pena por ele estabelecida, no mesmo instante desembainhou a espada e trespassou o peito com ela, e foi o primeiro que estabeleceu e violou a lei e pagou a pena. O que eu disse não foi estabelecer uma lei, mas prometer que morderia a língua quando mexericasse. Mas agora as coisas não correm de acordo com o rigor das antigas; hoje se faz uma lei que se viola amanhã, e talvez convenha que seja assim. Agora alguém promete emendar-se de seus vícios e dali a um instante cai em outros maiores. Uma coisa é gabar a disciplina e outra é se virar com ela, e, na verdade, entre o dito e feito há um bom eito. Que o diabo se morda, pois eu não quero me morder nem andar com delicadezas deitado numa esteira, onde ninguém me vê e pode gabar minha honrosa determinação.

CIPIÃO. Segundo isso, Berganza, se fosses uma pessoa, serias hipócrita, e todas as tuas ações seriam pura aparência, fingidas e falsas, cobertas com a capa da virtude só para que te elogiassem, como todos os hipócritas fazem.

BERGANZA. Não sei o que faria então, só sei o que quero fazer agora, que é não me morder, restando-me tantas coisas por dizer que não sei como nem quando poderei terminá-las, e mais ainda estando com medo de que ao sair o sol fiquemos às escuras, faltando-nos a fala.

CIPIÃO. O céu fará melhor. Continua tua história e não te desvies do caminho das pedras com digressões impertinentes; e assim, por mais longa que seja, logo a acabarás.

BERGANZA. Então digo que, tendo visto a insolência, o roubo e a desonestidade dos negros, resolvi, como bom criado, atrapalhá-los pelos melhores meios que pudesse; e pude tão bem que realizei meu propósito. A negra descia, como ouviste, para se refocilar com o negro, confiada em que me emudeciam os pedaços de carne, pão ou queijo que me jogava. Os presentes podem muito, Cipião!

CIPIÃO. Muito, mas não te desvies, segue em frente.

BERGANZA. Lembro-me de que quando estudava ouvi o preceptor dizer um provérbio latino, que eles chamam adágio, que dizia: *Habit bovem in lingua*.<sup>24</sup>

CIPIÃO. Ó em má hora encaixaste vosso latim! Esqueceste tão rápido o que dissemos contra os que enfiam uns latins em conversa castelhana?

BERGANZA. Esse ditado vem a calhar, pois debes saber que os atenienses usavam, entre outras, uma moeda cunhada com a figura de um boi, e quando algum juiz deixava de dizer ou fazer o que era correto e justo, por ter sido subornado, diziam: "Este tem o boi na língua".

CIPIÃO. A aplicação falha.

BERGANZA. Não está clara, se os presentes da negra me mantiveram mudo por muitos dias, tanto que eu nem queria nem ousava latir quando ela descia para se encontrar com o negro apaixonado? Por isso digo de novo que os presentes podem muito.

CIPIÃO. Já te respondi que podem muito e, se não fosse para não fazer agora uma longa digressão, com mil exemplos provaria o quanto os presentes podem; mas talvez eu diga, se o céu me conceder tempo, lugar e fala para te contar minha vida.

BERGANZA. Deus te dê o que desejas, e ouve. Enfim, minha boa intenção se perdeu pelos maus presentes da negra; à qual, numa noite muito escura, quando ela descia para seu costumeiro passatempo, ataquei sem latir, para que não se preocupassem os da casa, e num instante lhe fiz em pedaços toda a camisa e lhe arranquei um pedaço da coxa; essa brincadeira foi suficiente para manter a negra mais de oito dias na cama, fingindo para seus amos não sei que doença. Sarou, voltou outra noite, e eu voltei à briga

com minha cadela,<sup>25</sup> e lhe arranhei o corpo todo, sem mordê-la, como se a tivesse cardado como uma manta. Nossas batalhas eram na surdina, e eu sempre saía vencedor, e a negra maltratada e muito descontente. Mas os desgostos dela apareciam bem em meu pelo e em minha saúde. Suspendeu minha ração e os ossos, e pouco a pouco os meus iam mostrando os nós do espinhaço. Apesar disso, embora me tirassem a comida, não puderam me tirar os latidos. Mas a negra, para acabar comigo de uma vez, trouxe uma esponja frita com manteiga; percebi a maldade; vi que era pior que comer veneno com vidro moído, pois quem a come fica com o estômago inchado, e ela não sai sem nos levar junto a vida. E me parecendo ser impossível me prevenir das tramoias de inimigos tão indignados, resolvi botar distância entre nós, sumindo da vista deles. Um dia me vi solto e, sem dizer adeus a ninguém da casa, botei o pé na rua, e em menos de cem passos a sorte me deparou o aguazil de que falei no começo da minha história, que era grande amigo de meu amo Nicolás, o Bronco, o qual me reconheceu, mal me viu, e me chamou pelo nome. Também o reconheci e, quando me chamou, aproximei-me com minhas costumeiras cerimônias e carícias. Segurou-me pelo pescoço e disse a dois oficiais seus:

“Este é um famoso cão de guarda, que foi de um grande amigo meu; vamos levá-lo para casa.”

“Os oficiais se alegraram e disseram que se eu era de guarda a todos seria de proveito. Quiseram me prender para me levar, e meu dono disse que não era preciso, que eu iria, porque o conhecia. Esqueci-me de te dizer que a coleira com pontas de aço foi tirada, quando abandonei o rebanho, por um cigano de uma estalagem, e em Sevilha já andava sem ela; mas o aguazil me botou uma coleira coberta de arame. Considera agora, Cipião, a roda variável da minha fortuna: ontem me vi estudante, e hoje me vês oficial.”

CIPIÃO. Assim vai o mundo, e não há por que te pões agora a exagerar os vaivéns da sorte, como se houvesse diferença em ser o criado de um açougueiro ou de um oficial. Não consigo aguentar com paciência as queixas que fazem da sorte alguns homens que a maior que tiveram foi ter esperanças de chegar a escudeiros. Com

que pragas a execram! Com quantos impropérios a desonram! E nada mais para que quem os ouve pense que de alta, próspera e boa sorte vieram à desgraçada e baixa em que os veem.

BERGANZA. Tens razão. E debes saber que esse aguazil tinha amizade com um escrivão, que o acompanhava. Os dois estavam amancebados com duas mulherzinhas, que não eram mais ou menos, mas menos em tudo. É verdade que tinham boa cara, mas muito de leviandade e de astúcia putesca. Estas lhes serviam de rede e de anzol para pescar no seco desta forma: vestiam-se de modo que por fora se via o que ia dentro, e a tiro de arcabuz mostravam ser damas da vida livre; andavam sempre à caça de estrangeiros, e, quando chegavam as feiras de Cádiz e de Sevilha,<sup>26</sup> chegava o sinal de seu lucro, não ficando um bretão sem ser atacado;<sup>27</sup> e, caindo o cavaleiro com alguma dessas éguas, alguém avisava o aguazil e o escrivão a que pousada iam, e quando estavam juntos os assaltavam e os prendiam por prostituição; mas nunca os levavam para o cárcere, porque os estrangeiros sempre escapavam da humilhação com dinheiro.

“Aconteceu, então, que a Colindres, que assim se chamava a amiga do aguazil, pescou um bretão porco e porcalhão; combinou com ele jantar e pernoite em sua pousada; passou o dado a seu amigo; e mal tinham se despido, o aguazil, o escrivão, dois oficiais e eu topamos com eles. Enervaram-se os amantes; o aguazil exagerou o delito; mandou que se vestissem a toda a pressa para levá-los ao cárcere; o bretão se afligi; defendeu-o o escrivão, movido de caridade, e à força de súplicas reduziu a pena a cem reais somente. O bretão pediu uns calções de camurça que havia posto numa cadeira aos pés da cama, nos quais tinha dinheiro para pagar sua liberdade, mas não apareceram os calções, nem podiam aparecer, porque assim que entrei no quarto chegou a meu nariz um cheiro de tocinho que me consolou de tudo; eu o descobri com o olfato, e o achei numa algibeira dos calções.<sup>28</sup> Digo que achei nela um pedaço de presunto famoso e, para poder tê-lo e pegá-lo sem confusões, levei os calções para a rua, e lá me entreguei ao presunto com toda a satisfação, e quando voltei ao quarto, encontrei o bretão aos

brados, dizendo em linguagem atrapalhada e bastarda, embora se entendesse, que lhe devolvessem suas calças, que nelas tinha cinquenta escudi d'oro in oro.<sup>29</sup> O escrivão imaginou ou que a Colindres ou os oficiais as tinham roubado; o aguazil pensou a mesma coisa; chamaram-nos à parte; nenhum confessou, e foi o diabo a quatro. Eu, vendo o que acontecia, voltei à rua onde havia deixado os calções para devolvê-los, pois para mim o dinheiro não tinha proveito nenhum; não os achei, porque algum sortudo já os havia levado. Como o aguazil viu que o bretão não tinha dinheiro para o suborno, perdia as esperanças, e pensou arrancar da dona da hospedaria o que o bretão não tinha. Chamou-a, e ela veio meio despida, e como ouviu os gritos e queixas do bretão, e viu a Colindres nua e chorando, o aguazil encolerizado e o escrivão irritado, e os oficiais afanando o que achavam no quarto, não gostou nem um pouco. O aguazil mandou que se vestisse e viesse com ele para o cárcere, pois consentia em sua casa homens e mulheres de má vida. Aí sim foi o diabo! Aí sim foi quando aumentou a gritaria e cresceu a confusão! Porque a hospedeira disse:

“Senhor aguazil e senhor escrivão, comigo não, pois quando vossas mercês vinham eu já estava de volta; nada de apertos nem de parlapatices; calem a boca e vão com Deus; se não, por Deus, vai ser o diabo a quatro, porque vou passar a limpo essa história; eu conheço muito bem a senhora Colindres e sei que há muitos meses o senhor aguazil é seu protetor; e não me deixem ser mais clara, e devolvam o dinheiro a este senhor, e passemos todos por santos, porque eu sou mulher honrada e tenho um marido com seu título de nobreza e com a perpenan rei de memória com seus selos todos,<sup>30</sup> Deus seja louvado, e estou neste ofício muito honestamente e sem prejuízo de terceiros. Tenho a tabela de preços pregada onde todo mundo pode ver, e não me venham com conversa mole, que, por Deus, sei me virar. Vejam se tenho cara para deixar que entrem mulheres com os hóspedes! Eles têm as chaves de seus quartos, e eu não sou lince para ver através de sete paredes!’

“Meus donos ficaram pasmados com a arenga da hospedeira e de ver como ela lia a história de suas vidas; mas, como viram que

não tinham de quem arrancar dinheiro, a não ser dela, teimavam em levá-la para o cárcere. Ela se queixava ao céu do absurdo e da injustiça que faziam com ela, estando seu marido ausente e sendo fidalgo tão importante. O bretão bramava por seus cinquenta escuti. Os oficiais insistiam que eles não tinham visto os calções, nem se Deus permitisse uma coisa dessas. O escrivão, disfarçadamente, insistia com o aguazil para que examinasse as roupas da Colindres, pois suspeitava que ela devia ter os cinquenta escuti, por ter o costume de visitar as roupas de baixo e algibeiras daqueles que se envolviam com ela. Ela dizia que o bretão estava bêbado e que devia mentir sobre o dinheiro. Enfim, tudo era confusão, gritos e juramentos, sem sinal de que os envolvidos iam se acalmar, nem teriam se acalmado se dali a pouco não entrasse no quarto o delegado do assistente, que, vindo visitar aquela pousada, tinha sido atraído pelos gritos. Perguntou a causa daquela gritaria; a hospedeira respondeu tim-tim por tim-tim: disse quem era a prostituta Colindres, que já estava vestida; tornou pública a amizade dela com o aguazil; botou ao sol suas manhas e modo de roubar; desculpou a si mesma garantindo que com seu consentimento jamais havia entrado em sua casa uma mulher suspeita; canonizou-se como santa e a seu marido como abençoado, e gritou para uma criada que fosse correndo e trouxesse de um cofre o título de nobreza de seu marido, para que o visse o senhor delegado, dizendo-lhe que por ele poderia ver que mulher de tão honrado marido não podia fazer coisa ruim, e que se tinha aquela hospedaria era por não poder fazer mais nada, que Deus sabia o que lhe pesava, e é claro que ela gostaria de ter alguma renda e o pão de cada dia para passar a vida em vez de ter aquele trabalho. O delegado, aborrecido com sua falação e presunção de títulos, lhe disse:

“Irmã hospedeira, eu quero acreditar que vosso marido tem carta de fidalguia desde que me confesseis que é fidalgo hospedeiro.”

“Com muita honra”, respondeu a hospedeira. “E que linhagem há no mundo, por melhor que seja, que não tenha algum disse-me disse?”

“O que eu vos digo, irmã, é que vos vesti, pois deveis ir para o cárcere.’

“Essa notícia deu com ela no chão; arranhou-se o rosto; berrou; mas, apesar de tudo, o delegado, demasiadamente severo, levou todos para o cárcere, convém explicar: o bretão, a Colindres e a hospedeira. Depois soube que o bretão perdeu seus cinquenta escuti e mais dez em que o condenaram pelas custas; a hospedeira pagou outro tanto, e a Colindres saiu livre porta afora. E no mesmo dia em que a soltaram pescou um marinheiro, que pagou pelo bretão, com o mesmo embuste de antes. Vê, Cipião, quantos e tão grandes inconvenientes nasceram de minha gula.”

CIPIÃO. Dirias melhor da velhacaria de teu dono.

BERGANZA. Pois olha, mesmo que me pese falar mal dos aguazis e dos escrivães, digo que forçavam a mão.

CIPIÃO. Sim, pois falar mal de um não é falar mal de todos; sim, pois muitos e mais alguns escrivães são bons, fiéis e leais, e amigos de se divertir sem prejudicar ninguém; sim, pois nem todos retardam os pleitos, nem avisam as partes, nem todos levam mais que o devido, nem todos vão investigando e remexendo as vidas alheias para deixá-las sob suspeita, nem todos se juntam com o juiz para “uma mão lavar a outra”, nem todos os aguazis têm tratos com os vagabundos e trapaceiros, nem todos têm as amigas de teu dono para suas tramoias. Muitos e mais alguns são fidalgos por natureza, e de condições fidalgas; muitos não são abusados, insolentes, nem malcriados, nem ladrões, como os que andam pelas hospedarias medindo as espadas dos estrangeiros e, achando-as um tiquinho além do tamanho permitido, destroem seus donos. Sim, pois nem todos prendem, soltam e são juízes e advogados quando querem.

BERGANZA. Meu dono mirava mais alto; era outro o seu caminho; gabava-se de valente e de prender bandidos famosos; mantinha a valentia sem perigo de sua pessoa, mas à custa de seu bolso. Um dia enfrentou sozinho, na porta de Jerez,<sup>31</sup> seis famosos rufiões, sem que eu pudesse ajudá-lo em nada, porque tinha a boca impedida por uma focinheira de corda; ele me mantinha de dia com a focinheira e a tirava à noite. Fiquei admirado ao ver seu

atreuimento, seu brio e sua audácia; avançava e recuava como se as espadas dos rufiões fossem varas de vime; era coisa maravilhosa ver a rapidez com que atacava, as estocadas que dava, os golpes que aparava, a atenção, o olho alerta, para que não o pegassem pelas costas. Enfim, em minha opinião e na de quantos viram a luta ou souberam dela, ficou por um novo Rodamonte, tendo levando seus inimigos desde a porta de Jerez até os mármoreos do colégio de mestre Rodrigo, que fica a mais de cem passos.<sup>32</sup> Deixou-os encerrados e voltou para pegar os troféus da batalha, que foram três bainhas, e em seguida as foi mostrar ao assistente, que, se bem me lembro, era então o licenciado Sarmiento de Valladares, famoso pela destruição da Saucedá.<sup>33</sup> Olhavam meu dono pelas ruas por onde passava, apontando-o com o dedo como se dissessem:

“Aquele é o valente que se atreveu a lutar sozinho com a flor dos valentões da Andaluzia.”

“Em dar voltas pela cidade para se deixar ver passou o que restava do dia, e a noite nos surpreendeu em Triana, numa rua perto do moinho da pólvora; e, tendo meu dono ficado de olho, como se diz, para ver se alguém o via, entrou na casa, e eu atrás dele, e encontramos num pátio todos os rufiões da pendência, sem capas nem espadas, e todos à vontade; e um, que devia ser o hospedeiro, tinha um grande jarro de vinho numa mão e na outra um copo grande de taberna,<sup>34</sup> com que, transbordando de vinho excelente e espumante, brindava ao grupo todo. Mal viram meu dono, todos foram até ele com os braços abertos e todos brindaram, e ele brindou a todos, e teria brindado a outros tantos se tivesse interesse nisso, por ser de temperamento afável e amigo de não aborrecer ninguém por pouca coisa. Gostaria de te contar agora o que se tratou ali, a comida que jantaram, as brigas que se contaram, os furtos a que se referiram, as damas que se qualificaram para seu convívio e as que desprezaram, os elogios que uns fizeram aos outros, os valentões ausentes de que falaram, a destreza que ali se avaliou, levantando-se no meio do jantar para pôr em prática os golpes que lhes ocorriam, esgrimindo com as mãos, as palavras tão deliciosas que usavam, e, enfim, o porte da pessoa do hospedeiro, a



quem todos respeitavam como a senhor e chefe, mas seria me meter num labirinto de onde me seria impossível sair quando quisesse. Em resumo, vim a entender com toda a certeza que o dono da casa, a quem chamavam Monipódio,<sup>35</sup> era um acoitador de ladrões e chefe de rufiões, e a grande luta de meu dono havia sido combinada antes com eles, com as circunstâncias de se retirarem e deixarem as bainhas, as quais meu dono pagou ali, em seguida, à vista, com tudo quanto Monipódio disse que havia custado o jantar, que terminou quase ao amanhecer, com todos muito satisfeitos. E a sobremesa foi delatar para meu dono um rufião forasteiro que, novo e flamante, havia chegado à cidade. Devia ser mais valente que eles, e por inveja o denunciaram. Meu dono o prendeu na noite seguinte, nu na cama; pois se estivesse vestido, vi pelo seu jeito, não se deixaria pegar com tanta facilidade. Com essa prisão, logo a seguir da luta, cresceu a fama de meu covarde, que o era meu dono mais que uma lebre, e à custa de jantares e tragos mantinha a fama de ser valente, e tudo quanto com seu trabalho e com suas tretas ganhava se ia e desaguava pelo canal da valentia. Mas tem paciência e ouve agora uma história que lhe aconteceu, que conto sem acrescentar nem tirar um pingão da verdade.

“Dois ladrões furtaram em Antequera um cavalo muito bom; trouxeram-no para Sevilha e, para vendê-lo sem perigo, usaram de um ardil que, em minha opinião, tem astúcia e prudência. Foram se alojar em pousadas diferentes, e um deles foi à Justiça e registrou, por uma petição, que Pedro de Losada lhe devia quatrocentos reais que lhe emprestara, como se via por um recibo assinado em seu nome que apresentava como prova. O delegado mandou que mostrassem o recibo ao tal Losada e, se ele o considerasse autêntico, exigissem bens no valor da dívida ou o pusessem no cárcere. Tocou a meu dono e ao escrivão amigo dele fazer essa diligência. O ladrão os levou à pousada do outro, e na mesma hora este reconheceu sua assinatura e confessou a dívida, e apontou o cavalo como garantia dela. Mal viu o bicho, meu dono ficou de olho gordo e o marcou como seu, se por acaso fosse vendido. Como o ladrão não pôde pagar a dívida conforme os termos estabelecidos

pela lei, o cavalo foi leiloado e arrematado por quinhentos reais por um testa de ferro de meu dono. O cavalo valia muito mais do que pediram por ele, mas a vantagem do vendedor estava na rapidez da venda, e à primeira oferta arrematou a mercadoria. Um dos ladrões recebeu o que não lhe deviam, e o outro, o recibo de pagamento que não era necessário, e meu dono ficou com o cavalo, que para ele foi pior que o Seyano foi para seus donos.<sup>36</sup> Os ladrões botaram o pé na estrada, e dali a dois dias, depois de meu dono ter ajeitado bem os enfeites e outras coisas que faltavam ao cavalo, apareceu montado nele na praça de São Francisco, mais cheio de si e pomposo que aldeão em dia de festa. Deram-lhe mil parabéns pela boa compra, afirmando que valia cento e cinquenta ducados como um ovo vale um maravedi, e ele, dando voltas e voltas com o cavalo, representava sua tragédia no teatro da referida praça. Enquanto estava nessas manobras, chegaram dois homens de boa aparência e melhores trajes, e um disse:

“Viva Deus, que este é Pé-de-Ferro, meu cavalo, que há poucos dias me foi roubado em Antequera!”

“Todos os que vinham com ele, que eram quatro criados, disseram que isso era verdade, que aquele era Pé-de-Ferro, o cavalo que lhe haviam roubado. Meu amo ficou pasmo, o dono do cavalo entrou na Justiça, apresentaram provas, as do dono eram tão boas que a sentença saiu a seu favor, e meu dono foi despojado do cavalo. Soube-se da trama e astúcia dos ladrões, que pelas mãos e intervenção da própria Justiça venderam o que haviam roubado, e quase todos se divertiram com o fato de a cobiça de meu amo o ter deixado a pé.

“Mas sua desgraça não parou aí, pois naquela noite, saindo para a ronda o próprio assistente, por terem lhe dado a notícia de que andavam ladrões pelas bandas dos bairros de São Julião, numa encruzilhada viu passar um homem correndo, e nesse ponto o assistente disse, segurando-me pela coleira e me atizando:

“Pega o ladrão, Gavião! Vamos, meu filho, pega o ladrão, pega o ladrão!”

“Eu, a quem as maldades de meu dono já tinham cansado, para cumprir o que o senhor assistente me mandava sem desobedecer em nada, ataquei meu próprio dono e, sem que pudesse se defender, dei com ele no chão; e, se não me tirassem dali, eu teria vingado mais de quatro; tiraram-me com muito desgosto de ambos. Os oficiais quiseram me castigar e até me matar a pauladas, e o teriam feito se o assistente não lhes dissesse:

“Ninguém o toque. Pois o cachorro fez o que eu mandei.”

“Entenderam a malícia, e eu, sem me despedir de ninguém, saí para o campo por um buraco na muralha, e antes que amanhecesse cheguei a Mairena, que é um lugar que fica a quatro léguas de Sevilha. Quis minha boa sorte que encontrasse ali uma companhia de soldados que, segundo ouvi dizer, ia embarcar em Cartagena. Estavam nela quatro rufiões dos amigos de meu dono, e o tocador de tambor era um que havia sido oficial, e grande bufão, como costuma ser a maioria dos tocadores de tambor. Todos me reconheceram e todos me falaram; e assim, todos me perguntavam por meu dono como se eu fosse lhes responder; mas o que mais afeição me mostrou foi o tocador de tambor, e por isso resolvi ficar com ele, se ele quisesse, e seguir naquela jornada ainda que me levasse à Itália ou a Flandes; porque me parece, e a ti deve parecer também, que embora o ditado diga que ‘Quem é burro em sua aldeia, é burro em Castela’, conhecer terras e falar com pessoas diferentes torna os homens sagazes.”

CIPIÃO. Isso é tão certo que me lembro de ter ouvido um dono que tive, muito arguto, dizer que o famoso grego chamado Ulisses ganhou fama de prudente apenas por ter andado por muitas terras e falado com muitas pessoas e conhecido vários povos. Então louvo a intenção que tiveste de ir aonde te levassem.

BERGANZA. O caso foi que o tocador de tambor, para ter com que aumentar mais seus gracejos, começou a me ensinar a dançar ao som do tambor e a fazer outras macaquices, tão difíceis para qualquer cachorro que não fosse eu aprender como saberás quando te conte. Como acabava a rota marcada, ia-se devagarinho; não havia comissário que nos vigiasse;<sup>37</sup> o capitão era moço, mas muito

bom cavaleiro e grande cristão; o alferes fazia pouco que havia deixado a corte e o regaço do lar; o sargento era calejado e sagaz e grande condutor de companhias, desde que levantavam acampamento até o embarcadouro. A companhia ia cheia de rufiões gabolas, que cometiam algumas insolências pelos lugares por onde passávamos, que redundavam em maldizer quem não o merecia. Infelicidade do bom príncipe é ser culpado por seus súditos das culpas de seus súditos, porque uns são verdugos dos outros, sem culpa do senhor; pois, embora queira e tente, não consegue remediar esses danos, porque todas ou a maioria das coisas da guerra trazem consigo aspereza, rigor e prejuízo. Enfim, em menos de quinze dias, com minhas boas habilidades e com o empenho daquele que havia escolhido por patrão, aprendi a fazer tudo o que me mandava, até me fingir de morto. Ensinou-me a me encabritar como cavalo napolitano e andar em círculos como mula de atafona, com outras coisas que, se eu não me empenhasse em não me apressar em mostrá-las, deixaria em dúvida se não seria algum demônio em figura de cachorro quem as fazia. Começou a me chamar de cachorro sábio, e não havíamos chegado ao alojamento quando, tocando seu tambor, andava pela aldeia inteira apregoando que todas as pessoas que quisessem ver os maravilhosos dons e habilidades do cachorro sábio deviam ir a tal casa ou a tal hospital onde seriam mostradas a oito ou a quatro maravedis, se o povoado fosse grande ou pequeno. Com esses elogios não ficava pessoa em toda a aldeia que não fosse me ver, e não havia uma que não saísse admirada e alegre de me ter visto. Meu dono ganhava muito dinheiro e sustentava seis camaradas como reis. A cobiça e a inveja despertaram nos rufiões o desejo de me furtar, e andavam em busca de oportunidade, pois isso de ganhar de comer se divertindo atrai muita admiração e cupidez; por isso há tantos titeriteiros na Espanha, tantos com seus teatrinhos, tantos que vendem alfinetes e coplas, pois seus bens, mesmo se vendidos todos, não bastam para sustentá-los por um dia; e com isso uns e outros não saem das bodegas e tabernas o ano todo, o que me leva a pensar que em outro lugar, não em seu trabalho, nasce a corrente de suas

bebedeiras. Toda essa gente é vagabunda, inútil e sem proveito, esponjas do vinho e carunchos do pão.

CIPIÃO. Basta, Berganza, não voltemos ao passado; continua, que a noite se vai, e não gostaria que ao sair o sol ficássemos à sombra do silêncio.

BERGANZA. Então fica quieto e escuta. Sendo coisa fácil acrescentar algo ao já inventado, meu amo, ao ver como eu imitava o corcel napolitano, fez para mim uma cobertura de guadameci<sup>38</sup> e uma sela pequena, que ajeitou em minhas costas, e sobre ela pôs um boneco leve de um homem com uma lançzinha de cavahada, e me ensinou a correr direto a um anel que botava entre dois paus; e no dia em que eu devia espetar o anel apregoava que o cachorro sábio ia participar de uma cavahada, e inventava outras proezas novas e nunca vistas, as quais eu fazia porque me dava na telha, como dizem, para meu dono não passar por mentiroso. Chegamos, enfim, conforme o planejado, a Montilla, vila do famoso e grande cristão marquês de Priego, senhor da casa de Aguilar e de Montilla. Alojaram meu dono, porque ele o procurou, num hospital. Em seguida fez o costumeiro proclama, e como a fama havia se adiantado em levar as notícias das habilidades e dons do cachorro sábio, em menos de uma hora o pátio se encheu de gente. Meu dono se alegrou ao ver que a colheita ia ser farta, e naquele dia se mostrou brincalhão demais. Começava a festa com os saltos que eu dava pelo aro de uma peneira, que parecia de uma cuba. Conjurava-me com as palavras de sempre, e o sinal para eu saltar era quando ele baixava uma varinha de marmelo que tinha na mão; se a mantinha alta, eu devia ficar quieto. A primeira invocação desse dia, memorável entre todas as de minha vida, foi me dizer:

“Eia, Gavião, meu amigo, salta por aquele velho assanhado que tu conheces que cofia as barbas; se não quiseres, salta pela pompa e luxo de dona Pimpinela de Plafagônia, que foi amiga da criada galega, que trabalhava em Valdeastillas. Não te cai bem o conjuro, Gavião, meu filho? Pois salta pelo bacharel Pasillas, que se diz licenciado sem ter diploma algum. Oh, mas que preguiça! Por que não saltas? Já entendi tuas manhas: agora salta pelo vinho de

Esquivias, famoso ao lado do de Ciudad Real, San Martín e Rivadávia.’

“Baixou a varinha, e eu saltei, e notei suas malícias e má índole. Virou-se para o povo e disse em voz alta:

“Não pense vossa mercê, respeitável público, que é de brincadeira o que este cachorro sabe. Eu lhe ensinei vinte e quatro coisas, e pela menor delas até um cego devia olhar, quero dizer que para vê-la vale a pena caminhar trinta léguas. Sabe dançar a sarabanda e a chacona melhor que sua própria inventora; bebe dois litros de vinho sem deixar uma gota; entoa um dó, ré, mi, sol tão bem como um sacristão; todas essas coisas e muitas outras que nem menciono, vossas mercês irão vendo nos dias em que a companhia estiver aqui. E, por ora, dê outro salto nosso sábio e logo entramos no que interessa.’

“Com isso surpreendeu o auditório, que havia chamado de respeitável público, e acendeu o desejo de todos de não deixar de ver tudo o que eu sabia. Meu dono se virou para mim e disse:

“Voltai, Gavião, meu filho, e com agilidade e elegante destreza repeti os saltos que destes; mas deve ser em devoção à famosa feiticeira que dizem que viveu nesta aldeia.’

“Mal disse isso, levantou a voz a hospitaleira, que era uma velha de mais de sessenta anos,<sup>39</sup> pelo visto, dizendo:

“Velhaco tagarela, trapaceiro e filho da puta, aqui não tem feiticeira alguma. Se falas pela Camacha, ela já pagou seu pecado, e está onde Deus sabe; se falas por mim, linguarudo, eu não sou nem nunca fui feiticeira em toda a minha vida; e se tive fama de ter sido, foi graças aos testemunhos falsos e à lei do-deu-na-telha do juiz, um cabeça oca e mal informado; todo mundo já conhece a vida que levo, em penitência, não dos feitiços que não fiz, mas de muitos outros pecados, outros que cometi como pecadora. Então, tamborileiro debochado, sai do hospital, se não, juro por minha vida, que te faço sair rente como pão quente.’

“E com isso começou a dar tantos gritos e a dizer tantas injúrias e tão atropeladas a meu dono, que o deixou confuso e assustado; enfim, não deixou que a festa fosse adiante de jeito nenhum. Essa

confusão não desgostou meu amo, porque ficou com o dinheiro e marcou para o dia seguinte, em outro hospital, o que falhara naquele. As pessoas foram embora amaldiçoando a velha, acrescentando ao termo feiticeira o de bruxa e ao de velha, o de barbuda. Apesar de tudo, ficamos no hospital aquela noite; e a velha, encontrando-me sozinho no pátio, disse-me:

“És tu, Montiel, meu filho? Por acaso, és tu, meu filho?”

“Levantei a cabeça e olhei-a devagar; vendo isso, com lágrimas nos olhos, veio até mim, e me abraçou pelo pescoço, e me beijaria na boca, se a deixasse, mas tive nojo e não permiti.”

CIPIÃO. Fizeste bem, porque não é uma dádiva, mas um tormento, beijar ou se deixar beijar por uma velha.

BERGANZA. Isto que quero te contar agora devia ter te contado no começo de minha história, e assim teríamos poupado o espanto que nos causou nos ver falando. Pois deves saber que a velha me disse:

“Montiel, meu filho, vem comigo e saberás onde fica meu quarto, e trata de que esta noite nos vejamos a sós nele, que eu deixarei a porta aberta; e saiba que tenho muitas coisas para te dizer sobre tua vida e para teu proveito.”

“Baixei a cabeça em sinal de obediência, o que acabou por levá-la a pensar que eu era o cachorro Montiel que ela procurava, conforme me disse depois. Fiquei surpreso e confuso, esperando a noite, para ver no que dava aquele mistério ou prodígio de a velha ter me falado; e como tinha ouvido chamá-la de feiticeira, esperava grandes coisas desse encontro e conversa. Chegou, por fim, a hora de vê-la em seu quarto, que era escuro, estreito e baixo, e iluminado apenas pela débil luz de um candeeiro de barro que estava lá; a velha o avivou e, sentando-se sobre um bauzinho, levou-me para perto dela e, sem falar uma palavra, voltou a me abraçar, e eu voltei a evitar que me beijasse. A primeira coisa que me disse foi:

“Eu pedia aos céus que antes que meus olhos se fechassem com o último sono havia de te ver, meu filho, e já que te vi, venha a morte e me leve desta vida cansativa. Deves saber, filho, que nesta vila viveu a mais famosa feiticeira que houve no mundo, a quem chamaram Camacha de Montilla; foi tão boa em seu ofício, que as

Eritos, as Circes, as Medeias, de quem ouvi dizer que as histórias estão cheias, não a igualaram.<sup>40</sup> Ela congelava as nuvens quando queria, cobrindo com elas a face do Sol; e quando desejava, tornava sereno o céu mais tempestuoso; trazia os homens de terras distantes num instante; consertava maravilhosamente as donzelas que haviam tido algum descuido em manter sua inteireza; acobertava as viúvas, de modo que com honestidade fossem desonestas; descasava as casadas, e casava as que ela queria. Por dezembro tinha rosas frescas em seu jardim e ceifava trigo em janeiro. Isso de fazer brotar um pau seco era o de menos para ela, ou de fazer ver num espelho, ou na unha de uma criança, os vivos e os mortos que lhe pediam que mostrasse. Teve fama de transformar os homens em animais, e que havia se servido de um sacristão por seis anos em forma de burro, real e verdadeiramente, o que eu nunca consegui entender como pode se fazer, porque o que se diz daquelas magas antigas, que transformavam os homens em feras, dizem os que mais sabem que não era outra coisa senão que elas, com sua grande beleza e muitas adulações, atraíam os homens de maneira que as amassem, e os sujeitavam de modo que, servindo-se deles em tudo que queriam, pareciam animais. Mas em ti, meu filho, a experiência me mostra o contrário, pois sei que és pessoa racional e te vejo com a aparência de um cachorro, se é que isso não foi feito com aquela ciência que chamam truques, que faz uma coisa parecer outra. Seja como for, o que me pesa é que nem eu nem tua mãe, que fomos discípulas da boa Camacha, nunca chegamos a saber tanto quanto ela; e não por falta de talento, nem de habilidade, nem de ânimo, que antes nos sobrava que faltava, mas por obra da malícia dela, que nunca quis nos ensinar as coisas mais importantes, pois as reservava para si.

“Tua mãe, filho, chamou-se Montielã, que depois da Camacha foi famosa; eu me chamo Cañizares, se não tão sábia como as duas, pelo menos com tão boas intenções como qualquer uma delas. É verdade que o ânimo que tua mãe tinha para traçar um círculo e entrar nele, e se encerrar com uma legião de demônios, nem a própria Camacha tinha maior. Eu sempre fui meio medrosinha; eu



me contentava em conjurar os demônios de meia região do inferno; mas, com serenidade seja dito, nisso de confeccionar unguentos, com que as bruxas se untam, nenhuma levava vantagem comigo, nem levam quantas hoje seguem e guardam nossas regras. Deves saber, filho, que como eu vi e vejo que a vida que corre sobre as ligeiras asas do tempo se acaba, quis deixar todos os vícios da feitiçaria em que estava engolfada havia muitos anos, e só me restou o zelo de ser bruxa, que é um vício difícil de deixar. Tua mãe fez o mesmo, de muitos vícios se afastou, muitas boas ações fez nesta vida, mas no fim morreu bruxa, e não morreu de doença alguma, mas de dor, por causa da Camacha, sua mestra, que teve inveja dela, pois ia ficando mais sábia que ela, ou por outra questãozinha de ciúme que nunca pude averiguar. Enfim, estando tua mãe grávida e perto da hora do parto, a Camacha foi a parteira que recebeu em suas mãos o que tua mãe pariu, e mostrou-lhe que havia parido dois cachorrinhos; e, mal os viu, tua mãe disse:

“Aqui há maldade, aqui há velhacaria!”

“Mas, irmã Montiel, sou tua amiga; eu ocultarei este parto, e trata de se recuperar, e faz de conta que esta tua desgraça fica sepultada no próprio silêncio; não te entristeças com isso, pois já sabes que sei que há dias que não tratas com outro fora Rodríguez, o peão, teu amigo; de modo que este parto canino vem de outra parte, e contém algum mistério.”

“Ficamos admiradas tua mãe e eu, pois eu me achava presente a tudo, com esse acontecimento estranho. A Camacha foi embora e levou os filhotes; eu fiquei com tua mãe para cuidá-la, e ela não podia acreditar no que havia acontecido. Chegou o fim da Camacha, e estando na última hora de sua vida chamou tua mãe e lhe disse que ela havia transformado seus filhos em cachorros por certo problema que teve com ela; mas que não ficasse triste porque eles voltariam a ser gente quando menos se esperasse; mas que não podia ser antes que eles, por seus próprios olhos, vissem o seguinte:

Voltarão à sua forma verdadeira,  
quando vierem com rápida diligência

derrubar os soberbos elevados,  
e elevar os humildes abatidos  
com poderosa mão para fazê-lo.

“Isso a Camacha disse à tua mãe na hora de sua morte, como já te disse. Tua mãe anotou por escrito e decorou, e eu o fixei na minha memória para o caso de chegar o tempo de poder dizê-lo a ti ou a teu irmão; e, para poder conhecê-los, a todos os cachorros que vejo com tua cor chamo pelo nome de tua mãe, não por pensar que os cachorros podem saber o nome, mas para ver se respondiam ao ser chamados tão diferentemente de como se chamam os outros cachorros. E esta tarde, como te vi fazer tantas coisas, e que te chamam de cachorro sábio, e também como ergueste a cabeça para me olhar quando te chamei no pátio, acreditei que tu eras filho da Montiel, e com grandíssimo prazer dou notícia de tua vida passada e do modo como haverás de recobrar tua forma anterior; e eu gostaria que esse modo fosse tão fácil como o que se diz de Apuleio em O asno de ouro, que consistia apenas em comer uma rosa. Mas tua transformação dependeu de ações alheias e não de teu esforço. O que deves fazer, filho, é encomendar-te a Deus no fundo de teu coração, e espera que essas, que não quero chamar de profecias, mas de adivinhações, deverão acontecer logo e felizmente; pois, como a boa da Camacha disse, acontecerão sem dúvida alguma, e tu e teu irmão se verão como desejam, se ele estiver vivo.’

“O que me pesa é que estou tão perto de meu fim que não terei oportunidade de vê-los homens. Muitas vezes quis perguntar ao tihoso que fim terá tua desgraça, mas não me atrevi, porque nunca responde ao que perguntamos de modo direto, e sim com palavras tortuosas e de muitos sentidos; enfim, a este nosso amo e senhor não se deve perguntar nada, porque mistura mil mentiras com a verdade. E, pelo que deduzi de suas respostas, ele certamente não sabe nada do futuro, a não ser por conjecturas. Mesmo assim mantém a todas nós, bruxas, tão enganadas que, apesar de mil enganos, não o podemos deixar. Vamos vê-lo muito longe daqui, num campo grande, onde nos reunimos inúmeras pessoas, bruxos e

bruxas, e ali nos dá de comer insolentemente, e acontecem coisas que na verdade, por Deus e por minha alma, não me atrevo a contar, porque são sujas e nojentas e não quero ofender tuas orelhas castas.<sup>41</sup> Há quem pense que não vamos a esses encontros a não ser em imaginação, e que nela o demônio apresenta imagens de todas aquelas coisas, que depois contamos que nos aconteceu. Outros dizem que não, que realmente vamos de corpo e alma; e me parece que ambas as opiniões são verdadeiras, porque nós não sabemos quando vamos de uma forma ou de outra; porque tudo o que nos acontece na fantasia é tão intenso que não é possível diferenciar do que é real e verdadeiro. Algumas experiências disso foram feitas pelos senhores inquisidores com algumas de nós que prenderam, e penso que consideraram verdadeiro o que digo.'

“Eu gostaria, filho, de me afastar desse pecado, e por isso tomei minhas providências: protegi-me sendo hospitaleira; cuido dos pobres, e alguns que morrem me dão a vida com o que me deixam ou com o que fica entre seus trapos, porque tenho o cuidado de remexer em suas roupas; rezo pouco, mas em público; mexerico muito, mas em segredo; fica melhor para mim ser hipócrita que ser pecadora declarada; as aparências de minhas boas ações presentes vão se apagando na memória dos que me conhecem as más ações passadas. Enfim, a santidade fingida não prejudica ninguém, apenas a quem a usa. Olha, filho Montiel, eu te dou este conselho: sê bom em tudo quanto puderes; e se fores mau, procura não parecê-lo em tudo quanto puderes. Sou bruxa, não nego; bruxa e feiticeira foi tua mãe, coisa que também não posso te negar; mas, a nossa boa aparência podia nos dar crédito em todo o mundo. Três dias antes de morrer, nós duas estivemos num vale nos Pireneus numa grande comezaina; e, apesar de tudo, quando morreu foi com tal calma e repouso que, se não fossem algumas contorções no rosto que teve um quarto de hora antes de entregar a alma, não parecia senão que estava naquela cama como num leito de flores. Tinha seus dois filhos cravados no coração, e nunca quis, mesmo na hora da morte, perdoar a Camacha; tal era ela íntegra e firme em suas coisas. Eu lhe fechei os olhos e fui com ela até a sepultura; ali a deixei para

não vê-la mais, embora não tenha perdido a esperança de vê-la antes de morrer, porque se disse pela vila que algumas pessoas a viram andar pelos cemitérios e encruzilhadas com diferentes aparências, e talvez eu tope com ela alguma vez, e lhe perguntarei se quer que faça alguma coisa em descargo de sua consciência.'

“Cada uma dessas coisas que a velha me dizia em louvor daquela que dizia ser minha mãe era uma lançada que me atravessava o coração, e gostaria de atacá-la e fazê-la em pedaços com meus dentes; e se deixei de fazê-lo foi para que a morte não a levasse em tão mau estado. Finalmente, disse-me que aquela noite pensava untar-se para ir a um de seus encontros, e que quando estivesse lá pensava perguntar a seu dono alguma coisa sobre o que estava por acontecer. Eu gostaria de lhe perguntar com que iria se untar, e parece que me leu o pensamento, pois respondeu a meu desejo como se eu lhe tivesse perguntado:

“Esse unguento com que nós, bruxas, nos untamos é composto de sucos de ervas com grande poder alucinatório, e não é, como diz o povo, feito com sangue das crianças que sufocamos.<sup>42</sup> Aqui também poderias me perguntar que prazer ou proveito tira o demônio de nos fazer matar as crianças pequenas, pois sabe que, estando batizadas, como inocentes e sem pecado, vão para o céu, e ele recebe punição particular a cada alma cristã que lhe escapa; não saberei te responder outra coisa a não ser o que diz o ditado: 'Há quem fure os dois olhos para que seu inimigo fure um'; e pela amargura que dá a seus pais matando os filhos, que é a maior que se pode imaginar. E o que mais importa é fazer com que nós cometamos a cada instante pecado tão cruel e perverso; e tudo isso Deus permite por nossos pecados, que sem sua permissão eu vi por experiência que o diabo não pode ofender a uma formiga; e isso é tão verdadeiro que, rogando-lhe eu uma vez que destruísse uma vinha de um inimigo meu, respondeu-me que não podia tocar nem numa folha, porque Deus não queria; por isso poderás vir a entender, quando fores homem, que todas as desgraças que atingem as pessoas, os reinos, as cidades e os povos; as mortes repentinas, os naufrágios, as derrocadas, enfim, todos os males que

sofremos vêm da mão do Altíssimo e que sua vontade consentiu; e os danos e males que chamam de culpa, vêm e são causados por nós mesmos. Deus é impecável, do que se infere que nós somos autores do pecado, formando-o na intenção, na palavra e na ação; Deus permitindo tudo por nossos pecados, como já se disse. Dirás tu agora, filho, se por acaso me entendes, que quem me fez teóloga, e talvez dirás a ti mesmo: 'Minha nossa, essa puta velha! Por que não deixa de ser bruxa, se sabe tanto, e volta para Deus, pois sabe que está mais inclinado a perdoar que a permitir pecados?'. A isso te respondo, como se me perguntasses, que o costume do vício se torna natureza, e este de ser bruxas se transforma em sangue e carne, e no meio de seu ardor, que é grande, traz um tal frio que põe na alma que a resfria e desanima até na fé, de onde nasce um esquecimento de si mesma, e nem se lembra dos temores com que Deus a ameaça nem da glória com que a convida; e, na verdade, como é pecado de carne e de prazeres, é forçoso que entorpeça todos os sentidos, e os enleve e distraia, sem deixá-los usar seus ofícios como devem; e assim, ficando a alma inútil, frouxa e desmazelada, não pode elevar a consideração sequer a ter algum bom pensamento; e assim, deixando-se ficar submersa no profundo abismo de sua miséria, não quer elevar a mão à de Deus, que a está dando apenas por sua misericórdia para que se levante. Eu tenho uma dessas almas que te pinteí. Vejo tudo e tudo entendo, mas, como o prazer me pôs grilhões na vontade, sempre fui e serei má.'

“Mas deixemos isso para lá e voltemos aos unguentos;<sup>43</sup> e digo que são tão poderosos que nos privam de todos os sentidos se nos untamos com eles, e ficamos estendidas e nuas no chão, e então dizem que vivemos na imaginação tudo aquilo que nos parece viver verdadeiramente. Outras vezes, tendo acabado de nos untarmos, em nossa opinião mudamos de forma e nos transformamos em galos, corujas ou corvos, vamos ao lugar onde nosso dono nos espera, e lá recuperamos nossa forma anterior e gozamos dos deleites que deixo de te contar, por ser tais que a memória se escandaliza ao se lembrar deles, e assim a língua foge de contá-los; e apesar de tudo isso sou bruxa, e cubro com a capa da hipocrisia todos os meus

muitos defeitos. É verdade que se alguns me honram e consideram como boa, não faltam muitos que me jogam na cara que sou bruxa, que é o que levou à fúria um juiz colérico que nos tempos passados teve a ver comigo e com tua mãe, depositando sua ira nas mãos de um verdugo que, por não estar subornado, usou de toda a sua força e rigor em nossas costas. Mas isso já passou, e todas as coisas passam; as memórias acabam, as vidas não voltam, as línguas se cansam, os fatos novos fazem esquecer os antigos. Sou hospitaleira; dou boas mostras de minha conduta; bons momentos me dão meus unguentos; não sou tão velha que não possa viver mais um ano, pois tenho setenta e cinco; e já não posso jejuar, por causa da idade; nem rezar, por causa da tontura; nem andar em romarias, por falta de força nas pernas; nem dar esmola, porque sou pobre; nem pensar no bem, porque sou amiga de mexericar, e para fazê-lo é preciso pensar primeiro, assim que meus pensamentos sempre serão maus; apesar de tudo isso sei que Deus é bom e misericordioso e que Ele sabe o que há de ser de mim, e basta, e fique por aqui esta conversa, que realmente me entristece. Vem, filho, e verás eu me untar, pois todas as dores são boas com pão; se o dia for bom, mete-o em casa, pois enquanto se ri não se chora; quero dizer que ainda que os prazeres que o demônio nos dá sejam aparentes e falsos, nos parecem prazeres, e o deleite imaginado é muito maior que o vivido, embora nos verdadeiros prazeres deva ser o contrário.'

“Depois dessa longa arenga, levantou-se e, pegando o candeeiro, entrou em outro quartinho mais estreito. Eu a segui perseguido por mil pensamentos variados e admirado com o que havia ouvido com o que esperava ver. A Cañizares pendurou o candeeiro na parede, com muita pressa se despiu (tirou até a camisa) e, pegando uma panela de barro vidrado, meteu nela a mão e, murmurando entre dentes, untou-se dos pés à cabeça, que tinha sem touca. Antes que acabasse de se untar me disse que se seu corpo ficasse naquele quarto, sem sentido, ou desaparecesse dele, que não me espantasse, nem deixasse de esperar ali até de manhã, porque saberia as novas do que me restava acontecer até ser homem. Disse-lhe, baixando a cabeça, que assim faria, e com isso ela acabou

de passar o unguento e se estendeu no chão como morta. Aproximei minha boca da sua e vi que não respirava, nem pouco nem muito.

“Quero te confessar uma verdade, meu amigo Cipião: tive muito medo ao me ver encerrado naquele quarto estreito com aquela figura diante de mim, a qual pintarei da melhor forma que puder. Ela era alta, com mais de um metro e noventa, e puro esqueleto coberto com uma pele negra, peluda e curtida; com a barriga, que era toda mole, cobria as partes desonestas e se pendurava até a metade das coxas; as tetas pareciam duas bexigas secas e enrugadas de vaca; enegrecidos os lábios, carcomidos os dentes, o nariz curvo e comprido, desencaixados os olhos, a cabeça desgrenhada, as faces chupadas, estreita a garganta e o peito afundado; enfim, era toda magra e endemoniada. Pus-me a olhá-la sem pressa, e com pressa o medo começou a se apoderar de mim, considerando a terrível visão de seu corpo e a pior ocupação de sua alma. Quis mordê-la, para ver se voltava a si, e não encontrei em toda ela uma parte em que o nojo não me atrapalhasse; mas, apesar de tudo, agarrei-a por um calcanhar e a arrastei para o pátio; mas nem assim ela deu sinais de voltar a si. Lá, com olhar o céu e me ver em lugar espaçoso, perdi o medo; pelo menos diminuiu, de maneira que tive ânimo para esperar ver no que ia dar a ida e volta daquela fêmea malvada, e o que me contava de minhas atribulações. Nisso me perguntava a mim mesmo: quem fez a esta velha má tão perspicaz e tão má? De onde sabe ela quais são os males que nos sucedem e os de que temos culpa? Como entende e fala tanto de Deus, e age tanto com o diabo? Como peca tão maliciosamente, não dando a ignorância como desculpa?

“Nessas considerações se foi a noite e veio o dia, que nos encontrou aos dois no meio do pátio; ela sem voltar a si, e eu ao lado dela, sentado, atento, olhando sua figura espantosa e feia. Veio gente do hospital, e, vendo aquela cena, uns diziam:

“‘A bendita Cañizares está morta! Olha como a penitência a deixou desfigurada e magra.’

“Outros, mais cuidadosos, tomaram-lhe o pulso e viram que o tinha, que não estava morta, pelo que deduziram que estava em êxtase e arrebatada de pura bondade. Houve outros que disseram:

“Sem dúvida esta puta velha deve ser bruxa e deve ter se lambuzado de unguento, pois os santos nunca entram em êxtase tão descaradamente, e até agora, entre nós que a conhecemos, tem mais fama de bruxa que de santa.’

“Houve curiosos que se aproximaram para fincar-lhe alfinetes no corpo, desde a ponta até a cabeça; nem assim a dorminhoca despertava, nem voltou a si até as sete da manhã; e, como se sentiu crivada de alfinetes e mordida nos calcanhares, machucada pelo arrastamento para fora de seu quarto, e à vista de tantos olhos que a estavam olhando, pensou, o que era verdade, que eu havia sido o autor de sua desonra; e então se atirou a mim e, me agarrando pela garganta com ambas as mãos, procurava me esganar, dizendo:

“Oh, velhaco, mal-agradecido, ignorante e malicioso! É este o pagamento que merecem as boas ações que fiz à tua mãe e as que pensava fazer a ti?’

“Eu, que me vi em perigo de perder a vida entre as unhas daquela harpia feroz, dei um repelão e a sacudi, agarrando-a pelas longas fraldas de seu ventre, e a arrastei por todo o pátio; ela gritava que a livrassem dos dentes daquele espírito maligno.

“Com essas palavras da velha malvada a maioria acreditou que eu devia ser algum demônio dos que têm aversão permanente pelos bons cristãos, e uns vieram me jogar água benta, outros não ousavam me espantar, e outros gritavam para que me esconjurassem; a velha grunhia; eu apertava os dentes; crescia a confusão, e meu dono, que já havia chegado atraído pelo barulho, desesperava-se ouvindo dizer que eu era demônio. Outros, que não sabiam de exorcismos, pegaram dois ou três garrotes e com eles começaram a me benzer o lombo. A brincadeira me doeu, soltei a velha e em três saltos me pus na rua, e em pouco mais saí da vila, perseguido por uma infinidade de meninos que diziam em grandes brados:

“Afastem-se, que o cachorro sábio tem raiva!’

“Outros diziam:

“Não tem raiva, é um demônio em corpo de cachorro!’

“Com essa perseguição toda, saí rachando do povoado, seguindo-me muitos que indubitavelmente acreditaram que eu era



demônio, tanto pelas coisas que me viram fazer como pelas palavras que a velha disse quando despertou de seu sono maldito. Apressei-me tanto em fugir e desaparecer de sob seus olhos que acreditaram que eu havia desaparecido em forma de demônio. Em seis horas andei doze léguas e cheguei a um acampamento de ciganos que estava num campo perto de Granada. Ali descansei um pouco, porque alguns dos ciganos me reconheceram como o cachorro sábio e com prazer nada pequeno me acolheram e me esconderam num buraco, para que não me achassem se fosse procurado, com intenção, pelo que entendi depois, de lucrar comigo como fazia meu dono do tambor. Estive vinte dias com eles, nos quais observei e conheci sua vida e seus costumes, que por serem notáveis é forçoso que te conte.”

CIPIÃO. Antes que sigas adiante, Berganza, é bom que reparemos no que te disse a bruxa e averiguemos se pode ser verdade a grande mentira a que dás crédito. Olha, Berganza, seria um grande disparate acreditar que a Camacha transformasse os homens em bichos e que o sacristão em forma de jumento a servisse nos anos em que dizem que a serviu. Todas essas coisas e outras semelhantes são embustes, mentiras ou falsificações do demônio; e, se agora nos parece que temos algum entendimento e razão, pois falamos sendo cachorros de verdade, ou estando com sua aparência, já dissemos que esse é caso portentoso e jamais visto, e que embora lhe toquemos com as mãos, não havemos de lhe dar crédito até que o fim dele nos mostre o que convém que acreditemos. Queres vê-lo mais claro? Considera em quantas coisas vãs e em quantos disparates consistia nossa restauração; e aquelas que a ti devem parecer profecias não são senão palavras de contos da carochinha e superstição de velhas, como aqueles da mula sem cabeça e da varinha de condão, com que te distraem diante do fogo nas longas noites de inverno; porque, se for outra coisa, já teriam se realizado, se é que suas palavras não devem ser tomadas num sentido que ouvi dizer que se chama alegórico, o qual não quer dizer o que a letra soa mas outra coisa que, embora diferente, seja semelhante; assim, dizer:

Voltarão à sua forma verdadeira,  
quando vierem com rápida diligência  
derrubar os soberbos elevados,  
e elevar os humildes abatidos  
com poderosa mão para fazê-lo.

Tomando-o no sentido que disse, parece-me que quer dizer que ganharíamos nossa forma quando víssemos que os que ontem estavam no alto da roda da fortuna hoje estão pisados e abatidos aos pés da desgraça, e desprezados por aqueles que mais os estimavam. E também quando víssemos que outros, que não faz duas horas que não tinham deste mundo outra coisa que servir nele de número que aumentasse o dos povos, agora estão tão alto lá no topo da boa sorte que os perdemos de vista; e se antes não apareciam por pequenos e encolhidos, agora não os podemos alcançar por grandes e elevados. E, se nisso consistisse voltarmos à forma que dizes, já vimos e vemos a cada passo; assim penso entender que não no sentido alegórico, mas no literal, devem ser tomados os versos da Camacha; e tampouco neste consiste nossa solução, pois muitas vezes vimos o que dizem e continuamos tão cachorros como vês; portanto a Camacha foi uma embusteira falsa, e a Cañizares desonesta, e a Montiel boba, maliciosa e velhaca, com perdão das palavras, se por acaso for nossa mãe, ou tua, que eu não quero tê-la por mãe. Digo, então, que o verdadeiro sentido é um jogo de boliche, em que com rápida diligência derrubam as peças que estão em pé e voltam a levantar as caídas, e isso pela mão de quem o pode fazer. Olha, portanto, se no curso de nossa vida teremos visto jogar boliche, e se voltamos a ser homens por isso, se é que o somos.

BERGANZA. Digo que tens razão, Cipião, meu irmão, e que és mais sagaz do que eu pensava; e pelo que disseste venho a pensar e acreditar que tudo o que até aqui passamos e o que estamos passando é sonho, e que somos cachorros; mas nem por isso deixemos de gozar deste bem da fala que temos e da excelência tão grande de ter raciocínio humano todo o tempo que pudermos; e,

assim, não te canses ao me ouvir contar o que me aconteceu com os ciganos que me esconderam num buraco.

CIPIÃO. Eu te escuto com prazer, para te obrigar a que me ouças quando te contar, se o céu permitir, as peripécias de minha vida.

BERGANZA. Gastei o tempo em que estive com os ciganos em observar suas inúmeras malícias, seus logros e trapaças, os furtos em que se exercitam, tanto ciganas como ciganos, desde quase o instante em que saem das fraldas e aprendem a andar. Vês a multidão deles que há espalhada pela Espanha? Pois todos se conhecem e têm notícia uns dos outros, e trocam e cambiam os furtos entre estes e aqueles, e entre aqueles e estes. Rendem obediência, mais que a seu rei, a um que chamam conde, o qual, como todos os que o sucedem, tem o sobrenome de Maldonado;<sup>44</sup> e não porque venham do sobrenome dessa nobre linhagem, mas porque um pajem de um cavaleiro desse nome se apaixonou por uma cigana, a qual não quis lhe conceder seu amor se não se tornasse cigano e a tomasse por mulher. Assim fez o pajem e agradou tanto ao resto dos ciganos que eles o escolheram como senhor e lhe renderam obediência; e, como em sinal de vassalagem, vão até ele com parte dos furtos que fazem, desde que tenham importância. Para colorirem sua ociosidade, ocupam-se em forjar coisas de ferro, fazendo instrumentos com que facilitam seus furtos; assim os verás trazer e vender pelas ruas tenazes, puas, martelos; e elas, tripés e ataçadores. Todas elas são parteiras, e nisso levam vantagem sobre as nossas, porque sem custo nem outras despesas fazem seus partos, e lavam as crianças com água fria logo depois de nascidas; e desde que nascem até que morrem se curtem nas intempéries e rigores do céu, e mostram aguentar; e por isso verás que todos são fortes, acrobatas, corredores e bailarinos. Casam-se sempre entre eles, para que seus maus costumes não sejam conhecidos de outros; elas guardam o decoro a seus maridos, e há poucas que os ofendam com outros que não sejam de seu povo. Quando pedem esmola, ganham-nas mais com invencionices e brincadeiras que com devoções; e com a desculpa de que não há quem confie nelas, não trabalham e caem na ociosidade; e poucas

ou nenhuma vez vi, se bem me lembro, uma cigana ao pé do altar comungando, apesar de ter entrado muitas vezes nas igrejas. Seus pensamentos são imaginar como irão enganar e onde irão furtar; comparam seus furtos, e o modo que usaram para fazê-los; e assim, um dia um cigano contou a outros, diante de mim, como furtou e trapaceou um camponês, e foi que o cigano tinha um burro pitoco, e no pedaço da cauda que tinha sem crinas colocou outra peluda, que parecia ser do próprio bicho. Levou-o ao mercado, um camponês o comprou por dez ducados, e, havendo vendido e recebido o dinheiro, disse-lhe se não queria comprar outro burro irmão daquele, e tão bom quanto, que lhe venderia pelo melhor preço. O camponês respondeu que fosse buscá-lo, pois ele o compraria, e que enquanto isso levaria o comprado à sua pousada. O camponês se foi, o cigano o seguiu e, seja lá como for, conseguiu furtar o burro que havia vendido, e na mesma hora tirou a cauda postiça, e ele ficou com a sua pelada. Trocou a albarda e o cabresto dele, e se atreveu a procurar o camponês para que o comprasse, e o encontrou antes que desse falta do primeiro burro, e com pouca conversa o camponês comprou o segundo. Foi à pousada pagar, onde o burro não achou o burro; e ainda que fosse muito burro, suspeitou que o cigano o tivesse furtado e não queria pagar-lhe. O cigano trouxe testemunhas, e trouxe os que haviam cobrado a alcavala do primeiro jumento, e juraram que o cigano havia vendido ao camponês um burro com uma cauda muito comprida e muito diferente da do segundo burro que vendia agora. A tudo isso, encontrava-se presente o aguazil, que defendeu o cigano com tantas evidências que o camponês teve de pagar o burro duas vezes. Contaram muitos outros furtos, e todos, ou a maioria, de animais, no que são diplomados e em que mais se exercitam. Enfim, são gente ruim, e embora muitos juízes, e juízes muito prudentes, tenham ficado contra eles, nem por isso se emendam.

“Ao cabo de vinte dias, quiseram me levar a Múrcia. Passei por Granada, onde já estava o capitão cujo tocador de tambor era meu dono. Como os ciganos souberam, trancaram-me num quarto da estalagem onde moravam; eu os ouvi dizer a causa; não me pareceu coisa boa a ideia deles e, assim, resolvi escapar, como fiz, e saindo

de Granada acabei na horta de um mourisco,<sup>45</sup> que me acolheu de boa vontade, e eu fiquei com melhor ainda, parecendo-me que me queria apenas para guarda da plantação, trabalho, em minha opinião, mais fácil que guardar um rebanho; e como ali não havia possibilidade de discutir o salário, foi coisa fácil para o mourisco achar criado a quem mandar e eu amo a quem servir. Estive com ele mais de um mês, não pelo prazer da vida que levava, mas pelo que me permitia saber da vida de meu dono, e por ela da de todos os mouriscos que vivem na Espanha. Ó quantas coisas poderia te dizer, Cipião, meu amigo, e que coisas!, dessa canalha mourisca, se não temesse não poder dar fim a elas em duas semanas! E se houvesse que detalhá-las, não acabaria em dois meses; mas, enfim, haverei de dizer alguma coisa; e assim, ouve em geral o que eu vi e observei em particular dessa boa gente.

“Com muita sorte se achará um entre tantos que acredite realmente na sagrada lei cristã; todo o seu propósito é cunhar e guardar dinheiro cunhado; e, para conseguir isso, trabalham e não comem; e entrando uns reais em seu poder, desde que não sejam trocados, condenam-nos à prisão perpétua e à escuridão eterna; de modo que, ganhando sempre e não gastando nunca, chegam a acumular a maior quantidade de dinheiro que há na Espanha. Eles são seu cofrinho, sua traça, suas pegas e suas doninhas; tudo juntam, tudo escondem e tudo tragam. Veja que eles são muitos e que todo dia ganham e escondem pouco ou muito, e que uma febre lenta acaba com a vida como a febre de um tifo; e como vão crescendo, vão aumentando os esconderijos, que crescem e irão crescer ao infinito, como a experiência mostra. Entre eles não há castidade, nem eles nem elas entram em ordens religiosas; todos se casam, todos se multiplicam, porque viver sobriamente aumenta as causas da procriação. Não os consome a guerra, nem trabalho que os esgote muito; roubam-nos sem esforço, e com os frutos de nossas terras, que nos revendem, tornam-se ricos. Não têm criados, porque todos o são de si mesmos; não gastam com seus filhos nos estudos, porque sua ciência não é outra que nos roubar. Dos doze filhos de Jacó que ouvi dizer que entraram no Egito quando Moisés

os tirou daquele cativo, saíram setecentos mil homens, além de crianças e mulheres; disso se poderia inferir o quanto estes se multiplicarão, pois, sem comparação, são em maior número.”

CIPIÃO. Procurou-se solução para todos os males que apontaste e esboçaste em traços rápidos, pois sei muito bem que são mais e maiores os que calas que os que contas, e até agora não se topou com o recurso conveniente; mas nossa nação tem políticos prudentíssimos, que, observando que a Espanha tem e cria em seu seio tantas víboras quantos mouriscos, ajudados por Deus, encontrarão solução certa, rápida e segura para tanto problema. Continua.

BERGANZA. Como meu dono era mesquinho, como o são todos os de sua casta, sustentava-me com pão de milho e algumas sobras de sopas, sua alimentação diária; mas essa miséria me ajudou a ganhar o céu de um modo tão estranho como ouvirás agora. Toda manhã, junto com a aurora, amanhecia sentado ao pé de um gramado dos muitos que havia na horta, um rapaz, pelo visto estudante, vestido de flanela, nem tão preta nem tão peluda que não parecesse parda e tosquiada. Ocupava-se em escrever num caderno, e de quando em quando dava umas palmadas na testa e roía as unhas, enquanto olhava o céu; e outras vezes ficava tão pensativo que não mexia um pé, nem mão, nem mesmo as pestanas, de tão embevecido. Uma vez me aproximei dele sem que me visse; então o ouvi murmurar baixinho, e ao fim de um bom tempo deu um grande brado, dizendo:

“Por Deus, é a melhor oitava que fiz em todos os dias de minha vida!”

“E, escrevendo com pressa em seu caderno, dava mostras de grande alegria; tudo isso me levou a pensar que o desgraçado era poeta. Fiz meus costumeiros carinhos, para que tivesse certeza de que eu era manso. Deitei-me a seus pés, e ele, com essa garantia, continuou em seus pensamentos e coçou a cabeça de novo e voltou a seus enlevos, e de novo começou a escrever o que havia pensado. Estava nisso quando entrou na plantação outro rapaz, bonito e muito elegante, com uns papéis na mão, que lia de tanto em tanto. Chegou aonde estava o primeiro e lhe disse:

“Acabastes o primeiro ato?”

“Acabei agora”, respondeu o poeta, “e do modo mais elegante que se pode imaginar.”

“De que modo?”, perguntou o segundo.

“O primeiro respondeu:

“Assim: sai Sua Santidade, o papa, com vestes pontificais e com doze cardeais, todos vestidos de roxo, porque quando aconteceu o caso que a história de minha comédia conta era tempo de mutatio caparum, no qual os cardeais não se vestem de vermelho, mas de roxo;<sup>46</sup> então, por isso tudo convém, para não sermos impróprios, que estes meus cardeais saiam de roxo; e este é um ponto muito importante para a comédia, e com certeza muitos tropeçaram nele, e assim fazem a cada passo mil impertinências e disparates. E eu não pude errar nisso, porque li todo o cerimonial romano, apenas para acertar nestas vestes.”

“Mas como quereis vós”, replicou o outro, “que meu diretor tenha vestes roxas para doze cardeais?”

“Pois, se tirar apenas um”, respondeu o poeta, “eu não lhe darei minha comédia nem aqui nem nas terras de Preste João. Santíssimo! Vai se perder esse efeito tão grandioso? Imaginai vós, aqui e agora, o que parecerá num teatro um sumo pontífice com doze graves cardeais e com outros prelados no séquito que forçosamente ele levará consigo. Viva o céu que seja um dos maiores e mais altos espetáculos que se haja visto em comédia, mesmo que seja a do Ramillete de Daraja!<sup>47</sup>

“Aqui acabei por entender que um era poeta e o outro comediante. O comediante aconselhou o poeta a cortar um tanto dos cardeais, se não quisesse impossibilitar o diretor de montar a comédia. Ao que o poeta disse que lhe agradecessem que não havia posto todo o conclave que se encontrou junto ao ato memorável que pretendia trazer à memória das pessoas em sua felicíssima comédia. O ator se riu e o deixou em sua ocupação para ir à sua, que era estudar o papel de uma comédia nova. O poeta, depois de ter escrito, devagar e com muita calma, algumas coplas de sua magnífica comédia, tirou da algibeira alguns pedaços de pão e umas

vinte passas, pois, em minha opinião, penso que as contei, mas ainda estou em dúvida se eram tantas, porque junto com elas faziam volume certos farelos de pão que as acompanhavam. Soprou e separou os farelos, e uma a uma comeu as passas e os cabinhos, porque não o vi botar fora nenhum, reforçando-as com os pedaços de pão, que roxos pelas felpas da algibeira pareciam mofados, e eram tão duros de consistência que, embora ele procurasse amolecê-los, passeando-os pela boca muitas e muitas vezes, não foi possível tirá-los de sua condição; tudo isso redundou em meu proveito, porque os atirou para mim, dizendo:

“Vem, vem! Pega, e bom apetite.”

“Olha’, disse a mim mesmo, ‘que néctar ou ambrosia me dá este poeta, desses que eles dizem que alimentam os deuses e seu Apolo lá no céu!’

“Enfim, na maioria das vezes é grande a miséria dos poetas, mas maior era minha necessidade, pois me obrigou a comer o que ele desprezava. Enquanto durou a escrita de sua comédia, não deixou de vir à plantação nem me faltaram pedaços de pão velho, porque os repartia comigo com muita liberalidade, e depois íamos ao moinho, onde eu de bruços e ele com um balde matávamos a sede como uns monarcas. Mas faltou o poeta, e em mim sobrou a fome, e tanto que decidi deixar o mourisco e entrar na cidade para arriscar a sorte, pois só a acha quem se mexe. Ao entrar na cidade vi que meu poeta saía do famoso mosteiro de São Jerônimo, e ele, mal me viu, veio até mim com os braços abertos, e eu fui até ele com novas mostras de regozijo por tê-lo encontrado. Em seguida começou a pegar pedaços de pão, mais macios que os que costumava levar à horta, e a entregá-los a meus dentes sem repassá-los pelos seus, graças ao que matei minha fome com novo prazer. Os pedaços macios de pão e o fato de ter visto o poeta sair do dito mosteiro me levaram a suspeitar que tinha as musas envergonhadas, como muitos outros as têm.<sup>48</sup> Encaminhou-se à cidade, e eu o segui, resolvido a tê-lo por meu dono se ele quisesse, imaginando que das sobras de seu castelo se podia manter meu exército; porque não há maior nem melhor bolso que o da caridade, cujas generosas mãos



jamais estão pobres; por isso não concordo com aquele ditado que diz: 'Mais dá o duro que o desnudo', como se o duro e avaro desse alguma coisa, como a dá o generoso desnudo, que, na verdade, dá a boa intenção, quando não tem mais nada. Anda que anda, paramos na casa de um diretor de comédias que, pelo que me lembro, se chamava Angulo, o Mau, para diferenciar de outro Angulo, não diretor, mas ator, o mais engraçado que então tiveram e agora têm as comédias. Reuniu-se toda a companhia para ouvir a comédia de meu dono, que assim já o considerava; e na metade do primeiro ato, um a um e dois a dois foram saindo todos, exceto o diretor e eu, que servíamos de ouvintes. A comédia era tal que eu, mesmo sendo um asno em matéria de poesia, achei que a tinha composto o próprio Satanás para total ruína e perdição do próprio poeta, que já ia engolindo em seco, vendo a solidão em que o auditório o havia deixado; e não seria muito se a alma, adivinha, não lhe dissesse lá dentro a desgraça que o estava ameaçando, que foi voltar todos os atores, que passavam de doze, e sem falar uma palavra agarraram meu poeta, e se não fosse porque a autoridade do diretor, cheia de pedidos e gritos, interferisse, com certeza o teriam manteado.<sup>49</sup> Fiquei pasmo com o caso; o diretor, contrariado; os comediantes, alegres, e o poeta, abatido; ele, com muita paciência, embora meio de má cara, pegou sua comédia e, enfiando-a no peito, meio murmurando, disse:

“De que adianta jogar pérolas aos porcos?”, e com isso foi embora com toda a calma.

“Eu, de vergonha, não pude nem quis segui-lo, e agi bem, pois o diretor me fez tantas carícias que me obrigou a ficar com ele, e em menos de um mês me tornei grande bufão e ator de cenas mudas.<sup>50</sup> Puseram-me uma focinheira de pano e me ensinaram a atacar no teatro a quem eles queriam; de modo que como os entremezes costumavam acabar na maioria das vezes em pancadaria, na companhia de meu dono acabavam em me atijar, e eu derrubava e atropelava a todos, com o que dava que rir aos ignorantes e muito lucro a meu dono. Ó Cipião, quem poderia te contar o que vi nessa e em outras duas companhias de comediantes em que andei! Mas por

não ser possível reduzi-lo a narração sucinta e breve, vou deixar para outro dia, se é que haverá outro dia em que nos comuniquemos. Vês como foi longa minha conversa? Vês minhas muitas e diversas atribuições? Avaliaste meus caminhos e todos os meus donos? Pois tudo o que ouviste é nada, comparado ao que te poderia contar do que observei, averigui e vi dessa gente; sua conduta, sua vida, seus costumes, suas atividades, seu trabalho, sua ociosidade, sua ignorância e sua sagacidade, com outras inúmeras coisas, umas para se dizer ao ouvido e outras para bradar em público, e todas para guardar na memória e desenganar muitos que idolatram falsas figuras e belezas de artifício e de transformação.”

CIPIÃO. Dá para ver, Berganza, o campo imenso que se abria para que prolongasses a conversa, mas em minha opinião deves deixar isso para um colóquio particular e tranquilo, sem interrupções.

BERGANZA. Como queiras, e escuta. Com uma companhia cheguei a esta cidade de Valladolid, onde num entremez fui ferido de modo que quase perdi a vida; não pude me vingar, porque estava com a focinheira, e depois, a sangue-frio, não quis, pois a vingança pensada supõe crueldade e mau-caratismo. Aquele trabalho me cansou, não por ser difícil, mas porque via nele coisas que pediam ao mesmo tempo conserto e castigo; e como a mim cabia mais suportá-lo que remediá-lo, decidi abandoná-lo, e assim resolvi me converter, como fazem aqueles que deixam os vícios quando não podem mais praticá-los, embora se saiba que antes tarde do que nunca. Digo, enfim, que te vendo uma noite levar a lanterna com o bom cristão Mahúdes, julguei-te contente, e justa e santamente ocupado; e cheio de boa inveja quis seguir teus passos, e com essa louvável intenção me pus diante de Mahúdes, que logo me escolheu para teu companheiro e me trouxe para este hospital. O que me aconteceu aqui não é tão pouco que não exija tempo para contar, especialmente o que ouvi de quatro doentes que a sorte e a necessidade trouxeram a este hospital, e a estar todos quatro juntos em quatro camas encostadas umas nas outras. Perdoa-me, pois a história é curta, e não nos atrasará, e vem a calhar.

CIPIÃO. Perdo, sim. Conclui, pois, pelo que vejo, o dia não deve estar longe.

BERGANZA. Digo que nas quatro camas que estão no fim desta enfermaria, numa estava um alquimista, na outra um poeta, na outra um matemático e na última um desses que chamam arbitristas.

CIPIÃO. Sim, lembro-me de ter visto essa boa gente.

BERGANZA. Bom, durante uma das sextas do verão passado, as janelas estando fechadas e eu tomando um ar embaixo da cama de um deles, o poeta começou a se lamentar tristemente de sua sorte, e o matemático lhe perguntou de que se queixava, e ele respondeu que de sua pouca sorte.

“Ora, não tenho razão para me queixar?”, prosseguiu. ‘Pois tendo eu seguido o que Horácio manda em sua Poética, que não saia à luz obra que, depois de escrita, não tenha passado dez anos por ela,<sup>51</sup> e que eu tenha levado vinte anos escrevendo uma (e disso já se passaram doze) que é grande no tema, admirável e nova na invenção, grave no verso, divertida nos episódios, maravilhosa na divisão, porque o princípio corresponde ao meio e ao fim, de maneira que tornam o poema alto, sonoro, heroico, prazeroso e substancial, mas que, apesar de tudo isso, não encontrou um príncipe a quem o dedicar? Príncipe, digo, que seja arguto, generoso e magnânimo. Época miserável e século depravado, o nosso!

“De que trata o livro?”, perguntou o alquimista.

“O poeta respondeu:

“Trata do que deixou de escrever o arcebispo Turpín sobre o rei Artur da Inglaterra, com outro complemento à História da busca do santo granal, e tudo em verso heroico, parte em oitava e parte em verso solto; mas tudo esdruxulamente, digo, em versos esdrúxulos de substantivos, sem admitir verbo algum.”<sup>52</sup>

“Eu pouco entendo de poesia’, respondeu o alquimista, ‘e por isso não poderei avaliar como merece a desgraça de que vossa mercê se queixa, embora, mesmo que fosse maior, não se iguala à minha, que é, por me faltar instrumento, ou um príncipe que me apoie e me ponha à mão os requisitos que a ciência da alquimia

pede, não estou agora atolado em ouro e com mais riquezas que os Midas, que os Crassos e Cresos.<sup>53</sup>

“Vossa mercê”, disse o matemático a essas alturas, “fez a experiência de tirar prata de outros metais?”

“Até agora eu não a tirei”, respondeu o alquimista, “mas sei realmente que se tira, e não me faltam dois meses para conseguir a pedra filosofal, com que se pode fazer prata e ouro das próprias pedras.”

“Vossas mercês exageraram muito suas desgraças”, disse então o matemático, “mas, no fim das contas, um tem livro pronto para dedicar a alguém e o outro está prestes a conseguir a pedra filosofal; agora, o que eu direi da minha, que é tão sozinha que não tem em que se apoiar? Há vinte e dois anos ando atrás do ponto fixo,<sup>54</sup> e aqui o deixo, e ali o apanho; e me parecendo que já o achei e que não vai me escapar de modo algum, quando, nem me dou conta, me acho tão longe dele que me espanto. A mesma coisa me acontece com a quadratura do círculo; pois cheguei tão perto de encontrá-la que não sei, nem posso pensar, como não a tenho na algibeira;<sup>55</sup> e desse modo minha desgraça é semelhante à de Tântalo, que está perto do fruto e morre de fome, e ao lado da água e perece de sede. Às vezes penso topar com a verdade e por alguns minutos me encontro tão longe dela que volto a subir a montanha que acabei de descer com o pedregulho de meu trabalho nas costas, como outro Sísifo.”

“Até esse ponto o arbitrista havia ficado em silêncio, mas aqui o rompeu, dizendo:

“Quatro queixosos dos bons, que podem até se queixar ao bispo, a pobreza reuniu neste hospital, e eu renego trabalhos e atividades que não distraem nem dão de comer a seus donos. Eu, senhores, sou arbitrista, e dei à Sua Majestade em épocas diferentes muitos e diferentes arbítrios, todos em proveito dela e sem prejuízo para o reino; e agora fiz uma petição em que suplico me indique pessoa a quem comunique um arbítrio que há de ser a solução total para suas dívidas; mas pelo que me aconteceu com outras petições, entendo que essa também irá parar na vala comum. Mas para que vossas

mercês não pensem que sou um mentecapto, embora meu arbítrio se torne público desde este instante, quero falar. É este: há de se pedir nas cortes que todos os vassallos de Sua Majestade, desde os catorze anos aos sessenta, sejam obrigados a jejuar uma vez por mês a pão e água, e isso deve ser no dia que se escolher e marcar, e que todo o gasto que em outros acompanhamentos de fruta, carne e peixe, vinho, ovos e legumes que deveriam ter naquele dia se transforme em dinheiro, e se dê à Sua Majestade, sem lhe furtar um tostão, sob juramento; e, com isso, em vinte anos fica livre de dívidas e encargos. Porque se se fizer a conta, como eu fiz, deve haver na Espanha mais de três milhões de pessoas com dita idade, fora os doentes, mais velhos ou mais moços, e nenhum desses deixará de gastar, isso jogando por baixo, um real e meio por dia; e eu quero que seja não mais que um real, pois não pode ser menos, embora coma capim. Pois parece a vossas mercês que seria um punhado de pó ter todo mês três milhões de reais como que peneirados? E isso seria antes proveitoso que prejudicial aos jejuadores, porque com o jejum agradariam a Deus e serviriam seu rei; e para algum poderia ser que jejuar fosse conveniente para sua saúde. Este é um parecer limpo de cisco e de palha, e poderia se recolher por paróquias, sem custo de comissários, que destroem a república.<sup>56</sup>

“Todos riram do arbítrio e do arbitrante, e ele também se riu dos próprios disparates, e eu fiquei admirado de tê-los ouvido e de ver que, em sua maior parte, pessoas com caráter semelhante vinham morrer nos hospitais.”

CIPIÃO. Tens razão, Berganza. Vê se ainda tens alguma coisa para dizer.

BERGANZA. Só duas coisas mais, com que darei fim à minha conversa, pois me parece que o dia já vem. Indo uma noite com meu dono pedir esmola na casa do corregedor desta cidade, que é um grande cavaleiro e grande cristão, nós o encontramos sozinho, e me pareceu bom aproveitar a oportunidade daquela solidão para lhe dizer certas coisas que havia ouvido de um velho doente deste hospital sobre como podia remediar a notória perdição das moças

vagabundas, que para não trabalhar se tornam más e tão más que todos os verões povoam os hospitais com os perdidos que as seguem; praga intolerável e que pedia correção rápida e eficaz. Digo que, querendo lhe dizer isso, levantei a voz, pensando que tinha fala, e em vez de pronunciar palavras coerentes lati com tanta pressa e com volume tão alto que o corregedor, irritado, mandou aos gritos que os criados me corressem a pau da sala; e um laçao que apareceu ao chamado de seu senhor, que seria melhor que naquela hora estivesse surdo, pegou uma garrafa de cobre que estava à mão e me deu uma pancada e tanto nas costelas, que até agora guardo a lembrança daqueles golpes.

CIPIÃO. E te queixas disso, Berganza?

BERGANZA. Pois não tenho de me queixar, se até agora me dói como disse, e se me parece que minha boa intenção não merecia tal castigo?

CIPIÃO. Olha, Berganza, ninguém deve se meter onde não é chamado, nem deve querer participar de ofício que não lhe compete de jeito nenhum. E deves considerar que o conselho do pobre, por melhor que seja, nunca é ouvido, nem o pobre humilde deve ter a presunção de aconselhar os grandes e os que pensam que sabem tudo. No pobre a sabedoria está obscurecida, pois a necessidade e miséria são as sombras e as nuvens que a ocultam; e, se por acaso se revela, julgam-na por tolice e a tratam com menosprezo.

BERGANZA. Tens razão, e, escaldado, daqui por diante seguirei teus conselhos. Entrei, também, outra noite, na casa de uma senhora nobre que tinha nos braços uma cachorrinha dessas que chamam fraldiqueira, tão pequena que poderia escondê-la no seio; ela, quando me viu, saltou dos braços de sua senhora e me atacou latindo, e com tão grande bravura que não parou até me morder uma perna. Olhei-a de novo com respeito e com irritação, e disse a mim mesmo:

“Se vos pegasse na rua, sua coisa ruim, ou não vos faria caso, ou vos faria em pedaços entre os dentes.”

“Observei nela que até os covardes e de pouco ânimo são atrevidos e insolentes quando são favorecidos, e se adiantam para ofender os que valem mais que eles.”

CIPIÃO. Uma amostra e sinal dessa verdade que dizes nos dão alguns homenzinhos que à sombra de seus amos se atrevem a ser insolentes; e, se por acaso a morte ou outro tropeço da sorte derruba a árvore em que se apoiam, logo se descobre e manifesta seu pouco valor; porque, realmente, não são de mais quilates suas prendas que os que lhes dão seus donos e protetores. A virtude é sempre uma e o bom entendimento é sempre um, nu ou vestido, só ou acompanhado. É bem verdade que pode padecer na avaliação das pessoas, mas não na realidade verdadeira do que merece e vale. E com isso demos fim à nossa conversa, que a luz que entra por estas frestas mostra que o dia já está alto, e esta noite que vem, se não nos deixou esse grande benefício da fala, será a minha, para contar minha vida.

BERGANZA. Assim seja, e vê se vens a este mesmo lugar.

Ao mesmo tempo o licenciado acabou de ler o diálogo e o alferes acordou, e o licenciado disse:

– Embora esse diálogo seja fingido e nunca tenha acontecido, parece-me que está tão bem escrito que o senhor alferes pode seguir adiante com o segundo.

– Com essa opinião – respondeu o alferes –, vou me animar e dispor a escrevê-lo, sem entrar mais em discussões com vossa mercê se os cachorros falaram ou não.

Ao que o licenciado disse:

– Senhor alferes, vamos deixar para lá esta discussão. Eu compreendo o artifício e a invenção do diálogo, e basta. Vamos ao Espolón<sup>57</sup> recrear os olhos do corpo, pois já recreei os da inteligência.

– Vamos – disse o alferes.

E com isso se foram.

---

1 Essa hierarquização ainda convence muita gente nos dias de hoje. Segundo Jorge García López, o macaco vem por último porque era representação simbólica do diabo e da natureza animal do homem.

- 2 Porta de Sevilha cujo nome deriva do fato de que entrava por ela toda a carne do matadouro.
- 3 Alano ou alão, cão de fila, mistura de dogue com galgo.
- 4 Dias em que se podia comprar carne, que costumava ser o sábado, em oposição ao "dia do peixe" ou do "jejum".
- 5 Faca já mencionada em "Rinconete e Cortadillo". Também se chama vaquero. Trata-se de faca muito comprida, tradicionalmente usada pelos açougueiros na época.
- 6 Nas praça de São Francisco ficavam o Cabildo e a Audiencia de Sevilla. Alude-se, então, à corrupção da administração da Justiça.
- 7 A rua da Caza eram duas, a da Caza grande e a da Caza pequena. A praça Costanilla, onde havia um famoso mercado, aparece em "Rinconete e Cortadillo".
- 8 Chapín, no original. Uma espécie de tamanco com sola de cortiça e salto. Era usado como uma galocha, para não sujar as sapatilhas na rua, mas somente por mulheres casadas. Se uma mulher se desfazia de um chapín estava dizendo, tacitamente, que podia receber galanteios de admiradores. Nessa época as mulheres mostravam generosamente os ombros, parte dos seios e as costas, mas ocultavam os pés. Mostrar os pés para um homem era a última prova de amor.
- 9 A moça ser chamada de carne indica que era prostituta. Lembre-se de que na época os bordéis eram chamados de lojas de carne.
- 10 Para evitar o mau-olhado.
- 11 Citação de Juvenal.
- 12 Alusão aos penitentes que usavam hábito e capuz brancos e acompanhavam uma procissão cumprindo uma promessa. Eles eram "de luz" se carregavam círios ou tochas, ou "de sangue" se se açoitavam.
- 13 Anfriso e Belisarda são personagens de La Arcadia (Madri, 1599), romance pastoril de Lope de Vega. A Arcádia é o lugar de referência da ficção pastoril a partir da obra de Sannazaro.
- 14 Elício é personagem de A Galateia, do próprio Cervantes.
- 15 Alusão a El pastor de Fílida (Madri, 1582), romance pastoril de Luis Gálvez de Montalvo, que compôs um dos sonetos preliminares de A Galateia. Cervantes teve esse romance em alta conta, como demonstrou no escrutínio da biblioteca de dom Quixote feito pelo padre e pelo barbeiro.
- 16 Alusão a Los siete libros de la Diana (Valência, 1558-59), de Jorge de Montemayor. A água milagrosa (que resolve todos os problemas pendentes do enredo do livro) já tinha sido criticada por Cervantes no famoso escrutínio da biblioteca de dom Quixote.
- 17 Esta mesma tirada aparece no segundo volume do Quixote. Deum de Deo: Deus de Deus.
- 18 Canção popular da época.
- 19 Provável alusão de Berganza à estrutura usual da novela bizantina, que costumava começar no meio da ação.



- 20 De fato, a etimologia de "cínico" é "cão" (kynos), literalmente, embora se trate de uma brincadeira de Cipião, que evoca os filósofos cínicos, críticos da sociedade de seu tempo.
- 21 Na época se dizia que o polvo tinha rabos. Mas, como a palavra adquiriu um sentido meio indecente, passaram a usar cauda, mais delicada.
- 22 O comércio de escravos originou a crença, refletida na linguagem, de que os negros eram simplórios ou tolos. Crença, note-se, que de certa forma justificava o comércio.
- 23 Personagem anedótico clássico. Mas não era de Tiro e sim de Thurium, segundo a fonte da anedota, que é Valério Máximo, *Facta et dicta memorabilia*, VI, 5.
- 24 Calar por dinheiro. Este provérbio era muito popular na época, a partir dos Adagia de Erasmo.
- 25 Denominação comum para os escravos e mouriscos, que Cervantes aproveita para botar na boca de um cachorro.
- 26 Vendejas (vendas), no original. Feiras, durante o outono, nos portos andaluzes aonde chegavam as frotas do norte da Europa para compra de artigos espanhóis, que eram muito bem cotados no resto do continente.
- 27 Bretão, na época, era sinônimo de estrangeiros em geral.
- 28 Esses calções foram moda principalmente em meados do século XVI. Mas foram ridicularizados por seus bolsos amplos. Como eram muito folgados e enrugados, à maneira de foles, ficaram conhecidos como follados.
- 29 Ouro em ouro: expressão redundante para mostrar que as moedas eram realmente de ouro.
- 30 Carta de ejecutoria, no original. Certificado oficial pelo qual um fidalgo demonstrava sua ascendência. Como as bulas papais, eram expedidos com a fórmula *ad perpetuam rei memoriam* ("para perpétua memória do fato").
- 31 A porta de Jerez era uma das mais famosas da cidade, chamada assim porque por ela se saía em direção a Jerez. Por ali entravam os carregamentos das frotas vindas das Índias.
- 32 Rodamonte é personagem do Orlando innamorato e do Orlando furioso, Sarraceno de grande orgulho e força sobre-humana. Colégio de Mestre Rodrigo era o nome antigo da Universidade de Sevilha. Na época de Cervantes, sua porta tinha duas colunas de mármore.
- 33 Sarmiento de Valladares foi ouvidor da Chancelaria de Granada. A Saucedá era uma pastagem da serra de Ronda, refúgio de ladrões. Sua "destruição" consistiu no perdão real, já que não se podia acabar com os bandidos, daí a ironia de Cervantes.
- 34 Nas tabernas se vendia o vinho em odres e cubas, seu consumo ali era, em princípio, excepcional e proibido por lei.
- 35 Monipódio é um dos personagens centrais da novela "Rinconete y Cortadillo".
- 36 Seyano: cavalo de Cneo Seyo, famoso por trazer má sorte a seus donos.

- 37 Os regimentos iam sob o comando de capitães cuja rota era marcada por comissários nomeados para esse fim pelo Conselho de Guerra, e que também se encarregava da Justiça. Com esse mecanismo administrativo se tentava evitar atritos com a população civil.
- 38 Peça de couro com desenhos em relevo e também tapeçaria de couro pintado e dourado, originária de Gadamés, cidade da Tripolitânia.
- 39 Hospitaleira, no caso, não é a irmã de caridade que cuida de doentes, mas mulher, em geral velha e procedente do mundo da prostituição, que trabalhava em pequenos hospitais.
- 40 A Camacha de Montilla foi personagem histórica pertencente a uma família de bruxas cordovesas que viveram na época em que Cervantes percorreu a Andaluzia como comissário de abastecimento; foi identificada como Leonor Rodríguez, condenada por bruxaria em dezembro de 1572. Erito (Erichto) é a bruxa de Farsalia de Lucano (*Bello civile*, VI, vv. 440-41 e 492-96); Circe e Medeia provêm da mitologia grega e aparecem na Eneida.
- 41 Note-se a mudança da feiticeira andaluza, que agia sozinha, para o tipo basco, baseado na experiência coletiva do sabá.
- 42 Costume atribuído às bruxas e, claro, aos judeus.
- 43 Compunham-se de ervas de caráter alucinógeno, como cicuta, beladona, mandrágora etc., inventariadas em tratados herbáticos ou mágicos da época como o de Andrés Laguna ou o de Giovanni Batista della Porta, cujas descrições de seus efeitos lembram de perto as palavras da velha.
- 44 Conde era título com que os ciganos designavam seu chefe. "Conde cigano" era um título de nobreza reconhecido no século XV, mas passa a ser motivo de zombaria no século XVI. Maldonado é forma comum de chamar os ciganos da época.
- 45 Os mouriscos eram os muçulmanos que ficaram na Espanha depois da conquista de Granada e conservavam sua religião e seus costumes. Sofreram todo tipo de acusações e perseguições. Cervantes apresenta aqui um retrato típico dos mouriscos, culpados de todos os males, e no qual imita o tom e os temas das diatribes contra eles. Mas tanto o tom como a lista das acusações contrastam com a consideração do lado humano dessa minoria religiosa. Pode ser que Cervantes fizesse isso inconscientemente. Pode ser também que fosse um meio de driblar a censura.
- 46 *Mutatio caparum*: troca de capas, literalmente.
- 47 Comédia citada por muitos autores da época e hoje perdida. Pelo título, supõe-se que era de tema mourisco.
- 48 O poeta tinha ido comer a sopa do pobre do mosteiro. O pobre envergonhado de sua situação era alvo dos escritores satíricos e objeto de atenção dos tratadistas.
- 49 Lembre-se, no Quixote, a brincadeira feita com Sancho Pança na estalagem, quando vários hóspedes o fizeram saltar ao ar sobre uma manta.

50 “Grande entremesista y gran farsante de figuras mudas”, no original. O entremesista era o ator cômico que fazia o entremez, o intervalo entre os atos de uma peça. Os personagens mudos representavam animais ou pessoas ridículas por trás de uma cortina que é aberta em certo ponto da representação.

51 Na verdade Horácio recomendava nove anos de gaveta.

52 Alusão satírica aos romances de cavalaria com tema bretão ou carolíngio. Note-se a confusão com graal e granal (relativo a grãos), piada mais engraçada no original, já que a confusão é com brial (um tipo antigo de saia). O arcebispo Turpín é, em princípio, o autor apócrifo da Historia Karoli Magni et Rotholandi, que narra as aventuras de Carlos Magno na Espanha. Aqui aparece citado de forma burlesca como autor de livros de cavalaria. O poema aludido foi escrito em oitavas reais e hendecassílabos soltos; os hendecassílabos esdrúxulos foram moda literária dos últimos anos do século XVI.

53 Midas: legendário rei da Frígia que transformava tudo o que tocava em ouro. Creso: último rei da Lídia (580 aC-546 aC), derrotado por Ciro e de riqueza proverbial. Crasso: Marco Licínio Crasso, que formou triunvirato com Pompeu e César. Costuma-se citar Crasso e Creso como símbolos de riqueza.

54 O ponto fixo ou ponto de longitude era o que permitia calcular a posição de um navio no mar, muito difícil de estabelecer na época, que sabia especificar a latitude, mas não a longitude com exatidão.

55 A expressão quadratura do círculo se tornou sinônimo de absurdo, mas foi um problema que ocupou os matemáticos da Grécia clássica até princípios do século XVII, e tem relação com a recuperação de Arquimedes ao longo do século XVI.

56 Os comissários eram os “comissionados encarregados de executar as requisições”. Cervantes foi comissário de abastecimento para a Armada Invencível na Andaluzia nos últimos anos do século XVI, e assim confiscava partidas de cereais. Como se pode imaginar, não era uma função muito popular e, naturalmente, estava sujeita a todo tipo de corrupção.

57 Praça e passeio de Valladolid sobre o Pisuerga.

**ANEXOS**



TRABALHOS E DIAS DE DOM MIGUEL DE CERVANTES: AS  
NOVELAS EXEMPLARES

Maria Augusta da Costa Vieira

AS NOVELAS EXEMPLARES: ORIGEM, CRONOLOGIA E  
CLASSIFICAÇÃO

Silvia Massimini Felix

MUITO ALÉM DE DULCINEIA: MULHERES NO MUNDO DE  
CERVANTES

Ernani Ssó

AS CARTAS DE FREUD E "O COLÓQUIO DOS CACHORROS"

Maria Augusta da Costa Vieira

ENTRE O MAPA E A PAISAGEM: SOBRE A TRADUÇÃO DAS  
NOVELAS EXEMPLARES

Ernani Ssó

Poemas no original

## TRABALHOS E DIAS DE DOM MIGUEL DE CERVANTES: AS NOVELAS EXEMPLARES

As Novelas exemplares são, sem dúvida, a obra mais conhecida de Miguel de Cervantes, depois do Dom Quixote. Publicada em 1613, entre a primeira e a segunda parte das andanças do cavaleiro, respectivamente, 1605 e 1615, não se sabe ao certo em que momento Cervantes as teria escrito. De todo modo, parece que também nas Novelas, assim como no Quixote e em outras obras suas, ele persegue um mesmo objetivo em relação ao seu leitor, isto é, compor uma obra que ofereça entretenimento. No prólogo às Novelas exemplares é o próprio autor que trata de situar para o seu leitor o lugar que deveria ocupar a leitura das novelas em meio às atribulações da vida cotidiana ao dizer: "Nem sempre se está nos templos; nem sempre se ocupam os oratórios; nem sempre se lida com negócios, por mais importantes que sejam. Há horas de recreação, para que o espírito aflito descanse".<sup>1</sup> Ou seja, o texto que o leitor tem em mãos reúne uma série de doze "novelas", todas elas predispostas a promover a distração do espírito, distantes portanto dos deveres rotineiros, isto é, da ida aos templos, aos oratórios e da prática dos negócios.

Mas, se o leitor é convidado ao entretenimento, o escritor, por outro lado, parece desfrutar da arte da composição como se a escrita fosse uma atividade tão prazerosa quanto a leitura. Em um episódio bastante conhecido do Quixote, situado no capítulo VI da primeira parte – quando o padre, o barbeiro, a ama e a sobrinha estão tratando de selecionar os livros da biblioteca do cavaleiro a serem lançados na fogueira, com a perspectiva de que o desaparecimento material das obras pudesse trazer a cura de dom

Quixote –, é a sobrinha quem observa: “Hacerse poeta, según dicen, es enfermedad incurable y pegadiza”. Ou seja, os escritores, assim como dom Quixote e toda a gama de possíveis leitores, estavam sujeitos a um mal similar e certamente o autor Cervantes também padecia desta doença incurável e contagiosa – a de ser poeta –, algo que o perseguiu ao longo de toda a sua vida, até mesmo nos tempos em que ele parecia ter optado pelas armas em detrimento das letras.

### Notas sobre a obra de Cervantes

Ao contrário do que acontece com alguns autores do chamado Século de Ouro, isto é, autores que se situam entre os séculos XVI e XVII espanhol, Cervantes praticamente não deixou vestígios que dessem margem a muitas conclusões sobre seu pensamento.<sup>2</sup> Além de suas narrativas, poesias e obras de teatro, não ficaram escritos que pudessem precisar ou ao menos delinear quais seriam suas ideias acerca da poética e da literatura em geral, como o fez, por exemplo, Lope de Vega, autor do que poderia ser considerada uma poética sobre os princípios de composição dramática intitulada *El arte nuevo de hacer comedias* (1609). Tampouco se envolveu em polêmicas epistolares acirradas como ocorreu, por exemplo, com Góngora e seus detratores. Cervantes não deu margem a esse tipo de especulação que muitas vezes ocasionou o estabelecimento de relações indevidas entre aspectos biográficos e produção artística. Deixou apenas cinco cartas, entre elas a solicitação de um posto de trabalho nas chamadas Índias Ocidentais. Um pedido, por sua vez, mais do que justo, após ter atuado bravamente na Batalha de Lepanto em defesa do Império espanhol (1571) e ter enfrentado o cativeiro por cinco anos em Argel (1575-80).<sup>3</sup> Foi mais habilidoso: legou uma obra repleta de discussões em que os personagens ou os narradores emitem opiniões sobre o modo de narrar, o modo de ler e sobre as mais variadas questões de poética.



Em alguns momentos os próprios personagens chegam a fazer comentários sobre Cervantes/autor, como no capítulo antes mencionado, quando o cura e o barbeiro se encontram em meio ao escrutínio da biblioteca de dom Quixote. Entre os muitos outros livros que vão retirando das prateleiras encontram A Galateia (1585), sua primeira obra publicada, que merece o seguinte comentário do padre: “Muchos años ha que es grande amigo mío ese Cervantes, y sé que es más versado en desdichas que en versos. Su libro tiene algo de buena invención; propone algo y no concluye nada: es menester esperar la segunda parte que promete”.<sup>4</sup>

A obra de Cervantes não é vasta, se comparada com a de outros autores contemporâneos como Lope de Vega, Tirso de Molina ou Calderón de la Barca, e, ao mesmo tempo, é o resultado da escrita de um autor maduro que traz à luz a grande maioria de seus títulos quando já está próximo dos sessenta anos, fato inusual na época e motivo de ironia de alguns de seus contemporâneos.

Considerando sucintamente sua obra, A Galateia é uma narração em prosa, embora esteja repleta de versos. Teve uma boa acolhida, de modo que em cinco anos contou com uma segunda edição, apesar de nunca ter sido publicada a segunda parte prometida. Na época o gênero pastoril era muito apreciado, sobretudo devido a uma novela, *Los siete libros de la Diana* (1559), de Jorge de Montemayor, que havia tido um grande êxito editorial. No entanto, Cervantes, ao compor A Galateia, acaba mesclando às situações idílicas conteúdos trágicos, o que confere um caráter inovador ao próprio gênero pastoril. Vinte anos mais tarde, isto é, em janeiro de 1605, Cervantes lança um olhar crítico em relação a outro gênero narrativo muito em voga – desta vez os livros de cavalaria serão seu foco principal –, e assim é publicado o *Engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*, obra cuja segunda edição, dado o seu sucesso editorial, começa a ser preparada em março do mesmo ano.

Transcorrem oito anos sem que surja nenhum novo título e somente em 1613 Cervantes publica as *Novelas exemplares*, que em dez meses tem quatro edições e, ao longo de todo o século XVII, perfaz um total de sessenta edições, incluindo as traduções.<sup>5</sup> No

prólogo às Novelas, Cervantes promete para breve a publicação de Os trabalhos de Persiles e Sigismunda e da segunda parte do Quixote, além de Semanas do jardim, obra que nunca foi publicada. Nos seus três últimos anos de vida, várias obras serão editadas, embora não se saiba ao certo quando foram escritas. Ao que tudo indica, Cervantes ia gestando aos poucos suas narrativas, suas obras dramáticas, seus versos planejava bem o momento de trazê-los a público.

Em 1614 será publicada Viagem do Parnaso, uma obra em verso que evidencia uma declarada frustração cervantina por reconhecer sua inferioridade em relação aos grandes poetas e por não dispor de artifícios que o destacassem no mundo da poesia. Como diz em determinado momento, “Yo, que siempre trabajo y me desvelo/ por parecer que tengo de poeta/ la gracia que no quiso darme el cielo”.<sup>6</sup> Trata-se de uma imitação de Viaggi in Parnaso (1582), de Cesare Caporali, como informa o próprio autor no prólogo às Novelas exemplares, em que se cria uma alegoria burlesca na qual maus poetas atacam bons poetas.<sup>7</sup>

Em 1615 serão publicadas Ocho comedias y ocho entremeses nuevos, nunca representados, prova do grande interesse cervantino pela arte dramática, explicitado em inúmeras reflexões sobre o gênero, em diversos momentos de sua obra. Em “Adjunta al Parnaso” (um anexo a Viagem do Parnaso), em um suposto diálogo entre o autor e um jovem leitor, vêm à tona as possíveis dificuldades que Cervantes teria enfrentado para representar suas comédias, e daí sua decisão de publicá-las, algo nada usual na época em que teatro e representação constituíam uma só coisa, ou seja, o teatro não existia sem o palco.<sup>8</sup> No prólogo às Oito comédias, após um relato sucinto e preciso acerca do gênero comédia, Cervantes narra sua opção pela publicação, já que no seu caso a possibilidade da representação dramática era de fato uma quimera, como se explicita no próprio título atribuído à coletânea.<sup>9</sup>

Além das comédias e entremeses, Cervantes escreveu outras obras de teatro – El trato de Argel e Numancia –; no entanto, o número exato de sua produção dramática é desconhecido, uma vez

que um autor de comédias perdia os direitos autorais sobre sua obra no momento em que vendia a peça dramática a um diretor de companhia, que, por sua vez, passava a ser considerado o “autor”.

Também em 1615 é publicada a segunda parte do Quixote, que, embora seja uma perfeita continuação da primeira, traz novas questões instigantes e verdadeiramente admiráveis acerca da arte da escritura, fazendo com que o cavaleiro e o escudeiro se entrelacem pouco a pouco em um mundo fantasioso e, simultaneamente, real.<sup>10</sup>

A última obra de Cervantes, Os trabalhos de Persiles e Sigismunda, de publicação póstuma, também tem bom êxito editorial. Publicada em 1617, contará no mesmo ano com edições em diversos lugares: Barcelona, Valência, Pamplona, Lisboa, Madri, Paris e, em seguida, será traduzida e publicada em outras línguas. Trata-se de uma longa peregrinação de duas personagens, Persiles e Sigismunda, narrada em estilo romanesco, repleta de aventuras, histórias intercaladas, relatos de vida, de travessias fantásticas por terras e mares e múltiplas reflexões do narrador sobre a arte da composição narrativa. No prólogo às Novelas exemplares, Cervantes já anuncia essa sua última obra, que seria publicada dentro de três anos, como adverte: “Se a vida não me deixar, te ofereço os Trabalhos de Persiles, livro que se atreve a competir com Heliodoro, se por atrevido não meter os pés pelas mãos”.<sup>11</sup>

Essa breve apresentação da obra poderá conduzir à ideia de que Cervantes foi um autor que, além de fama, pôde granjear compensação financeira e vida tranquila, tendo em conta que seus livros foram frequentemente reeditados. No entanto, nos tempos de dom Quixote, ao publicar um livro o autor vendia seus direitos a um editor e conseqüentemente os eventuais lucros na comercialização da obra já não lhe pertenciam.

Em busca de um retrato do artista

É importante ter em conta que nos séculos XVI e XVII os prólogos, muitas vezes, constituíam uma declaração de princípios poéticos que certamente teria importância na leitura das obras. No entanto, nem todos os prólogos apresentavam o interesse e a densidade presentes nos prólogos cervantinos, que, em geral, são imprevisíveis, irreverentes e, simultaneamente, calculados.

Quando o leitor inicia a leitura do prólogo às *Novelas exemplares*, provavelmente já tem em conta o prólogo à primeira parte do *Quixote*, que, na realidade, é um antiprólogo no qual, entre outras coisas, Cervantes expressa ironicamente sua aversão ao pedantismo próprio de alguns autores contemporâneos, especialmente aqueles que tratavam de ostentar erudição e prestígio intelectual. Colocando-se em condição humilde, com vista a captar a benevolência do leitor, e compondo um relato no qual dialoga com um suposto "amigo", Cervantes explicita em seu prólogo uma ideia que terá validade em toda a sua obra posterior, que é a de que sua narrativa busca produzir entretenimento e se dirige a uma gama muito variada de leitores, entre eles, o leitor discreto, capaz de apreciar os detalhes dos artificios utilizados, e, ao mesmo tempo, o leitor vulgar, preocupado unicamente com o valor anedótico da história narrada.

Ao iniciar o prólogo às *Novelas exemplares*, já no primeiro parágrafo, Cervantes menciona o desgosto que lhe causou a publicação do prólogo à primeira parte do *Quixote* e, conseqüentemente, seu desejo de iniciar essa obra sem a devida prefação. Na realidade, no prólogo de 1605 muitas de suas críticas aludiam a Lope de Vega (quinze anos mais jovem), e certamente Cervantes não passou ileso por suas provocações. Lope, que era um autor prolífico e um mestre no domínio da linguagem dramática e poética, trazia na antessala de suas obras uma série de poemas laudatórios compostos por autores famosos, alardeando prestígio, fama e erudição. Cervantes, em contrapartida, transita em outras vias e, servindo-se do artifício de demonstrar certa relutância em dar início ao prólogo, convoca mais uma vez a benevolência do leitor. Ressentindo-se da ausência de um amigo para esculpir e gravar seu busto na primeira página do livro, como era costume entre os autores importantes, a partir de um suposto retrato feito pelo

famoso poeta e pintor sevillhano Juan de Jáuregui, o autor considera que o melhor será dar a conhecer suas feições como se fossem esboçadas não por ele próprio, mas por algum “amigo” que se ocuparia da descrição dos traços daquele que propagou tantas invenções na “praça do mundo”. Por meio de uma mescla entre autorretrato e autobiografia, em tom distanciado e irreverente, surge seu discurso pseudolaudatório, que diz:

Este que vedes aqui, de rosto aquilino, de cabelo castanho, testa lisa e desembaraçada, de olhos alegres e nariz curvo, embora bem-proporcionado; as barbas de prata, que não faz vinte anos eram de ouro, os bigodes grandes, a boca pequena, os dentes nem miúdos nem numerosos, porque tem apenas seis, e estes em más condições e piores disposições, porque não se encaixam uns com os outros; o corpo entre os dois extremos, nem grande nem pequeno, de cor viva, mais branca que morena; as costas meio castigadas e não muito ligeiro de pés – este, digo, é o rosto do autor de A Galateia e de Dom Quixote de la Mancha, e do que escreveu a Viagem do Parnaso, à imitação da de César Caporal Perusino, e outras obras que andam extraviadas por aí, talvez sem o nome de seu dono. Chama-se comumente Miguel de Cervantes Saavedra. Foi soldado muitos anos e escravo cinco e meio, quando aprendeu a ter paciência nas adversidades. Na batalha naval de Lepanto, perdeu a mão esquerda com um tiro de arcabuz, ferida que, mesmo que pareça feia, ele considera bela, por tê-la conseguido na mais memorável e alta ocasião que os séculos passados viram, nem esperam ver os futuros, militando sob as bandeiras vitoriosas do filho do raio da guerra, Carlos V, de feliz memória.

É importante considerar que nos tempos de Cervantes os textos não eram criados a partir de critérios baseados na subjetividade ou na espontaneidade de cada autor. Ao contrário, a escrita era algo regrado que se originava de determinadas convenções presentes em tratados de poética e de retórica, e, a partir delas, o autor deveria

ajustar sua capacidade inventiva. No caso específico da descrição de pessoa, havia um repertório de atributos que deveriam ser respeitados, fossem eles destinados aos elogios ou à vituperação. Para a composição do retrato, portanto, era de esperar-se que houvesse referência às circunstâncias externas ao indivíduo, a seus atributos físicos e a suas qualidades morais.<sup>12</sup> Para frei Miguel de Salinas, autor da primeira retórica em língua castelhana, publicada em meados do século XVI, alguns pontos deveriam constar, como nome, linhagem, idade, disposição corporal, virtudes da alma, educação, ofício, fortuna, estado social, o dito e o feito.<sup>13</sup>

Tendo em conta esse repertório, o retrato de Cervantes presente no prólogo às Novelas exemplares deixa algumas dúvidas. A descrição é conduzida na direção do engrandecimento, seja por meio de elogios ao homem das armas, por haver atuado bravamente na memorável batalha de Lepanto, seja pela exaltação ao homem das letras, por haver escrito A Galateia, o Dom Quixote e a Viagem do Parnaso, em vias de ser publicado. Certamente, a reunião dessas duas atividades, isto é, a dedicação às armas e às letras, correspondia ao ideal de uma vida plena, tendo em conta a concepção humanista da existência. No entanto, dando continuidade ao autorretrato, há componentes que parecem caminhar não propriamente na construção do encômio, mas na elaboração de um retrato, no mínimo, duvidoso. Além das virtudes evidenciadas pelo fato de haver aprendido a encontrar “paciência nas adversidades” e da menção a alguns traços físicos que ressaltam sua jovialidade e inteligência, como “olhos alegres”, “testa lisa e desembaraçada”, há referências que ficam a meio caminho do elogio, sobretudo no que diz respeito a suas feições, como o “nariz curvo”, o que poderia sugerir sua origem judaica, atenuada pela qualificação “bem-proporcionado”; os dentes “em más condições” e “piores disposições”; as “costas meio castigadas” e sua disposição corporal já limitada, como se evidencia na menção ao “não muito ligeiro dos pés”. Enfim, trata-se de um retrato repleto de ironias que se sustenta por meio da inteligência, da juventude, das armas e das letras e, por outro lado, que carrega o peso da velhice e da

decadência, deixando para o leitor uma imagem burlesca do autor produzida pela incongruência de seus próprios traços.

Além do mais, o artifício usado nesse fragmento do prólogo ultrapassa a figuração e aponta para um procedimento que se reitera em outros prólogos cervantinos, quando o autor utiliza a primeira pessoa. Longe de servir como base documental para traçar eventualmente as linhas mestras de sua biografia ou de seu pensamento, a composição desses textos é bem mais complexa e não permite conclusões precipitadas.<sup>14</sup> A presença do suposto "amigo" introduzido no prólogo às Novelas, que se encarrega de traduzir em palavras sua imagem esculpida, é um recurso recorrente nos prólogos cervantinos, quando, dirigindo-se ao leitor e usando a primeira pessoa num registro supostamente referencial, Cervantes acaba multiplicando as vozes, desdobrando-se em um "ele" que emite opiniões a seu próprio respeito, seja na voz de um "amigo", de um "estudante", como no caso de Os trabalhos de Persiles e Sigismunda, ou de um "livreiro" como em Oito comédias e oito entremezes.

### Alguns pressupostos poéticos vigentes nos séculos XVI e XVII

Certamente, Cervantes, embora não tenha frequentado a universidade, teve contato com as preceptivas espanholas e, entre elas, *La philosophía antigua poética*, de López Pinciano,<sup>15</sup> que retoma em particular as idéias da Poética de Aristóteles e da Arte poética de Horácio, assim como com os teóricos italianos no período em que viveu na Itália. Além de orientações de poética e retórica, Cervantes reuniu, pelo que se observa em sua obra, um amplo repertório de leituras, estabelecendo assim, em seus textos, um intenso diálogo com várias formas, não apenas com as novelas de cavalaria, mas também com os demais conceitos e gêneros que circulavam em seu tempo, como a novela sentimental, a mourisca, a picaresca, a pastoril, os cuentos, os provérbios populares, o diálogo humanista, os "romances", entre outros. Desse modo, é plenamente

possível ler os textos cervantinos como um vasto discurso em diálogo com uma pluralidade de formas, em toda a sua complexidade.

Com a perspectiva de destacar apenas alguns dos princípios de composição que Cervantes segue mais de perto, seria interessante iniciar com um comentário de uma personagem de “A ilustre fregona” (uma das Novelas exemplares): “Realmente existem no mundo poetas que escrevem trovas que não há diabo que entenda”.<sup>16</sup> Tal observação crítica dirige-se àqueles escritores que buscavam em seus textos uma ornamentação transbordante, dificultando assim o entendimento. No extremo oposto, outros escritores optavam por uma escrita organizada de modo a reproduzir a naturalidade da fala.

Essa divergência de orientação é suficiente para poder avaliar que no século XVI espanhol convivem vários modelos de elocução retórica, embora a partir da década de 1550 surja uma preferência pelo que se denominava “estilo ático”, isto é, aquele que correspondia a uma composição “própria e adequada”, que não tivesse “nada supérfluo, nada vicioso, ni mucha carne y de sangre y jugo quanto es suficiente” (“nada supérfluo, nada vicioso, nem muita carne e de sangue e suco o quanto for suficiente”), como definia Juan Luis Vives em seu *El arte retórica* (1532).<sup>17</sup> Em outros termos, tratava-se da defesa de um estilo que deveria ser preciso, comedido, sem ser “seco y huesudo” (“seco e ossudo”).<sup>18</sup>

Juan de Valdés, por motivos diversos, propunha algo similar, ou seja, a ideia de que o texto escrito deveria reproduzir a fala. Em seu *Diálogo de la lengua*, estão presentes não apenas a defesa da língua castelhana ante o latim, mas também a valorização da naturalidade na expressão.<sup>19</sup> Valdés considera que a língua castelhana é o instrumento primordial da missão evangelizadora e, para atingir tanto os letrados como os analfabetos, seria fundamental encurtar as distâncias que separavam a língua falada da língua escrita, evitando assim tudo que fosse prolixo e enfadonho e defendendo a



ideia do "escribo como hablo" ("escrevo como falo"), que correspondia à imitação da fala na arte escrita.

Além do propósito de dignificar a língua falada, havia também a ideia de conceder à língua escrita maior naturalidade, precisão, clareza e simplicidade, evitando toda e qualquer afectación, ou seja, tratava-se de evitar tudo o que pudesse parecer artificial. É preciso ter em conta que, se havia por parte de alguns a defesa da naturalidade no estilo, isso certamente não correspondia à facilidade de composição. Ao contrário, o preceito do "escribo como hablo" supunha, por parte do autor, o exercício cuidadoso de trazer para a escrita uma naturalidade artificiosa, fruto da ponderação, do cálculo, enfim, de uma operação racional que resultaria numa criteriosa elaboração do estilo.

Enfim, esta digressão em torno de um dos preceitos que orientaram a literatura do século XVI se justifica porque, na leitura da obra de Cervantes, é provável que o leitor se dê conta de que o texto traz consigo essa naturalidade. Especialmente no Quixote esse preceito torna-se muito evidente. Afinal, toda a obra está estruturada sob a forma de um longo diálogo entre dom Quixote e Sancho, que transparece para o leitor como um extenso e amplo ato de fala entre o cavaleiro e seu escudeiro. Um deles analfabeto; o outro, um letrado e portador de um vasto repertório de leitura.

Outro princípio fundamental no século XVI era o da verossimilhança. A narrativa que não a respeitasse correria o risco de ser classificada como totalmente disparatada, equiparada às fábulas milésias, que propunham apenas o deleite e não o ensinamento. No entanto, se esse princípio aristotélico era requisito fundamental, a admiratio, por outro lado, não seria menos importante. Os relatos deveriam surpreender o leitor, impressioná-lo de modo a produzir grande deleite. Mas o deleite por si só seria prejudicial, pois, além de conduzir o leitor ao espaço da pura fantasia, o deixaria alheio ao seu próprio mundo, privando-o de todo e qualquer ensinamento. Assim, nos tempos de Cervantes, a composição exigia uma complexidade capaz de articular a admiração, despertando no leitor um grande estímulo por algo excepcional, ao mesmo tempo que deveria se ater aos parâmetros

da verossimilhança. Como dizia Pinciano, era fundamental fingir de forma plausível, provocando admiração e ainda respeitando o princípio do *utile dulce*, isto é, fazendo coincidir o ensinamento com o deleite. Sem dúvida, uma combinação sutil que obrigava o poeta a encontrar o ponto equilibrado entre forças divergentes.

Esses princípios de composição próprios dos séculos XVI e XVII ibéricos estão presentes na obra de Cervantes. Além disso, em determinados momentos a própria narração, por meio de variados artifícios, conduz a reflexões sobre a arte da composição como se o narrador dialogasse, implícita ou explicitamente, com personagens, com o próprio leitor e consigo mesmo acerca de possíveis rumos narrativos a seguir. Sua obra vai interpelando o leitor não apenas pelo que narra, mas também pelo modo de narrar.

Ao que parece, sem menosprezar a autoridade do autor, Cervantes projetava sua obra como um jogo entre leitor e autor, de modo que ambos participassem desse honesto entretenimento. Como diz no prólogo às *Novelas exemplares*: “Minha intenção foi colocar na praça de nossa república uma mesa de bilhar, onde cada um pode se divertir, sem prejuízo dos sapeadores; digo sem prejuízo da alma nem do corpo, porque os exercícios honestos e agradáveis são mais proveitosos que prejudiciais”.

### As Novelas exemplares

A leitura das novelas conduzirá o leitor a enredos, ambientes sociais, espaços, tempos e personagens bastante diversos. Certamente, Cervantes havia tempos vinha elaborando o formato que daria às novelas e, sobretudo, refletindo sobre a poética desse gênero bem antes de 1613. Quando introduz na primeira parte do *Quixote* o relato do “Capitão cativo” e, em especial, a novela do “Curioso impertinente”, é muito provável que já estivesse examinando as possibilidades de composição desse tipo de narrativa.

Se o leitor bem se lembra, a novela do “Curioso impertinente” é uma novela que é lida na hospedagem de Juan Palomeque. Trata-se de uma leitura em voz alta realizada pelo padre e dirigida a um

grupo de personagens que fortuitamente lá se encontram. A história narrada recai sobre um triângulo amoroso, porém, nada é previsível no relato. Sem dúvida, há uma investigação psicológica acerca dos três personagens e, como o ponto de partida do enredo está baseado em um comportamento excêntrico – um marido que quer pôr à prova a virtude de sua esposa, estimulando seu grande amigo a seduzi-la –, torna-se fundamental a habilidade do narrador, que deverá narrar de forma verossímil os encontros e desencontros entre Anselmo, Lotário e Camila. O que se pode observar é o fato de que Cervantes se põe a narrar uma história de extremos humanos, de modo que seu desafio como narrador parece ser o experimento de um relato que respeita à risca a unidade de ação prevista por Aristóteles e que não perde de vista, em nenhum momento, os eventuais movimentos de seu leitor.

A recorrência ao “Curioso impertinente” deve-se ao fato de que a coleção das Novelas exemplares parece seguir uma linha de experimentação similar, como se o autor enfrentasse em cada novela o desafio de narrar histórias verossímeis e, ao mesmo tempo, admiráveis. Aparentemente, a experimentação seria algo avesso aos princípios poéticos e retóricos próprios dos séculos XVI e XVII, uma vez que as preceptivas tinham a função de regular os processos de imitação. No entanto, o que a narrativa cervantina deixa entrever é o fato de que, respeitando as preceptivas poéticas e retóricas, Cervantes faz amplo uso de sua capacidade inventiva, própria daquele que tem o refinamento crítico.

Nesta coleção de doze novelas, o leitor encontrará uma variedade de histórias que, entre outras, aborda a narrativa amorosa de uma ciganinha, um grupo socialmente marginalizado (“Novela da ciganinha”), assim como a história violenta de uma jovem que sofre um estupro e que terá a devida reparação (“Novela da força do sangue”), a de um velho obsessivo, rico e ciumento que se casa com uma adolescente (“Novela do ciumento da Estremadura”), a de dois jovens pícaros que transitam por Sevilha e passam a frequentar uma corporação de ladrões (“Novela de Rinconete e Cortadillo”), a de um jovem estudante da Universidade de Salamanca que é acometido por um tipo raro de loucura, acreditando ser de vidro e dispondo de

um discurso agudo e engenhoso (“Novela do licenciado Vidraça”), um diálogo empreendido por dois cães, Cipião e Berganza (“Novela e colóquio que houve entre Cipião e Berganza”), que, além de serem animais falantes, filosofam sobre a vida, a existência e o modo de narrar. A variedade de temas e personagens advindos dos mais diversos estamentos sociais é ampla, e torna-se interessante observar como Cervantes concede protagonismo a personagens de diferentes origens culturais, religiosas, econômicas.

A última das novelas, “Colóquio dos cachorros”, mais do que as outras que integram a coleção, pode ser lida como uma poética da própria narrativa cervantina, que se alicerça na ideia de que a verossimilhança se estrutura sobre normas internas ao próprio relato e não sobre comparações com a realidade externa. Nesse caso, cães falantes, assim como loucuras quixotescas, constituem artifícios artísticos nas mãos de um autor que soube circunscrever seu texto ao universo do que hoje chamamos literatura.

É por essa via, isto é, mergulhando no universo das letras com tamanha profundidade, que Cervantes pode compor uma obra que em seu conjunto examina em detalhes as mais variadas vertentes da vida humana. Ciente do poder da palavra impressa, acreditou que os livros poderiam ser mais decisivos para o enriquecimento da experiência da vida humana do que a própria realidade, uma vez que, como diz em Os trabalhos de Persiles e Sigismunda, sua última obra, “aquele que lê com atenção repara uma e muitas vezes no que vai lendo”, enquanto aquele que olha para as coisas sem maior cuidado “não repara em nada”.<sup>20</sup> Que o leitor encontre nessas novelas bons momentos de reflexão, entretenimento e descanso...

Maria Augusta da Costa Vieira

[professora titular de literatura espanhola da Universidade de São Paulo e pesquisadora do CNPQ. É autora de O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote (Edusp / Fapesp, 1998), Dom Quixote: a letra e os caminhos (org., Edusp / Fapesp, 2006) e A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes (Edusp / Fapesp, 2012). Desde 2009 é membro da diretoria da Asociación de Cervantistas.]

---

1 "Prólogo ao leitor", p. 33

2 Apesar das dificuldades para precisar seu pensamento, cabe mencionar o importante estudo de Américo Castro intitulado *El pensamiento de Cervantes* (1925), que apresentou novos caminhos para os estudos cervantinos do século XX.

3 Para as cartas de Miguel de Cervantes, ver o artigo "Epistolario de Miguel de Cervantes", de José Montero Reguera, em <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/136174.pdf>> (acesso em setembro de 2014).

4 *Don Quijote*. Org. F. Rico. Barcelona: Instituto Cervantes/Editora Crítica, 1998, I, VI, p. 86.

5 Ver, de Carlos Mata Ynduráin, <https://insulabaranaria.wordpress.com/2012/10/07/las-novelas-ejemplares-de-cervantes/>

6 *Viaje del Parnaso*, ed. Vicente Gaos. Madrid: Clásicos Castalia, 1973, cap. I, vv. 25-27, p. 54. "Eu, que sempre trabalho e me desvelo / por parecer que tenho de poeta / a graça que não me quis dar o céu" (tradução literal nossa).

7 Para Elías Rivers, esta é uma obra madura de Cervantes, que revela "profunda preocupação pela poesia, pela sociedade espanhola e pela própria carreira literária do autor". Cf. "Viaje del Parnaso y poesías sueltas", in *Suma Cervantina*, org. J. B. Avalor-Arce e E. C. Riley. Londres: Tamesis Books, 1973, p. 146.

8 "Adjunta al Parnaso", em *Viaje del Parnaso*, p. 179.

9 "Há alguns anos que eu voltei a minha antiga ociosidade e pensando que ainda duravam os séculos por onde corriam os meus louvores, voltei a compor comédias; mas não encontrei pássaros nos ninhos de antigamente; quero dizer que não encontrei autor [diretor de companhia teatral] que me as pedisse. Nesse tempo me disse um livreiro que ele as compraria se um autor de título [diretor com privilégio real] não lhe tivesse dito que da minha prosa poderia esperar muito, mas que do verso nada; [...] Tornei a passar os olhos pelas minhas comédias e por alguns entremeses meus que com elas estavam guardados e vi que não eram tão ruins que não merecessem sair das trevas [...] Me aborreci e as vendi ao tal livreiro que as publicou como aqui te as oferece (tradução nossa). "Prólogo al lector", in *Ocho comedias y ocho entremeses nuevos nunca representados*, in *Obras completas*. Madri: Castalia, 1999, pp. 877-78.

10 Segundo Roger Chartier, a propósito do movimento editorial relativo à primeira parte do *Quixote*, "é muito possível que entre 1605 e 1615 tenham sido colocados no mercado 12 mil exemplares, já que nesses anos publicaram nove edições da obra: três em Madri (duas em 1605, uma em 1608); duas em Lisboa (ambas em 1605); uma em Valência em 1605; e uma em Milão e duas em Bruxelas (e não em Antuérpia) em 1607 e 1611. Segundo os manuais tipográficos do século XVII, como o composto por Alonso Víctor de Paredes por volta de 1680, a tiragem normal de uma edição era de 1,5 mil exemplares. De modo que foram talvez 13,5 mil exemplares do *Quixote* que circularam nos dez anos que seguiram

a edição príncipe, impressa no final de 1604 na oficina gráfica do madrilense Juan de la Cuesta para o livreiro Francisco de Robles” (tradução nossa). Cf. “La Europa castellana durante el tiempo del Quijote”, in *España en tiempos del Quijote*. Dir. Antonio Feros e Juan Gelabert. Col. Punto de Lectura. Madri: Santillana, 2005, pp. 162-98.

11 P. 34. Heliodoro foi escritor grego do século III e, como relata Cervantes no “Prólogo”, lhe serviu de modelo. A expressão “sale con las manos en la cabeza” (“meter os pés pelas mãos”) corresponde, segundo Covarrubias, a “volver descalabrado o maltratado”. No caso, Heliodoro poderia exasperar-se devido à equiparação atrevida do autor, o que funcionaria como um indício de que a obra poderia sair malparada. Ver, de Covarrubias, *Tesoro de la lengua castellana*.

12 *Retórica a Herenio*. Introd., trad. e notas Salvador Núñez. Madri: Gredos, 1997, livro III, pp. 171-90.

13 Miguel de Salinas, “Retórica em lengua castellana”, in Elenas Casas, *La retórica en España*. Biblioteca de Visionarios, Heterodoxos y Marginados. Madri: Editora Nacional, 1980, pp. 73-79.

14 Jean Canavaggio, “Cervantes en primera persona” in *Cervantes: entre vida y creación*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2000, pp. 65-72.

15 Alonso López Pinciano. *La Philosophía antigua poética*. Org. A. Carballo Picazo. Madri: CSIC, 3 v., 1973.

16 “A ilustre fregona”, p. 293.

17 Juan Luis Vives. *El arte retórica / De ratione dicendi*. Estudo introdutório de Emilio Hidalgo-Serna, ed., trad. e notas de Ana Isabel Camacho. Barcelona: Anthropos, 1998. Como diz Luisa López Grigera, “não podemos buscar uma norma estilística da época já que [...] se dão diferentes modelos imitáveis, alguns dos quais convivem simultaneamente, além de que os estilos dependiam não da personalidade do escritor, mas sim dos preceitos do ‘decoro’, já que deviam se ajustar ao emissor, ao receptor e ao assunto [...]” (tradução nossa). “Historia textual: textos literarios (Siglo de Oro)”, in Rafael Cano Aguilar (org.), *Historia de la lengua española*. Madri: Editorial Ariel, 2004.

18 J. L. Vives, op. cit., pp. 96-97.

19 Como diz Valdés em *Diálogo de la lengua*: “Para lhes dizer a verdade, muito poucas coisas observo porque o estilo que tenho me é natural, e sem nenhuma afetação escrevo como falo, somente tenho cuidado para usar vocábulos que signifiquem bem o que quero dizer, e o digo quanto mais simplesmente me é possível, porque a meu ver em nenhuma língua está bem a afetação” (tradução nossa). Org. Cristina Barbolani. Madri: Cátedra, 2006, p. 233.

20 “Esto dijo Periandro, que lo dijera mejor Antonio el padre, si tan bien como él lo supiera; porque las lecciones de los libros muchas veces hacen más cierta esperiencia de las cosas, que no la tienen los mismos que las han visto, a causa que el que lee con atención, repara una y muchas veces en lo que va leyendo, y el que mira sin ella no repara en nada, y con esto excede la lección la vista.” Miguel

de Cervantes. Los trabajos de Persiles y Sigismunda. Org. Juan Bautista Avall-  
Arce. Madri: Castalia, 1969, p. 328.

## AS NOVELAS EXEMPLARES: ORIGEM, CRONOLOGIA E CLASSIFICAÇÃO

A primeira edição das Novelas exemplares foi aprovada pela censura em 1612 e impressa em 1613, oito anos depois do surgimento da primeira parte do Quixote e quando Cervantes já completara 66 anos, achando-se no último e mais frutífero decênio de vida no que diz respeito à sua produção literária impressa. Trata-se, portanto, de uma obra de absoluta maturidade, não apenas pela data de publicação, mas também pela plenitude literária que o escritor atingiu na composição das doze novelas.

As Novelas exemplares eram uma novidade não apenas para Cervantes, mas também para a literatura espanhola da época, em que não havia tradição de narrações curtas. Existiam relatos próximos ao conto, de tradição medieval e com raízes folclóricas, como os do Conde Lucanor, de Don Juan Manuel, e os de Patrañuelo, de Juan de Timoneda. E também haviam se difundido muitas novelas adaptadas e traduzidas de escritores italianos, como Boccaccio.<sup>1</sup> Contudo, a primeira coleção de novelas espanholas, a maior parte delas com personagens e ambientes nacionais, é sem dúvida a de Cervantes.

A gênese das Novelas exemplares é tão mal conhecida como a do teatro cervantino, mas possivelmente a coleção foi escrita em diversos momentos entre 1590 e 1612, época em que Cervantes redige também outras narrativas curtas, como as incluídas na primeira parte do Quixote ("O curioso impertinente", "O capitão cativo"). A crítica considera que as novelas "Rinconete e Cortadillo" – mencionada em 1605 no Quixote – e "O ciumento da Estremadura" tenham sido escritas por volta de 1590. Uma primeira versão desses



dois relatos aparece na Miscelânea manuscrita que Francisco Porrás de la Cámara fez para o arcebispo de Sevilha, dom Fernando Niño de Guevara, em 1604. Essas duas novelas aparecem depois entre as Exemplos com algumas variações importantes no texto, sobretudo em "O ciumento da Estremadura", o que permite pensar que, para a coleção de novelas, Cervantes recuperou e retocou várias obras que escrevera em épocas distintas.<sup>2</sup> A data de composição das outras dez novelas sempre foi motivo de hipóteses contraditórias: "O amante generoso" e "A espanhola inglesa", que durante muito tempo foram avaliadas como as mais antigas do conjunto, hoje são consideradas posteriores ao regresso do escritor a Madri. "A cigarinha", "O licenciado Vidraça", "A ilustre fregona", "O casamento enganoso" e "Novela e colóquio que houve entre Cipião e Berganza" (ou "O colóquio dos cachorros") fazem referência a acontecimentos bastante conhecidos da primeira década do século XVII (êxito da obra picaresca Guzmán de Alfarache, de Mateo Alemán, e expulsão dos mouriscos), mas algumas dessas alusões podem ter sido introduzidas mais tarde.<sup>3</sup> Como afirma E. C. Riley, em poucas ocasiões as datas ou fatos históricos que aparecem nos relatos servem para identificar o momento em que foram escritas, porque Cervantes, por um lado, retificou de última hora obras de época bastante anterior e, por outro, estava mais preocupado em escrever uma série de acontecimentos que contribuíssem para criar um ambiente verossímil na estrutura narrativa, gerando anacronismos e contradições em relação ao tempo real, tal como podemos observar, por exemplo, em "A espanhola inglesa".<sup>4</sup> Em razão disso, portanto, é praticamente impossível estabelecer uma cronologia aplicável à data de composição das novelas.

Da mesma forma, houve inúmeras tentativas por parte dos críticos de dividir em grupos característicos as doze narrativas, levando em consideração seu valor literário e o critério artístico de Cervantes. Entretanto, também nesse terreno é quase impossível chegar a um acordo, pois entre os relatos encontram-se diferenças acentuadas: há uma grande variedade de assuntos, temas e formas – alguns estão próximos a modelos italianos<sup>5</sup> e outros têm um nível

maior de aprofundamento, seja psicológico, social ou estilístico. Para Peter N. Dunn, em geral a história da crítica das Novelas exemplares segue os interesses acadêmicos de cada época: do lado "científico", a crítica estudou detalhadamente as fontes de Cervantes, sua influência sobre os escritores posteriores, seu vocabulário e seu estilo; do lado "humanístico", analisou os personagens, seus valores e suas relações com o autor. As classificações das Novelas, portanto, sempre refletiram as polaridades da época dos críticos: realismo/idealismo, observação/fantasia, verdade/artifício etc.<sup>6</sup>

Ao longo dos anos, surgiram vários critérios de classificação: novelas românticas, satíricas, picarescas, humorísticas. Uma das distinções mais aceitas, atualmente, é a de novelas idealizantes e novelas realistas. Do primeiro tipo seriam as histórias bizantinas, com tramas complicadas, viagens e naufrágios: "O amante generoso", "A espanhola inglesa", "As duas donzelas". Do segundo tipo seriam aquelas centradas em quadros de costumes, espaços próximos e contemporâneos ao leitor, com aspectos irônicos e satíricos: "Rinconete e Cortadillo", "O colóquio dos cachorros". Porém, a verdade é que a representação do mundo proposta pelas novelas cervantinas foge às classificações que a crítica tentou estabelecer em diversas épocas. Opor as novelas realistas às novelas idealistas, por exemplo, significa multiplicar as distinções aparentes a partir de critérios anacrônicos. Como diz Antonio Rey Hazas,

não sei se as costumeiras classificações e organizações das novelas [cervantinas] têm alguma outra utilidade além da meramente pedagógica, a não ser que procurem descobrir uma determinada trajetória poética, a busca do "caminho" cervantino pela novela perfeita; porém, mesmo nesses casos, dadas as insuperáveis dificuldades cronológicas, é difícil fugir da pura hipótese ou da simples conjectura.<sup>7</sup>

As narrações curtas cervantinas são, simultaneamente, críticas e conformistas, realistas e idealistas, sérias e burlescas. Além disso, nelas coincidem duas concepções opostas da natureza que havia na

época: 1) a visão do mundo como um caos em que os elementos tendiam à luta entre si e o homem estava dividido com relação a si mesmo, aos demais seres humanos e à sociedade, que também era caótica e injusta – como é o caso da literatura picaresca; 2) a interpretação do universo como um conjunto ordenado e mantido por Deus, presidido pela harmonia entre corpo e alma, dentro do homem, ou entre este e a sociedade à sua volta, sem conflitos entre os seres humanos e seus sentimentos e paixões, sua sociedade e religião – como podemos ver nos relatos pastoris. Porém, cumpre ressaltar que

Cervantes, evidentemente, não estava satisfeito com nenhum desses dois tipos de narrativas; nas Novelas exemplares não há nem novelas picarescas nem verdadeiras novelas de aventuras [...] Em todas elas estão presentes ambos os conceitos de natureza, os dois níveis de realidade.<sup>8</sup>

### A originalidade das Novelas exemplares

Na época de Cervantes, a prosa narrativa desfrutava de pouca estima entre os cultos, e essa falta de apreço era compartilhada inclusive pelos próprios escritores. Tal fato se devia à escassa atenção que o gênero havia merecido dos tratadistas retóricos clássicos, os quais, em suas preceptivas, o consideravam uma manifestação literária de nível inferior, derivada do poema épico. Assim haviam se pronunciado Aristóteles em sua Poética e Pinciano, máxima autoridade espanhola nesse campo, em sua Philosophía antigua poética, que desenvolve as doutrinas do primeiro. Consequentemente, não havia, como nos outros gêneros literários, um corpo de regras consagradas pela autoridade dos clássicos que o escritor devia seguir para escrever suas obras.<sup>9</sup> Portanto, Cervantes, ao compor sua produção narrativa, enfrenta o desafio de abordar um gênero praticamente novo, procurando elevá-lo à alta consideração de que já desfrutavam os gêneros considerados mais

sublimes, como o teatro e a poesia. E, consciente de seu trabalho, ele preenche seus textos com reflexões críticas pessoais sobre a literatura em geral e, muito em particular, sobre a arte narrativa. O exemplo máximo disso, nas Novelas exemplares, é o relato entrelaçado de “O casamento enganoso” e “O colóquio dos cachorros”, em que Cervantes nos oferece uma extraordinária lição de teoria e prática narrativas, aplicando os conceitos de *admiratio* e verossimilhança com grande maestria.

Deve-se recordar que no Século de Ouro se distinguiam vários tipos de relatos, que eram divididos em subgêneros diferentes. O primeiro era constituído pelas narrações longas, cujos expoentes mais significativos eram os livros de cavalaria (Amadís de Gaula, Palmerín de Oliva), o gênero sentimental (Cárcel de amor, Arnalte y Lucenda) ou o picaresco (Lazarillo de Tormes, Guzmán de Alfarache); o segundo era formado pelos contos breves, de filiação folclórica, em que se distinguiu Juan de Timoneda com seu *Patrañuelo*; o último, de aparição mais tardia, era o formado pelas novelas, único a que se aplicava concretamente tal nome, de origem italiana e composto de obras de menor extensão que as primeiras e maior que as segundas. Precisamente a esse último grupo é que pertencem as Novelas exemplares de Cervantes.

Na Itália, esse gênero havia conhecido seu esplendor com o *Decameron* de Boccaccio, obra que alcançou extraordinária difusão na Europa e cujas histórias foram traduzidas e imitadas em muitas ocasiões. Vários outros narradores italianos alcançaram fama e popularidade, em especial Matteo Bandello e Giraldi Cinthio, que possivelmente influenciaram a obra cervantina. Naturalmente, sua influência não é importante quanto a fatos argumentais – pois nesse sentido há diferenças marcantes entre os relatos italianos e as novelas cervantinas –, mas sim em relação à concepção do gênero e às suas principais características. Pode-se afirmar, portanto, que Cervantes tomou dessas novelas o modelo formal e sua arquitetura estrutural, aceitando seu paradigma de extensão, a unidade e a continuidade do argumento, e a necessidade de verossimilhança.<sup>10</sup>

De acordo com o próprio autor, as doze novelas constituem o primeiro exemplo de relato curto na literatura espanhola e, no prólogo à obra, Cervantes proclama sua novidade com bastante orgulho:

[...] sou o primeiro que escreveu novelas em língua castelhana, porque as muitas que andam impressas nela são todas traduzidas de línguas estrangeiras, e estas são de minha autoria, não imitadas nem furtadas; meu talento as criou e minha pena as pariu, e vão crescendo nos braços da imprensa.<sup>11</sup>

Tais afirmações são verdadeiras, pois, em primeiro lugar, a obra teve êxito imediato: quatro edições no primeiro ano, contando as edições “piratas”; 23 edições durante o século XVII, e também inúmeras traduções e adaptações. Em segundo lugar, Cervantes acerta ao dizer que foi o primeiro que escreveu novelas em língua castelhana por várias razões, entre as quais se destaca a profunda reflexão que realizou sobre todas as formas literárias que o haviam precedido, tanto na Espanha como fora dela.

De fato, as Novelas exemplares apresentam grandes novidades. É certo que foram concebidas a partir das italianas, com estruturas narrativas similares, mas o escritor inventou argumentos originais e introduziu modificações importantes, podendo ser apontados vários aspectos que aperfeiçoam tecnicamente o gênero em relação aos modelos italianos: a importância maior concedida ao diálogo, que raramente era utilizado pelos novellieri; deles tomou boa parte das características externas do gênero, mas não respeitou a ordem cronológica geralmente estrita, inclinando-se pelo início *in media res*, quando a narrativa começa no meio da história; ateve-se mais que os italianos ao princípio de captar a atenção do leitor por meios bastante originais, entre os quais sobressaem os procedentes do teatro (exemplo disso é a novela “Rinconete e Cortadillo”, em que Cervantes se aproveita de vários recursos teatrais para estruturar a ação, como a abundância de diálogos), e, sobretudo, superou a objetividade dos italianos.<sup>12</sup> Além disso, Cervantes assimilou,

sintetizou e fundiu, de diversas maneiras, as tradições do relato já apresentadas com todos os gêneros literários espanhóis anteriores, sem esquecer a comédia barroca ou o diálogo renascentista. Por exemplo, ao lado da novella italiana e das narrativas bizantinas, o escritor introduz elementos da literatura pastoril e da cavalheiresca; o gênero picaresco é enriquecido pelo relato filosófico e pelo diálogo lucianesco.<sup>13</sup> Praticamente não há forma ou gênero anterior que não tenham sido assimilados pela poética cervantina da prosa. Pode-se afirmar com certeza que, apesar da variedade e do número de seus modelos, a fórmula da novela a que o autor do Quixote chegou foi radicalmente anticonvencional e "irredutível a um modelo pré-formado".<sup>14</sup>

Assim, pode-se ver como "Rinconete e Cortadillo" se apoia originalmente na literatura picaresca, gênero esse que também está presente em "A ilustre fregona" – aqui, ao lado da tradição mais idealista – em "O casamento enganoso" e "O colóquio dos cachorros". "A espanhola inglesa", por sua vez, leva a novela bizantina ao Atlântico, enquanto "O amante generoso" mantém o gênero grego em seu âmbito natural do mar Mediterrâneo, embora unido à tradição mourisca e de relato de cativo, já iniciada pela história do capitão cativo do primeiro Quixote. "A força do sangue", "As duas donzelas" e "A senhora Cornélia" movem-se nos terrenos do modelo da novella italiana, embora rejuvenescida nos três casos por elementos procedentes da comédia, próximos à farsa no primeiro caso e muito mais sérios no último. A fórmula italiana também está presente em "O ciumento da Estremadura", embora a peculiaridade dessa novela a torne quase inclassificável entre as formas narrativas da época. A original "O licenciado Vidraça" funde a narração satírico-filosófica com o relato folclórico. "A ciganinha", enfim, integra coerentemente elementos cortesãos, cavalheirescos e pastoris, comprovando que não há falta de nenhum gênero narrativo da época.<sup>15</sup>

Como diz Antonio Rey Hazas, tal esforço de reflexão, meditação, assimilação e, sobretudo, de inovação narrativa não pode se dever à casualidade. Trata-se, sem dúvida, do resultado magistral de um

plano de renovação da novela quinhentista. De um projeto consciente, bem concebido e bem-acabado de rejuvenescimento de todas as formas narrativas existentes cujo fruto geral será, posteriormente, o romance moderno.<sup>16</sup>

### A exemplaridade das Novelas exemplares

Muito foi escrito acerca da exemplaridade dessas narrações. A diversidade de interpretações é proporcionada pela ambiguidade do prólogo:

Chamei-as de Exemplares, e, se olhares bem, verás que não há nenhuma de que não se possa tirar algum exemplo proveitoso; e, se não fosse espichar demais este assunto, talvez te mostrasse o saboroso e honesto fruto que se poderia colher, tanto de todas juntas como de cada uma em particular.

Minha intenção foi colocar na praça de nossa república uma mesa de bilhar, onde cada um pode se divertir, sem prejuízo dos sapeadores; digo sem prejuízo da alma nem do corpo, porque os exercícios honestos e agradáveis são mais proveitosos que prejudiciais.

[...] Mas uma coisa me atreverei a te dizer: se de alguma forma a lição destas novelas pudesse induzir o leitor a algum mau desejo ou pensamento, eu preferiria cortar a mão com que as escrevi a publicá-las. Já não tenho mais idade para zombar da outra vida, pois aos meus cinquenta e cinco anos ganho mais nove por apressado.<sup>17</sup>

Pouco antes, no mesmo "Prólogo ao leitor", Cervantes havia formulado uma ideia bastante semelhante:

[...] quero dizer que os galanteios amorosos que acharás em algumas são tão puros e tão medidos pela razão e doutrina cristã

que não poderão levar a maus pensamentos o descuidado ou cuidadoso que as ler.<sup>18</sup>

Parte da crítica cervantina, interpretando a exemplaridade em sentido moral, aceitou a sinceridade do autor no prólogo. Também se pensou que a proposta de exemplaridade moralizante poderia responder às exigências habituais na literatura da época, isto é, à necessidade de impor valores morais à criação literária profana manifestada no barroco espanhol ou a uma atitude de cautela adotada por Cervantes, com a finalidade de manter a estima que obtivera junto aos poderosos depois do êxito da primeira parte do Quixote.<sup>19</sup>

No entanto, a exemplaridade das novelas não está totalmente clara, se entendermos o termo em sua acepção comum. Cervantes não moraliza diretamente salvo no caso de "A espanhola inglesa" e, talvez, nos de "Rinconete e Cortadillo" e "O ciumento da Estremadura". Desse modo, deve-se buscar a exemplaridade cervantina – se é que ela existe – por vias distintas das habituais na novela de sua época, já que ela tem muito pouco (ou nada) em comum com obras como o Guzmán de Alfarache (1599-1604), de Mateo Alemán, que se atém aos modelos didáticos retóricos e medievalizantes, ou como La pícara Justina (1605), de Francisco López de Úbeda, inversão paródica da obra alemaniana.

Possivelmente Cervantes tinha um conceito artístico da exemplaridade. Para ele, a moralização era impossível se não viesse acompanhada de uma fruição estética, porque ética e estética coincidiam na verdade artística. Como diz Riley:

Para além das advertências e dos exemplos edificantes existia uma região na qual o poeticamente verdadeiro e o exemplar se conciliavam, e esse deve ter sido o sentido amplo em que Cervantes entendia a exemplaridade. Afinal, a literatura imaginativa era exemplar simplesmente por ser representação da vida.<sup>20</sup>



Portanto, a insistência se devia ao novo e peculiar sentido da exemplaridade que suas novelas traziam; era uma advertência ao leitor para que atentasse a elas, para que se desse conta de que a obra era bem-feita, verossímil e harmônica, independentemente do fato de às vezes apresentar traços de imoralidade. “Para Cervantes, a verdade poética e a moralidade eram [...], em última instância, inseparáveis”, como afirma Riley.<sup>21</sup>

Apesar da necessária declaração feita para a censura, de que “era preciso se justificar ante a má impressão do gênero”<sup>22</sup> herdada da tradição italiana, o certo é que se faz necessário unir ética e estética para compreender a exemplaridade das novelas cervantinas. E por isso também é imprescindível levar em consideração que tal exemplaridade nunca se revela com clareza (pois o autor adverte: “se olhares bem”), dado que é ao leitor, ao seu olhar, que cabe encontrá-la, sempre à luz dos acontecimentos da novela. O leitor, como acontece habitualmente na narrativa cervantina, deve interpretar e completar o texto, que demanda colaboração ativa. E, visto que a trama artístico-literária é indissociável da moralidade, ao leitor também cabe, ao mesmo tempo, encontrar a exemplaridade. Portanto, como já recomendava Casaldueiro, “as novelas exemplares não devem ser usadas para se aprender algo [...], não se deve buscar nelas alguma moral ou lição”,<sup>23</sup> e sim lê-las como narrações de entretenimento, sabendo que tal leitura proporcionará satisfação e deleite. A grande qualidade literária de Cervantes garante isso.<sup>24</sup>

### A admiratio e a verossimilhança: lição de teoria narrativa em duas novelas

Uma das características que melhor definem as Novelas exemplares é a união de dois elementos básicos da teoria literária do Século de Ouro: o admirável e o verossímil. Esses conceitos são a chave para a compreensão da grande habilidade criativa de Cervantes.

Todos os tratadistas literários, todos os escritores barrocos defenderam a necessidade da admiração (ou seja, a capacidade de

provocar espanto, de maravilhar, de deslumbrar o receptor) e deram-se conta das dificuldades que implicava sua concordância com a verossimilhança do relato. Cascales, um dos maiores preceptistas da poética clássica e áurea, dizia que:

A admiração é uma coisa importantíssima em qualquer espécie de poesia [...] Se o poeta não for maravilhoso, pouco deleite pode produzir nos corações [...] Portanto, para proporcionarem maravilhamento, os bons poetas costumam fazer ficções de coisas prováveis e verossímeis, pois, se a coisa não for provável, quem se maravilhará com aquilo que não aprova?<sup>25</sup>

Alonso López Pinciano (c. 1547-1627), talvez o preceptista mais influente da época, recomendara em seu tratado *Philosophía antigua poética*, publicado em 1596, que a obra literária fosse “admirável e verossímil. Deve ser admirável porque os poemas que não causam admiração não levam a lugar nenhum, e às vezes são como sonhos estéreis”. Havia, sem dúvida, uma importante dificuldade na conciliação proposta por ambos os conceitos que não escapava ao tratadista: “Parece que o admirável e o verossímil não concordam entre si”.<sup>26</sup> Como solucionar essa equação?

Certamente não era simples, já que equivalia, na maior parte dos casos, a converter em verossímil o inverossímil, em realidade literária o irreal. Cervantes, com sua inteligência narrativa ímpar, superou com brilhantismo tamanho problema, em boa parte dos casos. Dessa forma, em seus relatos a admiração torna-se verossímil mediante a sábia utilização de artifícios literários, criando assim sua própria “realidade” poética.<sup>27</sup>

Todas as novelas exemplares conseguem, em maior ou menor medida, conciliar com sucesso a admiratio e a verossimilhança. Entretanto, onde se verifica o completo êxito cervantino nesse terreno é nas duas últimas novelas do conjunto: “O casamento enganoso” e “O colóquio dos cachorros”.

Essas duas novelas mantêm uma relação muito estreita, a ponto de alguns estudiosos as considerarem um só relato,<sup>28</sup> pois a primeira

funciona como uma espécie de prólogo que apresenta o interessante diálogo mantido entre os cães Cipião e Berganza, protagonistas da segunda.

“O casamento enganoso” é uma brevíssima novela que conta, de maneira divertida e animada, um fato da vida do alferes Campuzano. A história inicia-se quando o licenciado Peralta, amigo do protagonista, o encontra saindo do Hospital da Ressurreição, em Valladolid, no qual esteve durante vários dias para curar-se de sífilis. Como Campuzano adquiriu a doença é o tema da novela, narrada em primeira pessoa pelo próprio alferes, por insistência de Peralta. Assim, ficamos sabendo de que maneira Campuzano conheceu dona Estefânia de Caicedo, que, apesar de não ser muito jovem nem muito bela e de admitir um passado duvidoso, parece ser uma mulher de posses. O soldado, enganado pelas aparências de bem-estar econômico que a dama exhibe, decide cortejá-la e casa-se com ela. Vão viver na casa da esposa, mas no final descobre-se que a casa era, na verdade, de uma amiga de dona Estefânia, que, por sua vez, foge com o amante e o baú que continha todas as posses e joias do alferes (que, na verdade, também eram falsas e não valiam nada). Assim, a única herança que Campuzano tem do casamento é a sífilis contraída. Entretanto, durante sua forçada estada no hospital, ocorre a ele uma aventura que é ainda mais surpreendente que seu desgraçado matrimônio: em uma noite de insônia, é testemunha do diálogo entre dois cães do hospital, chamados Cipião e Berganza. Campuzano resolve escrever a substância do relato e entrega as anotações ao amigo Peralta, para que as leia e expresse sua opinião. Após diversos protestos de incredulidade, o licenciado senta-se e começa a leitura, enquanto o alferes dorme. Tem início então a “Novela e colóquio que houve entre Cipião e Berganza, cachorros do Hospital da Ressurreição, que fica na cidade de Valladolid, fora da porta do Campo, aos quais chamam comumente de os cachorros de Mahúdes”. A novela é, sem sombra de dúvida, o mais audaz experimento narrativo de toda a série, um triunfo total em todos os sentidos e uma pequena obra-prima. Berganza conta suas aventuras a Cipião, que as comenta e impõe seus limites, evitando os extremismos do companheiro. Este, em razão de sua

trajetória vital, chegou a conhecer profundamente a vida humana. Serviu a diversos senhores: um magarefe trapaceiro do matadouro de Sevilla; alguns pastores, que matam o rebanho e culpam o lobo; um rico comerciante, que Berganza abandona por não poder permitir que uma criada negra da casa se divirta com outro empregado diante de seus próprios olhos; um aguazil, que está combinado com sua amante para chantagear estrangeiros ingênuos; um soldado, com o qual viaja pelos povoados e que o leva a Montilla, onde acontecerá a curiosa cena com a bruxa Cañizares; um mourisco, ao qual tacha de avaro; um poeta; alguns comediantes e finalmente Mahúdes, que o leva ao hospital. No final da história, o cão conta o diálogo entre quatro internos do hospital: um matemático, um arbitrista, um poeta e um alquimista.

Trata-se de uma série de quadros satíricos que inevitavelmente nos fazem lembrar a narrativa picaresca. Mas, apesar das semelhanças evidentes – Berganza foi cão de muitos amos, seu relato tem um caráter itinerante... –, as diferenças são muitas: o elemento mágico que permite o diálogo entre os dois cães, as interrupções de Cipião, a bondade de Berganza...

Como disse Amezáa, o artifício dos cães falantes permite ao autor converter-se em espectador e fiscal da sociedade de seu tempo. Fazer com que um cão critique a conduta do homem é evidentemente uma ironia. O homem comporta-se, aos olhos desse espectador imparcial, de uma maneira absurda e contradiz constantemente os princípios morais mais elementares. Os humanos, para Berganza, destruíram completamente a ordem lógica e natural do mundo, e o cão se admira ao refletir sobre o que ocorre ao seu redor.<sup>29</sup>

No entanto, apesar de apresentar um esplêndido quadro de costumes da Espanha do século XVII, a maioria dos críticos concorda que "O colóquio dos cachorros" se dedica, principalmente, à teoria e à prática narrativas. O episódio central da vida de Berganza e o descrito com maiores detalhes é "uma coisa que aconteceu com uma grande feiticeira, discípula da Camacha de Montilla", ou seja, a bruxa Cañizares. Esse episódio é a chave

argumentativa do “Colóquio”, porque, se aceitamos as explicações da feiticeira, tanto Cipião como Berganza são seres humanos, filhos da bruxa Montiel que foram metamorfoseados em sua atual forma canina por meio de feitiçaria. Explica-se assim o dom da palavra nos cães, que é analisado em todos os sentidos possíveis, em particular em suas aplicações literárias, ao longo de toda a narração. Por isso, Peter N. Dunn escreve, a respeito de “O colóquio dos cachorros”:

Esta novela é, sem sombra de dúvida, uma metanovela. Está mais francamente dedicada ao estudo das relações entre vida e ficção que qualquer outra obra cervantina, salvo o Quixote, e mais intimamente comprometida com a experiência do ato de escrever em si, em particular ao apreciar as fortes e ambíguas imagens da fantasia.<sup>30</sup>

“O casamento enganoso” e “O colóquio dos cachorros” formam um conjunto indissociável, na medida em que representam o processo completo da criação literária: o alferes Campuzano apresenta-se como autor do “Colóquio”; o cão Berganza é o narrador deste ao contar sua vida; seu companheiro Cipião atua como interlocutor crítico que corrige e matiza o narrador; e o licenciado Peralta intervém como leitor do texto escrito por Campuzano.<sup>31</sup> Trata-se, como bem assinalou Avallé-Arce, de um “maravilhoso jogo de caixas chinesas”: temos um conto (o da Montiel), que funciona dentro de outro conto (o da Cañizares), que funciona dentro de outro conto (o de Berganza), que funciona dentro de outro conto (o diálogo canino), que funciona dentro de outro conto (a leitura do licenciado Peralta), que funciona dentro de outro conto (o engano sofrido pelo alferes Campuzano).<sup>32</sup> Soma-se a isso o fato de que o delírio produzido pela sífilis de Campuzano em “O casamento enganoso” dá verossimilhança poética a seus desvarios acerca do diálogo racional entre dois cães. Portanto, Cervantes consegue unir as duas novelas por meio da inteligente e sábia utilização da admiratio e da verossimilhança.

Na fusão “O casamento enganoso”/“O colóquio dos cachorros”, o caráter não usual da peripécia narrativa é absoluto, pois se trata de dois cães capazes de falar e pensar como seres humanos. A admiratio está, então, garantida. A verossimilhança é conseguida por Cervantes mediante uma complexa questão de técnica literária: o alferes Campuzano, protagonista do “Casamento”, é o autor do “Colóquio” e estabelece nexos diretos entre os dois relatos, do ponto de vista da verossimilhança, pois diz a Peralta, após a narração de sua lamentável história matrimonial, que “me restam outros acontecimentos por dizer que excedem a toda imaginação”, ou seja, o diálogo entre Cipião e Berganza. Entretanto, o alferes não tem certeza se viu, ouviu ou sonhou que os cães de Mahúdes falavam. Consequentemente, o licenciado coloca em dúvida inclusive a veracidade do relato do casamento de seu amigo, embora no final da leitura reconheça o artifício e a invenção do fabuloso colóquio. As duas novelas são uma cadeia de relatos cuja verossimilhança depende da integração de suas narrativas. Assim, o admirável casamento do soldado e Estefânia torna-se realíssimo, visto sob a ótica fantástica e maravilhosa do colóquio entre dois cães inteligentes, capazes de articular palavras com sabedoria. Por sua vez, esse inaceitável diálogo vê-se dotado de verossimilhança se projetarmos sobre ele a luz absolutamente incrível do relato da Cañizares, que afirma que uma bruxa, a Camacha, havia transformado os filhos de Montiel em dois cães. Dessa maneira, Cervantes demonstra que a verossimilhança literária depende integralmente das normas internas da própria obra de arte, e não de sua comparação com o mundo externo ao texto. E, de acordo com essa ótica metanarrativa, o leitor entra também como participante do texto, ao perceber que é sua leitura que modifica o ponto de vista único de um relato. Como bem aponta Rey Hazas, o objetivo de Cervantes, ao fundir as duas novelas e colocá-las como marco de toda a coleção das Novelas exemplares, é o de que

o leitor perceba que a verossimilhança é uma questão literária, e possa se distanciar e projetar seu distanciamento sobre as

demais novelas. O leitor, em suma, deve descobrir boa parte das chaves teóricas e práticas do volume ao mesmo tempo que toma consciência de sua posição medular nelas e de sua capacidade para transferir tais chaves às demais novelas.<sup>33</sup>

Obviamente, as questões poéticas elaboradas por Cervantes em suas narrativas são indissociáveis da visão do mundo que espelham, e tal visão se apoia em uma percepção aberta, flexível e ampla da realidade. Para Cervantes, a realidade é perspectivista, multifacetada e interpretável. Toda narração de um fato é a escolha de uma leitura – entre outras muitas possíveis – para tal fato, porque qualquer acontecimento admite tantas leituras quantos são os leitores. Ler Cervantes, e especialmente ler as Novelas exemplares de Cervantes, é uma aventura que nos converte em espectadores privilegiados do processo de reflexão sobre os limites e a natureza da criação narrativa.

Silvia Massimini Felix

[tradutora, preparadora de texto e mestre em literatura espanhola pela Universidade de São Paulo.]

---

1 Ángel Basanta. *Cervantes y la creación de la novela moderna*. Madri: Anaya, 1992, pp. 38-39.

2 Antonio Rey Hazas, "Novelas ejemplares", in Anthony Close et alii, *Cervantes*. Madri: Centro de Estudios Cervantinos, 1995, pp. 179-82.

3 Peter N. Dunn, "Las Novelas ejemplares", in J. B. Avallé-Arce e E. C. Riley (orgs.), *Suma cervantina*. Londres: Tamesis, 1973, pp. 81-82.

4 Edward C. Riley, *Teoría de la novela en Cervantes*. Madri: Taurus, 1962, p. 189.

5 As novelle italianas, cujos expoentes máximos são Boccaccio e Bandello, eram um tipo de relato mais extenso que o conto, apresentando um caso curioso e surpreendente e suscitando interesse até o final, em geral inesperado.

6 P. N. Dunn, *op. cit.*, p. 89.

7 Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, "Introducción", in Miguel de Cervantes, *Novelas ejemplares*. Madri: Espasa Calpe, 1996, p. 15 (tradução nossa).

8 P. N. Dunn, *op. cit.*, p. 93 (tradução nossa).

- 9 Juan Manuel Oliver Cabañes, "Las Novelas ejemplares", in Miguel de Cervantes, *Novelas ejemplares* ("Rinconete y Cortadillo", "La española inglesa", "El licenciado Vidriera"). Madri: Castalia, 1987, pp. 33-34.
- 10 Id. *ibid.*, p. 35.
- 11 "Prólogo ao leitor", p. 33.
- 12 O eixo narrativo das novelle italianas baseia-se no enredo das histórias, com predominância de temas amorosos e casos exóticos e curiosos, apresentados de forma bastante prática e sem rodeios.
- 13 O relato filosófico e o diálogo lucianesco (ou seja, tipo de história baseado na narrativa *O asno de ouro*, do escritor romano Apuleio, do século II, em que o protagonista Lúcio é transformado em asno e, sob essa forma, faz críticas à sociedade de sua época) aparecem na "Novela e colóquio que houve entre Cipião e Berganza ou O colóquio dos cachorros".
- 14 Jean Canavaggio. Cervantes. Madri: Espasa Calpe, 1987, p. 215.
- 15 Harry Sieber, "Introducción", in Miguel de Cervantes, *Novelas ejemplares*. Madri: Cátedra, 1990, pp. 11-38.
- 16 Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, *Cervantes: vida y literatura*. Madri: Alianza Editorial, 1995, pp. 78-79.
- 17 "Prólogo ao leitor", p. 33.
- 18 Id. *ibid.*, p. 34.
- 19 Juan Bautista Avalu-Arce, "Introducción", in Miguel de Cervantes, *Novelas ejemplares*. Madri: Castalia, 1987, p. 13.
- 20 E. C. Riley, *op. cit.*, p. 170 (tradução nossa).
- 21 Id. *ibid.*, p. 173 (tradução nossa).
- 22 Alberto Blecua, "Las novelas ejemplares", in *Cervantes: la invención poética de la novela moderna*. Anthropos, 98-99 (1989), p. 73. (tradução nossa).
- 23 Joaquín Casaldueiro. *Sentido y forma de las "Novelas ejemplares"*. Madri: Gredos, 1969, p. 54 (tradução nossa).
- 24 A. R. Hazas e F. S. Arroyo, *op. cit.*, pp. 21-22.
- 25 Francisco Cascales. *Tablas poéticas*. Org. B. Brancaforte. Madri: Espasa-Calpe, 1975, pp. 169-71 (tradução nossa).
- 26 Alonso López Pinciano, *Philosophía antigua poética* (1596). Madri: CSIC, 1953, v. II, p. 61 (tradução nossa).
- 27 A. R. Hazas e F. S. Arroyo, *op. cit.*, p. 24.
- 28 P. N. Dunn, *op. cit.*, p. 113.
- 29 Blanco Aguinaga et alii. *Historia social de la literatura española*. Madri: Castalia, 1979, pp. 129-30.
- 30 P. N. Dunn, *op. cit.*, p. 118 (tradução nossa).
- 31 A. Basanta, *op. cit.*, p. 44.
- 32 J. B. Avalu-Arce, *op. cit.*, p. 26.
- 33 A. R. Hazas, *op. cit.*, p. 196 (tradução nossa).



## MUITO ALÉM DE DULCINEIA: MULHERES NO MUNDO DE CERVANTES

Sim, Dulcineia del Toboso e Teresa Pança não são as únicas mulheres de Cervantes. Há muitas outras, como Marcela, Doroteia, Leocádia e a mãe de Costanza, na verdade mais belas, inteligentes e audazes, mas é quase como se não existissem – nossa imaginação foi tomada pela presença avassaladora do Cavaleiro da Triste Figura e seu duvidoso escudeiro. É uma pena, porque sem essas mulheres não se pode compreender o mundo em que viveu Cervantes, nem compreender a reação surpreendente desse homem sobre quem se sabe tão pouco. Cervantes não é apenas o inventor de um novo gênero, o romance, nem o gênio que, com a modesta intenção de satirizar livros de cavalaria e seus crédulos e viciados leitores, ilustrou de modo terrível e divertido, ou mais terrível porque divertido, um dos problemas essenciais do bicho homem: o descompasso entre a realidade e os nossos desejos. De lambujem, entre um elogio ao rei e outro à Igreja, talvez para despistar os censores, Cervantes traça o caos – um mundo corrupto e violento, onde a generosidade é motivo de espanto, fato extraordinário que merece registro para ser contado em volta da fogueira, nas longas noites de inverno. Isso é muito. Mas Cervantes ainda dá mais uma cartada: como as mulheres se sentem nesse caldeirão de fogo, sangue e enxofre?

A professora Mercedes Alcalá Galán, da Universidade de Wisconsin-Madison, num ensaio de 2012,<sup>1</sup> diz que as mulheres de Cervantes são idealizadas, que na verdade Cervantes cria um espaço em que as mulheres poderiam se mover caso tivessem a cultura e a audácia da liberdade que ele pinta. É isso mesmo, mas é preciso

notar que as mulheres idealizadas são as que estão em papéis principais, tanto em Dom Quixote como nas Novelas exemplares. As que estão em papéis secundários, como Teresa Pança ou dona Rodríguez, são bastante reais – e talvez mais vivas e nítidas que as outras, coisa muito comum na literatura, por sinal. Antes de chegarmos às Novelas exemplares, vamos espiar as mulheres de Dom Quixote, começando por Dulcineia, protagonista com as duas faces, a linda e delicada donzela da imaginação do cavaleiro e a camponesa atraente mas grosseira da realidade.

Quando dom Quixote, para imitar os cavaleiros apaixonados, busca uma amada, lembra-se de Aldonza Lorenzo, uma camponesa por quem teve uma quedinha por uns tempos. É dito que provavelmente ela não soube disso e que os dois se viram três ou quatro vezes em doze anos. O próximo passo para se afastar da realidade é dar um novo nome a essa amada, Dulcineia del Toboso, que lembrasse um pouco o de princesa. Na serra Morena, depois de escrever a carta que Sancho Pança deve levar para ela, dom Quixote nem a assina, porque sua dama não sabe ler nem escrever. Confessa então quem ela é realmente.

Sancho Pança diz:

Conheço-a muito bem e posso afirmar que numa queda de braço vence o pastor mais forçudo de toda a vila. Benza-a Deus, que é pessoa de fibra, feita e direita e de cabelo nas ventas, que pode ajudar qualquer cavaleiro andante ou por andar que a tiver por senhora a sair do maior aperto! Ah, fiadaputa, que muque que tem, e que voz! Olha, um dia subiu no campanário da aldeia para chamar uns pastores seus que andavam numas terras de seu pai; e eles, embora estivessem a mais de meia légua dali, ouviram-na como se estivessem ao pé da torre. E o melhor é que não é nada melindrosa, porque tem muito de cortesã: brinca com todos e de tudo zomba e graceja. Por isso eu digo, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que vossa mercê não só pode e deve fazer loucuras por ela, como com justa causa pode se desesperar e se enforçar, pois não haverá ninguém que ao saber não diga

que fez muito bem, mesmo que o diabo o carregue. Eu gostaria de já estar a caminho, só para vê-la, pois faz muitos dias que não a vejo; deve estar mudada, porque andar sempre no campo, ao sol e ao vento, judia muito do rosto das mulheres.<sup>2</sup>

Cervantes tem o poder de nos mostrar um personagem em poucas linhas e o poder de mantê-lo em nossa memória, proezas raras. Aldonza não sabe ler, nem escrever, mas é brava: tem cabelo nas ventas. Dom Quixote havia dito que ela era “uma camponesa de muito boa aparência”, mas Sancho diz que era masculinizada ou embrutecida pelo trabalho no campo. Seja como for, Aldonza é alegre. Enfim, temos uma pessoa ignorante, mas nada desprezível. Teresa Pança pode muito bem ter sido assim na juventude. Depois, com a perspectiva de ser mulher do governador de uma ilha, perde um pouco a cabeça, como qualquer pobre que pensa que ganhou na loteria. Começamos rindo das gozações da duquesa de que Teresa é vítima, mas aos poucos esse riso vai ficando cada vez mais amarelo, à medida que fica clara a crueldade da nobre, que, para driblar o tédio, não tem nada melhor a fazer que manipular os cordéis das esperanças da plebe ignara.

No segundo volume do Quixote, o cavaleiro não conhece mais Aldonza, existe apenas Dulcineia, a quem nunca viu: apaixonou-se de ouvido, pelo que disseram dela. Quanto mais Dulcineia é a dama feita da matéria dos sonhos, mais a gente se lembra das palavras de Sancho sobre as camponesas com o rosto castigado pelo sol e pelo vento diários. Podemos atribuir o esquecimento de Aldonza à loucura do cavaleiro, só que acontece o mesmo com Sancho, que sabia que ela morava numa aldeia próxima à deles, não em Toboso, onde tinha nascido. O escudeiro parece contaminado pelo delírio do cavaleiro, assim como os leitores se deixam levar pelo delírio dos escritores e os escritores pelo seu próprio entusiasmo. Não se trata de uma afirmação gratuita, ou bonitinha mas ordinária – Cervantes está o tempo todo de olho na realidade e na literatura, ou melhor, ele nunca esquece que está escrevendo e que o que escreve, por mais parecido que seja com a dita realidade, é literatura, o que quer dizer

às vezes obedecer às leis da ficção e não às do mundo. Essa tensão está no Quixote e nas Novelas, muitas vezes de modo explícito – e parece mais explícito no tratamento das mulheres e seus dramas.

### Entre a realidade e a literatura

Nas Novelas, Cervantes exagera a beleza e sagacidade de várias mulheres, mas em algum ponto diz que os poetas, ao escreverem, como sempre exageraram a beleza das heroínas e deixaram os fatos um pouco mais extraordinários. Talvez Cervantes diga para não acreditarmos piamente no que acabamos de ler, que ele mesmo cometeu esses pecados. Ou, pelo contrário, que podemos acreditar nele, que esta versão é a real, que as outras vieram muito mais turbinadas. Ou ainda que, apesar das cores vivas demais e de tons suspeitos, na essência a verdade está ali.

Na “Novela do licenciado Vidraça”, por exemplo, o dito licenciado garante que os poetas são ricos: suas amadas têm olhos de esmeralda, boca de rubi, pescoço de alabastro e cheiram a âmbar. Cervantes satiriza a própria literatura, sua distância da realidade bruta do dia a dia, coisa mais clara ainda quando vitupera contra os romances pastoris. Ele está distinguindo a vida real da literatura, está invocando uma proximidade maior, mas tem uma queda pelo extraordinário, deixa-se levar em muitos momentos pelo entusiasmo, pela imaginação ou pelas convenções dos gêneros. Não é fácil negociar essa situação. Mas o homem prático que Cervantes foi – soldado, agente de abastecimento – sente que na literatura podem-se permitir certas licenças, que a literatura existe porque a vida não é suficiente, ou não é possível suportá-la 24 horas por dia.

Dom Quixote é o símbolo de nossa necessidade de fantasia e do medo que essa necessidade traz embutido, o de nos perdermos da realidade, de não podermos voltar a ela. A fúria com que Cervantes ataca o desejo de evasão me leva a pensar que ele, como todo mundo em algum momento, foi um leitor do tipo do Quixote, mas que seu senso de realidade acabou predominando e o fez desejar uma fantasia menos descabelada para poder continuar sonhando

sem remorso, ou sem medo de cair na loucura. Cervantes também sente que, se a fantasia se distancia demais da realidade, ela se esvazia. Se ela se esvazia, se não tem mais nada ou tem muito pouco de humano, ela não dá prazer nenhum. Daí seu esforço para tornar verossímeis tantos fatos extraordinários nas Novelas.

Era aqui que eu queria chegar, se é que ainda sei do que estou falando: Cervantes é impiedoso com os sonhos heroicos do seu cavaleiro, mas fraqueja diante dos sonhos de liberdade e justiça das mulheres. A força, a destreza nas armas e as mostras de valentia quase sempre trazem alguma costela quebrada como única recompensa. As belas perseguidas e aviltadas ganham voz, podem demonstrar sua dor e argumentar por sua honra. Se não alcançam a felicidade, alcançam ao menos o reconhecimento de sua inocência. Mas calma aí. Estamos falando de belas ricas ou, se pobres, de linhagem nobre. As pobres plebeias como dona Rodríguez e sua filha se dão mal. Não há exagero algum no retrato que faz delas, estamos lidando com uma realidade comum daqueles dias, e o tom satírico talvez seja um ótimo disfarce para a seriedade. Cervantes silencia muita coisa, às vezes só insinua, como se esperasse que os leitores fossem mais sagazes que os censores que aprovaram a publicação de seus livros.

### O peso do desejo masculino

Vamos por ordem, caso a caso, até chegarmos à "Novela da força do sangue", talvez a mais violenta e reveladora de todas, em que os fatos extraordinários, novelescos, não apagam a sordidez da realidade. No famoso discurso aos pastores, enaltecendo a Época de Ouro, no primeiro volume de Dom Quixote, o cavaleiro se sai com esta: "Como já disse, as donzelas e a castidade andavam por onde queriam, sós e desimpedidas, sem medo de que o atrevimento alheio e a intenção lasciva as desvirtuassem, e sua perdição nascia de seu desejo e vontade própria". Minha nossa, o cavaleiro agita uma bandeira que o feminismo levou alguns séculos para agitar, não?

Certamente os censores nem perceberam a frase, ou, se a perceberam, atribuíram-na à loucura de Quixote, sem falar que ela vem dentro de um discurso dos mais fantasiosos, um discurso que sonha com um tempo em que tudo era paz e amizade, não existia meu e teu e bastava estender a mão para as árvores para conseguir o almoço. Num mundo assim tão absurdo, como estranhar que as mulheres pudessem fazer o que bem entendessem? O diabo é que essa frase vem escorada por inúmeras histórias que a ilustram e apoiam, sem que muitos leitores as tenham relacionado. Escritor perigoso, esse Cervantes.

Uma primeira história que corrobora a opinião do cavaleiro é a da pastora Marcela. Novamente temos duas Espanhas, a Espanha em que Cervantes vivia e uma Espanha em transe, digamos, onde as pessoas se veem e tratam de viver como personagens de teatro ou de romances, neste caso de romance pastoril. Séculos depois, se o camarada tinha uma crise, fugia para os Mares do Sul ou Big Sur, Katmandu ou Trancoso. Na Espanha em transe, fugia para as montanhas e ia cuidar de ovelhas. Marcela é um brado pela independência das mulheres, talvez um panfleto descarado, mas, como também é a gozação de um gênero literário e o retrato da lubricidade masculina, mal coberta pelo merengue do amor, não o vemos assim. O absurdo da situação torna tudo até aceitável, como nos contos de fadas, em que uma cabeleira que serve de escada para uma torre de dois andares no mínimo não só é verossímil como tem uma beleza misteriosa.

Marcela, órfã criada pelo tio padre, é linda e rica. O padre, como tantos outros personagens de Cervantes, não quer impor um marido, espera que a moça faça a sua escolha. Mas ela não quer marido nenhum e se enche do assédio de mil apaixonados. Vira as costas à sociedade e vai para as montanhas, cuidar de suas ovelhas. Outras amigas acompanham-na. Se apenas isso já parece extraordinário, você não sabe de nada: os apaixonados também vão para as montanhas cuidar de ovelhas e fazer versos para Marcela e escrever seu nome pelas árvores com elogios ou vitupérios. Parecem os crentes de uma seita ou uma matilha atrás de uma cadela no cio. Aí esperamos que o amor vença, afinal somos preparados desde o

berço para acreditar que o amor sempre vence. Mas Marcela não está nem aí – Marcela é uma pessoa e não está no cio. Azar dos cachorros.

Diante da indiferença de Marcela, os homens se sentem dodóis e reagem como machos: acusam Marcela de cruel. Um deles, Grisóstomo, até se mata – tinha ciúme só de pensar que Marcela poderia se interessar por outro. Apenas porque ela existe e é bonita, deve ceder ao desejo de algum deles. Lógica perfeita, como se vê – daí que o fato de Marcela não ceder tira dos eixos o mundo de todos os pretendentes. Marcela não se sente culpada e o demonstra, argumentando de modo didático e minucioso: “Não compreendo que, pela razão de ser amado, quem é amado por belo tenha obrigação de amar quem o ama”. Para muita gente hoje talvez o discurso de Marcela pareça meio tedioso, pela obviedade, mas na época era mais do que necessário, era não só argumentar como esfregar a insânia no nariz dos insanos. Isso ter passado despercebido aos estudiosos de Cervantes por séculos dá uma boa medida do problema.

Segundo dizem a Quixote, Marcela não se nega a falar com os pastores, mas apenas como amiga – se percebe qualquer intenção amorosa, corta relações. Isso os deixa mais loucos ainda porque não aceitam a amabilidade dela, ou a boa educação, que confundem com flertes. Se não quer viver com ninguém, deve sumir, provavelmente num convento. Neste ponto, eu pergunto: como isso vai acabar? Porque é evidente que nem todos são como Grisóstomo, muitos são como dom Fernando ou Rodolfo, o sedutor violento de Doroteia e o estuprador de Leocádia. Cedo ou tarde um ou vários pastores vão usar da força. Entre os personagens de Cervantes sempre está implícita a ideia: se uma mulher não der por bem, dará por mal.

Cervantes não diz uma palavra sobre o perigo de Marcela ser estuprada, mas mostra dom Quixote preocupado, procurando a pastora pela serra para se pôr a seu serviço, pois um dos motivos de a cavalaria andante ter sido criada foi para proteger donzelas. Dom Quixote não encontra Marcela e só podemos torcer por sua boa sorte. Claro que, se dom Quixote a encontrasse, teria de ficar de

plantão até a velhice da donzela, e assim não teríamos as aventuras do cavaleiro. Ele precisa seguir em frente. Mas, mesmo tendo esse problema técnico, é de se perguntar o que Cervantes nos diz com o final aberto da história de Marcela. Se estivéssemos lidando com a realidade, não com um romance cheio de coisas extraordinárias, Marcela já teria sido estuprada por mais de um pastor e talvez morta por alguém menos depressivo que Grisóstomo. No romance, Marcela está invicta e está por sua conta e continuará por sua conta, apenas com suas amigas. Talvez dom Quixote não a encontre porque ela não precisa de um paladino – ela precisa que o mundo em que vive seja mais parecido com o da Época de Ouro descrita pelo cavaleiro, coisa que não aconteceu até hoje, como comprovamos todo dia ao ler a página policial dos jornais.

### Donzelas em perigo

Menos sorte que Marcela teve Doroteia. Um rápido resumo, só para situar: conhecemos Doroteia na serra Morena, onde foi se esconder. Ela tem pais ricos mas plebeus. Dom Fernando, filho de duque, assedia Doroteia de todos os modos, sem conseguir nada. Então suborna parentes e empregados dela e numa certa noite ei-lo em seu quarto. Promete tudo, inclusive casamento, e jura sobre imagens sacras. Ela cede, um pouco por isso e muito por não poder explicar a ninguém como ele entrou em seu quarto – a notícia será sua desonra instantânea, mesmo que não aconteça nada. Apenas a presença de dom Fernando equivale a uma extorsão. Há mais: se não ceder, ele usará a força, porque conhecemos dom Fernando pelo relato de Cardênio, amigo traído pelo nobre sem caráter, e Doroteia não tem ilusões sobre os homens. Claro que dom Fernando, depois de satisfeito, dá o fora e ainda faz de tudo para se casar com Lucinda, a amada do amigo Cardênio.

Vestida de homem, com a ajuda de um criado, Doroteia sai em busca de dom Fernando e, depois de quase ser estuprada duas vezes, se vê sozinha na serra Morena. Sai dali com o grupo de dom Quixote e encontra dom Fernando numa estalagem, onde foi parar



perseguindo Lucinda por toda a Espanha. Há uma longa discussão para demonstrar a razão de Doroteia e de Lucinda e deixar claras a fúria e a canalhice de dom Fernando, que se sente humilhado por ter sido preterido. Por fim, diante da pressão de todos, ele promete se casar com Doroteia e não se vingar de Lucinda e Cardênio. Note-se: o único a agir criminosamente tem de ser convencido a não se vingar de suas vítimas. Podemos muito bem imaginar o que será o casamento da pobre Doroteia.

Segundo a professora Galán, que pesquisou processos da época, muitos casamentos desiguais foram anulados. Provavelmente a família de dom Fernando não aceitaria o casamento dele com uma plebeia. Outra coisa: a virgindade era considerada um bem, valia mais que gado e terra. Sem ela, mulher nenhuma teria um dote. Sem ela, não teria honra – e sem honra estaria à mercê de todos os predadores. Mesmo que alegasse ter se casado sob palavra, como Doroteia, coisa considerada legal antes do Concílio de Trento,<sup>3</sup> como provar? Se o nobre negasse, a palavra dele valeria mais num tribunal. Mas, no caso de a mulher conseguir provar, o casamento poderia ser anulado simplesmente porque a Justiça foi escrita e era aplicada por outros nobres. Ainda haveria a possibilidade de ser difamada por uma horda de testemunhas compradas.

Se Doroteia teve menos sorte que Marcela, a filha de dona Rodríguez, no segundo volume de Dom Quixote, teve menos ainda: dona Rodríguez pede ajuda a dom Quixote porque a filha foi enganada por um sujeito importante com as mesmas promessas de sempre. Enfim uma donzela em perigo precisa do braço valoroso do cavaleiro. Os duques que o hospedam, para se divertir, tratam de que dom Quixote duela: se ganhar, o fulano casa com a moça, só que no lugar dele o duque põe seu lacaios Tosilos e o instrui para vencer sem matar dom Quixote. Então o deus do amor faz das suas: o lacaios se apaixona pela moça e nem quer duelar, prefere conseguir pela paz o que ganharia arriscando o pescoço. Dona Rodríguez e sua filha ficam alegres, mas, quando o lacaios tira o elmo, elas percebem a trapaça. Dom Quixote acha que essa transformação é coisa dos magos, seus inimigos. O duque, apesar de morto de raiva com a

traição do laçao, acha graça e manda prender Tosilos, para ver quanto tempo dura a magia dos magos. A filha de dona Rodríguez acha boa a ideia de se casar com o laçao: “Seja este quem for que me pede por esposa, eu agradeço a ele, pois prefiro ser a mulher legítima de um laçao a ser a inimiga e a enganada de um cavalheiro, embora aquele que me enganou não o seja”. Enfim, tudo parece ter se arrumado e dom Quixote vai embora. Aí o duque desanca Tosilos a pau, expulsa dona Rodríguez e bota a moça num convento. O educado e generoso duque – assim se apresenta para dom Quixote – é um bom exemplo de como pensam as pessoas em geral, na época, e como a elite espanhola age.

Poderia se falar muito de Lucinda, ou da esposa empurrada para a traição pela curiosidade do marido, ou da moura apaixonada pelo capitão espanhol, mas o que interessa é o mesmo: o esforço de Cervantes para demonstrar o perigo que as mulheres correm e que a inocência delas não significa nada para os homens nem para a Justiça. Mas, nas Novelas exemplares, Cervantes dá o próximo e audaz passo: o estupro. Também cria uma galeria mais variada de personagens femininas, inclusive com uma velha cigana trapaceira, uma dona de estalagem danadinha, uma espertalhona e uma bruxa. Como nem todos os homens são canalhas na obra de Cervantes, nem todas as mulheres sobem ao céu de corpo e alma como Remédios, a Bela. Mas todas, mesmo as piores, têm atenuantes, têm seus momentos de dignidade. Já dom Fernando e dom Rodolfo...

### Novas donzelas em perigo

Não se tem ideia da ordem em que foram escritas as novelas, mas é provável que algumas sejam anteriores ao primeiro volume do Quixote – ou escritas logo a seguir –, como demonstra a menção à “Novela de Rinconete e Cortadillo” na longa noite na estalagem, quando se trata de amansar dom Fernando e salvar a honra de Doroteia. É uma tentação pensar que novelas como “A ciganinha”, “O amante generoso” e “A espanhola inglesa” sejam dessa fase,

porque as donzelas vivem inúmeras aventuras e sempre driblam a tara dos homens, e nem se nota uma mudança técnica significativa. Na "Novela da força do sangue" e na "Novela da ilustre fregona" Cervantes deixa de rodeios e cutuca a fera em seu covil. Isso não prova, claro, que foram escritas muito depois, a literatura anda por atalhos, vai e volta, sabe-se. Mas junto com esse endurecimento, que percebemos também na história de dona Rodríguez e sua filha, no segundo volume do Quixote, de publicação muito próxima das Novelas, há um avanço técnico: Cervantes está mais astuto, narrativamente, joga muito mais com os silêncios. Seja como for, é interessante comparar as novelas e sentir como Cervantes cerca o drama feminino até não deixar restos. No seu ensaio, a professora Galán afirma que não existe, na época, nem na literatura nem na pintura, nada semelhante ao que vemos na "Novela da força do sangue" e na "Novela da ilustre fregona". Pelo contrário, o que existe endossa todos os preconceitos dos séculos XVI e XVII, mesmo os médicos, que asseguravam que uma mulher só ficava grávida se tivesse tido um orgasmo, o que significa ter tido prazer, o que significa a inocência do estuprador.

Antes de "A força do sangue" e de "A ilustre fregona", algumas palavras sobre a "Novela das duas donzelas", em que Cervantes, com uma leveza extraordinária, até com aparente leviandade, dá seu recado terrível. Começa como um bom filme de aventuras: o misterioso e belo rapaz que chega à estalagem e desmaia ao apagar do cavalo. Ele quer ficar só, não se incomoda em pagar mais por um quarto que é para dois. Sim, trata-se de Teodósia, mais uma donzela vestida de homem. Logo chega outro rapaz também muito bonito que, depois de uma trapaça, consegue dormir no mesmo quarto. Muitos críticos acham a situação inverossímil, porque ele, dom Rafael, é irmão de Teodósia, e não se reconhecem mesmo depois da longa conversa em que a moça conta seu casamento clandestino com Marco Antônio, que saltou da cama direto para Barcelona, com a ideia de pegar uma galera para Flandes. Tudo bem. Mas, dentro do mundo teatral em que parecem viver os personagens cervantinos, aceitamos, às vezes mais, às vezes menos resignados. De qualquer forma, o que importa aqui é outra coisa: o medo de

Teodósia de ser estuprada por dom Rafael – medo real, porque ele chegou a acalentar a ideia –, medo que só se desfaz quando se reconhecem. Não, não é isso o que importa. O que importa é a naturalidade com que ambos aceitam a ideia: porque há silêncio, porque é noite, porque estão sozinhos. A oportunidade faz o estuprador, e azar da donzela se descobrir tarde demais que é irmã. Não há outras considerações. E a única defesa de Teodósia é se matar antes.

A cena em que Teodósia reconhece o irmão, à luz da manhã, sem falarmos de suas palavras, revela plenamente o funcionamento daquele mundo:

ela reconheceu seu irmão, a quem tanto temia – à visão dele quase perdeu a dos próprios olhos, e ficou paralisada e muda, e sem cor no rosto. Mas tirando coragem do medo e prudência do perigo, levando a mão à adaga, pegou-a pela ponta e foi se ajoelhar diante de seu irmão, dizendo com voz atordoada e medrosa:

– Toma, meu senhor e querido irmão, e castiga com esta adaga o erro cometido, reparando teu desgosto, pois para tão grande culpa como a minha não fica bem que misericórdia alguma me defenda. Eu confesso meu pecado, e não quero que meu arrependimento me sirva de desculpa. Apenas te suplico que a pena seja de modo que me tire a vida, mas não a honra, pois, mesmo que eu a tenha posto em evidente perigo, ao fugir da casa de meus pais, minha reputação permanecerá se o castigo que me deres for secreto.

Dom Rafael está numa sinuca de bico: tentar fazer Marco Antônio, seu amigo do peito, se casar com a irmã ou matá-lo – e, note-se, por uma coisa que ele também poderia ter feito, ou talvez até já tenha feito, como demonstram seus impulsos lúbricos no escurinho do quarto. A coisa piora ao encontrarem a segunda donzela, Leocádia – mesmo nome da heroína de “A força do sangue” –, que também se vestiu de homem e saiu mundo afora atrás do

mesmíssimo Marco Antônio. Não teve nada com ele, fora a promessa de casamento – simultânea à promessa a Teodósia –, mas está apaixonada e acha que promessa é dívida. Dom Rafael se apaixona por Leocádia e já está se lixando para o que aconteça com a irmã, desde que consiga realizar seu desejo. Quando, enfim, encontram Marco Antônio, que ia guerrear em Flandes, o que o fujão alega? Nada. Nem pensou. Dormiu com a irmã do melhor amigo com o ardil de um casamento sob palavra e na manhã seguinte resolveu ir para a guerra. Na volta, vá se saber quantos anos depois, se sobrevivesse, veria o que fazer. Nem ocorreu a ele que podia estar matando uma pessoa por isso, nem criando uma inimizade entre as famílias – na volta encontram os pais duelando até a morte. É interessante o momento em que reconhece que se casou com Teodósia: ela e dom Rafael ficam alegres, honrados com a deferência de Marco Antônio. É isso mesmo: Marco Antônio está fazendo um favor a essa mulher. Mais: talvez se esquivasse à palavra empenhada se não pensasse que está à beira da morte.

Nesse imbróglio, sobra Leocádia, que aceita se casar com dom Rafael já que não tem saída: está desonrada porque, mesmo virgem, se mandou de casa atrás de um rapaz. Não parece muito convincente a reação de dom Rafael. Num mundo em que os homens temem mais pela honra que pela vida, dom Rafael aceitaria essa donzela voluntariosa que na certa seria motivo de fofocas em todas as aldeias da região? Cervantes alega o alibi de sempre, o amor, mas como se pode amar alguém que nem se conhece, com quem se trocou meia dúzia de palavras? Dom Rafael parece, sim, é atordoado de desejo. Vemos isso, por sinal, em Dom Quixote e nas Novelas, uma Espanha sempre em ebulição, adolescentes cometendo loucuras porque trocaram um olhar. A santa madre Igreja tem o maior trabalho para manter na linha essa gente em ponto de bala. De qualquer forma parece mais que Cervantes deu uma arrumada no enredo para que o final fosse feliz.

Outra coisa que se deve frisar: as donzelas vão à luta, ou pelo amor ou pela honra. Com Cervantes nenhuma fica em casa choramingando – e são premiadas por essa coragem. É a isso que a professora Galán chama de idealização – Cervantes parece menos

interessado em traçar um personagem de verdade que um tipo que dará seu recado, mesmo que haja uma boa dose de psicologia em cada um. Não dá para sabermos se isso acontece porque ele ainda não consegue superar os clichês dos gêneros com que lida ou se ainda está se encorajando para desmontá-los. Em várias situações, com personagens secundários em ação, Cervantes se mostra mais à vontade. Talvez seu talento fosse como o de Charles Dickens, brilhante em cenas ou episódios soltos, mas necessitando esforço no desenvolvimento. De qualquer forma, no caso das mulheres de “A força do sangue” e “A ilustre fregona”, Cervantes não dá o braço a torcer aos gêneros ou ao gosto da época, inclusive faz uso irônico deles, como logo veremos.

É interessante uma comparação entre dom Fernando e dom Rafael e Marco Antônio. Na famosa cena na estalagem, com toda a turma de dom Quixote, fala-se mais de uma vez na generosidade de dom Fernando: como ele é rico, filho de duque, paga as contas sem chiar. É até motivo de orgulho pagar as contas. Mas o resto de seu comportamento é o de um tirano com um ego maior que o território de Gog e Magog. É o macho que acha que todas as mulheres, ou pelo menos as bonitas, devem se arrastar a seus pés, e todos os homens lhe devem obediência, do contrário irão ofendê-lo. Ele parece pior ao lado de um bom caráter como Cardênio. Não há como o leitor engolir dom Fernando. Há muitos homens assim, claro, mas sentimos como se Cervantes tivesse pesado a mão: não é uma pessoa, é um vilão feito de uma peça apenas.

Já dom Rafael e Marco Antônio são simpáticos, bons sujeitos – o fato de serem irresponsáveis com as mulheres, desde que não sejam da família deles, ou estupradores que só dependem de uma ocasião, não tem nada de mais na sociedade em que vivem. As coisas são assim desde que o mundo é mundo, parecem dizer. Cervantes, ao não fazer nenhum discurso de condenação, limitando-se a mostrar, foi muito mais eficaz em termos literários. Mas, como tudo termina bem – tudo termina em casamento, a salvação da honra das duas donzelas –, nem os censores nem provavelmente a maioria dos leitores da época parecem estranhar a quantidade de vermes

fervilhando entre as linhas. Pena que não haja testemunhos de leitoras contemporâneas das Novelas.

### Uma mulher de fibra

Para a mãe de Costanza, a heroína de "A ilustre fregona", as coisas não terminam bem como terminaram para Marcela e Doroteia. Ou melhor, o final feliz é mais complexo e com alto custo em sofrimento. Grávida devido a um estupro, essa senhora reage de modo prático: defende a honra futura da filha e encaminha sua vida, ao manter o segredo da concepção, se separar da criança e deixar dinheiro e instruções aos tutores.

Ainda hoje muitas vítimas de estupros se sentem envergonhadas, como se a culpa fosse delas, imagine-se naquele tempo. Algumas até se matavam, como a famosa dama romana, Lucrecia, violada por Tarquínio, que parece ter sido o modelo de Cervantes para essa nobre sem nome. Aqui não estamos mais lidando com a coragem romanesca de donzelas vestidas de homem em busca de reparação. A coragem dessa dama é mais admirável porque não parece excepcional, mesmo que o seja. Ela faz o que tem de fazer: luta dentro dos limites que lhe restam, sem se deixar abater pela vergonha e pelo desespero. Para sua redenção, ela não precisa de uma ajuda de Cervantes no desenlace do enredo. Mais: contrariando a arte e a literatura da época, Cervantes mostra o sofrimento de uma mulher violentada. Devemos anotar mais esse ponto na tabela para o senhor Miguel de Saavedra Cervantes.

Anos depois, Costanza já com quinze anos, modelo de comportamento casto e religioso – modo talvez ingênuo de reafirmar a inocência da mãe –, ficamos sabendo da verdade. Dom Diego de Carriazo, nobre e rico, então um bom velhinho, confessa que uma vez, quando andava caçando, foi visitar uma senhora viúva tão ilustre que ele poderia ser criado dela. Chegou na hora da sesta. A casa estava em silêncio, as portas abertas. Ele entrou e foi parar no quarto da senhora:

Era formosa ao extremo, e o silêncio, a solidão, a ocasião despertaram em mim um desejo mais atrevido que honesto, e sem pensar com sensatez fechei a porta às minhas costas, e, me aproximando dela, acordei-a, e segurando-a firmemente lhe disse: “Não grite, minha senhora, pois os brados que vossa mercê der serão o anúncio de sua desonra. Ninguém me viu entrar neste aposento, pois minha sorte, para ser excelente ao vos possuir, choveu sono em todos os vossos criados, e quando eles acorrerem aos vossos gritos não poderão mais que me tirar a vida, e isso haverá de ser em vossos próprios braços, e nem com minha morte deixará vossa reputação de ficar à mercê da opinião pública”. Por fim, eu a possuí contra sua vontade e à força, pura e simplesmente. Ela, cansada, rendida e perturbada, não pôde ou não quis me dizer uma palavra, e eu, deixando-a como tonta e indecisa, saí de novo por onde entrei, e fui para a aldeia de outro amigo meu, que ficava a duas léguas da sua.

Dom Diego conta isso no mesmo tom em que contaria a caçada. Os amigos que o ouvem, entre eles um corregedor, uma das máximas autoridades da cidade, não têm nada a declarar. É a vida, dar um tiro num faisão e estuprar uma mulher estão no mesmo nível, fazem parte do sistema de diversão masculino. Dom Diego reconhece que seu desejo foi mais atrevido que honesto, mas isso são apenas palavras, não há remorso, não há culpa, deve ter feito a mesma coisa outras vezes e talvez faça de novo se a ocasião for propícia. Se você tem a força, você a usa, ponto. Se o caso fosse parar na Justiça, não aconteceria nada com dom Diego – a mulher não era virgem, portanto, não perdeu nada. Não havia uma pena específica prevista na lei para a violência envolvendo sexo, apenas para perda de virgindade ou se a vítima tivesse menos de dezesseis anos. Caso uma mulher insistisse, era capaz de ser repreendida pelo juiz e obrigada a pagar as custas do processo e mesmo uma multa para o agressor. Acabava desonrada publicamente e se tornava presa fácil de novos violadores.



Cervantes, ao mostrar o sofrimento da mãe de Costanza, nega a ideia de prazer ou consentimento na violação – lembre-se que a ideia de que era necessário o orgasmo feminino para a concepção começou a ser contestada em 1836, graças às experiências do doutor Michael Ryan. Além disso, há uma indireta cultural: o parto fácil. Segundo Christina Lee,<sup>4</sup> foi Santo Agostinho quem “provou” (aspas minhas) a pureza da Virgem Maria vinculando o nascimento sem dor de Jesus Cristo com sua concepção sem prazer: a Virgem “concebeu sem prazer e, portanto, pariu sem dor”. O fato de uma grande religião se escorar nesse mito grotesco dá uma boa medida da covardia dos homens: o medo de que as mulheres tenham prazer não é nada, o medo profundo é que tenham prazer com outros – o vizinho, o colega de trabalho, o melhor amigo. Como Costanza nasce com facilidade, Cervantes acrescenta mais um dado na conta da inocência de sua mãe. Haverá outros, como Costanza se tornar uma espécie de modelo de bom comportamento, sem esquecermos a confissão sem enfeites e sem atenuantes de dom Diego. A dama, abalada por todo o sofrimento, acaba por morrer cedo, enquanto o estuprador segue sendo um eminente membro da sociedade que não perdeu uma noite de sono. Esse contraste pode não afetar os dons Fernandos da vida, mas vemos a reação de gente mais sensível como o casal dono da estalagem onde decorre grande parte da ação. Cervantes não estava sozinho na sua briga.

### Uma menina de fibra

Mas literariamente Cervantes estava sozinho, sim, como se disse. Mais sozinho ainda na “Novela da força do sangue” – novela curta, concentrada, em que Cervantes arrocha todos os parafusos. Leocádia tem dezesseis anos, é raptada e violada por Rodolfo, no próprio quarto dele. Quando ela volta do desmaio e descobre o que aconteceu, quer que ele a mate, único modo de escapar com honra. Ele quer estuprá-la de novo, mas ela luta, ele desiste, acaba largando-a na rua. Naturalmente, ela engravidou. Em casa, os pais

apoiam Leocádia: a culpa é do estuprador, não dela. Nobres, mas sem dinheiro, não tentam nem descobrir quem é Rodolfo.

As palavras do pai são reveladoras:

E não esqueças, minha filha, que trinta gramas de desonra pública machucam mais que uma arroba de infâmia secreta. E se puderes viver honrada com Deus em público, não te aflijas por estar desonrada contigo mesma em segredo. A verdadeira desonra está no pecado, e a verdadeira honra na virtude [...] considera-te então honrada, que eu assim te considerarei, sem que jamais te olhe a não ser como verdadeiro pai.

Essas palavras, que parecem coincidir com a opinião de Cervantes, estão na contramão da concepção dominante da época. Mas não servem de grande consolo para Leocádia, que tem medo de sair na rua, que tem medo de que a olhem, pois tem certeza de que sua tragédia está estampada em seu rosto.

Vamos ver como Cervantes arrochou os parafusos. Todas as ameaças de estupros em outros textos, ou o estupro da mãe de Costanza, ocorrem porque a situação é oportuna: a solidão da serra Morena, a madrugada num quarto de estalagem, a casa sem vigia durante a sesta. No caso de Leocádia, não. Leocádia é arrancada do meio da família, em plena rua, por um grupo armado. Isso acontece porque Rodolfo se engraçou por Leocádia, coisa de alguns segundos, no máximo minutos. Primeiro ponto da inocência da donzela: ela não o provocou de modo algum. Nem olhou para o sujeito.

Doroteia cede a dom Fernando por medo das consequências e a mãe de Costanza, pelas ameaças de dom Diego de Carriazo. Isso, na lógica dos estupradores, pode ser interpretado como consentimento, se não declarado, ao menos inconsciente – no fundo, fora minha mãe e minha irmã, são todas umas putas mesmo, só fazem uma ceninha pra não pegar mal. Mas Leocádia está desmaiada. Não há como alegar consentimento nenhum. Ao voltar do desmaio, diante da tentativa de nova violação, Leocádia reage:

– Faz de conta, traidor desalmado, quem quer que sejas, que os despojos que levaste de mim são os que pudeste tomar de um tronco ou de uma coluna sem sentido, cuja vitória e triunfo devem redundar em tua infâmia e menosprezo. Mas o que pretendes agora não irás alcançar a não ser com minha morte. Desmaiada me pisoteaste e me violentaste, mas, agora que tenho alento, antes poderás me matar que vencer, pois se agora, desperta, sem resistência aceitasse tua vontade abominável, poderias imaginar que meu desmaio foi fingido quando te atreveste a me arruinar.

Segundo ponto na inocência dela.

Mas Leocádia engravidou, coisa que, segundo Santo Agostinho e a Justiça da época, prova que teve prazer – o que abençoa o estuprador. Desmaiada, Leocádia não sentiu nada. Acordada, luta com o agressor, prefere morrer. Mesmo Rodolfo tem de engolir o terceiro ponto da inocência dela.

Como demonstrou a professora Galán em seu ensaio, Rubens, ao retratar a violação de Lucrecia por Tarquínio, pinta uma Lucrecia nua, linda, sedutora, nada apavorada. A arte da época parece se valer de temas históricos, bíblicos e míticos para excitar seus consumidores, para mostrar belos corpos nus e pôr em dúvida a inocência das agredidas. Talvez seja uma celebração dos mais fortes. Vemos essa mesma estratégia hoje em muitos filmes, contos e romances, ou será mera coincidência que neles mulheres estupradas acabem tendo o maior prazer? Não quero dizer que muitas mulheres não tenham fantasias desse tipo. Há pesquisas demonstrando que sim, mas essas mesmas pesquisas demonstram que as mulheres fazem uma distinção nítida entre fantasia e realidade, e que essas fantasias nascem por temor, não por desejarem as mulheres ser submetidas e aviltadas.

Cervantes, ao contrário de Rubens, só mostra a violência, e não para aí: mostra o sofrimento de Leocádia e todo o arranjo da família para evitar o linchamento moral. Sim, já vimos isso na “Novela da ilustre fregona”, só que na “Novela da força do sangue” tudo está

concentrado, em primeiro plano, não como um passado meio fantasmagórico assombrando um presente cheio de outras histórias. Apenas isso não seria pouco, mas Cervantes vai adiante: o reencontro da vítima com o estuprador.

Na “Ilustre fregona”, vemos a desfaçatez de dom Diego ao narrar seu crime. Na “Força do sangue”, vemos a mãe do estuprador sofrendo com a vítima, mas, mais uma vez, Cervantes está nas entrelinhas: a preocupação da velha senhora é com a honra de Leocádia; quer fazer Rodolfo se casar com a moça. Leocádia e sua família têm de ficar felizes com isso. A violência sofrida não entra na conta. Nunca entra, na verdade, nem na Justiça da época. Assim a salvação da honra parece a pior punição: a mulher entregue ao estuprador com a bênção de todos, mais a do padre que a casa. Como diz belamente a professora Galán, “o triunfo máximo para uma moça sem futuro é repetir o resto de sua vida o ritual da longa noite de sua desgraça”. Por falar em punição, a do estuprador é nenhuma. Não sofre nem um puxão de orelha da mãe e nem sabemos a opinião do pai.

A verdade é que a mãe conhece muito bem o filho que tem. Assim, para evitar que ele rejeite o casamento com Leocádia, finge que ele deve se casar com uma rica feia. Sob essa ameaça, ao ver Leocádia durante o jantar, fica todo animadinho. Mais: ao saber que naquela mesma hora pode ir para o quarto com ela, não pensa mais – é tudo o que importa: “E, embora a noite voasse com suas asas ligeiras e negras, parecia a Rodolfo que andava não com asas mas com muletas: tamanho era o desejo de se ver a sós com sua querida esposa”.

Cervantes sai de fininho no fim, anunciando a felicidade do casal: “E vivem agora, esses dois felizes esposos que por muitos e felizes anos desfrutaram de si mesmos, de seus filhos e de seus netos, tudo pela graça do céu e pela força do sangue”. Os censores agradecem, penhorados, ou os leitores em geral, que veem novamente o mundo nos eixos. Mas uma pergunta fica sem resposta, me parece: por que a novela se chama “A força do sangue”? Que força é essa, que sangue é esse? Cervantes diz que a força está no reconhecimento do neto pelo avô, pai de Rodolfo, quando vê o sangue derramado no

acidente que o menino sofre. Cena singela, cheia de sentimentalismo, mas que não apaga o fato de que esse sangue é herança da violência, sangue que será passado adiante, quem sabe em circunstâncias parecidas.

Não devemos ainda esquecer que tudo aconteceu “pela graça do céu”. Em muitos pontos, tanto no Dom Quixote como nas Novelas, Cervantes reafirma a crença de que tudo está bem, nas mãos de Deus, embora predominem a violência, a corrupção e o absurdo. Hoje seria fácil atribuir esse discurso carola apenas a uma estratégia de sobrevivência, porque atrás dos censores, sustentando-os, estava toda a máquina da Inquisição, que precisa mostrar serviço como todas as organizações que desejam se manter no poder. Mas é possível que Cervantes realmente acreditasse no bom Deus. É possível que precisasse reafirmar suas opiniões religiosas de tanto em tanto, ao se sentir ameaçado pelas próprias histórias que narrava, pois, nota-se, elas nasciam do que via ao redor. Percebe-se melhor essa luta íntima na argumentação minuciosa dos personagens, argumentação que segue a lógica de um modo até irritante, quase escolar.

Noto isso porque, se tudo se deve à graça do céu, mesmo que a tese do livre-arbítrio abra um espaço considerável para se jogar a culpa nas criaturas de Deus, entende-se menos ainda o fenômeno Cervantes. Para um Cervantes crente as mulheres deviam ser não apenas formas de vida inferiores como ameaçadoras, formas de vida de que dependia a honra de todos, mas da qual não eram donas, como observa com precisão a professora Galán. Por que Cervantes não reagiu como Rubens ou Pedro Calderón de la Barca? É impressionante que Cervantes, apesar de todos os preconceitos de seu povo e sua época – que não viam o gigante Briareu num moinho, mas viam um demônio asqueroso numa linda donzela –, conseguiu perceber a realidade com lucidez, ou mais, perceber a realidade também através dos olhos das mulheres. Um escritor de verdade, o senhor Miguel de Saavedra Cervantes, já que a empatia não é o menor talento exigido pela literatura.

Ernani Ssó

[autor de obras infantojuvenis e adultas, além de tradutor literário da língua espanhola.]

---

1 Mercedes Alcalá Galán. "Ideología y violencia sexual: el cuerpo femenino subyugado según Rubens y Cervantes". e Humanista/Cervantes, v. 1, 2012.

2 Todas as citações de Dom Quixote são da edição da Penguin-Companhia, de 2012.

3 Até o Concílio de Trento (realizado de 1545 a 1563, com muitas interrupções), uma mera promessa de casamento, enquanto os namorados se davam as mãos, era considerada tão válida como o juramento feito durante uma cerimônia religiosa.

4 Christina H. Lee. La Señora Peregrina as Mediatrix in "La ilustre fregona". Ver <<http://www.h-net.org/~cervantes/csa/artics05/lee.pdf>>.

## AS CARTAS DE FREUD E “O COLÓQUIO DOS CACHORROS”

Cervantes não leu a obra de Freud; porém Freud leu a obra de Cervantes. Em uma de suas cartas a Martha Bernays – que anos depois seria sua esposa – recomenda-lhe enfaticamente a leitura de Dom Quixote, um texto que, segundo ele, convida ao riso.<sup>1</sup> Também em uma de suas cartas a seu velho amigo Eduard Silberstein, de 30 de janeiro de 1875, anuncia: “Envio-te em anexo [sic] o Dom Quixote, o conhecido exemplar que usei para ler, que por isso me é especialmente valioso e o qual espero que venhas a recepcionar de uma forma diferente do que se fosse um livro novo, comprado como um apático óbulo”.<sup>2</sup>

Grande leitor de obras literárias clássicas e modernas, Freud aprendeu a língua castelhana lendo as Novelas exemplares, mais precisamente a “Novela e diálogo que houve entre Cipião e Berganza” (conhecida também como “O colóquio dos cachorros”). Como diz um de seus biógrafos, Ernest Jones, ninguém de sua família sabia ao certo como ele teria chegado a conhecer a língua, enigma que será desvendado em uma de suas cartas a Marta, em fevereiro de 1884, ao mencionar que ele e Silberstein tiveram contato com o idioma lendo textos cervantinos e, a partir daí, criaram a Academia Espanhola, da qual participaram somente eles dois.<sup>3</sup> Anos depois, já em pleno século XX, Freud comentaria com o tradutor de sua obra para o espanhol, Luís López Ballesteros, que teria aprendido o idioma para ler Cervantes.<sup>4</sup> A leitura da obra cervantina impressionou tanto os dois amigos a ponto de eles acabarem dramatizando em suas correspondências um “colóquio canino”, no qual Silberstein assume o papel de Berganza, e Freud, o

de Cipião. A língua utilizada nas cartas será sempre o espanhol. Respeitando as imperfeições ortográficas e gramaticais, temos a seguir três cartas de Freud que fazem parte desse repertório: um fragmento da carta na qual se estabelece a “Academia”, um fragmento de uma carta quando de uma viagem à Inglaterra e, por último, uma breve mensagem agendando um encontro com seu amigo, em meio a mazelas odontológicas:

Viena, 07 de março de 1875.<sup>5</sup>

[...] “Parte oficial”: Cosas de la Academia Española ó Castellana.

Como mas de cinco veces Don Berganza, miembro único de la A. E. con escepcion de D. Cipion, que eso escribe, á dicho D. Cipion se ha quejado de la pérdida de sus noticias llamadas “perlas ó margueritas”, se le responde del lado de D. Cipion, que esas “perlas” ni se han hallado hasta ahora á despecho de mucho buscar ni merecen, según D. Cipion cree, ser buscadas, ni quejadas, por su poco valor y escaso ingenio, que tienen [...].

Otro punto es, que propone D. Cipion la introducción de siguientes terminos en el estilo oficial de la A. E., cuales términos no son nuevos, pero viejos y bien conocidos y merecen ser sacados en limpio para el uso de los miembros de la A. E. Llamanse los miemb. d. I. A. E. “perros”, que es su mayor título, que tienen ni tendrán, llamese “Sevilla” el mundo, en que están y el hospital de Sevilla el pais en que viven, es decir, la Alemania. [...] que viva mil y doscientos años.

y sea dos mil años mantenido  
como desea Su D. Cipion<sup>6</sup>

[...] “Parte oficial”: Coisas da Academia Espanhola ou Castelhana.

Como mais de cinco vezes dom Berganza, único membro da A. E. com exceção de dom Cipião, que isto escreve, disse dom Cipião que se queixou da perda de suas anotações chamadas



'pérolas ou margueritas [margaritas]', responde-lhe dom Cipião que essas pérolas nem foram encontradas até agora apesar de muito as procurar nem merecem, segundo acredita dom Cipião, serem buscadas, nem reclamadas, pelo seu pouco valor e escasso engenho que têm. [...]

Outro ponto é que propõe dom Cipião a introdução dos seguintes termos no estilo oficial da A. E., termos que não são novos, mas velhos e bem conhecidos e merecem ser passados a limpo para o uso dos membros da A. E. Chamam-se os membros da A. E. 'cães', o maior título que têm e terão, chama-se 'Sevilha' o mundo em que estão e o hospital de Sevilha o país onde vivem, ou seja, a Alemanha. [...] que viva 1200 anos.

E seja 2 mil anos mantido como  
deseja Seu dom Cipião<sup>7</sup>

12, Greenstreet, Ardwick  
Manchester, 3 de Agosto de 1875

Querido Berganza!

Si tu no fueras el celebrado Don Berganza y yo no fuera D. Cipion, ambos los unicos miembros de la A. E., qué pudieras presumir acerca de mí, quien habiendote despojado de una parte de tus dineros asi te escribió, como si le hubiesen engullido las olas de la mar germanica? Però no se ha acontecido así, sino estoy bien sobre esa isla benedita, que llaman Inglaterra y no te escribí, porque el hablar, el pasarme, el comer el beber no me han dejado el tiempo. Vivo en casa de mi hermano mayor en compañía de sus niños, mis sobrinos y hermosas sobrinas, voy á ver á veces á mi hermano menor, que tres años ha se ha llevado una mujer, muy cuerda y amable, miro las calles, los lugares de placer, los edificios y la gente de esa ciudad, que con tener seiscientos miles de habitantes es mas larga de Viena y puede ser divisa en 15 Leipzigs. [...] En fin sabes que el Castellano que

aquí escribo, no es mas que la ruina de un edificio, que ambos en dias pasados hemos edificado.

Vale y Escribas inmediatamente  
á tu Cipion  
Perro en la isla de Ingl.<sup>8</sup>

“Querido Berganza!

Se não fosses o celebrado dom Berganza e eu não fosse dom Cipião, ambos os únicos membros da A. E., o que poderias pensar a meu respeito, que tendo te despojado de uma parte do teu dinheiro nem sequer te escreveu, como se tivesse sido engolido pelas ondas do mar gemânico? Mas as coisas não aconteceram assim e estou bem sobre esta abençoada ilha que chamam Inglaterra e não te escrevi porque o falar, o passear, o comer e o beber não me deram tempo. Estou morando na casa de meu irmão mais velho em companhia de seus filhos, meus sobrinhos e lindas sobrinhas, vou visitar às vezes meu irmão menor que há três anos levou para sua casa uma mulher muito sensata e amável, olho as ruas, os locais de lazer, os edifícios e as pessoas dessa cidade, que somando 600 mil habitantes é maior do que Viena e pode ser dividida em quinze Leipzig. [...] Enfim, sabes que o castelhano do qual me sirvo para te escrever nada mais é do que as ruínas de um edifício que ambos em dias passados edificamos.

‘Vale’ e escreve imediatamente  
ao teu Cipião,  
cão na ilha de Inglaterra”<sup>9</sup>

Viena 3º octubre 1880

iQuerido Berganza!

Han se me quebrado dos de los mas valientes dientes de mi boca, que mucho dinero me costará el repararlos y es esa una de las razones porqué ayer no vino á su rendezvous en el café, siendo muy estrecho en dineros. Además he hecho voto de no jugar taroco antes de ser doctor por el mucho tiempo y también dinero, que se me gasta. Mañana empiezan dos de mis cursos y estaré las tardes en casa mia que le espero cuando mas le gusta por la tarde, Martes el 5 escepto que no he podido evitar hallarme con Paneth ese dia.

Te saludo y soy tu fiel  
Cipion p. e. h. d. S.  
m. d. l. A. E. y. o. s.<sup>10</sup>

“Querido Berganza!

Quebraram-se dois dos mais valentes dentes de minha boca, que muito dinheiro me custará repará-los e é essa uma das razões por que ontem não fui ao teu rendez-vous no café, estando muito curto de dinheiro. Além do mais, fiz voto de não jogar tarô antes de ser doutor devido ao tempo e também dinheiro que gasto com isso. Amanhã começam dois dos meus cursos e estarei à tarde na minha casa estudando e fumando o cachimbo que comprei. De maneira que te espero quando quiseres vir na parte da tarde, terça-feira, 5, pois não pude evitar estar com Paneth nesse dia.

Cumprimento-te e sou teu fiel  
Cipião p. e. h. d. S.  
m. d. l. A. E. y. o. s.<sup>11</sup>

Maria Augusta da Costa Vieira

---

- 1 Ver Peter Gay, *Freud: uma vida para nosso tempo*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 57-58.
- 2 Walter Boehlich (org.), *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)*. Trad. Flávio Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 107.
- 3 Edward C. Riley, "Cervantes, Freud y la teoria narrativa psicoanalítica", in *La rara invención*. Trad. Mari Carmen Llerena. Barcelona: Crítica, 2001, p. 255, n. 2.
- 4 Id., *ibid.*
- 5 Data e outros trechos da carta estão em alemão, no original.
- 6 Walter Boehlich (org.), *op. cit.*, pp. 117-18. Freud confunde Sevilha com Valladolid, local onde se desenvolve o colóquio entre os dois cães, às portas do Hospital da Ressurreição.
- 7 Tradução nossa.
- 8 Id., *ibid.*, pp. 143-44.
- 9 Tradução nossa.
- 10 Id., *ibid.*, p. 208.
- 11 Tradução nossa.

## ENTRE O MAPA E A PAISAGEM: SOBRE A TRADUÇÃO DAS NOVELAS EXEMPLARES

Quando a Cosac Naify, por intermédio da editora Marta Garcia, me propôs a tradução das Novelas exemplares, eu disse sim na hora, sem pensar. Ter quebrado muitas lanças contra magos traiçoeiros e gigantes descomunais, há alguns anos, em batalha singular com Dom Quixote, na certa me dava a sensação de estar em vantagem dessa vez. Mas as primeiras páginas da primeira novela me levaram a um território de pura neblina, onde tudo parecia passado ao retardador, como os portugueses chamam a câmara lenta: eu tinha de aprender a língua de novo, todo dia, mais de uma vez por dia. Isso me deixou mais ressentido que confuso: ei, Cervantes, como vossa mercê me apronta essa depois de tudo o que passamos juntos? Precisei no mínimo de uma semana para que os vultos na neblina retomassem formas reconhecíveis, e pessoas, cavalos e mulas perdessem o torpor e minha experiência começasse a valer um maravedi furado. Voltar quatrocentos anos no tempo tem dessas coisas.

Não quero fazer pose, ou só quero um pouquinho, porque a vantagem da experiência é como a de ter um mapa – e sabemos que olhar uma grande mancha verde num papel não é bem o mesmo que andar numa floresta, ou, como diria Sancho Pança, Deus pode estar em toda parte, mas o Diabo está nos detalhes. Conhecer os ardis dos magos e a brutalidade dos gigantes é ótimo, sim, só que não há um modo único de enfrentá-los, os mesmos golpes exigem respostas diferentes dependendo do contexto, e a paciência quase sempre é mais eficaz que a astúcia. Deixar a preguiça de lado na hora de pesquisar também ajuda.

A primeira anotação à margem do mapa: alguém me perguntou se é mais tranquilizador ou intimidador trabalhar com um autor tão importante e traduzido. Acho que a resposta certa é intimidador, mas a verdade é que não me intimidei em momento algum – me senti foi desafiado, isso sim. Traduzir, como escrever, é um jogo, um grande jogo, um jogo muito divertido. Quanto mais complexo, mais divertido, mesmo quando a gente tem vontade de esganar o autor por certas frases. Outra coisa é que Cervantes não é nada solene – ao contrário, é um tremendo gozador. Daí que me senti muito à vontade. Sabe como é, eu poderia ter ido com ele a uma taberna tomar uns tragos para falar mal de Lope de Vega.

Outra anotação no mapa, agora avançando um pouco em direção ao território a ser desbravado, com outra pergunta que me fizeram: como proceder com as características de um texto escrito no início do século XVII para não o simplificar demais? Acho que a pergunta saiu de mau jeito, pois nunca me propus simplificar Cervantes nem de leve. Ou não foi mau jeito, não, mas um modo de me perguntar com delicadeza até onde a traição pode ir sem causar remorsos. Se a traição é inevitável, como dizem, é bom que seja consciente e dentro de limites em que possa ser justificada, coisa que até os traidores mais descarados alegam.

Penso que a fidelidade ao texto original periga menos em relação ao sentido direto, ao sentido informativo, digamos, que ao sentido que vem embutido na linguagem, no ritmo, na atmosfera, na sonoridade, enfim, justamente nessas coisinhas que fazem a literatura. Então, é muito menos o que Cervantes disse e muito mais como Cervantes disse. É preciso achar em português o ponto mais próximo desse como disse, pois é evidente que um tradutor não pode ser um burocrata: ser literal, em muitos momentos, é a pior estratégia, o modo mais fácil de empastelar o texto, já que as línguas não dançam no mesmo compasso e as palavras são alvos móveis.

Como se vê, me perdi das indicações no mapa e estou andando a esmo pelos campos e matas. Tudo bem, vamos seguir assim mais um pouco e examinar essas trilhas de perto: como manter presentes os quatrocentos anos das Novelas e como não deixar que esses

quatrocentos anos as levem para o fundo do poço? Ou, dito de modo direto, como não estragar o ar antigo das Novelas, mas ser legível? Porque hoje Cervantes é um autor difícil inclusive para os espanhóis, já que a linguagem mudou muito – palavras perderam o sentido, ganharam outros, tornaram-se pomposas ou ridículas ou caíram no limbo, quer dizer, vivem apenas nos dicionários e na cabeça dos especialistas. Claro que o texto das Novelas continuaria legível mesmo que eu traduzisse para um português arcaico – desde que o leitor se resignasse a pesquisas parecidas com as que fiz ou eu apelasse para as notas de rodapé sem constrangimento algum.

Como na aventura anterior, com o velho fidalgo da Mancha, decidi não usar nenhuma palavra que houvesse entrado para o português escrito depois de 1900 – por mais que as datações sejam duvidosas –, mas também não usar palavras antigas que soassem modernas ou tivessem adquirido novos sentidos de compreensão mais imediata, como “esperto”, que usamos desde o século XIII com o sentido de “atento” ou “inteligente”, e hoje é entendida quase só como sinônimo de “estelionatário”, coisa que difamaria tantos cavaleiros e donzelas de Cervantes. A maioria absoluta das palavras que usei é da mesma época das Novelas – a diferença está em que continuam em forma até hoje, como “esconder”, por exemplo, vários séculos mais velha que “acaçapar”, que além de incompreensível para muita gente pode levar a (não) pensar em sinuca. É bom que se diga ainda que o vocabulário de Cervantes não estava fora do alcance dos leitores da época, tanto que a maior parte dos seus leitores era de pajens, que não eram propriamente pessoas cultas.

Outro ponto anotado no mapa: além da linguagem, os quatrocentos anos transparecem nas frases longas e de construção um tanto intrincada, principalmente quando os personagens querem impressionar uns aos outros. Pode ser uma tentação transformar Cervantes num projeto de Hemingway, como vi numa tradução antiga, mas preferi apostar na adequação da construção e pontuação ao ritmo do português do Brasil. Surpresa: como Cervantes parece fácil, leve e desenvolto nos momentos em que a gente acerta a mão. Rezo para que esses momentos tenham sido muitos, porque, se Cervantes é fluente, tem seu suingue e sua

atmosfera, tem de ser assim em português, ou vamos ficar apenas com o conteúdo. Só conteúdo pode dar um bom ofício ou relatório, como disse o comendador Acácio num chá na academia. Se o leitor se contenta com o conteúdo, pode se poupar e ler sobre Cervantes.

Uma última marcação no mapa, bem no meio da mancha verde, na parte mais escura, onde se podem ver bonequinhos de lobos e salteadores: poesia e humor. Se se olhar a mancha verde com uma lupa, é bem provável que se vejam bonequinhos de tradutores enforcados à beira das picadas ou amarrados em troncos de azinheiras ou carvalhos, não menos cheios de flechas que São Sebastião. Com o medo de um personagem de um mau conto de terror, não usarei a lupa, porque é fatal: vou descobrir que sou um desses bonequinhos.

Os poemas, alguns sérios, outros nem tanto ou francamente de gozação, não são muitos, para sorte de todos nós. Os sérios são mais intrincados, com uma referência à mitologia grega em cada verso, quando não duas – impossível escapar a múltiplas notas de rodapé. Mais uma vez confesso minha impotência diante da poesia: traduzi apenas para informar, me arriscando somente quando Cervantes brinca. Aí fui atrás de rimas, com a liberdade possível, para não estropiar de vez o ritmo, mas, por favor, não me falem de métrica. De qualquer forma, por uma questão de respeito ao velho fidalgo, recomendo aos leitores mais impressionáveis que pulem meus crimes e leiam os versos originais transcritos no fim do livro.

A segunda marcação na mancha verde do mapa: humor. Talvez o humor seja um assunto um pouco menos espinhoso que a poesia, só que a mudança de língua, de cultura e de época costuma lhe fazer um mal danado. Se o humor não está no tom e em cenas, mas em jogos de palavras, referências culturais e costumes, periga evaporar sem deixar o menor rastro.

Em Dom Quixote, fora as histórias do curioso impertinente, do capitão cativo e de umas donzelas em perigo – em geral são caça sexual de nobres –, em que predominam o drama e a seriedade, o tom é de sátira, paródia, farsa. Nas Novelas, temos de tudo, drama e comédia, aventura em terra e aventura no mar, amores e estupros, ação e reflexão, mas Cervantes pode ser reconhecido em qualquer



página – e o tradutor tem de pensar linha a linha, antes de olhar o todo.

Há uma visão irônica mesmo nas novelas com personagens e situações mais idealizadas, mas humor, humor mesmo, encontramos em “Rinconete e Cortadillo”, “Licenciado Vidraça”, “Ciumento de Estremadura”, “Colóquio dos cachorros” e um pouco na “Ilustre fregona”. Enfim, cinco novelas em doze não parece muito, quando a dor de cabeça não é nossa.

Sabe-se, o humor é um negócio muito complicado – depende de síntese e agilidade, mas, antes de mais nada, de um modo específico de dizer as coisas. Veja uma frase de Nelson Rodrigues: “Nem toda mulher gosta de apanhar, só as normais”. Não interessa que esteja dizendo uma idiotice, tecnicamente é perfeita. Não tem a mesma eficácia de forma direta: “Só as mulheres normais gostam de apanhar”. Para complicar mais a coisa, Cervantes tem jogos de palavras e piadas que dependem do contexto cultural da época. Então, se o tradutor não tiver muita paciência para buscar a forma certa, se não for suficientemente feliz ao recriar certas tiradas – recriar na mesma atmosfera do original, senão o leitor vai perceber aquilo como interferência –, vai acabar tendo de explicar piada em nota de rodapé, coisa que parece outra piada.

Uma tragédia, se o texto não tiver muitas firulas de linguagem, vai oferecer a dificuldade de qualquer tradução. O único perigo é que termos solenes ou neutros no original soem ridículos na língua da tradução, o que acontece seguidamente com textos antigos. Os trechos trágicos ou simplesmente dramáticos das Novelas foram bem mais fáceis do que os cômicos, porque grande parte das piadas, como disse, são jogos de palavras intraduzíveis ou dependem de referências culturais óbvias na época. Como ilustração, dou dois exemplos da “Novela do licenciado Vidraça”, em que estive em queda livre várias vezes. Dou primeiro, em vez do texto original, uma tradução literal, para que assim também apareça o problema de pôr a frase nos eixos em português:

Outro lhe perguntou que remédio teria para sair com uma comissão que havia dois anos que pretendia. E disse-lhe:

– Parte a cavalo e à mira de quem a leva, e acompanha-lhe até sair da cidade, e assim sairás com ela.

Todas as edições comentadas têm uma nota explicando o duplo sentido da frase: sair da cidade e sair com (conseguir) o cargo. Talvez houvesse graça no tempo de Cervantes, mas em português não é nada, nem faz o menor sentido. Como os cargos em comissão são temporários, me saí com esta:

Outro lhe perguntou o que poderia fazer para conseguir um cargo temporário que fazia dois anos que desejava, e ele disse:

– Há dois anos buscas um cargo temporário? Melhor buscar um permanente.

Mais adiante alguém conta ao licenciado Vidraça:

– Vidraça, esta noite morreu no cárcere um banco que estava condenado a enforcar.

Ao qual respondeu:

– Ele fez bem em dar-se pressa de morrer antes que o verdugo se sentasse sobre ele.

Banco, no caso, é o cambista que toma o nome do banco em que fica sentado para dar e receber o dinheiro. Mais uma vez fui obrigado a reinventar a piada, espero que com um mínimo de sorte:

– Vidraça, esta noite morreu na prisão um banqueiro que estava condenado à forca.

Ao que ele respondeu:

– Nesse caso a pressa não foi inimiga da perfeição.

Para encerrar, uma última reflexão: tradução é o trabalho ideal para um preso, que foi como me senti, nos oito meses em que estive mano a mano com Cervantes. Veja, o camarada não tem aonde ir, nem o que fazer, daí pode ficar brincando com as palavras, olhando-as pelo avesso e de trás pra frente. Pode consultar sem pressa nenhuma todos os dicionários e navegar por horas em busca dos termos certos para tecidos e roupas, por exemplo, sempre os mais complicados. Pode olhar pela janela e tomar água entre uma página e outra, ou mesmo dormir uma soneca. Pode voltar atrás dez ou vinte vezes ou deixar uma marcação no ponto nevrálgico à espera de inspiração, porque, sabe-se, uma tradução não é uma luta que a gente ganha por nocaute, mas por pontos. Daí a necessidade de não desperdiçar nenhum pontinho.

///

Esta tradução seguiu a edição das Novelas ejemplares da Editorial Crítica, coleção Biblioteca Clásica, de 2001, a cargo de Jorge García López. Consultaram-se também as edições de Juan Bautista Avalle-Arce, de 1987, para a Editorial Castalia, e a de Harry Sieber, de 2005, para Editorial Cátedra. Há diferenças nessas edições, como erros de revisão da edição original que foram mantidos ou corrigidos, ou erros novos que às vezes confundem o sentido de alguma frase. Há ainda diferenças na pontuação; como se sabe, a falta ou não de uma vírgula ou ponto, ou sua mudança de lugar no texto, pode deixar tudo mais claro ou mais obscuro. Para encerrar, os editores nem sempre concordam sobre o significado de expressões ou termos antigos, ou trazem detalhes mais ou menos esclarecedores.

Poucas notas são minhas e são facilmente identificáveis porque dizem respeito à tradução. As demais provêm da edição de Jorge García López, quase sempre mais minucioso. Mas às vezes foram completadas com dados da edição de Juan Bautista Avalle-Arce ou de minhas próprias pesquisas. Para não atrapalhar a fluência da leitura, o número de notas foi reduzido ao mínimo possível.

Não foram incluídos aqueles textos burocráticos, talvez de interesse exclusivo de pesquisadores, que tradicionalmente acompanham as edições comentadas, como o ofício do escrivão garantindo o pagamento das taxas necessárias, o aval dos censores ou a licença do rei para publicação. Manteve-se a dedicatória porque, ao contrário da do Quixote, não há dúvidas de que seja de Cervantes e inclusive esclarece um pouco suas relações com o conde de Lemos.

Um último ponto: sabe-se que muitas vezes Cervantes trata a mesma pessoa por tu, vossa mercê ou vós. Em alguns casos, o tratamento varia devido ao nível social das pessoas envolvidas, mas em outras varia com o mesmo falante, no mesmo parágrafo, o que dificilmente é justificável. Mas os tratamentos foram mantidos como no original.

Esta tradução teria sido muito mais árdua sem a ajuda de muitas pessoas. Marta Garcia e Heloisa Jahn, obrigado pela confiança. Oscar Pujol Riembau, diretor do Instituto Cervantes de Porto Alegre e do Rio de Janeiro, obrigado pelas dicas e pela amizade. Iara Breda Azeredo, bibliotecária do Instituto Cervantes de Porto Alegre, obrigado por emprestar os livros necessários sem prazo de devolução. Professora Estefanía Bernabé, também do Instituto Cervantes de Porto Alegre, obrigado por me tirar de várias dúvidas. Mário Goulart e Sérgio Fantini, obrigado pela leitura dos textos sobre a tradução e sobre as mulheres no mundo de Cervantes. Silvia Massimini Felix, companheira de labuta, obrigado pela leitura atenta da tradução e pelas inúmeras e inteligentes sugestões.

Ernani Ssó

## POEMAS NO ORIGINAL

### A CIGANINHA

[p. 42]

Árbol preciosísimo  
que tardó en dar fruto  
años que pudieron  
cubrirle de luto,

y hacer los deseos  
del consorte puros,  
contra su esperanza  
no muy bien seguros;

de cuyo tardarse  
nació aquel disgusto  
que lanzó del templo  
al varón más justo;

santa tierra estéril,  
que al cabo produjo  
toda la abundancia  
que sustenta el mundo;

casa de moneda,  
do se forjó el cuño  
que dio a Dios la forma  
que como hombre tuvo;

madre de una hija  
en quien quiso y pudo

mostrar Dios grandezas  
sobre humano curso.

Por vos y por ella  
sois, Ana, el refugio  
do van por remedio  
nuestros infortunios.

En cierta manera,  
tenéis, no lo dudo,  
sobre el Nieto, imperio  
piadoso y justo.

A ser comunera  
del alcázar sumo,  
fueran mil parientes  
con vos de consuno.

¡Qué hija, y qué nieto,  
y qué yerno! Al punto,  
a ser causa justa,  
cantárades triunfos.

Pero vos, humilde,  
fuistes el estudio  
donde vuestra Hija  
hizo humildes cursos;

y agora a su lado,  
a Dios el más junto,  
gozáis de la alteza  
que apenas barrunto.

[p. 44]

Salió a misa de parida  
la mayor reina de Europa,  
en el valor y en el nombre  
rica y admirable joya.

Como los ojos se lleva,  
se lleva las almas todas

de cuantos miran y admiran  
su devoción y su pompa.

Y, para mostrar que es parte  
del cielo en la tierra toda,  
a un lado lleva el sol de Austria,  
al otro, la tierna Aurora.

A sus espaldas le sigue  
un Lucero que a deshora  
salió, la noche del día  
que el cielo y la tierra lloran.

Y si en el cielo hay estrellas  
que lucientes carros forman,  
en otros carros su cielo  
vivas estrellas adornan.

Aquí el anciano Saturno  
la barba pule y remoja,  
y, aunque es tardo, va ligero;  
que el placer cura la gota.

El dios parlero va en lenguas  
lisonjeras y amorosas,  
y Cupido en cifras varias,  
que rubíes y perlas bordan.

Allí va el furioso Marte  
en la persona curiosa  
de más de un gallardo joven,  
que de su sombra se asombra.

Junto a la casa del Sol  
va Júpiter; que no hay cosa  
difícil a la privanza  
fundada en prudentes obras.

Va la Luna en las mejillas  
de una y otra humana diosa;  
Venus casta, en la belleza  
de las que este cielo forman.

Pequeñuelos Ganimedes  
cruzan, van, vuelven y tornan  
por el cinto tachonado  
de esta esfera milagrosa.

Y, para que todo admire  
y todo asombre, no hay cosa  
que de liberal no pase  
hasta el extremo de pródiga.

Milán con sus ricas telas  
allí va en vista curiosa;  
las Indias con sus diamantes,  
y Arabia con sus aromas.

Con los mal intencionados  
va la envidia mordedora,  
y la bondad en los pechos  
de la lealtad española.

La alegría universal,  
huyendo de la congoja,  
calles y plazas discurre,  
descompuesta y casi loca.

A mil mudas bendiciones  
abre el silencio la boca,  
y repiten los muchachos  
lo que los hombres entonan.

Cuál dice: "Fecunda vid,  
crece, sube, abraza y toca  
el olmo felice tuyo  
que mil siglos te haga sombra

para gloria de ti misma,  
para bien de España y honra,  
para arrimo de la Iglesia,  
para asombro de Mahoma".

Otra lengua clama y dice:  
"Vivas, ¡oh blanca paloma!,



que nos has de dar por crías  
águilas de dos coronas,

para ahuyentar de los aires  
las de rapiña furiosas;  
para cubrir con sus alas  
a las virtudes medrosas”.

Otra, más discreta y grave,  
más aguda y más curiosa  
dice, vertiendo alegría  
por los ojos y la boca:

“Esta perla que nos diste,  
nácar de Austria, única y sola,  
iqué de máquinas que rompe!,  
iqué [de] disignios que corta!,  
iqué de esperanzas que infunde!,  
iqué de deseos mal logra!,  
iqué de temores aumenta!,  
iqué de preñados aborta!”

En esto, se llegó al templo  
del Fénix santo que en Roma  
fue abrasado, y quedó vivo  
en la fama y en la gloria.

A la imagen de la vida,  
a la del cielo Señora,  
a la que por ser humilde  
las estrellas pisa agora,

a la Madre y Virgen junto,  
a la Hija y a la Esposa  
de Dios, hincada de hinojos,  
Margarita así razona:

“Lo que me has dado te doy,  
mano siempre dadivosa;  
que a do falta el favor tuyo,  
siempre la miseria sobra.

Las primicias de mis frutos  
te ofrezco, Virgen hermosa:  
tales cuales son las mira,  
recibe, ampara y mejora.

A su padre te encomiendo,  
que, humano Atlante, se encorva  
al peso de tantos reinos  
y de climas tan remotas.

Sé que el corazón del Rey  
en las manos de Dios mora,  
y sé que puedes con Dios  
cuanto quieres piadosa”.

Acabada esta oración,  
otra semejante entonan  
himnos y voces que muestran  
que está en el suelo la Gloria.

Acabados los oficios  
con reales ceremonias,  
volvió a su punto este cielo  
y esfera maravillosa.

[p. 50]

Gitanica, que de hermosa  
te pueden dar parabienes:  
por lo que de piedra tienes  
te llama el mundo Preciosa.

Desta verdad me asegura  
esto, como en ti verás;  
que no se apartan jamás  
la esquiveza y la hermosura.

Si como en valor subido  
vas creciendo en arrogancia,  
no le arriendo la ganancia  
a la edad en que has nacido;

que un basilisco se cría

en ti, que mate mirando,  
y un imperio que, aunque blando,  
nos parezca tiranía.

Entre pobres y aduares,  
¿cómo nació tal belleza?  
O ¿cómo crió tal pieza  
el humilde Manzanares?

Por esto será famoso  
al par del Tajo dorado  
y por Preciosapreciado  
más que el Ganges caudaloso.

Dices la buenaventura,  
y dasla mala contino;  
que no van por un camino  
tu intención y tu hermosura.

Porque en el peligro fuerte  
de mirarte o contemplarte  
tu intención va a desculpate,  
y tu hermosura a dar muerte.

Dicen que son hechiceras  
todas las de tu nación,  
pero tus hechizos son  
de más fuerzas y más veras;

pues por llevar los despojos  
de todos cuantos te ven,  
haces, ¡oh niña!, que estén  
tus hechizos en tus ojos.

En sus fuerzas te adelantas,  
pues bailando nos admiras,  
y nos matas si nos miras,  
y nos encantas si cantas.

De cien mil modos hechizas:  
hables, calles, cantes, mires;  
o te acerques, o retires,

el fuego de amor atizas.

Sobre el más esento pecho  
tienes mando y señorío,  
de lo que es testigo el mío,  
de tu imperio satisfecho.

Preciosa joya de amor,  
esto humildemente escribe  
el que por ti muere y vive,  
pobre, aunque humilde amador.

[p. 54]

Hermosita, hermosa,  
la de las manos de plata,  
más te quiere tu marido  
que el Rey de las Alpujarras.

Eres paloma sin hiel,  
pero a veces eres brava  
como leona de Orán,  
o como tigre de Ocaña.

Pero en un tras, en un tris,  
el enojo se te pasa,  
y quedas como alfinique,  
o como cordera mansa.

Riñes mucho y comes poco:  
algo celosita andas;  
que es juguetón el tiniente,  
y quiere arrimar la vara.

Cuando doncella, te quiso  
uno de una buena cara;  
que mal hayan los terceros,  
que los gustos desbaratan.

Si a dicha tú fueras monja,  
hoy tu convento mandarás,  
porque tienes de abadesa  
más de cuatrocientas rayas.

No te lo quiero decir...;  
pero poco importa, vaya:  
enviudarás, y otra vez,  
y otras dos, serás casada.

No llores, señora mía;  
que no siempre las gitanas  
decimos el Evangelio;  
no llores, señora, acaba.

Como te mueras primero  
que el señor tiniente, basta  
para remediar el daño  
de la viudez que amenaza.

Has de heredar, y muy presto,  
hacienda en mucha abundancia;  
tendrás un hijo canónigo,  
la iglesia no se señala;

de Toledo no es posible.  
Una hija rubia y blanca  
tendrás, que si es religiosa,  
también vendrá a ser perlada.

Si tu esposo no se muere  
dentro de cuatro semanas,  
verásle corregidor  
de Burgos o Salamanca.

Un lunar tienes, ¡qué lindo!  
¡Ay Jesús, qué luna clara!  
¡Qué sol, que allá en los antípodas  
oscuros valles aclara!

Más de dos ciegos por verle  
dieran más de cuatro blancas.  
¡Agora sí es la risica!  
¡Ay, que bien haya esa gracia!

Guárdate de las caídas,  
principalmente de espaldas,

que suelen ser peligrosas  
en las principales damas.

Cosas hay más que decirte;  
si para el viernes me aguardas,  
las oirás, que son de gusto,  
y algunas hay de desgracias.

[p. 67]

Cuando Preciosa el panderete toca  
y hiere el dulce son los aires vanos,  
perlas son que derrama con las manos;  
flores son que despide de la boca.

Suspensa el alma, y la cordura loca,  
queda a los dulces actos sobrehumanos,  
que, de limpios, de honestos y de sanos,  
su fama al cielo levantado toca.

Colgadas del menor de sus cabellos  
mil almas lleva, y a sus plantas tiene  
amor rendidas una y otra flecha.

Ciega y alumbra con sus soles bellos,  
su imperio amor por ellos le mantiene,  
y aún más grandezas de su ser sospecha.

[p. 68]

Cabecita, cabecita,  
tente en ti, no te resbales,  
y apareja dos puntales  
de la paciencia bendita.  
Solicita  
la bonita  
confiancita;  
no te inclines  
a pensamientos ruines;  
verás cosas  
que toquen en milagrosas,  
Dios delante  
y San Cristóbal gigante.

[p. 86]

Andrés

Mira, Clemente, el estrellado velo  
con que esta noche fría  
compite con el día,  
de luces bellas adornando el cielo;  
y en esta semejanza,  
si tanto tu divino ingenio alcanza,  
aquel rostro figura  
donde asiste el extremo de hermosura.

Clemente

Donde asiste el extremo de hermosura,  
y adonde la Preciosa  
honestidad hermosa  
con todo extremo de bondad se apura,  
en un sujeto cabe,  
que no hay humano ingenio que le alabe,  
si no toca en divino,  
en alto, en raro, en grave y peregrino.

Andrés

En alto, en raro, en grave y peregrino  
estilo nunca usado,  
al cielo levantado,  
por dulce al mundo y sin igual camino,  
tu nombre, ¡oh gitanilla!,  
causando asombro, espanto y maravilla,  
la fama yo quisiera  
que le llevara hasta la octava esfera.

Clemente

Que le llevara hasta la octava esfera  
fuera decente y justo,  
dando a los cielos gusto,  
cuando el son de su nombre allá se oyera,  
y en la tierra causara,  
por donde el dulce nombre resonara,  
música en los oídos  
paz en las almas, gloria en los sentidos.

Andrés

Paz en las almas, gloria en los sentidos  
se siente cuando canta  
la sirena, que encanta  
y adormece a los más apercebidos;  
y tal es mi Preciosa,  
que es lo menos que tiene ser hermosa:  
dulce regalo mío,  
corona del donaire, honor del brío.

Clemente  
Corona del donaire, honor del brío  
eres, bella gitana,  
frescor de la mañana,  
céfiro blando en el ardiente estío;  
rayo con que Amor ciego  
convierte el pecho más de nieve en fuego;  
fuerza que así la hace,  
que blandamente mata y satisface.

[p. 88]

En esta empresa amorosa,  
donde el amor entretengo,  
por mayor ventura tengo  
ser honesta que hermosa.

La que es más humilde planta,  
si la subida endereza,  
por gracia o naturaleza  
a los cielos se levanta.

En este mi bajo cobre,  
siendo honestidad su esmalte,  
no hay buen deseo que falte  
ni riqueza que no sobre.

No me causa alguna pena  
no quererme o no estimarme;  
que yo pienso fabricarme  
mi suerte y ventura buena.

Haga yo lo que en mí es,  
que a ser buena me encamine,



y haga el cielo y determine  
lo que quisiere después.

Quiero ver si la belleza  
tiene tal prer[r]ogativa,  
que me encumbre tan arriba,  
que aspire a mayor alteza.

Si las almas son iguales,  
podrá la de un labrador  
igualarse por valor  
con las que son imperiales.

De la mía lo que siento  
me sube al grado mayor,  
porque majestad y amor  
no tienen un mismo asiento.

#### O AMANTE GENEROSO

[p. 124]

Como cuando el sol asoma  
por una montaña baja  
y de súbito nos toma,  
y con su vista nos doma

nuestra vista y la relaja;  
como la piedra balaja,  
que no consiente carcoma,  
tal es el tu rostro, Aja,  
dura lanza de Mahoma,  
que las mis entrañas raja.

#### RINCONETE E CORTADILLO

[p. 169]

Por un sevillano, rufo a lo valón,  
tengo socarrado todo el corazón.

[p. 169]

Por un morenico de color verde,  
¿cuál es la fogosa que no se pierde?

[p. 169]

Riñen dos amantes, hácese la paz:  
si el enojo es grande, es el gusto más.

[p. 169]

Detente, enojado, no me azotes más;  
que si bien lo miras, a tus carnes das.

## O CIUMENTO DA ESTREMADURA

[p. 268]

A los hierros de una reja  
la turbada mano asida...

[p. 282]

Madre, la mi madre,  
guardas me ponéis;  
que si yo no me guardo,  
no me guardaréis.

Dicen que está escrito,  
y con gran razón,  
ser la privación  
causa de apetito;  
crece en infinito  
encerrado amor;  
por eso es mejor  
que no me encerréis;  
que si yo, etc.

Si la voluntad  
por sí no se guarda,  
no la harán guarda  
miedo o calidad;  
romperá, en verdad,  
por la misma muerte,  
hasta hallar la suerte  
que vos no entendéis;  
que si yo, etc.

Quien tiene costumbre  
de ser amorosa,

como mariposa  
se irá tras su lumbre,  
aunque muchedumbre  
de guardas le pongan,  
y aunque más propongan  
de hacer lo que hacéis;  
que si yo, etc.

Es de tal manera  
la fuerza amorosa,  
que a la más hermosa  
la vuelve en quimera;  
el pecho de cera,  
de fuego la gana,  
las manos de lana,  
de fieltro los pies;  
que si yo no me guardo,  
mal me guardaréis.

#### A ILUSTRE FREGONA

[p. 304]

Raro, humilde sujeto, que levantas  
a tan excelsa cumbre la belleza,  
que en ella se excedió naturaleza  
a sí misma, y al cielo la adelantas;

si hablas, o si ríes, o si cantas,  
si muestras mansedumbre o aspereza  
(efeto sólo de tu gentileza),  
las potencias del alma nos encantas.

Para que pueda ser más conocida  
la sin par hermosura que contiene  
y la alta honestidad de que blasonas,

deja el servir, pues debes ser servida  
de cuantos veen sus manos y sus sienes  
resplandecer por cetros y coronas.

[p. 314]

Salga la hermosa Argüello,

moza una vez, y no más;  
y, haciendo una reverencia,  
dé dos pasos hacia trás.

De la mano la arrebate  
el que llaman Barrabás:  
andaluz mozo de mulas,  
canónigo del Compás.

De las dos mozas gallegas  
que en esta posada están,  
salga la más carigorda  
en cuerpo y sin devantal.

Engarráfela Torote,  
y todos cuatro a la par,  
con mudanzas y meneos,  
den principio a un contrapás.

[p. 315]

Entren, pues, todas las ninfas  
y los ninfos que han de entrar,  
que el baile de la chacona  
es más ancho que la mar.

Requieran las castañetas  
y bájense a refregar  
las manos por esa arena  
o tierra del muladar.

Todos lo han hecho muy bien,  
no tengo qué les rectar;  
santígüense, y den al diablo  
dos higas de su higueral.

Escupan al hideputa  
por que nos deje holgar,  
puesto que de la chacona  
nunca se suele apartar.

Cambio el son, divina Argüello,  
más bella que un hospital;

pues eres mi nueva musa,  
tu favor me quieras dar.

El baile de la chacona  
encierra la vida bona.

Hállase allí el ejercicio  
que la salud acomoda,  
sacudiendo de los miembros  
a la pereza poltrona.

Bulle la risa en el pecho  
de quien baila y de quien toca,  
del que mira y del que escucha  
baile y música sonora.

Vierten azogue los pies,  
derrítese la persona  
y con gusto de sus dueños  
las mulillas se descorchan.

El brío y la ligereza  
en los viejos se remoja,  
y en los mancebos se ensalza  
y sobremodo se entona.

Que el baile de la chacona  
encierra la vida bona.

¡Qué de veces ha intentado  
aquesta noble señora,  
con la alegre zarabanda,  
el pésame y perra mora,

entrarse por los resquicios  
de las casas religiosas  
a inquietar la honestidad  
que en las santas celdas mora!

¡Cuántas fue vituperada  
de los mismos que la adoran!  
Porque imagina el lascivo

y al que es necio se le antoja,

Que el baile de chacona  
encierra la vida bona.

Esta indiana amulatada,  
de quien la fama pregona  
que ha hecho más sacrilegios  
e insultos que hizo Aroba;

ésta, a quien es tributaria  
la turba de las fregonas,  
la caterva de los pajes  
y de lacayos las tropas,

dice, jura y no revienta,  
que, a pesar de la persona  
del soberbio zambapalo,  
ella es la flor de la olla,

y que sola la chacona  
encierra la vida bona.

[p. 317]

¿Dónde estás, que no pareces,  
esfera de la hermosura,  
belleza a la vida humana  
de divina compostura?  
Cielo impíreo, donde amor  
tiene su estancia segura;  
primer mueble, que arrebató  
tras sí todas las venturas;  
lugar cristalino, donde  
transparentes aguas puras  
enfrian de amor las llamas,  
las acrecientan y apuran;  
nuevo hermoso firmamento,  
donde dos estrellas juntas,  
sin tomar la luz prestada,  
al cielo y al suelo alumbran;  
alegría que se opone  
a las tristezas confusas

del padre que da a sus hijos  
en su vientre sepultura;  
humildad que se resiste  
de la alteza con que encumbran  
el gran Jove, a quien influye  
su benignidad, que es mucha.  
Red invisible y sutil,  
que pone en prisiones duras  
al adúltero guerrero  
que de las batallas triunfa;  
cuarto cielo y sol segundo,  
que el primero deja a oscuras  
cuando acaso deja verse:  
que el verle es caso y ventura;  
grave embajador, que hablas  
con tan estraña cordura,  
que persuades callando,  
aún más de lo que procuras;  
del segundo cielo tienes  
no más que la hermosura,  
y del primero, no más  
que el resplandor de la luna;  
esta esfera sois, Costanza,  
puesta, por corta fortuna,  
en lugar que, por indigno,  
vuestras venturas deslumbra.  
Fabricad vos vuestra suerte,  
consintiendo se reduzga  
la entereza a trato al uso,  
la esquividad a blandura.  
Con esto veréis, señora,  
que envidian vuestra fortuna  
las soberbias por linaje;  
las grandes por hermosura.  
Si queréis ahorrar camino,  
la más rica y la más pura  
voluntad en mí os ofrezco  
que vio amor en alma alguna.

[p. 321]

¿Quién de amor venturas halla?

El que calla.

¿Quién triunfa de su aspereza?

La firmeza.  
¿Quién da alcance a su alegría?  
La porfía.  
Dese modo, bien podría  
esperar dichosa palma  
si en esta empresa mi alma  
calla, está firme y porfía.

¿Con quién se sustenta amor?  
Con favor.  
¿Y con qué mengua su furia?  
Con la injuria.  
¿Antes con desdenes crece?  
Desfallece.  
Claro en esto se parece  
que mi amor será inmortal,  
pues la causa de mi mal  
ni injuria ni favorece.

Quien desespera, ¿qué espera?  
Muerte entera.  
Pues, ¿qué muerte el mal remedia?  
La que es media.  
Luego, ¿bien será morir?  
Mejor sufrir.  
Porque se suele decir,  
y esta verdad se reciba,  
que tras la tormenta esquiva  
suele la calma venir.

¿Descubriré mi pasión?  
En ocasión.  
¿Y si jamás se me da?  
Sí hará.  
Llegará la muerte en tanto.  
Llegue a tanto  
tu limpia fe y esperanza,  
que, en sabiéndolo Costanza,  
convierta en risa tu llanto.

COLÓQUIO ENTRE CIPIÃO  
E BERGANZA



[p. 458]

Volverán en su forma verdadera  
cuando vieren con presta diligencia  
derribar los soberbios levantados,  
y alzar a los humildes abatidos,  
con poderosa mano para hacello.



GOBIERNO  
DE ESPAÑA

MINISTERIO  
DE EDUCACIÓN, CULTURA  
Y DEPORTE

SECRETARÍA  
DE ESTADO  
DE CULTURA

Esta obra foi publicada com uma subvenção do Ministério de Educação, Cultura e Esportes da Espanha.

© Cosac Naify, 2015

Coordenação editorial  
Marta Garcia

Assistente editorial  
Raquel Toledo

Preparação  
Silvia Massimini Felix

Revisão  
Cássia Land  
Isabel Jorge Cury

Projeto gráfico  
Elaine Ramos  
Mário Ferraz

Reprodução dos originais  
Nino Andrés

Tratamento de imagem  
Wagner Fernandes

Produção gráfica  
Aline Valli

Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Cervantes, Miguel de [1547-1616]  
Novelas exemplares: Miguel de Cervantes  
Título original: Novelas ejemplares  
Tradução: Ernani Ssó  
Ilustrações: Vânia Mignone

Anexos: Maria Augusta da Costa Vieira, Ernani  
Ssó, Silvia Massimini Felix  
São Paulo: Cosac Naify, 2015  
15 ils.

ISBN 978-85-405-0920-7

1. Literatura espanhola I. Título

CDD 860

---

Índices para catálogo sistemático:  
I. Literatura espanhola 860

COSAC NAIFY  
rua General Jardim, 770, 2º andar  
01223-010 São Paulo SP  
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444  
atendimento ao professor [11] 3218 1473  
[professor@cosacnaify.com.br](mailto:professor@cosacnaify.com.br)